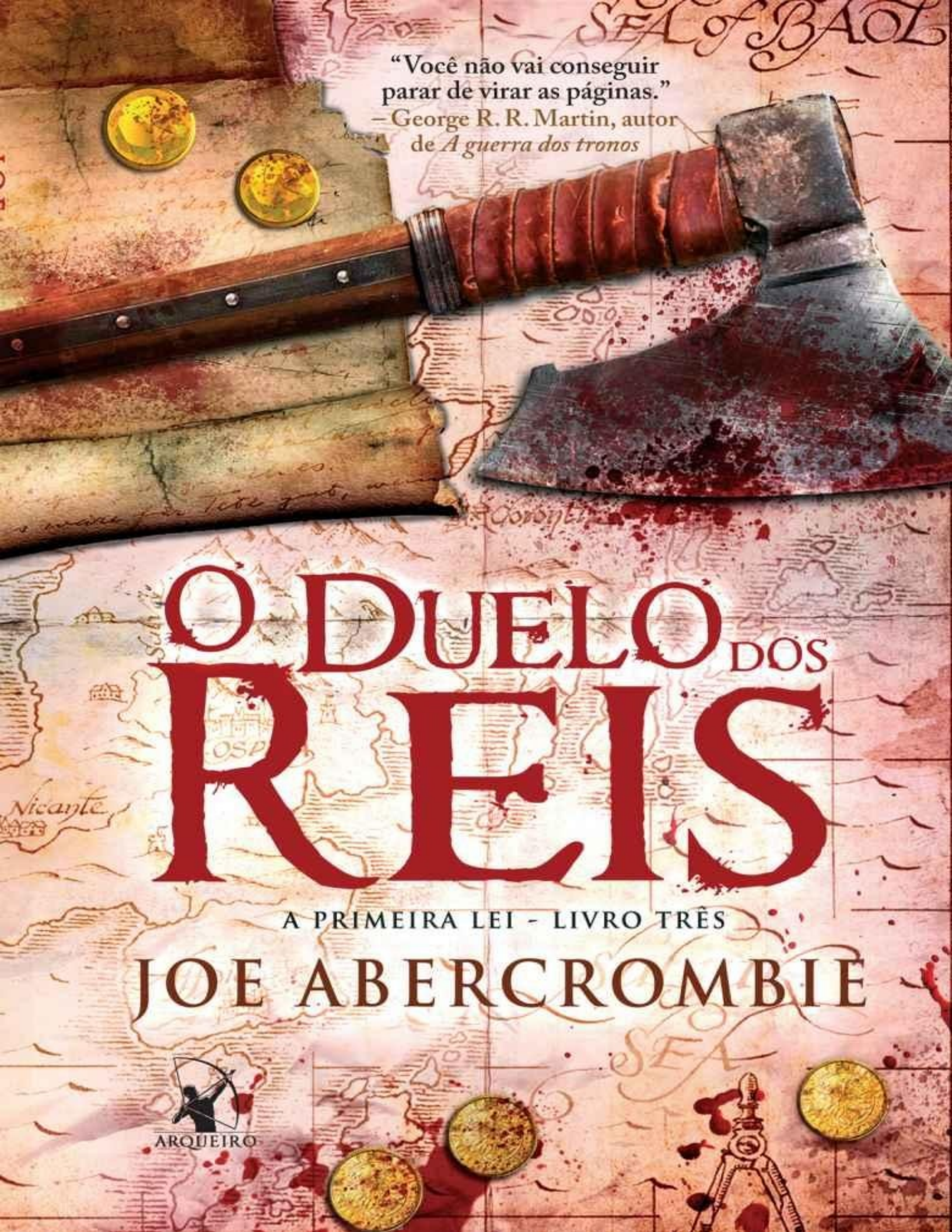

"Você não vai conseguir parar de virar as páginas."
– George R. R. Martin, autor de *A guerra dos tronos*
O DUELO DOS REIS
A PRIMEIRA LEI - LIVRO TRÊS
JOE ABERCROMBIE
ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

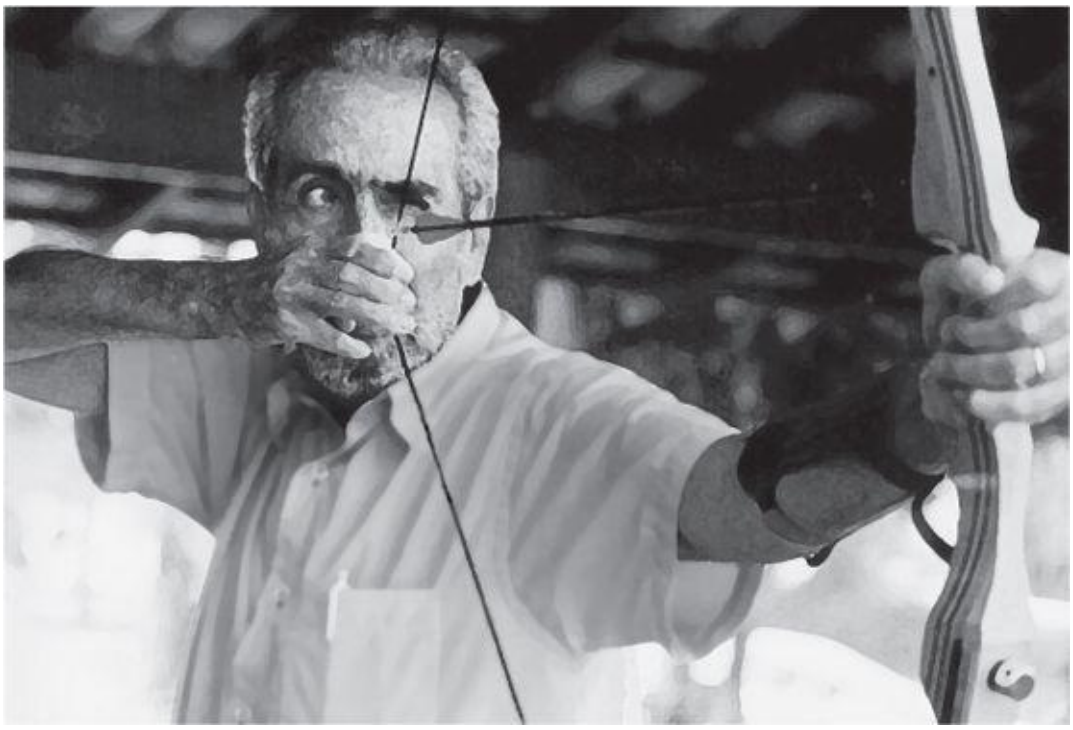
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O DUELO DOS REIS



O Arqueiro

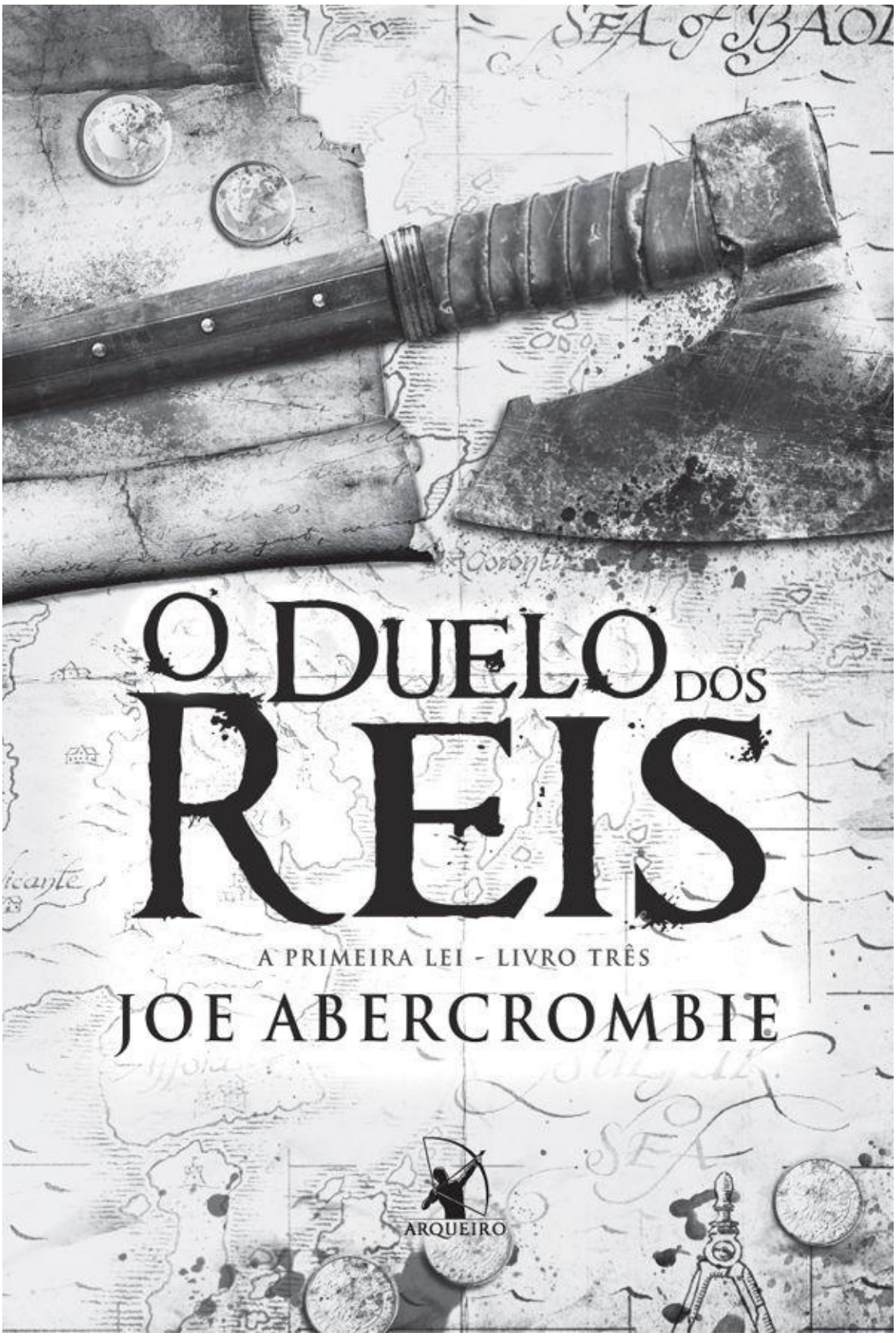
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


SEA of BAOL
O DUELO DOS REIS
A PRIMEIRA LEI - LIVRO TRÊS
JOE ABERCROMBIE
ARQUEIRO

Título original: *Last Argument of Kings*

Copyright © 2008 por Joe Abercrombie

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente em 2008, por Gollancz, Londres.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Luis Américo Costa e Rebeca Bolite

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Luis Morcela

imagem de capa: mapa: © Dave Senior; machado: © josefauer/Shutterstock

Conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A126d Abercrombie, Joe

O duelo dos reis [recurso eletrônico] / Joe Abercrombie; tradução de Alves Calado. - São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Last argument of kings

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-376-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

14-18642 CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

A PRIMEIRA LEI



Livro Três

Para os Quatro Leitores.
Vocês sabem quem são.

PRIMEIRA PARTE

“Sendo a vida o que é, a gente sonha com vingança.”

PAUL GAUGUIN

O comércio de veneno

O SUPERIOR GLOKTA parou no corredor e esperou. Esticou o pescoço torto para um lado e depois para o outro, ouvindo os estalos costumeiros, sentindo as pontadas familiares de dor se estenderem pelos músculos embolados entre as escápulas. *Por que faço isso, se sempre dói? Por que insistimos em testar a dor? Passar a língua no inchaço, esfregar a bolha, arrancar a casca?*

– E então? – perguntou rispidamente.

O busto de mármore ao pé da escada ofereceu como resposta apenas seu desprezo silencioso. *E já recebo mais do que o suficiente disso*. Glokta se afastou arrastando o pé inútil pelos ladrilhos, com as batidas da bengala ecoando nos relevos do teto distante.

Em comparação com os grandes nobres do Conselho Aberto, lorde Ingelstad, o dono desse salão enorme, era de fato um homem pequeno. Era o chefe de uma família cuja fortuna havia declinado com o correr dos anos, cuja riqueza e influência haviam diminuído até se tornarem praticamente nada. *E quanto mais ínfimo o homem, mais inflada é a sua pretensão. Por que eles nunca percebem que as coisas pequenas parecem ainda menores em espaços grandes?*

Em algum lugar nas sombras, um relógio vomitou alguns dobres vagarosos. *Já é bem tarde. Quanto mais ínfimo o homem, mais precisamos esperar à sua disposição. Mas sei ser paciente quando preciso. Afinal de contas, não tenho banquetes ofuscantes, nem multidões em êxtase, nem mulheres lindas aguardando ansiosas pela minha chegada. Não mais. Os gurkenses asseguraram isso, na escuridão embaixo das prisões do imperador.* Ele encostou a língua nas gengivas vazias enquanto mexia a perna, e as pontadas subiram dela até as costas, fazendo suas pálpebras estremecerem. *Posso ser paciente. É a única coisa boa quando cada passo é um sacrifício. A gente aprende logo a pisar com cuidado.*

A porta ao lado se abriu de súbito e Glokta girou a cabeça rapidamente. Teve de se esforçar ao máximo para esconder a dor quando os ossos do pescoço rangeram. Lorde Ingelstad estava no limiar da porta: um homem grande, de jeito paternal e pele avermelhada. Ofereceu um sorriso amigável ao chamá-lo para dentro da sala. *Como se isto fosse uma visita social e, além do mais, bem-vinda.*

– Devo desculpas por fazê-lo esperar, superior. Tive tantas visitas desde que cheguei a Adua que minha cabeça está rodando! – *Esperemos que ela não rode*

para longe. – Tantos visitantes! – *Visitantes com ofertas, sem dúvida. Ofertas em troca de seu voto. Ofertas em troca de sua ajuda para escolher nosso próximo rei. Mas creio que o senhor achará doloroso recusar minha oferta.* – Aceita vinho, superior?

– Não, senhor, obrigado. – Glokta entrou mancando. – Não ficarei muito tempo. Também tenho muitas coisas para cuidar. – *Como sabe, as eleições não se organizam sozinhas.*

– Claro, claro. Por favor, sente-se.

Ingelstad se deixou cair numa de suas poltronas, todo feliz, e indicou outra. Glokta demorou um momento para se acomodar, baixando-se com cuidado, depois mexendo o quadril até descobrir uma posição em que suas costas não lhe causassem dor constante.

– E o que o senhor deseja discutir comigo?

– Vim em nome do arquileitor Sult. Espero que não se ofenda se eu for direto, mas Sua Eminência quer o seu voto.

As feições pesadas do nobre se retorceram numa perplexidade fingida. *Muito mal fingida, por sinal.*

– Não sei se entendi. Meu voto em que questão?

Glokta enxugou um pouco de umidade embaixo do olho que lacrimejava. *Será que precisamos fazer essa dança indigna? Você não tem corpo para isso e eu não tenho pernas.*

– Na questão de quem será o próximo ocupante do trono, lorde Ingelstad.

– Ah. Isso. – *É, isso, idiota.* – Superior Glokta, espero não desapontá-lo nem desapontar Sua Eminência, um homem por quem não tenho nada menos do que o mais alto respeito… – E baixou a cabeça numa demonstração exagerada de humildade. –… quando digo que não poderia, em sã consciência, me permitir ser influenciado em qualquer direção. Sinto que eu e todos os membros do Conselho Aberto recebemos uma confiança sagrada. Os laços do dever exigem que votemos no homem que pareça ser o melhor candidato, dentre os muitos homens excelentes disponíveis. – E abriu um sorriso cheio de presunção.

Belo discurso. Um camponês idiota até poderia acreditar. Quantas vezes ouvi isso, ou coisa parecida, nas últimas semanas? Tradicionalmente a barganha viria em seguida. A discussão sobre quanto, exatamente, vale uma confiança sagrada. Quanta prata é capaz de suplantar uma consciência limpa. Até que ponto o ouro corta os laços do dever. Mas hoje não estou com humor para barganhas.

Glokta levantou bem as sobrancelhas.

– Devo lhe dar os parabéns pela postura nobre, lorde Ingelstad. Se todos tivessem o seu caráter, estaríamos vivendo num mundo melhor. Uma postura

realmente nobre… sobretudo quando o senhor tem tanto a perder. Nada menos do que tudo, imagino. – Ele se encolheu quando pegou a bengala com uma das mãos e jogou o peso do corpo dolorosamente adiante, na direção da beira da poltrona. – Mas vejo que o senhor não será convencido, por isso vou andando…

– A que o senhor pode estar se referindo, superior?

A inquietação do nobre estava escrita em seu rosto gorducho.

– Ora, lorde Ingelstad, aos seus negócios corruptos.

As bochechas vermelhas haviam perdido boa parte do brilho.

– Deve haver algum engano.

– Ah, não, garanto. – Glokta tirou os papéis de confissão do bolso interno de sua capa. – O senhor é mencionado com frequência nas confissões de importantes membros da Guilda dos Mercadores de Tecidos, sabia? Bastante frequência.

Ele estendeu as páginas que estalavam, para que os dois pudessem vê-las.

– Aqui o senhor é chamado de, e as palavras não são minhas, veja bem, "cúmplice". Aqui é chamado de "principal beneficiário" de uma operação de contrabando bem desagradável. E, aqui, o senhor notará, e quase fico ruborizado ao dizer, o seu nome e a palavra "traição" aparecem muito próximos.

Ingelstad se deixou afrouxar na poltrona e pousou a taça com ruído na mesa ao lado, fazendo um pouco de vinho cair na madeira polida. *Ah, realmente deveríamos enxugar isso. Pode deixar uma mancha horrível, e algumas manchas são impossíveis de tirar.*

– Contando o senhor como amigo – continuou Glokta –, Sua Eminência pôde manter seu nome fora dos inquéritos iniciais, pelo bem de todos. Ele entende que o senhor estava apenas tentando reverter a sorte negativa de sua família, e não deixa de simpatizar com essa questão. Mas, se o senhor o desapontasse em relação ao voto, a simpatia dele iria se exaurir rapidamente. Está entendendo? – *Acho que fui bastante claro.*

– Estou – grasnou Ingelstad.

– E os laços do dever? Parecem mais frouxos agora?

O nobre engoliu em seco, com o rosto praticamente sem cor.

– Estou disposto a ajudar Sua Eminência de qualquer modo possível, claro, mas… o problema é… – *O que vem agora? Uma oferta desesperada? Um suborno aflitivo? Ou talvez um apelo à minha consciência?* – Um representante do juiz supremo Marovia veio me ver ontem. Um homem chamado Harlen Morrow. Fez uma apresentação muito semelhante… e ameaças não muito dessemelhantes.

Glokta franziu a testa. *Foi mesmo? Marovia e seu vermezinho. Sempre um passo adiante, ou só um passo atrás. Mas nunca longe.* Uma nota esganiçada se

esgueirou na voz de Ingelstad.

– O que posso fazer? Não tenho como apoiar os dois! Partirei de Adua, superior, para nunca mais retornar! Vou… vou me abster da votação…

– Não vai porra nenhuma! – rosnou Glokta. – Vai votar como eu mandei e Marovia que se dane! – *Mais aguilhoadas? É desagradável, mas que seja. Já nem são só minhas mãos que estão sujas, estou imundo até os cotovelos, não? Remexer em mais um ou dois esgotos não fará diferença.* Deixou a voz ficar suave, até um ronronar oleoso: – Ontem observei suas filhas no parque.

O rosto do nobre perdeu o que restava de cor.

– Três jovens inocentes prestes a se tornarem mulheres, vestidas segundo a última moda, e cada qual mais linda que a outra. A mais jovem teria… 15 anos?

– Treze – grasnou Ingelstad.

– Ah… – Glokta deixou seus lábios se repuxarem para mostrar o sorriso banguela. – Ela floresceu cedo. Elas jamais haviam visitado Adua, não é?

– É – quase sussurrou o lorde.

– Foi o que pensei. A empolgação e o deleite enquanto percorriam os jardins do Agriont eram perfeitamente encantadores. Juro: elas devem ter atraído o olhar de todos os pretendentes da capital. – Deixou que o sorriso desaparecesse devagar. – Eu ficaria de coração partido, lorde Ingelstad, se visse três criaturas tão delicadas serem levadas subitamente para uma das instituições penais mais severas de Angland. São lugares onde a beleza, a boa criação e um temperamento gentil atraem um tipo de atenção totalmente diferente e muito menos agradável. – Glokta encolheu os ombros num gesto de consternação orquestrado com cuidado enquanto se inclinava para sussurrar: – Eu não desejaria essa vida nem para um cachorro. E tudo por causa das indiscrições de um pai que tinha à mão os meios de evitar isso.

– Mas minhas filhas não estão envolvidas em…

– Estamos elegendo um novo rei! Todo mundo está envolvido! – *Isso é extremo, talvez. Mas tempos difíceis exigem medidas extremas.* Glokta lutou para se levantar, a mão balançando na bengala com o esforço. – Direi a Sua Eminência que pode contar com seu voto.

Ingelstad desmoronou, súbita e completamente. *Como um odre de vinho esfaqueado*. Seus ombros se afrouxaram, o rosto pendeu com horror e desesperança.

– Mas o juiz supremo… – sussurrou. – O senhor não tem pena?

Glokta só pôde dar de ombros.

– Tinha. Quando garoto, eu era molenga a ponto de ser idiota. Juro, eu chorava quando uma mosca ficava presa numa teia de aranha. – Fez uma careta quando se virou para a porta e um espasmo brutal tomou sua perna. – A dor

constante me curou disso.



Era uma reuniãozinha íntima. *Mas a companhia não inspira nem um pouco de cordialidade.* O superior Goyle olhava irritado para Glokta do outro lado da gigantesca mesa redonda no gigantesco escritório redondo. Os olhos pequeninos se destacavam no rosto ossudo. *E não com sentimentos ternos, imagino.*

A atenção de Sua Eminência, o arquileitor, chefe da Inquisição de Sua Majestade, estava fixa em outro ponto. Pregadas na parede curva, ocupando talvez metade de toda a câmara, havia 320 folhas de papel. *Uma para cada grande coração de nosso nobre Conselho Aberto.* Elas estalavam suavemente à brisa que entrava pelas grandes janelas. *Papeizinhos alvoroçados para votinhos alvoroçados.* Cada um era marcado com um nome. *Lorde isso, lorde aquilo, lorde alguém de algum lugar. Homens grandes e pequenos. Homens para cujas opiniões, em geral, ninguém dava a mínima, até que o príncipe Raynault pulou da cama para a sepultura.*

Muitas páginas tinham uma mancha de cera colorida no canto. Algumas tinham duas ou mesmo três. *Alianças. Para que lado penderão? Azul para lorde Brock, vermelha para lorde Isher, preta para Marovia, branca para Sult, e assim por diante. Todas passíveis de mudança, claro, dependendo de para onde o vento as sopre.* Na parte de baixo estavam escritas linhas com letras pequenas e compactas. Pequenas demais para Glokta ler de onde se sentava, mas ele sabia o que diziam. *A esposa já foi prostituta. Gosta de rapazes. Bebe demais. Assassinou um serviçal num ataque de fúria. Dívidas de jogo que não pode pagar. Segredos. Boatos. Mentiras. Ferramentas desse negócio nobre. Trezentos e vinte nomes e um mesmo número de pequenas histórias sórdidas, cada uma para ser arrancada, escavada e jogada na nossa direção. Política. Realmente, é a obra dos justos.*

Então por que eu faço isso? Por quê?

O arquileitor tinha preocupações mais prementes.

– Brock ainda está na frente – murmurou em tom azedo, olhando os papéis que balançavam, com as mãos cruzadas às costas. – Ele tem cerca de cinquenta votos, com mais ou menos certeza. – *Com toda a certeza que podemos ter nesses tempos de incertezas.* – Isher não está muito atrás, tem quarenta ou mais em seu nome. Skald teve alguns ganhos recentes, pelo que sabemos. É um homem inesperadamente implacável. Tem a delegação de Starikland praticamente nas mãos, o que lhe dá cerca de trinta votos, e Barezin tem quase a mesma quantidade. São os principais candidatos, no momento.

Mas quem sabe? Talvez o rei viva mais um ano e, quando chegar a época

da eleição, todos teremos nos matado uns aos outros. Glokta precisou conter o riso ao pensar nisso. A rotunda dos Lordes atulhada de cadáveres ricamente vestidos, cada grande nobre da União e todos os doze membros do Conselho Fechado. *Todos esfaqueados nas costas pelo homem ao lado. A feia verdade do governo…*

– Falou com Heugen? – disse Sult, ríspido.

Goyle virou bruscamente a cabeça meio careca e deu um risinho na direção de Glokta, com uma irritação latente.

– Lorde Heugen ainda se aferra à ilusão de que pode ser nosso próximo rei, apesar de não conseguir controlar mais de uma dúzia de cadeiras. Ele mal teve tempo de ouvir nossa oferta, tão ocupado estava, tentando conseguir mais votos. Talvez daqui a uma ou duas semanas ele enxergue a realidade. Então poderá ser encorajado a pender para o nosso lado, mas eu não apostaria nisso. Mais provavelmente vai entregar seus votos a Isher. Os dois sempre foram chegados, pelo que sei.

– Bom para eles – sibilou Sult. – E Ingelstad?

Glokta se remexeu na cadeira.

– Apresentei a ele seu ultimato em termos bastante diretos, Eminência.

– Então podemos contar com o voto dele?

Como colocar isso?

– Eu não diria isso com certeza absoluta. O juiz supremo Marovia lhe fez ameaças quase idênticas às nossas, através do homem dele, Harlen Morrow.

– Morrow? Ele não é um lambe-botas do Hoff?

– Parece que subiu na vida. – *Ou desceu, dependendo do ponto de vista.*

– Podemos cuidar dele. – Goyle tinha uma expressão muito desagradável. – Com facilidade…

– Não! – disse Sult rispidamente. – Por que será, Goyle, que nem bem um problema surge e você já quer matar o sujeito? Por enquanto precisamos pisar com cautela e parecer razoáveis, abertos a negociações.

Foi até a janela, com o sol forte cintilando em púrpura através da grande pedra de seu anel do cargo.

– Enquanto isso a administração do país está sendo ignorada. Os impostos não são recolhidos. Os crimes não são castigados. Esse desgraçado que chamam de Curtidor, esse demagogo, esse traidor, fala em público em feiras de aldeias, instigando a rebelião! Dia após dia, camponeses deixam suas fazendas e passam para o lado do banditismo, perpetrando roubos e danos sem conta. O caos se espalha e não temos recursos para reprimi-lo. Só restam dois regimentos do Próprio do Rei em Adua e isso não basta para manter a ordem na cidade. Quem sabe se um dos nossos nobres lordes não vai se cansar da espera e decidir tomar

a coroa prematuramente? Não os considero incapazes disso.

– O exército vai retornar do Norte logo? – perguntou Goyle.

– É improvável. Aquele imbecil do marechal Burr passou três meses parado perto de Dunbrec e deu a Bethod tempo suficiente para se reorganizar do outro lado do Torrente Branca. Quem sabe quando ele vai finalmente fazer o serviço, se é que vai? – *Levar meses para destruir nossa própria fortaleza. Quase faz desejar que tivéssemos nos esforçado menos na construção dela.*

– Vinte e cinco votos – constatou o arquileitor, torcendo o nariz na direção dos papéis que estalavam. – Vinte e cinco, e Marovia tem dezoito? Não estamos fazendo praticamente nenhum progresso! Para cada voto que ganhamos, perdemos um em outro lugar!

Goyle se inclinou para a frente na cadeira.

– Talvez, Eminência, tenha chegado a hora de fazer outra visita a nosso amigo da Universidade.

O arquileitor sibilou furiosamente e Goyle fechou a boca. Glokta olhou pela grande janela, fingindo não ter ouvido nada fora do comum. Os seis pináculos decadentes da Universidade dominavam a paisagem. *Mas que ajuda poderíamos encontrar lá? No meio da decadência, da poeira, daqueles velhos idiotas, os Adeptos?*

Sult não lhe deu muito tempo para pensar nisso.

– Eu mesmo falarei com Heugen. – Cutucou um dos papéis com o dedo. – Goyle, escreva ao lorde governador Meed e tente conseguir o apoio dele. Glokta, marque uma reunião com lorde Wetterlant. Ele ainda não se declarou para lado nenhum. Saiam daqui, vocês dois. – Sult virou as costas para seus papéis cheios de segredos e fixou os olhos azuis e duros em Glokta. – Saia daqui… e me consiga… votos!

Ser chefe

– NOITE FRIA! – gritou Cachorrão. – Pensei que estivéssemos no verão!

Os três levantaram os olhos. O mais próximo era um velho com cabelos grisalhos e rosto que parecia ter sofrido a força do clima. Logo depois dele estava um homem mais novo, com o braço amputado acima do cotovelo. O terceiro não passava de um garoto, parado no fim do cais franzindo os olhos para o mar escuro.

Cachorrão fingiu que mancava feio enquanto chegava perto, arrastando uma perna e se encolhendo como se sentisse dor. Foi andando com dificuldade até ficar embaixo do lampião pendurado no poste alto, com o sino de aviso ao lado, e levantou o jarro para que todos vissem.

O velho riu e encostou a lança no muro.

– Está sempre frio perto da água. – Ele se aproximou esfregando as mãos. – Que bom que você trouxe algo para esquentar a gente, hein?

– É. Estão com sorte. – Cachorrão tirou a tampa e a deixou pendurada, pegou uma das canecas e serviu uma dose.

– Nada de acanhamento, hein, rapaz?

– Acho que não vou me acanhar. – Cachorrão derramou mais um pouco.

O maneta precisou pousar a lança para receber sua caneca. O garoto foi o último a chegar perto e olhou cauteloso para Cachorrão.

O velho o cutucou com o cotovelo.

– Tem certeza de que sua mãe deixa você beber, garoto?

– Quem se importa com o que ela diz? – resmungou ele, tentando engrossar a voz.

Cachorrão lhe entregou uma caneca.

– Se tem idade para segurar uma lança, acho que tem idade para segurar uma caneca.

– Eu tenho idade! – disse o garoto rispidamente, pegando a caneca da mão de Cachorrão, mas estremeceu ao beber.

Cachorrão se lembrou da primeira vez que bebera. Tinha ficado muito enjoado e se perguntando o motivo de tanto estardalhaço por causa daquilo. Sorriu consigo mesmo. O garoto provavelmente pensou que estava rindo dele.

– Quem é você, afinal?

– Tsc, tsc – repreendeu-o o velho. Depois, para Cachorrão: – Não se incomode com ele. Ainda é novo a ponto de achar que a grosseria impõe

respeito.

– Tudo bem – disse Cachorrão, servindo uma caneca para si e pousando o jarro nas pedras, demorando-se para pensar no que dizer, certificando-se de não cometer erros. – Meu nome é Cregg.

Ele conhecera um homem chamado Cregg, que tinha sido morto numa luta nas montanhas. Cachorrão não gostava muito dele e não fazia ideia de por que esse nome lhe viera à mente, mas àquela altura qualquer nome servia. Bateu na coxa.

– Furaram minha perna em Dunbrec e o ferimento não se curou direito. Não posso marchar mais. Acho que meus dias na linha de frente acabaram, por isso meu chefe me mandou aqui, para vigiar a água com vocês. – Olhou para o mar que ondulava e reluzia sob a Lua como uma criatura viva. – Mas não posso dizer que lamento. Para ser honesto, eu já estava cheio de lutar.

Pelo menos essa última parte não era mentira.

– Sei como é – disse o maneta, balançando o cotoco na cara de Cachorrão. – Como vão as coisas por lá?

– Tudo bem. A União ainda está sentada do lado de fora da muralha que ela mesma fez, tentando tudo para entrar, e nós estamos do outro lado do rio, esperando. Tem sido assim há semanas.

– Ouvi dizer que alguns rapazes passaram para o lado da União. Ouvi dizer que o velho Três Árvores estava lá, que foi morto naquela batalha.

– Era um grande homem, o Rudd Três Árvores – disse o velho. – Um grande homem.

– É. – Cachorrão assentiu. – Era mesmo.

– Mas ouvi dizer que Cachorrão ficou no lugar dele – disse o maneta.

– É verdade?

– Foi o que ouvi dizer. É um desgraçado mau e enorme. Chamam o sujeito de Cachorrão porque uma vez ele arrancou as tetas de uma mulher a dentadas.

Cachorrão piscou.

– É mesmo? Bom, desse eu nunca ouvi nada.

– Ouvi dizer que o Nove Sangrento estava lá – sussurrou o garoto, com os olhos arregalados como se falasse de um fantasma.

Os outros dois bufaram na direção dele.

– O Nove Sangrento está morto, garoto, e aquele maligno já não foi sem tempo. – O maneta estremeceu. – Você tem cada ideia idiota!

– Foi o que eu ouvi, só isso.

O velho tomou mais um pouco da bebida e estalou a língua.

– Não importa muito quem está onde. A União provavelmente vai se entediar quando pegar o forte de volta. Vai se entediar e retornar para casa, do

outro lado do mar, e tudo volta ao normal. Nenhum deles vai vir até aqui, a Uffrith, pelo menos.

– Não – disse o maneta, animado. – Eles não virão para cá.

– Então por que estamos vigiando? – reclamou o garoto.

O velho revirou os olhos, como se já tivesse ouvido isso dez vezes e sempre desse a mesma resposta.

– Porque foi a tarefa que a gente recebeu.

– E, quando você recebe uma tarefa, é melhor fazer direito. – Cachorrão se lembrou de Logen dizendo a mesma coisa, Três Árvores também. Agora os dois haviam partido, tinham voltado à lama, mas a frase continuava verdadeira como sempre. – Mesmo que seja uma tarefa chata, ou perigosa, ou sinistra. Mesmo que seja uma tarefa que você preferiria não fazer. – Porcaria, ele precisava mijar. Precisava mijar toda hora, quando o tempo estava assim.

– É verdade – disse o velho, sorrindo para sua caneca. – As coisas precisam ser feitas.

– Precisam mesmo. Mas é uma pena. Vocês parecem pessoas bem legais.

Cachorrão levou as mãos às costas, como se estivesse coçando a bunda.

– Uma pena? – O garoto pareceu perplexo. – O que você quer dizer com…

Foi então que Barca Negra veio por trás dele e cortou seu pescoço.

Praticamente no mesmo instante, a mão suja de Sinistro cobriu a boca do maneta e a ponta ensanguentada de uma lâmina saiu pela abertura de seu casaco. Cachorrão saltou e deu tês facadas rápidas nas costelas do velho. Ele chiou e tombou, os olhos arregalados, a caneca ainda na mão, com baba de bebida derramando-se da boca aberta. Então caiu.

O garoto se arrastou um pouco. Estava com uma das mãos no pescoço, tentando impedir que o sangue saísse, a outra se estendendo na direção do poste onde ficava o sino de alerta. O sujeito tem coragem, reconheceu Cachorrão, para se lembrar do sino quando sua garganta está cortada, mas ele não se arrastou mais do que um passo antes que Barca Negra pisasse com força em sua nuca e a esmagasse.

Cachorrão estremeceu ao ouvir os ossos do pescoço do garoto estalarem. Ele provavelmente não merecia morrer daquele jeito. Mas a guerra era assim. Muita gente que não merecia era morta. O serviço precisava ser feito. Eles tinham feito, e os três continuavam vivos. Era o máximo que poderia esperar de um serviço desses, mas de algum modo isso ainda lhe deixava um gosto amargo. Nunca tinha achado fácil, mas agora que era chefe estava ainda mais difícil. Estranho como era muito mais fácil matar quando cumpria ordens. Matar era uma coisa difícil. Mais difícil do que seria de imaginar.

A não ser que seu nome seja Barca Negra, claro. Aquele desgraçado era

capaz de matar um homem com a mesma facilidade com que daria uma mijada. Era o que o tornava tão bom naquilo. Cachorrão o observou se abaixar, tirar o casaco do corpo frouxo do maneta e colocá-lo sobre os ombros, depois rolar o corpo para o mar, tão distraído quanto se estivesse despejando lixo.

– Você tem dois braços – disse Sinistro, já com o casaco do velho.

Barca Negra olhou para si mesmo.

– O que você quer dizer? Não vou cortar meu braço para melhorar o disfarce, seu idiota!

– Ele quer dizer para manter o braço escondido.

Cachorrão viu Barca Negra enxugar uma caneca com um dedo sujo, servir-se de uma dose e engolir.

– Como você consegue beber numa hora assim? – perguntou, tirando o casaco ensanguentado do corpo do garoto.

Barca Negra deu de ombros e se serviu de mais uma dose.

– É uma pena desperdiçar. E, como você disse, a noite está fria. – Ele deu um sorriso maligno. – Que coisa, Cachorrão, você sabe falar! Meu nome é Cregg. – E deu dois passos mancando. – Levei uma facada na bunda em Dunbrec! De onde tirou isso? – Deu um tapa no ombro de Sinistro, com as costas da mão. – Que porra incrível, hein? Existe uma palavra para isso, não é? Qual é a palavra mesmo?

– Convincente – respondeu Sinistro.

Os olhos de Barca Negra se iluminaram.

– Convincente. É o que você é, Cachorrão. Você é um desgraçado convincente. Juro, você poderia dizer que era o próprio Skarling Sem Capuz que eles teriam acreditado. Não sei como consegue falar isso na cara de pau!

Cachorrão não sentia muita vontade de rir. Não gostava de olhar para aqueles dois cadáveres, ainda caídos nas pedras. Ficava se preocupando, pensando que o garoto ficaria com frio sem o casaco. Era uma coisa idiota para pensar, já que ele estava numa poça do próprio sangue, a um passo dali.

– Deixem isso pra lá – resmungou. – Joguem esses dois aí e vão para perto do portão. Não sabemos quando virão outros.

– Está certo, chefe, está mesmo, você manda.

Barca Negra empurrou os dois para a água, depois tirou o badalo do sino e o jogou no mar, por garantia.

– Uma pena – disse Sinistro.

– O quê?

– Desperdiçar um sino.

Barca Negra piscou encarando o outro.

– Desperdiçar um sino! De repente você ficou cheio de coisas para dizer e,

sabe de uma coisa? Acho que eu gostava mais de você antes. Desperdiçar um sino? Perdeu a cabeça, garoto?

Sinistro deu de ombros.

– Os sulistas podem querer um, quando chegarem aqui.

– Então eles podem mergulhar para buscar a porra do badalo, não é? – E Barca Negra pegou a lança do maneta e foi até o portão aberto, resmungando e com uma das mãos enfiada no casaco roubado. – Desperdiçar um sino… Pela porra dos mortos!

Cachorrão ficou na ponta dos pés e soltou o lampião, segurou-o virado para o mar, depois levantou a aba de sua capa para cobri-lo e baixou-a de novo. Cobriu-o e descobriu. Repetiu o gesto mais uma vez e, em seguida, pendurou o lampião de volta no poste. De onde estavam, aquela chama parecia pequena demais para aquecer as esperanças de todos eles. Uma chamazinha minúscula para ser vista lá de longe na água, mas era a única que tinham.

O tempo todo ficou esperando que a coisa desse errado, que o clamor soasse na cidade, que cinco dúzias de Carls jorrassem daquele portão aberto e fizessem com os três a matança que mereciam. E pensar nisso lhe dava mais vontade de mijar. Mas eles não vieram. Não havia nenhum som, a não ser o sino vazio rangendo no poste e as ondas frias batendo em pedra e madeira. Tudo seguia exatamente como haviam planejado.

O primeiro barco surgiu deslizando da escuridão, com Tremedeira rindo na proa. Uns vinte Carls estavam comprimidos no barco atrás dele, remando com muito cuidado, rostos brancos tensos, dentes trincados com o esforço de manter o silêncio. Mesmo assim, cada estalo e tinido de madeira e metal dava nos nervos de Cachorrão.

Tremedeira e seus rapazes penduraram alguns sacos cheios de palha na lateral do barco quando chegaram mais perto, o que impediria que a madeira raspasse nas pedras. Tudo isso fora pensado na semana anterior. Jogaram cordas e Cachorrão e Sinistro as pegaram, puxaram o barco e amarraram. Cachorrão olhou para Barca Negra, encostado imóvel e tranquilo no muro junto ao portão, e ele balançou a cabeça suavemente, para confirmar que não havia movimentação na cidade. Em seguida Tremedeira subiu a escada, tranquilo e silencioso, e se agachou na escuridão.

– Belo trabalho, chefe – sussurrou ele com um sorriso escancarado. – Muito bem-feito.

– Haverá tempo para tapinhas nas costas mais tarde. Amarrem os outros barcos.

– Certo.

Havia mais barcos chegando, mais Carls, mais sacos de palha. Os rapazes

de Tremedeira os puxaram, começaram a arrastar homens para o cais. Todo tipo de homens que haviam chegado nas últimas semanas. Homens que não gostavam do modo novo como Bethod fazia as coisas. Logo havia um bom grupo junto da água. Tantos que Cachorrão mal podia acreditar que não fossem vistos.

Formaram grupos, como tinham planejado, cada um com seu chefe e sua tarefa. Alguns rapazes conheciam Uffrith e tinham feito um desenho do lugar na terra, como Três Árvores costumava fazer. Cachorrão obrigara todos a decorá-lo. Riu pensando em como Barca Negra havia reclamado daquilo, mas tinha valido a pena. Agachou-se perto do portão e eles passaram, um grupo sombrio e silencioso de cada vez.

Tul foi o primeiro, seguido por uma dúzia de Carls.

– Certo, Cabeça de Trovão – disse Cachorrão. – Você fica com o portão principal.

– Está bem – assentiu Tul.

– É a tarefa mais importante de todas, por isso tente fazer em silêncio.

– Em silêncio, está bem.

– Sorte, então, Tul.

– Não vou precisar.

E o gigante se apressou pelas ruas escuras, seguido por seu grupo.

– Gorro Vermelho, você fica com a torre perto do poço e a muralha ao lado.

– Entendido.

– Tremedeira, você e seus rapazes vão vigiar a praça da cidade.

– Como uma coruja, chefe.

E assim eles foram, passando pelo portão e entrando nas ruas escuras, sem fazer mais barulho do que o vento do mar e as ondas no cais, Cachorrão dando a tarefa a cada grupo e mandando-os entrar. Barca Negra foi o último e tinha atrás um bocado de homens de aparência dura.

– Barca Negra, você fica com o salão do chefe. Empilhe um bocado de madeira, como nós dissemos, mas não ateie fogo, ouviu? Não mate ninguém se não for preciso. Pelo menos por enquanto.

– Pelo menos por enquanto. É justo.

– E… Barca Negra – chamou e o outro se virou de novo. – Também não vá incomodar nenhuma mulher.

– O que você acha que eu sou? – perguntou Barca Negra, os dentes cintilando no escuro. – Algum tipo de animal?

E foi isso. Restaram apenas ele, Sinistro e alguns outros para vigiar a água.

– Uh – fez Sinistro, assentindo lentamente.

Vindo dele, era um grande elogio.

Cachorrão apontou para o poste.

– Pegue aquele sino, está bem? Podemos encontrar uma utilidade para ele, afinal de contas.



Pelos mortos, aquilo fazia um barulho desgraçado. Cachorrão precisou semicerrar os olhos, com o braço inteiro tremendo enquanto batia no sino com o cabo da faca. Não se sentia muito confortável no meio de todos aqueles prédios, espremido por muros e cercas. Não havia passado muito tempo da vida em cidades e não gostara muito dessas ocasiões, fossem elas queimando coisas e provocando arruaças depois de um cerco ou caído nas prisões de Bethod, esperando pela morte.

Piscou olhando a confusão de telhados de ardósia ao redor, as paredes de pedra cinza, madeira preta, reboco cinza e sujo, tudo oleoso com a chuva fina. Parecia um modo estranho de viver, dormindo numa caixa, acordando todos os dias da vida no mesmo lugar. Ficava inquieto só de pensar nisso, como se aquele sino já não o deixasse agitado o bastante. Pigarreou e o pôs de lado, nas pedras do calçamento. Depois ficou de pé, esperando, com uma das mãos no punho da espada, numa postura que ele esperava revelar segurança.

Alguns passos rápidos vieram de uma rua e uma menininha entrou correndo na praça. Seu queixo caiu quando ela os viu ali: uma dúzia de homens barbudos e armados, Tul Duru entre eles. Provavelmente nunca tinha visto um homem tão alto. Ela virou depressa para correr na outra direção e quase escorregou nas pedras molhadas. Depois viu Barca Negra sentado numa pilha de madeira logo atrás dela, recostado tranquilamente na parede, a espada desembainhada sobre os joelhos, e ficou paralisada.

– Tudo bem, garota – rosnou Barca Negra. – Pode ficar onde está.

Agora havia mais pessoas chegando, correndo de todos os lados para a praça, todas com a mesma expressão de espanto ao ver Cachorrão e seus rapazes à espera. Mulheres e crianças, na maioria, além de alguns velhos. Arrancados da cama pelo sino e ainda sonolentos, olhos vermelhos e rostos inchados, roupas amarrotadas, armados com o que tivessem à mão. Um garoto com um cutelo de açougueiro. Um senhor encurvado com uma espada que parecia ainda mais velha do que ele. Uma garota na frente, com um ancinho e muito cabelo embolado, tinha uma expressão que fez Cachorrão se lembrar de Shari. Dura e pensativa, como ela costumava olhá-lo antes que começassem a dormir juntos. Cachorrão franziu os olhos para os pés sujos da jovem, esperando que não tivesse de matá-la.

Deixá-los bem apavorados seria o melhor modo de fazer com que as coisas acontecessem rápida e facilmente. Por isso Cachorrão tentou falar como alguém

a ser temido, e não como alguém que também estava se cagando de medo. Como Logen teria falado. Não, talvez isso fosse mais assustador do que o necessário. Como Três Árvores, então. Duro mas justo, querendo o melhor para todos.

– O chefe está entre vocês? – rosnou.

– Sou eu – grasnou o velho com a espada, o rosto todo frouxo de espanto ao descobrir um bando de estranhos bem armados no meio da praça de sua cidade. – Meu nome é Brass. Quem diabo são vocês?

– Eu sou Cachorrão, este aqui é Harding Sinistro e o grandalhão é Tul Duru Cabeça de Trovão.

Alguns olhos se arregalaram, algumas pessoas murmuraram umas com as outras. Parecia que já tinham ouvido esses nomes.

– Estamos aqui com quinhentos Carls e ontem à noite tomamos sua cidade.

Alguns sons ofegantes e esganiçados foram a resposta a isso. O número era mais para duzentos, mas não havia sentido em dizer. Eles poderiam imaginar que teriam chances lutando e Cachorrão não queria acabar esfaqueando ou sendo esfaqueado por uma mulher.

– Há muito mais de nós por aí, e todos os seus guardas estão amarrados… os que não tivemos de matar. Alguns dos meus rapazes, e vocês precisam saber que estou falando de Barca Negra…

– Sou eu. – Barca Negra deu sua risada maldosa e algumas pessoas arrastaram os pés, nervosas, para longe dele, como se tivessem ouvido dizer que o próprio inferno estava ali.

–… bom, eles eram a favor de incendiar suas casas imediatamente e fazer uma matança. Fazer como na época em que o Nove Sangrento comandava, estão entendendo?

Algumas crianças começaram a chorar um pouco, com fungadelas úmidas. O garoto olhou ao redor, com o cutelo balançando na mão, a garota de cabelos escuros piscou e apertou o ancinho com mais força. Eles haviam entendido muito bem.

– Mas pensei em lhes dar uma chance justa de desistir, já que a cidade está cheia de mulheres e crianças e tal. Meu problema é com Bethod, não com vocês. A União quer usar este lugar como porto, trazer homens, suprimentos e tudo o mais. Eles vão chegar em seus navios em menos de uma hora. São muitos. Isso vai acontecer, quer vocês queiram ou não. Acho que o que quero dizer é que podemos fazer isso do modo sangrento, se vocês preferirem. Os mortos sabem que temos prática. Ou vocês podem entregar suas armas, se tiverem, e todos podemos nos dar bem, de forma gentil e… Qual é mesma a palavra?

– Civilizada – emendou Sinistro.

– É. Civilizada. O que acham?

O velho mexeu os dedos na espada, parecendo que preferiria se apoiar nela a brandi-la, e olhou para a muralha, onde alguns Carls olhavam para baixo, e seus ombros se afrouxaram.

– Parece que vocês nos pegaram de jeito. Cachorrão, hein? Sempre ouvi dizer que você era um desgraçado esperto. De qualquer modo, não resta muita gente aqui para lutar contra vocês. Bethod pegou cada homem que pudesse segurar uma lança e um escudo ao mesmo tempo. – Olhou o lamentável grupo de pessoas ao redor. – Vão deixar as mulheres em paz?

– Vamos.

– As que quiserem ser deixadas em paz – disse Barca Negra, olhando de forma maliciosa para a garota do ancinho.

– Vamos deixá-las em paz – rosnou Cachorrão, repreendendo-o com o olhar. – Eu garanto.

– Bom, então – chiou o velho, arrastando os pés e se encolhendo de dor quando se ajoelhou e largou a espada enferrujada aos pés de Cachorrão. – Para mim você é um homem melhor do que Bethod. Acho que eu deveria agradecer por sua misericórdia, se cumprir com a palavra.

– Uh.

Cachorrão não se sentia muito misericordioso. Duvidava que o velho que ele havia matado no cais estivesse grato, ou o maneta esfaqueado pelas costas, ou o garoto com o pescoço cortado, que tivera a vida roubada.

Uma a uma as demais pessoas avançaram e uma a uma as armas, se é que podiam ser chamadas assim, foram largadas numa pilha. Uma pilha de ferramentas e lixo velho e enferrujado. O garoto foi o último. Deixou seu cutelo cair junto ao resto das coisas, olhou apavorado para Barca Negra, depois correu de volta para perto dos outros e segurou a mão da garota de cabelos escuros.

Ficaram parados, juntos e de olhos arregalados, e Cachorrão quase sentia o cheiro do medo. Estavam esperando que Barca Negra e seus Carls começassem a matá-los ali mesmo. Esperavam ser arrebanhados até alguma casa, que em seguida seria trancada e incendiada. Cachorrão tinha presenciado tudo isso antes. Por isso não os culpava ao vê-los se amontoarem como ovelhas num campo no inverno. Ele teria feito o mesmo.

– Certo! – rosnou. – É isso! Voltem para suas casas, ou sei lá para onde. A União vai chegar antes do meio-dia e seria melhor que as ruas estivessem livres.

Eles piscaram para Cachorrão, para Tul, para Barca Negra e uns para os outros. Engoliram em seco e tremeram, depois murmuraram agradecendo aos mortos. Separaram-se lentamente e se espalharam, cada qual pegando seu caminho. Vivos, para grande alívio de todos.

– Muito bem, chefe – disse Tul no ouvido de Cachorrão. – Nem o próprio

Três Árvores teria feito melhor.

Barca Negra veio pelo outro lado.

– Mas, com relação às mulheres, se quer minha opinião…

– Não quero.

– Você viu o meu filho?

Havia uma mulher que não tinha ido para casa. Ela ia de um homem a outro, com lágrimas nos olhos e o rosto contorcido de preocupação. Cachorrão baixou a cabeça e olhou para outro lado.

– Meu filho, ele estava de guarda, perto da água! Vocês viram? – Ela puxou o casaco de Cachorrão, a voz esganiçada e chorosa. – Por favor, onde está o meu filho?

– Acha que eu sei onde todo mundo está? – disse ele rispidamente na cara molhada da mulher.

Em seguida se afastou como se tivesse um monte de coisas importantes a fazer, e o tempo todo pensava: você é um covarde, Cachorrão, é a porcaria de um covarde desgraçado. Baita herói, fazendo um belo truque com um punhado de mulheres, crianças e velhos.

Não é fácil ser chefe.

Este negócio nobre

O GRANDE FOSSO fora drenado no início do cerco, deixando uma vala larga cheia de lama preta. Na extremidade mais distante da ponte que o atravessava, quatro soldados trabalhavam com uma carroça, arrastando cadáveres para a margem e rolando-os para o fundo. Os cadáveres dos últimos defensores, retalhados e queimados, sujos de sangue e terra. Homens selvagens, vindos de além do rio Crinna, longe no leste, barbudos e de cabelos desgrenhados. Seus corpos pareciam lamentavelmente frágeis depois de três meses definhando por falta de comida atrás das muralhas de Dunbrec. Quase nem eram humanos. Para West era difícil sentir muito júbilo na vitória sobre criaturas tão dignas de pena.

– Parece um castigo, depois de eles lutarem com tanta coragem – murmurou Jalenhorm. – Acabar assim.

West olhou outro cadáver maltrapilho escorregar pela margem, caindo no monte de membros emaranhados e enlameados.

– É assim que termina a maioria dos cercos. Principalmente para os corajosos. Serão enterrados ali, na lama, depois o fosso será inundado outra vez. As águas do Torrente Branca jorrarão sobre eles e sua coragem, ou sua falta de coragem, não terá valido de nada.

A fortaleza de Dunbrec se erguia acima dos dois oficiais que atravessavam a ponte, silhuetas negras de muralhas e torres que pareciam grandes buracos nítidos no céu branco e pesado. Alguns pássaros irritantes circulavam no alto. Outros dois grasnavam nas ameias arrebentadas.

Os homens do general Kroy haviam demorado um mês para fazer essa mesma jornada – repetidamente repelidos com sangue – e por fim romper as portas pesadas sob uma chuva de flechas, pedras e água fervente. Mais uma semana de matanças claustrofóbicas para abrir caminho pelos doze passos do túnel embaixo, atravessar o segundo portão com machados e fogo e no final tomar o controle da muralha externa. Todas as vantagens estavam do lado dos defensores. O lugar fora projetado para garantir isso.

E, depois de passarem pela guarita principal, seus problemas estavam apenas começando. A muralha interna tinha o dobro da altura e da largura da externa, com passarelas em todos os pontos. Não havia como se abrigar dos projéteis disparados das seis torres monstruosas.

Para conquistar essa segunda muralha, os homens de Kroy tentaram todas as estratégias dos manuais de cerco. Haviam trabalhado com picaretas e pés de

cabra, mas a alvenaria tinha cinco passos de espessura na base. Tentaram cavar um túnel, mas o terreno era encharcado do lado de fora da fortaleza e tinha rocha sólida de Angland embaixo. Bombardearam o local com catapultas, mas praticamente nem chamuscaram a poderosa fortaleza. Tinham vindo com escadas, repetidamente, em grupos grandes ou pequenos, de surpresa à noite ou ousados de dia e, na escuridão e na luz, as linhas desarrumadas dos feridos da União haviam se retirado para longe depois das tentativas fracassadas, com seus mortos arrastados solenemente atrás. Por fim haviam tentado argumentar com os defensores selvagens, com a intervenção de um tradutor nórdico, e o infeliz sujeito fora coberto de excrementos jogados do alto.

No fim das contas fora mero acaso. Depois de estudar os movimentos dos guardas, um sargento ousado tentou a sorte com um arpéu durante a noite. Subiu e foi seguido por uma dúzia de outros homens corajosos. Eles pegaram os defensores de surpresa, mataram vários e tomaram a guarita do portão. A manobra demorou dez minutos e custou a vida de um soldado da União. Na cabeça de West, era uma bela ironia que, depois de tentar todos os métodos tortuosos e ser repelido com sangue, o exército da União entrasse na fortaleza interna pelo portão da frente.

Agora um soldado estava curvado perto dessa passagem em arco, vomitando ruidosamente nas pedras manchadas do pavimento. West passou por ele com um mau pressentimento, fazendo o som dos saltos das botas ecoar no túnel comprido, depois emergiu no pátio amplo no centro da fortaleza. Era um hexágono regular, que seguia o desenho das muralhas interna e externa, tudo parte do projeto perfeitamente simétrico. Mas West duvidava que os arquitetos tivessem aprovado as condições em que os nórdicos haviam deixado o lugar.

Uma comprida construção de madeira num dos lados do pátio, talvez um estábulo, havia pegado fogo durante o ataque e fora reduzida a uma massa de traves queimadas com as brasas ainda ardentes. Os encarregados de limpar a sujeira tinham trabalho demais do lado de fora das muralhas, então o chão ali continuava coberto de armas e cadáveres retorcidos. Os mortos da União tinham sido estendidos em fileiras perto de um canto e cobertos com lençóis. Os nórdicos estavam em todas as posições, de bruços ou de costas para o chão, curvados ou estendidos do jeito que caíram. Embaixo dos corpos as pedras do calçamento tinham marcas fundas, e não somente dos danos resultantes de três meses de cerco. Um grande círculo fora gravado na rocha, e outros círculos dentro dele, com marcas e símbolos estranhos num desenho intricado. West não gostou nem um pouco daquilo. Pior ainda, havia um fedor repulsivo, mais pungente até do que o de madeira queimada.

– Que cheiro é esse? – murmurou Jalenhorm, tapando a boca com a mão.

Um sargento ali perto ouviu.

– Parece que nossos amigos nórdicos refizeram a decoração do local.

Ele apontou para o alto e West seguiu com os olhos o dedo coberto pela luva da armadura.

Estavam tão podres que ele demorou um tempo para perceber que olhava os restos de homens. Tinham sido pregados nas paredes das torres, arreganhados, bem acima dos prédios que se projetavam ao redor do pátio. Tripas podres pendiam das barrigas, cobertas de moscas. Cortados com cruz sangrenta, como diriam os nórdicos. Farrapos de uniformes multicoloridos da União ainda eram vagamente visíveis, balançando na brisa em meio às massas de carne putrefata.

Com certeza fazia algum tempo que estavam ali. Sem dúvida desde antes do início do cerco. Talvez desde que a fortaleza havia caído na mão dos nórdicos. Cadáveres dos defensores originais, pregados, apodrecendo, todos aqueles meses. Três pareciam estar sem cabeça. Complementos, talvez, daqueles três presentes mandados ao marechal Burr, tanto tempo atrás. West se pegou imaginando se algum deles estava vivo ao ser pregado. Começou a ficar enjoado e o zumbido das moscas de repente pareceu alto demais e nauseante.

Jalenhorm estava pálido feito um fantasma. Não disse nada. Nem precisava.

– O que aconteceu aqui? – murmurou West entre os dentes cerrados, mais para si mesmo do que para qualquer pessoa.

– Bom, senhor, acho que eles esperavam receber ajuda. – O sargento, claramente dono de um estômago muito forte, riu para ele. – Ajuda de alguns deuses hostis, foi o que pensamos. Mas parece que ninguém escutou lá embaixo, não é?

West franziu a testa para as marcas rústicas no chão.

– Livrem-se disso! Rasguem as bandeiras e as substituam, se for necessário. – Seu olhar subiu até os cadáveres podres e ele sentiu o estômago se contorcer dolorosamente. – E ofereça um prêmio de 10 marcos para quem tiver estômago suficiente para subir lá e tirar aqueles cadáveres.

– Dez marcos, senhor? Me tragam aquela escada!

West se virou e passou pelo portão aberto da fortaleza de Dunbrec, prendendo o fôlego e desejando intensamente jamais ter de visitar aquele lugar outra vez. Mas sabia que iria voltar ali. Nem que fosse em seus sonhos.

As reuniões com Poulder e Kroy mais do que bastavam para nausear um homem saudável, e o lorde marechal Burr não se encaixava nem um pouco nessa categoria. O comandante dos exércitos de Sua Majestade em Angland estava tão lamentavelmente esgotado quanto os defensores de Dunbrec, com o uniforme

simples frouxo no corpo, ao passo que a pele pálida parecia esticada demais sobre os ossos. Em doze semanas, havia envelhecido no mínimo doze anos. Sua mão vacilava, o lábio tremia, ele não conseguia ficar de pé durante muito tempo e não podia cavalgar. De vez em quando fazia uma careta e estremecia como se fosse assolado por pontadas de dor. West nem sabia como o comandante conseguia continuar, mas ele continuava, quatorze horas por dia ou mais. Cumpria seus deveres com toda a antiga diligência. Só que agora eles pareciam devorá-lo, pedaço por pedaço.

Burr franziu a testa, sério diante do grande mapa da região de fronteira, as mãos pousadas na barriga. O Torrente Branca era uma linha azul sinuosa que passava pelo centro, Dunbrec era um hexágono preto indicado com letras rebuscadas. À esquerda, a União. À direita, o Norte.

– Então – disse ele, depois tossiu e pigarreou – a fortaleza voltou para nossas mãos.

O general Kroy assentiu de forma rígida.

– Voltou.

– Finalmente – observou Poulder baixinho.

Os generais ainda pareciam considerar Bethod e seus nórdicos uma pequena distração com relação ao verdadeiro inimigo: o outro.

Kroy se eriçou e, à sua volta, seu estado-maior murmurou algo como um bando de corvos furiosos.

– Dunbrec foi projetada pelos melhores arquitetos militares da União, e nenhuma despesa foi poupada ao construí-la! Tomá-la não foi uma tarefa simples! – falou Kroy.

– Claro, claro – resmungou Burr, fazendo o máximo para mudar de assunto. – Era um lugar muito difícil de ser tomado. Temos alguma ideia de como os nórdicos conseguiram fazer isso?

– Nenhum deles sobreviveu para contar que artimanha usaram, senhor. Todos lutaram até a morte, sem exceção. Os últimos se trancaram com barricadas no estábulo e atearam fogo à estrutura.

Burr olhou para West e balançou a cabeça devagar.

– Como podemos entender um inimigo assim? Qual é a condição da fortaleza agora?

– O fosso foi drenado, a guarita externa foi parcialmente destruída, houve danos consideráveis na muralha interna. Os defensores demoliram algumas construções para usar a madeira como lenha e jogar as pedras e deixaram o resto em… – Kroy remexeu os lábios como se lutasse para encontrar as palavras. –… em péssimo estado. Os consertos vão exigir algumas semanas.

– Hum. – Burr coçou a barriga, infeliz. – O Conselho Fechado está ansioso

para que cruzemos o Torrente Branca e entremos no Norte o quanto antes para enfrentar o inimigo. Notícias positivas que acalmem a poupulação a população, e coisa e tal.

– A captura de Uffrith deixou nossa posição muito mais forte! – exclamou Poulder, com um riso de presunção sem tamanho. – Com um golpe ganhamos um dos melhores portos do Norte, um ponto estratégico para suprir nossas forças enquanto penetramos em território inimigo. Antes, tudo precisava seguir de carroça por toda a extensão de Angland, por estradas ruins em tempo ruim. Agora podemos trazer suprimentos e reforços de navio quase que direto ao front! E tudo foi alcançado sem uma baixa sequer!

West não iria permitir que ele roubasse o crédito por aquilo.

– Sem dúvida – disse de forma monótona e sem emoção. – Nossos aliados nórdicos mais uma vez se mostraram valiosíssimos.

Em suas casacas vermelhas, os integrantes do estado-maior de Poulder franziram a testa e resmungaram.

– Eles tiveram seu papel – o general foi obrigado a admitir.

– O líder deles, Cachorrão, nos procurou com o plano original, que executou pessoalmente usando os próprios homens, e entregou a cidade ao senhor, com os portões abertos e o povo obediente. Isso foi o que eu soube.

Poulder franziu a testa irritado na direção de Kroy, que agora se permitia um leve sorriso.

– Meus homens tomaram posse da cidade e já estão juntando uma pilha de suprimentos! Nós flanqueamos o inimigo e o obrigamos a recuar na direção de Carleon! Esta é sem dúvida a questão aqui, coronel West, e não quem fez o quê!

– De fato – interveio Burr, balançando uma das grandes mãos. – Vocês dois prestaram grandes serviços ao país. Mas agora precisamos olhar os sucessos futuros. General Kroy, providencie equipes de trabalho para ficar aqui e concluir os reparos em Dunbrec, além de um regimento de tropas temporárias para cuidar das defesas. Com um comandante que conheça o serviço, por favor. Seria embaraçoso, para dizer o mínimo, se perdêssemos a fortaleza pela segunda vez.

– Não haverá erro – rosnou Kroy na direção de Poulder. – Pode contar com isso.

– O restante do exército pode atravessar o Torrente Branca e entrar em formação na outra margem. Depois marcharemos para leste e norte, na direção de Carleon, usando o porto de Uffrith para trazer suprimentos. Nós expulsamos o inimigo de Angland. Agora precisamos pressioná-lo e forçar Bethod a ficar de joelhos.

E o marechal torceu o punho contra a palma da outra mão, para demonstrar.

– Minha divisão vai atravessar o rio amanhã à tarde – sibilou Poulder para

Kroy. – E em perfeita ordem!

– Devemos nos mover com cuidado, independentemente do que o Conselho Fechado diga – alertou Burr com uma careta. – A última vez em que um exército da União atravessou o Torrente Branca foi quando o rei Casamir invadiu o Norte. Não preciso lembrar aos senhores que ele foi obrigado a recuar em grande desordem. Bethod nos pegou antes e só vai ficar mais forte à medida que voltar para o próprio território. Precisamos trabalhar juntos. Isto não é uma competição, senhores.

Os dois generais disputaram imediatamente entre si para ver quem concordava mais. West soltou um longo suspiro e massageou a ponte do nariz.

O novo homem

– E ASSIM retornamos – falou Bayaz, franzindo a testa na direção da cidade: um crescente branco luminoso espalhado ao redor da baía reluzente.

Devagar, mas de modo decidido, ela se aproximava, estendendo-se e envolvendo Jezal em seu abraço de boas-vindas. Os detalhes ficaram nítidos: parques verdes que espiavam por entre as casas, pináculos brancos que se projetavam da massa de prédios. Podia ver as altas muralhas do Agriont, com o sol reluzindo nas cúpulas lustrosas. A Casa do Artífice se erguia acima de todo o resto, mas agora até essa construção tão intimidadora parecia, de algum modo, ter a ver com calor e segurança.

Estava em casa. Tinha sobrevivido. Pareciam ter se passado cem anos desde que estivera na proa de um navio como aquele, arrasado e sozinho, vendo Adua deslizar lentamente para a distância. Acima do barulho da água, dos estalos das velas, dos gritos das aves marinhas, começou a distinguir o rumor distante da cidade. Parecia a música mais maravilhosa que já escutara. Fechou os olhos e puxou o ar com força pelas narinas. O cheiro podre e salgado da baía era doce como mel em sua língua.

– Parece que gostou da viagem, não é, capitão? – ironizou Bayaz.

Jezal só pôde rir.

– Estou gostando do fim dela.

– Não precisa ficar desanimado – falou o irmão Pé Comprido. – Às vezes uma jornada difícil só entrega todos os benefícios muito depois de retornarmos. Os sofrimentos são breves, mas a sabedoria obtida dura a vida inteira!

– Hum. – O Primeiro dos Magos repuxou os lábios. – A viagem só traz sabedoria aos sábios. Deixa o ignorante mais ignorante do que nunca. Mestre Nove Dedos! Está decidido a voltar para o Norte?

Com a testa franzida, Logen deviou por um instante seu olhar para a água.

– Não tenho motivo para ficar.

Olhou de lado para Ferro, que o encarou irritada.

– Está olhando para mim por quê?

Logen balançou a cabeça.

– Sabe de uma coisa? Não faço a mínima ideia, porra.

Se houvera algo vagamente romântico entre os dois, agora parecia ter desmoronado a ponto de se tornar uma irremediável e mal-humorada aversão.

– Bom – disse Bayaz levantando as sobrancelhas –, se está decidido… –

Estendeu a mão para o nórdico e Jezal observou enquanto se cumprimentavam. – Dê um chute no Bethod por mim, assim que ele estiver sob sua bota.

– Farei isso, a não ser que eu esteja sob a dele.

– Nunca é fácil chutar de baixo para cima. Obrigado pela ajuda e por seus bons modos. Talvez volte a ser meu hóspede um dia, na biblioteca. Vamos olhar para o lago e rir das grandes aventuras no ocidente do Mundo.

– Espero que sim.

Mas Logen não parecia ter muita capacidade de riso nem muita esperança. Parecia um homem que havia esgotado suas opções.

Em silêncio, Jezal olhou as cordas serem lançadas ao cais e esticadas, a prancha longa ser estendida até o cais com um rangido e bater nas pedras.

– Mestre Quai! É hora de desembarcarmos! – gritou Bayaz para seu aprendiz.

O jovem pálido seguiu o mestre, descendo do navio sem olhar para trás, com o irmão Pé Comprido indo em seguida.

– Boa sorte, então – disse Jezal, estendendo a mão a Logen.

– Para você também.

O nórdico riu, ignorou a mão e o envolveu num abraço apertado e com cheiro desagradável. Os dois ficaram parados durante um momento meio tocante, meio embaraçoso, e então Nove Dedos lhe deu um tapa nas costas e o soltou.

– Talvez eu o veja lá no Norte. – A voz de Jezal estava só um pouquinho embargada, apesar de todos os esforços. – Se me mandarem…

– Talvez, mas… na verdade espero que não. Como eu disse, se eu fosse você, encontraria uma boa mulher e deixaria a matança para quem tem menos sentimento.

– Como você?

– É. Como eu. – Ele olhou para Ferro. – Então é isso, hein, Ferro?

– Uh.

Ela encolheu os ombros magros e foi descendo a prancha. O rosto de Logen se retorceu.

– Certo – murmurou para as costas dela. – Foi bom conhecer você. – Balançou o cotoco do dedo que faltava na direção de Jezal. – Se uma coisa pode ser dita sobre Logen Nove Dedos é que ele tem jeito com as mulheres.

– Hum.

– É.

– Certo.

Na verdade Jezal estava achando estranhamente difícil ir embora. Eles haviam sido companheiros quase constantes durante os últimos seis meses. No

início sentira apenas desprezo pelo sujeito, mas agora era como deixar um irmão mais velho muito respeitado. Era pior ainda, de fato, porque Jezal nunca tivera seus irmãos de verdade em muita conta. Por isso se demorou no convés, e Logen riu como se adivinhasse o que ele pensava.

– Não se preocupe. Vou tentar me virar sem você.

– Só tente se lembrar do que eu lhe disse, se entrar em outra briga – falou Jezal, conseguindo dar um meio sorriso.

– Eu diria que, infelizmente, isso é quase uma certeza.

Então não havia de fato nada que Jezal pudesse fazer além de se virar e descer para terra, fingindo que algo havia caído em seu olho. Pareceu uma longa caminhada até o cais movimentado, onde parou perto de Bayaz e Quai, Pé Comprido e Ferro.

– Acho que o mestre Nove Dedos pode cuidar de si mesmo – disse o Primeiro dos Magos.

– Ah, pode, sim – riu Pé Comprido. – Poucos podem fazer isso melhor.

Jezal olhou uma última vez por cima dos ombros enquanto adentravam a cidade. Logen levantou uma das mãos para ele, da amurada do navio, e depois a esquina de um armazém entrou no meio e ele sumiu. Ferro se demorou um instante, franzindo a testa para o mar, os punhos fechados com força e um músculo contraído na lateral da cabeça. Depois se virou e viu que Jezal a observava.

– Está olhando o quê?

Ela passou por ele, seguindo os outros e entrando nas ruas apinhadas de Adua.

A cidade continuava exatamente como Jezal recordava, no entanto era tudo diferente. Os prédios pareciam ter encolhido e se amontoado. Mesmo a ampla via do Meio, a grande artéria central de Adua, parecia horrivelmente esmagada depois de ele ter visto os gigantescos espaços abertos do Antigo Império, as paisagens deslumbrantes da arruinada Aulcus. O céu era mais alto lá na grande planície. Ali tudo era reduzido e, para piorar as coisas, havia um cheiro desagradável que ele nunca notara. Foi andando de nariz franzido, desviando-se com aversão do fluxo de pedestres.

O mais estranho de tudo eram as pessoas. Fazia meses que Jezal não via mais de dez de uma vez. Agora, do nada, havia milhares se comprimindo ao redor, todas concentradas nas próprias tarefas. Delicadas, de banho tomado, usando cores espalhafatosas, tão absurdas para ele agora quanto artistas de circo. A moda mudara enquanto ele estava longe, enfrentando a morte no estéril ocidente do Mundo. Os chapéus eram usados num ângulo diferente, as mangas haviam ganhado um corte mais amplo, as golas das camisas tinham sido

reduzidas a um ponto que seria considerado estranhamente pequeno um ano atrás. Jezal bufou. Parecia bizarro que esse tipo de absurdo o tivesse interessado algum dia, e ele viu um grupo de dândis perfumados passar com expressão de desprezo completo.

O grupo foi diminuindo à medida que seguia pela cidade. Primeiro Pé Comprido se despediu efusivamente com muitos apertos de mãos, falas sobre honras e privilégios e promessas de reencontro que Jezal suspeitou, e até mesmo esperou, que não fossem sinceras. Perto da grande praça do mercado dos Quatro Cantos, Quai e seu silêncio carrancudo habitual foram despachados para cumprir alguma tarefa. Com isso restaram como companheiros apenas o Primeiro dos Magos e Ferro, que seguia de um jeito desengonçado e raivoso atrás deles.

Para ser honesto, Jezal não teria se incomodado se o grupo diminuísse mais. Nove Dedos seria um companheiro leal, mas o restante daquela família disfuncional dificilmente estaria entre os seus convidados para um jantar. Fazia muito tempo que Jezal abandonara qualquer esperança de que a armadura de carrancas de Ferro se rachasse, revelando uma alma bondosa. Mas pelo menos seu temperamento abismal era previsível. Bayaz, no mínimo, era um companheiro mais irritante ainda: uma metade composta de bom humor de avô, a outra… quem sabia o que era? Sempre que o velho abria a boca, Jezal se encolhia prevendo alguma surpresa desagradável.

Mas por ora ele conversava de modo bastante amistoso:

– Posso perguntar quais são os seus planos agora, capitão Luthar?

– Bom, acho que serei enviado a Angland, para lutar contra os nórdicos.

– Imagino que sim. Mas nunca sabemos que reviravoltas o destino trará.

Jezal não gostou muito disso.

– E o senhor? Vai voltar para…

Ele percebeu que não fazia a mínima ideia do lugar de onde o mago viera.

– Ainda não. Permanecerei em Adua por enquanto. Grandes acontecimentos se darão em breve, meu rapaz, grandes acontecimentos. Talvez eu fique para ver como se desenrolarão.

Um grito soou na calçada:

– Andando, vagabunda!

Três membros da guarda da cidade haviam se reunido em volta de uma garota de rosto sujo e vestido rasgado. Um deles estava inclinado com um porrete na mão, gritando a centímetros do rosto da garota, que se encolhia. Um bando de pessoas de aparência infeliz havia se reunido para olhar. Eram principalmente trabalhadores, pouco mais limpos do que a mendiga.

– Por que não deixam a mulher em paz? – resmungou um.

De porrete erguido, um dos guardas deu um passo de alerta na direção

deles, enquanto seu amigo segurava a garota pelos ombros e chutava um copo que estava no chão, fazendo algumas moedas rolar para o bueiro.

– Isso é um exagero – disse Jezal baixinho.

– Bem, esse tipo de coisa acontece o tempo todo – falou Bayaz, olhando por cima do nariz. – Nunca viu um mendigo ser tirado das ruas?

Jezal tinha visto, claro, muitas vezes, e jamais levantara uma sobrancelha. Não podiam simplesmentes deixar os mendigos atulharem as ruas, afinal de contas. No entanto, por algum motivo, presenciar aquilo agora o deixava desconfortável. A infeliz chutava e gritava, e o guarda a arrastou mais um passo para trás, com violência desnecessária, claramente se divertindo. Não era tanto o gesto que Jezal questionava, mas o fato de eles o realizarem na sua frente sem pensar em seus sentimentos. Isso o tornava cúmplice, de algum modo.

– É uma desgraça – sibilou entre os dentes trincados.

Bayaz deu de ombros.

– Se isso o incomoda tanto, por que não faz alguma coisa?

O guarda escolheu esse momento para levantar a garota pelos cabelos desgrenhados e lhe dar uma pancada forte com o porrete, e ela deu um grito e caiu, protegendo a cabeça com os braços. Jezal sentiu o rosto se contorcer. Num instante, já havia passado no meio da turba e dado no sujeito um chute sonoro nas costas que o lançou esparramado na sarjeta. Um dos seus companheiros surgiu com o porrete erguido, mas logo vacilou e recuou. Jezal percebeu que havia desembainhado suas espadas e que as lâminas polidas brilhavam na sombra ao lado do prédio.

A plateia ficou boquiaberta e deu uns passos para trás. Jezal piscou. Não tinha pretendido que a coisa chegasse tão longe. Maldito Bayaz, com seu conselho idiota. Mas agora não havia o que fazer, a não ser ir em frente. Assumiu sua expressão mais destemida e arrogante.

– Mais um passo e eu espeto você, seu porco. – Em seguida olhou de um guarda para outro. – E então? Algum de vocês quer me testar?

Ele esperava seriamente que nenhum dos dois fizesse isso, mas não precisaria ficar preocupado. Estava claro que os dois se acovardariam diante da determinação com que ele se opunha, então se mantiveram fora do alcance de suas espadas.

– Ninguém age assim com a guarda. Nós vamos atrás de você, pode contar com…

– Não vai ser difícil me encontrar. Sou o capitão Luthar, do Próprio do Rei. Sou residente do Agriont. Não há como errar. É a fortaleza que domina a cidade! – Ele apontou pela rua com a espada longa, fazendo um dos guardas tropeçar quando se afastava, com medo. – Vou recebê-los quando quiserem e vocês

podem explicar ao meu mestre, o lorde marechal Varuz, o comportamento abominável que demonstraram com esta mulher, uma cidadã da União que não é culpada de nenhum crime a não ser o da pobreza!

Um discurso ridiculamente pomposo, claro. Jezal se pegou quase ruborizado de embaraço pela última parte. Sempre havia desprezado os pobres e não tinha nem um pouco de certeza se suas opiniões haviam mudado tanto, mas se empolgara no meio daquilo tudo e não tinha opção além de terminar com requinte.

Mesmo assim, suas palavras tiveram efeito sobre os guardas da cidade. Os três recuaram e, por algum motivo, sorriram como se tudo tivesse acontecido exatamente como planejado, deixando Jezal diante da aprovação indesejada da multidão.

– Muito bem, rapaz!

– Que bom que alguém tem coragem.

– Qual é mesmo o nome dele?

– Capitão Luthar! – rugiu Bayaz, fazendo Jezal girar bruscamente, em meio ao movimento de embainhar as espadas. – Capitão Jezal dan Luthar, vencedor do último Campeonato. Acaba de retornar de suas aventuras no ocidente! O nome é Luthar!

– Luthar, foi o que ele disse?

– O que venceu o Campeonato?

– É ele! Eu vi quando ele derrotou Gorst!

Toda a multidão estava com os olhos arregalados e ar respeitoso. Um homem estendeu a mão, como se fosse tocar a barra de seu casaco, e Jezal deu um passo para trás e quase tropeçou na mendiga que fora a causa daquele fiasco.

– Obrigada – disse ela efusivamente, num feio sotaque plebeu que ficava ainda pior na boca ensanguentada. – Ah, obrigada, senhor.

– Não foi nada.

Muito desconfortável, Jezal se afastou. De perto, dava para ver que a mulher estava extremamente suja, e ele não queria contrair uma doença. A atenção do grupo como um todo, de fato, não era nem um pouco agradável. Ele foi arrastando os pés para trás enquanto as pessoas o olhavam, cheias de sorrisos e murmúrios de admiração.

Ferro franzia a testa para ele ao se afastarem dos Quatro Cantos.

– O que foi? – perguntou ele de um jeito ríspido.

Ela deu de ombros.

– Você não é tão covarde quanto antes.

– Obrigado por esse elogio épico. – Ele se virou para Bayaz. – Que diabo foi aquilo?

– Aquilo foi você fazendo um ato de caridade, meu rapaz, e fiquei orgulhoso ao ver. Parece que minhas lições não foram de todo em vão.

– Eu perguntei – rosnou Jezal, que acreditava ter ganhado menos do que nada com os sermões constantes de Bayaz – o que você fez, proclamando meu nome para todo mundo? Agora essa história vai se espalhar por toda a cidade!

– Eu não havia pensado nisso. – O mago deu um sorriso débil. – Só achei que você merecia o crédito pelo ato de nobreza. Ajudar os desafortunados, ajudar uma dama em dificuldades, proteger os fracos e assim por diante. Admirável, de fato.

– Mas… – murmurou Jezal, sem saber se estava sendo feito de bobo.

– Aqui nossos caminhos se separam, jovem amigo.

– Ah. É mesmo?

– Aonde você vai? – perguntou Ferro bruscamente, cheia de suspeitas.

– Tenho algumas questões a tratar – disse o mago –, e você vem comigo.

– Por que eu faria isso? – questionou Ferro, que parecia estar com um humor ainda pior do que o normal desde que haviam saído do cais, o que não era pouco.

Bayaz revirou os olhos.

– Porque você não tem as habilidades sociais necessárias para ficar mais de cinco minutos sozinha num lugar destes. Por que outro motivo? – respondeu ele, depois perguntou a Jezal: – Vai voltar ao Agriont, não é?

– Vou. Vou, claro.

– Bem, então gostaria de agradecer, capitão Luthar, pelo papel que representou nessa nossa pequena aventura.

“Como ousa, seu mago escroto? A coisa toda foi um desperdício colossal, doloroso e mutilante do meu tempo, e um fracasso de cabo a rabo.” Mas o que Jezal realmente disse foi:

– Claro, sim. – Em seguida segurou a mão do velho, preparando-se para dar um aperto frouxo. – Foi uma honra.

O aperto de Bayaz foi de uma firmeza surpreendente.

– É bom ouvir isso.

Jezal se viu ser puxado para perto do rosto do velho, olhando em seus olhos verdes e reluzentes numa proximidade irritante.

– Talvez precisemos colaborar um com o outro de novo – falou o mago.

Jezal piscou. Colaborar era uma escolha ruim de palavra.

– Bom, então… é… talvez eu… o veja mais tarde?

“Nunca mais” seria preferível, em sua opinião.

Porém Bayaz apenas riu ao soltar os dedos de Jezal, que formigavam.

– Ah, tenho certeza de que vamos nos encontrar de novo.

Um sol agradável brilhava por entre os galhos do cedro, lançando uma sombra matizada no chão, como antigamente. Uma brisa suave soprava no pátio e os pássaros cantavam nas árvores, como sempre tinham feito. Os velhos prédios do quartel não haviam mudado, espremidos, cobertos com a hera que farfalhava em todos os cantos do pátio estreito. Mas as semelhanças com as recordações alegres de Jezal terminavam aí. Uma fina camada de musgo havia se esgueirado pelos pés das cadeiras, a superfície da mesa adquirira uma grossa crosta de cocô de pássaros, a grama não era cortada fazia semanas e os pendões com sementes batiam em seus tornozelos enquanto Jezal passava.

Os próprios jogadores haviam partido fazia muito tempo. Ele ficou olhando as sombras que se moviam na madeira cinzenta. Lembrava-se do som dos risos, do gosto da fumaça e das bebidas fortes, da sensação das cartas na mão. Ali Jalenhorm havia sentado, bancando o forte e durão. Ali Kaspa rira de piadas feitas às suas custas. Ali West havia se recostado e balançado a cabeça, desaprovando algo, porém resignado. Ali Brint embaralhara nervoso sua mão de cartas, esperando por ganhos que nunca vinham.

E ali fora o lugar de Jezal. Ele arrastou a cadeira da grama que parecia agarrá-la, sentou-se com o solado de uma das botas na mesa e a inclinou sobre as pernas de trás. Parecia difícil acreditar que havia se sentado ali, observando e tramando, pensando na melhor forma de diminuir os amigos. Disse a si mesmo que agora era um homem que jamais teria participado de uma bobagem tão grande. Ou, pelo menos, que não ficaria para mais do que umas duas partidas.

Se havia pensado que tomar um bom banho, barbear-se com cuidado, arrancar pelos das sobrancelhas e ajeitar o cabelo iriam fazer com que se sentisse em casa, ficou desapontado. As rotinas familiares o deixaram sentindo-se um estranho em meio à poeira dos próprios aposentos. Era difícil se empolgar com o lustro das botas e dos botões ou com a disposição da trança de ouro.

Quando por fim parou diante do espelho, onde muito tempo antes havia se demorado horas deliciadas, achou o reflexo decididamente irritante. Um aventureiro magro e de pele maltratada pelo clima espiava com olhos brilhantes do espelho trazido de Visserine, a barba cor de areia fazendo pouco para disfarçar a feia cicatriz que descia pelo maxilar torto. Todos os antigos uniformes eram apertados demais, engomados a ponto de coçar, sufocavam no colarinho. Já não sentia que pertencesse a eles. Não se sentia um soldado.

Nem sabia direito a quem se apresentar, depois de tanto tempo longe. Praticamente todos os oficiais que conhecia estavam com o exército em Angland. Supôs que poderia procurar o lorde marechal Varuz se realmente

quisesse, mas o fato é que havia aprendido o suficiente sobre o perigo para não querer correr na direção dele. Cumpriria com seu dever se fosse necessário. Mas primeiro o dever precisaria encontrá-lo.

Enquanto isso, tinha outras coisas a fazer. Só de pensar nisso, ficou ao mesmo tempo aterrorizado e empolgado. Enfiou um dedo no colarinho e o puxou, num esforço para aliviar a pressão na garganta. Não adiantou. Por outro lado, como Logen Nove Dedos gostava tanto de dizer: era melhor fazer uma coisa do que viver com medo de fazê-la. Pegou a espada de gala, mas depois de um minuto olhando os relevos absurdos em latão no cabo, jogou-a no chão e chutou-a para baixo da cama. Aparente ser menos do que você é, diria Logen. Pegou a espada longa, gasta pela viagem, enfiou-a pela presilha no cinto, respirou fundo e seguiu para a porta.

Não havia nada de intimidante na rua. Era uma parte calma da cidade, longe do burburinho do comércio e do barulho das oficinas. Na rua seguinte um amolador de facas proclamava seu ofício a plenos pulmões. Sob os beirais das casas modestas, um pombo arrulhava meio desanimado. Em algum lugar próximo, o som de cascos e de rodas de carruagens aumentava e diminuía. Afora isso, tudo estava silencioso.

Já havia passado pela casa uma vez em cada direção. Não ousava fazer isso de novo por medo de que Ardee o visse por uma janela, o reconhecesse e se perguntasse o que diabo ele estava fazendo. Por isso ficou percorrendo a parte de cima da rua, ensaiando o que dizer quando ela aparecesse à porta.

“Voltei.” Não, não: presunçoso demais. “Olá, como vai?” Não: casual demais. “Sou eu, Luthar.” Rígido demais. “Ardee… senti saudades.” Carente demais.

Viu um homem franzindo a testa para ele numa janela de um andar alto, então tossiu e foi rapidamente na direção da casa, murmurando para si mesmo sem parar:

– É melhor fazer logo, é melhor fazer logo, é melhor fazer logo…

Seu punho bateu na madeira. Ficou parado e esperou, com o coração martelando nos dentes. A fechadura estalou e Jezal preparou seu sorriso mais agradável. A porta se abriu a uma garota baixa, de rosto redondo e muito pouco atraente o encarou. Mas, por mais que as coisas tivessem mudado, não podia haver dúvida de que ela não era Ardee.

– Sim…?

– É…

Era uma empregada. Como ele poderia ser idiota a ponto de achar que

Ardee abriria a porta? Ela era uma plebeia, não uma mendiga. Pigarreou.

– Eu retornei… Quero dizer… Ardee West mora aqui?

– Mora. – A empregada abriu a porta o suficiente para Jezal entrar na penumbra do corredor. – Quem devo anunciar?

– O capitão Luthar.

A cabeça dela se virou bruscamente, como se estivesse presa por um fio invisível que recebera um puxão.

– Capitão… Jezal dan Luthar?

– É – murmurou ele, perplexo. Será que Ardee teria falado dele com a empregada?

– Ah… ah, se o senhor esperar…

A empregada apontou para uma porta e se afastou às pressas, os olhos arregalados como se o imperador de Gurkhul tivesse aparecido para uma visita.

A sala de estar, mal iluminada, dava a impressão de ter sido decorada por alguém com dinheiro de mais e gosto de menos e não era nem um pouco espaçosa para as ambições de quem fizera aquilo. Havia várias poltronas espalhafatosas e fofas, um armário excessivamente grande e enfeitado e, numa parede, uma tela monumental que, se fosse maior, teria exigido que o aposento invadisse a casa vizinha. Dois fachos de luz poeirenta entravam pelas aberturas nas cortinas, reluzindo na superfície muito polida, ainda que ligeiramente instável, de uma mesa antiga. Cada peça poderia ser aceitável sozinha, mas apinhadas criavam um efeito sufocante. Porém, disse a si mesmo, franzindo a testa para tudo aquilo, viera por causa de Ardee, não dos móveis.

Era ridículo. Seus joelhos estavam fracos, a boca seca, a cabeça girava e só ficava pior a cada instante. Não se sentira tão apavorado em Aulcus, com uma multidão de shankas guinchando e partindo para cima dele. Percorreu a sala, nervoso, cerrando e abrindo os punhos. Espiou a rua silenciosa. Inclinou-se por cima de uma poltrona para examinar a pintura enorme. Um rei musculoso estava relaxado, com uma coroa grande demais, enquanto nobres em roupas com acabamentos em pele faziam reverências a seus pés. Harod, o Grande, supôs Jezal, mas reconhecê-lo lhe deu pouca alegria. O assunto predileto e mais cansativo de Bayaz tinha sido os feitos daquele homem. Para Jezal, Harod, o Grande, podia muito bem virar conserva em vinagre. Harod, o Grande, poderia ir para…

– Ora, ora, ora…

Ela estava junto à porta, com a luz forte do corredor atrás reluzindo no cabelo escuro e nas bordas do vestido branco, a cabeça inclinada de lado e uma levíssima sugestão de sorriso no rosto sombreado. Não parecia ter mudado nem um pouco. Muitas vezes na vida, os momentos mais esperados acabam se

tornando grandes decepções. Ver Ardee de novo, depois de todo o tempo que passaram longe, foi uma exceção. Toda a conversa preparada com cuidado se evaporou naquele instante, deixando-o com a cabeça tão vazia quanto na primeira vez que pusera os olhos nela.

– Então você está vivo – murmurou ela.

– É… é… por pouco. – Ele conseguiu dar um sorriso sem jeito. – Achou que eu tinha morrido?

– Tive esperanças de que tivesse. – Isso apagou o sorriso no rosto dele de imediato. – Quando não recebi ao menos uma carta. Mas na verdade achei que tinha apenas se esquecido de mim.

Jezal se encolheu.

– Sinto muito não ter escrito. Muito mesmo. Eu queria…

Ela fechou a porta e se encostou nela, com as mãos às costas, o tempo todo franzindo a testa para ele.

– Não houve um dia em que eu não quisesse. Mas fui convocado e não tive chance de contar a ninguém, nem à minha família. Eu estava… estava longe, no ocidente.

– Eu sei. O burburinho está pela cidade inteira e, se a notícia chegou a mim, todo mundo já deve saber mesmo.

– A notícia chegou…?

Ardee virou a cabeça na direção do corredor.

– Fiquei sabendo pela empregada.

– Pela empregada?

Como diabo alguém em Adua poderia ter ouvido algo sobre suas desventuras, quanto mais a empregada de Ardee West? Jezal foi assaltado por imagens súbitas e desagradáveis. Multidões de serviçais rindo ao pensar nele caído e chorando por causa do rosto quebrado. Todas as pessoas importantes fofocando sobre como ele deveria ter parecido idiota ao ser alimentado com uma colher por um brutamontes nórdico. Sentiu-se ruborizado até as pontas das orelhas.

– O que ela disse?

– Ah, você sabe. – Ardee andou distraidamente pela sala. – Que você escalou as muralhas no cerco de Darmium, não foi? Abriu os portões para os homens do imperador, coisa e tal.

– O quê? – Ele ficou mais pasmo do que antes. – Darmium? Quero dizer… Quem falou isso a ela…

Ardee chegou mais perto, e mais perto, e ele ficou mais e mais sem graça até que, gaguejando, decidiu parar de vez de falar. Mais perto ainda, e ela estava olhando ligeiramente para cima, com os lábios afastados. Tão perto que ele

achou que ela iria pegá-lo nos braços e beijá-lo. Tão perto que ele se inclinou ligeiramente, na expectativa, os olhos entreabertos, os lábios formigando… Então ela passou por ele, o cabelo quase batendo em seu rosto, foi até o armário, abriu a porta e pegou uma garrafa. Deixou-o para trás, abandonado no tapete.

Num silêncio atarantado, ele a observou encher duas taças e estender uma, o vinho balançando e escorrendo pela lateral.

– Você está diferente.

Jezal sentiu um jorro súbito de vergonha e, por instinto, sua mão subiu para cobrir a cicatriz no maxilar.

– Não estou falando disso. Pelo menos não só disso. Tudo. Você mudou, de alguma forma.

– Eu…

O efeito que ela provocava era, no mínimo, mais forte do que antes. Antigamente não havia todo o peso da expectativa, todos os longos devaneios e a ansiedade sentida no ermo.

– Senti saudade. – Ele falou sem pensar, depois se pegou ruborizando e precisou tentar uma mudança de assunto: – Tem notícias do seu irmão?

– Ele escreve toda semana. – Ela inclinou a cabeça para trás e esvaziou a taça, então a encheu de novo. – Pelo menos desde que descobri que ele estava vivo.

– O quê?

– Passei mais de um mês acreditando que ele havia morrido. Ele conseguiu sair vivo da batalha.

– Houve uma batalha? – guinchou Jezal, logo antes de lembrar que uma guerra estava em curso. Claro que houvera batalhas. Voltou a controlar a voz. – Que batalha?

– Aquela em que o príncipe Ladisla morreu.

– Ladisla morreu?! – exclamou ele, a voz saindo fina como a de uma mulher.

Nas poucas vezes que vira o príncipe herdeiro, o sujeito parecera tão absorto em si mesmo a ponto de parecer indestrutível. Era difícil acreditar que ele poderia simplesmente ser golpeado com uma espada, ou atingido por uma flecha, e morrer, como qualquer outra pessoa, mas ali estava.

– E depois o irmão dele foi assassinado…

– Raynault? Assassinado?

– Na própria cama, no palácio. Quando o rei morrer, vão escolher outro por eleição no Conselho Aberto.

– Uma eleição? – Sua voz saiu tão aguda que ele quase sentiu uma náusea no fundo da garganta.

Ardee já enchia a própria taça outra vez.

– O emissário de Uthman foi enforcado pelo assassinato dele, apesar de provavelmente ser inocente, e assim a guerra com Gurkhul está se arrastando…

– Estamos em guerra com os gurkenses também?

– Perdemos Dagoska no início do ano.

– Dagoska… perdida.

Jezal esvaziou a taça num gole demorado e olhou para o tapete, tentando encaixar tudo aquilo na cabeça. Não deveria estar surpreso, claro, porque as coisas seguiram seu curso enquanto ele estava longe, mas não tinha esperado que o mundo virasse de cabeça para baixo. Guerra com os gurkenses, batalhas no Norte, uma eleição para escolher um novo rei?

– Precisa de mais? – perguntou Ardee, inclinando a garrafa.

– Acho melhor.

Grandes acontecimentos, claro, como Bayaz dissera. Olhou-a servir o vinho, franzindo a testa intensamente, quase com raiva, enquanto a bebida gorgolejava. Viu uma pequena cicatriz que nunca havia notado no lábio superior dela e sentiu uma compulsão súbita de tocá-la, e de enfiar os dedos em seu cabelo, e apertá-la contra seu corpo. Grandes acontecimentos, mas tudo parecia ter pouca importância comparado ao que acontecia agora, naquela sala. Quem sabia? O rumo da sua vida poderia mudar nos próximos instantes, se ele encontrasse as palavras certas e se obrigasse a dizê-las.

– Senti mesmo saudade de você – conseguiu dizer.

Uma declaração sofrida que ela dispensou com uma fungadela amarga.

– Não seja idiota.

Ele segurou a mão dela, obrigando-a a encará-lo.

– Fui idiota a vida inteira. Não agora. Houve ocasiões, lá na planície, em que a única coisa que me mantinha vivo era pensar que… que eu poderia estar com você de novo. Todo dia eu queria vê-la…

Ela não fez nada além de franzir a testa, absolutamente inabalável. O fato de Ardee não se derreter em seus braços era muito frustrante, depois de tudo por que ele havia passado.

– Ardee, por favor, eu não vim aqui para discutir.

Ela fez uma careta para o chão enquanto bebia mais uma taça.

– Não sei por que você veio.

“Porque eu a amo e nunca mais quero me separar de você! Por favor, diga que será minha esposa!” Quase falou isso, mas no último instante viu o riso de escárnio dela e se conteve. Tinha esquecido como ela podia ser difícil.

– Vim aqui para me desculpar. Eu frustrei você, sei disso. Vim assim que pude, mas vejo que você não está no clima. Volto depois.

Passou por ela e foi em direção à porta, mas Ardee chegou primeiro, virou a chave na fechadura e tirou-a.

– Você me deixa sozinha aqui, sem ao menos uma carta, e quando volta quer ir embora sem nem um beijo?

Ela deu um passo brusco em sua direção e Jezal se flagrou recuando.

– Ardee, você está bêbada.

Ela balançou a cabeça, irritada.

– Estou sempre bêbada. Não disse que sentiu saudade de mim?

– Mas – murmurou ele, começando a se sentir meio assustado por algum motivo. – Eu pensei…

– Esse é o seu problema, está vendo? Pensar. Você não é bom nisso.

Ela o encurralou contra a borda da mesa e ele embolou a espada nas pernas de tal modo que precisou usar a mão para se apoiar e não cair.

– Eu não fiquei esperando? – sussurrou Ardee, e a respiração dela em seu rosto estava quente e agridoce de vinho. – Como você pediu?

Sua boca roçou devagar na dele, a ponta da língua bateu em seus lábios e ela emitiu sons suaves e gorgolejantes, encostando-se nele. Jezal sentiu a mão dela descer até sua virilha, alisando gentilmente através da calça.

A sensação foi agradável, claro, e provocou um enrijecimento instantâneo. Extremamente agradável, porém mais do que um pouco preocupante. Ele olhou nervoso para a porta.

– E os empregados? – grasnou.

– Se eles não gostarem, podem procurar outra porra de trabalho, não é? Não foram ideia minha.

– Então de quem… ah!

Ela torceu os dedos em seu cabelo e girou sua cabeça dolorosamente de modo a falar direto em seu rosto.

– Esqueça-se deles! Foi por minha causa que você veio, não foi?

– Foi… é claro!

– Então diga!

A mão dela se comprimiu com força contra sua calça, quase fazendo-o sentir dor, mas não exatamente.

– Ah… eu vim por sua causa.

– E então? Aqui estou.

Os dedos dela seguraram seu cinto e o abriram.

– Agora não precisa ficar tímido.

Ele tentou segurar o pulso dela.

– Ardee, espere…

A outra mão dela lhe deu um tapa ardido que fez seu ouvido zumbir e sua

cabeça virar de lado.

– Fiquei aqui sentada durante seis meses sem fazer *nada*! – sibilou ela em seu rosto, as palavras meio engroladas. – Você sabe como fiquei morrendo de tédio? E agora está dizendo para eu *esperar*? Foda-se!

Ela enfiou a mão rudemente em sua calça e puxou o pau para fora, esfregando-o com uma das mãos, apertando o rosto dele com a outra, enquanto Jezal fechava os olhos e ofegava na boca de Ardee, sem ter nada na mente além dos dedos dela.

Os dentes de Ardee mordiscaram seu lábio quase dolorosamente, e depois com mais força.

– Ah! – grunhiu ele. – Ah!

Sem dúvida ela o estava mordendo. Com vontade, como se seu lábio fosse um pedaço de cartilagem que devesse ser mastigado. Ele tentou se afastar, mas a mesa estava às suas costas e ela acelerara o movimento. A dor era quase tão grande quanto a surpresa, e então, enquanto as mordidas continuavam, ficou consideravelmente mais forte.

– Aarg!

Ele agarrou o pulso de Ardee com uma das mãos e o torceu às costas dela, puxou seu braço e a empurrou sobre a mesa. Ouviu-a ofegar quando o rosto bateu com força na madeira polida.

Ficou parado acima dela, imobilizado de consternação, o gosto salgado de sangue na boca. Por cima do ombro retorcido, podia ver o olho escuro e sem expressão de Ardee observando-o através do cabelo emaranhado. O cabelo se movia em volta da boca enquanto ela ofegava rápido. Ele soltou seu pulso e viu o braço dela se mover, as marcas de seus dedos deixadas em um tom rosa furioso na pele. A mão dela deslizou para baixo, segurou uma parte do vestido e a puxou para cima. Pegou outra parte e puxou de novo, até que as saias estivessem totalmente emboladas em volta da cintura e sua bunda, nua e pálida, ficasse projetada para ele.

Bom, ele podia ser um novo homem, mas ainda era homem.

A cada estocada, a cabeça de Ardee batia no tampo da mesa e a pele de Jezal raspava na parte de trás da coxa dela, e as calças dele foram descendo cada vez mais pelas pernas até que o punho da espada roçava o tapete. A cada estocada, a mesa rangia de modo ultrajante, cada vez mais alto, como se eles estivessem trepando nas costas de algum velho que desaprovasse. A cada estocada, ela soltava um grunhido e ele ofegava, não de prazer nem de dor, mas era um movimento necessário do ar naquele exercício vigoroso. Tudo acabou com misericordiosa rapidez.

Muitas vezes na vida, os momentos mais esperados acabam se tornando

grandes decepções. Essa, sem dúvida, foi uma ocasião assim. Todas aquelas horas intermináveis que ele passara na planície, com feridas provocadas pela sela e medo de perder a vida, sonhando em ver Ardee outra vez… Uma cópula rápida e violenta sobre a mesa na sala de estar deselegante não era bem o que ele tivera em mente. Quando terminaram, ele enfiou o pau meio murcho de volta na calça, cheio de culpa e de vergonha e extremamente arrasado. O som da fivela estalando lhe deu vontade de bater o rosto contra a parede.

Ela se levantou e deixou as saias baixarem, depois as alisou com o rosto virado para o chão. Jezal estendeu a mão para seu ombro.

– Ardee…

Ela se soltou com raiva e se afastou. Jogou algo no chão atrás, que retiniu ao cair no tapete. Era a chave da porta.

– Pode ir!

– Posso o quê?

– Ir! Você conseguiu o que queria, não foi?

Ele lambeu o lábio ensanguentado, incrédulo.

– Você acha que era isso que eu queria?

Não houve nada em resposta além de silêncio.

– Eu amo você – falou ele.

Ela deu uma espécie de tosse, como se fosse vomitar, e balançou lentamente a cabeça.

– Por quê?

Ele não tinha certeza do motivo. Já não tinha certeza de suas intenções ou do que sentia. Queria recomeçar, mas não sabia de que forma. A coisa toda era um pesadelo inexplicável do qual ele esperava acordar em breve.

– Como assim, por quê?

Ela se curvou com os punhos fechados e gritou para ele:

– Eu não sou nada, porra! Todo mundo que me conhece me odeia! Meu próprio pai me odiava! Meu próprio irmão! – Sua voz falhou e seu rosto se franziu, e a boca cuspiu com raiva e sofrimento: – Eu arruíno tudo o que toco! Não passo de uma merda! Por que você não vê isso?

E ela cobriu o rosto com as mãos e se virou de costas, com os ombros sacudindo.

Jezal piscou. Seus lábios tremiam. O antigo Jezal dan Luthar na certa teria pegado aquela chave, corrido da sala e partido pela rua para nunca mais voltar. E se consideraria com sorte por ter se livrado tão facilmente. O novo Jezal pensou em fazer o mesmo. Pensou bastante. Mas tinha mais caráter do que isso. Ou, pelo menos, foi o que disse a si mesmo.

– Eu amo você.

As palavras tinham gosto de mentira em sua boca ensanguentada, mas ele fora longe demais para recuar.

– Eu amo você.

Cruzou a sala para encontrá-la e, apesar de ela tentar empurrá-lo, a envolveu com os braços.

– Nada mudou.

Ele enfiou os dedos no cabelo dela e segurou-a contra o peito enquanto ela chorava baixinho, soluçando e fazendo o ranho escorrer pela frente de seu uniforme espalhafatoso.

– Nada mudou – sussurrou ele.

Mas, claro, havia mudado.

Hora da ração

NÃO SE SENTARAM tão perto a ponto de ficar óbvio que estavam juntos. *Dois homens que, no correr de seus negócios cotidianos, por acaso colocam a bunda no mesmo pedaço de madeira.* Era o início da manhã e, apesar de o sol lançar um brilho ofuscante nos olhos de Glokta e colocar um tom dourado na grama orvalhada, nas árvores farfalhantes, no lago do parque, ainda havia um frio traiçoeiro no ar. Lorde Wetterlant era evidentemente alguém que acordava cedo. *Mas eu também. Nada encoraja tanto um homem a deixar a cama quanto ter ficado acordado a noite toda por causa de cãibras lancinantes.*

O lorde enfiou a mão numa sacola de papel, tirou algumas migalhas de pão segurando-as entre o polegar e o indicador e jogou-as junto aos pés. Um grupo de patos cheios de si já havia se reunido e agora os bichos brigavam furiosamente tentando alcançar as migalhas enquanto o nobre os observava, com o rosto enrugado parecendo uma máscara frouxa e sem emoção.

– Não tenho ilusões, superior – entoou, quase sem mover os lábios e sem levantar os olhos. – Não tenho importância suficiente para entrar nessa disputa, mesmo se quisesse. Mas tenho o suficiente para ganhar alguma coisa com ela. Pretendo conseguir o que puder.

Direto ao ponto, então, pela primeira vez. Não precisamos conversar sobre o tempo, ou falar dos filhos, ou do valor relativo dos patos de diferentes cores.

– Não há vergonha nisso.

– Não creio. Tenho uma família a alimentar, e ela cresce ano a ano. Aconselho-o enfaticamente a não ter muitos filhos.

Rá, isso não deve ser problema.

– E, além disso, tenho cães, e eles também devem ser alimentados, e têm muito apetite. – Wetterlant soltou um suspiro longo, chiado, e jogou mais algumas migalhas para as aves. – Quanto mais se sobe, superior, mais gente depende das nossas migalhas; esse é um triste fato.

– O senhor tem uma grande responsabilidade, meu lorde. – Glokta fez uma careta por causa de um espasmo na perna e a estendeu com cuidado até o joelho estalar. – Qual é o tamanho dela, se é que posso perguntar?

– Eu tenho meu próprio voto, claro, e controlo os votos de três outras cadeiras no Conselho Aberto. Famílias ligadas à minha por laços de terra, amizade, casamento e tradição.

Esses laços podem se mostrar frágeis em momentos como este.

– O senhor tem certeza desses três?

Wetterlant virou os olhos frios para Glokta.

– Não sou bobo, superior. Mantenho meus cães bem acorrentados. Tenho certeza. Tanta certeza quanto podemos ter de qualquer coisa, nestes tempos incertos.

Ele jogou mais migalhas na grama e os patos grasnaram, bicaram e bateram uns nos outros com as asas.

– Quatro votos no total, então. – *Não é uma fatia pequena do grande bolo.*

– Quatro votos no total.

Glokta pigarreou, verificou se não havia ninguém que pudesse escutar. Uma garota olhava distraída e indiferente para a água, mais adiante no caminho. Dois desalinhados oficiais do Próprio do Rei estavam sentados num banco distante, do outro lado, disputando em voz alta quem estivera mais bêbado na noite anterior. *Será que a jovem indiferente estaria ouvindo em nome de lorde Brock? Será que os dois oficiais prestariam contas ao juiz supremo Marovia? Vejo agentes em toda parte, o que é bom. Existem agentes em toda parte.* Baixou a voz até um sussurro:

– Sua Eminência estaria disposto a oferecer 15 mil marcos em troca de cada voto.

– Sei. – Os olhos semiocultos por pálpebras pesadas de Wetterlant nem ao menos se mexeram. – Tão pouca carne mal satisfaria meus cães. Não restaria nada para a minha mesa. Devo lhe dizer que lorde Barezin, de modo um tanto indireto, já me ofereceu 18 mil por voto, além de um excelente pedaço de terra adjacente a minhas propriedades. Florestas para caçar cervos. O senhor caça, superior?

– Caçava. – Glokta bateu na perna arruinada. – Mas isso foi há um bom tempo.

– Ah. Lamento. Eu sempre gostei desse esporte. Mas então lorde Brock foi me visitar.

Que ótimo para vocês dois.

– Ele teve a bondade de me oferecer 20 mil e um acordo muito adequado de casar sua filha mais nova com meu filho mais velho.

– O senhor aceitou?

– Eu disse que era cedo demais para aceitar qualquer coisa.

– Tenho certeza de que Sua Eminência poderia chegar a 21, mas isso teria de ser…

– O representante do juiz supremo Marovia já me ofereceu 25.

– Harlen Morrow? – sibilou Glokta através dos dentes que restavam.

Lorde Wetterlant levantou uma sobrancelha.

– Creio que seja esse o nome.

– Lamento só poder igualar a proposta dele no momento. Informarei sua posição a Sua Eminência. – *O deleite dele, tenho certeza, não terá limites.*

– Estou ansioso para ter notícias suas, superior.

Wetterlant se virou de volta para os patos e distribuiu mais algumas migalhas, com um vago sorriso nos lábios ao ver a disputa à sua frente.

Com algo parecido com um sorriso no rosto, Glokta foi mancando com dor até a casa comum na rua que não tinha nada de excepcional. *Um momento livre da companhia sufocante dos grandes e bons. Um momento em que não preciso mentir, nem trapacear, nem ficar atento a uma possível facada nas costas. Talvez até encontre um cômodo que ainda não esteja fedendo a Harlen Morrow. Isso seria revigorante e…*

A porta se abriu bruscamente no instante em que ele levantava a mão para bater e ele ficou olhando o rosto sorridente de um homem que usava uniforme do Próprio do Rei. Isso era tão inesperado que Glokta não o reconheceu a princípio. Então sentiu um jorro de consternação.

– Ora, capitão Luthar. Que surpresa. – *E muito desagradável*.

Ele tinha mudado consideravelmente. Antes era juvenil e harmonioso; agora havia adquirido uma aparência rígida, até mesmo bruta. Antes erguia o queixo numa pose arrogante, ao passo que agora inclinava a cabeça quase como em um pedido de desculpas. Deixara a barba crescer, também, talvez numa tentativa malsucedida de disfarçar uma cicatriz de aparência maligna que lhe atravessava o lábio e descia pelo maxilar. *Se bem que isso não o deixou nem um pouco feio, infelizmente.*

– Inquisidor Glokta… é…

– Superior.

– Verdade? – Luthar piscou. – Bom… nesse caso… – O sorriso fácil de Luthar reapareceu e Glokta ficou surpreso ao ver sua mão ser apertada calorosamente. – Parabéns. Eu adoraria conversar, mas o dever me chama. Não tenho muito tempo para ficar na cidade, veja bem. Vou para o Norte e tal.

– Claro.

Glokta franziu a testa enquanto Jezal saía a passos leves para a rua, com um único olhar furtivo por cima do ombro ao virar a esquina. *Deixando apenas a questão de por que estava ali, para começo de conversa.* Glokta passou mancando pela porta aberta e a fechou silenciosamente. *Se bem que, para ser honesto, um homem saindo da casa de uma mulher de manhã cedo? Não precisamos da Inquisição de Sua Majestade para resolver esse mistério. Eu*

mesmo não saí de um bom número de residências de manhã cedo, afinal de contas? Fingindo ter esperanças de não ser visto, mas na verdade torcendo para ser? Passou pela porta da sala de estar. *Ou teria sido outro homem?*

Ardee West estava de costas para ele e Glokta ouviu o som de vinho caindo numa taça.

– Esqueceu alguma coisa? – perguntou ela por cima do ombro, com voz suave e brincalhona.

Não é um tom que eu costume ouvir das mulheres. Horror, nojo e um levíssimo toque de piedade são mais comuns. Houve um tilintar quando ela guardou a garrafa.

– Ou decidiu que realmente não poderia viver sem outra…

Ardee tinha um sorriso torto quando se virou, mas ele desapareceu no instante que ela viu quem estava ali.

Glokta bufou.

– Não se preocupe, recebo esse tipo de reação de todo mundo. Até de mim mesmo, toda manhã, quando me olho no espelho. – *Isso quando consigo ficar de pé diante daquela porcaria.*

– Não é isso, e você sabe. Eu só não esperava que você entrasse.

– Então todos nós tivemos uma baita surpresa esta manhã. Você nunca vai adivinhar por quem eu passei no seu corredor.

Ela se imobilizou apenas por um momento, depois inclinou a cabeça para trás, sem dar importância, enquanto tomava o vinho.

– Não vai me dar uma dica?

– Certo, vou. – Glokta estremeceu ao se sentar e esticar a perna dolorida diante do corpo. – Um jovem oficial do Próprio do Rei, sem dúvida com um futuro brilhante pela frente. – *Se bem que podemos esperar que não.*

Ardee o olhou com irritação por cima da borda da taça.

– Existem tantos oficiais no Próprio do Rei que eu mal identifico quem é quem.

– Verdade? Este ganhou o Campeonato do ano passado, acho.

– Nem me lembro direito de quem estava na final. Todo ano é igual ao anterior, não acha?

– Verdade. Desde que eu competia, a coisa só vem decaindo. Mas achei que se lembraria desse sujeito. Parece que alguém o acertou na cara com força desde a última vez que nos vimos. E com força, eu poderia dizer. – *Se bem que não tanta quanto eu gostaria.*

– Você está com raiva de mim – disse ela, sem aparentar a menor preocupação.

– Eu diria que estou decepcionado. Mas o que seria de esperar? Achei que

você seria mais inteligente.

– Inteligência não é garantia de sensatez. Meu pai costumava dizer isso o tempo todo. – Ela terminou o vinho com um movimento treinado da cabeça. – Não se preocupe. Posso cuidar de mim.

– Não pode, não. Você deixou isso muito claro. Percebe o que vai acontecer quando as pessoas souberem? Você vai ser desprezada.

– E qual seria a novidade? – Ela deu um riso de escárnio. – Talvez isso o surpreenda, mas recebo poucos convites para o palácio. Nem posso ser considerada um embaraço. Ninguém fala comigo.

Afora eu, claro, mas não sou o tipo de companhia que as jovens desejem.

– As pessoas cagam e andam para o que eu faço. Se descobrirem, não será nada pior do que o esperado de uma mulher imunda como eu. Essas porcarias de plebeus não têm mais autocontrole do que animais, não sabe? De qualquer modo, você não disse que eu podia foder com quem eu quisesse?

– Também disse que quanto menos foda, melhor.

– E acho que era isso que você dizia a todas as suas conquistas, não é?

Glokta deu um sorriso amarelo. *Não exatamente. Eu adulava e implorava, ameaçava e incomodava. Sua beleza me feriu, feriu meu coração! Estou arrasado, vou morrer sem você! Você não tem pena? Não me ama? Eu fazia tudo, a não ser mostrar meus instrumentos, e, depois de conseguir o que desejava, eu as jogava de lado e partia alegre para a próxima, sem olhar para trás.*

– Rá! – bufou Ardee, como se lesse os pensamentos dele. – Sand dan Glokta fazendo sermões sobre os benefícios da castidade? Por favor! Quantas mulheres você arruinou antes que os gurkenses o arruinassem? Você era famoso!

Um músculo começou a tremer no pescoço de Glokta e ele girou o ombro até senti-lo relaxar. *Ela tem razão. Talvez uma palavra suave com o cavalheiro em questão dê resultado. Uma palavra suave ou uma noite dura com o prático Frost.*

– A sua cama é coisa sua, acho, como dizem na Estíria. Por que o capitão Luthar apareceu entre os civis, afinal? Ele não tem nórdicos para perseguir? Quem vai salvar Angland enquanto ele estiver aqui?

– Ele não estava em Angland.

– Não? – *O pai arranjou um belo posto fora de encrenca para ele, é?*

– Ele esteve no Antigo Império, ou algo assim. Atravessou o mar para o ocidente, até longe. – Ardee suspirou como se tivesse ouvido muita coisa a respeito e agora o assunto a entediasse.

– Antigo Império? Que diabo ele foi fazer por lá?

– Por que não pergunta a ele? Foi uma jornada e tanto. Ele falou muito

sobre um nórdico… Nove Dedos, ou algo assim.

Glokta ergueu a cabeça de imediato.

– Nove Dedos?

– U-hum. Ele e um velho careca.

Um arrepio percorreu o rosto de Glokta.

– Bayaz.

Ardee deu de ombros e tomou mais um gole, já demonstrando nos movimentos uma ligeira deselegância bêbada.

Bayaz. Tudo de que precisamos, com uma eleição pela frente, é que aquele velho mentiroso venha intrometer sua careca.

– Ele está aqui, na cidade?

– Como é que eu vou saber? – resmungou Ardee. – Ninguém me conta nada.

Muita coisa em comum

FERRO PISAVA FUNDO pela sala, com uma carranca fechada. Derramava seu desprezo no ar adocicado, nas tapeçarias das paredes, nas grandes janelas e na sacada alta, do lado de fora. Olhava com sarcasmo as pinturas escuras de reis gordos e pálidos, os móveis brilhantes espalhados no piso amplo. Odiava aquele lugar, com as camas moles e as pessoas moles. Preferia infinitamente a poeira e a aridez das Terras Ruins de Kanta. Lá a vida era dura e quente e breve.

Mas pelo menos era honesta.

Esta União, esta cidade de Adua em particular e, acima de tudo, esta fortaleza do Agriont estavam apinhadas de mentiras a ponto de quase explodir. Ela as sentia na pele, como uma mancha oleosa que não conseguia retirar. E Bayaz estava afundado no meio daquilo. Ele a enganara para que cruzasse o mundo com ele em troca de nada. Eles não haviam encontrado nenhuma arma antiga para usar contra os gurkenses. Agora ele sorria, gargalhava e sussurrava segredos com velhos. Homens que entravam suando por causa do calor lá fora e saíam mais suados ainda.

Ela jamais admitiria para ninguém. Detestava ter de admitir a si mesma. Sentia falta de Nove Dedos. Apesar de nunca ter podido demonstrar, havia sido uma tranquilidade ter alguém em quem pudesse confiar ao menos um pouco.

Agora precisava ficar olhando por cima do ombro.

Tudo o que tinha como companhia era o aprendiz, e ele era pior do que nada. Ficava sentado encarando-a em silêncio, o livro ignorado na mesa ao lado. Observando e sorrindo sem alegria, como se soubesse de algo que ela deveria ter adivinhado. Como se a considerasse uma idiota por não ver. Isso só a deixava com mais raiva do que nunca. Por isso andava pela sala, carrancuda para tudo, os punhos cerrados e o maxilar rígido.

– Você deveria voltar para o Sul, Ferro.

Ela parou e fez uma careta de desprezo para Quai. Ele estava certo, claro. Nada lhe agradaria mais do que abandonar para sempre aqueles rosados sem deus e lutar contra os gurkenses com armas que ela entendia. Arrancar a vingança a dentadas, se necessário. Ele estava certo, mas isso não mudava nada. Ferro nunca fora boa em aceitar conselhos.

– O que você sabe sobre o que eu deveria fazer, seu idiota rosado magricelo?

– Mais do que você imagina. – Ele não afastou os olhar indolente nem por

um instante. – Nós dois somos muito parecidos. Você não vê isso, mas somos. Temos muita coisa em comum.

Ferro franziu a testa. Não sabia o que o idiota doentio queria dizer, mas não estava gostando.

– Bayaz não vai lhe dar nada que você precisa. Ele não é de confiança. Descobri isso tarde demais, mas você ainda tem tempo. Você deveria encontrar outro senhor.

– Eu não tenho senhor – rebateu ela. – Sou livre.

Um canto dos lábios pálidos de Quai subiu com um tremor.

– Nenhum de nós dois jamais será livre. Vá. Aqui não há nada para você.

– Por que você fica, então?

– Por vingança.

Ferro franziu a testa mais ainda.

– Vingança por quê?

O aprendiz se inclinou para a frente, os olhos brilhantes fixos nos dela. A porta se abriu com um rangido e ele fechou a boca, se recostou e olhou pela janela. Como se não estivesse prestes a falar nada.

Aprendiz maldito, com suas charadas malditas. Ferro virou a carranca para a porta.

Bayaz entrou devagar na sala segurando com cuidado uma xícara de chá. Nem ao menos olhou na direção de Ferro ao se dirigir à porta aberta da sacada. Mago desgraçado. Ela foi andando atrás, irritada, estreitando os olhos por causa da claridade. Estavam num andar alto, e o Agriont se espalhava diante deles, como quando ela e Nove Dedos haviam passado sobre os telhados, tanto tempo atrás. Grupos de rosados preguiçosos e à toa se formavam na grama lustrosa, lá embaixo, da mesma forma de antes de Ferro partir para o Antigo Império. No entanto nada era o mesmo.

Em todo canto da cidade, agora, havia uma espécie de medo. Ela podia ver em cada rosto mole e pálido. Em cada palavra e gesto. Uma expectativa sufocada, como o ar antes da chegada de uma tempestade. Como um campo de capim seco, pronto para explodir em chamas com a menor fagulha. Ela não sabia o que eles esperavam, e não se importava.

Mas tinha ouvido muitas falas sobre eleição.

O Primeiro dos Magos a observou passar pela porta, com o sol brilhando na lateral da cabeça careca.

– Chá, Ferro?

Ela odiava chá e Bayaz sabia disso. Chá era o que os gurkenses bebiam quando pensavam em traição. Ela se lembrava dos soldados bebendo chá quando ela lutava na poeira. Lembrava-se dos mercadores de escravos bebendo ao

discutir preços. Lembrava-se de Uthman bebendo enquanto ria de sua raiva e seu desamparo. Agora Bayaz bebia aquilo, com a pequena xícara segura delicadamente entre o polegar grosso e o indicador, e sorria.

Ferro trincou os dentes.

– Para mim acabou, rosado. Você prometeu vingança e não me deu nada. Vou voltar para o Sul.

– Vai? Seria uma pena perder você. Mas Gurkhul e a União estão em guerra. Não há navios partindo para Kanta no momento. Pode não haver por um bom tempo.

– Então como vou chegar lá?

– Você deixou claro que não está sob minha responsabilidade. Coloquei um teto sobre sua cabeça e você não demonstra gratidão. Se quiser ir embora, pode fazer os próprios arranjos. Meu irmão Yulwei deve retornar em pouco tempo. Talvez ele esteja disposto a colocá-la sob a asa.

– Não basta.

Bayaz a encarou. Era uma expressão temível, talvez, mas Ferro não era Pé Comprido, nem Luthar, nem Quai. Não tinha senhor e jamais voltaria a ter.

– Eu disse que isso não basta!

– Por que insiste em testar os limites da minha paciência? Ela não é infinita e você sabe.

– Nem a minha.

Bayaz bufou.

– A sua mal tem início, como sem dúvida o mestre Nove Dedos poderia testemunhar. Eu declaro, Ferro, que você tem o charme de um bode, e um bode mal-humorado.

Ele projetou o lábio, inclinou a xícara e sugou delicadamente. Só com um esforço enorme Ferro conseguiu não arrancá-la com um tapa e aproveitar para acertar a cara do desgraçado careca.

– Mas se continua desejando lutar contra os gurkenses…

– Sempre.

– Então garanto que ainda posso arranjar uso para seus talentos. Algo que não exija senso de humor. Meus objetivos com relação aos gurkenses não mudaram. A luta deve continuar, ainda que com outras armas.

Os olhos dele se desviaram para o lado, em direção à grande torre que se erguia acima da fortaleza.

Ferro sabia pouco sobre beleza e se importava menos ainda com ela, mas para a sua mente aquele prédio era uma coisa linda. Não havia suavidade nem tolerância naquela montanha de pedra nua. Havia uma honestidade brutal em sua forma. Uma precisão implacável no negrume e na nitidez de seus ângulos. Algo

naquilo a fascinava.

– Que lugar é aquele? – perguntou.

Bayaz estreitou os olhos para ela.

– A Casa do Artífice.

– O que há dentro?

– Não é da sua conta.

Ferro quase cuspiu de irritação.

– Você morou lá. Você serviu a Kanedias. Você ajudou o Artífice em suas obras. Você contou tudo isso, nas planícies. Então diga: o que há dentro?

– Você tem boa memória, Ferro, mas se esqueceu de uma coisa. Nós não encontramos a Semente. Por isso não preciso de você. Não preciso mais, sobretudo, responder a suas perguntas intermináveis. Imagine como estou consternado.

Tomou outro gole afetado do chá, levantando as sobrancelhas e espiando os rosados preguiçosos no parque.

Ferro forçou um sorriso. Ou o mais próximo de um sorriso que conseguiu. Pelo menos mostrou os dentes. Lembrava-se bastante bem do que a velha amarga, Cawneil, dissera e quanto aquilo o irritara. Faria o mesmo.

– O Artífice. Você tentou roubar os segredos dele. Tentou roubar a filha dele. O nome dela era Tolomei. O pai a jogou do telhado. Por ter aberto os portões para você. Estou errada?

Bayaz jogou as últimas gotas do chá por cima da sacada. Ferro as observou brilhar ao sol forte enquanto caíam.

– É, Ferro, o Artífice jogou a filha do telhado. Parece que nós dois somos infelizes no amor, hein? Azar o nosso. Azar maior o de nossos amantes. Quem sonharia que teríamos tanto em comum?

Ferro pensou em jogar o maldito rosado da varanda, atrás do chá. Mas ele ainda lhe devia e ela pretendia cobrar. Por isso apenas fez uma carranca de desprezo e voltou pela porta.

Havia um recém-chegado na sala. Um homem de cabelo encaracolado e sorriso largo. Levava um cajado comprido na mão, uma bolsa de couro gasto no ombro. Havia algo estranho em seus olhos – um era claro e o outro, escuro. Algo em seu olhar atento deixou Ferro com suspeitas. Mais ainda do que o usual.

– Ah, a famosa Ferro Maljinn. Perdoe minha curiosidade, mas não é todo dia que encontramos uma pessoa da sua… ancestralidade notável.

Ferro não gostou de ver que ele sabia seu nome, ou sua ancestralidade, ou qualquer coisa sobre ela.

– Quem é você?

– Onde estão meus bons modos? Sou Yoru Sulfur, da Ordem dos Magos.

Ele lhe estendeu a mão. Ela não a segurou, mas ele apenas sorriu.

– Não sou um dos doze originais, claro que não. Sou meramente uma ideia posterior, um acréscimo. Já fui aprendiz do grande Bayaz.

Ferro bufou. Isso não o qualificava como alguém em quem pudesse confiar.

– E por que não é mais?

– Eu me formei.

Bayaz colocou a xícara ruidosamente sobre uma mesa junto à janela.

– Yoru – disse ele, e o recém-chegado baixou a cabeça com humildade. – Obrigado pelo seu trabalho até agora. Preciso e objetivo, como sempre.

O sorriso de Sulfur ficou mais largo.

– Sou uma pequena engrenagem numa grande máquina, mestre Bayaz, mas tento ser uma engrenagem forte.

– Você ainda não me desapontou. Não me esqueço disso. Como vai sua próxima tarefa?

– Pronta para começar, às suas ordens.

– Comecemos agora. Não ganharemos nada com adiamentos.

– Farei os preparativos. Também trouxe isto que o senhor pediu.

Ele tirou a bolsa do ombro e enfiou a mão dentro, com cuidado. Devagar, pegou um livro. Grande e preto, com a capa pesada cortada, rasgada e marcada por fogo.

– O livro de Glustrod – murmurou baixinho, como se tivesse medo de dizer as palavras.

Bayaz franziu a testa.

– Fique com ele por ora. Houve uma complicação inesperada.

– Uma complicação? – repetiu Sulfur e enfiou o livro de volta na bolsa, com algum alívio.

– O que nós procurávamos… não estava lá.

– Então…

– Com relação aos nossos planos, nada mudou.

– Claro – disse Sulfur e baixou a cabeça de novo. – Lorde Isher já deve estar a caminho.

– Muito bem – falou Bayaz, depois olhou para Ferro como se tivesse acabado de se lembrar que ela estava ali. – Poderia deixar a sala para nós por enquanto? Preciso receber uma visita.

Ela ficou satisfeita em sair, mas se demoraria por ali só porque Bayaz queria que ela saísse depressa. Descruzou os braços, ficou parada e se espreguiçou. Foi seguindo até a porta num trajeto amplo e sinuoso, deixando os pés se arrastarem nas tábuas, enchendo a sala com um barulho irritante. Parou no caminho para olhar uma pintura, mexer numa cadeira, dar um peteleco num pote

brilhante, ainda que nada disso lhe interessasse. O tempo todo Quai a observava e Bayaz franzia a testa, e Sulfur ria seu risinho astucioso. Ela parou junto à porta.

– Agora?

– É, agora – respondeu Bayaz com rispidez.

Ela olhou mais uma vez para a sala.

– Porra de magos – bufou e passou pela porta.

Quase trombou com um rosado alto e velho no cômodo adjacente. Ele usava um manto grosso, mesmo naquele calor, e tinha uma corrente brilhante em volta dos ombros. Havia um homem grande atrás dele, sério e atento. Um guarda. Ferro não gostou da aparência do velho rosado. Ele olhou para ela por cima do nariz, com o queixo levantado, como se ela fosse um cachorro.

Como se fosse uma escrava.

– Sssss – sibilou Ferro na cara dele, ao passar esbarrando nele com o ombro.

Ele bufou de ultraje e seu guarda olhou de cara feia para Ferro. Ela o ignorou. Cara feia não significava nada. Se ele quisesse levar uma joelhada nas fuças era só tentar encostar nela. Mas não tentou. Os dois passaram pela porta.

– Ah, lorde Isher! – Ela ouviu Bayaz dizer, logo antes que a porta se fechasse. – Fico deliciado que o senhor tenha podido nos visitar tão prontamente!

– Vim de imediato. Meu avô sempre dizia que…

– Seu avô era um homem sábio e um bom amigo. Eu gostaria de discutir com o senhor, se for possível, a situação do Conselho Aberto. Aceita um chá?

Honestidade

JEZAL ESTAVA DEITADO de costas, as mãos atrás da cabeça, os lençóis ao redor da cintura. Observava Ardee, que olhava pela janela com os cotovelos no parapeito e o queixo apoiado nas mãos. Observava Ardee e agradecia ao destino porque algum antigo projetista de equipamentos militares achara adequado dar um casaco acinturado aos oficiais do Próprio do Rei. Agradecia profunda e solenemente, porque seu casaco era tudo o que ela usava.

Era incrível como as coisas haviam mudado entre os dois desde aquele reencontro amargo e desconcertante. Durante uma semana não tinham passado sequer uma noite longe um do outro e durante uma semana o sorriso praticamente não saíra do rosto dele. Às vezes a lembrança surgia, claro, uma intrusa com terríveis surpresas, como um cadáver inchado que subisse à superfície de um lago durante um piquenique à sua margem: Ardee mordendo-o e batendo nele, chorando e gritando com ele. Mas, quando isso acontecia, ele forçava um sorriso e a via sorrir em resposta, e logo podia empurrar para longe esses pensamentos desagradáveis, pelo menos por algum tempo. Depois se parabenizava por ser adulto o bastante para fazer isso e por dar a ela o benefício da dúvida.

– Ardee – chamou.

– Huum?

– Volte para a cama.

– Por quê?

– Porque eu amo você.

Era estranho como, quanto mais ele dizia, mais fácil ficava.

Ela deu um suspiro entediado.

– É o que você vive dizendo.

– É verdade.

Ela girou, as mãos apoiadas no parapeito, o corpo uma silhueta escura contra a janela iluminada.

– E o que isso significa, exatamente? Que você está me comendo há uma semana e ainda não se fartou?

– Acho que nunca vou me fartar.

– Bom… – Ela se afastou da janela e foi andando na direção dele. –… acho que não há mal em descobrir, não é? Pelo menos não há mal a mais. – Ela parou ao pé da cama. – Só me prometa uma coisa.

Jezal engoliu em seco, preocupado com o que ela poderia pedir, preocupado com o que ele poderia dizer em resposta.

– Qualquer coisa – murmurou, obrigando-se a sorrir.

– Não me decepcione.

O sorriso dele ficou mais fácil. Não era tão difícil concordar com isso. Ele era um novo homem, afinal de contas.

– Claro, prometo.

– Que bom.

Ela subiu na cama, de quatro, o olhar fixo no rosto dele enquanto Jezal retorcia os dedos dos pés, ansioso, embaixo do lençol. Ela se ajoelhou com uma perna de cada lado dele e alisou o casaco no peito.

– E então, capitão, eu passo na sua inspeção?

– Eu diria… – E ele agarrou a frente do casaco e o puxou para baixo, depois enfiou as mãos dentro dele. –… que você é sem dúvida… – Colocou a mão embaixo do seio e esfregou o mamilo com o polegar. –… o soldado mais apresentável da minha companhia.

Ela apertou a virilha contra a dele, através do lençol, e moveu o quadril para a frente e para trás.

– Ah, o capitão já está em posição de sentido…

– Para você? Sempre…

A boca de Ardee lambeu e sugou a dele, espalhando saliva em seu rosto, e ele enfiou a mão entre as pernas dela enquanto ela se esfregava de encontro a ele, os dedos úmidos entrando e saindo sonoramente. Ardee gemeu e deixou escapar um suspiro do fundo da garganta, e ele fez o mesmo. Ela baixou a mão e tirou o lençol do caminho. Ele segurou o pau e ela mexeu o quadril até encontrarem o lugar certo e então ela desceu sobre ele, com o cabelo fazendo cócegas em seu rosto, a respiração irregular em seu ouvido estimulando-o.

Duas batidas fortes soaram à porta e eles se imobilizaram. Mais duas batidas. Ardee levantou a cabeça e afastou o cabelo do rosto enrubescido.

– O que é? – gritou ela, a voz rouca e pesada.

– Tem alguém procurando o capitão – falou a empregada. – Ele… ele ainda está aqui?

Os olhos de Ardee se reviraram na direção de Jezal.

– Acho que posso mandar uma mensagem a ele.

Jezal mordeu o lábio para conter uma gargalhada, depois beliscou o mamilo dela. Ardee deu um tapa em sua mão.

– Quem é?

– Um cavaleiro arauto!

Jezal sentiu o sorriso sumir. Aqueles desgraçados nunca traziam boas

notícias e sempre chegavam nos piores momentos.

– O lorde marechal Varuz precisa falar urgentemente com o capitão. Estão procurando por ele por toda a cidade.

Jezal xingou baixinho. O exército havia percebido que ele voltara.

– Diga a ele que avisarei o capitão quando o vir! – gritou Ardee, e o som de passos foi sumindo pelo corredor.

– Merda! – sussurrou Jezal quando teve certeza de que a empregada estava longe. Não que ela pudesse ter muita dúvida do que estivera acontecendo ali nos últimos dias e noites. – Preciso ir.

– Agora?

– Agora. Desgraçados! Se eu não for, vão continuar procurando. Quanto antes eu for, mais cedo posso voltar.

Ela suspirou e rolou de costas. Jezal deslizou para fora da cama e começou a procurar as roupas espalhadas pelo quarto. A camisa tinha uma mancha de vinho na frente, as calças estavam amarrotadas e emboladas, mas teriam de servir. Exibir uma imagem perfeita não era mais seu único objetivo na vida. Sentou-se na cama para calçar as botas e sentiu Ardee se ajoelhar atrás, com as mãos deslizando em seu peito, os lábios roçando sua orelha enquanto sussurrava:

– Então vai me deixar sozinha de novo, não é? Vai para Angland, trucidar nórdicos com o meu irmão?

Jezal se inclinou para baixo com alguma dificuldade e enfiou uma bota.

– Talvez. Talvez não.

A ideia de viver como soldado já não o empolgava. Vira violência suficiente de perto para saber que ela era apavorante demais e doía feito o diabo. Fama e glória parecia uma recompensa magra por todos os riscos envolvidos.

– Estou pensando seriamente em abandonar minha patente.

– Está? E vai fazer o quê?

– Não sei – confessou ele e virou a cabeça na direção dela, erguendo uma sobrancelha. – Talvez eu encontre uma boa mulher e sossegue.

– Uma boa mulher? Você conhece alguma?

– Eu esperava que você tivesse alguma sugestão.

Ela franziu os lábios.

– Deixe-me pensar. Ela precisa ser bonita?

– Não, não, as mulheres bonitas são exigentes demais. Deve ser simples como água, por favor.

– Inteligente?

Jezal bufou.

– Tudo menos isso. Sou conhecido por minha cabeça oca. Uma mulher inteligente só me faria parecer um pateta o tempo todo – garantiu ele e, calçando

a outra bota, afastou as mãos dela e se levantou. – Uma bezerra de olhos arregalados e sem pensamentos seria ideal. Alguém que concordasse comigo o tempo todo.

Ardee bateu palmas.

– Ah, sim, posso vê-la pendurada no seu braço como um vestido vazio, uma espécie de eco seu com uma voz mais aguda. Mas de sangue nobre, não é?

– Claro, nada a não ser o melhor. Este é um ponto em que eu jamais poderia ceder. E de cabelos claros, porque tenho uma queda por cabelos claros.

– Ah, concordo plenamente. Cabelo escuro é muito comum, tem muita cor de terra, de sujeira, imundície. – Ela estremeceu. – Eu me sinto suja só de pensar.

– Acima de tudo – ele enfiou a espada pela presilha do cinto –, alguém de temperamento dócil e estável. Já tive surpresas suficientes.

– É claro. A vida já é bem difícil sem uma mulher causando problemas, o que é terrivelmente indigno – brincou ela e, erguendo as sobrancelhas, completou: – Vou pensar nas minhas conhecidas.

– Excelente. Enquanto isso, e apesar de você usá-lo com muito mais brilho do que eu jamais poderia, vou precisar do meu casaco.

– Ah, sim, senhor.

Ela o tirou e jogou para ele, depois se esticou na cama, totalmente nua, as costas arqueadas, as mãos acima da cabeça, contorcendo o quadril devagar, para trás e para a frente, um dos joelhos no ar, a outra perna estendida, o dedão do pé apontado para ele.

– Mas você não vai me deixar sozinha muito tempo, vai?

Ele a encarou por um instante.

– Não ouse se mover um centímetro que seja – conseguiu dizer.

Depois vestiu o casaco, enfiou o pau entre as pernas das calças e saiu meio encurvado pela porta. Esperava que ele amolecesse antes da reunião com o lorde marechal, mas não podia garantir.

Mais uma vez Jezal se via numa das gigantescas e sombrias salas do juiz supremo Marovia, sozinho no piso vazio, diante da enorme mesa polida onde três velhos o olhavam sérios do outro lado.

Quando o funcionário fechou a grande porta dupla com um estrondo que ecoou, ele experimentou a sensação profundamente preocupante de já ter passado por aquela experiência. O dia em que fora tirado do barco que ia para Angland, afastado dos amigos e das ambições, para ser mandado numa jornada louca e condenada ao fracasso no meio do nada. Uma jornada que lhe custara parte da aparência e quase a vida. Era seguro dizer que não gostava de estar ali

de novo e esperava com fervor obter um resultado melhor dessa vez.

Sob esse ângulo, a ausência do Primeiro dos Magos era um ponto um tanto positivo, mesmo que, afora isso, o grupo não fosse nem um pouco reconfortante. Encarando-o estavam os rostos duros e velhos do lorde marechal Varuz, do juiz supremo Marovia e do lorde camarista Hoff.

Varuz estava ocupado alardeando os belos feitos de Jezal no Antigo Império. Evidentemente, ele ouvira uma versão dos acontecimentos muito diferente do que o próprio Jezal recordava.

– Grandes aventuras no ocidente, pelo que eu soube, trazendo honra para a União em campos estrangeiros. Fiquei particularmente impressionado com a história de seu ataque ao atravessar a ponte em Darmium. Isso aconteceu mesmo como me contaram?

– Ao atravessar a ponte, senhor, bem, na verdade, é…

Ele deveria perguntar ao velho idiota de que diabo ele falava, mas estava ocupado demais pensando em Ardee, deitada nua. À merda seu país. O dever que se danasse. Ele podia abandonar tudo agora e estar de volta à cama dela em menos de uma hora.

– O negócio é que… – tentou falar Jezal mais uma vez.

– Essa foi a sua predileta, foi? – perguntou Hoff, baixando a taça. – A que mais me atraiu foi a história da filha do imperador.

Ele olhou para Jezal com um brilho nos olhos que sugeria uma história picante.

– Honestamente, Vossa Excelência, não faço a mínima ideia de como esse boato começou. Nada desse tipo ocorreu, garanto. Parece que a coisa toda foi bastante exagerada…

– Bom, um boato glorioso vale dez verdades decepcionantes, não concorda?

Jezal piscou.

– Bom, hum, creio que…

– De qualquer modo – interveio Varuz –, o Conselho Fechado recebeu relatórios excelentes sobre sua conduta no estrangeiro.

– Recebeu?

– Relatórios múltiplos e variados, todos impecáveis.

Jezal não pôde deixar de rir, mas precisou se perguntar de onde teriam vindo esses relatórios. Não conseguia imaginar Ferro Maljinn elogiando suas ótimas qualidades.

– Bom, os senhores são muito gentis, mas devo…

– Em recompensa por sua dedicação e coragem nessa tarefa difícil e vital, tenho o enorme prazer de anunciar que o senhor foi promovido ao posto de coronel, com efeito imediato.

Os olhos de Jezal se arregalaram.

– Fui?

– Foi, meu rapaz, e ninguém poderia merecer mais.

Subir dois postos em uma tarde era uma honra sem precedentes, em especial quando ele não havia lutado em nenhuma batalha, não realizara nenhum feito de valor e não fizera nenhum grande sacrifício. A não ser que abandonar a cama da irmã de seu melhor amigo em pleno ato contasse. Era um sacrifício, sem dúvida, mas não do tipo que geralmente merecia o favor do rei.

– Eu, é, eu…

Ele não conseguiu evitar um brilho de satisfação. Uniforme novo com mais tranças e assim por diante, além de mais pessoas a quem dizer o que fazer. Fama e glória era uma recompensa magra, talvez, mas ele já correra os riscos, agora só precisava dizer sim. Não tinha sofrido? Não tinha merecido?

Não precisou pensar muito. Na verdade, nem precisou pensar. A ideia de deixar o exército e se estabelecer lhe fugiu rapidamente.

– Eu me sinto honrado em aceitar essa… hum… honra excepcional.

– Então todos nós estamos igualmente deliciados – disse Hoff, azedo. – Agora aos negócios. O senhor sabe, *coronel* Luthar, que vêm acontecendo problemas com os camponeses?

Surpreendentemente, nenhuma notícia havia chegado ao quarto de Ardee.

– Imagino que nada sério, não é, Excelência?

– Não, a não ser que o senhor considere séria uma revolta em pleno curso.

– Revolta? – repetiu Jezal e engoliu em seco.

– Há um homem, o Curtidor – disse com desprezo o lorde camarista. – Ele tem percorrido o campo há meses, espalhando a insatisfação, plantando as sementes da desobediência, incitando os camponeses a crimes contra seus patrões, contra seus senhores, contra seu rei!

– Ninguém jamais suspeitou que a coisa chegaria ao ponto de uma rebelião explícita – completou Varuz, remexendo a boca com raiva. – Mas, depois de uma manifestação perto de Keln, um grupo de camponeses encorajados por esse tal Curtidor se armou e se recusou a debandar. Eles obtiveram uma vitória sobre o proprietário de terras da região e a insurreição se espalhou. Ouvimos dizer que ontem eles esmagaram uma força significativa sob o comando de lorde Finster, queimaram seu solar e enforcaram três coletores de impostos. Estão devastando o campo e vindo na direção de Adua.

– Devastando? – murmurou Jezal, olhando para a porta. Devastar era de fato uma palavra muito pesada.

– É um negócio muito lamentável – gemeu Marovia. – Metade deles é de homens honestos, fiéis ao rei, pressionados a fazer isso por causa da cobiça de

seus senhorios.

Varuz deu um risinho de nojo.

– Não pode haver desculpa para a traição! A outra metade é de ladrões, patifes e descontentes. Eles deveriam ser chicoteados e mandados para o cadafalso!

– O Conselho Fechado tomou uma decisão – interveio Hoff. – Esse tal Curtidor declarou a intenção de apresentar uma lista de exigências ao rei. Ao rei! Novas liberdades. Novos direitos. Cada homem deve ser igual ao seu irmão e outros absurdos perigosos assim. Logo todos saberão que eles estão vindo e haverá pânico. Tumultos em apoio aos camponeses e tumultos contra eles. As coisas já estão equilibradas sobre um fio de navalha. Duas guerras acontecendo e o rei com saúde precária, sem herdeiro! – Hoff bateu com o punho na mesa, o que fez Jezal dar um pulo. – Eles não devem ter permissão de chegar à cidade.

O marechal Varuz cruzou as mãos diante do corpo.

– Os dois regimentos do Próprio do Rei que permaneceram na Terra do Meio serão mandados para enfrentar essa ameaça. Foi preparada uma lista de concessões. – Ele fez uma careta ao dizer a última palavra. – Se os camponeses aceitarem a negociação e retornarem aos seus lares, terão a vida poupada. Se esse tal Curtidor não enxergar a razão, seu suposto exército deve ser destruído. Dispersado. Despedaçado.

– Morto – concluiu Hoff, esfregando uma mancha na mesa com o polegar grosso. – E os líderes devem ser entregues à Inquisição de Sua Majestade.

– Lamentável – murmurou Jezal sem pensar, sentindo um tremor frio à simples menção dessa instituição.

– Necessário – disse Marovia, balançando a cabeça com tristeza.

– Mas nem um pouco fácil – comentou Varuz, que franziu a testa para Jezal, do outro lado da mesa. – Em cada povoado, em cada cidade, em cada campo e fazenda por onde eles passaram, conseguiram mais recrutas. O país está apinhado de descontentes. Mal disciplinados, claro, e mal equipados, mas nossa última estimativa é de que são cerca de 40 mil.

– Quarenta… mil? – balbuciou Jezal, remexendo-se com nervosismo.

Tinha suposto que talvez estivessem falando de algumas centenas, e sem calçados adequados. Não haveria perigo ali, claro, na segurança das muralhas do Agriont, das muralhas da cidade. Mas 40 mil era uma quantidade medonha de homens raivosos. Mesmo que fossem camponeses.

– O Próprio do Rei está fazendo os preparativos: um regimento de cavalaria e um de infantaria. Tudo o que falta agora é um comandante para a expedição.

– Hã – grunhiu Jezal.

Não invejava o cargo desse infeliz, comandando uma força menor, numa

relação de cinco para um, contra um punhado de selvagens instigados pela indignação e por pequenas vitórias, embriagados de ódio pelos nobres e pela monarquia, sedentos de sangue e saques…

Os olhos de Jezal se arregalaram mais ainda.

– Eu?

– Você.

Ele se atrapalhou procurando as palavras:

– Eu não desejo parecer… ingrato, os senhores entendem, mas, com certeza, quero dizer, deve haver homens mais adequados à tarefa. Lorde marechal, o senhor mesmo já…

– É um momento complicado – falou Hoff e olhou sério para Jezal, sob as sobrancelhas fartas. – Um momento muito complicado. Precisamos de alguém sem… afiliações. Precisamos de alguém com ficha limpa. Você se encaixa admiravelmente no perfil.

– Mas… negociar com camponeses, Excelência, Meritíssimo, lorde marechal, eu não tenho conhecimento das questões! Não tenho conhecimento da lei!

– Não somos cegos às suas deficiências – disse Hoff. – Por isso haverá um representante do Conselho Fechado com você. Alguém que possua um conhecimento inquestionável em todas essas áreas.

De repente uma mão pesada bateu no ombro de Jezal.

– Eu lhe disse que seria em breve, meu rapaz!

Jezal virou a cabeça devagar, com um terrível sentimento de consternação revirando seu estômago, e ali estava o Primeiro dos Magos, rindo na sua cara, a uma distância de não mais de 30 centímetros; muito presente, afinal de contas. Não era surpresa, de fato, que o careca intrometido se envolvesse naquilo. Acontecimentos estranhos e dolorosos pareciam vir atrás dele como cães vagabundos latindo atrás da carroça do açougueiro.

– O exército de camponeses, se é que podemos chamar assim, está acampado a quatro dias de marcha tranquila, espalhados pelo campo, em busca de comida – informou Varuz, que se inclinou para a frente e espetou um dedo na mesa. – Vocês partirão imediatamente para interceptá-lo. Nossas esperanças estão nisso, coronel Luthar. Entende suas ordens?

– Sim, senhor – sussurrou Jezal, tentando e fracassando absolutamente em parecer entusiasmado.

– Nós dois, juntos outra vez? – Bayaz deu um risinho. – É melhor eles fugirem correndo, hein, meu rapaz?

– Claro – murmurou Jezal, arrasado.

Ele tivera sua chance de escapar, a chance de começar uma vida nova, e

havia trocado isso por uma ou duas estrelas a mais no uniforme. Tarde demais percebeu o erro gritante. Bayaz apertou seu ombro com força, puxou-o para uma distância paternal e não pareceu disposto a soltá-lo. Não havia saída.

Jezal saiu apressado pela porta de seu alojamento, xingando enquanto arrastava seu baú. Era de fato uma temeridade ser obrigado a carregar a própria bagagem, mas o tempo era um fator extremamente crucial se ele quisesse salvar a União da loucura de seu povo. Chegara a considerar a ideia de correr para o cais e comprar uma passagem no primeiro navio para a distante Suljuk, mas descartara isso com raiva. Aceitara de forma consciente sua promoção; agora não tinha escolha a não ser ir em frente. Era melhor fazer do que viver com medo, coisa e tal. Girou a chave na fechadura, virou-se e se encolheu, ofegante com um som de espanto que pareceu ter saído de uma menininha. Havia alguém nas sombras do outro lado de sua porta, e a sensação de horror só piorou quando ele percebeu quem era.

O aleijado Glokta estava encostado na parede, apoiando-se pesadamente na bengala e dando seu sorriso repulsivo e desdentado.

– Uma palavra, coronel Luthar.

– Se é sobre a questão dos camponeses, ela está bem encaminhada. – Jezal não conseguia afastar de todo a expressão de nojo em seu rosto. – Não precisa se incomodar com…

– Não é sobre isso.

– Então o que é?

– Ardee West.

De repente o corredor pareceu muito vazio, muito quieto. Os soldados, os oficiais, os serviçais, todos tinham ido para longe, para Angland. Restavam apenas eles dois no quartel inteiro, pelo que Jezal sabia.

– Não sei como isso interessa a…

– O irmão dela, nosso amigo Collem West, você se lembra dele? Um sujeito com cara de preocupado, que está perdendo o cabelo. Um tanto esquentado.

Jezal sentiu um rubor de culpa no rosto. Lembrava-se muito bem do sujeito, claro, e particularmente de seu temperamento.

– Ele me procurou pouco antes de partir para a guerra em Angland. Pediu para eu cuidar do bem-estar da irmã enquanto estivesse longe, arriscando a vida. Eu prometi fazer isso. – Glokta arrastou os pés ligeiramente mais para perto e a carne de Jezal se arrepiou. – Uma responsabilidade que, garanto, levo tão a sério quanto qualquer tarefa que o arquileitor queira me entregar.

– Sei – grasnou Jezal.

Isso certamente explicava a presença do aleijado na casa dela no outro dia, o que, até ali, lhe causara certa inquietação. Mas ele não sentiu mais tranquilidade ao descobrir o motivo. De fato, sentiu muito menos.

– Não creio que Collem West ficaria satisfeito com o que vem acontecendo nesses últimos dias. E você?

Jezal jogou o peso do corpo de um pé para o outro, cheio de culpa.

– Admito que venho visitando-a…

– Suas visitas – sussurrou o aleijado – não são boas para a reputação da jovem. Há três opções. A primeira, minha predileta: você vai embora e finge que nunca a conheceu e nunca mais a vê.

– Inaceitável – pegou-se Jezal dizendo, com tom surpreendentemente ousado.

– A segunda, então: você se casa com a dama e tudo será esquecido.

Era um caminho que Jezal vinha cogitando, mas de jeito nenhum seria forçado a isso por aquele resto retorcido de homem.

– E a terceira? – questionou, com o que considerou ser a dose certa de desdém.

– A terceira? – repetiu Glokta, com tremores rápidos e particularmente nauseantes subindo pela lateral de seu rosto devastado. – Não creio que você queira saber muito sobre a terceira opção. Só digamos que incluirá uma longa noite de paixão com uma fornalha e um conjunto de navalhas, além de uma manhã mais longa ainda envolvendo um saco, uma bigorna e o fundo do canal. Talvez você prefira uma das outras duas opções.

Antes que percebesse, Jezal tinha dado um passo adiante, forçando Glokta a recuar, encolhendo-se, contra a parede.

– Não preciso me explicar a você! Minhas visitas têm a ver comigo e com a dama em questão, mas, para sua informação, eu decidi há muito tempo me casar com ela, e estou apenas esperando o momento certo!

Jezal ficou parado no escuro, praticamente incapaz de acreditar no que acabara de dizer. Boca maldita, ainda o metia em todo tipo de encrenca.

O estreito olho esquerdo de Glokta piscou.

– Ah, sorte dela.

Jezal se pegou avançando de novo, quase acertando o aleijado no rosto e esmagando-o contra a parede.

– Isso mesmo! Portanto pode enfiar suas ameaças nessa bunda aleijada!

Mesmo esmagado contra a parede, a surpresa de Glokta só durou um instante. Então ele deu seu sorriso banguela, com a pálpebra estremecendo e uma lágrima escorrendo pelo rosto magro.

– Ora, coronel Luthar, é difícil me concentrar com você tão perto. – Ele

acariciou a frente do uniforme de Jezal com as costas da mão. – Sobretudo dado seu súbito interesse pela minha bunda.

Jezal recuou bruscamente, com a boca azeda de nojo.

– Parece que Bayaz teve sucesso onde Varuz fracassou, hein? Ele lhe ensinou onde estão os seus bagos! Parabéns pelo futuro casamento. Mas acho que manterei minhas navalhas a postos, só para o caso de você desistir. Estou felicíssimo por termos tido a chance de conversar.

Glokta foi mancando para a escada, com a bengala batendo nas tábuas e o pé esquerdo se arrastando atrás.

– Eu também estou! – gritou Jezal.

Mas nada poderia estar mais distante da verdade.

Fantasmas

UFFRITH ESTAVA DIFERENTE. Claro, Logen vira o lugar pela última vez fazia anos, à noite, depois do cerco. Multidões de Carls de Bethod percorriam as ruas – gritando, cantando e bebendo. Procurando pessoas para roubar e estuprar, incendiando tudo o que pudesse pegar fogo. Logen se lembrou de ter ficado deitado num quarto depois de derrotar Três Árvores, chorando e gorgolejando por causa da dor no corpo inteiro. Lembrava-se de ter olhado pela janela com uma careta, vendo o brilho das chamas, ouvindo os gritos na cidade, desejando estar lá fora fazendo maldades e imaginando se algum dia conseguiria se levantar de novo.

Agora o lugar estava diferente, com a União no controle, mas não muito mais organizado. O porto cinzento se achava atulhado de navios grandes demais para os embarcadouros. Soldados enchiam as ruas estreitas, largando equipamentos em todo lugar. Carroças, mulas e cavalos, com pilhas de cargas, tentavam abrir caminho pela confusão. Feridos mancavam com muletas, indo em direção ao cais, ou eram carregados em macas sob a chuva fina, as bandagens ensanguentadas observadas pelos olhos arregalados dos rapazes de rosto intacto que iam na direção contrária. Aqui e ali, perplexos diante da enxurrada de estranhos que percorriam sua cidade, alguns nórdicos ficavam parados junto às portas. Principalmente mulheres, crianças e velhos.

Logen subia rápido as ladeiras, passando pela multidão com a cabeça baixa coberta pelo capuz. Mantinha os punhos cerrados ao lado do corpo, para que ninguém visse o cotoco do dedo que faltava. Mantinha a espada que Bayaz lhe dera enrolada num cobertor às costas, sob a bolsa, onde não deixaria ninguém nervoso. Mesmo assim seus ombros comichavam a cada passo. Esperava que alguém gritasse: “É o Nove Sangrento!” Esperava que as pessoas começassem a correr, a gritar, a atirar lixo nele, seus rostos estampados de horror.

Mas ninguém fez isso. Uma figura a mais que não pertencia ao lugar não era nada para ser admirado em todo aquele caos úmido, e se havia alguém que pudesse reconhecê-lo, não estava à sua procura. Provavelmente todos tinham ouvido dizer que ele voltara à lama, longe, e estavam satisfeitos com isso. Mesmo assim não havia sentido em ficar mais tempo do que o necessário. Foi até um oficial da União que parecia estar no comando de alguma coisa, tirou o capuz e tentou colocar um sorriso no rosto.

Recebeu um olhar de desprezo.

– Não temos trabalho para você, se é isso que está querendo.

– Vocês não têm o meu tipo de trabalho – respondeu Logen e estendeu a carta que Bayaz lhe dera.

O homem a desdobrou e viu o que estava escrito. Franziu a testa e leu de novo. Depois olhou em dúvida para Logen, com a boca se remexendo.

– Bom, então. Entendi – disse e, em seguida, apontou para um grupo de rapazes nervosos e inseguros parados a alguns passos dali, encolhidos e sofrendo enquanto a chuva começava a aumentar. – Há um comboio de reforços que parte esta tarde para a frente de batalha. Você pode viajar conosco.

– Está bem.

Aqueles garotos amedrontados não pareciam grande coisa como reforço, mas isso não o incomodava. Ele não se importava com quem viajasse em sua companhia, desde que fosse na direção de Bethod.

As árvores se fundiam dos dois lados da estrada – verde-escuras e pretas, cheias de sombras. Cheias de surpresas, talvez. Era um modo ruim de viajar. Ruim para as mãos, que ficavam segurando nas ripas o tempo todo, pior ainda para a bunda, que pulava e batia naquele banco duro. Mas aos poucos se aproximavam, e Logen achava que isso era o mais importante.

Havia mais carroças atrás, espalhadas numa linha lenta ao longo da estrada, carregadas de homens, víveres, roupas, armas e todas as coisas necessárias para se fazer uma guerra. Cada uma tinha um lampião aceso, pendurado à frente, de modo que havia uma trilha de luzes balançando no crepúsculo, descendo para o vale e subindo a encosta do outro lado, marcando o caminho que percorriam através da floresta.

Logen se virou e olhou para os rapazes da União, amontoados na frente da carroça. Eram nove, todos chacoalhando e oscilando quando os eixos pulavam e todos mantendo-se o mais afastados dele que podiam.

– Já viram cicatrizes assim em alguém? – murmurou um deles, sem saber que Logen falava sua língua.

– Quem é ele, afinal?

– Não sei. Um nórdico, eu acho.

– Dá para ver que ele é nórdico, idiota. Quero dizer, o que ele está fazendo aqui, com a gente?

– Talvez seja um batedor.

– É um desgraçado meio grande para ser batedor, não acha?

Logen riu sozinho enquanto olhava as árvores passarem. Sentia a brisa fresca no rosto, o cheiro da névoa, da terra, do ar frio e úmido. Nunca poderia

imaginar que ficaria feliz por voltar ao Norte, mas estava. Era bom, depois de todo aquele tempo como estrangeiro, estar num local onde conhecia as regras.

Acamparam na estrada, os dez. Um grupo dentre muitos na floresta, cada qual amontoado perto de sua carroça. Nove rapazes de um dos lados de uma fogueira grande, com uma panela de cozido borbulhando em cima e soltando um vapor cheiroso. Logen os observou mexer na panela, conversar sobre o lugar onde moravam, sobre o que aconteceria e quanto tempo ficariam ali.

Depois de um tempo, um deles começou a colocar a comida em tigelas e a distribuí-la. Olhou para Logen, depois de terminar com os outros, e serviu mais uma. Aproximou-se como se estivesse chegando perto da jaula de um lobo.

– É… – Estendeu a tigela. – Cozido… – falou, inseguro, em seguida escancarou a boca e apontou para ela com a mão livre.

– Obrigado, amigo – disse Logen, pegando a tigela. – Sei o que fazer com isso.

Todos os rapazes o encararam, uma fileira de rostos preocupados, iluminados pelo amarelo tremeluzente do outro lado da fogueira, com mais suspeitas do que nunca por ele falar sua língua.

– Você fala a língua comum? Andou escondendo isso, não foi?

– Pela minha experiência, é melhor aparentar menos do que a gente é.

– Se você diz… – respondeu o rapaz que lhe dera a tigela. – Qual é o seu nome, então?

Logen se perguntou por um momento se deveria mentir. Algum nome insignificante que ninguém tivesse ouvido. Mas ele era quem era e cedo ou tarde alguém iria reconhecê-lo. Além disso, nunca fora muito de mentir.

– Logen Nove Dedos é como me chamam.

Os rapazes permaneceram inexpressivos. Nunca tinham ouvido falar dele. E por que teriam? Um punhado de filhos de camponeses, de um lugar distante, na ensolarada União. Mal pareciam saber os próprios nomes.

– O que você veio fazer aqui? – perguntou um deles.

– O mesmo que vocês. Estou aqui para matar.

Os garotos pareceram meio nervosos com isso.

– Não vocês, não se preocupem. Tenho algumas contas a acertar – falou, e moveu a cabeça apontando para a estrada. – Com Bethod.

Os rapazes trocaram alguns olhares, então um deles deu de ombros.

– Tudo bem, desde que esteja do nosso lado, eu acho. – Em seguida se levantou e pegou uma garrafa na bolsa. – Quer beber?

– Ora. – Logen riu e estendeu seu copo. – Nunca recusei isso.

Engoliu a bebida de uma vez, estalou os lábios e sentiu-a esquentar sua goela. O garoto serviu mais uma dose.

– Obrigado. Mas é melhor não me dar muito disso.

– Por quê? – perguntou ele. – Aí você vai matar a gente?

– Matar? Se vocês tiverem sorte.

– E se não tivermos?

Logen riu por cima do copo.

– Eu vou cantar.

Diante disso o garoto abriu um sorriso e um dos seus colegas começou a gargalhar. No instante seguinte, uma flecha sibilou e se cravou na lateral de seu corpo e ele tossiu sangue na camisa, deixando a garrafa cair no capim, com o vinho gorgolejando no escuro. Outro garoto estava com uma flecha cravada na coxa. Ficou ali sentado, olhando-a.

– De onde isso…

Então todo mundo estava gritando, procurando armas e se jogando no chão. Mais duas flechas passaram zunindo, uma atingindo a fogueira e levantando uma chuva de fagulhas.

Logen jogou seu cozido longe, pegou a espada e começou a correr. Esbarrou num dos rapazes no caminho, jogando-o de cara no chão, escorregou, ajeitou-se e correu a toda a velocidade para as árvores de onde as flechas tinham vindo. Era correr direto para eles ou correr para longe, e ele decidiu sem pensar. Às vezes não importa muito que escolha você faz, desde que seja rápida e você se atenha a ela. Logen viu um dos arqueiros no escuro, tentando pegar outra flecha. Tirou a espada do Artífice de sua bainha puída e soltou um grito de guerra.

Era bem provável que o arqueiro pudesse tirar a flecha da aljava antes que Logen estivesse em cima dele, mas seria por pouco, e no fim ele não teve coragem de ficar parado esperando. Não são muitos os homens que podem avaliar as escolhas adequadamente quando a morte se aproxima a toda a velocidade. Ele largou o arco tarde demais e se virou para correr, e Logen o acertou nas costas antes que ele desse mais do que um ou dois passos, derrubando-o nos arbustos. O sujeito caiu gritando, se arrastou, virou o rosto para cima, todo embolado na relva, berrando e tentando pegar uma faca. Logen levantou a espada e terminou o serviço. Sangue espirrou da boca do arqueiro e ele tremeu, tombou para trás e ficou imóvel.

– Ainda estou vivo – murmurou Logen, agachando-se ao lado do cadáver, forçando a vista na escuridão.

Provavelmente teria sido melhor para todos se ele tivesse corrido na outra direção, mas agora era tarde. Provavelmente teria sido melhor ficar em Adua, mas também era tarde para isso.

– Norte sangrento! – xingou num sussurro.

Se deixasse aqueles malditos irem embora, eles criariam problemas por todo o caminho até a frente de batalha e Logen não teria um minuto de sono tranquilo, além de correr o risco de levar uma flechada na cara. Era melhor partir para cima do que esperar que eles viessem. Uma lição que tinha aprendido da experiência dura.

Ouviu o restante dos homens que os emboscaram correr por entre as árvores e os seguiu, apertando o cabo da espada. Procurava o caminho entre os troncos, mantendo distância. A luz da fogueira e o barulho dos rapazes da União gritando foram ficando para trás até que ele se achou no meio da floresta, sentindo cheiro de pinho e terra molhada, tendo apenas o som dos pés dos homens que corriam para guiá-lo. Tornou-se parte da floresta, como nos velhos tempos. Não era muito difícil. A habilidade lhe voltava como se ele viesse se esgueirando pelas árvores toda noite, durante anos. Vozes ecoavam na escuridão e Logen ficou imóvel e silencioso atrás de um tronco de pinheiro, ouvindo.

– Cadê o Nariz Sujo?

Houve uma pausa

– Morreu, acho.

– Morreu? Como?

– Eles tinham alguém junto, Corvo. Um desgraçado enorme.

Corvo. Logen conhecia o nome. Conhecia a voz também, agora que a ouvia. Era um Homem Nomeado que lutara sob o comando de Ossinho. Não poderiam dizer que eram amigos, mas se conheciam. Tinham lutado lado a lado, na linha de batalha em Carleon. E agora ali estavam de novo, separados por apenas alguns passos, mais do que dispostos a matar um ao outro. Eram estranhas as reviravoltas do destino. Lutar ao lado de um homem e lutar contra ele são coisas separadas por um fio de cabelo. Estão muito mais próximas do que não lutar.

– Era nórdico? – disse a voz do Corvo.

– Podia ser. Quem quer que fosse, conhecia o serviço. Veio muito depressa. Não tive tempo de tirar uma flecha.

– Desgraçado! Não vamos deixar isso passar. Vamos acampar aqui e ir atrás deles amanhã. Talvez aí a gente pegue esse grandão.

– É, a gente vai pegar ele, porra. Não se preocupe com isso. Vou cortar o pescoço do desgraçado.

– Bom para você. Até lá, trate de ficar de olho aberto pro caso de ele aparecer enquanto o restante de nós dorme um pouco. Talvez a raiva mantenha você acordado desta vez, hein?

– É, chefe. Está certo.

Logen sentou e ficou vigiando, captando vislumbres entre as árvores à

medida que os quatro se deitavam nos cobertores e se enrolavam para dormir. O quinto ocupou seu lugar, de costas para os outros, e ficou olhando na direção de onde tinham vindo, montando guarda. Logen esperou. Um deles começou a roncar. Veio uma chuva fina, que batia nos galhos dos pinheiros e escorria. Depois de um tempo, começou a pingar em seu cabelo, nas roupas, a escorrer pelo rosto e cair na terra úmida, plic, plic, plic. Logen permaneceu sentado, imóvel e silencioso feito uma pedra.

A paciência pode ser uma arma temível. Uma arma que poucos homens aprendem a usar. É difícil manter a mente na matança depois que o sangue esfria e você está fora de perigo. Mas Logen sempre tivera jeito para isso. Assim, sentou e deixou que o tempo se arrastasse, e pensou em antigamente, até que a Lua ficou alta e uma luz pálida vazou entre as árvores junto com a chuva que pinicava. Luz suficiente para ele ver suas tarefas.

Esticou as pernas e começou a se mover, avançando entre os troncos das árvores, plantando os pés com suavidade no mato baixo. A chuva era sua aliada, os pingos mascaravam os sons fracos das botas enquanto ele rodeava o guarda.

Sacou uma faca, a lâmina molhada brilhando uma vez ao luar frágil, saiu das árvores e atravessou o acampamento. Passou entre os homens adormecidos, perto o bastante para tocá-los. Tão próximo quanto um irmão. O guarda bufou e se mexeu, descontente, apertando o cobertor molhado sobre os ombros, tomado pelas gotas cintilantes de chuva. Logen parou e esperou, observou o rosto pálido de um dos adormecidos, virado de lado, os olhos fechados e a boca escancarada, a respiração soltando uma fumaça fraca na noite úmida.

Agora o guarda estava imóvel e Logen chegou mais perto, atrás dele, prendendo o fôlego. Estendeu a mão esquerda, os dedos mexendo-se no ar nebuloso, esperando o momento certo. Estendeu a mão direita, o punho apertando com força o cabo duro da faca. Sentiu os lábios se repuxando para longe dos dentes trincados. Agora era a hora e, quando a hora chega, você golpeia sem olhar para trás.

Estendeu a mão e a apertou com firmeza na boca do guarda, cortou sua garganta rápido e com força, fundo a ponto de sentir a lâmina raspar nos ossos do pescoço. O sujeito se sacudiu e lutou por um momento, mas Logen o segurava forte, tão forte quanto um amante, e ele não emitiu mais do que um gorgolejo baixo. Logen sentiu sangue nas mãos, quente e pegajoso. Por enquanto não se preocuparia com os outros. Se um deles acordasse, tudo o que veria seria a silhueta de um homem no escuro, e era o que esperaria ver.

Não demorou muito até que o guarda ficasse flácido. Logen o pousou suavemente de lado, a cabeça pendendo. Quatro sombras estavam sob os cobertores, desamparadas. Talvez tivesse havido um tempo em que Logen

precisaria se preparar para um serviço assim. Teria de pensar se era a coisa certa a fazer. Mas, se existira esse tempo, estava longe no passado. No Norte, o tempo que você passa pensando é o tempo em que você é morto. Agora eles não passavam de quatro tarefas a ser cumpridas.

Esgueirou-se até o primeiro, levantou a faca ensanguentada e o acertou direto no coração, através do casaco, com a mão comprimindo sua boca. Ele morreu mais silenciosamente do que dormia. Logen foi até o segundo, pronto para fazer o mesmo. Sua bota bateu em algo metálico. Um cantil, talvez. O que quer que fosse, fez um estardalhaço e tanto. Os olhos do sujeito adormecido se abriram e ele começou a se levantar. Logen cravou a faca em seu abdome e a conduziu para cima, rasgando a barriga. O homem soltou uma espécie de chiado, boca e olhos bem abertos, agarrado ao braço de Logen.

– O que..?

O terceiro sentou-se imediatamente, olhando ao redor. Logen soltou a mão e puxou a espada.

– Que diab…

O homem levantou o braço, por instinto, e a lâmina opaca atravessou seu punho e se cravou fundo no crânio, lançando no ar úmido uma chuva de pontos pretos de sangue e derrubando-o de costas.

Mas isso deu ao último tempo suficiente para rolar para fora do cobertor e pegar um machado. Agora ele estava de pé, encurvado, as mãos diante do corpo, pronto para a luta como alguém que tinha muita prática nisso. Era o Corvo. Logen podia ouvir a respiração dele sibilando, podia vê-la soltando fumaça na chuva.

– Você deveria ter começado por mim! – sibilou o Corvo.

Logen não podia negar. Estivera concentrado em matar todos e não tinha prestado muita atenção na ordem. Mesmo assim, agora era tarde para se preocupar. Deu de ombros.

– Começar ou acabar, não faz muita diferença.

– Veremos.

Corvo sopesou o machado no ar nevoento, movendo-se, procurando uma abertura. Logen ficou parado e prendeu o fôlego, com a espada pendendo ao lado do corpo, o cabo frio e molhado em suas mãos. Nunca fora muito de se mexer até que chegasse a hora.

– Mas diga o seu nome enquanto ainda respira. Gosto de saber quem matei.

– Você já me conhece, Corvo.

Logen levantou o braço e espalmou a mão, e o luar brilhou no sangue que a manchava e no cotoco ensanguentado do dedo que faltava.

– Estivemos lado a lado em Carleon. Não imaginei que você iria se

esquecer de mim tão cedo. Mas as coisas não costumam acontecer como a gente espera, não é?

Corvo havia parado de se mexer. Logen não podia ver mais do que o brilho dos olhos dele no escuro, mas dava para perceber a incerteza e o medo em sua postura.

– Não – sussurrou ele, balançando a cabeça no escuro. – Não pode ser! Nove Dedos está morto!

– É mesmo? – Logen respirou fundo e soprou o ar, lentamente, na noite úmida. – Então devo ser o fantasma dele.

Os rapazes da União tinham feito uma espécie de buraco para se protegerem, com sacos e caixas nas laterais, como uma fortificação. Logen podia ver um ou outro rosto movendo-se acima do topo, olhando para as árvores, a luz fraca da fogueira refletindo numa ponta de flecha ou de lança. Enfiados no chão, esperando outra emboscada. Se antes estavam nervosos, agora provavelmente estavam se cagando. Havia muitas chances de que um deles ficasse apavorado e atirasse em Logen assim que ele aparecesse. As porcarias das bestas da União tinham um gatilho que era acionado com um toque, assim que eram retesadas. Seria uma tremenda sorte ser morto sem motivo no meio de lugar nenhum, e por alguém que estava do seu lado. Mas não tinha muita escolha. A não ser que quisesse caminhar até a frente de batalha.

Por isso limpou a garganta e gritou:

– Agora ninguém atire nem faça nada!

Uma corda soou e uma seta se cravou numa árvore a poucos passos à esquerda. Logen se agachou na terra úmida.

– Eu disse para ninguém atirar!

– Quem está aí?

– Sou eu, Nove Dedos!

Silêncio.

– O nórdico que estava na carroça – completou.

Uma pausa longa e alguns sussurros.

– Certo! Mas venha devagar e mantenha as mãos onde a gente possa ver!

– É justo! – Ele se ergueu e se esgueirou para fora das árvores, com as mãos levantadas. – Só não atirem em mim, hein? Essa é a sua parte do trato.

Caminhou na direção da fogueira, os braços abertos, encolhendo-se ao pensar que uma flecha poderia acertar seu peito a qualquer momento. Reconheceu o rosto dos rapazes de antes, o deles e o do oficial encarregado da coluna de suprimentos. Dois seguiram seus movimentos com as bestas enquanto

ele passava lentamente sobre o parapeito improvisado e descia na trincheira. Ela fora cavada diante da fogueira, mas não muito bem, e havia uma poça enorme no fundo.

– Para onde diabo você foi? – perguntou o oficial com raiva.

– Atrás dos caras que emboscaram a gente.

– Você os pegou? – perguntou um dos rapazes.

– Peguei.

– E…?

– Estão mortos – falou Logen e, assentindo para a poça no fundo do buraco, emendou: – Portanto vocês não precisam dormir na água esta noite. Ainda tem um pouco daquele cozido?

– Quantos eram? – perguntou rispidamente o oficial.

Logen cutucou as brasas da fogueira, mas a panela estava vazia. Azar o seu, de novo.

– Cinco.

– Você, sozinho, contra cinco?

– No início eram seis, mas eu matei um de cara. Está ali no meio das árvores – contou Logen. Tirou um pedaço de pão da bolsa e o esfregou no fundo da panela, tentando pegar ao menos um pouquinho de gordura. – Esperei até eles estarem dormindo, por isso só precisei lutar cara a cara com um. Sempre tive sorte nisso, eu acho.

Ele não se sentia com muita sorte. Olhando a mão à luz da fogueira, viu que ainda estava suja de sangue. Sangue escuro sob as unhas, seco nas linhas da palma.

– Sempre tive sorte.

O oficial não pareceu muito convencido.

– Como vamos saber se você não é um deles? Que não está nos espionando? Que eles não estão esperando lá, agora, você dar o sinal quando estivermos vulneráveis?

– Vocês estavam vulneráveis durante todo o caminho – bufou Logen. – Mas é uma pergunta justa. Achei que vocês poderiam perguntar – disse e tirou a bolsa de lona pendurada no cinto. – Então eu trouxe isto.

O oficial franziu a testa ao pegar a sacola. Abria-a, sacudiu-a e olhou dentro, cheio de suspeita. Engoliu em seco.

– Como eu disse, eram cinco. De modo que tem dez polegares aí. Satisfeito?

O oficial parecia mais nauseado do que satisfeito, mas assentiu, com os lábios contraídos, e devolveu a sacola com o braço estendido.

Logen balançou a cabeça.

– Pode ficar. Na minha mão só falta o dedo médio. Tenho todos os polegares de que preciso.

A carroça deu um solavanco e parou. Nos últimos 2 ou 3 quilômetros, tinham se movido a passo de lesma. Agora a estrada, se é que essa palavra poderia ser usada para um mar de lama, estava entupida de homens que se moviam com dificuldade. Eles chapinhavam tentando ir de um lugar razoavelmente firme até outro, andando sob a chuva fraca em meio à confusão de carroças atoladas e cavalos infelizes, às pilhas de caixotes e barris, às tendas mal montadas. Logen viu um grupo de rapazes cobertos de lama fazer força para empurrar uma carroça atolada até os eixos, sem muito sucesso. Era como ver um exército afundar lentamente num pântano. Um grande naufrágio em terra.

Agora os companheiros de viagem de Logen estavam reduzidos a sete, encolhidos e magros, exauridos pelas noites insones e o tempo ruim na estrada. Um morto, um mandado de volta a Uffrith com uma flecha na coxa. Não era o melhor começo para a estada no Norte, mas Logen duvidava que fosse melhorar dali em diante. Desceu da carroça. Suas botas afundaram na lama revirada. Alongou as costas e esticou as pernas doloridas, depois pegou sua bolsa.

– Sorte, então – disse aos rapazes.

Nenhum deles falou. Mal haviam dirigido uma palavra a ele desde a noite da emboscada. Provavelmente aquela coisa dos polegares os havia preocupado. Mas, se isso fosse o pior que eles vissem enquanto estivessem ali, estariam bem, pensou Logen. Deu de ombros, virou e começou a andar afundando na lama.

Logo adiante o oficial encarregado da coluna de suprimentos levava uma bronca de um homem alto e sério de uniforme vermelho que parecia a coisa mais próxima de alguém em comando no meio daquela confusão. Logen demorou um instante para reconhecê-lo. Tinham sentado juntos numa festa, num ambiente muito diferente, e haviam conversado sobre guerra. Ele parecia mais velho, mais magro, mais endurecido agora. Tinha uma expressão severa no rosto e muitos fios grisalhos no cabelo molhado, mas sorriu ao ver Logen ali parado e foi até ele com a mão estendida.

– Pelos mortos! – disse em bom nórdico. – O destino é capaz de alguns truques. Eu conheço você.

– Eu também conheço você.

– Nove Dedos, não é?

– Isso mesmo. E você é West. De Angland.

– Sou, sim. Desculpe se não lhe ofereço uma recepção melhor, mas o exército só chegou aqui há um ou dois dias e, como pode ver, as coisas ainda não

estão organizadas. Aí não, idiota! – berrou para um cocheiro que tentava passar a carroça entre outras duas, embora o espaço nem de longe fosse suficiente. – Há algo parecido com verão nesta porcaria de país?

– Está olhando para ele. Não viu o inverno?

– Hum. Talvez você tenha razão. O que o traz aqui, afinal?

Logen entregou a carta a West. Ele se curvou para protegê-la da chuva e leu, franzindo a testa.

– Assinada pelo lorde camarista Hoff, hein?

– Isso é bom?

West franziu os lábios enquanto devolvia a carta.

– Acho que depende. Quer dizer que você tem alguns amigos poderosos. Ou alguns inimigos poderosos.

– Um pouco dos dois, talvez.

West riu.

– Acho que as duas coisas andam juntas. Veio lutar?

– Isso mesmo.

– Bom. Sempre temos uso para um homem com experiência – falou e, observando os recrutas que desciam das carroças, deu um longo suspiro. – Ainda há muita gente aqui que não tem nenhuma. Você deveria se juntar aos outros nórdicos.

– Há nórdicos com vocês?

– Sim, e chegam mais todos os dias. Parece que muitos não estão felizes com o modo como o rei deles está comandando. Em particular por causa do acordo dele com os shankas.

– Acordo? Com os shankas? – repetiu Logen, franzindo a testa. Nunca poderia pensar que nem mesmo Bethod descesse tanto, mas não era a primeira vez que se decepcionava. – Tem cabeças-achatadas lutando ao lado dele?

– Certamente. Ele tem cabeças-achatadas e nós temos nórdicos. É um mundo estranho, sem dúvida.

– É mesmo – concordou Logen, balançando a cabeça. – Quantos vocês têm?

– Uns trezentos, eu diria, pela última contagem, mas eles não gostam muito de ser contados.

– Acho que então são trezentos e um, se você me aceitar.

– Eles estão acampados lá, na ala esquerda – falou West e apontou para a silhueta escura de árvores contra o céu da tarde.

– Está bem. Quem é o chefe?

– Um sujeito que chamam de Cachorrão.

Logen o encarou por um longo momento.

– Que chamam de quê?

– Cachorrão. Você conhece?

– Pode-se dizer que sim – sussurrou Logen, com um sorriso se abrindo no rosto. – Pode-se dizer que sim.

O crepúsculo se aproximava depressa e a noite vinha logo em seguida. Tinham acabado de acender a fogueira quando Logen chegou. Podia ver as formas dos Carls assumindo seus lugares ao redor dela, as cabeças e os ombros destacados contra as chamas. Podia escutar suas vozes e os risos, altos na noite calma, agora que a chuva havia parado.

Fazia muito tempo que não ouvia um bando de homens falando nórdico, e isso pareceu estranho em seus ouvidos, mesmo sendo seu idioma. Trazia de volta lembranças feias. Multidões de homens gritando com ele, gritando por ele. Multidões num ataque, comemorando as vitórias, chorando os mortos. Sentiu cheiro de carne sendo cozida em algum lugar. Um cheiro adocicado e intenso que lhe fez cócegas no nariz e provocou roncos na barriga.

Havia uma tocha acesa num poste perto do caminho, e um rapaz que parecia entediado embaixo dela, com uma lança, franziu a testa para Logen, que se aproximava. Devia ter tirado o palito mais curto, para estar de guarda enquanto os outros comiam, e não parecia muito feliz com isso.

– O que você quer? – resmungou ele.

– Cachorrão está?

– Está, e daí?

– Preciso falar com ele.

– Precisa, é?

Outro homem se aproximou, já bem passado do auge de sua força, com um tufo de cabelos grisalhos e a pele curtida como couro.

– O que temos aqui?

– Um recruta novo – resmungou o rapaz. – Quer falar com o chefe.

O velho estreitou os olhos na direção de Logen, franzindo a testa.

– Conheço você, amigo?

Logen levantou o rosto de modo que a luz da tocha o iluminasse. É melhor olhar um homem nos olhos e deixar que ele olhe você, e mostrar que não sente medo. Era assim que seu pai havia lhe ensinado.

– Não sei. Conhece?

– De onde você vem? Do pessoal do Mecha Branca, é?

– Não. Andei trabalhando sozinho.

– Sozinho? Bom, ora. Parece que eu reconheço… – Os olhos do velho se

arregalaram, seu queixo caiu e o rosto ficou branco feito calcário cortado. – Por todas as porras dos mortos! – sussurrou, dando um passo cambaleante para trás. – É o Nove Sangrento!

Talvez Logen estivesse esperando que não o reconhecessem. Que houvessem esquecido. Que tivessem coisas novas com que se preocupar e que ele fosse apenas um homem como outro qualquer. Mas agora via a expressão no rosto do velho – aquele ar de quem estava se borrando –, e ficou claro como a coisa seria. Exatamente como antes. E o pior era que, agora que Logen fora reconhecido e via aquele medo, aquele horror e aquele respeito, não tinha certeza de não gostar daquela reação. Tinha merecido isso, não é? Afinal de contas, fatos são fatos.

Ele era o Nove Sangrento.

O rapaz ainda não havia entendido direito.

– Está brincando comigo, é? Daqui a pouco vai dizer que o próprio Bethod está chegando, hein?

Mas ninguém riu, e Logen levantou a mão e olhou pelo espaço onde estaria o dedo médio. O rapaz olhou daquele cotoco para o velho trêmulo e de volta.

– Merda – grasnou.

– Onde está o seu chefe, garoto? – repetiu Logen, e sua voz amedrontou até mesmo a ele. Monótona, insensível e fria como o inverno.

– Ele está… está…

O rapaz levantou um dedo trêmulo e apontou na direção das fogueiras.

– Bem, então acho que eu mesmo vou procurá-lo.

Os dois saíram do caminho de Logen. Ele não exatamente sorriu ao passar. Foi mais como se repuxasse os lábios para mostrar os dentes. Havia uma reputação a sustentar, afinal de contas.

– Não precisam se preocupar – sibilou na cara deles. – Estou do lado de vocês, não estou?

Ninguém disse uma palavra enquanto ele passava por trás dos Carls, indo para a cabeceira dos que se sentavam em torno do fogo. Uns dois olharam por cima dos ombros, mas não foi nada além do que qualquer recém-chegado ao acampamento receberia. Ainda não tinham ideia de quem ele era, mas logo teriam. O rapaz e o velho sussurrariam a notícia, e os sussurros se espalhariam em volta do fogo, como acontece, e todo mundo o observaria.

Sobressaltou-se quando uma grande sombra surgiu ao seu lado, tão alta que a princípio pensou ser de uma árvore. Um homem grande, enorme, coçava a barba e sorria para o fogo. Tul Duru. Não poderia se confundir com o Cabeça de Trovão, mesmo à meia-luz. Não com um homem daquele tamanho. Isso fez Logen pensar em quando o havia derrotado.

Sentiu uma ânsia estranha de baixar a cabeça e passar direto, sumir na noite e não olhar para trás. Então não precisaria voltar a ser o Nove Sangrento. Haveria apenas um jovem e um velho que jurariam ter visto seu fantasma uma noite. Logen poderia ir para longe e recomeçar, ser quem ele quisesse. Mas já havia tentado isso uma vez e não adiantara. O passado estava sempre logo atrás, soltando um bafo em sua nuca. Era hora de se virar e encará-lo.

– Parado aí, garotão – alertou Tul e o espiou no crepúsculo.

A luz alaranjada da fogueira e as sombras pretas se moviam em seu rosto enorme parecido com uma rocha, em sua barba igual a um tapete.

– Quem… Espere aí…

Logen engoliu em seco. Não fazia ideia, agora que pensava nisso, de qual seria a reação de qualquer um deles ao revê-lo. Tinham sido inimigos muito antes de serem amigos, afinal de contas. Cada um havia lutado contra ele. Cada um estivera ansioso para matá-lo, e com bons motivos. Então ele fora para o Sul e os deixara com os shankas. E se tudo o que ele conseguisse depois de mais de um ano longe fosse um olhar frio?

Então Tul o agarrou e o comprimiu num abraço esmagador.

– Você está vivo!

Soltou-o só pelo tempo necessário para confirmar que era o homem certo, depois voltou a abraçar.

– É, estou vivo – chiou Logen, com ar apenas suficiente para dizer isso.

Pelo menos tivera uma recepção calorosa.

Tul sorria com o rosto inteiro.

– Venha – disse, chamando Logen com um gesto. – O pessoal vai se cagar!

Logen acompanhou Tul, com o coração batendo na boca, até a cabeceira do fogo, onde era o lugar do chefe e de seus Homens Nomeados mais próximos. E ali estavam eles, sentados no chão. Cachorrão estava no centro, murmurando algo para Barca Negra. Sinistro estava do outro lado, apoiado num cotovelo, mexendo nas penas das flechas. Era como se nada tivesse mudado.

– Tem alguém aqui para ver você, Cachorrão – disse Tul, com a voz falhando por causa do esforço de guardar a surpresa.

– Tem, é?

Cachorrão levantou os olhos na direção de Logen, mas ele estava escondido nas sombras atrás do enorme ombro de Tul.

– Não podia esperar até a gente ter comido?

– Acho que não.

– Por quê? Quem é?

– Quem é? – repetiu Tul e, agarrando o ombro de Logen, o empurrou para a luz da fogueira. – É só a porra do Logen Nove Dedos!

A bota de Logen escorregou na lama e ele quase caiu de bunda; precisou balançar os braços para manter o equilíbrio. Toda a conversa em volta do fogo parou de imediato e todos os rostos se viraram para ele. Duas longas fileiras de rostos congelados, frouxos à luz bruxuleante, nenhum som além do vento que suspirava e das fogueiras que crepitavam. Cachorrão olhou para ele como se estivesse vendo os mortos andarem, a boca mais escancarada a cada instante.

– Achei que vocês todos estivessem mortos – disse Logen quando recuperou o equilíbrio. – Talvez eu seja realista demais.

Cachorrão se levantou devagar. Estendeu a mão e Logen a segurou.

Não havia nada a dizer. Não para homens que tinham passado por tanta coisa juntos, como os dois: lutas contra os shankas, travessias de montanhas, guerras e o que vinha depois delas. Anos assim. Cachorrão apertou sua mão e Logen bateu com a outra em cima delas, depois Cachorrão pôs sua outra sobre a do amigo. Os dois sorriram e assentiram, e as coisas voltaram a ser como eram. Nada precisava ser dito.

– Sinistro, que bom ver você!

– Uh – grunhiu Sinistro, que lhe entregou uma caneca e desviou o olhar de volta para suas flechas, como se Logen tivesse saído para mijar e voltado um minuto depois, como era o esperado.

Logen teve que rir. Não esperaria nada além disso do amigo.

– Aquele escondido ali é Barca Negra?

– Eu me esconderia melhor se soubesse que você vinha. – Barca Negra olhou Logen de cima a baixo com um sorriso que não era totalmente receptivo. – Se não é o próprio Nove Dedos! Achei que você tinha dito que ele tinha caído de um penhasco, hein? – rosnou para Cachorrão.

– Foi o que eu vi.

– Ah, eu caí – garantiu Logen, e se lembrou do vento na boca, das rochas e da neve que passavam girando ao redor, do impacto na água que tirou o ar de seus pulmões. – Caí e saí inteiro, mais ou menos.

Cachorrão abriu espaço para Logen nas peles espalhadas junto à fogueira e os outros se sentaram perto dele.

Barca Negra balançava a cabeça.

– Você sempre foi um desgraçado sortudo quando se trata de ficar vivo. Eu deveria saber que ia acabar aparecendo.

– Achei que os cabeças-achatadas haviam acabado com todos vocês – disse Logen. – Como saíram de lá?

– Três Árvores tirou a gente – respondeu Cachorrão.

– Levou a gente para fora e para o outro lado das montanhas – emendou Tul, assentindo. – Descemos pelo Norte caçando, até entrar em Angland.

– Reclamando o caminho todo feito umas velhas, sem dúvida.

Cachorrão riu para Barca Negra e falou:

– Houve algumas reclamações no caminho.

– E cadê Três Árvores? – perguntou Logen, ansioso por trocar umas palavras com o velho.

– Morreu – disse Sinistro.

Logen se encolheu. Imaginara que poderia ser isso, já que Cachorrão estava no comando.

– Morreu lutando – contou Tul, balançando a cabeça. – Comandando um ataque contra os shankas. Morreu lutando com aquela coisa, o Temível.

– Aquela coisa desgraçada – falou Barca Negra, e escarrou na lama.

– E Forley?

– Morreu também – rosnou Barca Negra. – Entrou em Carleon para avisar a Bethod que os shankas estavam atravessando as montanhas. Calder mandou matar o sujeito, só por prazer. Desgraçado!

Ele cuspiu de novo. Sempre fora ótimo em cuspir, o Barca Negra.

– Mortos – repetiu Logen e balançou a cabeça.

Forley morto. Três Árvores morto. Sentiu uma baita pena. Mas não fazia muito tempo que ele achava que tinham todos voltado à lama, de modo que haver quatro ainda vivos era um tremendo bônus, de certa forma.

– É. Os dois eram homens bons. Os melhores. E morreram bem, pelo jeito. Pelo menos tão bem quanto possível.

– É. Tão bem quanto possível – concordou Tul, que ergueu sua caneca. – Aos mortos.

Todos beberam em silêncio e Logen estalou os lábios com o gosto da cerveja. Tinha ficado muito tempo longe.

– Então um ano se passou – grunhiu Barca Negra. – Nós matamos um pouco e andamos por um caminho longo demais e lutamos numa batalha desgraçada. Perdemos dois homens e temos um novo chefe. Que diabo você andou aprontando, Nove Dedos?

– Bom, é uma história e tanto. – Logen se perguntou exatamente que tipo de narrativa seria e descobriu que não tinha certeza. – Pensei que os shankas haviam pegado vocês todos, já que a vida sempre me ensinou a esperar o pior, por isso segui para o sul e lá conheci um mago. Fui com ele numa espécie de viagem para longe, do outro lado do mar, para encontrar uma coisa que, quando a gente chegou… não estava lá.

Tudo aquilo parecia mais do que um pouco de loucura, agora que ele dizia.

– Que coisa era essa? – quis saber Tul, com o rosto franzido de perplexidade.

– Acredita… – falou Logen e passou a língua pelos dentes, sentindo o gosto da bebida –… que também não sei direito?

Todos se entreolharam como se nunca tivessem ouvido uma história tão idiota e Logen precisou admitir que provavelmente não tinham mesmo.

– Mas agora não importa. Acabo de descobrir que a vida não é tão ruim quanto eu pensava – falou Nove Dedos e deu um tapa amistoso nas costas de Tul.

Cachorrão inflou as bochechas.

– Bom, nós ficamos felizes por você ter voltado, de qualquer modo. Acho que vai ocupar o seu lugar de novo, não é?

– Meu lugar?

– Você vai assumir, não vai? Quero dizer, você era o chefe.

– Já fui, é verdade, mas não tenho planos de voltar a ser. Parece que esse pessoal está bem feliz com as coisas como elas estão.

– Mas você sabe muito mais do que eu sobre comandar homens.

– Não sei se é verdade. Quando eu estava no comando, as coisas nunca funcionaram muito bem, não é? Nem para nós nem para os que lutavam conosco, nem para os que lutavam contra nós – argumentou Logen e encolheu os ombros diante daquela lembrança. – Eu dou minha opinião, se quiser, mas prefiro seguir você. Tive o meu tempo e não foi bom.

Cachorrão parecia esperar uma resposta diferente.

– Bom… se você tem certeza…

– Tenho. – Logen deu-lhe um tapa no ombro. – Não é fácil ser chefe, hein?

– Não – resmungou Cachorrão. – Nem um pouco.

– Além disso, acho que um monte desses rapazes já esteve do outro lado de uma disputa comigo, e eles não ficaram totalmente felizes em me ver.

Logen olhou os rostos ao redor da fogueira, ouviu murmúrios com seu nome, baixos demais para que ele entendesse o assunto, mas dava para adivinhar que não eram elogios.

– Não se preocupe. Eles vão ficar bem felizes em ter você ao lado quando a luta começar.

– Talvez.

Era uma lástima que ele precisasse voltar a matar para que eles ao menos o cumprimentassem com a cabeça. Olhares intensos convergiam para ele na escuridão e se desviavam rápido quando Logen os retribuía. Só houve um homem que, mais ou menos, o encarou. Um rapaz grande, de cabelos compridos, na metade do caminho até o fogo.

– Quem é aquele? – perguntou Logen.

– Quem?

– Aquele cara ali, que está olhando para mim.

– Aquele é o Tremedeira – falou Cachorrão e sugou o ar entre seus dentes pontudos. – Tremedeira tem um bocado de coragem. Lutou com a gente algumas vezes e se saiu muito bem. Em primeiro lugar vou dizer que ele é um bom homem e que devemos muito a ele. Depois vou contar que é filho de Pescoço Duro.

Logen sentiu uma onda de náusea.

– O quê?

– É o outro filho.

– O garoto?

– Faz muito tempo. Os garotos crescem.

Fazia muito tempo, talvez, mas nada era esquecido. Logen pôde ver isso de imediato. Nada jamais era esquecido, ali no Norte, e ele devia saber que seria assim.

– Eu deveria dizer alguma coisa a ele. Se vamos lutar juntos… eu deveria dizer alguma coisa.

Cachorrão estremeceu.

– Talvez fosse melhor não dizer. É melhor não mexer em algumas feridas. Coma agora. Converse com ele amanhã de manhã. Tudo parece melhor à luz do dia. Ou você pode pensar diferente.

– Uh – grunhiu Sinistro.

Logen se levantou.

– Você deve estar certo, mas é melhor fazer uma coisa…

– Do que viver com medo dela – completou Cachorrão e balançou a cabeça, olhando para o fogo. – Você fez falta, Logen, e isso é fato.

– Você também, Cachorrão. Você também.

Logen caminhou pela escuridão impregnada de fumaça, carne e homens, passando por trás dos Carls que se sentavam em volta do fogo. Sentiu-os encolhendo os ombros, murmurando enquanto ele seguia em frente. Sabia o que estavam pensando. O Nove Sangrento, bem atrás de mim, e não há homem pior no mundo para se ter às costas. Tremedeira o observou o tempo todo, um olhar frio através do cabelo comprido, os lábios contraídos a ponto de formarem uma linha dura. Ele segurava uma faca para comer, mas ela serviria muito bem para furar um homem. Logen viu a luz da fogueira refletida no gume ao se agachar ao lado dele.

– Então você é o Nove Sangrento.

Logen fez uma careta.

– É. Sou, sim.

Tremedeira assentiu, sem deixar de encará-lo.

– É essa a cara do Nove Sangrento.

– Espero que não esteja desapontado.

– Ah, não. Eu, não. É bom você ter uma cara, depois de todo esse tempo.

Logen olhou para o chão, tentando pensar num modo de abordar o assunto. O melhor jeito de mover as mãos, a expressão adequada para o rosto, algumas palavras que pudessem começar a consertar ao menos uma parte minúscula daquilo.

– Eram tempos difíceis – acabou dizendo.

– Mais do que agora?

Logen mordeu o lábio.

– Bom, talvez não.

– Acho que os tempos são sempre difíceis – disse Tremedeira, trincando os dentes. – Isso não é desculpa para fazer uma cagada daquelas.

– Está certo. Não há desculpas para o que eu fiz. Não me orgulho. Não sei o que dizer, a não ser que espero que você possa deixar isso para trás e que possamos lutar juntos.

– Vou ser honesto com você – disse Tremedeira, e sua voz soou estrangulada, como se ele tentasse não gritar, ou não chorar, ou as duas coisas ao mesmo tempo. – É uma coisa difícil para eu simplesmente deixar para trás. Você matou meu irmão depois de lhe prometer misericórdia, decepou os braços e as pernas dele e pregou a cabeça na bandeira de Bethod.

As mãos de Tremedeira tremiam, os nós dos dedos estavam brancos em volta do cabo da faca, e Logen viu que ele precisava se esforçar para não lhe dar uma facada na cara, mas não o culpava. Não culpava nem um pouco.

– Depois daquilo meu pai nunca mais foi o mesmo. Não tinha mais nada por dentro. Passei muitos anos sonhando em matar você, Nove Sangrento.

Logen assentiu devagar.

– Bem, você nunca vai ser o único a sonhar com isso.

Nove Dedos captou vários olhares do outro lado das chamas. Testas franzidas à sombra, rostos sérios à luz bruxuleante. Homens que ele nem conhecia, com medo até os ossos ou cheios de ressentimentos contra ele. Um monte de medo e um monte de ressentimentos. Podia contar com os dedos de uma das mãos as pessoas satisfeitas em vê-lo vivo. Podia até contar na mão com um dedo a menos. E aquele nem era o lado de seus inimigos na batalha.

Cachorrão estava certo. É melhor não mexer em algumas feridas. Logen se levantou, os ombros formigando, e voltou para a cabeceira do fogo, onde a conversa era mais fácil. Não tinha dúvida de que Tremedeira ainda queria matá-lo, tanto quanto antes, mas isso não era de surpreender.

É preciso ser realista. Nenhuma palavra poderia consertar as coisas que ele

havia feito.

Dívidas impagáveis

Superior Glokta,

Acredito que nunca fomos apresentados formalmente, mas ouvi seu nome ser mencionado com frequência nas últimas semanas. Espero não ofendê-lo, contudo, em cada sala que entro, parece que o senhor acabou de sair dela, ou que está prestes a chegar ali, e toda negociação que faço fica mais complicada devido ao seu envolvimento.
Ainda que nossos patrões sejam oponentes nessa questão, não há motivo para não nos comportarmos como homens civilizados. Talvez o senhor e eu possamos chegar a um consenso que nos deixe a ambos com menos trabalho e mais progresso.
Estarei à sua espera no pátio do matadouro perto dos Quatro Cantos amanhã de manhã, a partir das seis horas. Peço desculpas por escolher um local tão ruidoso, mas acho melhor que nossa conversa aconteça em privacidade.
Ouso dizer que nenhum de nós ficará incomodado por ter um pouco de estrume sob os pés.

Harlen Morrow,
Secretário do juiz supremo Marovia

PARA SER SUTIL, o lugar fedia. *Parece que algumas centenas de porcos vivos não têm um cheiro tão agradável quanto seria de esperar.* O piso do galpão tenebroso estava escorregadio de sujeira fétida e o ar era denso de um ruído desesperado. Eles roncavam e guinchavam, grunhiam e se empurravam nos cercados apertados, talvez sentindo que a faca do magarefe não estava muito longe. Mas, como observara Morrow, Glokta não ficaria incomodado com o barulho, com as facas ou mesmo com o odor desagradável. *Passo os dias chafurdando na imundície metafórica, afinal de contas. Por que não na real também?* O piso escorregadio era mais problemático. Ele se arrastava a passos minúsculos, a perna ardendo. *Imagine chegar à minha reunião coberto de cocô de porco. Não passaria uma imagem de implacabilidade, não é?*

Viu Morrow encostado num dos cercados. *Como um fazendeiro admirando seu rebanho premiado.* Glokta chegou até ele, as botas chapinhando. Encolhia-se e respirava com dificuldade, o suor escorrendo pelas costas.

– Bom, Morrow, você sabe escolher lugares sedutores para um primeiro encontro, tenho de admitir.

O secretário de Marovia, um homenzinho de rosto redondo e óculos, riu.

– Superior Glokta, primeiro gostaria de dizer que tenho apenas o maior

respeito por suas realizações em Gurkhul, seus métodos de negociação e…

– Não vim aqui para trocar amenidades, Morrow. Se é disso que você quer falar, posso pensar em ambientes com perfume mais doce.

– E companhias mais doces também, sem dúvida. Aos negócios, então. São tempos difíceis.

– Concordo.

– Mudança. Incerteza. Inquietação entre os camponeses…

– Um pouco mais do que inquietação, eu diria, não?

– Rebelião, então. Esperemos que a confiança do Conselho Fechado no coronel Luthar se justifique e que ele contenha os rebeldes do lado de fora da cidade.

– Eu não confiaria nem no cadáver dele para conter uma flecha, mas acho que o Conselho Fechado tem seus motivos.

– Eles sempre têm. Mas, claro, nem sempre concordam uns com os outros.

Eles jamais concordam em nada. É praticamente uma regra daquela instituição maldita.

– Mas são os que servem a eles – emendou Morrow, espiando de forma expressiva por cima da armação dos óculos – que carregam o fardo de sua falta de concordância. Sinto que nós, em particular, estivemos pisando demais nos calos um do outro ultimamente.

– Oh! – zombou Glokta, remexendo os dedos entorpecidos dentro das botas. – Espero que seus pés não estejam muito machucados. Eu jamais poderia viver tranquilo se o fizesse mancar. Você teria uma solução em mente?

– Pode-se dizer que sim – falou Morrow e sorriu na direção dos porcos, observando-os se retorcer, grunhir e subir uns em cima dos outros. – Tínhamos porcos na fazenda onde cresci.

Misericórdia. Tudo, menos história de infância.

– Era minha responsabilidade alimentá-los. Eu acordava tão cedo que ainda estava escuro e minha respiração fazia fumaça.

Ah, ele pinta um quadro tão vívido! O jovem Sr. Morrow enfiado até os joelhos na imundície, olhando seus porcos se refestelarem e sonhando em fugir. Uma admirável vida nova na cidade reluzente!

Morrow sorriu para ele, a luz fraca refletindo nas lentes dos óculos.

– Sabe, esses bichos comem de tudo. Até aleijados.

Ah. Então é isso.

Foi então que Glokta percebeu um homem que se movia furtivamente na direção deles, vindo da outra extremidade do galpão. Um sujeito corpulento, com um casaco velho, que permanecia nas sombras. Mantinha o braço colado ao corpo, a mão enfiada dentro da manga. *Como se escondesse uma faca, e não*

muito bem. Seria melhor simplesmente se aproximar com um sorriso na cara e a faca à vista. Há uma centena de motivos para andar com uma faca num matadouro. Mas só pode haver um para tentar escondê-la.

Olhou por cima do ombro e se encolheu quando o pescoço estalou. Outro homem, muito parecido com o primeiro, se esgueirava daquela direção. Glokta levantou as sobrancelhas.

– Capangas? Que falta de originalidade!

– Sem originalidade, talvez, mas acho que o senhor vai considerá-los bastante eficazes.

– Então serei abatido no abatedouro, hein, Morrow? Morto no matadouro? Sand dan Glokta, aquele que parte corações, vencedor do Campeonato, herói da guerra contra Gurkhul, cagado pelo cu de uma dúzia de porcos diferentes!

Ele bufou, gargalhou e teve de limpar um pouco de ranho do lábio superior.

– Fico feliz que o senhor goste da ironia – murmurou Morrow, parecendo ligeiramente incomodado.

– Ah, gosto. Dado como alimento aos suínos. É tão previsível que honestamente posso dizer que não é o que eu esperava – falou Glokta, e soltou um longo suspiro. – Mas não esperar e não planejar são coisas muito diferentes.

A corda da besta não fez nenhum som acima do barulho dos porcos. O capanga pareceu primeiro escorregar, largar a faca brilhante e cair de lado sem motivo. Então Glokta viu a seta que se projetava da lateral do corpo dele. *Não é grande surpresa, claro, no entanto sempre parece mágica.*

O capanga na outra extremidade do galpão deu um passo para trás, pasmo, mas não viu a prática Vitari passar silenciosamente por cima do corrimão do cercado vazio atrás dele. Houve um clarão de metal no escuro enquanto ela cortava os tendões atrás de seu joelho, derrubando-o, e o grito do homem foi logo interrompido pela corrente que ela apertava ao redor de seu pescoço.

Severard saltou com facilidade dos caibros à esquerda de Glokta e veio chapinhando pela gosma do chão. Aproximou-se petulante, com a besta pousada no ombro, chutou a faca para o escuro e olhou o homem que havia acertado.

– Eu lhe devo 5 marcos – gritou para Frost. – Errei o coração, porcaria. O fígado, talvez?

– Cígado – grunhiu o albino, emergindo das sombras na outra extremidade do galpão.

O capanga de Morrow tentou ficar de joelhos, segurando a flecha na lateral do tronco, o rosto retorcido e semicoberto pela imundície. Frost ergueu seu porrete e deu-lhe um golpe esmagador na nuca, pondo fim a seus gritos e derrubando-o de cara na bosta.

Vitari havia forçado seu oponente contra o chão e estava ajoelhada nas

costas dele, puxando a corrente em volta do pescoço. A resistência do sujeito foi diminuindo, diminuindo, até que parou. *Um pouco mais de carne morta no chão do matadouro.*

Glokta olhou de volta para Morrow.

– Como as coisas podem mudar depressa, hein, Harlen? Num minuto todo mundo quer conhecer você. No outro…? – Ele bateu, triste, em seu pé inútil com a ponta imunda da bengala. – Você está fodido. É uma dura lição. – *Eu sei muito bem.*

O secretário de Marovia recuou, com a língua correndo pelos lábios e uma das mãos estendida diante do corpo.

– Espere um pouco…

– Por quê? – perguntou Glokta, fazendo beicinho. – Você acha que ainda podemos nos amar depois de tudo isso?

– Talvez possamos chegar a um…

– Não estou chateado por você ter tentado me matar. Mas fazer um esforço tão patético para isso? Nós somos profissionais, Morrow. É um insulto você achar que isso poderia dar certo.

– Estou magoado – murmurou Severard.

– Ferida – entoou Vitari, com a corrente tilintando no escuro.

– Possundamente ossendido – grunhiu Frost, guiando Morrow de volta na direção do cercado.

– Você deveria ter se limitado a lamber a bunda grande e bêbada de Hoff. Ou talvez devesse ter ficado na fazenda, com seus porcos. Talvez seja um trabalho duro, acordar cedo e tal… mas é um modo de vida.

– Espere! Espeeeerrg…

Severard agarrou o ombro de Morrow por trás, deu-lhe uma facada na lateral do pescoço e cortou sua garganta com tanta calma quanto se estivesse limpando um peixe.

O sangue espirrou nas botas de Glokta e ele cambaleou para trás, encolhendo-se quando a dor disparou pela perna arruinada.

– Merda! – sibilou por entre os dentes, quase tropeçando e caindo de bunda na imundície, e só conseguiu ficar de pé agarrando-se desesperadamente à cerca ao lado. – Não poderia ter simplesmente estrangulado o sujeito?

Severard deu de ombros.

– O resultado é o mesmo, não é?

Morrow escorregou de joelhos, os óculos tortos no rosto, uma das mãos apertando o pescoço cortado enquanto o sangue fluía para o colarinho.

Glokta o observou tombar de costas, uma das pernas escoiceando o chão, o calcanhar deixando riscas longas na gosma fétida. *Que pena dos porcos da*

fazenda! Nunca verão o jovem Sr. Morrow retornar pela colina, de volta da vida admirável na cidade reluzente, com a respiração fazendo fumaça na manhã fria, fria…

As convulsões do secretário ficaram mais fracas, mais fracas, até que ele se imobilizou. Glokta continuou agarrado à cerca por um instante, olhando o cadáver. *Quando foi, exatamente, que eu me tornei… isso? Pouco a pouco, imagino. Um ato se acumula sobre outro, num caminho que não temos opção a não ser seguir, e todas as vezes há motivos para isso. Fazemos o que é preciso, fazemos o que é ordenado, fazemos o que é mais fácil. O que mais podemos fazer, senão resolver um problema sórdido de cada vez? Aí um dia levantamos os olhos e descobrimos que somos… isso.*

Olhou o sangue que brilhava em sua bota, franziu o nariz e a limpou na perna da calça de Morrow. *Ah, bem. Eu adoraria passar mais tempo filosofando, mas tenho autoridades para subornar, nobres para chantagear, votos para comprar, secretários para assassinar e amantes para ameaçar. É um malabarismo com muitas facas. E, quando uma delas cai no chão imundo, outra sobe, acima de nossa cabeça, a lâmina girando, afiada. Nunca fica mais fácil.*

– Nossos amigos mágicos voltaram à cidade.

Severard levantou a máscara e coçou o rosto.

– O mago?

– O Primeiro dos desgraçados, nada menos do que isso, e sua ousada companhia de heróis. Ele, o aprendiz fedorento e aquela mulher. O navegador também. Fique de olho neles e veja se há algum leitão que possamos separar do rebanho. É hora de sabermos o que eles estão aprontando. Você ainda tem aquela casa encantadora perto da água?

– Claro.

– Bom. Talvez possamos ficar à frente do jogo pela primeira vez, e, quando Sua Eminência exigir respostas, possamos tê-las à mão. – *E eu possa finalmente ganhar um afago na cabeça, dado pelo meu dono.*

– O que faremos com esses aí? – perguntou Vitari, voltando a cabeça de cabelos espetados na direção dos cadáveres.

Glokta suspirou.

– Dizem que porcos comem de tudo.

Escurecia quando Glokta arrastou sua perna arruinada pelas ruas vazias e subiu em direção ao Agriont. Os lojistas fechavam as portas, os moradores acendiam os lampiões, a luz das velas se derramava nos becos escuros através de frestas nos postigos. *Famílias felizes se acomodando para jantares felizes, sem*

dúvida. Pais amorosos com suas esposas encantadoras, filhos adoráveis e vidas plenas e cheias de significado. Meus sinceros parabéns.

Comprimiu os dentes que restavam contra as gengivas feridas, no esforço de manter o ritmo da caminhada. O suor começava a umedecer a camisa, a perna ardia mais a cada passo trôpego. *Mas não vou parar por causa desse pedaço de carne morta.* A dor se esgueirava do tornozelo ao joelho, do joelho ao quadril, do quadril subia pela coluna torta e penetrava no crânio. *Todo esse trabalho apenas para matar um administrador de nível médio, que de qualquer modo trabalhava a poucos prédios de distância da Casa das Perguntas. É uma baita perda do meu tempo, sem dúvida, uma baita…*

– Superior Glokta?

Um homem havia aparecido, respeitoso. Seu rosto permanecia na sombra. Glokta estreitou os olhos na direção dele.

– Eu o conh…

A coisa foi bem-feita, não dava para negar. Ele nem percebeu o outro sujeito até que o saco estava sobre sua cabeça e um dos seus braços foi torcido às costas, empurrando-o para a frente, desamparado. Ele tropeçou, soltou a bengala e a ouviu bater nas pedras do calçamento.

– Aarg!

Um espasmo lancinante atravessou suas costas quando tentou sem sucesso a soltar o braço. Foi obrigado a relaxar, ofegando de dor dentro do saco. Num instante seus pulsos estavam amarrados e ele sentiu mãos fortes sob suas axilas. Foi levado com grande velocidade, um homem de cada lado, os pés mal roçando as pedras do calçamento. *É o mais rápido que eu ando há muito tempo.* O aperto não era rude, mas forte o suficiente para que ele não conseguisse se livrar. *Profissionais. Uma classe de capangas muitíssimo melhor do que a usada por Morrow. Quem ordenou isso não é idiota. Então quem ordenou?*

O próprio Sult ou um dos inimigos de Sult? Um de seus rivais na corrida pelo trono? O juiz supremo Marovia? Lorde Brock? Alguém do Conselho Aberto? Ou seriam os gurkenses? Eles nunca foram meus amigos mais íntimos. A casa bancária Valint e Balk, talvez, finalmente optando por cobrar sua dívida? Será que avaliei mal o jovem coronel Luthar? Ou poderia simplesmente ser o superior Goyle, que não deseja mais compartilhar o cargo com o aleijado? Era uma lista e tanto, agora que ele se via obrigado a pensar nela.

Ouviu os passos reverberarem no chão ao redor. Becos estreitos. Não fazia ideia de quanto haviam andado. Sua respiração ecoava no saco, arranhava a garganta. *O coração martela, a pele formiga com o suor frio. Estou agitado. Até mesmo apavorado. O que eles podem querer comigo? As pessoas não são sequestradas na rua para receber promoções, ou confeitos, ou beijos ternos, que*

pena. Eu sei por que as pessoas são sequestradas na rua. Poucos sabem tão bem.

Desceram alguns degraus, com a ponta das botas roçando impotentes nas bordas. O som de uma porta pesada sendo fechada. Passos ecoando num corredor com ladrilhos. Outra porta se fechando. Sentiu-se largado sem cerimônia numa cadeira. *E agora, sem dúvida, para o melhor ou o pior, descobriremos…*

O saco foi arrancado de repente da cabeça de Glokta e ele piscou quando a luz golpeou seus olhos. Uma sala branca, clara demais para ser confortável. *Um tipo de sala com a qual sou tristemente familiarizado. No entanto parece muito mais feia deste lado da mesa.* Alguém estava sentado do lado oposto. *Ou a silhueta borrada de um alguém.* Ele fechou um dos olhos e espiou pelo outro, à medida que a visão se ajustava.

– Ora – murmurou. – Que surpresa.

– Agradável, espero.

– Acho que descobriremos.

Carlot dan Eider havia mudado. *E parece que o exílio não lhe fez tanto mal.* O cabelo crescera, não ao tamanho anterior, talvez, porém mais do que o suficiente para garantir um belo estilo. Os hematomas no pescoço tinham sumido, havia apenas marcas levíssimas onde a bochecha estivera coberta de cascas de ferida. Ela trocara o pano de saco de traidora pelas roupas de viagem de uma dama de posses e parecia extremamente bem nelas. Joias reluziam nos dedos e em volta do pescoço. Parecia tão rica e elegante como quando haviam se conhecido. E estava sorrindo. *O sorriso de um jogador que tem todas as cartas. Por que será que eu nunca aprendo? Nunca fazer um ato de bondade. Sobretudo para uma mulher.*

Havia uma tesoura pequena ao alcance na mesa à frente dela. Do tipo que as mulheres ricas usam para aparar as unhas. *Mas igualmente boa para aparar a pele das solas dos pés de um homem, para alargar suas narinas, para aparar suas orelhas, pedacinho a pedacinho…*

Glokta achou difícil tirar os olhos daquelas pequenas lâminas polidas que brilhavam à luz do lampião.

– Achei que eu tivesse lhe dito para nunca mais voltar – falou ele, mas sua voz não tinha a autoridade costumeira.

– Você disse. Mas aí eu pensei… por que não? Tenho bens na cidade dos quais não queria abrir mão, além de algumas oportunidades de negócios que estou ansiosa para aproveitar – disse Carlot, que pegou a tesoura, aparou uma lasca minúscula do canto de uma unha do polegar que já estava com a forma perfeita e franziu a testa diante do resultado. – E não é provável que você vá

contar a alguém que estou aqui, não é?

– Todas as minhas preocupações com sua segurança foram postas de lado – grunhiu Glokta. *As preocupações com a minha própria, infelizmente, crescem a cada momento. Afinal de contas, um homem jamais é tão aleijado a ponto de não poder ficar ainda mais.* – Você precisava mesmo ter todo esse trabalho só para contar seus arranjos de viagens?

O sorriso dela ficou um tanto mais largo, no mínimo.

– Espero que meus homens não o tenham machucado. Eu pedi para serem gentis. Pelo menos por enquanto.

– Mas um sequestro gentil continua sendo um sequestro, não acha?

– Sequestro é uma palavra muito pesada. Por que não pensamos nisso como um convite difícil de resistir? Pelo menos deixei você ficar com suas roupas, não foi?

– Esse favor específico é uma misericórdia para nós dois, acredite. Um convite para quê, se é que posso perguntar, além de uma coação dolorosa e uma conversa breve?

– Fico magoada ao ver que você precisa de mais. Porém há outra coisa, já que você mencionou – disse ela, e aparou outra lasca de unha com a tesoura antes de se voltar para ele. – Uma pequena dívida que ficou, de Dagoska. Temo que eu não vá dormir tranquila enquanto ela não for paga.

Algumas semanas numa cela escura e ser sufocada até quase morrer? Que forma de pagamento isso pode me garantir?

– Por favor, então – sibilou Glokta entre dentes, as pálpebras tremulando enquanto olhava as lâminas da tesoura cortar e cortar. – Mal aguento o suspense.

– Os gurkenses estão vindo.

Ele parou um momento, perplexo.

– Estão vindo para cá?

– É. Para a Terra do Meio. Para Adua. Para você. Eles construíram uma frota em segredo. Navios capazes de rivalizar com qualquer coisa que a União possua – contou ela e, depois de jogar a tesoura na mesa, deu um longo suspiro. – Ou pelo menos foi o que ouvi dizer.

A frota gurkense, exatamente como meu visitante noturno, Yulwei, disse. Boatos e fantasmas, talvez. Mas boatos nem sempre são mentiras.

– Quando eles vão chegar?

– Isso eu não poderia dizer. Uma expedição dessas exige uma organização colossal. Mas, afinal de contas, os gurkenses sempre foram muito mais organizados do que nós. Por isso é um prazer tão grande negociar com eles.

Meus negócios com eles não foram nada agradáveis, mas…

– Em que número eles vêm?

– Um número muito grande, imagino.

Glokta bufou.

– Desculpe se considero com certo ceticismo as palavras de uma traidora, sobretudo porque você é bastante comedida com relação aos detalhes.

– Como quiser. Você está aqui para ser avisado, não convencido. Acho que lhe devo isso, por me dar minha vida.

Que coisa maravilhosamente antiquada de sua parte.

– E é só isso?

Ela abriu as mãos.

– Uma dama não pode aparar as unhas sem ofender?

– Você não poderia simplesmente ter me escrito? – contrapôs Glokta. – E me poupado da fricção nas axilas?

– Ora, você nunca me pareceu um homem que se incomodasse com um pouquinho de fricção. Além do mais, isso nos deu a chance de renovar uma amizade muito agradável. E você precisa me conceder meu pequeno momento de triunfo, depois do que me fez passar.

Acho que posso. Já recebi ameaças menos encantadoras, e pelo menos ela tem mais bom gosto do que se encontrar comigo numa pocilga.

– Então posso simplesmente sair andando?

– Alguém trouxe a bengala?

Ninguém respondeu. Eider deu um sorriso feliz, mostrando a Glokta seus dentes perfeitos e brancos.

– Então pode sair se arrastando. O que acha?

Melhor do que flutuar até a superfície do canal depois de alguns dias no fundo, inchado feito uma lesma grande e pálida e fedendo como todas as sepulturas da cidade.

– É o melhor que vou conseguir, acho. Mas fico pensando: o que me impede de, depois de encerrarmos aqui, mandar meus práticos seguir o cheiro do perfume caro e terminar o que eles começaram?

– É a sua cara, dizer uma coisa dessas – zombou ela com um suspiro. – Devo lhe informar que um velho e confiável conhecido meu possui uma carta selada. Caso eu morra, ela será enviada ao arquileitor, revelando a ele a natureza exata da minha sentença em Dagoska.

Glokta sugou azedamente as gengivas. *Exatamente do que eu preciso, outra faca para fazer malabarismo.*

– E o que ocorrerá se, de um modo totalmente independente de minhas ações, você sucumbir a alguma doença parasitária? Ou se uma casa desmoronar em cima de você? Ou se você sufocar com um pedaço de pão?

Ela arregalou os olhos, como se o pensamento tivesse acabado de lhe

ocorrer.

– Em algum desses casos… acho que… a carta seria mandada de qualquer modo, apesar da sua inocência – ponderou ela. – O mundo não é um lugar nem de longe tão justo quanto deveria ser, na minha opinião, e ouso dizer que os nativos de Dagoska, os mercenários escravizados e os soldados trucidados da União que você fez lutar por sua causa perdida concordariam – falou Carlot com um sorriso tão doce quanto se estivessem conversando sobre jardinagem. – As coisas provavelmente seriam muito mais simples para você se tivesse me estrangulado, no fim das contas.

– Leu a minha mente. – *Mas agora é tarde demais. Eu fiz uma boa ação, e por isso, claro, há um preço a pagar.*

– Então diga, antes de nos separarmos de novo e, ambos esperamos, pela última vez: você está envolvido nesse negócio da eleição?

Glokta sentiu o olho tremelicar.

– Meus deveres parecem roçar nisso. – *Na verdade, isso ocupa todas as minhas horas de vigília.*

Carlot dan Eider se inclinou para a frente, a uma distância conspiratória, os cotovelos na mesa, o queixo nas mãos.

– Quem você acha que será o próximo rei da União? Brock? Isher? Outro?

– É um pouco cedo para dizer. Estou trabalhando nisso.

– Então pode sair mancando – falou ela, fazendo beicinho. – E creio que seja melhor não mencionar nosso encontro a Sua Eminência.

Ela fez um movimento de cabeça e Glokta sentiu o saco sendo colocado outra vez sobre sua cabeça.

Uma turba maltrapilha

O POSTO DE comando de Jezal (se era possível usar essa expressão para um homem tão absolutamente confuso e desorientado como ele se sentia) ficava no topo de uma longa encosta. Oferecia uma visão esplêndida do vale. Pelo menos seria uma visão esplêndida em tempos mais felizes. Do jeito que a situação se encontrava, era preciso admitir, o espetáculo estava longe de ser agradável.

O grupo principal dos rebeldes cobria por completo vários campos de bom tamanho no vale. Parecia uma infestação escura, suja e ameaçadora, com o reluzir de aço polido em alguns lugares. Podiam ser instrumentos agrícolas e ferramentas de artesãos, mas eram afiados.

Mesmo a distância, era evidente e perturbador que existia uma organização ali. Corredores retos e regulares entre os homens para a passagem rápida de mensageiros e suprimentos. Estava claro, mesmo para o olho destreinado de Jezal, que isso era tanto um exército quanto uma turba e que alguém lá embaixo sabia o que fazer. Muito melhor do que ele, provavelmente.

Grupos menores e menos organizados de rebeldes se espalhavam até longe na paisagem, mas todos de tamanho considerável. Homens mandados em busca de comida e água, limpando toda a área. Aquela massa negra se arrastando nos campos verdes fez Jezal se lembrar de uma infestação de formigas pretas tomando uma pilha de cascas de maçã. Não fazia a menor ideia de quantos eram, mas de onde estava parecia que 40 mil seria uma estimativa muito modesta.

Na aldeia no fundo do vale, atrás da massa principal de rebeldes, havia fogo. Fogueiras ou construções em chamas, era difícil dizer, mas Jezal temia que fosse a segunda hipótese. Três grandes colunas de fumaça escura subiam e se separavam no alto, dando ao ar um cheiro leve e preocupante de queimado.

Era dever do comandante estabelecer um tom de destemor que seus homens não teriam opção a não ser acompanhar. Jezal sabia disso, claro. No entanto, olhando aquele campo longo e inclinado, não podia deixar de refletir no grande número de homens do lado oposto, todos tão sinistramente decididos. Não conseguia impedir que o olhar saltasse para as próprias linhas, tão finas, magras e de aparência insegura. Não conseguia deixar de se encolher e puxar o colarinho, desconfortável. Aquela porcaria ainda parecia apertada demais.

– Como deseja posicionar os regimentos, senhor? – perguntou seu ajudante, o major Opker, com uma expressão que de algum modo conseguia ser ao mesmo tempo de condescendência e puxa-saquismo.

– Posicionar? É… bom…

Jezal revirou o cérebro em busca de algo vagamente adequado, ou ao menos correto, para dizer. Tinha descoberto cedo, na carreira militar, que se você tem um oficial eficaz e experiente acima, junto com soldados eficazes e eficientes abaixo, não é preciso saber nem fazer nada. Essa estratégia o mantivera durante vários anos da confortável paz, porém agora o único defeito dessa lógica estava nitidamente à mostra. Se, por algum milagre, você ascender ao topo da cadeia de comando, o sistema desmorona por completo.

– Posicionar… – resmungou, franzindo a testa e tentando dar a impressão de avaliar o terreno, mesmo tendo apenas uma vaga ideia do que isso significava. – Infantaria em linha dupla… – especulou, lembrando-se do fragmento de alguma história que Collem West havia lhe contado. – Atrás desta cerca viva aqui.

E apontou com o bastão enfaticamente. No uso de um bastão, pelo menos, ele era experiente, pois treinara horas a fio diante do espelho.

– Na frente da cerca viva, é o que o coronel quer dizer, claro – interveio Bayaz de modo tranquilo. – A infantaria colocada em linha dupla dos dois lados daquele marco miliário. A cavalaria ligeira nas árvores, lá, a cavalaria pesada em cunha no lado mais distante, onde ela pode usar o campo aberto com vantagem.

Ele demonstrava uma familiaridade espantosa com o jargão militar.

– As bestas numa linha única atrás da cerca viva, onde a princípio estarão escondidas do inimigo e podem disparar do terreno elevado – emendou o mago e piscou para Jezal. – Excelente estratégia, coronel, se é que posso dizer.

– Claro – disse Opker, com um risinho de desprezo, e se virou para repassar as ordens.

Jezal apertou o bastão com força às costas, coçando nervosamente o queixo com a outra mão. Era óbvio que havia muito mais na arte de comandar do que apenas ser chamado de “senhor” por todo mundo. Precisaria ler alguns livros sobre o assunto quando voltasse a Adua. Se voltasse.

Três pontinhos haviam se destacado da massa humana lá embaixo no vale e começaram a subir a encosta na direção deles. Jezal protegeu os olhos com a mão e pôde vislumbrar um trapo branco sendo balançado no ar. Uma bandeira de trégua. Sentiu no ombro a mão decididamente desconfortável de Bayaz.

– Não se preocupe, meu rapaz, estamos bem preparados para a violência. Mas confio que não chegaremos a isso – falou e riu ao olhar para a massa de homens lá embaixo. – Confio bastante.

Jezal desejou ardentemente poder dizer o mesmo.

Para um homem conhecido como demagogo, traidor e incitador de tumultos, não havia nada nem um pouco notável no Curtidor. Ele sentou calmamente na cadeira dobrável à mesa da tenda de Jezal, um rosto comum sob cabelos encaracolados, um homem de estatura mediana com um casaco de estilo e cor comuns e um sorriso no rosto que sugeria saber muito bem que estava em vantagem.

– Sou conhecido como Curtidor – apresentou-se. – Fui indicado para falar pela aliança dos oprimidos, dos explorados e dos esmagados que estão no vale. Estes são dois de meus companheiros neste empreendimento justo e patriótico. Meus dois generais, poderíamos dizer. O Sr. Hood… – Ele assentiu de lado para um homem corpulento com barba densa e comprida, pele vermelha e carranca fumegante. –… e Cotter Holst.

Ele balançou a cabeça na outra direção, para um sujeito com cara de fuinha, uma longa cicatriz na bochecha e estrábico.

– É uma honra – disse Jezal com cautela, apesar de os dois mais parecerem bandoleiros do que generais. – Sou o coronel Luthar.

– Eu sei. Eu o vi no Campeonato. Uma bela habilidade com as espadas, meu amigo, muito bela.

– Ah, bem, é… – Jezal foi apanhado desprevenido. – Obrigado. Este é o meu ajudante, o major Opker, e este é… Bayaz, o Primeiro dos Magos.

O Sr. Hood bufou, incrédulo, mas o Curtidor apenas coçou o lábio, pensativo.

– Bom. E vocês vieram lutar ou negociar?

– Viemos para qualquer uma das coisas – respondeu Jezal, deixando-se levar pela frase do outro. – O Conselho Fechado, ainda que condene o método de sua manifestação, admite que vocês podem ter exigências legítimas…

Hood soltou uma bufada trovejante.

– Que opção eles têm, os desgraçados?

Jezal foi em frente.

– Bom, é… Eles me instruíram a oferecer essas concessões.

Ele ergueu o rolo de pergaminho que Hoff havia preparado, um negócio enorme com alças esculpidas e um lacre do tamanho de um prato.

– Mas devo alertar – emendou, esforçando-se ao máximo para parecer confiante – que, caso vocês recusem, estamos prontos para lutar e meus homens são os mais bem treinados, mais bem armados e mais preparados a serviço do rei. Cada um deles vale vinte da sua ralé.

O agricultor corpulento deu um riso ameaçador.

– Lorde Finster achava a mesma coisa e nossa ralé chutou a bunda dele de

uma ponta de sua propriedade até a outra. Ele teria sido enforcado por isso, se tivesse um cavalo mais lento. O seu cavalo é rápido, coronel?

O Curtidor o tocou gentilmente no ombro.

– Paz agora, amigo. Nós viemos pelas condições, se houver condições que possamos aceitar. Por que não mostra o que tem aí, coronel, e veremos se há alguma necessidade de ameaças?

Jezal estendeu o documento pesado e Hood o arrancou de sua mão, com raiva, quebrou o lacre e começou a ler, o papel grosso estalando enquanto era desenrolado. Quanto mais lia, mais séria ficava sua carranca.

– É um insulto! – disse ele com rispidez quando terminou, lançando um olhar carrancudo para Jezal. – Impostos mais leves e alguma merda sobre o uso da terra comum? E nem isso eles provavelmente vão honrar!

Ele jogou o rolo de lado para o Curtidor e Jezal engoliu em seco. Não tinha a mínima ideia das concessões ou de suas possíveis falhas, claro, mas a reação de Hood não parecia pressagiar um acordo.

Os olhos do Curtidor se moveram preguiçosamente pelo pergaminho. Olhos de cores diferentes, notou Jezal: um azul e um verde. Quando chegou ao fim, o Curtidor pousou o documento e deu um suspiro teatral.

– Esses termos vão servir.

– Vão? – ecoou Jezal, com os olhos arregalados de surpresa, mas nem de longe tanto quanto os do Sr. Hood.

– Mas esses termos são piores do que os que nos ofereceram antes! – gritou o camponês. – Antes de fazermos os homens de Finster correr! Na ocasião você disse que não poderíamos aceitar nada menos do que terras para cada homem!

O Curtidor fez uma careta.

– Isso foi naquela ocasião.

– Isso foi naquela ocasião? – resmungou Hood, ofegando de incredulidade. – O que aconteceu com pagamento honesto pelo trabalho honesto? O que aconteceu com as participações nos lucros? O que aconteceu com os direitos iguais a qualquer custo? Você me prometeu! – Ele apontou as mãos na direção do vale. – Você prometeu a todos eles! O que mudou, a não ser que Adua está ao nosso alcance? Nós podemos pegar o que quisermos! Podemos…

– Eu disse que esses termos vão servir! – rosnou o Curtidor com uma súbita fúria. – A não ser que você queira lutar sozinho contra os homens do rei! Eles seguem a mim, Hood, não a você, para o caso de não ter notado.

– Mas você prometeu liberdade para todos os homens! Eu confiei em você! – bradou o camponês, e seu rosto era puro terror. – Todos nós confiamos em você.

Jezal nunca vira alguém aparentar uma indiferença tão absoluta quanto o

Curtidor agora.

– Acho que devo ter o tipo de rosto em que as pessoas confiam – entoou ele.

Seu amigo Holst apenas deu de ombros e olhou para as unhas.

– Dane-se você, então! Danem-se todos vocês! – rosnou Hood; depois se virou e passou com raiva pela porta da tenda.

Jezal percebeu Bayaz se inclinando para sussurrar algo ao major Opker:

– Prenda aquele homem antes que ele saia das linhas.

– Prender, senhor, mas… sob uma bandeira de trégua?

– Prender, pôr a ferros e conduzir à Casa das Perguntas. Um trapo de pano branco não pode ser esconderijo para a justiça do rei. Acredito que o superior Goyle esteja cuidando das investigações.

– É… claro.

Opker se levantou para ir atrás do Sr. Hood e Jezal deu um sorriso nervoso. Não havia dúvida de que o Curtidor ouvira o diálogo, mas ele sorria como se o futuro de seu ex-companheiro não fosse mais da sua conta.

– Devo pedir desculpas por meu companheiro. Numa questão assim, não é possível agradar a todo mundo. – Balançou a mão num gesto elaborado. – Mas não se preocupem. Vou fazer um grande discurso para o povinho e direi que conseguimos tudo por que lutamos, e logo eles voltarão para casa sem ter causado um dano verdadeiro. Alguns poucos ficarão decididos a causar encrenca, talvez, mas tenho certeza de que o senhor pode dar cabo deles sem muito esforço, hein, coronel Luthar?

– É… bem – murmurou Jezal, sem a menor ideia do que estava acontecendo. – Acho que nós…

– Excelente – falou o Curtidor, e se pôs de pé com um salto. – Infelizmente preciso ir agora. Tenho todo tipo de tarefas a realizar. Nunca temos tranquilidade, hein, coronel Luthar? Nunca temos a menor paz.

Trocou um longo olhar com Bayaz, depois saiu para a luz do dia e foi embora.

– Se alguém perguntasse – murmurou o Primeiro dos Magos no ouvido de Jezal –, eu diria que foi uma negociação exaustiva, contra oponentes espertos e decididos, mas que você manteve a coragem, lembrou-os de seu dever para com o rei e o país, insistiu que retornassem aos campos, e assim por diante.

– Mas… – tentou dizer Jezal, embora sentisse vontade de chorar, de tão pasmo. Muito pasmo e muito aliviado ao mesmo tempo. – Mas eu…

– Se alguém perguntar.

E, na voz de Bayaz, algo sugeria que o episódio estava encerrado.

Amado pela Lua

CACHORRÃO SE LEVANTOU, estreitou os olhos por causa do sol e observou os rapazes da União arrastarem os pés na direção oposta. Existe uma aparência comum aos derrotados, depois de uma luta. Movem-se devagar, encurvados, sujos de lama, muito interessados no chão. Cachorrão já tinha visto muito essa expressão antes. Ele mesmo a tivera mais de uma vez. Triste por terem perdido. Envergonhado por terem perdido. Culpado por ter desistido sem receber um ferimento. Cachorrão sabia como era essa sensação e como aquele sentimento corroía a pessoa por dentro, mas a culpa era menos dolorosa do que um corte de espada e se curava um pouco mais depressa.

Parte dos feridos não estava tão mal. Com bandagens ou talas, mancando apoiados num pedaço de pau ou com o braço em volta dos ombros de um colega. Era o bastante para receber serviço leve durante algumas semanas. Outros não tinham tanta sorte. Cachorrão pensou ter reconhecido um. Um oficial pálido, praticamente sem idade para ter barba, o rosto liso todo retorcido de dor e medo, a perna decepada logo acima do joelho, as roupas, a maca e os dois homens que o carregavam sujos de sangue. Era ele que estava sentado junto ao portão quando Cachorrão e Três Árvores haviam chegado a Ostenhorm para se juntar à União. O que os havia olhado como se eles fossem dois cagalhões. Não parecia muito esperto agora, guinchando a cada movimento brusco da maca, mas isso não fez Cachorrão sorrir. Perder uma perna parecia um castigo duro demais por se agir com desprezo.

West estava mais adiante, falando com um oficial que tinha uma bandagem suja em volta da cabeça. Cachorrão não podia ouvir o que eles diziam, mas comprendia o sentido. De vez em quando um deles apontava na direção dos morros de onde tinham vindo. Duas colinas íngremes e de aparência maligna, densamente cobertas de árvores, com algumas faces duras de rocha nua aparecendo. West se virou e captou o olhar de Cachorrão, e seu rosto ficou sério como o de um coveiro. Não era preciso ter a mente ágil para entender que a guerra ainda não estava vencida.

– Merda – murmurou Cachorrão, baixinho.

Tinha aquela sensação desagradável na barriga. Aquela sensação ruim que costumava ter quando fazia o trabalho de batedor ou sempre que Três Árvores pedia armas ou que não havia nada além de água fria para o desjejum. Mas desde que se tornara chefe parecia sentir isso na maior parte do tempo. Agora tudo era

problema seu.

– Não deu certo? – perguntou.

West fez que não com a cabeça enquanto ele se aproximava.

– Bethod esperava por nós, e em grande número. Ele se abrigou naqueles morros. Ficou bem entocado e bem preparado, entre nós e Carleon. Provavelmente se preparou para isso antes mesmo de atravessar a fronteira.

– Bethod sempre gosta de estar preparado. Não há como contornar as tropas dele?

– Kroy tentou as duas estradas e tomou duas surras. Agora Poulder tentou os morros de frente e levou uma pior ainda.

Cachorrão suspirou.

– Não há como dar a volta.

– Nenhum modo que não dê a Bethod uma bela chance de cravar a faca em nós.

– E Bethod não vai perder uma chance dessas. Vem esperando por isso.

– O lorde marechal concorda. Ele quer que você leve seus homens para o norte – falou West e olhou para os morros que se insinuavam, cinzentos, ao longe. – Quer que vocês procurem um ponto fraco. Bethod não pode cobrir toda a cordilheira.

– Não? – perguntou Cachorrão. – Acho que vamos descobrir.

Ele seguiu na direção das árvores. Os rapazes iriam adorar aquilo.

Subiu pela trilha e logo chegou aonde seu pessoal estava acampado. O número aumentava o tempo todo. Podiam ser uns quatrocentos agora e além disso era um grupo rude. Eram principalmente homens que nunca haviam gostado muito de Bethod, que haviam lutado contra ele nas guerras. E contra Cachorrão, também, por sinal. As florestas estavam apinhadas do pessoal dele, sentados em volta de fogueiras, cozinhando, polindo as armas e trabalhando nos equipamentos, dois treinando com espadas. Cachorrão estremeceu ao ouvir o som de aço se chocando. Haveria mais disso depois, e com resultados mais sangrentos, não duvidava.

– Chefe! – gritavam para ele. – Cachorrão! Chefe! Ei, ei!

Bateram palmas e fizeram barulho com suas armas nas pedras em que estavam sentados. Cachorrão levantou o punho, lhes deu um meio sorriso e disse “certo, bom, bom” e coisa e tal. Ainda não tinha a menor ideia de como parecer um chefe, para dizer a verdade, por isso simplesmente agia como sempre. Mas todo o bando parecia bastante satisfeito. Ele achava que eles sempre pareciam. Até que começassem a perder lutas e decidissem que queriam um chefe novo.

Chegou à fogueira onde o grupo de seus Homens Nomeados passava o dia. Nenhum sinal de Logen, mas o restante do pessoal antigo estava sentado ao

redor das chamas com ar entediado. Pelo menos os que continuavam vivos. Tul o viu chegando.

– Cachorrão voltou.

– Uh – disse Sinistro, aparando algumas penas com uma navalha.

Barca Negra se ocupava de aproveitar a gordura de uma panela num pedaço de pão.

– E então, como a União se virou nos morros? – perguntou, e sua voz tinha um ar de desprezo que indicava que ele já sabia a resposta. – Fizeram merda, não foi?

– Bom, eles ficaram com o segundo lugar, se é isso que está perguntando.

– Segundo lugar com dois concorrentes é o que eu chamo de merda.

Cachorrão respirou fundo e deixou passar.

– Bethod está bem entocado, vigiando as estradas para Carleon. Ninguém consegue ver um modo fácil de chegar até ele, nem um modo fácil de contorná-lo. Acho que ele estava bem preparado.

– Eu poderia ter dito isso a você! – rosnou Barca Negra, deixando escapar migalhas gordurosas da boca. – Ele vai colocar Ossinho num dos morros e Mecha Branca no outro e Pálido-Como-Neve e Crendel Afiado mais adiante. Esses quatro não vão dar nenhuma chance a ninguém, mas se os oficiais da União decidirem fazer isso, Bethod vai estar por trás deles com mais gente e seus shankas e a porra do Temível, pronto para acabar com todos num instante.

– É mais do que provável – concordou Tul, que levantou sua espada à luz, examinou-a, depois recomeçou a polir a lâmina. – Bethod sempre gostou de ter um plano.

– E o que os caras que seguram nossa coleira têm a dizer? – zombou Barca Negra. – Que tipo de trabalho o Furioso tem para seus animais?

– Burr quer que a gente vá um pouco para o norte, pela floresta, para verificar se Bethod deixou algum ponto fraco por lá.

– Hã – bufou Barca Negra. – Bethod não tem o hábito de deixar furos. A não ser que tenha deixado um para a gente cair. Cair e quebrar o pescoço.

– Bom, então acho melhor a gente ter cuidado com o lugar onde pisa, não é?

– Mais tarefas de merda.

Cachorrão achou que estava ficando quase tão irritado com as reclamações de Barca Negra quanto Três Árvores antigamente.

– E o que mais seria, hein? A vida é isso mesmo. Um punhado de tarefas. Se você vale alguma merda, se esforça ao máximo para cumprir. O que está incomodando tanto você, afinal?

– Isso! – rugiu Barca Negra, virando a cabeça para as árvores. – Só isso!

Nada mudou tanto assim, não é? A gente podia ter atravessado o Torrente Branca e estar de volta no Norte, mas Bethod se entocou direitinho por lá, e não há jeito de a União contorná-lo sem ficar com a bunda à mostra. E se a União tirar esses sacanas dos morros, o que acontece? Se ela chegar a Carleon e entrar e queimar a cidade direitinho, como Nove Dedos fez da última vez? E aí? Não quer dizer nada. Bethod vai continuar, como sempre, lutando e recuando, e sempre vai haver mais morros onde ficar e mais truques para pôr em prática. Vai chegar a hora em que a União ficará cheia disso, vai se mandar para o sul e deixar a gente na mão. Aí Bethod vai voltar e, sabe de uma coisa, ele é que vai perseguir a gente por toda a porra do Norte. Inverno, verão, inverno, verão, e é mais da mesma merda de sempre. Aqui estamos, em número menor do que antes, mas ainda mijando no meio do mato. Isso parece familiar?

Parecia um tanto, mas, agora que fora mencionado, Cachorrão não via o que poderia fazer a respeito.

– Logen voltou agora, não é? Isso vai ajudar.

Barca Negra bufou de novo.

– Rá! E quando foi que o Nove Sangrento trouxe alguma coisa que não fosse a morte?

– Calma aí – resmungou Tul. – Você deve a ele, lembra? Todos nós devemos.

– Acho que há um limite para o que um homem pode dever – rebateu Barca Negra, depois jogou sua panela perto da fogueira e se levantou, limpando as mãos no casaco. – Por onde ele andou, hein? Ele deixou a gente nos vales sem dizer uma palavra, não foi? Deixou a gente para os cabeças-achatadas e saiu pelo mundo! Quem garante que ele não vai embora de novo, se achar melhor, ou que não vai passar para o lado de Bethod ou começar a matar sem motivo ou só os mortos sabem o que mais?

Cachorrão olhou para Tul, e Tul olhou de volta, cheio de culpa. Todos tinham visto Logen fazer alguns trabalhos sinistros, quando estava de humor virado.

– Isso foi há muito tempo – argumentou Tul. – As coisas mudam.

Barca Negra apenas riu.

– Não. Não mudam. Contem essa história a vocês mesmos, se ela faz vocês dormirem melhor, mas eu vou continuar com um olho aberto, isso eu posso dizer! É do Nove Sangrento que estamos falando! Quem sabe o que ele vai fazer em seguida?

– Tenho uma ideia.

Cachorrão se virou e viu quem falara. Era Logen, encostado numa árvore. Cachorrão já começava a sorrir para ele, mas viu a expressão em seu olhar. Uma

expressão da qual se lembrava, de muito tempo atrás, e que arrastava todo tipo de lembranças ruins. Aquela expressão que os mortos têm, de quando a vida sumiu e eles não se importam com mais nada.

– Se você tem alguma coisa a dizer, acho que pode dizer na minha cara – falou Logen.

Ele se aproximou até chegar perto de Barca Negra, com a cabeça meio de lado, as cicatrizes em evidência naquele ângulo. Os pelos dos braços de Cachorrão se eriçaram e ele sentiu frio mesmo sob o sol quente.

– Qual é, Logen – adulou Tul, tentando parecer que a coisa toda era uma piada, quando estava tão claro quanto a morte lenta que não era isso. – Barca Negra não estava falando sério. Ele só…

Logen não esperou que ele concluísse a fala. Encarando Barca Negra com olhos de cadáver o tempo todo, foi dizendo:

– Quando lhe dei a última lição, achei que você não precisaria de outra. Mas algumas pessoas têm memória curta.

Logen chegou mais perto ainda, tão perto que os rostos dos dois quase se tocaram.

– E então? Precisa de um corretivo, garoto?

Cachorrão estremeceu. Tinha certeza de que os dois tentariam matar um ao outro e não tinha a mínima ideia de como impedi-los depois que começassem. Um momento de tensão absoluta que pareceu durar uma eternidade. Barca Negra não aceitaria isso de nenhum outro homem, vivo ou morto, nem de Três Árvores, mas no fim apenas abriu um sorriso amarelo.

– Nããã. Uma lição já basta pra mim.

Ele virou a cabeça de lado, pigarreou e cuspiu no chão. Depois recuou, sem pressa, com aquele sorriso ainda no rosto, como se dissesse que dessa vez aceitaria a bronca, mas que na próxima talvez não aceitasse.

Assim que se afastou sem nenhum sangue derramado, Tul deixou o ar sair com força dos pulmões, como se eles tivessem escapado impunes depois de cometer um assassinato.

– Certo, então. Para o norte, é? É melhor alguém preparar os rapazes para andar.

– Uh – fez Sinistro, enfiando a última flecha na aljava e seguindo-o por entre as árvores.

Logen ficou parado um instante, olhando-os caminhar. Quando sumiram de vista, virou-se e se agachou perto da fogueira, com os braços apoiados nos joelhos e as mãos pendendo.

– Graças aos mortos por isso. Eu quase me caguei – falou.

Cachorrão percebeu que estivera prendendo o fôlego o tempo todo. Deixou

o ar sair com um som ofegante.

– Acho que eu posso ter me cagado, só um pouquinho. Você precisava fazer aquilo?

– Você sabe que eu precisava. Se deixar um homem como Barca Negra tomar liberdades, ele não para nunca. Aí todo o resto dos rapazes vai achar que o Nove Sangrento não é nem um pouco apavorante como ouviram dizer, e vai ser questão de tempo até que alguém ressentido decida vir com uma faca para cima de mim.

Cachorrão balançou a cabeça.

– É um modo duro de ver as coisas.

– É como elas são. Não mudaram nada. Nunca mudam.

Verdade, talvez, pensou Cachorrão, mas elas não iriam mudar se ninguém desse chance.

– Mesmo assim. Você tem certeza de que tudo aquilo era necessário?

– Para você, não, talvez. Você tem algo que faz as pessoas gostarem de você – falou Logen e coçou o queixo, olhando tristemente para a floresta. – Acho que perdi a chance de ser assim faz uns quinze anos. E não vou ter outra.

A floresta era quente e familiar. Pássaros piavam nos galhos, sem dar a mínima para Bethod, para a União ou para qualquer coisa relacionada aos homens. Nenhum lugar parecera tão pacífico antes, e Cachorrão não gostava disso nem um pouco. Farejava o ar, puxando-o pelo nariz, deixando-o sobre a língua. Andava mais cauteloso desde que aquela flecha havia aparecido e matado Cathil na batalha. Talvez ele pudesse tê-la salvado, se confiasse um pouquinho mais no próprio nariz. Queria ter salvado. Mas querer não ajudava em nada.

Barca Negra se agachou no mato, observando a floresta silenciosa.

– O que foi, Cachorrão? Que cheiro você sentiu?

– De homens, acho, mas meio azedo – disse e farejou de novo. – Tem cheiro de…

Uma flecha veio voando das árvores, se fincou no tronco ao lado de Cachorrão e ficou ali, balançando.

– Merda! – guinchou ele, deslizando até cair de bunda e tirando o arco do ombro, tarde demais, como sempre.

Barca Negra deslizou para perto dele, xingando, e os dois ficaram embolados. O machado de Barca Negra quase furou o olho de Cachorrão, mas ele conseguiu empurrá-lo a tempo. Virou a palma da mão para os homens que vinham atrás, indicando que parassem, mas eles já se espalhavam em busca de cobertura, arrastando-se na direção das árvores e das pedras, pegando armas e

olhando ao redor.

Uma voz veio da floresta adiante.

– Vocês estão com Bethod? – perguntou alguém em nórdico com sotaque estranho.

Barca Negra e Cachorrão se entreolharam por um minuto, depois deram de ombros.

– Não! – rugiu Barca Negra de volta. – E, se você está, é melhor se preparar para encontrar os mortos!

Uma pausa.

– Não estamos com aquele desgraçado e nunca vamos estar!

– Isso é bom! – gritou Cachorrão, levantando a cabeça não mais do que a largura de um dedo, o arco totalmente retesado e pronto. – Então apareçam!

Um homem saiu de trás de uma árvore a uns seis passos de distância. Cachorrão ficou tão chocado que quase se atrapalhou com a corda e disparou a flecha. Mais homens começaram a sair da floresta ao redor. Dezenas. Tinham cabelo emaranhado, rostos manchados com riscas de terra marrom e tinta azul, as roupas eram de peles esfarrapadas e couro meio curtido, mas as pontas das lanças e das flechas e as lâminas das espadas mal forjadas brilhavam de tão limpas.

– Homens das montanhas – murmurou Cachorrão.

– Homens das montanhas e com muito orgulho! – pronunciou-se uma voz forte, que ecoou na floresta.

Alguns deles começaram a se afastar para o lado, como se abrissem caminho para alguém. Cachorrão piscou. Uma criança vinha passando entre eles. Uma garota, talvez de uns 10 anos, com pés sujos e descalços. Tinha uma marreta enorme num ombro, um cabo grosso de madeira com um pedaço de ferro cheio de marcas, do tamanho de um tijolo. Grande demais para ela brandir. A menina parecia ter dificuldade até mesmo em mantê-la no ombro.

Um menino veio em seguida. Tinha um escudo redondo pendurado às costas, largo demais para ele, e segurava um grande machado com as duas mãos. Outro garoto estava ao lado, com uma lança que tinha o dobro de seu tamanho, a ponta balançando acima da cabeça, as nesgas de sol causando um brilho dourado na lâmina. Ele ficava olhando para cima, para garantir que ela não se prendesse num galho.

– Estou sonhando – murmurou Cachorrão. – Não estou?

Barca Negra franziu a testa.

– Se está, é um sonho estranho.

As três crianças não estavam sozinhas. Um desgraçado enorme vinha atrás delas. Usava uma pele esfarrapada em volta dos ombros largos e um grande

colar cujos pingentes iam até sua grande barriga. Eram um monte de ossos. Ossos de dedos, percebeu Cachorrão à medida que ele chegava mais perto. Dedos de homens, misturados com pedaços de madeira com símbolos estranhos entalhados. Um sorriso largo, de dentes amarelos, surgia entre a barba castanha e grisalha, mas isso não deixou Cachorrão mais à vontade.

– Ah, merda – gemeu Barca Negra. – Vamos voltar. Vamos voltar para o sul e chega disso.

– Por quê? Você conhece ele?

Barca Negra virou a cabeça e cuspiu.

– Não é Crummock-i-Phail?

Cachorrão quase desejou que aquilo fosse uma emboscada em vez de um bate-papo. Era um fato que toda criança conhecia: Crummock-i-Phail, chefe dos homens das montanhas, devia ser o desgraçado mais louco de toda a porcaria do Norte.

Ele empurrou lanças e flechas gentilmente para fora do caminho ao se aproximar.

– Agora não precisam disso, não é, minhas belezas? Somos todos amigos, ou temos os mesmos inimigos, pelo menos, o que é muito melhor, não percebem? Mas todos temos um monte de inimigos nas montanhas, não é? A Lua sabe que eu adoro uma boa luta, mas ir atrás de uma subindo rochas enormes, com Bethod e todos os seus lambe-cus enfiados lá em cima? É um pouco de luta de mais para qualquer um, hein? Até para os seus novos amigos sulistas.

Ele parou na frente dos recém-chegados, e os ossos de dedos chacoalharam sobre sua barriga. As três crianças pararam atrás, segurando com dificuldade suas armas enormes e franzindo a testa para Barca Negra e Cachorrão.

– Sou Crummock-i-Phail – apresentou-se. – Chefe de todos os homens das montanhas. Ou de todos que valem alguma merda. – Ele riu como se tivesse acabado de aparecer numa festa de casamento. – E quem está no comando dessa turma animada?

Cachorrão teve aquela sensação de vazio outra vez, mas não havia o que fazer.

– Sou eu.

Crummock levantou as sobrancelhas para ele.

– É mesmo? Você é um sujeito pequeno para dizer a todos esses grandões o que fazer, não é? Estou pensando que você deve ter um tremendo nome nos ombros.

– Sou Cachorrão. Este é Barca Negra.

– Você tem um pessoal estranho aí – disse Barca Negra, franzindo a testa na

direção das crianças.

– Ah, é sim! É sim! E são muito corajosos! O garoto com a minha lança é o meu filho Scofen. O que está com meu machado é meu filho Rond – disse Crummock e franziu a testa para a garota com a marreta. – O nome desse garoto eu não lembro.

– Sou sua filha! – gritou a menina.

– O quê, meus filhos acabaram?

– Scenn ficou velho demais e você deu uma espada para ele e Sceft ainda é pequeno demais para carregar qualquer coisa.

Crummock balançou a cabeça.

– Não parece certo uma mulher carregar a marreta.

A garota jogou a marreta no chão e deu um chute no tornozelo de Crummock.

– Então você mesmo pode carregar, seu velho idiota!

– Ai! – guinchou ele, rindo e esfregando a perna ao mesmo tempo. – Agora sei quem você é, Isern. Seu chute fez a lembrança voltar. Pode ficar com a marreta, pode sim. A menor pega a maior carga, não é?

– Quer o machado, papai? – ofereceu o menino menor, cambaleando ao erguer a arma.

– Quer a marreta? – ofertou a garota, pegando-a nos arbustos e dando uma ombrada no irmão para tirá-lo do caminho.

– Não, meus amores, agora só preciso de palavras, e tenho um monte delas sem a ajuda de vocês. Vão poder ver seu pai trabalhar em algum assassinato em breve, se as coisas correrem bem, mas hoje não precisamos de machados nem marretas. Não viemos aqui para matar.

– Por que vocês vieram? – perguntou Cachorrão, mas não sabia nem mesmo se desejava a resposta.

– Vai direto aos negócios, é, sem tempo para ser amistoso? – falou Crummock, que esticou o pescoço de lado, com os braços acima da cabeça e em seguida levantou um dos pés e o sacudiu. – Eu vim porque acordei no meio da noite e andei na escuridão e a Lua sussurrou para mim. Na floresta, sabe? Nas árvores e nas vozes das corujas nas árvores, e sabe o que a Lua disse?

– Que você é maluco para cacete? – resmungou Barca Negra.

Crummock bateu na coxa enorme.

– Você tem um modo bonito de falar, para um homem feio, Barca Negra, mas não. A Lua disse… – Ele chamou Cachorrão com um gesto, como se tivesse um segredo a compartilhar. –… que vocês estão com o Nove Sangrento aqui.

– E se estiverem?

Era Logen que chegava silencioso de trás, com a mão esquerda pousada na

espada. Tul e Sinistro vinham junto e franziram a testa para os montanheses de cara pintada e as três crianças sujas, mas principalmente para o pai enorme.

– Ali está ele! – rugiu Crummock, balançando um dedo do tamanho de uma linguiça. – Tire a mão dessa espada, Nove Sangrento, antes que eu mije nas calças!

Crummock se deixou cair de joelhos na terra.

– É ele! É ele mesmo! – berrou e em seguida se arrastou pelo mato baixo e se agarrou à perna de Logen, como um cão junto ao dono.

Logen o encarou.

– Solte a minha perna.

– Vou soltar!

Crummock deu um repelão para trás e caiu com a bunda gorda no chão.

Cachorrão nunca vira um comportamento daqueles. Parecia que os boatos sobre o sujeito ser maluco eram verdade.

– Sabe de uma coisa ótima, Nove Sangrento?

– Mais de uma, por sinal.

– Então aqui vai outra. Eu vi você lutar contra Shama Sem Coração. Vi você abrir ele feito um pombo na panela, e meu próprio ser abençoado não faria melhor. Uma coisa linda de ver!

Cachorrão franziu a testa. Ele também estivera lá, e não se lembrava de muita beleza naquilo.

– Então eu disse… – Crummock se ajoelhou de novo. –… e venho dizendo desde então… – Ficou de pé. –… e disse quando desci das montanhas para procurar vocês – E levantou o braço para apontar para Logen. –… que você é um homem mais amado pela Lua do que qualquer outro!

Cachorrão olhou para Logen, que deu de ombros.

– Quem pode dizer do que a Lua gosta ou não gosta? E daí?

– E daí, ele disse! Rá! Eu poderia vê-lo matar o mundo inteiro e seria uma coisa linda! E daí que eu tenho um plano. Ele brotou junto com as fontes frias embaixo das montanhas e foi carregado pelos riachos embaixo das pedras e derramado na margem do lago sagrado bem perto de mim, quando eu estava enfiando os dedos dos pés na água gelada.

Logen coçou o queixo cheio de cicatrizes.

– Nós temos trabalho a fazer, Crummock. Se vai dizer algo que valha a pena, pode ir direto ao ponto.

– Então vou. Bethod me odeia, e o sentimento é mútuo, mas ele odeia você mais ainda. Porque você se levantou contra ele e é a prova viva de que um homem do Norte pode ser dono de si, sem se ajoelhar e lamber o cu daquele desgraçado de chapéu de ouro, de seus dois filhos gordos e de sua bruxa – disse

e franziu a testa. – Se bem que eu poderia ser convencido a levar minha língua até ela. Está seguindo meu raciocínio até aqui?

– Estou – respondeu Logen, mas Cachorrão não tinha tanta certeza disso.

– Se você ficar para trás, é só assobiar que eu volto logo. Quero dizer o seguinte: se Bethod tivesse uma boa chance de pegar você sozinho, longe dos seus amigos da União, aqueles amantes do tempo ensolarado que se arrastam feito formigas lá embaixo, então, bem, talvez ele abrisse mão de muita coisa para fazer isso. Ele poderia ser convencido a descer dos seus morros bonitos em troca de uma chance dessas, e eu fiquei pensando: hummmm?

– Você está apostando que ele me odeia um bocado.

– O quê? Duvida que alguém possa odiar você tanto assim?

Crummock se virou, abrindo os braços enormes e longos na direção de Tul e Sinistro.

– Mas não é só você, Nove Sangrento! São todos vocês, e eu também, e meus três filhos homens aqui!

A garota jogou a marreta no chão de novo e plantou as mãos no quadril, mas Crummock a ignorou e apenas continuou falando:

– Fiquei pensando: seus garotos podem se juntar aos meus garotos e podem ser umas boas oitocentas lanças. Seguimos para o norte, como se fôssemos para os Lugares Altos, para passar por trás de Bethod e nos divertir pelas costas dele. Fiquei pensando que isso vai acender o sangue daquele desgraçado. Fiquei pensando que ele não vai deixar passar uma chance de mandar todos nós de volta à lama.

Cachorrão pensou nisso. Era provável que muitos homens de Bethod estivessem nervosos agora. Preocupados com a possibilidade de estarem lutando do lado errado do Torrente Branca. Talvez ouvissem dizer que o Nove Sangrento estava de volta e pensassem que haviam escolhido o lado errado. Bethod adoraria colocar algumas cabeças em pontas de lanças para todo mundo ver: Nove Dedos, Crummock-i-Phail, Tul Duru e Barca Negra, e talvez até Cachorrão também. Bethod gostaria disso, gostaria sim. Para mostrar ao Norte que não havia futuro em nada que não fosse ele. Gostaria um bocado.

– Supondo que a gente vá para o norte – começou Cachorrão –, como Bethod vai saber disso?

Crummock deu um sorriso mais largo do que nunca.

– Ah, ele vai saber porque a bruxa dele vai saber.

– Bruxa desgraçada – trinou o garoto com a lança, os braços finos tremendo enquanto ele lutava para mantê-la de pé.

– Aquela feiticeira de cara pintada que Bethod mantém. Ou será que ela é que mantém Bethod? É uma questão a se pensar. De qualquer modo, ela está

vigiando. Não está, Nove Sangrento?

– Sei de quem você está falando – disse Logen, não parecendo feliz. – Caurib. Um amigo meu disse uma vez que ela tem o olho longo.

Cachorrão não fazia a menor ideia do que fosse tudo isso, mas, se Logen acreditava, ele achou melhor acreditar também.

– Olho longo, é? – Crummock riu. – Seu amigo tem um nome bonito para um truque feio. Ela vê todo tipo de acontecimentos. Todo tipo de coisa que seria melhor, para nós, se ela não visse. Bethod confia nos olhos dela mais do que nos dele hoje em dia e vai colocar a mulher para vigiar a gente, você em particular. Ela vai estar com os dois olhos longos abertos para isso, vai sim. Eu posso não ser mago – Ele girou um dos símbolos entalhados em madeira em seu colar –, mas a Lua sabe que também não sou alheio a esse tipo de coisa.

– E se for como você diz? – trovejou Tul. – O que acontece? Além de darmos nossas cabeças a Bethod?

– Ah, eu gosto da minha cabeça onde ela está, garotão. A gente atrai ele, sempre para o norte, foi o que a floresta me disse. Tem um lugar nas montanhas, um lugar amado pela Lua. Um vale forte, vigiado pelos mortos da minha família e pelos mortos do meu povo e pelos mortos das montanhas, voltando gerações até quando o mundo foi feito.

Cachorrão coçou a cabeça.

– Uma fortaleza nas montanhas?

– Um lugar forte, alto. Alto e forte o bastante para uns poucos segurarem uns muitos até a chegada de ajuda. Nós o atraímos para o vale e seus amigos da União vão atrás, a uma boa distância. Longe o bastante para a bruxa não ver que estão chegando, de tão ocupada que estiver vigiando a gente, e… – Ele bateu palmas com um estalo que provocou ecos. –… nós esmagamos ele entre nós, aquele desgraçado trepador de ovelhas!

– Trepador de ovelhas! – xingou a garota, chutando a marreta que estava no chão.

Todos se entreolharam por um momento. Cachorrão não gostava muito do plano. Não gostava muito da ideia de sua vida depender do que aquele montanhês maluco dizia. Mas parecia uma espécie de oportunidade. Razoável o bastante para que ele não pudesse recusar, por mais que desejasse.

– Precisamos conversar sobre isso.

– Claro que precisam, meus novos melhores amigos, claro que precisam. Mas não demorem muito, hein? – falou Crummock com um sorriso largo. – Desci dos Lugares Altos há muito tempo, e o resto dos meus lindos filhos e das minhas lindas mulheres e as próprias montanhas lindas devem estar sentindo minha falta. Pensem no lado fácil disso. Se Bethod não for atrás, vocês vão ter

algumas noites para descansar nos Lugares Altos enquanto o verão morre, esquentando-se junto à minha fogueira e ouvindo minhas canções, olhando o sol descer sobre as montanhas. Parece muito ruim? Parece?

– Vocês estão pensando em ouvir aquele maluco? – murmurou Tul assim que chegaram a um ponto onde não poderiam ser ouvidos. – Bruxas e magos e todo esse lixo maldito? Ele vai inventando enquanto fala!

Logen coçou o rosto.

– Ele não é tão maluco como parece, nem um pouco. Ele se sustentou contra Bethod todos esses anos. Foi o único. Já faz doze invernos, não é?, que ele está escondido e atacando e mantendo-se um passo à frente. Nas montanhas, talvez, mas mesmo assim. Ele tem que ser escorregadio feito um peixe e forte feito ferro para conseguir isso.

– Então você confia nele? – perguntou Cachorrão.

– Confiar? – bufou Logen. – Merda, não. Mas a rixa dele com Bethod é mais profunda ainda do que a nossa. Ele está certo com relação à tal bruxa, eu a vi, e vi outras coisas nesse ano que passou… Se ele diz que ela vai ver a gente, acho que acredito. Se ela não vir e Bethod não for, bem, não perdemos nada, não é?

Cachorrão tinha aquela sensação de vazio, pior do que nunca. Olhou para Crummock, que estava sentado numa pedra com os filhos ao redor, e o louco sorriu para ele com um bocado de dentes amarelos. Nem de longe era o tipo de homem em quem se gostaria de colocar todas as esperanças, mas Cachorrão sentia o vento mudando.

– Vamos correr um risco desgraçado – murmurou. – E se Bethod alcançar a gente e se sair melhor?

– Então a gente se move depressa, não é? – rosnou Barca Negra. – É uma guerra. É preciso correr riscos se quiser ganhar!

– Uh – disse Sinistro.

Tul assentiu com a cabeçorra.

– Precisamos fazer alguma coisa. Eu não vim aqui para olhar Bethod sentado num morro. Ele precisa ser tirado de lá.

– Levado para onde a gente possa dar um jeito nele! – sibilou Barca Negra.

– Mas a escolha é sua – emendou Logen, batendo no ombro de Cachorrão. – Você é o chefe.

Ele era o chefe. Lembrou-se deles decidindo isso, em volta da sepultura de Três Árvores. Cachorrão precisava admitir: preferiria mandar Crummock se foder, depois dar meia-volta e dizer a West que não encontraram nada a não ser mata. Mas, quando a gente recebe uma tarefa, cumpre. Era o que Três Árvores diria. Cachorrão soltou um longo suspiro, com aquela sensação borbulhando tão

forte nas entranhas que ele estava a ponto de vomitar.

– Certo. Mas esse plano só vai fazer a gente morrer, a não ser que a União esteja pronta para cumprir com a parte dela e na hora certa. Vamos falar com o Furioso e dizer o que pensamos ao chefe deles, Burr.

– Furioso? – perguntou Logen.

Tul riu.

– É uma longa história.

Flores e aplausos

JEZAL AINDA NÃO fazia ideia de por que era necessário usar seu melhor uniforme. Aquela porcaria estalava de tantas tranças e era rígida feito uma tábua. Tinha sido desenhado mais para ficar em posição de sentido do que para montar e, como resultado, se cravava dolorosamente em sua barriga a cada movimento do cavalo. Mas Bayaz havia insistido, e era difícil dizer não ao velho idiota, ainda que Jezal estivesse no comando daquela expedição. Parecera mais fácil, no final, simplesmente fazer o que ele dizia. Por isso, mesmo com algum desconforto, cavalgava na frente da longa coluna, repuxando constantemente a túnica e suando muito sob o sol forte. O único consolo era que podia respirar ar puro. Todos os outros comiam sua poeira.

Para aumentar o sofrimento, Bayaz continuava a entediá-lo com os mesmos assuntos que martelara em sua cabeça por todo o caminho até a borda do Mundo e de volta.

– É vital para um rei manter-se bem-visto por seus súditos. E isso não é muito difícil. Os humildes têm ambições pequenas e ficam satisfeitos com pequenas indulgências. Não precisam receber tratamento justo. Só precisam pensar que recebem…

Jezal descobriu que, depois de um tempo, conseguia ignorar o zumbido da voz do velho, do mesmo modo que era possível ignorar um cachorro que latia o tempo todo. Relaxou na sela e permitiu que os pensamentos vagueassem. E para onde eles iriam, senão para Ardee?

Ele havia se enfiado numa tremenda enrascada, sem dúvida. Na planície as coisas tinham parecido muito simples. Chegar em casa, casar-se com ela, viver feliz para sempre. Agora, em Adua, de novo em meio aos poderosos e de volta aos antigos hábitos, tudo ficava mais complicado a cada dia. A possibilidade de danos à própria reputação e às suas perspectivas era uma questão que não poderia simplesmente ser descartada. Ele era um coronel do Próprio do Rei, o que significava manter certos padrões.

– Harod, o Grande, sempre teve o respeito dos homens comuns. Mais de uma vez esse foi o segredo de suas vitórias sobre seus pares…

Além disso, a própria Ardee era muito mais complicada pessoalmente do que em suas antigas lembranças. Noventa por cento espirituosa, inteligente, audaz, bonita. Dez por cento bêbada, má e destrutiva. Cada momento com ela era uma loteria, mas talvez fosse esse perigo que provocasse faíscas quando eles

se tocavam, que fazia sua pele formigar e a boca ficar seca… Sua pele ardia agora, só de pensar nela. Ele nunca sentira isso por uma mulher, nunca. Sem dúvida era amor. Tinha de ser. Mas será que o amor bastava? Quanto tempo duraria? Afinal de contas, o casamento era para sempre, e para sempre era um tempo muito longo.

Prolongar indefinidamente seu romance atual não tão secreto seria sua opção preferida, mas aquele desgraçado do Glokta chutara essa possibilidade com sua perna arruinada. Bigornas, sacos e canais. Jezal se lembrava daquele monstro branco enfiando um saco sobre a cabeça de um prisioneiro numa via pública. Estremeceu ao pensar nisso. Mas precisava admitir que o aleijado tinha razão. As visitas de Jezal não eram boas para a reputação da jovem. Como Nove Dedos dissera, as pessoas devem tratar as outras como querem ser tratadas. Mas sem dúvida isso era uma baita inconveniência.

– Você está ao menos ouvindo, meu rapaz?

– Hein? É… estou, claro. Harod, o Grande, e coisa e tal. O respeito que ele sentia pelo homem comum.

– Que aparentava sentir – resmungou Bayaz. – E ele sabia ficar atento a uma lição, também.

Aproximavam-se de Adua, saindo das terras agrícolas e atravessando um dos agrupamentos de barracos, moradias improvisadas, estalagens baratas e bordéis mais baratos ainda que haviam crescido ao redor das portas da cidade, amontoados na estrada, cada um quase uma cidade por si. Penetravam a longa sombra da muralha de Casamir, a linha mais externa de defesa de Adua. Havia um guarda carrancudo de cada lado do arco alto, as portas ornadas com o sol dourado da União abertas. Atravessaram a escuridão e saíram à luz. Jezal piscou.

Um número considerável de pessoas havia se reunido no espaço calçado de pedras, comprimindo-se dos dois lados da rua, contidas por membros da guarda da cidade. Elas explodiram num coro de aplausos felizes ao vê-lo passar pelo portão. Jezal se perguntou por um momento se seria o caso de o estarem confundindo com outro, de estarem ali à espera de alguém realmente importante. Harod, o Grande, talvez. Mas logo começou a perceber o nome “Luthar” repetido no meio do barulho. Uma garota na frente jogou para ele uma flor, que se perdeu sob os cascos de seu cavalo, e gritou algo que ele não entendeu. Mas os modos dela não deixaram dúvida. Todas aquelas pessoas estavam reunidas por causa dele.

– O que está acontecendo? – sussurrou ao Primeiro dos Magos.

Bayaz riu como se ele, pelo menos, esperasse aquilo.

– Imagino que o povo de Adua deseje comemorar sua vitória sobre os rebeldes.

– É mesmo?

Ele estremeceu e deu um aceno vago, e os gritos e aplausos aumentaram sensivelmente. A multidão só ficava mais densa à medida que eles entravam na cidade e o espaço se reduzia. Havia pessoas espalhadas pelas ruas estreitas, nas janelas dos andares térreos e no alto das casas, gritando e aplaudindo. Mais flores foram jogadas de uma sacada adiante na rua. Uma ficou presa na sela e Jezal a pegou e girou algumas vezes na mão.

– Tudo isso… para mim?

– Você não salvou a cidade? Não conteve os rebeldes, e sem derramar uma gota de sangue de nenhum dos lados?

– Mas eles desistiram sem motivo. Eu não fiz nada!

Bayaz deu de ombros, pegou a flor da mão de Jezal e a cheirou, depois jogou longe e assentiu na direção de um grupo de comerciantes que aplaudiam, apinhados numa esquina.

– Parece que eles discordam. Só fique de boca fechada e sorria. Esse é sempre um bom conselho.

Jezal se esforçou ao máximo para obedecer, mas não era tão fácil sorrir. Tinha quase certeza de que Logen Nove Dedos não teria aprovado aquilo. Se existia algo oposto a exibir menos do que suas capacidades, sem dúvida era aquilo ali. Olhava nervoso ao redor, convencido de que, em algum momento, a multidão veria a fraude absoluta que ele acreditava ser e substituiria as flores e os gritos de admiração por urros de fúria e o conteúdo de seus penicos.

Mas isso não aconteceu. Os aplausos continuaram, e Jezal e sua longa coluna de soldados seguiram lentamente pelo distrito de Três Fazendas. A cada rua por onde passava, Jezal relaxava mais. Aos poucos começou a sentir-se como se de fato houvesse feito algo digno daquela homenagem. A imaginar que poderia mesmo ter sido um comandante intrépido, um negociador magistral. Começava a acreditar que, se as pessoas da cidade queriam tratá-lo como herói, provavelmente seria grosseria de sua parte recusar.

Passaram por um portão na muralha de Arnault e entraram no distrito central da cidade. Jezal se empertigou na sela e estufou o peito. Bayaz se deixou ficar a uma distância respeitosa, de forma que Jezal liderasse a coluna sozinho. Os aplausos foram aumentando à medida que seguiam pela ampla via do Meio e atravessavam os Quatro Cantos na direção do Agriont. Era a mesma sensação que tivera ao vencer o Campeonato, só que lhe dera muito menos trabalho – e será que isso era mesmo uma coisa medonha? Que mal poderia haver? Nove Dedos e sua humildade que se danassem. Jezal havia merecido a atenção. Estampou um sorriso radiante no rosto. Levantou o braço com confiança e satisfação e começou a acenar.

As grandes muralhas do Agriont se erguiam adiante. Jezal atravessou o fosso da enorme guarita sul e cavalgou pelo túnel longo fortaleza adentro, com os cascos dos cavalos e as botas dos homens do Próprio do Rei ecoando na escuridão atrás dele. Seguiu devagar pela via do Rei, observado com aprovação pelas estátuas de grandes monarcas de antigamente e seus conselheiros de pedra, passando entre os prédios altos apinhados de espectadores e afinal entrando na praça dos Marechais.

A multidão fora cuidadosamente organizada de cada lado do amplo espaço aberto, de forma a deixar livre uma longa trilha de pedras no meio. Na outra extremidade uma grande arquibancada fora erguida, com um toldo carmim no centro que indicava a presença da família real. A algazarra e a vista eram impressionantes.

Jezal se lembrou da recepção organizada para o marechal Varuz quando este retornou de sua vitória sobre os gurkenses. Ele era pouco mais do que uma criança e assistira de olhos arregalados. Havia captado um vislumbre rápido do marechal, montado num cavalo de batalha cinza, mas jamais imaginara um dia poder cavalgar naquele lugar de honra. Para ser honesto, isso ainda parecia estranho. Afinal de contas, havia derrotado um punhado de camponeses, não a nação mais poderosa do Círculo do Mundo. Mesmo assim, não seria ele que iria julgar quem merecia uma homenagem e quem não merecia, não era?

Assim, Jezal esporeou o cavalo e foi passando entre as fileiras de acenos, sorrisos, apoio e aprovação. Viu que os grandes homens do Conselho Fechado estavam na primeira fila de bancos. Reconheceu o arquileitor Sult vestido de branco reluzente, o juiz supremo Marovia de preto solene. Seu antigo mestre de esgrima, o lorde marechal Varuz, estava ali, com o lorde camarista Hoff logo ao lado. Todos aplaudiam, a maioria com um leve desdém que Jezal achou um tanto deselegante. No meio, aboletado numa cadeira dourada, estava o rei em pessoa.

Já adaptado ao seu papel de herói conquistador, Jezal puxou as rédeas e fez seu garanhão empinar, sacudindo os cascos da frente. Saltou da sela, aproximou-se do tablado real e se curvou graciosamente sobre um dos joelhos, a cabeça inclinada para esperar a gratidão do rei, enquanto os aplausos da multidão ecoavam ao redor. Seria demais esperar outra promoção? Talvez até um título? De repente parecia difícil acreditar que fora obrigado a cogitar uma vida de obscuridade não fazia muito tempo.

– Majestade… – ouviu Hoff dizer, e espiou por baixo das sobrancelhas.

O rei dormia, os olhos fechados, a boca aberta. De certa forma não era surpresa, já que o sujeito havia muito passara do auge da vida, mas Jezal não conseguiu evitar a irritação. Afinal, era a segunda vez que o rei ressonava durante seu momento de glória. Hoff cutucou o monarca do modo mais sutil

possível, com o cotovelo, mas, como ele não acordou, o lorde camarista foi obrigado a se inclinar e sussurrar em seu ouvido:

– Majestade…

Não fez mais do que isso. O rei tombou de lado, sua cabeça pendeu e, para espanto dos membros do Conselho Fechado, de repente se esparramou no chão feito uma baleia encalhada. Seu manto escarlate se abriu revelando uma grande mancha molhada nas calças e a coroa caiu da cabeça, quicou uma vez e rolou com estardalhaço nas pedras.

Houve um ofegar coletivo e um berro estridente de uma dama próxima, ao fundo da arquibancada. Tudo o que Jezal conseguiu fazer foi observar, boquiaberto, enquanto o lorde camarista se jogava de joelhos, curvado sobre o rei caído. Um momento de silêncio se passou, um momento em que cada pessoa na praça dos Marechais prendeu o fôlego, e então Hoff se levantou devagar. Seu rosto havia perdido toda a cor.

– O rei está morto! – gemeu, e os ecos sofridos ressoaram nas torres e nos prédios ao redor da praça.

Jezal só conseguiu fazer uma careta. Tremendo azar. Agora ninguém iria aplaudi-lo.

Facas demais

LOGEN SE SENTARA numa pedra a vinte passos da trilha por onde Crummock os guiava. Conhecia todos os caminhos, Crummock-i-Phail, todos os caminhos do Norte. Era o que diziam, e Logen esperava que fosse verdade. Não gostava da ideia de ser levado direto para uma emboscada. Seguiam para o norte, em direção às montanhas, na expectativa de atrair Bethod de seus morros para os Lugares Altos. Torcendo para que a União viesse atrás dele e o pegasse numa armadilha. Um monte enorme de esperanças.

Era um dia quente, ensolarado, e a terra embaixo das árvores estava repartida entre sombras e raios luminosos, num desenho que mudava à medida que os galhos se moviam ao vento e o sol vazava através deles e esfaqueava o rosto de Logen de tempos em tempos. Pássaros piavam e trinavam, árvores estalavam e farfalhavam, insetos voavam no ar parado e o chão da floresta estava recoberto de moitas de flores brancas e azuis. Era verão no Norte, mas nada disso fazia Logen se sentir melhor. O verão era a melhor estação para matar, e ele vira muito mais homens morrerem no tempo bom do que no ruim. Por isso ficava de olhos fixos na direção das árvores, observando com muita atenção e ouvindo com mais atenção ainda.

Essa era a tarefa que Cachorrão lhe dera. Ficar no flanco direito, garantindo que nenhum dos rapazes de Bethod se esgueirasse enquanto eles estavam enfileirados naquela trilha de cabras. Para Logen isso estava ótimo. Mantinha-o afastado o bastante para que ninguém de seu próprio lado ficasse tentado a matá-lo.

Observar os homens movendo-se silenciosos entre as árvores, as vozes baixas, as armas a postos trazia um jorro de lembranças. Algumas boas, algumas ruins. Principalmente ruins, precisava admitir. Notou que um homem se afastou dos outros e começou a vir em sua direção por entre as árvores. Tinha um riso enorme no rosto – mais amistoso, impossível, mas isso não significava nada. Logen conhecera muitos homens capazes de sorrir para outro e, ao mesmo tempo, planejar a morte dele. Ele mesmo havia feito isso, e mais de uma vez.

Virou o corpo um pouquinho de lado, de forma que pudesse descer a mão sem ser visto, e segurou forte o cabo de uma faca. Facas nunca eram demais, dizia seu pai, e esse era um bom conselho. Olhou ao redor, devagar e tranquilo, só para garantir que não havia ninguém às suas costas, mas só viu árvores. Então mudou a posição dos pés para se equilibrar melhor e ficou sentado, tentando

parecer que nada o preocupava, mas com todos os músculos tensos e prontos para atacar.

– Meu nome é Gorro Vermelho – apresentou-se o homem, que parou a menos de um passo de distância, ainda sorrindo, a mão esquerda tocando de leve o cabo da espada, a outra apenas frouxa.

A mente de Logen disparou, pensando em todos os homens a quem fizera mal, ou ferira, ou com quem acabara tendo rixa. Pelo menos os que ele havia deixado vivos. Gorro Vermelho. Não conseguia situá-lo em lugar nenhum, mas isso não o tranquilizava. Dez homens com dez livros grandes cada um não poderiam manter registros de todos os inimigos que ele fizera, além dos amigos, parentes e aliados de todos os seus inimigos. Isso sem contar alguém que tentasse matá-lo sem motivo, só para ganhar nome.

– Não posso dizer que reconheço o nome.

Gorro Vermelho deu de ombros.

– Você não tem motivo para reconhecer. Lutei pelo Velho Yawl há muito tempo. Ele era um homem bom, o Yawl, um homem que a gente podia respeitar.

– É – respondeu Logen, ainda atento a qualquer movimento súbito.

– Mas quando ele voltou à lama eu arranjei um lugar com Ossinho.

– Nunca gostei muito de Ossinho, nem quando estávamos do mesmo lado.

– Nem eu, para ser honesto. É mesmo um desgraçado. Se gabando todo de vitórias que Bethod conseguiu para ele. Isso não me agradava. Foi por isso que vim, sabe?, quando ouvi dizer que Três Árvores estava aqui. – Resfolegou e olhou para o chão. – Alguém precisa fazer alguma coisa com relação à porra daquele Temível.

– Foi o que ouvi dizer.

Logen vinha escutando um monte de coisas sobre esse tal Temível, e nenhuma boa, mas seria necessário mais do que algumas palavras de um bom assunto para afastar sua mão da faca.

– Mas acho que Cachorrão é um bom chefe. Um dos melhores que já tive. Conhece o serviço. Tem cuidado. Pensa nas coisas.

– É. Sempre achei que ele seria.

– Acha que Bethod está seguindo a gente?

Logen não afastava o olhar dos olhos de Gorro Vermelho.

– Talvez esteja, talvez não. Acho que não vamos saber até acordarmos nas montanhas com ele batendo à porta.

– Acha que a União vai cumprir a parte dela no acordo?

– Não vejo por que não. Aquele tal Burr parece saber o que faz, pelo que sei, e o garoto dele, o Furioso, também. Se eles disseram que virão, acho que virão. Não podemos fazer muita coisa com relação a isso, agora, não é?

Gorro Vermelho enxugou um pouco de suor da testa, franzindo os olhos em direção às árvores.

– Acho que você está certo. De qualquer modo, eu só queria dizer que participei da batalha de Ineward. Estava do lado oposto, mas vi você lutar. E fiquei bem longe, isso posso dizer. – Balançou a cabeça e riu. – Nunca vi nada assim, nem antes nem depois. Acho que o que estou dizendo é que fico feliz por você estar com a gente. Bem feliz.

– É? – falou Logen, piscando. – Então está certo. Bom.

Gorro Vermelho assentiu.

– Bom, é só isso. Vejo você na luta, eu acho.

– É. Na luta.

Logen o observou afastar-se pelas árvores, mas, mesmo quando Gorro Vermelho já estava bem longe, de algum modo ele não conseguiu soltar a mão da faca, não conseguiu afastar a sensação de que precisava vigiar a retaguarda.

Parecia que tinha se permitido esquecer como era o Norte. Ou que se deixara fingir que seria diferente. Agora compreendia seu erro. Criara uma armadilha para si mesmo, anos antes. Fizera uma corrente grande e pesada, elo por elo, e se amarrara com ela. De algum modo recebera a chance de se libertar, uma chance que ele não merecera nem de longe, mas em vez disso havia retornado, e agora as coisas tinham tudo para ficar sangrentas.

Podia sentir o que viria. Como a sombra de uma montanha, um grande peso de morte caía em cima dele. Toda vez que dizia uma palavra, ou dava um passo, ou mesmo tinha um pensamento, parecia que, de algum modo, trazia aquilo mais para perto. Bebia aquilo a cada gole, inalava a cada respiração. Encolheu os ombros e olhou para as botas, com tiras de luz por cima dos bicos. Nunca deveria ter abandonado Ferro. Deveria ter se agarrado a ela como uma criança à mãe. Quantas coisas ao menos um pouco boas lhe haviam sido oferecidas na vida? E agora tinha abandonado uma e optado por voltar e resolver algumas pendências. Passou a língua nos dentes e cuspiu a saliva azeda no chão. Deveria ter sabido. A vingança nunca é tão simples, nem tão doce quanto a gente acha que vai ser.

– Aposto que está desejando não ter voltado, hein?

Logen levantou a cabeça de imediato, pronto para puxar a faca e colocá-la em uso. Então viu que era apenas Tul parado perto dele. Guardou a faca e deixou as mãos baixarem.

– Sabe de uma coisa? Esse pensamento me ocorreu.

O Cabeça de Trovão se agachou ao seu lado.

– Às vezes acho que meu nome é um peso grande demais para carregar. Tenho até medo de pensar em como deve ser o peso de um nome como o seu.

– Parece um fardo.

– Aposto que sim – concordou Tul e, olhando os homens que seguiam em fila pela trilha seca, emendou: – Não se incomode com eles. Vão se acostumar com você. E, se as coisas ficarem ruins, sempre tem o sorriso de Barca Negra para consolar você, não é?

Logen riu.

– Verdade. Aquele sujeito tem um sorriso e tanto. Ilumina o mundo, não é?

– Como o sol num dia nublado – falou Tul e sentou-se na pedra ao lado dele, tirou a tampa do cantil e o ofereceu. – Desculpe.

– Desculpe? Pelo quê?

– A gente não ter procurado você quando caiu daquele penhasco. A gente achou que você estava morto.

– Não posso dizer que fiquei ressentido com isso. Eu também quase tive certeza de que estava morto. Acho que eu é que deveria ter ido procurar vocês.

– Bem, nós deveríamos ter procurado uns pelos outros, talvez. Mas acho que depois de um tempo a gente aprende a deixar de ter esperança. A vida ensina a esperar o pior, não é?

– Acho que é preciso ser realista.

– É verdade. Mesmo assim, deu tudo certo. Agora você está de volta, não é?

– É. – Logen suspirou. – De volta à guerra, à comida ruim e aos esconderijos nas florestas.

– Florestas – grunhiu Tul, e abriu um sorriso enorme. – Será que um dia vou me cansar delas?

Logen tomou um gole do cantil, depois o devolveu e Tul também tomou um gole. Ficaram sentados em silêncio por um minuto.

– Eu não queria isso, você sabe, Tul.

– Claro que não. Nenhum de nós queria. O que não significa que a gente não mereça, não é? – Tul bateu com a mão enorme no ombro de Logen. – Se precisar conversar sobre isso, estou por aí.

Logen o observou se afastar. Era um bom homem, o Cabeça de Trovão. Um homem de confiança. Ainda restavam uns poucos assim. Tul, Sinistro e Cachorrão. Barca Negra também, a seu modo. Isso quase deu alguma esperança a Logen. Quase o deixou satisfeito por ter optado por voltar ao Norte. Depois reparou de novo na fila de homens e viu que Tremedeira olhava para ele. Quis desviar os olhos, mas isso não era algo que o Nove Sangrento poderia fazer. Por isso ficou sentado em sua pedra, os dois encarando-se, e Logen sentiu o ódio de Tremedeira se cravar nele até que o outro se perdeu entre as árvores. Balançou a cabeça de novo, passou a língua pelos dentes outra vez e cuspiu.

Facas nunca são demais, dizia seu pai. A não ser que estejam apontadas

para você, por pessoas que não gostam muito de você.

O melhor inimigo

– TOC, TOC.

– Agora não! – explodiu o coronel Glokta. – Tenho tudo isto para resolver!

Devia haver uns 10 mil papéis de confissões para ele assinar. A mesa gemia sob as grandes pilhas e a ponta de sua pena estava mole feito manteiga. Com a tinta vermelha, as marcas pareciam manchas de sangue escuras espalhadas no papel claro.

– Desgraça! – disse, furioso, ao derrubar o tinteiro com o cotovelo, espirrando tinta sobre a mesa, e a tinta encharcou as pilhas de papéis e começou a pingar no chão com um toc, toc, toc contínuo.

– Mais tarde haverá tempo para você confessar. Muito tempo.

O coronel franziu a testa. Ficara frio ali.

– Você de novo! Sempre nos piores momentos!

– Então se lembra de mim?

– Acho que…

Na verdade o coronel não conseguia se lembrar de onde conhecia aquela pessoa que estava no canto. Parecia uma mulher, mas ele não conseguia identificar o rosto.

– O Artífice caiu queimando… se despedaçou sobre a ponte lá embaixo…

As palavras eram familiares, mas Glokta não sabia por quê. Velhas histórias e absurdos. Encolheu-se. Maldição, sua perna doía.

– Acho que…

Sua confiança costumeira foi se esvaindo por completo. Agora a sala estava fria como gelo e ele podia ver a respiração virando fumaça diante do rosto. Levantou-se cambaleando, a perna doendo ferozmente, enquanto o visitante indesejado se aproximava.

– O que você quer? – conseguiu grasnar.

O rosto chegou à luz. Era ninguém menos do que Mauthis, da casa bancária Valint e Balk.

– A Semente, coronel – disse, dando seu sorriso sem alegria. – Quero a Semente.

– Eu… eu… – foi dizendo Glokta, e suas costas encontraram a parede. Não podia recuar mais.

– A Semente! – falou o outro, mas agora com o rosto de Goyle, então o de Sult, depois o de Severard, mas todos faziam a mesma exigência: – A Semente!

Estou perdendo a paciência!

– Bayaz – sussurrou, fechando os olhos com força, as lágrimas escorrendo por baixo das pálpebras. – Bayaz sabe…

– Toc, toc, torturador – falou de novo a voz sibilante da mulher, enquanto uma ponta de dedo batia na lateral da cabeça de Glokta dolorosamente. – Se aquele velho mentiroso soubesse, ela já seria minha. Não. Você vai encontrá-la.

O coronel não conseguia falar, de tanto medo.

– Você vai encontrá-la, ou vai pagar o preço com essa sua carne retorcida. Por isso, toc, toc: é hora de acordar.

O dedo bateu em seu crânio de novo, penetrando na lateral da cabeça como uma lâmina de adaga.

– Toc, toc, aleijado! – sibilou a voz hedionda em seu ouvido, a respiração tão fria que parecia arder em sua face. – Toc, toc.

Toc, toc.

Por um momento Glokta não soube onde estava. Sentou-se de um salto na cama, lutando com as cobertas, olhando ao redor, cercado de todos os lados por sombras ameaçadoras, percebendo a própria respiração como gemidos sibilantes. Depois, de repente, tudo se encaixou. *Meus novos aposentos.* Uma brisa agradável agitou as cortinas na noite pegajosa, entrando pela única janela aberta. Glokta viu as sombras delas na parede. A janela se fechou contra a esquadria, abriu, depois fechou de novo.

Toc, toc.

Fechou os olhos e soltou um longo suspiro. Encolheu-se ao afundar de volta na cama, esticando as pernas, mexendo os dedos para aliviar a cãibra. *Esses dedos os gurkenses me deixaram, ao menos. Foi só outro sonho. Tudo está…*

Então se lembrou, e seus olhos se arregalaram de súbito. *O rei está morto. Amanhã vamos eleger outro.*

Os 320 papéis estavam presos, inanimados, nos pregos. Tinham ficado cada vez mais amarrotados, batidos, engordurados e sujos nas últimas semanas. *Enquanto o negócio, em si, afundava mais ainda na imundície.* Muitos haviam ganhado manchas de tinta, anotações rabiscadas raivosamente, acréscimos e cortes. *À medida que homens eram comprados e vendidos, ameaçados e chantageados, subornados e adulados.* Muitos estavam rasgados onde cera fora removida, acrescentada, substituída por outras cores. *Quando as alianças mudaram, promessas foram quebradas e o equilíbrio pendeu para cá ou para lá.*

Com o casaco branco amarrotado e o cabelo branco desalinhado, o arquileitor Sult estava parado olhando os papéis com irritação, como um pastor diante de seu rebanho problemático. Glokta nunca o vira parecer em público nada menos do que impecável. *Por fim deve estar sentindo gosto de sangue. Dele mesmo. Quase sinto vontade de rir, se minha boca não estivesse tão terrivelmente salgada.*

– Brock tem 75 – sibilava Sult sozinho, com as mãos cobertas pelas luvas brancas mexendo uma na outra às costas. – Brock tem 75. Isher, 55. Skald e Barezin, 40 cada. Brock tem 75… – murmurava repetidamente, como se aqueles números fossem um feitiço que o protegeria do mal. *Ou do bem, talvez.* – Isher tem 55…

Glokta precisou conter um sorriso. *Brock, depois Isher, depois Skald e Barezin, enquanto a Inquisição e o Judiciário lutam por migalhas. Apesar de todos os nossos esforços, tudo continua praticamente igual a quando começamos essa dança grotesca. Seria melhor se tivéssemos fugido do país e nos poupado o incômodo. Talvez ainda não seja tarde demais…*

Glokta pigarreou ruidosamente e a cabeça de Sult girou num movimento brusco.

– Tem algo a dizer?

– De certa forma, Eminência – falou Glokta no tom mais servil que pôde. – Recentemente recebi algumas informações… perturbadoras.

Sult torceu o nariz e assentiu na direção dos papéis.

– Mais perturbadoras do que isso?

Igualmente, pelo menos. Afinal de contas, quem vencer a eleição terá apenas uma breve comemoração antes que os gurkenses cheguem para trucidar todos nós uma semana depois.

– Foi-me sugerido… que os gurkenses estão se preparando para invadir a Terra do Meio.

Houve uma pausa breve e desconfortável. *Uma recepção nem um pouco promissora, mas agora já enfunamos as velas. O que mais resta fazer, além de guiar o barco para a tempestade?*

– Invadir? – zombou Goyle. – Com o quê?

– Não é a primeira vez que me dizem que eles têm uma frota. – *Tentando desesperadamente evitar que minha embarcação afunde.* – Uma frota considerável, construída em segredo depois da última guerra. Poderíamos facilmente fazer alguns preparativos e, se os gurkenses vierem…

– E se você estiver errado? – rebateu o arquileitor, franzindo a testa com força. – De quem veio essa informação?

Ah, que coisa, isso nunca vai dar certo. Carlot dan Eider? Viva? Mas

como? Corpo encontrado flutuando no cais…

– Uma fonte anônima, arquileitor.

– Anônima? – repetiu Sua Eminência, olhando-o com irritação. – E você quer que eu vá até o Conselho Fechado, num momento assim, e coloque diante deles um boato não comprovado vindo de sua fonte anônima? – *As ondas varrem o convés…*

– Eu apenas queria alertar Vossa Eminência sobre a possibilidade…

– Quando eles vêm? – *A vela rasgada se agita na tempestade…*

– Minha informação não…

– Onde vão desembarcar? – *Os marinheiros despencam do cordame, gritando…*

– De novo, Eminência, não posso…

– Qual será o número de invasores? – *O timão se parte nas minhas mãos trêmulas…*

Glokta se encolheu e decidiu não falar mais nada.

– Então faça a gentileza de não nos distrair com boatos – zombou Sult, com o lábio contraído de desprezo. *O navio desaparece sob as ondas implacáveis, com a carga de avisos preciosos levada ao fundo, e a falta do capitão não será sentida.* – Temos preocupações mais prementes do que uma legião de fantasmas gurkenses!

– Claro, Eminência. – *E, se os gurkenses vierem, quem iremos enforcar? Ah, o superior Glokta, claro. Por que aquele aleijado maldito não nos avisou?*

A mente de Sult já voltara para seus círculos desgastados.

– Temos 31 votos e Marovia tem pouco mais de 20. Trinta e um. Não é suficiente para fazer diferença – concluiu, balançando a cabeça, sério, os olhos azuis dardejando pelos papéis. *Como se houvesse uma nova forma de olhá-los que altere essa terrível matemática.* – Nem de longe.

– A não ser que chegássemos a um acordo com o juiz supremo Marovia.

De novo, uma pausa, mais desconfortável ainda do que da última vez. *Ai, caramba, devo ter dito isso em voz alta.*

– Um acordo? – sibilou Sult.

– Com Marovia? – guinchou Goyle, os olhos arregalando-se de triunfo. *Quando já esgotamos todas as opções seguras, é hora de correr riscos. Não foi o que eu disse a mim mesmo quando cavalguei para a ponte, enquanto os gurkenses se apinhavam do outro lado? Ah, bem, mais uma vez na tempestade…*

Glokta respirou fundo.

– A cadeira de Marovia no Conselho Fechado não é mais segura do que a de ninguém. Nós podemos ter trabalhado uns contra os outros, mas só por hábito. Nesta eleição nosso objetivo é o mesmo. Garantir um candidato fraco e

manter o equilíbrio. Juntos vocês têm mais de 50 votos. Isso pode servir muito bem para alterar o equilíbrio.

Goyle deu um riso de desprezo.

– Unir forças com aquele hipócrita amante dos camponeses? Perdeu o juízo?

– Cale a boca, Goyle – rosnou Sult e olhou carrancudo para Glokta durante um longo tempo, os lábios contraídos enquanto pensava.

Estaria pensando no meu castigo, talvez? Outra surra verbal? Ou uma surra de verdade? Ou meu corpo encontrado flutuando…

– Você está certo. Vá falar com Marovia.

Sand dan Glokta, de novo herói!

– Mas… Eminência! – reclamou um Goyle de queixo caído.

– O tempo do orgulho já ficou muito para trás! – vociferou Sult. – Devemos aproveitar qualquer chance de manter Brock e os outros longe do trono. Devemos encontrar meios-termos, por mais dolorosos que sejam, e angariar qualquer aliado que conseguirmos. Vá! – ordenou por cima do ombro, cruzando os braços e se virando de volta para os papéis que estalavam. – Faça um acordo com Marovia.

Glokta se levantou rigidamente. *Uma pena deixar uma companhia tão agradável, mas quando o dever chama…* Deu um brevíssimo sorriso sem dentes para Goyle, depois pegou a bengala e foi mancando para a porta.

– E, Glokta!

Ele estremeceu ao se virar de volta para o arquileitor.

– Os objetivos de Marovia e os nossos podem ser os mesmos no momento, mas não podemos confiar nele. Olhe bem onde pisa.

– Claro, Eminência. – *Eu sempre olho. Que outra opção se tem, quando cada passo é uma agonia?*

O escritório particular do juiz supremo era grande feito um celeiro, cheio de sombras e com o teto coberto de festões de mofo velho. Apesar de ser apenas o fim da tarde, a hera densa do lado de fora das janelas e a sujeira grossa nos vidros haviam afundado o lugar num crepúsculo perpétuo. Pilhas instáveis de papéis se aglomeravam em todas as superfícies. Porções de documentos amarrados com fita preta. Montes de livros encadernados em couro. Colunas de pergaminhos empoeirados escritos em letra grandiosa, rebuscada, selados com enormes lacres de cera e douração. Um reino inteiro de leis, parecia. *E, de fato, provavelmente é.*

– Superior Glokta, boa tarde – cumprimentou-o o próprio Marovia, sentado

perto da lareira vazia, a uma mesa longa arrumada para o jantar, com um lustre tremeluzente fazendo cada prato reluzir na penumbra. – Espero que não se incomode se eu comer enquanto conversamos. Eu preferiria jantar no conforto dos meus aposentos, mas cada vez mais me pego fazendo as refeições aqui. Excesso de coisas para fazer, sabe? E parece que um dos meus secretários tirou férias sem avisar. – *Umas férias no piso do matadouro, de fato, nos intestinos de um rebanho de porcos.* – Gostaria de me acompanhar?

Marovia indicou um grande pedaço de carne, quase cru no meio, nadando num molho sangrento. Glokta lambeu as gengivas vazias e ocupou uma cadeira do lado oposto.

– Eu adoraria, Meritíssimo, mas as leis odontológicas me impedem.

– Ah, claro. Essas leis não podem ser revogadas, nem mesmo por um juiz supremo. Você tem minha simpatia, superior. Um dos meus maiores prazeres é um bom pedaço de carne, quanto mais sangrento, melhor. Basta mostrar o fogo a ela, é o que eu sempre digo ao cozinheiro. Basta mostrar. – *Engraçado. Eu digo aos meus práticos para começar do mesmo modo.* – E a que devo esta visita inesperada? Veio por iniciativa própria ou a mando de seu patrão, meu estimado colega do Conselho Fechado, o arquileitor Sult?

Seu inimigo amargo e mortal do Conselho Fechado, é o que quer dizer?

– Sua Eminência sabe que estou aqui.

– Sabe? – falou Marovia, depois cortou outra fatia da carne na travessa e a levou pingando para o prato. – E com que mensagem ele o mandou? Algo que tenha a ver com o negócio de amanhã no Conselho Aberto, talvez?

– Assim o senhor estraga minha surpresa, Meritíssimo. Posso falar às claras?

– Se você souber fazer isso.

Glokta mostrou seu sorriso vazio ao juiz supremo.

– Este caso da eleição é terrível para os negócios. A dúvida, a incerteza, a preocupação. É ruim para os negócios de todo mundo.

– Para uns mais do que para outros.

A faca de Marovia guinchou contra o prato quando ele cortou uma fita de gordura da borda da carne.

– Claro. Os que ocupam o Conselho Fechado e os que lutam por eles são os que mais correm riscos. Provavelmente não receberão carta branca se homens poderosos como Brock ou Isher forem eleitos para o trono. – *De fato, alguns de nós provavelmente não sobreviverão uma semana.*

Marovia espetou um pedaço de cenoura com o garfo e ficou olhando para a comida.

– Uma situação lamentável. Seria preferível para todos os envolvidos que

Raynault ou Ladisla ainda estivesse vivo – disse e, depois de pensar um instante, se corrigiu: – Se Raynault ainda estivesse vivo, pelo menos. Mas a eleição será amanhã, por mais que arranquemos os cabelos. Agora é difícil ver outra solução – concluiu e depois desviou o olhar da cenoura para Glokta. – Ou você tem alguma para sugerir?

– O senhor, Meritíssimo, controla entre 20 e 30 votos no Conselho Aberto.

Marovia deu de ombros.

– Tenho alguma influência, não posso negar.

– O arquileitor pode contar com 30 votos.

– Bom para Sua Eminência.

– Não necessariamente. Se vocês dois se opuserem, como sempre aconteceu, seus votos não significarão nada. Um para Isher, o outro para Brock, e não haverá diferença.

– Um triste fim para nossas brilhantes carreiras – disse Marovia com um suspiro.

– A não ser que unissem seus recursos. Então os dois poderiam ter 60 votos. Quase tantos quanto Brock controla. O bastante para que Skald, Barezin ou Heugen seja rei, ou até algum desconhecido, dependendo de como as coisas andarem. Alguém que poderia ser mais influenciável no futuro. Alguém que possa manter o Conselho Fechado que ele já tem, em vez de escolher um novo.

– Um rei que nos deixasse a todos felizes, é?

– Se o senhor exprimisse preferência por algum homem, eu poderia levar essa informação a Sua Eminência. – *Mais passos, mais adulação, mais decepções. Ah, ter um escritório grande que seja meu e ficar o dia inteiro sentado no conforto enquanto homens morrendo de medo se esforçam para subir minha escada e sorrir diante dos meus insultos, engolir minhas mentiras e implorar meu apoio nocivo.*

– Devo lhe dizer o que me deixaria feliz, Superior Glokta?

Agora ouvirei as meditações de outro velho escroto louco pelo poder.

– Sem dúvida, Meritíssimo.

Marovia largou os talheres no prato, recostou-se na cadeira e deu um suspiro longo e cansado.

– Eu gostaria que não houvesse rei. Gostaria que todos os homens fossem iguais perante a lei, que pudessem ter influência no governo do próprio país e na escolha de seus líderes. Gostaria que não houvesse rei nem nobres e que o Conselho Fechado fosse escolhido pelos cidadãos e prestasse contas a eles. Um Conselho Fechado aberto para todos, pode-se dizer. O que acha?

Acho que algumas pessoas diriam que isso se parece muito com traição. As demais simplesmente chamariam de loucura.

– Acho, Meritíssimo, que sua ideia é uma fantasia.

– Por quê?

– Porque a vasta maioria das pessoas preferiria que lhe dissessem o que fazer a ter que optar sozinha. A obediência é fácil.

O juiz supremo gargalhou.

– Talvez você esteja certo. Mas as coisas vão mudar. Essa rebelião me convenceu disso. As coisas vão mudar, a passos pequenos.

– Tenho certeza de que lorde Brock no trono é um passo pequeno que nenhum de nós gostaria que fosse dado.

– Lorde Brock tem de fato opiniões muito fortes, a maioria relacionada a ele mesmo. Expressou um argumento convincente, superior – disse Marovia e se recostou na cadeira, as mãos pousadas na barriga, olhando para Glokta com as pálpebras apertadas. – Muito bem. Pode dizer ao arquileitor Sult que desta única vez temos uma causa comum. Se um candidato neutro com apoio suficiente se apresentar, colocarei meus votos ao lado dos dele. Quem teria pensado nisso? O Conselho Fechado unido – ponderou o juiz, balançando a cabeça devagar. – São tempos estranhos mesmo.

– Sem dúvida, Meritíssimo.

Glokta se levantou com dificuldade e se encolheu ao pôr o peso sobre a perna que queimava. Depois foi arrastando os pés pelo escritório envolto em penumbra e cheio de ecos, até a porta. *Mas é estranho que nosso juiz supremo seja tão filosófico com relação a perder seu cargo amanhã. Poucas vezes vi alguém tão calmo.* Parou quando tocou a maçaneta da porta. *Quase seria de supor que ele soubesse de algo que não sabemos. Ou talvez quase seria de supor que ele já tenha um plano em mente.*

Virou-se de volta.

– Posso confiar no senhor, juiz supremo?

Marovia levantou a cabeça de forma brusca, erguendo a faca de trinchar.

– Que pergunta lindamente antiquada para um homem com sua linha de trabalho! Suponho que possa confiar que agirei dentro de meus próprios interesses. Assim como posso confiar que você fará o mesmo. Nosso acordo não vai além disso. Nem deveria. Você é um homem inteligente, superior, e me faz rir – falou e voltou a cutucar a carne com o garfo, fazendo o sangue escorrer. – Deveria arranjar outro patrão.

Glokta saiu arrastando os pés. *Uma sugestão encantadora. Mas já tenho dois a mais do que gostaria.*

O prisioneiro era um magricelo forte. Como costumavam fazer, estava nu e

com um saco na cabeça, as mãos algemadas com firmeza às costas. Glokta olhou Frost arrastá-lo da cela para a sala abobadada, com os pés descalços tropeçando no chão frio.

– Não foi muito difícil capturá-lo – dizia Severard. – Deixou os outros há um tempo, mas ficou agarrado à cidade feito o cheiro de mijo. Nós o pegamos ontem à noite.

Frost jogou o prisioneiro na cadeira. *Onde estou? Quem me pegou? O que eles querem? Um momento de horror logo antes do início dos serviços. O terror e a impotência, a ansiedade que embrulha o estômago. Minha própria lembrança disso foi refrescada intensamente, outro dia mesmo, nas mãos da charmosa mestra Eider. Mas fui libertado sem um arranhão.* O prisioneiro ficou sentado imóvel, a cabeça inclinada de lado, o pano na frente do saco movendo-se para trás e para a frente com a respiração apressada. *Duvido muito que ele tenha tanta sorte.*

O olhar de Glokta se esgueirou devagar para a pintura acima da cabeça ensacada do prisioneiro. *Nosso velho amigo Kanedias.* O rosto pintado olhava sério do teto abobadado, os braços abertos, as cores do fogo atrás. *O Artífice caiu queimando*… Ele sopesou relutante a marreta pesada.

– Então vamos logo com isso.

Severard arrancou o saco de pano com um floreio teatral.

O navegador franziu os olhos à luz forte dos lampiões. Tinha um rosto castigado pelo sol e pelo vento, bronzeado e muito enrugado, e a cabeça raspada, como um sacerdote. *Ou um traidor confesso, claro.*

– Seu nome é irmão Pé Comprido?

– De fato! Da nobre Ordem dos Navegadores! Garanto-lhe que sou inocente de qualquer crime! – afirmou, as palavras saindo num jorro. – Não fiz nada ilegal, não. Não seria do meu feitio. Sou um homem que obedece às leis, e sempre fui. Não consigo pensar em nenhum motivo para ser tratado deste modo! Nenhum! – Seus olhos giraram para baixo e ele viu a bigorna, reluzindo no chão entre ele e Glokta, onde a mesa normalmente estaria. Sua voz subiu uma oitava: – A Ordem dos Navegadores é respeitada e sou um membro importante! De importância excepcional! A navegação é o principal dos meus talentos notáveis; de fato, a principal…

Glokta bateu com a marreta na bigorna, produzindo um clangor capaz de acordar os mortos.

– Pare de falar!

O homenzinho piscou e abriu a boca, mas ficou quieto. Glokta se deixou afundar em sua cadeira, massageando a perna murcha, com a dor se infiltrando pelas costas.

– Tem alguma noção de como estou cansado? De quanta coisa tenho a fazer? A dor de sair da cama me deixa acabado antes mesmo que o dia comece, e o momento atual é excepcionalmente estressante. Portanto é uma questão da mais suprema indiferença para mim se você vai poder andar pelo resto da vida, enxergar pelo resto da vida, se vai poder prender a própria merda pelo resto de sua vida muito curta e intensamente dolorosa. Entendeu?

O navegador virou os olhos arregalados para Frost, que estava parado junto dele como uma sombra grande demais.

– Entendi – sussurrou.

– Que bom – disse Severard.

– Xi bom – confirmou Frost.

– Muito bom mesmo – falou Glokta. – Diga, irmão Pé Comprido, um dos seus talentos notáveis é uma resistência sobre-humana à dor?

O prisioneiro engoliu em seco.

– Não.

– Então as regras deste jogo são simples. Eu faço uma pergunta e você responde de forma precisa, correta e, acima de tudo, breve. Fui claro?

– Entendi tudo. Não vou falar nada além…

O punho de Frost afundou na barriga do navegador e ele se dobrou ao meio, os olhos saltando.

– Compreende – sibilou Glokta – que sua resposta deveria ter sido *sim*?

O albino pegou a perna do navegador, que gemia, e colocou o pé em cima da bigorna. *Ah, metal frio na sola sensível. Tão desagradável, mas poderia ser muito pior. E algo me diz que provavelmente será.* Frost prendeu uma algema no tornozelo de Pé Comprido.

– Peço desculpas pela falta de imaginação – suspirou Glokta. – Em nossa defesa devo dizer que é difícil estar sempre pensando em algo novo. Quero dizer, esmagar os pés de um homem com uma marreta é tão…

– Pé no chão? – sugeriu Frost.

Glokta ouviu uma gargalhada vinda de trás da máscara de Severard e sentiu sua boca rindo também. *Ele realmente deveria ser comediante em vez de torturador.*

– Pé no chão! Exatamente. Mas não se preocupe. Se não conseguirmos o que precisamos quando tivermos esmagado tudo abaixo de seus joelhos, tentaremos pensar em algo mais inventivo para o resto das suas pernas. Que tal?

– Mas eu não fiz nada! – guinchou Pé Comprido, que acabava de recuperar o fôlego. – Não fiz nada! Não fiz…

– Esqueça… isso. Agora não importa – falou Glokta e se inclinou devagar para a frente, com dor, e deixou que a marreta batesse de leve no ferro ao lado do

pé descalço do prisioneiro. – Quero que você se concentre… nas minhas perguntas… nos seus dedos dos pés… e nesta marreta. Mas não se preocupe se achar isso difícil agora. Pode acreditar: quando a marreta começar a cair, vai ser mais fácil ignorar todo o resto.

Pé Comprido encarou a a bigorna. Suas narinas se abriam ao ritmo acelerado da respiração. *E a gravidade da situação por fim baixa sobre ele.*

– As perguntas, então – disse Glokta. – Você é familiarizado com o homem que diz ser Bayaz, o Primeiro dos Magos?

– Sim! Por favor! Sim! Até recentemente ele era meu patrão.

– Bom. – Glokta se remexeu na cadeira, tentando encontrar uma posição mais confortável. – Muito bom. Você o acompanhou numa viagem?

– Eu fui o guia!

– Qual era o destino?

– A ilha de Shabulyan, na borda do Mundo.

Glokta deixou a marreta bater na bigorna de novo.

– Ah, ora, ora. A borda do Mundo? É uma fantasia, sem dúvida, não?

– É verdade! É verdade! Eu vi! Pisei naquela ilha com meus próprios pés!

– Quem foi com você?

– Foram… Logen Nove Dedos, do Norte distante. – *Ah, sim, o das cicatrizes e lábios franzidos.* – Ferro Maljinn, uma mulher de Kanta. – *A que causou tantos problemas ao nosso amigo, o superior Goyle.* – Jezal dan Luthar, um… oficial da União. – *Um pateta posudo*. – Malacus Quai, aprendiz de Bayaz. – *O mentiroso magricelo com cara de troglodita.* E o próprio Bayaz!

– Eram seis?

– Só seis!

– Uma jornada longa e difícil. O que havia na borda do Mundo, além de água, que exigisse tamanho esforço?

O lábio de Pé Comprido estremeceu.

– Nada!

Glokta franziu a testa e cutucou o dedão do navegador com a cabeça da marreta.

– A coisa não estava lá! A coisa que Bayaz procurava! Não estava lá! Ele disse que foi enganado!

– O que ele achava que deveria estar lá?

– Ele disse que era uma pedra!

– Uma pedra?

– A mulher perguntou a ele. Ele disse que era uma pedra… uma pedra do Outro Lado. – O navegador balançou a cabeça suada. – Uma coisa profana! Fiquei feliz por não encontrarmos essa coisa. Bayaz chamava aquilo de a

Semente!

Glokta sentiu o sorriso se desfazer no rosto. *A Semente. Será minha imaginação ou a sala ficou mais fria?*

– O que mais ele disse sobre isso?

– Só mitos e absurdos.

– Conte mesmo assim.

– Histórias sobre Glustrod e a arruinada Aulcus e sobre assumir formas e roubar rostos! Sobre falar com demônios e invocá-los. Sobre o Outro Lado.

– O que mais? – perguntou Glokta com uma batidinha mais firme da marreta no dedão de Pé Comprido.

– Ah! Ah! Ele disse que a Semente era matéria do mundo de baixo! Que foi deixada antes do Tempo Antigo, quando demônios andavam pela terra! Disse que era uma arma grande e poderosa! Que ele pretendia usá-la contra os gurkenses! Contra o Profeta!

Uma arma, de antes do Tempo Antigo. Invocar demônios, assumir formas. Da parede, Kanedias parecia franzir os olhos, mais sério do que nunca, e Glokta se encolheu. Lembrou-se de sua ida de pesadelo à Casa do Artífice, os padrões de luz no chão, os anéis móveis no escuro. Lembrou-se de ter saído no telhado, de estar acima da cidade sem ter subido uma única escada.

– Vocês não a encontraram? – sussurrou Glokta, com a boca seca.

– Não! Ela não estava lá!

– E então?

– Foi só isso! Voltamos por cima das montanhas. Fizemos uma jangada e seguimos o grande Aos de volta ao mar. Pegamos um navio em Calcis e agora estou diante do senhor!

Glokta estreitou os olhos, estudando com atenção o rosto do prisioneiro. *Há mais. Eu vejo.*

– O que você não está me contando?

– Eu contei tudo! Não tenho talento para dissimulação! – *Isso, pelo menos, é verdade. Suas mentiras são visíveis.*

– Se o seu contrato terminou, por que ainda está na cidade?

– Porque… porque… – O olhar do navegador girou pela sala.

– Ah, nossa, não!

A marreta pesada desceu com toda a força de aleijado de Glokta e esmagou o dedão de Pé Comprido com um som oco. O navegador ficou olhando boquiaberto, os olhos saltados. *Ah, aquele momento lindo, horrível, entre a topada e a dor. Aí vem. Aí vem. Aí…* Pé Comprido soltou um berro enorme, se contorceu na cadeira, o rosto transfigurado de agonia.

– Conheço essa sensação – disse Glokta, estremecendo ao remexer os dedos

que restavam nos pés, dentro das botas suadas. – Conheço de verdade, e simpatizo com você. Primeiro o clarão ofuscante de dor, depois a fraqueza tonta e enjoativa do osso despedaçado, em seguida a pulsação lenta subindo pela perna, que parece arrancar água dos olhos e fazer seu corpo inteiro tremer.

Pé Comprido ofegou, gemeu, com lágrimas nas faces.

– E o que vem depois? Semanas mancando? Meses claudicando, aleijado? E se o golpe seguinte for no tornozelo? – Glokta cutucou o tornozelo de Pé Comprido com a extremidade da marreta. – Ou direto no joelho? E aí? Você andaria de novo? Conheço bem as sensações, acredite. – *Então como posso infligi-las a outra pessoa?* Encolheu os ombros retorcidos. *Um dos mistérios da vida.* – Outro? – E levantou a marreta de novo.

– Não! Não! Espere! – gemeu Pé Comprido. – O sacerdote! Deus me ajude, um sacerdote procurou a Ordem! Um sacerdote gurkense! Disse que um dia o Primeiro dos Magos poderia pedir um navegador e que desejava ser informado sobre isso! Desejava saber o que aconteceria depois! Fez ameaças, ameaças terríveis, nós não tivemos opção a não ser obedecer! Eu estava na cidade esperando outro navegador que vai levar a informação! Hoje de manhã mesmo contei a ele tudo o que contei ao senhor! Já ia sair de Adua, juro!

– Qual era o nome desse sacerdote?

Pé Comprido não disse nada, os olhos arregalados, a respiração sibilando no nariz. *Ah, por que eles me testam?* Glokta olhou para o dedo do pé do navegador. Já começava a inchar e ficar manchado, com bolhas de sangue preto dos dois lados, a unha de um roxo profundo, sinistro, cercado de um vermelho furioso. Glokta o apertou violentamente com o cabo da marreta.

– O nome do sacerdote! O nome! O nome! O…

– Aargh! Mamun! Deus me ajude! O nome dele era Mamun!

Mamun. Yulwei falou sobre ele, em Dagoska. O primeiro aprendiz do próprio Profeta. Juntos eles violaram a Segunda Lei, juntos comeram carne de homens.

– Mamun. Sei. Agora. – Glokta se inclinou ainda mais para a frente, ignorando um arrepio forte na coluna torta. – O que Bayaz está fazendo aqui?

Pé Comprido ofegou, um longo fio de baba pendendo da boca.

– Não sei!

– O que ele quer conosco? O que ele quer na União?

– Não sei! Já contei tudo!

– Inclinar-me assim é um sofrimento considerável. Um sofrimento do qual começo a me cansar – falou Glokta, franzindo a testa e levantando a marreta polida.

– Eu só descubro caminhos para ir daqui até lá! Apenas guio! Por favor!

Não! – suplicou Pé Comprido e fechou os olhos com força, a língua apertada entre os dentes. *Aí vem. Aí vem. Aí vem.…*

Glokta jogou a marreta com força no chão e se inclinou para trás, balançando o quadril dolorido para a esquerda e para a direita na tentativa de aliviar a dor.

– Muito bem – suspirou. – Estou satisfeito.

O prisioneiro abriu primeiro um olho, depois o outro. Olhou para cima, o rosto cheio de esperança.

– Posso ir?

Severard deu um risinho por trás da máscara. Até Frost soltou uma espécie de sibilo.

– Claro que pode ir. – Glokta deu seu sorriso vazio. – Pode ir para seu saco.

O rosto do prisioneiro se encheu de horror.

– Deus tenha piedade de mim.

Se existe um Deus, não tem piedade dele.

Acasos felizes da guerra

O LORDE MARECHAL Burr estava escrevendo uma carta, mas sorriu quando West soltou a aba da tenda e entrou.

– Como vai, coronel?

– Bem, obrigado, senhor. Os preparativos estão sendo feitos. Devemos estar prontos para partir às primeiras luzes.

– Eficiente como sempre. O que eu faria sem você? – disse Burr, depois fez um gesto na direção de um jarro. – Vinho?

– Obrigado, senhor – agradeceu West e se serviu de uma taça. – Quer uma?

Burr indicou um cantil velho junto ao seu cotovelo.

– Acredito que seria prudente continuar bebendo água.

West fez uma careta, cheio de culpa. Não se achava no direito de perguntar, mas agora não tinha escapatória.

– Como está se sentindo, senhor?

– Muito melhor, obrigado por perguntar. Muito, muito melhor. – Fez uma careta, pôs um dos punhos sobre a boca e arrotou. – Não me recuperei por completou, mas estou a caminho disso.

Como se para provar, levantou-se sem dificuldade da cadeira e caminhou até o mapa, com as mãos cruzadas às costas. Seu rosto havia de fato readquirido boa parte da cor. Ele já não ficava encurvado, oscilando como se fosse cair.

– Lorde marechal… eu queria conversar… sobre a batalha de Dunbrec.

Burr olhou ao redor.

– Sobre que aspecto dela?

– Quando o senhor estava doente… – West hesitou, mas acabou deixando que as palavras saíssem: – Eu não mandei buscar um médico! Poderia ter mandado, mas…

– Fico orgulhoso de que não tenha mandado.

West piscou. Não ousara esperar essa resposta.

– Você fez o que eu desejaria que fizesse. É bom que um oficial se importe com seus companheiros, mas é vital que não se importe demais. Ele deve ser capaz de colocar seus homens no caminho do perigo. Deve ser capaz de mandá-los para a morte, se preciso. Deve ser capaz de fazer sacrifícios e avaliar o bem maior, sem que a emoção pese na escolha. É por isso que gosto de você, West. Você tem compaixão, mas também tem força. Não é possível ser um grande líder sem ser um tanto… implacável.

West se pegou sem palavras. O lorde marechal deu um risinho e um tapa na mesa.

– Mas, por acaso, não houve mal, hein? A linha se sustentou, os nórdicos foram expulsos de Angland e eu saí vivo, como dá para ver!

– Fico feliz de verdade em vê-lo melhor, senhor.

Burr deu um sorriso.

– As coisas estão melhorando. Estamos livres para nos movermos outra vez, com as linhas de suprimento garantidas e o tempo finalmente seco. Se o plano do seu Cachorrão der certo, temos a chance de acabar com Bethod em algumas poucas semanas! Eles têm sido aliados muito corajosos e úteis.

– Sem dúvida, senhor.

– Mas a isca dessa armadilha deve ser posta com muito cuidado e acionada no momento exato. – Burr olhou o mapa, balançando-se energicamente para a frente e para trás nos calcanhares. – Se chegarmos cedo demais, Bethod pode fugir. Se chegarmos tarde demais, nossos amigos nórdicos podem ser vencidos antes que os alcancemos. Precisamos garantir que o porcaria do Poulder e o porcaria do Kroy não arrastem as porcarias dos pés!

Ele estremeceu e pôs a mão na barriga, depois pegou o cantil e tomou um gole d’água.

– Eu diria que o senhor conseguiu por fim adestrá-los, lorde marechal.

– Não acredite nisso. Eles só estão esperando a chance de cravar a faca em mim, os dois! E agora o rei morreu. Quem sabe quem vai substituí-lo? Eleição para monarca! Já ouviu falar de uma coisa assim?

A boca de West adquiriu uma secura desagradável. Era quase impossível acreditar que aquilo era em parte obra dele. Mas não seria bom assumir, já que seu papel fora assassinar o herdeiro do trono a sangue-frio.

– Quem o senhor acha que vão escolher? – grasnou.

– Não sou cortesão, West, apesar de ter uma cadeira no Conselho Fechado. Brock ou Isher, quem sabe? Uma coisa digo com certeza: se você acha que há violência aqui, a coisa vai ser duas vezes mais brutal na Terra do Meio, com metade da misericórdia. – O marechal arrotou, engoliu e levou a mão à barriga. – Arg. Nenhum nórdico é nem de longe tão implacável quanto aqueles abutres do Conselho Fechado, quando eles começam. E o que vai mudar quando eles tiverem outro homem usando o manto do cargo? Não muita coisa, acho. Não muita coisa.

– É bem provável, senhor.

– Acho que não podemos fazer nada com relação a isso. Somos um par de soldados rudes, hein, West? – Ele se aproximou do mapa outra vez e traçou a rota para o norte em direção às montanhas, com o indicador grosso golpeando o

papel. – Devemos garantir que estejamos prontos para andar ao nascer do sol. Cada hora pode ser vital. Poulder e Kroy receberam as ordens?

– Assinadas e enviadas, senhor, e eles sabem da urgência. Não se preocupe, lorde marechal, estaremos prontos para partir de manhã.

– Não me preocupar? – bufou Burr. – Eu sou o comandante do exército de Sua Majestade. Minha tarefa é me preocupar. Mas você deve descansar um pouco – disse, e dispensou West com um aceno da mão grossa. – Vejo você às primeiras luzes.

Na noite calma sob as estrelas, jogavam cartas à luz de tochas na colina e, à luz de outras tochas abaixo deles, o restante do exército da União fazia preparativos apressados para avançar. Lampiões balançavam e se moviam, soldados xingavam no escuro. Pancadas e estrondos, além de gritos mal-humorados de homens e animais, chegavam pelo ar.

– Esta noite ninguém vai dormir – falou Brint, que terminara de distribuir as cartas e estalou as suas com as unhas.

– Queria poder me lembrar da última vez em que tive mais de três horas de sono seguidas – disse West.

Fora em Adua, provavelmente, antes de sua irmã chegar à cidade. Antes que o marechal o colocasse em seu estado-maior. Antes que ele voltasse a Angland, antes de conhecer o príncipe Ladisla, antes da jornada gélida para o norte e as coisas que tinha feito nela. Encolheu os ombros e franziu os olhos para as cartas com os cantos amassados.

– Como está o lorde marechal? – perguntou Jalenhorm.

– Muito melhor, fico feliz em dizer.

– Agradeço ao destino por isso – falou Kaspa e levantou as sobrancelhas. – Não gosto muito da ideia de ver aquele pedante do Kroy no comando.

– Ou Poulder – emendou Brint. – O sujeito é implacável feito uma cobra.

West só podia concordar. Poulder e Kroy o odiavam quase tanto quanto odiavam um ao outro. Se um dos dois assumisse o comando, ele teria sorte caso acabasse lavando latrinas no dia seguinte. Provavelmente estaria num barco para Adua em uma semana. Para lavar latrinas lá.

– Ouviu falar do Luthar? – perguntou Jalenhorm.

– O quê?

– Voltou a Adua.

West levantou a cabeça na hora. Ardee estava em Adua, e a ideia dos dois juntos de novo não era exatamente animadora.

– Recebi um bilhete da minha prima Ariss – contou Kaspa e franziu os

olhos enquanto abria desajeitadamente as cartas em leque. – Ela disse que Jezal esteve longe, em algum lugar, numa espécie de missão para o rei.

– Numa missão? – repetiu West, que duvidava que alguém confiasse a Jezal algo suficientemente importante para ser chamado de missão.

– Parece que Adua inteira não fala de outra coisa.

– Dizem que ele comandou uma espécie de ataque atravessando uma ponte – disse Jalenhorm.

West levantou as sobrancelhas.

– Foi mesmo?

– Dizem que ele matou vinte homens no campo de batalha.

– Só vinte?

– E que ele dormiu com a filha do imperador – murmurou Brint.

West bufou.

– De algum modo acho isso mais possível.

Kaspa soltou uma gargalhada.

– Bom, qualquer que seja a verdade, ele foi promovido a coronel.

– Bom para ele – murmurou West. – Aquele sujeito sempre parece se dar bem.

– Ouviu falar da tal revolta?

– Minha irmã mencionou alguma coisa na última carta. Por quê?

– Houve uma rebelião em grande escala, pelo que Ariss me disse. Milhares de camponeses devastando o interior, queimando e saqueando, enforcando qualquer um que tivesse "dan" no nome. Adivinha quem recebeu o comando da força mandada para fazer com que eles parassem?

West suspirou.

– Não seria o nosso amigo Jezal dan Luthar, seria?

– O próprio, e ele os convenceu a voltar para casa. O que acha disso?

– Jezal dan Luthar – murmurou Brint –, com jeito para lidar com os plebeus. Quem poderia imaginar?

– Eu, não. – Jalenhorm esvaziou seu copo e o encheu de novo. – Mas parece que agora o chamam de herói.

– Brindam a ele nas tavernas – disse Brint.

– Dão parabéns a ele no Conselho Aberto – completou Kaspa.

West puxou para si a pilha de moedas.

– Eu gostaria de dizer que estou surpreso, mas sempre achei que um dia desses iria receber ordens do lorde marechal Luthar.

Poderia ser pior, supôs ele. Poderia ser Poulder ou Kroy.

O primeiro brilho rosado do amanhecer se esgueirava pelos topos das colinas quando West subiu a encosta em direção à tenda do lorde marechal. Já havia passado da hora de dar a ordem para se moverem. Saudou sério os guardas junto à porta e entrou. Um lampião permanecia aceso no canto oposto, lançando um brilho avermelhado nos mapas, nas cadeiras e mesas dobráveis e preenchendo as dobras do cobertor da cama de Burr com sombras. West foi caminhando na direção dele enquanto pensava em suas tarefas daquela manhã, conferindo se não deixara nada passar.

– Lorde marechal, Poulder e Kroy esperam sua ordem para se moverem.

Burr estava deitado na cama de campanha, os olhos fechados, a boca aberta, dormindo em paz. West gostaria de deixá-lo ali, mas o tempo corria.

– Lorde marechal! – chamou alto, aproximando-se da cama.

Ele continuou sem responder. Foi então que West notou que o peito do marechal não se mexia.

Estendeu os dedos hesitantes e os manteve acima da boca aberta de Burr. Nenhum calor. Nenhuma respiração. Sentiu o horror se espalhar lentamente de seu peito até as pontas dos dedos. Não havia dúvida. O lorde marechal Burr falecera.

A manhã estava cinzenta quando o caixão foi carregado da tenda nos ombros de seis guardas solenes, com o médico caminhando ao lado de chapéu na mão. Poulder, Kroy, West e um punhado dos homens mais importantes do exército ficaram enfileirados no caminho, vendo-o partir. O próprio Burr sem dúvida aprovaria a caixa simples em que seu cadáver seria mandado de volta a Adua. A mesma carpintaria rústica em que os soldados rasos das tropas temporárias eram enterrados.

West ficou observando entorpecido.

O homem dentro daquela caixa fora como um pai para ele, ou o mais próximo que ele tivera de um pai. Mentor e protetor, benfeitor e professor. Um pai de verdade, em vez do verme bêbado e violento com que a natureza o amaldiçoara. No entanto não sentia pena ao olhar aquele caixão rústico. Sentia medo. Pelo exército e por si mesmo. Seu primeiro instinto não era chorar, e sim fugir. Mas não havia para onde. Cada homem precisava fazer seu papel, agora mais do que nunca.

Kroy levantou seu queixo afiado e permaneceu rígido como ferro enquanto a sombra do caixão passava por eles.

– A falta do marechal Burr será muito sentida. Ele era um ótimo soldado e um líder corajoso.

– Um patriota – trinou Poulder, o lábio tremendo, uma das mãos apertando

o peito como se ele fosse explodir de emoção. – Um patriota que deu a vida pelo país! Foi uma honra servir sob suas ordens.

West teve vontade de vomitar diante daquela hipocrisia, mas dependia daqueles dois. Cachorrão e seu pessoal estavam nos morros, seguindo para o norte, tentando atrair Bethod para uma armadilha. Se o exército da União não fosse atrás, e logo, eles não teriam ajuda quando o rei dos nórdicos finalmente os alcançasse. Só teriam sucesso em encontrar as próprias sepulturas.

– Uma perda terrível – disse West, olhando o caixão ser carregado morro abaixo. – Mas vamos honrá-lo melhor continuando a luta.

Kroy assentiu segundo o regulamento.

– Muito bem dito, coronel. Faremos esses nórdicos pagarem!

– Precisamos. Para isso devemos nos preparar para avançar. Já estamos atrasados, e o plano depende…

– O quê? – rebateu Poulder, encarando West como se suspeitasse de que havia enlouquecido. – Avançar? Sem ordens? Sem uma cadeia de comando clara?

Kroy soltou uma bufada explosiva.

– Impossível.

Poulder sacudiu a cabeça com força.

– Fora de questão, totalmente fora de questão.

– Mas as ordens do marechal Burr eram muito específicas…

– As circunstâncias mudaram de forma significativa – argumentou Kroy, e seu rosto era uma lápide inexpressiva. – Até que eu receba instruções precisas do Conselho Fechado, ninguém vai mover minha divisão nem que seja um fio de cabelo.

– General Poulder, sem dúvida o senhor…

– Nesta circunstância específica, não posso deixar de concordar com o general Kroy. O exército não pode se mover um centímetro até que o Conselho Aberto escolha um novo rei e até que o rei nomeie um novo lorde marechal.

E ele e Kroy se entreolharam com o ódio e a desconfiança mais profundos.

West ficou imóvel, a boca ligeiramente aberta, incapaz de acreditar no que ouvia. Levaria dias até que a notícia da morte de Burr chegasse ao Agriont. E, mesmo que o novo rei decidisse de imediato sobre uma substituição, demoraria outro tanto de dias até que as ordens chegassem ali. West visualizou os longos quilômetros de trilhas de floresta até Uffrith, o longo trecho de água salgada até Adua. Uma semana, talvez, se a decisão fosse tomada prontamente, e, com o governo em estado de caos, isso não parecia nem um pouco provável.

Nesse meio-tempo, o exército ficaria parado, sem fazer nada, com as colinas adiante indefesas, e Bethod teria tempo suficiente para marchar para o

norte, trucidar Cachorrão e seus amigos e retornar às suas posições. Posições que, sem dúvida, um sem-número de homens da União seriam mortos atacando assim que o exército por fim tivesse um comandante. Tudo era um desperdício absolutamente sem sentido nem objetivo. O caixão de Burr acabara de sumir de vista, mas já parecia que o sujeito jamais tinha vivido. West sentiu o horror subir por sua garganta, ameaçando estrangulá-lo de fúria e frustração.

– Mas Cachorrão e seus nórdicos, nossos aliados… estão contando com nossa ajuda!

– Que infelicidade – observou Kroy.

– Lamentável – murmurou Poulder, inspirando o ar com força. – Mas o senhor deve entender, coronel West, que isso não está em nossas mãos.

Kroy assentiu rigidamente.

– Não está em nossas mãos. E isso é tudo.

West encarou os dois e uma terrível onda de impotência o varreu. O mesmo sentimento que tivera quando o príncipe Ladisla decidiu atravessar o rio, quando o príncipe Ladisla decidiu ordenar o ataque. O mesmo sentimento que ele tivera quando se perdeu na névoa, com sangue nos olhos, e compreendeu que a batalha estava perdida. Sentia-se como se não passasse de um observador. Era a sensação que ele prometera a si mesmo que jamais teria de novo. Mas talvez a culpa fosse dele.

Um homem só deveria fazer as promessas que tivesse certeza de poder cumprir.

O fazedor de reis

O DIA ESTAVA quente lá fora e a luz do sol jorrava pelos grandes vitrais, lançando raios coloridos no chão de ladrilhos da rotunda dos Lordes. A área ampla costumava ser arejada e fresca, mesmo no verão. Hoje parecia apertada, sufocante, desconfortavelmente quente. Jezal repuxava o colarinho para um lado e para outro, tentando deixar que entrasse um pouco de ar no uniforme sem se afastar da rígida posição de sentido.

A última vez em que estivera naquele local, com as costas junto à parede circular, fora o dia em que a Guilda dos Mercadores de Tecidos foi dissolvida. Era difícil acreditar que mal havia se passado um ano; tanta coisa parecia ter acontecido desde então. Na época ele pensara que a rotunda dos Lordes não poderia ficar mais apinhada, mais tensa, mais agitada. Como estava errado!

As fileiras de assentos que ocupavam a maior parte da câmara estavam quase explodindo com os nobres mais poderosos da União, e o ar ficara denso de sussurros cheios de expectativa, ansiosos, temerosos. Estavam ali, ofegantes, todos os membros do Conselho Aberto, apinhados a ponto de seus ombros cobertos por peles se tocarem. Cada homem exibia uma corrente brilhante que o destacava em ouro ou prata como chefe de sua família. Jezal poderia ter pouco mais entendimento de política do que um cogumelo, mas até ele ficava empolgado com a importância da ocasião. A escolha de um novo rei supremo da União por eleição aberta. Sentiu um jorro de nervosismo ao pensar nisso. Era difícil imaginar uma ocasião mais importante.

O povo de Adua certamente sabia disso. Além daquelas paredes, nas ruas e praças da cidade, todos esperavam ansiosos a decisão do Conselho Aberto. Esperavam para aplaudir o novo monarca, ou talvez vaiar, dependendo da escolha. Do lado de fora da rotunda dos Lordes, a praça dos Marechais era uma massa única, todos os homens e mulheres do Agriont aglomerados, ansiando pelo privilégio de ouvir em primeira mão a notícia vinda lá de dentro. Futuros seriam decididos, grandes dívidas seriam perdoadas, fortunas ganhas e perdidas de acordo com o resultado. Apenas uma pequena fração de sortudos recebera permissão de entrar na galeria pública, mas mesmo assim era um número suficiente para que os espectadores ficassem espremidos no balcão, com o perigo iminente de serem empurrados por cima da balaustrada e despencar no piso de ladrilhos lá embaixo.

Do outro lado do salão, as portas adornadas se abriram com um estrondo

que ecoou no teto distante e ribombou por todo o enorme espaço. Houve um farfalhar à medida que cada um dos membros do conselho girava em seu assento para olhar em direção à entrada, e então o som de pés quando o Conselho Fechado se aproximou vindo pelo corredor entre as cadeiras do anfiteatro. Um bando de secretários, escrivães e puxa-sacos o seguia, com papéis e livros nas mãos ansiosas. O lorde camarista Hoff vinha à frente, com a testa franzida e séria. Atrás dele estavam Sult, todo de branco, e Marovia, todo de preto, com os rostos igualmente solenes. Em seguida vinham Varuz, Halleck e… O rosto de Jezal ficou perplexo. Quem mais, senão o Primeiro dos Magos, de novo usando seu ultrajante manto de mago, com o aprendiz carrancudo ao lado. Bayaz riu como se não estivesse fazendo nada mais do que comparecer a um teatro. Os olhares dos dois se encontraram e o mago teve o desplante de piscar. Jezal não achou nem um pouco divertido.

Sob um coro crescente de murmúrios, os velhos ocuparam suas cadeiras altas atrás de uma mesa longa e curva, virados para os nobres em seus bancos escalonados. Os ajudantes se arrumaram em cadeiras menores e espalharam os papéis, abriram os livros, sussurraram informações para os senhores. A tensão subiu mais um nível em direção à histeria completa.

Jezal sentiu um arrepio de suor nas costas. Glokta estava ali, ao lado do arquileitor, e o rosto familiar não o tranquilizava nem um pouco. Jezal passara aquela mesma manhã na casa de Ardee, assim como toda a noite. Desnecessário dizer, não a havia rejeitado nem a pedira em casamento. Sua cabeça girava, de tanto remoer o assunto. Quanto mais tempo passava com ela, mais impossível parecia ser tomar qualquer decisão.

O olhar febril de Glokta encontrou o dele, se manteve, então se desviou. Jezal engoliu em seco com alguma dificuldade. Havia se colocado numa posição sinistra, sem dúvida. O que mais iria fazer?

Glokta lançou um breve olhar para Luthar. *Só para lembrá-lo do pé em que estamos.* Depois girou em sua cadeira, fazendo uma careta ao estender a perna latejante, comprimindo a língua contra as gengivas vazias ao sentir o joelho estalar. *Temos coisas mais importantes do que Jezal dan Luthar. Muito mais importantes.*

Neste único dia o poder está com o Conselho Aberto, não com o Fechado. Com os nobres, não com os burocratas. Com os muitos, não com os poucos. Glokta olhou para a mesa, para os rostos dos grandes homens que haviam guiado a União nos últimos doze anos e mais ainda: Sult, Hoff, Marovia, Varuz e todo o resto. Só um membro do Conselho Fechado sorria. *O mais novo e menos bem-*

vindo acréscimo.

Bayaz estava sentado em sua cadeira alta, tendo como único acompanhante o aprendiz pálido, Malacus Quai. *E ele não parece ser grande companhia para ninguém.* Enquanto os outros poderiam liberar o conteúdo de suas tripas a qualquer instante, de tanto nervosismo, o Primeiro dos Magos parecia adorar aquela tensão. Seu sorriso ficava absurdamente deslocado no meio dos rostos carrancudos. Expressões preocupadas. Testas suadas. Sussurros nervosos com os colegas. *Equilibrados em fios de navalhas, todos eles. E eu também, claro. Não nos esqueçamos do pobre Sand dan Glokta, fiel servidor público! Estamos agarrados ao poder apenas pelas unhas – e escorregando, escorregando. Nós nos sentamos como acusados em nossos próprios julgamentos. Sabemos que o veredicto está prestes a ser anunciado. Será um imerecido adiamento de pena?* Glokta sentiu um sorriso repuxar o canto de sua boca. *Ou uma sentença de sangue? O que dizem os senhores do júri?*

Seu olhar percorreu rapidamente os rostos do Conselho Aberto, nos bancos. *Trezentos e vinte rostos.* Glokta visualizou os papéis pregados na parede do arquileitor e os associou aos homens sentados diante dele. *Os segredos, as mentiras e as alianças. Sobretudo as alianças. Para que lado eles penderão?*

Viu alguns de cujo apoio tinha certeza. *Ou o máximo de certeza que podemos ter nestes tempos incertos.* Viu o rosto rosado de Ingelstad no meio dos outros, perto dos fundos, e o sujeito engoliu em seco e desviou o olhar. *Desde que você vote conosco, pode olhar para onde quiser.* Viu as feições frouxas de Wetterlant algumas fileiras atrás, e o sujeito assentiu para ele de forma quase imperceptível. *Então nossa última oferta foi aceitável. Mais quatro para o arquileitor? O bastante para fazer diferença e nos manter nos cargos? Para nos manter vivos?* Glokta sentiu o sorriso vazio se alargar. *Logo veremos…*

No centro da primeira fila, em meio às mais antigas e melhores famílias da nobreza da Terra do Meio, estava sentado lorde Brock, de braços cruzados, faminto de expectativa. *Nosso principal candidato, ansioso para o início da corrida.* Não longe dele se sentava lorde Isher, velho e solene. *O segundo favorito, ainda com todas as chances.* Barezin e Heugen estavam perto, desconfortavelmente juntos e ocasionalmente olhando o outro de soslaio com certa aversão. *Quem sabe? Uma arrancada final e o trono pode ser deles.* O lorde governador Skald se posicionara na extrema esquerda, na frente das delegações de Angland e Starikland. *Homens novos, vindos das províncias. Mas um voto é um voto, por mais que torçamos o nariz.* Na extrema direita estavam sentados os doze edis de Westport, identificados como gente de fora pelo corte das roupas e o tom da pele. *Mas mesmo assim são doze votos, e não declarados.*

Hoje não havia representantes de Dagoska. *Não resta nenhum, infelizmente.*

O lorde governador Vurms foi retirado de seu posto. Seu filho perdeu a cabeça e não pôde comparecer. Quanto ao resto da cidade, foi conquistado pelos gurkenses. Bem, perdas são inevitáveis. Seguiremos sem eles. O tabuleiro está arrumado, as peças prontas para serem movidas. Quem será o vencedor deste joguinho sórdido? Logo veremos…

O anunciador avançou para o centro do piso circular, levantou seu cajado acima da cabeça e o baixou com uma série de batidas que ecoaram nas paredes de mármore polido. As conversas foram parando, os nobres giraram para olhar, todos os rostos franzidos de tensão. Um silêncio sugestivo se assentou no salão repleto e Glokta sentiu uma sequência de fisgadas subir pelo lado esquerdo do rosto e fazê-lo piscar.

– Declaro iniciada esta reunião do Conselho Aberto da União! – trovejou o anunciador.

Lentamente e com a expressão mais séria possível, lorde Hoff se levantou para encarar os membros do conselho.

– Amigos! Colegas! Lordes da Terra do Meio, Angland, Starikland, edis de Westport! Guslav V, nosso rei… está morto. Seus dois herdeiros… foram mortos. Um pelas mãos de nossos inimigos do Norte e outro pelas mãos de nossos inimigos do Sul. De fato, passamos por um momento de atribulações e estamos sem um líder. – Levantou os braços num gesto de quem implora. – Agora os senhores estão diante de uma séria responsabilidade. A escolha, dentre nós, de um novo rei supremo da União. Qualquer homem que tenha uma cadeira neste Conselho Aberto é um candidato em potencial! Qualquer um dos senhores… pode ser nosso próximo rei.

Uma onda de sussurros quase histéricos tomou a galeria pública e Hoff foi obrigado a levantar a voz para ser ouvido acima deles:

– Uma votação como esta só aconteceu uma vez na longa história de nossa grande nação! Depois da guerra civil e da queda de Morlic, o Louco, quando Arnault foi alçado ao trono por um acordo quase unânime. Foi ele o pai da grande dinastia que durou até poucos dias atrás. – Hoff deixou cair os braços e olhou triste para os ladrilhos. – Sábia foi a escolha que os antepassados de vocês fizeram naquele dia. Só podemos esperar que o homem eleito esta manhã, por seus pares e à vista dos mesmos, funde uma dinastia igualmente nobre, igualmente forte, igualmente justa e igualmente longa!

Só esperamos que seja alguém que faça o que for mandado.

Ferro empurrou uma mulher de vestido longo para que saísse de seu caminho. Deu uma cotovelada num homem gordo, que ficou com a papada

tremendo de tanto ultraje. Abriu caminho pelo balcão e olhou irritada para baixo. A grande câmara estava atulhada de velhos que usavam roupas com acabamento de pele, todos eles espremidos nas fileiras de assentos altos, todos com uma corrente brilhante em volta dos ombros e uma camada de suor lustroso no rosto pálido. Diante deles, atrás de uma mesa curva, estavam outros homens, em menor número. Ela fez uma careta ao ver Bayaz sentado no meio deles, sorrindo como se soubesse de algum segredo que mais ninguém poderia adivinhar.

Como sempre.

Ao lado dele estava um rosado gordo com o rosto cheio de vasos aparentes, gritando algo sobre os homens votarem com consciência. Ferro bufou. Ficaria surpresa se, entre as centenas de homens ali embaixo, houvesse cinco consciências. Parecia que todos ouviam atentamente o discurso do gordo, mas Ferro via que não.

Havia muitos sinais disso pela sala.

Homens olhavam de esguelha uns para os outros e assentiam disfarçadamente. Piscavam um olho ou outro. Encostavam dedos no nariz ou na orelha. Coçavam-se de modos estranhos. Uma teia de segredos, espalhando-se para todas as partes da câmara, com Bayaz sentado e rindo no meio daquilo. Um pouco atrás dele, de costas para a parede, Jezal dan Luthar estava de pé, com um uniforme enfeitado com fios brilhantes. Ferro repuxou os lábios. Dava para ver, pela postura do sujeito: ele não havia aprendido nada.

O anunciador bateu com seu cajado no chão outra vez.

– A votação terá início agora!

Houve um gemido e Ferro viu a mulher que ela havia empurrado desmaiar e cair no chão. Alguém a arrastou para longe, abanando-a com um pedaço de papel, e a turba mal-humorada se fechou logo atrás.

– Na primeira rodada, chegaremos a três opções. Os braços devem ser erguidos para apoiar os candidatos, que serão apresentados em ordem de posse de terras e de bens, da maior para a menor.

Lá embaixo, nos bancos, os sujeitos ricamente vestidos suavam e tremiam como homens antes de uma batalha.

– Primeiro! – berrou um funcionário, a voz falhando, e consultou um livro enorme. – Lorde Brock!

Na galeria, pessoas enxugavam o rosto, murmurando e ofegando como se estivessem diante da morte. Talvez algumas estivessem. O lugar inteiro fedia a dúvida, agitação e terror. Tão forte que era contagioso. Tão forte que até Ferro, que cagava e andava para os rosados e sua porcaria de eleição, sentiu a boca ficar seca, os dedos latejarem e o coração martelar.

O anunciador se virou para a câmara.

– O primeiro candidato será lorde Brock! Todos os membros do Conselho Aberto que desejem votar em lorde Brock para ser o próximo rei supremo da União, por favor, levantem a…

– Um momento, lordes!

Glokta virou a cabeça bruscamente, mas os ossos do pescoço ficaram travados na metade do caminho e ele precisou espiar com o canto de um olho úmido. Não precisaria ter se incomodado. *Eu poderia adivinhar sem olhar.* Bayaz havia se levantado de sua cadeira e agora sorria com indulgência para o Conselho Aberto. *No momento perfeito.* Uma saraivada de gritos ultrajados subiu dos membros do conselho, em reação.

– Não é hora de interrupções!

– Lorde Brock! Voto em lorde Brock!

– Uma nova dinastia!

O sorriso de Bayaz não se alterou sequer um ínfimo.

– Mas e se a dinastia antiga continuasse? E se pudéssemos recomeçar… – Ele olhou de forma expressiva para o rosto de seus colegas do Conselho Fechado. –… ao mesmo tempo que mantemos tudo que é bom do nosso governo atual? E se houvesse um modo de curar as feridas, em vez de provocá-las?

– Como? – responderam gritos de zombaria.

– De que modo?

O sorriso de Bayaz ficou mais largo ainda.

– Ora, com um bastardo real.

Houve um ofegar coletivo. Lorde Brock saltou de seu banco. *Como se tivesse uma mola na bunda.*

– Isso é um insulto a esta casa! Um escândalo! Uma mancha na memória do rei Guslav! – *É verdade: agora ele não parece só um vegetal babão, mas um vegetal babão e lascivo.*

Outros homens se apressaram em acompanhá-lo, os rostos vermelhos de ultraje ou brancos de fúria, brandindo os punhos e gritando com raiva. Todos os ocupantes das cadeiras pareciam bufar, grunhir e se retorcer. *Igual aos porcos nos cercados do matadouro, clamando por qualquer lavagem oferecida.*

– Esperem! – berrou o arquileitor, com as mãos enluvadas erguidas em súplica. *Sentindo um leve vislumbre de esperança no escuro, talvez?* – Esperem, senhores! Não há nada a perder em se ouvir! Teremos a verdade aqui, mesmo que seja dolorosa! A verdade deve ser nossa única preocupação!

Glokta precisou se conter para não cair na gargalhada. *Ah, claro, Eminência! A verdade sempre foi sua única preocupação!*

Então o burburinho foi diminuindo aos poucos. A vergonha fez os nobres se conterem. *Não é fácil quebrar o hábito de obedecer ao Conselho Fechado. Mas nenhum hábito é. Sobretudo os que têm a ver com obediência. Basta perguntar aos cachorros da minha mãe.* Brock e seus partidários voltaram a seus lugares resmungando e permitiram que Bayaz continuasse.

– Os senhores talvez tenham ouvido falar de Carmee dan Roth. – Os murmúrios repentinos na galeria superior confirmaram que o nome não era desconhecido. – Ela teve os favores do rei, quando ele era mais novo. Foi muito querida por ele. Tanto que ficou grávida. – Outra onda de murmúrios, mais alta. – Eu sempre tive grande consideração pela União. Sempre pensei no melhor para ela, apesar dos poucos agradecimentos que recebi. – Bayaz repuxou só um pouquinho os lábios na direção dos membros do Conselho Fechado. – Então, quando a dama morreu ao dar à luz, tomei o bastardo do rei sob meus cuidados. Depois o coloquei numa família nobre, onde poderia ser bem criado e bem educado, para o caso de um dia a nação se encontrar sem um herdeiro. Agora meus atos parecem ter sido prudentes, sem dúvida.

– Mentiras! – fez-se ouvir uma voz, aos berros. – Mentiras!

Mas poucas vozes se juntaram a ela, e as que o fizeram denotaram curiosidade.

– Um filho natural?

– Um bastardo?

– Carmee dan Roth, foi o que ele disse?

Eles já ouviram essa história. Boatos, talvez, mas boatos familiares. Suficientemente familiares para fazê-los prestar atenção. Para fazê-los avaliar se será de seu interesse acreditar.

Mas lorde Brock não estava convencido.

– Uma invenção descarada! Será preciso mais do que boatos e conjecturas para influenciar esta casa! Materialize esse bastardo, se puder, suposto Primeiro dos Magos! Faça sua magia!

– Não é preciso magia – zombou Bayaz. – O filho do rei já está conosco, nesta câmara. – Sons ofegantes e consternados vindos da galeria, suspiros de espanto entre os nobres, silêncio perplexo do Conselho Fechado e de seus auxiliares, todos os olhares fixos no dedo de Bayaz, que girou a mão na direção da parede. – Ninguém menos do que o coronel Jezal dan Luthar!

O espasmo começou no pé sem dedos de Glokta, disparou pela perna arruinada, fez sua espinha torta tremer da bunda até o crânio, seu rosto estremecer como geleia e os poucos dentes chacoalharem nas gengivas vazias e deixou as pálpebras batendo mais depressa do que as asas de uma mosca.

As últimas palavras de Bayaz foram passadas em sussurros por todo o salão

subitamente silencioso.

– Luthar, Luthar, Luthar…

Você deve estar brincando, porra.

Os nobres estavam pálidos e imóveis, os queixos caídos e os olhos arregalados de espanto ou estreitados de fúria. Os homens atrás da mesa estavam lívidos e boquiabertos. As pessoas descoradas no balcão apertavam as mãos contra a boca. Jezal dan Luthar, que havia chorado de autopiedade enquanto Ferro costurava seu rosto. Jezal dan Luthar, aquele penico furado cheio de egoísmo, arrogância e vaidade. Jezal dan Luthar, que ela havia chamado de princesa da União, tinha a chance de terminar o dia como rei.

Ferro não conseguiu se conter.

Jogou a cabeça para trás e engasgou, tossiu e gorgolejou de tanto rir. Lágrimas brotaram em seus olhos, seu peito se sacudiu e os joelhos tremeram. Ela se agarrou à balaustrada do balcão, ofegou, balbuciou e babou. Ferro não gargalhava com frequência. Mal conseguia se lembrar da última vez que isso acontecera. Mas Jezal dan Luthar, rei?

Isso era engraçado.

Lá no alto, na galeria pública, alguém havia começado a gargalhar. Um riso espasmódico, completamente inadequado à solenidade do momento. Mas o primeiro impulso de Jezal, quando percebeu que era seu nome que Bayaz havia gritado, quando percebeu que era para ele que o dedo estendido apontava, também foi rir. O segundo, à medida que cada rosto dentro daquele amplo salão se virava para ele, foi vomitar. O resultado foi uma tosse deselegante, um sorriso envergonhado, uma queimação desagradável no fundo da garganta e um empalidecimento instantâneo.

– Eu… – pegou-se grasnando, mas sem a menor ideia de como continuaria a frase.

Que palavras poderiam ajudar num momento assim? Só conseguiu ficar ali parado, suando em bicas, tremendo dentro do uniforme, enquanto Bayaz continuava em tom solene, interrompendo a gargalhada que vinha lá de cima:

– Tenho aqui a declaração de seu pai adotivo, feita sob juramento, atestando que tudo o que eu disse é verdade, mas isso importa? A verdade está clara para qualquer um enxergar! – Seu braço se estendeu para Jezal de novo. – Ele venceu um Campeonato diante de todos vocês e me acompanhou numa jornada cheia de perigos sem jamais reclamar! Lançou-se ao ataque na ponte em Darmium, sem

ao menos pensar na própria segurança! Salvou Adua da revolta dos camponeses sem derramar uma gota de sangue! Seu valor e sua capacidade, sua sabedoria e seu altruísmo são conhecidos de todos! Alguém pode duvidar que o sangue de reis corre em suas veias?

Jezal piscou. Fatos isolados começaram a tomar forma em sua mente confusa. Ele não era muito parecido com os irmãos. Seu pai sempre o havia tratado de modo diferente. Era a única pessoa bonita da família.

Sua boca estava aberta, mas ele não conseguia fechá-la. Quando seu pai vira Bayaz no Campeonato, tinha ficado branco feito leite, como se o reconhecesse. Havia reconhecido, mas não era seu pai.

Quando o rei dera os parabéns a Jezal por sua vitória, tinha-o confundido com o próprio filho. Não era uma tolice cega, evidentemente, como todos tinham pensado. O velho idiota estivera mais certo do que todo mundo. De repente tudo fazia um horrível sentido.

Ele era um bastardo, era filho de um rei. E havia muito mais, ainda, começava lentamente e com terror cada vez maior a perceber: agora estava sendo cogitado como seu substituto.

– Senhores! – gritou Bayaz acima das conversas incrédulas cujo volume aumentava a cada momento. – Os senhores estão pasmos! É um fato difícil de aceitar, entendo. Sobretudo com o calor sufocante aqui dentro! – Sinalizou para os guardas nas duas extremidades do salão. – Abram as portas, por favor, e deixem que entre um pouco de ar!

As portas foram abertas e uma brisa suave percorreu a rotunda dos Lordes. Uma brisa refrescante, e outra coisa, junto. A princípio difícil de identificar, depois chegando com mais clareza. Algo como o ruído da multidão no Campeonato. Baixo, repetitivo e mais do que um pouco apavorante.

– Luthar! Luthar! Luthar!

Jezal ouviu seu nome entoado repetidamente por um sem-fim de gargantas do outro lado das muralhas do Agriont. Era inconfundível.

Bayaz riu.

– Parece que o povo já escolheu seu candidato.

– A escolha não é do povo! – rugiu Brock, ainda de pé, mas só agora recuperando a compostura. – Assim como não é sua!

– Mas seria tolice ignorar a opinião deles. O apoio dos plebeus não pode ser desconsiderado, em especial nestes tempos de inquietação. Se os decepcionarmos, no estado atual de coisas, quem sabe o que pode acontecer? Tumultos nas ruas ou coisa pior? Nenhum de nós quer isso, não é, lorde Brock?

Vários membros do conselho se remexeram, nervosos, nas cadeiras, olhando para as portas abertas, sussurrando para os vizinhos. Se antes todos ali

estavam confusos, agora estavam pasmos. Mas a preocupação e a surpresa do Conselho Aberto não podiam se comparar com as de Jezal.



Uma história fascinante, mas, se ele supõe que os homens mais gananciosos da União vão simplesmente aceitar sua palavra e entregar a coroa, cometeu um erro calamitoso, quer os plebeus se molhem ao ouvir o nome de Jezal ou não. Lorde Isher se levantou na fila da frente pela primeira vez, imponente e magnífico, as joias de sua corrente reluzindo. *E assim começam as objeções furiosas, as negativas ultrajadas, as exigências de punição.*

– Eu acredito de todo o coração – bradou Isher a plenos pulmões – que o homem conhecido como coronel Jezal dan Luthar é ninguém menos do que o filho natural do recém-falecido rei Guslav V! – Glokta ficou boquiaberto. O mesmo pareceu acontecer com quase todo mundo na câmara. – E que ele é adequado para governar, com seu caráter exemplar e seus grandes feitos, tanto dentro quanto fora da União! – Outra gargalhada feia soou lá em cima, mas Isher a ignorou. – Meu voto e o voto daqueles que me apoiam vão para Luthar, de todo o coração!

Se os olhos de Luthar se arregalassem mais, poderiam cair das órbitas. *E quem pode culpá-lo?* Agora um homem da delegação de Westport estava de pé.

– Os edis de Westport votam unanimemente em Luthar! – entoou em seu sotaque estiriano. – Filho natural e herdeiro do rei Guslav V!

Um homem se pôs de pé num salto, algumas fileiras atrás. Olhou de forma rápida e nervosa para Glokta. Era ninguém menos do que lorde Ingelstad. *Aquele merdinha mentiroso, o que ele vai fazer?*

– Sou a favor de Luthar! – berrou.

– E eu, por Luthar! – Wetterlant, com os olhos fundos não revelando mais emoção do que quando alimentava os patos. *Ofertas melhores, hein, senhores? Ou ameaças melhores?*

Glokta olhou para Bayaz. Ele tinha um leve sorriso no rosto enquanto observava outros se porem de pé e declararem apoio ao suposto filho natural de Guslav V. O tempo todo, o clamor da multidão lá fora podia ser ouvido.

– Luthar! Luthar! Luthar!

À medida que o espanto diminuía, Glokta começou a raciocinar. *Então foi por isso que o Primeiro dos Magos trapaceou no Campeonato a favor de Luthar. Por isso o manteve perto de si todo esse tempo. Por isso conseguiu um cargo tão notável para ele. Se tivesse apresentado um ninguém como filho do rei, receberia gargalhadas da câmara. Mas Luthar, amando-o ou odiando-o, é um de nós. É conhecido, é familiar, é… aceitável.* Glokta olhou para Bayaz com algo

próximo de admiração. *Peças de um quebra-cabeça, preparadas ao longo de anos de paciência, encaixadas com toda a calma diante de nossos olhos incrédulos. E não podemos fazer absolutamente nada, a não ser, talvez, dançar ao som de sua música.*

Sult se inclinou de lado na cadeira e sibilou ansioso no ouvido de Glokta:

– Este garoto, Luthar, que tipo de homem ele é?

Glokta franziu a testa para Jezal, parado perplexo junto à parede. Nesse momento ele mal parecia capaz de controlar as próprias tripas, quanto mais um país. *Mas se poderia dizer quase o mesmo de nosso rei anterior, e ele cumpriu com seus deveres de forma admirável. Seus deveres de ficar sentado e babando, enquanto governávamos o país para ele.*

– Antes dessa viagem ao estrangeiro, Eminência, ele era o jovem idiota mais cabeça oca, covarde e vaidoso que poderia ser encontrado em toda a nação. Mas na última vez que falei com ele…

– Perfeito!

– Mas, Eminência, o senhor deve avaliar que tudo isso segue o plano de Bayaz…

– Lidaremos com esse velho idiota mais tarde. Vou me aconselhar.

Sem esperar resposta, Sult se virou para confidenciar algo a Marovia. Ora os dois olhavam para o Conselho Aberto, ora assentiam e faziam sinais para os homens que eles controlavam. O tempo todo Bayaz sorria. *Como um engenheiro sorri quando sua nova máquina funciona pela primeira vez exatamente como projetada.* O mago atraiu o olhar de Glokta e assentiu de forma mais que sutil. Não restava nada para Glokta fazer além de dar de ombros e abrir um sorriso banguela. *Será que algum dia todos desejaremos ter votado em Brock?*

Agora Marovia falava às pressas com Hoff. O lorde camarista franziu a testa, assentiu, virou-se para a plateia e sinalizou para o anunciador, que bateu seu cajado violentamente no chão para pedir silêncio.

– Lordes do Conselho Aberto! – rugiu Hoff assim que algo parecido com um silêncio se estabeleceu. – A descoberta de um filho natural obviamente muda o tom deste debate! O destino parece ter nos presenteado com a oportunidade de continuar a dinastia de Arnault sem mais dúvidas ou conflitos! – *O destino? Acho que nosso benfeitor é outro, menos desinteressado.* – Em vista destas circunstâncias excepcionais e do forte apoio já verbalizado por membros desta casa, o Conselho Fechado avalia que uma votação excepcional deve ser feita agora. Uma única votação, para saber se o homem anteriormente conhecido como Jezal dan Luthar deve ser declarado rei supremo da União de agora em diante!

– Não! – rugiu Brock, com as veias saltando no pescoço. – Protesto

veementemente!

Mas era o mesmo que protestar contra a maré que subisse. Os braços já se erguiam em número espantoso. Os edis de Westport, os homens que apoiavam lorde Isher, os votos que Sult e Marovia haviam conseguido por pressão e suborno. Agora Glokta viu muitos outros: homens que ele achara estarem indecisos ou que haviam se declarado fiéis a um ou outro candidato. *Todos apoiando Luthar numa velocidade tamanha que sugere fortemente um arranjo anterior.* Bayaz se recostou, braços cruzados, enquanto olhava as mãos erguidas. Já estava terrivelmente claro que mais de metade do salão era favorável àquilo.

– Isso! – sibilou o arquileitor com um sorriso de triunfo no rosto. – Isso!

Os que não haviam levantado o braço, homens comprometidos com Brock, Barezin ou Heugen, olhavam ao redor, perplexos e bastante horrorizados com a rapidez com que tinham perdido aquela oportunidade. *Com que velocidade a chance de chegar ao poder escorreu por entre seus dedos! E quem pode culpá-los? Foi um dia surpreendente para todos nós.*

Lorde Brock fez um último esforço, levantando um dedo e apontando para Luthar, ainda de olhos arregalados junto à parede.

– Que prova vocês têm de que ele é filho de alguém em particular, além da palavra desse velho mentiroso? – Ele indicou Bayaz. – Que prova, meus lordes? Exijo prova!

Murmúrios irados percorreram as cadeiras, mas ninguém se pronunciou. *É a segunda vez que lorde Brock se levanta diante deste conselho e exige uma prova e, pela segunda vez, ninguém se importa com o que ele exige. Que prova pode haver, afinal de contas? Uma marca de nascença em forma de coroa na bunda de Luthar? Prova é um negócio tedioso. Prova é um negócio cansativo. Prova é um negócio irrelevante. As pessoas preferem acreditar numa mentira fácil a buscar uma verdade difícil, ainda mais quando a mentira atende a seus propósitos. E a maioria de nós preferiria ter um rei sem amigos nem inimigos a um rei com muitos de ambos. A maioria de nós preferiria que as coisas ficassem como estão a se arriscar a um futuro incerto.*

Mais mãos se levantaram, e mais. O apoio a Luthar chegara longe demais para que qualquer um pudesse detê-lo. *Agora é como uma pedra enorme rolando por uma encosta. Eles não ousam ficar no caminho para não serem esmagados. Por isso se amontoam atrás dela, empurrando-a, e esperam poder catar o que sobrar depois.*

Brock se virou com uma expressão mortal no rosto, em seguida seguiu de forma intempestiva pelo corredor e saiu da câmara. Provavelmente havia esperado que boa parte do Conselho Aberto o seguisse. *Mas com isso, como com tantas outras coisas hoje, ele deve estar bastante desapontado.* Não mais de uma

dúzia de seus seguidores mais leais o acompanhou na marcha solitária para fora da rotunda dos Lordes. *Os outros têm mais tino.* Lorde Isher trocou um longo olhar com Bayaz, depois levantou a mão pálida. Os lordes Barezin e Heugen assistiram à maior parte daqueles que os apoiavam debandar para a causa do jovem pretendente, e apenas se entreolharam, se recostaram em suas cadeiras e mantiveram num silêncio cauteloso. Skald abriu a boca para falar, olhou em volta, pensou melhor e, com evidente relutância, levantou o braço devagar.

Não houve mais protestos.

O rei Jezal I foi alçado ao trono por acordo quase unânime.

A armadilha

De volta aos Lugares Altos… e o ar era frio e límpido, afiado e familiar na garganta de Logen. A marcha havia começado suave por entre a mata, uma subida praticamente imperceptível. Então as árvores ficaram mais escassas e o caminho os levou por um vale, entre campos cobertos de capim, fendidos por córregos murmurantes, pontuados por carriços e tojo, contidos dos dois lados por encostas de rocha nua e lascas de pedra soltas que ficavam cada vez mais íngremes. No alto, em ambos os lados do desfiladeiro, dois penhascos enormes se erguiam. Para além deles, na névoa, se insinuavam picos de montanhas – gris e acinzentados e de um cinzento mais claro, fundidos a distância com o céu cinza pesado.

O sol surgia, sério, quente demais para caminhar, claro demais para olhar. Todos estavam cansados de subir, e preocupados, e olhando para trás, para ver se enxergavam Bethod. Quatrocentos Carls, talvez, e a mesma quantidade de montanheses de rosto pintado, todos espalhados numa coluna comprida, xingando e cuspindo, as botas esmagando e escorregando na terra seca e nas pedras soltas. A filha de Crummock se esforçava à frente de Logen, dobrada sob o peso da marreta do pai, o cabelo em volta do rosto escuro de suor. A filha de Logen já estaria mais velha do que ela. Se não tivesse sido morta pelos shankas, junto com a mãe e os irmãos. Esse pensamento deu a Logen um sentimento oco, de culpa. Um sentimento ruim.

– Quer uma ajudinha com essa marreta, garota?

– Não, porra! – gritou ela, depois tirou a ferramenta do ombro e foi arrastando-a pela encosta, segurando-a pelo cabo, o tempo todo mostrando uma carranca para ele, com a cabeça da marreta fazendo barulho e deixando um sulco no solo pedregoso.

Logen piscou. Seu jeito com as mulheres surtia o mesmo efeito com as de 10 anos.

Crummock veio até ele, os ossos de dedos balançando em volta do pescoço.

– Ela é feroz, hein? É preciso ser feroz para ser da minha família! – Ele se inclinou na direção de Logen e deu uma piscadela. – E é a mais feroz de todos, essa cadelinha. Para ser honesto, ela é minha predileta. – Balançou a cabeça observando-a arrastar a marreta. – Vai ser uma esposa infernal para algum pobre coitado, um dia. Chegamos, caso você esteja se perguntando.

– Hein? – Logen enxugou o suor do rosto, franzindo a testa enquanto

olhava ao redor. – Onde…

Então percebeu. A fortaleza de Crummock, se era possível chamar assim, estava bem à frente.

Ali o vale não tinha mais de cem passos, de um penhasco até o outro, e uma muralha fora construída atravessando-o. Uma muralha antiga e meio desmoronada, feita de blocos rústicos, tão cheia de rachaduras, tão coberta de trepadeiras, espinheiros e capim que quase fazia parte das montanhas. Não era muito mais íngreme do que o próprio vale; no ponto mais alto seria equivalente a três homens de pé um no ombro do outro, afundando aqui e ali como se estivesse a ponto de despencar sozinha. No centro havia um portão de tábuas cinza gastas pelo tempo e meio cobertas de líquen, que conseguiam parecer podres e secas ao mesmo tempo.

De um dos lados da muralha havia uma torre, construída de encontro ao penhasco. Ou pelo menos havia um grande pilar natural projetando-se da rocha com nacos de pedras meio cortadas, presas com argamassa, formando uma plataforma ampla na lateral do penhasco, vigiando a muralha lá de cima. Logen olhou para Cachorrão enquanto subia, e Cachorrão franziu os olhos para a muralha como se não pudesse acreditar nos próprios olhos.

– É isso? – resmungou Barca Negra, chegando até eles, com os lábios repuxados.

Algumas árvores haviam criado raízes num dos lados, logo abaixo da torre, pelo menos cinquenta anos antes. Agora elas se erguiam sobre a muralha. Um homem poderia subir por elas e entrar no lugar sem ao menos esticar os braços.

Tul olhou para aquele arremedo de fortaleza.

– Você disse que era uma praça-forte nas montanhas.

– Meio forte. – Crummock balançou a mão. – Nós, homens das montanhas, nunca fomos muito bons em construir e coisa e tal. O que vocês esperavam? Dez torres de mármore e um salão maior que o de Skarling?

– Eu esperava uma muralha pelo menos um pouco decente – resmungou Barca Negra.

– Ora! Muralha? Ouvi dizer que você era frio feito neve e quente feito mijo, Barca Negra, e agora quer muralhas para se esconder?

– Nós estaremos em menor número, um para dez, se Bethod aparecer, seu maluco desgraçado! Você está certíssimo, eu quero uma muralha, e você disse que haveria uma!

– Mas você mesmo disse, amigo. – Crummock falava baixo e devagar como se explicasse a uma criança, e bateu na lateral da cabeça com um dedo grosso. – Eu sou maluco! Maluco feito um saco de corujas, e todo mundo diz isso! Não lembro o nome dos meus filhos. Quem sabe o que eu acho que é uma muralha?

Nem eu mesmo sei do que estou falando na maior parte das vezes, e vocês são idiotas a ponto de me ouvir? Vocês é que devem ser malucos!

Logen massageou a ponte do nariz e soltou um gemido. Agora os Carls de Cachorrão se reuniam ao redor deles, olhando aquele monte de pedras cobertas de musgo e murmurando entre si, nem um pouco felizes. Logen não poderia culpá-los. Eles haviam feito uma caminhada longa e calorenta para encontrar isso, no fim. Mas não tinham opção, pelo que dava para ver.

– É meio tarde para construir uma melhor – resmungou. – Vamos precisar nos virar com o que temos.

– É mesmo, Nove Sangrento, você não precisa de muralha e sabe disso! – Crummock deu um tapa no braço de Logen com sua mão grande e gorda. – Você não pode morrer! Você é amado pela Lua, meu grande novo amigo, acima de todos os outros! Você não pode morrer, não com a Lua vigiando! Não pode…

– Cale a boca – bradou Logen.

Seguiram de mau humor pela encosta, indo na direção do portão. Crummock gritou e os velhos portões frágeis se abriram. Dois homens das montanhas se puseram de lado com ar de desconfiança, observando-os entrar. Subiram uma rampa íngreme cortada na rocha, todos cansados e reclamando, e chegaram a um espaço plano. Era uma depressão entre os dois penhascos, talvez com cem passos de largura e duzentos de comprimento, com rochedos íngremes a toda a volta. Havia algumas cabanas de madeira e barracos espalhados pela borda, todos verdes de musgo velho, além de um corredor instável construído contra a face da rocha, de onde fumaça subia de uma chaminé bojuda. Ao lado dele, uma escada estreita cortada no penhasco levava à plataforma no topo da torre.

– Não há para onde fugir – murmurou Logen – se as coisas ficarem feias.

Crummock apenas deu um riso mais largo.

– Claro que não. Esse é o objetivo, não é? Bethod vai achar que pegou a gente igual a besouros numa garrafa.

– E vai ter pegado mesmo – resmungou Cachorrão.

– É, mas aí os seus amigos virão por trás dele e ele vai levar o maior susto da vida, não é? Quase vai valer a pena ver a cara daquele desgraçado comedor de merda!

Logen retorceu a boca e cuspiu no chão pedregoso.

– Imagino como vai estar a nossa cara nesse ponto. Sem cor nem expressão feito cadáveres, suponho.

Um rebanho de ovelhas desgrenhadas se comprimia num cercado, balindo e olhando assustadas ao redor. Encurraladas e impotentes. Logen entendia como se sentiam. Do lado de dentro do forte, onde o terreno era bem mais alto,

praticamente não havia muralha. Seria possível subir com apenas um passo, se você tivesse pernas compridas, e ficar sobre aquela imitação de parapeito, meio desmoronado e coberto de musgo.

– Não preocupe seu rostinho lindo com nada, Nove Sangrento – riu Crummock. – Minha fortaleza poderia ser mais bem construída, admito, mas o terreno está a nosso favor, e as montanhas, e a Lua, tudo sorrindo para nosso ousado empreendimento. Esta é uma praça-forte com uma história forte. Não conhece a história de Laffa, o Bravo?

– Acho que não.

Logen não tinha certeza se queria ouvi-la agora, mas não costumava mesmo conseguir o que queria.

– Laffa foi um grande chefe dos bandoleiros montanheses, há muito tempo. Atacou todos os clãs ao redor durante anos, ele e seus irmãos. Num verão quente, os clãs ficaram fartos, por isso se juntaram e o caçaram nas montanhas. Foi aqui que ele ofereceu a resistência final. Bem aqui, nesta fortaleza. Laffa, os irmãos e todo o povo dele.

– O que aconteceu? – perguntou Cachorrão.

– Todos foram mortos. Suas cabeças foram cortadas e postas em sacos, e os sacos foram enterrados no buraco que eles usavam para cagar. – Crummock sorriu. – Acho que é isso que chamaram de resistência final, não?

– É isso? A história toda é essa?

– É só isso que eu sei, mas não imagino o que mais poderia haver. Digamos que foi o fim de Laffa.

– Obrigado pelo encorajamento.

– Tudo bem, tudo bem! Tenho mais histórias, se quiserem!

– Não, não, para mim basta.

Logen se virou e começou a se afastar. Cachorrão foi ao seu ao lado.

– Pode me contar mais se nós vencermos.

– Rá-rá-rá, Nove Sangrento! – gritou Crummock atrás dele. – Isso é que vai ser história, hein? Você não me engana! Você é como eu, amado pela Lua! Nós lutamos com mais força quando estamos de costas para as montanhas e não há saída! Vá dizer que não é assim! Nós adoramos quando não temos opção!

– Ah, é – murmurou Logen consigo mesmo enquanto ia pisando firme na direção do portão. – Não há nada melhor do que não ter opções.

Cachorrão estava ao pé da muralha, olhando para o topo dela e imaginando o que fazer para dar a todos uma chance melhor de viver mais uma semana.

– Seria bom tirar todas essas trepadeiras e o capim – disse. – Isso torna

muito mais fácil escalar.

Tul levantou uma sobrancelha.

– Tem certeza que não são as plantas que mantêm isso de pé?

Sinistro puxou um cipó e uma chuva de massa seca veio junto.

– Talvez você esteja certo – suspirou Cachorrão. – Vamos cortar o que pudermos, então, hein? Trabalhar no topo vai ser um tempo bem gasto. Vai ser bom ter uma boa pilha de pedras para nos escondermos quando Bethod começar a disparar flechas.

– Vai mesmo – concordou Tul. – E a gente podia cavar um fosso aqui na frente, enfiar algumas estacas no fundo e dificultar a aproximação deles.

– Então feche aquele portão com pregos e coloque uma pilha de pedras atrás dele.

– Vai ser difícil a gente sair – observou Tul.

– Acho que sair não vai ser o maior problema – acrescentou Logen, resfolegando.

– Você não deixa de ter certa razão. – Crummock riu, chegando com um cachimbo aceso na mão gorda. – É com os rapazes de Bethod entrando que a gente deveria se preocupar.

– Remendar essa muralha seria um bom começo para me tranquilizar – falou Cachorrão, e apontou para as árvores que cresciam sobre a muralha. – Precisamos cortar aquilo ali, quebrar umas pedras e preparar um pouco de massa e tal. Crummock, você tem gente que possa fazer isso? Tem ferramentas?

Crummock deu um trago no cachimbo, franzindo a testa para Cachorrão o tempo todo, e soprou uma fumaça marrom.

– Posso ter, mas não vou receber ordens de alguém como você, Cachorrão. A Lua conhece meus talentos, e eles são para o assassinato, não para fazer massa.

Sinistro revirou os olhos.

– De quem você receberia ordens? – perguntou Logen.

– Receberia de você, Nove Sangrento, e de ninguém mais! A Lua ama você, e eu amo a Lua, e você é o homem para…

– Então junte o seu povo e comece a cortar madeira e pedra, porra! Estou de saco cheio de sua falação.

Crummock bateu as cinzas do cachimbo a contragosto numa pedra da muralha.

– Vocês não são nem um pouco divertidos, não fazem nada além de se preocupar. Precisam pensar no lado bom disso. O pior que pode acontecer é Bethod não vir!

– O pior? – surpreendeu-se Cachorrão. – Tem certeza? E se Bethod vier e os

Carls dele chutarem sua muralha como uma pilha de bosta e matarem a gente?

A testa de Crummock se franziu. Ele olhou carrancudo para o chão. Franziu os olhos para as nuvens.

– É verdade – disse, abrindo um sorriso. – Isso é pior. Você pensa rápido, garoto.

Cachorrão soltou um longo suspiro e olhou para o vale. Talvez a muralha não fosse o que eles haviam esperado, mas ele não podia questionar a posição. Subir aquela encosta íngreme contra um grupo de homens implacáveis lá em cima, capazes e preparados para matar, sem nada a perder… não era diversão para ninguém.

– Vai ser difícil se organizarem lá embaixo – disse Logen, dando voz aos pensamentos de Cachorrão. – Ainda mais com flechas mergulhando de cima e sem ter nenhum lugar onde se esconder. Os números não devem fazer muita diferença. Eu mesmo não gostaria muito de tentar. Como vamos fazer, se eles vierem?

– Vamos nos dividir em três equipes – falou Cachorrão e assentiu para a torre. – Eu lá em cima com umas cinco vintenas dos melhores arqueiros. É um bom lugar de onde disparar. Bom e alto, com boa vista da frente da muralha.

– Uh – expressou-se Sinistro.

– Talvez alguns rapazes fortes para atirar uma ou duas pedras.

– Eu jogo uma rocha – disse Tul.

– Muito bem. Então nossos melhores rapazes na muralha, prontos para enfrentá-los corpo a corpo se chegarem ao topo dela. Vai ser sua equipe, Logen. Barca Negra, Tremedeira e Gorro Vermelho podem ficar com você.

Logen assentiu, não muito feliz.

– Certo.

– E Crummock atrás, com seus homens das montanhas, prontos para atacar se passarem pelo portão. Se a gente durar mais de um dia, talvez vocês possam trocar. Os montanheses em cima da muralha, Logen e o resto atrás dela.

– É um tremendo plano para um homem pequenino! – falou Crummock, dando-lhe um tapa no ombro com a mão enorme e quase o acertando na cara. – Na certa você o recebeu da Lua enquanto dormia! Eu não mudaria nada! – Bateu o punho carnudo na palma da própria mão. – Adoro um bom ataque! Espero que os sulistas não venham e deixem mais para nós! Quero partir para cima agora!

– Bom para você – grunhiu Cachorrão. – Talvez a gente ache um penhasco para você partir para cima.

Cachorrão franziu os olhos para o sol e observou de novo a muralha que guardava todas as esperanças. Não gostaria de tentar escalá-la por esse lado, mas ela não era nem de longe tão alta ou forte quanto ele gostaria. A gente nem

sempre tem o que gostaria, teria dito Três Árvores. Mas pelo menos uma vez seria bom.

– A armadilha está pronta – disse Crummock, rindo para o vale.

Cachorrão assentiu.

– A única pergunta é quem vai ficar preso nela. Bethod? Ou nós?

Logen caminhava pela noite, por entre as fogueiras. Ao redor de algumas havia Carls bebendo a cerveja de Crummock, fumando seu chagga e rindo de histórias. Outras tinham homens das montanhas que pareciam lobos àquela luz, com suas peles ásperas, o cabelo embolado, os rostos meio pintados. Um deles cantava em algum lugar. Canções estranhas numa língua estranha que latia e trinava como os animais da floresta, subia e descia como os vales e os picos. Logen precisava admitir que, pela primeira vez em algum tempo, fumara e bebera também. Tudo parecia quente. As fogueiras, os homens e até o vento frio. Foi serpenteando pela escuridão, procurando a fogueira onde Cachorrão e os outros estavam, sem a menor pista de como encontrá-la. Estava perdido, em muitos sentidos.

– Quantos homens você matou, papai?

Tinha de ser a filha de Crummock. Não havia muitas vozes agudas naquele acampamento, o que era uma pena. Logen viu a grande silhueta do montanhês no escuro, com os três filhos sentados perto e as armas grandes demais ao alcance.

– Ah, matei uma legião deles, Isern. – A voz grandiosa e profunda de Crummock ribombou enquanto Logen chegava mais perto. – Mais do que posso lembrar. Seu pai pode não ser muito inteligente o tempo todo, mas é um inimigo ruim de se ter. Um dos piores. Vocês vão ver a verdade disso de perto, quando Bethod e seus lambe-cus vierem. – Ele levantou os olhos e viu Logen. – Juro, e não duvido que Bethod juraria comigo, que só há um desgraçado em todo o Norte que é mais maligno, mais sangrento e mais implacável do que o pai de vocês.

– Quem? – perguntou o menino do escudo.

Logen sentiu o coração se apertar quando o braço de Crummock se levantou para apontá-lo.

– Ora, é aquele ali. O Nove Sangrento.

A garota olhou irritada para Logen.

– Não é nada! Você poderia acabar com ele, pai!

– Pelos mortos, eu, não! Nem diga isso, garota, senão eu faço uma poça de mijo suficiente para você se afogar.

– Ele não parece grande coisa.

– E essa é uma lição para vocês três. Não parecer muita coisa, não dizer muita coisa, não aparentar muita coisa é um bom primeiro passo para ser perigoso, hein, Nove Dedos? Depois, quando você solta o diabo, o coitado do lado oposto leva o dobro do susto. Susto e surpresa, minhas belezuras, e rapidez no ataque, e nenhuma piedade. Essas são as coisas que fazem um matador. Tamanho, força e uma voz grossa e alta têm o seu papel, mas não são nada diante de uma velocidade assassina, monstruosa, implacável, hein, Nove Sangrento?

Era uma lição difícil para crianças, mas o pai de Logen havia lhe ensinado a mesma coisa quando ele era pequeno e, mesmo depois de tantos anos, ele ainda se lembrava.

– É um fato lamentável. Quem ataca primeiro costuma atacar por último.

– Isso mesmo! – gritou Crummock, dando um tapa na coxa enorme. – Muito bem dito! Mas é um fato feliz, e não lamentável. Vocês se lembram do velho Wilum, não é, meus filhos?

– O trovão pegou ele! – gritou o menino do escudo. – Numa tempestade, nos Lugares Altos!

– Foi mesmo! Num momento ele estava ali parado, no outro houve um barulho como se o mundo estivesse caindo e veio um clarão igual ao sol, e o Wilum estava morto que nem minhas botas!

– Os pés dele pegaram fogo! – A garota riu.

– Pegaram mesmo, Isern. Vocês viram a rapidez com que ele morreu, o susto, o modo como o raio teve pouca misericórdia. – O olhar de Crummock foi até Logen. – Seria assim ficar no caminho daquele homem ali. Num momento você diz uma palavra rude e no outro… – Ele bateu palmas com um estalo, o que fez as crianças pularem. –… ele mandou vocês de volta à lama. Mais rápido do que o céu matou Wilum, e sem lamentar mais. Sua vida fica por um fio a cada momento em que estão a menos de dois passos daquele desgraçado ali, que não parece ser nada, não é, Nove Sangrento?

– Bom…

Logen não estava gostando muito daquilo.

– Quantos homens você matou, então? – gritou a menina para ele, empinando o nariz.

Crummock gargalhou e esfregou o cabelo dela.

– Não existem números para uma contagem tão grande, Isern! Ele é o rei dos matadores! Ninguém é mais mortal, em nenhum lugar abaixo da Lua.

– E o tal Temível? – perguntou o menino da lança.

– Uuuuuuh – arrulhou Crummock, com um sorriso atravessando o rosto. –

Ele não é homem, Scofen. Ele é outra coisa. Mas fico pensando: Fenris, o Temível, e o Nove Sangrento, cada um decidido a matar o outro… – Esfregou as mãos. – *Essa* é uma coisa que eu gostaria de ver. *Essa* é uma coisa que a Lua adoraria iluminar.

Seus olhos se viraram para o céu e Logen os acompanhou. A Lua estava lá em cima, no céu negro, grande e branca, reluzindo como fogo novo.

Velhos horríveis

AS JANELAS ALTAS estavam abertas e uma brisa misericordiosa varria o amplo salão, fazendo as antigas e enormes tapeçarias nas paredes balançarem e farfalharem e às vezes dando um beijo refrescante no rosto suado de Jezal. Tudo no aposento era grande demais – as portas tinham o triplo do tamanho de um homem, o teto era pintado com imagens dos povos do Mundo fazendo reverência diante de um enorme sol dourado e o pé-direito tinha o dobro da altura das portas. As telas imensas nas paredes mostravam figuras em tamanho real em várias poses majestosas e suas expressões de guerra provocavam desconforto em Jezal sempre que ele se virava para elas.

Parecia um espaço para homens grandiosos, sábios, heróis épicos ou grandes vilões. Um espaço para gigantes. Jezal se sentia minúsculo, inadequado, estúpido.

– Seu braço, por favor, majestade – murmurou um dos alfaiates, conseguindo ao mesmo tempo dar ordens a Jezal e se manter esmagadoramente bajulador.

– Sim, claro… Desculpe.

Jezal levantou o braço um pouco mais, xingando-se por dentro por ter pedido desculpas outra vez. Agora ele era rei, como Bayaz lhe repetia sem parar. Se tivesse empurrado um dos alfaiates pela janela, não precisaria se desculpar. O sujeito provavelmente agradeceria por sua atenção enquanto mergulhasse até o solo. Mas, não tendo sido lançado, o homem apenas deu um sorriso rígido e desenrolou sua fita métrica. Seu colega se ajoelhava fazendo algo semelhante ao redor dos joelhos de Jezal. Um terceiro registrava as observações deles num caderno com capa marmorizada.

Jezal respirou devagar e franziu a testa para o espelho. Um jovem idiota, de aparência insegura e com uma cicatriz no queixo, o encarava ali, enrolado numa vastidão de tecido reluzente como se fosse um manequim de alfaiate. Parecia – e certamente era o que sentia – mais com um palhaço do que com um rei. Uma piada. E sem dúvida teria gargalhado, se o motivo ridículo não fosse ele mesmo.

– Talvez algo de acordo com a moda ospriana, então? – sugeriu o joalheiro real, que pôs com cuidado outro absurdo de madeira na cabeça de Jezal e avaliou o resultado.

Não melhorara nem um pouco. Aquela porcaria parecia um lustre invertido.

– Não, não! – exclamou Bayaz com irritação. – É chique demais, elaborada

demais, grande demais. Ele mal vai conseguir ficar de pé com essa porcaria! Precisa ser simples, honesta, leve. Algo com que um homem possa lutar!

O joalheiro real piscou.

– Ele vai lutar com a coroa?

– Não, seu pateta! Mas deve parecer que sim! – Bayaz veio por trás de Jezal, tirou a coroa de madeira de sua cabeça e a jogou com estardalhaço no chão polido. Depois segurou Jezal pelos ombros e olhou sério para o reflexo dele. – Este é um rei guerreiro da melhor tradição! Herdeiro natural do reino de Harod, o Grande! Um espadachim sem igual, que provocou e recebeu ferimentos, que comandou exércitos até a vitória, que matou vintenas de homens!

– Vintenas? – murmurou Jezal, sem entender.

Bayaz o ignorou.

– Um homem tão à vontade com sela e espada quanto com trono e cetro! Sua coroa deve combinar com uma armadura. Deve combinar com armas. Deve combinar com aço. Entende agora?

O joalheiro assentiu devagar.

– Creio que sim, senhor.

– Bom. E mais uma coisa.

– É só dizer, senhor.

– Coloque nela um diamante do tamanho da sua bunda.

O joalheiro baixou humildemente a cabeça.

– Nem precisa dizer.

– Agora saiam. Fora, todos vocês! Sua Majestade tem assuntos de Estado a resolver.

O livro foi fechado com um estalo, as fitas métricas foram enroladas num instante, os metros e metros de tecido, guardados. Os alfaiates e o joalheiro real recuaram fazendo reverências e saíram da sala com uma variedade de murmúrios servis, depois fecharam em silêncio as enormes portas incrustadas de ouro. Jezal precisou se conter para não sair com eles. Ainda se esquecia que agora Sua Majestade era ele.

– Tenho assuntos a resolver? – perguntou, virando-se do espelho e esforçando-se ao máximo para parecer tranquilo e imperioso.

Bayaz o levou para o grande corredor do lado de fora, onde as paredes eram cobertas com mapas da União ricamente pintados.

– Você tem negócios a tratar com seu Conselho Fechado.

Jezal engoliu em seco. O simples nome da instituição era assombroso. Ficar de pé em aposentos de mármore, ser medido para novas roupas, ser chamado de majestade, tudo isso o deixava tonto, mas não lhe exigia grande esforço. Agora esperavam que se apresentasse no coração do governo. Jezal dan Luthar, que já

fora loucamente celebrado por sua enorme ignorância, dividiria uma sala com os doze homens mais poderosos da União. Esperariam que ele tomasse decisões que afetariam a vida de milhares de pessoas. Que se sustentasse nas arenas da política, do direito e da diplomacia, quando suas únicas áreas de conhecimento verdadeiro eram a esgrima, a bebida e as mulheres – e era obrigado a admitir que, pelo menos nessa última área, não parecia o especialista que antes se considerava.

– O Conselho Fechado? – repetiu, e a voz saiu fina, mais de menina do que de rei, e ele foi obrigado a pigarrear. – Há algum assunto importante em especial? – rosnou num tom grave pouco convincente.

– Chegou uma notícia muito séria do Norte hoje cedo.

– Chegou?

– Infelizmente o lorde marechal Burr morreu. O exército precisa de um novo comandante. As discussões sobre isso devem demorar umas boas horas. Por aqui, Majestade.

– Horas? – murmurou Jezal.

Os saltos de suas botas estalavam nos largos degraus de mármore. Horas na companhia do Conselho Fechado. Esfregou as mãos, nervoso.

Bayaz pareceu adivinhar seu pensamento.

– Não precisa temer aqueles velhos lobos. Você é o senhor deles, independentemente do que eles acreditem. A qualquer momento você pode substituí-los e até mandar que sejam arrastados a ferros, por sinal, caso deseje. Talvez eles tenham esquecido isso. Talvez precisemos lembrá-los, no devido momento.

Passaram por um portão alto flanqueado por cavaleiros do Grupo, com os elmos apertados sob os braços, mas de rostos tão inexpressivos que era como se estivessem com as viseiras abaixadas. Do outro lado ficava um amplo jardim delimitado por quatro colunatas à sombra, todas esculpidas em mármore na forma de árvores frondosas. Água espirrava de fontes e reluzia ao sol forte. Dois enormes pássaros laranja com pernas finas como gravetos andavam cheios de importância num jardim aparado à perfeição. Olharam-no altivos por cima dos bicos curvos, evidentemente tão certos quanto Jezal de que ele era um perfeito impostor.

Olhou as flores brilhantes, o verde reluzente e as belas estátuas. Olhou as paredes antigas, cobertas de trepadeiras vermelhas, brancas e verdes. Será que tudo aquilo pertencia mesmo a ele? Tudo aquilo e todo o Agriont também? Será que agora ele seguia os poderosos passos dos reis de antigamente? De Harod, Casamir e Arnault? Isso o deixava tonto. Jezal precisou piscar e balançar a cabeça, como já fizera uma centena de vezes naquele dia, para não desmaiar. Ele

não era o mesmo homem da semana anterior? Coçou a barba, como se quisesse verificar, e sentiu a cicatriz. O mesmo homem que ficara encharcado na planície enorme, que fora ferido entre as pedras, que havia comido carne de cavalo quase crua e ficado satisfeito?

Pigarreou.

– Eu gostaria muito… não sei se seria possível… de falar com o meu pai.

– Seu pai morreu.

Jezal xingou baixinho.

– Claro que morreu. Eu quero dizer… o homem que eu achava que era meu pai.

– O que acha que ele iria lhe contar? Que tomou decisões erradas? Que tinha dívidas? Que aceitou dinheiro de mim para criá-lo?

– Ele aceitou dinheiro? – murmurou Jezal, sentindo-se mais abandonado do que nunca.

– Raramente as famílias aceitam órfãos de boa vontade, mesmo as que parecem ser de melhor linhagem. As dívidas foram saldadas, e mais do que saldadas. Deixei instruções de que você deveria ter aulas de esgrima assim que conseguisse segurar uma espada. Que deveria ter um posto no Próprio do Rei e que fosse encorajado a participar do Campeonato. Que deveria ser bem preparado, para o caso de este dia chegar. Ele cumpriu minhas instruções ao pé da letra. Mas você pode ver que um encontro dos dois seria uma cena extremamente incômoda para ambos. É melhor evitar.

Jezal soltou um suspiro entrecortado.

– Claro. É melhor evitar. – Um pensamento desagradável se esgueirou em sua mente. – Meu… meu nome ao menos é Jezal?

– É, agora que foi coroado. – Bayaz levantou uma sobrancelha. – Por quê? Preferiria outro?

– Não. Não, claro que não.

Virou a cabeça e piscou para afastar as lágrimas. Sua vida antiga fora uma mentira. A nova lhe parecia uma farsa ainda maior. Até seu nome era invenção. Caminharam em silêncio pelo jardim, os pés fazendo barulho no cascalho tão novo e perfeito que Jezal se perguntou se cada pedra seria limpa à mão diariamente.

– Lorde Isher procurará Vossa Majestade nas próximas semanas e nos próximos meses.

– É? – Jezal tossiu, resfolegou e fez sua cara mais corajosa. – Por quê?

– Prometi que os dois irmãos dele se tornariam lorde camarista e lorde chanceler no Conselho Fechado. Que a família dele seria preferida acima de todas as outras. Esse foi o preço do apoio dele na eleição.

– Entendo. Então devo honrar essa barganha?

– Absolutamente não.

Jezal franziu a testa.

– Não sei se…

– Depois de alcançar o poder, precisamos nos distanciar imediatamente de todos os aliados. Eles sentem que você lhes deve a vitória, e nenhuma recompensa jamais irá satisfazê-los. Em vez disso, você deve agradar a seus inimigos. Eles vão adorar cada pequeno presente, por saber que não os merecem. Heugen, Barezin, Skald, Meed: esses são os homens que deve trazer para o seu círculo.

– Brock não?

– Brock nunca. Ele chegou perto demais de usar a coroa para aceitar que outro a use. Cedo ou tarde deve ser chutado de volta para o seu lugar. Mas não antes de você estar seguro em sua posição e ter apoio suficiente.

– Entendi.

Jezal inflou as bochechas. Evidentemente havia mais coisas a fazer quando se era rei do que usar roupas bonitas, ter modos altivos e sempre ocupar a maior cadeira.

– Por aqui.

Saíram do jardim para um corredor sombrio forrado de madeira escura e adornado com uma quantidade atordoante de armas antigas. Armaduras variadas permaneciam reluzentes em posição de sentido: chapas e cotas de malha, couraças e peitorais, tudo estampado com o brasão do sol da União. Espadas cerimoniais do tamanho de um homem e alabardas consideravelmente mais altas estavam aparafusadas à parede, numa elaborada procissão. Sob elas havia machados, maças, manguais e lâminas curvas e retas, longas e curtas, grosas e finas suficientes para um exército. Armas forjadas na União, armas capturadas dos gurkenses, armas roubadas de mortos estirianos em campos de batalha sangrentos. Vitórias e derrotas comemoradas em aço. Lá em cima, farrapos das bandeiras de regimentos gloriosamente trucidados até o último homem em guerras antigas pendiam sem vida em mastros chamuscados.

Uma pesada porta dupla se erguia na outra extremidade dessa coleção, preta e sem adornos, tão convidativa quanto um cadafalso. Cavaleiros arautos se postavam dos dois lados dela, solenes como carrascos, com os elmos alados reluzentes. Eram os homens encarregados de guardar o núcleo do governo e de levar as ordens reais a qualquer canto da União onde fosse necessário. Suas ordens, percebeu Jezal com outro súbito nervosismo.

– Sua Majestade solicita audiência com o Conselho Fechado – entoou Bayaz.

Os dois homens estenderam as mãos e abriram a porta grossa. Uma voz irada escapou para o corredor.

– Não pode haver mais concessões ou só haverá mais inquietação! Não podemos simplesmente…

– Juiz supremo, creio que temos visita.

A Câmara Branca era de certa forma decepcionante, depois da magnificência do restante do palácio. Não era tão grande. Não havia enfeites nas paredes brancas e simples. As janelas eram estreitas, quase como de celas, o que deixava o espaço em leve penumbra, mesmo durante o dia. Não havia corrente de ar, e a atmosfera era desconfortavelmente parada e rançosa. A única mobília era uma longa mesa de madeira escura atulhada de papéis e seis cadeiras simples e duras arrumadas de cada lado, com outra ao pé e mais uma, notavelmente mais alta que as demais, na cabeceira. Minha cadeira, supôs Jezal.

O Conselho Fechado se levantou quando ele entrou inseguro na sala. Era a seleção mais apavorante de velhos que poderia ser reunida num só lugar, e cada um deles encarava Jezal num silêncio cheio de expectativa. Ele deu um pulo quando a porta foi fechada atrás dele e a tranca emitiu um estalo irritante que selava seu destino.

– Majestade – disse o lorde camarista Hoff com uma reverência –, meus colegas e eu desejamos primeiro lhe dar os parabéns por sua merecida elevação ao trono. Todos sentimos que temos no senhor um digno substituto do rei Guslav e estamos ansiosos para aconselhá-lo e cumprir suas ordens nos próximos meses e anos. – Fez outra reverência, e a seleção de velhos formidáveis bateu palmas de forma educada.

– Bom, obrigado a todos – disse Jezal, agradavelmente surpreso, por mais que não se sentisse um substituto digno de nada.

Talvez isso não fosse doer tanto quanto ele havia temido. Os velhos lobos pareciam bastante domesticados.

– Por favor permita-me fazer as apresentações – murmurou Hoff. – Arquileitor Sult, chefe da Inquisição.

– É uma honra servi-lo, Majestade.

– O juiz supremo Marovia, lorde-chefe das leis.

– Digo o mesmo, Majestade. É uma honra.

– Acredito que o senhor já conheça bem o lorde marechal Varuz.

O velho soldado riu de orelha a orelha.

– Foi um privilégio treiná-lo no passado, Majestade, e será um privilégio aconselhá-lo agora.

E continuaram assim, Jezal sorrindo e assentindo para cada homem. Halleck, o lorde chanceler. Torlichorm, o cônsul supremo. Reutzer, lorde

almirante da frota, e assim por diante. Por fim Hoff o guiou à cadeira alta na cabeceira e Jezal se sentou diante de um Conselho Fechado sorridente. Riu sem graça por um momento, depois percebeu o que faltava.

– Ah, por favor, sentem-se.

Os velhos obedeceram, dois deles com evidentes caretas de dor ao ranger dos joelhos e estalar das costas. Bayaz se deixou cair sem cuidado na cadeira ao pé da mesa, de frente para Jezal, como se viesse ocupando-a por toda a vida. Mantos farfalharam acompanhando o remexer de bundas velhas na madeira polida e gradualmente a sala ficou silenciosa como um túmulo. Uma cadeira estava vazia, ao lado de Varuz. Era onde o lorde marechal Burr sentaria, se não estivesse encarregado do serviço no Norte. Se não estivesse morto. Uma dúzia de velhos tenebrosos esperava educadamente que Jezal falasse. Uma dúzia de velhos que ele pensara, até há muito pouco tempo, representar o ápice do poder… e agora todos prestavam contas a ele. Uma situação que jamais poderia ter imaginado, nem em seus sonhos mais grandiosos. Pigarreou.

– Por favor, continuem, senhores. Tentarei acompanhá-los.

Hoff disparou um sorriso humilde.

– Claro, Majestade. Se a qualquer momento precisar de uma explicação, basta pedir.

– Obrigado – disse Jezal. – Obrig…

A voz grossa de Halleck o interrompeu.

– Voltemos à questão da disciplina entre os camponeses, portanto.

– Já preparamos concessões! – reagiu Sult com rispidez. – Concessões que os camponeses ficaram felizes em aceitar.

– Um farrapo de bandagem para cobrir um ferimento que está supurando! – retrucou Marovia. – É apenas questão de tempo até que a rebelião recomece. O único modo de evitarmos isso é dando ao homem comum o que ele precisa. Não mais do que é justo! Devemos fazer com que participe do governo.

– Fazer com que participe! – zombou Sult.

– Devemos transferir o fardo dos impostos para os proprietários de terras!

Os olhos de Halleck se viraram para o teto.

– Esse absurdo de novo, não.

– Nosso sistema se mantém há séculos – rosnou Sult.

– Fracassa há séculos! – contra-atacou Marovia.

Jezal pigarreou e as cabeças dos velhos se viraram bruscamente para olhá-lo.

– Será que cada homem não poderia ser taxado na mesma proporção de seus ganhos, independentemente de ser camponês ou nobre… E então, talvez…

Ele deixou no ar. Tinha lhe parecido uma ideia bastante simples, mas agora

todos os onze burocratas o encaravam, estupefatos, como se um animal doméstico tivesse entrado sem permissão na sala e decidido falar sobre o tema dos impostos. Na outra ponta da mesa, Bayaz examinava as unhas em silêncio. Dali não viria ajuda.

– Ah, Majestade – aventurou-se Torlichorm, em tom tranquilizador –, um sistema assim seria quase impossível de administrar – argumentou, depois piscou de um modo que dizia: "Como uma criatura tão ignorante como o senhor consegue ao menos se vestir?"

Jezal ficou vermelho até as pontas das orelhas.

– Compreendo.

– O tema da taxação é imensamente complexo – entoou Halleck e deu a Jezal um olhar de "É um assunto complexo demais para entrar nessa sua cabeça".

– Talvez fosse melhor, Majestade, se o senhor deixasse os detalhes tediosos para seus humildes servidores – propôs Marovia, com um sorriso compreensivo que traduzia suas palavras para: "Talvez fosse melhor se o senhor ficasse de boca fechada e evitasse atrapalhar os adultos."

– Claro. – Jezal recuou envergonhado em sua cadeira. – Claro.

E assim a coisa continuou à medida que a manhã se arrastava e as nesgas de luz que vinham das janelas deslizavam devagar sobre os montes de papéis na mesa enorme. Aos poucos Jezal começou a compreender as regras daquele jogo. Era horrivelmente complexo e ao mesmo tempo horrivelmente simples. Os jogadores idosos estavam divididos em dois times. O arquileitor Sult e o juiz supremo Marovia eram os capitães e se enfrentavam de forma ferrenha em toda questão, por mais irrelevante que fosse, cada qual com três seguidores, que concordavam com todas as palavras que eles diziam. Enquanto isso lorde Hoff, ajudado de maneira nada eficaz pelo lorde marechal Varuz, fazia o papel de juiz e tentava criar pontes sobre a fenda intransponível entre as duas trincheiras.

O erro de Jezal não fora pensar que não saberia o que dizer – se bem que, claro, não sabia. Seu erro fora achar que alguém quereria que ele dissesse alguma coisa. Eles só se importavam em continuar suas lutas infrutíferas. Talvez estivessem acostumados a conduzir as questões de Estado com um imbecil babão na cabeceira da mesa. Agora Jezal compreendia que nisso o viam como um substituto à altura do antigo rei. Começou a se perguntar se estavam certos.

– Se Vossa Majestade puder assinar aqui… e aqui… e aqui… e ali…

A pena rabiscava um papel depois do outro, as vozes velhas arengavam e iam em frente, e ficavam de birra umas com as outras. Os homens cinzentos sorriam, suspiravam e balançavam a cabeça com indulgência sempre que ele falava, por isso ele falava cada vez menos. Eles o pressionavam com elogios e o

cegavam com explicações. Enrolavam-no por horas em leis, formulários e tradições sem sentido. Ele foi se afrouxando cada vez mais, afundando na cadeira desconfortável. Um serviçal trouxe vinho e ele bebeu. Ficou bêbado e entediado, depois mais bêbado e entediado ainda. A cada minuto lento que se estendia, Jezal começou a perceber: na prática, não havia nada tão indescritivelmente chato quanto o poder.

– Agora um assunto triste – observou Hoff assim que a discussão mais recente se reduziu a um meio-termo relutante. – Nosso colega, o lorde marechal Burr, morreu. Seu corpo está voltando para nós, do Norte, e será enterrado com máximas honrarias. Mas enquanto isso é nosso dever recomendar um substituto. Será a primeira cadeira a ser preenchida nesta sala desde a morte do estimado chanceler Feekt. Lorde marechal Varuz – chamou.

O velho soldado pigarreou e se encolheu como se estivesse prestes a abrir uma comporta que poderia afogar todos eles.

– Há dois concorrentes óbvios para o posto. Ambos são homens de coragem e experiência inquestionáveis, cujos méritos são bem conhecidos deste conselho. Não tenho dúvida de que tanto o general Poulder quanto o general Kroy seriam…

– Não pode haver a menor dúvida de que Poulder é o melhor homem! – rosnou Sult, sendo imediatamente apoiado por Halleck.

– Pelo contrário! – sibilou Marovia, com murmúrios furiosos de seu grupo. – Kroy é, com toda a clareza, a melhor opção.

Essa era uma área em que, sendo um oficial com alguma experiência, Jezal acreditava poder ter algum valor, por minúsculo que fosse, mas ninguém do Conselho Fechado parecia ao menos pensar em pedir sua opinião. Ele se deixou afundar carrancudo na cadeira e tomou outro gole de vinho de sua taça enquanto os velhos lobos continuavam a latir uns para os outros.

– Talvez devêssemos discutir este assunto mais detidamente em outra ocasião! – sugeriu lorde Hoff por cima do debate cada vez mais acalorado. – Sua Majestade está ficando fatigado com os detalhes desta questão e não há urgência especial!

Sult e Marovia se entreolharam com raiva mas não falaram nada. Hoff soltou um suspiro de alívio.

– Muito bem. Nosso próximo assunto tem a ver com o suprimento de nosso exército em Angland. O coronel West escreve nos seus despachos…

– West? – falou Jezal, empertigando-se rapidamente, a voz enrouquecida de vinho.

Ouvir aquele nome foi como sais aromáticos para uma garota desmaiando, uma rocha sólida e confiável na qual se agarrar no meio de todo aquele caos. Se

ao menos West estivesse ali agora, para ajudá-lo, as coisas fariam muito mais sentido… Jezal piscou para a cadeira que Burr havia deixado vazia perto de Varuz. Estava bêbado, talvez, mas era rei. Pigarreou com a garganta molhada.

– O coronel West será o meu lorde marechal!

Houve um silêncio atônito. Os doze velhos ficaram encarando-o. Então Torlichorm deu um risinho indulgente, de um modo que dizia: "Como vamos fazê-lo se calar?"

– Majestade, o coronel West é seu conhecido pessoal e é um homem corajoso, claro…

Parecia que todos os conselheiros finalmente haviam encontrado um tema com o qual poderiam concordar.

– Foi o primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch e coisa e tal – murmurou Varuz, balançando a cabeça –, mas realmente…

– Ele tem um posto inferior, é inexperiente e…

– É um plebeu – emendou Hoff, com as sobrancelhas erguidas.

– Esta é uma quebra inadequada da tradição – lamentou Halleck.

– Poulder seria muito superior! – rosnou Sult para Marovia.

– Kroy é o homem! – vociferou Marovia em resposta.

Torlichorm deu um sorriso doce, do tipo que uma ama de leite usaria ao tentar acalmar um bebê problemático.

– Portanto veja, Majestade, não podemos considerar o coronel West como…

A taça vazia de Jezal atingiu a testa de Torlichorm com um estalo e rolou até um canto da sala. O velho soltou um uivo de surpresa e dor e deslizou da cadeira, com o sangue escorrendo de um talho comprido.

– Não podemos? – gritou Jezal, de pé, os olhos saltados. – Você ousa me dirigir a porra de um "não podemos", seu velho idiota? Vocês obedecem a mim, todos vocês! – Seu dedo feriu o ar furiosamente. – Estão aqui para me aconselhar, não para me dar ordens! Eu governo aqui! Eu!

Ele pegou o tinteiro e jogou-o pela sala. O vidro estourou contra uma parede, espalhando uma enorme mancha preta no reboco e sujando de pintas pretas a manga do impecável casaco branco do arquileitor Sult.

– Eu! Eu! A tradição de que precisamos aqui é a da porra da obediência! – Ele agarrou um maço de documentos e o jogou na direção de Marovia, enchendo o ar com papéis. – Nunca mais me venham com "não podemos"! Nunca!

Onze pares de olhos atarantados encaravam Jezal. Um par sorria, na ponta da mesa. Isso o deixou com mais raiva do que nunca.

– Collem West será meu novo lorde marechal! – berrou e chutou sua cadeira, em fúria. – Na próxima reunião, eu serei tratado com o devido respeito

ou mandarei acorrentar todos vocês! Acorrentar, porra… e… e…

Sua cabeça doía agora, muito, e ele havia jogado longe tudo o que estivera ao alcance e começava a ficar desesperadamente inseguro quanto ao que fazer.

Bayaz se levantou, sério.

– Senhores, por hoje é só.

O Conselho Fechado não precisou de mais encorajamento. Papéis se agitaram, mantos farfalharam, cadeiras foram arrastadas e cada qual se apressou para ser o primeiro a sair da sala. Hoff chegou ao corredor. Marovia foi logo atrás e Sult o seguiu a passos largos. Varuz ajudou Torlichorm a se levantar do chão e o guiou pelo cotovelo.

– Peço desculpas – ia chiando ele ao ser arrastado, de rosto ensanguentado, pela porta. – Majestade, peço profusas desculpas…

Bayaz ficou parado, sério, junto à ponta da mesa, olhando os conselheiros saírem correndo da sala. Jezal estava do lado oposto, imobilizado em algum ponto entre mais raiva ainda e o embaraço moral, mas tendendo cada vez mais para a segunda opção. Pareceu demorar uma eternidade para que o último membro do Conselho Fechado escapasse da sala e as grandes portas pretas se fechassem.

O Primeiro dos Magos se virou para Jezal com um sorriso largo.

– Maravilhosamente feito, Majestade, maravilhosamente feito.

– O quê?

Jezal tinha certeza de que havia bancado o imbecil num nível do qual jamais poderia se recuperar.

– Seus conselheiros vão pensar duas vezes antes de não o levarem a sério, eu creio. Não é uma estratégia nova, mas nem por isso é menos eficaz. Harod, o Grande, também possuía um temperamento temível, e fazia excelente uso dele. Depois de um dos seus chiliques, ninguém ousava questionar suas decisões durante semanas. – Bayaz deu um risinho. – Mas suspeito que até mesmo Harod hesitaria antes de causar um ferimento em seu próprio cônsul supremo.

– Não foi um chilique! – rosnou Jezal, com o temperamento se acendendo de novo. Se ele fora atormentado por velhos horríveis, o próprio Bayaz era o pior culpado, de longe. – Se eu sou rei, serei tratado como rei! Recuso-me a receber ordens em meu próprio palácio! De ninguém… de… quero dizer…

Bayaz o encarava irritado, os olhos verdes assustadoramente frios, e falou com uma calma gélida:

– Se tem intenção de perder as estribeiras comigo, Majestade, eu o aconselharia enfaticamente a não fazê-lo.

A fúria de Jezal já se esvaía e, sob o olhar gélido do mago, secou de vez.

– Claro… desculpe… desculpe mesmo.

Fechou os olhos e olhou atordoado para o tampo brilhante da mesa. Não estava acostumado a pedir desculpas. Agora que era rei e que não precisava se desculpar, nunca parava.

– Eu não pedi isso – murmurou debilmente, deixando-se cair na cadeira. – Não sei como aconteceu. Não fiz nada para merecer.

– Claro que não. – Bayaz rodeou a mesa devagar. – Nenhum homem jamais pode merecer o trono. É por isso que agora você deve lutar para ser digno dele. Todo dia. Assim como seus grandes predecessores: Casamir, Arnault, o próprio Harod.

Jezal respirou fundo e deixou o ar sair pela boca.

– Você está certo, claro. Como consegue estar sempre certo?

Bayaz levantou a mão, humilde.

– Sempre certo? Dificilmente. Mas tenho o benefício da longa experiência e estou aqui para orientá-lo do melhor modo que puder. Você começou muito bem, numa estrada difícil, e deveria estar orgulhoso, como eu estou. Mas existem alguns passos que não podemos adiar. O principal é o seu casamento.

Jezal ficou boquiaberto.

– Casamento?

– Um rei solteiro é como uma cadeira com três pernas, Majestade. Pode cair. O seu traseiro apenas tocou o trono, e não está nem um pouco acomodado nele. Precisa de uma esposa que lhe traga apoio e precisa de herdeiros para que seus súditos possam se sentir seguros. Quanto mais demorar para resolver isso, mais oportunidades seus inimigos terão de tramar contra você.

Os golpes vieram tão depressa que Jezal precisou segurar a cabeça para impedir que ela se despedaçasse.

– Meus inimigos?

Ele não havia tentado sempre se dar bem com todo mundo?

– Será que pode ser tão ingênuo assim? Sem dúvida lorde Brock já está tramando algo. Lorde Isher não será detido para sempre. Outros no Conselho Aberto o apoiaram por medo ou foram pagos para isso.

– Pagos? – ofegou Jezal.

– Esse tipo de apoio não dura para sempre. Você deve se casar e sua esposa deve lhe trazer aliados poderosos.

– Mas eu tenho… – Jezal lambeu os lábios, sem saber como abordar o assunto. –… alguns compromissos… nesse sentido.

– Ardee West?

Jezal abriu a boca para perguntar como Bayaz sabia tanto sobre suas complicações românticas, mas logo decidiu não fazer isso. O velho parecia saber muito mais a seu respeito do que ele mesmo, afinal de contas.

– Sei como é, Jezal. Eu tive uma longa vida. Claro que você a ama. Claro que agora você abriria mão de tudo por ela. Mas, confie em mim, esse sentimento não vai durar.

Jezal se remexeu, desconfortável. Tentou imaginar o sorriso torto de Ardee, a suavidade de seu cabelo, o som de sua risada. O modo como isso lhe dera tanto conforto, lá na planície. Mas era difícil pensar nela agora sem se lembrar dos dentes se cravando em seu lábio, do rosto ardendo com o tapa dado por ela, do som da mesa rangendo ao movimento deles. A vergonha, a culpa e a complexidade.

– É natural que tenha assumido compromissos, mas sua vida passada se foi e seus compromissos se foram com ela – continuou Bayaz, a voz impiedosamente calma, brutalmente realista, implacavelmente racional. – Você é rei agora, e seu povo exige que se comporte como tal. Ele precisa de algo para admirar. Algo que esteja acima deles sem nenhum esforço. Estamos falando da rainha suprema da União. De uma mãe de reis. Uma filha de fazendeiro de comportamento imprevisível e com uma queda para a bebida? Acho que não.

Jezal se encolheu ao ouvir Ardee descrita daquele modo, mas não podia questionar.

– Você é o filho natural de um rei. Uma esposa de origem impecável daria um peso muito maior à sua linhagem. Um respeito muito maior. Existe um mundo cheio de mulheres possíveis, majestade, filhas de duques, irmãs de reis, todas lindas e cultas. Um mundo de princesas para escolher.

Jezal sentiu as sobrancelhas subirem. Ele amava Ardee, claro, mas Bayaz tinha argumentos devastadores. Agora havia muito mais a levar em conta, além de suas necessidades. Se pensar em si mesmo como rei era absurdo, pensar em Ardee como rainha era triplamente absurdo. Ele a amava, claro. De certa forma. Mas um mundo de princesas para escolher? Essa era uma frase na qual era decididamente difícil achar um problema.

– Você compreendeu! – disse o Primeiro dos Magos e estalou os dedos em triunfo. – Vou mandar avisar ao duque Orso, de Talins, que sua filha Terez deve ser apresentada a você. – Ergueu a mão para acalmá-lo. – Só para começar. Talins seria um aliado poderoso – explicou, depois sorriu e se inclinou para murmurar no ouvido de Jezal: – Mas não precisa deixar tudo para trás, se está realmente ligado a essa jovem. Os reis costumam ter amantes, como sabe.

E isso, claro, decidiu a questão.

Preparado para o pior

GLOKTA ESTAVA SENTADO em sua sala de jantar, olhando para a mesa e esfregando a coxa dolorida com uma das mãos. A outra mexia distraidamente na fortuna em joias espalhada no estojo de couro preto.

Por que eu faço isso? Por que eu fico aqui e interrogo? Poderia partir na próxima maré e ninguém iria se incomodar. Quem sabe uma viagem pelas belas cidades da Estíria? Um cruzeiro pelas Mil Ilhas? Chegar à longínqua Thond ou à distante Suljuk, para viver meus dias retorcidos em paz entre pessoas que não entendem uma palavra do que digo? Sem ferir ninguém? Sem guardar segredos? Tão indiferente a inocência ou culpa, verdade ou mentira quanto esses pedacinhos de pedra.

As pedras preciosas brilhavam à luz das velas, batendo umas nas outras, fazendo cócegas nos seus dedos enquanto ele as empurrava para um lado e de volta para o outro. *Mas Sua Eminência choraria e choraria pelo meu desaparecimento súbito. Assim como, imaginamos, a casa bancária Valint e Balk. Onde, em todo o amplo Círculo do Mundo, eu estaria a salvo das lágrimas de senhores tão poderosos? E para quê? Para que possa ficar sentado na minha bunda aleijada o dia inteiro, esperando por meus assassinos? Para que eu possa ficar deitado, sentindo dor e pensando em tudo o que perdi?*

Franziu a testa para as joias: limpas, duras e lindas. *Fiz minha escolha há muito tempo. Quando aceitei o dinheiro de Valint e Balk. Quando beijei o anel de Sult. Até mesmo antes das prisões do imperador, quando cavalguei pela ponte, certo de que só o magnífico Sand dan Glokta poderia salvar o mundo…*

Uma batida forte ecoou na sala e Glokta levantou a cabeça num movimento brusco, a boca desdentada aberta. *Desde que não seja o arquileitor…*

– Abra em nome de Sua Eminência!

Fez uma careta por causa de um espasmo que atravessou as costas ao se levantar da cadeira, amontoando as pedras. Punhados inestimáveis, reluzentes. O suor havia brotado em sua testa.

E se o arquileitor descobrisse meu pequeno tesouro? Deu um risinho e pegou o estojo de couro. *Eu ia mencionar tudo isso, ia mesmo, mas nunca parecia o momento certo. É uma coisa insignificante, afinal de contas… não mais do que o resgate de um rei.* Seus dedos bateram sem jeito nas joias e, na pressa, ele derrubou uma, que caiu no chão com um clic-clic agudo.

Outra batida, mais alta, fez a tranca pesada estremecer com a força do

golpe.

– Abra!

– Estou indo!

Com um gemido, ele se obrigou a ficar de quatro, procurando no chão, o pescoço ardendo de dor. Avistou-a, uma pedra lisa verde sobre as tábuas, brilhando à luz da lareira.

Peguei, sua desgraçada! Agarrou-a, levantou-se apoiado na borda da mesa, dobrou o estojo uma, duas vezes. *Não há tempo de escondê-lo*. Enfiou-o dentro da camisa, de modo que ficasse preso pelo cinto, depois agarrou a bengala e foi mancando até a porta da frente, enxugando o rosto suado, ajeitando as roupas, fazendo o máximo para apresentar uma aparência calma.

– Estou indo! Não precisa…

Quatro práticos enormes passaram por ele e entraram em seus aposentos, quase derrubando-o. Atrás deles, no corredor de fora, estava Sua Eminência, o arquileitor, franzindo a testa de forma malévola, e outros dois práticos gigantescos atrás. *Uma hora surpreendente para uma visita tão aprazível.* Glokta podia ouvir os quatro batendo os pés pela casa, escancarando portas, abrindo armários. *Não se incomodem comigo, senhores, a casa é sua.* Depois de um instante, eles voltaram marchando.

– Vazia – grunhiu um deles por trás da máscara.

– Hum – zombou Sult, passando tranquilamente pela porta e olhando ao redor com uma careta de desprezo. *Parece que minhas novas acomodações não são mais impressionantes do que as antigas.*

Os seis práticos tomaram posição junto às paredes da sala de jantar de Glokta, os braços cruzados diante do peito. *Um monte de homenzarrões para ficar de olho num pequeno aleijado.*

Os sapatos de Sult golpeavam o chão enquanto ele andava de um lado para outro, os olhos azuis arregalados, uma carranca furiosa torcendo o rosto. *Não é preciso ser um excelente avaliador de caráter para ver que ele não é um homem feliz. Será que um dos meus segredos chegou ao seu conhecimento? Uma das minhas pequenas desobediências?* Suando, Glokta sentiu um tremor subir pela coluna torta. *A não execução da mestra Eider, talvez? Meu acordo com a prática Vitari para contar menos do que toda a verdade?* O canto do estojo de couro pressionou suavemente suas costelas quando ele ajeitou o quadril. *Ou apenas a pequena questão da grande fortuna com que fui comprado por uma casa bancária altamente suspeita?*

Uma imagem se formou na cabeça de Glokta: o estojo de joias rasgando-se de repente sob o cinto, as pedras se derramando pelas pernas da calça numa cascata inestimável diante do arquileitor e de seus práticos pasmos. *Como será*

que eu tentaria explicar isso? Precisou conter um risinho.

– Aquele desgraçado do Bayaz! – rosnou Sult, com os punhos cerrados com força dentro das luvas brancas.

Glokta se sentiu relaxar um pouco. *Então eu não sou o problema. Pelo menos por ora.*

– Bayaz?

– Aquele careca mentiroso, aquele impostor cheio de sorrisos, aquele velho charlatão! Ele roubou o Conselho Fechado! – *Parado aí, ladrão!* – Ele colocou aquele verme do Luthar para nos dar ordens! Você disse que ele era um nada! – *Eu disse que antigamente ele era um nada e o senhor me ignorou.* – Aquele cachorrinho maldito provou que tem dentes e não tem medo de usá-los, e aquele Primeiro dos Magos desgraçado está segurando a coleira! Está rindo de nós! Está rindo de mim! De mim! – berrou Sult, cutucando o próprio peito.

– Eu…

– Danem-se suas desculpas, Glokta! Eu estou me afogando num mar de desculpas, quando preciso é de respostas! Preciso é de soluções! Preciso é saber mais sobre esse mentiroso!

Então talvez isso vá impressioná-lo.

– Na verdade, já tomei a liberdade de dar alguns passos nessa direção.

– Que passos?

– Pude colocar o navegador dele sob custódia – respondeu Glokta, permitindo-se o menor dos sorrisos.

– O navegador? – Sult não deu sinal de estar impressionado. – E o que aquele imbecil observador de estrelas disse?

Glokta fez uma pausa.

– Que viajou através do Antigo Império até a borda do Mundo com Bayaz e nosso novo rei, antes de este ser elevado ao trono. – Buscou palavras que se encaixassem no mundo de Sult, um mundo de lógica, razões e boas explicações. – Que eles estavam procurando por… uma relíquia do Tempo Antigo…

– Relíquias? – perguntou Sult, com a carranca se aprofundando. – Do Tempo Antigo?

Glokta engoliu em seco.

– De fato, mas eles não a encontraram…

– Então agora nós sabemos uma dentre mil coisas que Bayaz *não fez*? Ora! – Sult rasgou o ar com a mão, furioso. – Ele não é ninguém, e lhe disse menos do que nada! Mais dos seus mitos e bobagens!

– Certo, Eminência – murmurou Glokta. *Algumas pessoas são mesmo impossíveis de agradar.*

Sult franziu a testa para o tabuleiro de quadrados sob a janela, a mão

enluvada pairando sobre as peças como se fosse fazer uma jogada.

– Nem sei mais quantas vezes você fracassou, mas vou lhe dar uma última chance de se redimir. Investigue de novo esse Primeiro dos Magos. Encontre alguma fraqueza, alguma arma que possamos usar contra ele. Ele é uma doença e devemos exterminá-lo. – Sult cutucou com raiva uma peça branca. – Quero que ele seja destruído! Quero que seja liquidado! Quero-o acorrentado na Casa das Perguntas!

Glokta engoliu em seco.

– Eminência, Bayaz está enfiado no palácio e fora do meu alcance… O protegido dele agora é nosso rei… – *Graças em parte aos nossos esforços desesperados.* Glokta quase se encolheu, mas não conseguiu se impedir de fazer a pergunta. – Como farei isso?

– Como? – guinchou Sult. – Como, seu verme aleijado? – Correu a mão furiosamente sobre o tabuleiro e jogou as peças no chão. *E quem será que vai ter de se abaixar para pegá-las?*

Como se fossem controlados pelo tom da voz do arquileitor, os seis práticos se afastaram das paredes e assumiram uma posição mais ameaçadora.

– Se eu quisesse cuidar pessoalmente de cada detalhe, não precisaria de seus serviços inúteis! Saia daqui e resolva isso, sua lesma torta!

– Vossa Eminência é muito gentil – murmurou Glokta, curvando humildemente a cabeça mais uma vez. *Mas até o cão mais baixo precisa de uma coçada entre as orelhas, de vez em quando, caso contrário pode pular no pescoço do dono…*

– E, enquanto estiver fazendo isso, examine essa história dele.

– História, arquileitor?

– Esse conto de fadas sobre Carmee dan Roth! – Os olhos de Sult se estreitaram mais ainda, com sulcos fundos cortando a testa. – Se não pudermos controlar a coleira, devemos sacrificar o cachorro, entendeu?

Glokta sentiu o olho estremecer, apesar dos esforços para imobilizá-lo. *Encontramos um modo de levar o reinado do rei Jezal a um fim abrupto. Isso é perigoso. Se a União é um navio, ele acaba de passar por uma tempestade e está adernando. Perdemos um capitão. Se substituirmos outro agora, o barco pode se despedaçar. Estaremos todos nadando em águas fundas, frias e desconhecidas. Guerra civil, alguém concorda aí?* Franziu a testa para as peças do jogo espalhadas no chão. *Mas Sua Eminência falou. O que foi que Shickel disse? Quando seu senhor lhe dá uma tarefa, você se esforça ao máximo para cumpri-la, mesmo se a tarefa for sinistra. E alguns de nós somos adequados apenas para tarefas sinistras…*

– Carmee dan Roth e seu filho bastardo. Vou encontrar a verdade,

Eminência, pode contar comigo.

A expressão de Sult chegou a novos níveis de desprezo.

– Quem me dera!

A Casa das Perguntas estava movimentada, para um fim de tarde. Glokta não via ninguém à medida que mancava pelo corredor, com seus arremedos de dentes pressionando o lábio, a mão apertando o cabo da bengala, escorregadia de suor. Não via ninguém, mas ouvia.

Vozes vinham de trás das portas reforçadas com ferro. Graves e insistentes. *Fazendo as perguntas.* Agudas e desesperadas. *Dando as respostas.* De vez em quando um berro ou um rugido ou um uivo de dor cortavam o silêncio pesado. *Esses não precisam de explicação.* Severard permaneceu encostado na parede suja enquanto Glokta mancava até ele. Tinha um dos pés apoiado no reboco e assobiava desafinado atrás da máscara.

– O que é isso tudo? – perguntou Glokta.

– Alguns homens do lorde Brock se embebedaram e ficaram barulhentos. Cinquenta. Fizeram uma baita confusão perto dos Quatro Cantos. Reclamando sobre direitos, dizendo que as pessoas foram enganadas, que Brock deveria ser o rei. Estão alegando que foi uma manifestação. Nós achamos que foi traição.

– Traição, é? – *O termo tem uma definição tão abrangente.* – Escolha alguns chefes e faça com que assinem alguns papéis. Angland está de volta nas mãos da União. É hora de começarmos a encher aquele lugar de traidores.

– Já estão cuidando disso. Mais alguma coisa?

– Ah, claro. – *Malabarismo com facas. Uma desce e duas sobem. Sempre mais lâminas girando no ar, e todas com gumes mortais.* – Hoje recebi uma visita de Sua Eminência. Uma visita breve, mas longa demais para o meu gosto.

– Trabalho para nós?

– Nada que fará de você um homem rico, se é o que você esperava.

– Eu sempre espero. Sou o que podem chamar de otimista.

– Sorte sua. – *Eu tendo a ser o contrário.* Glokta respirou fundo e soltou o ar aos poucos. – O Primeiro dos Magos e seus ousados companheiros.

– De novo?

– Sua Eminência quer informações.

– Mas esse Bayaz, ele não é unha e carne com o novo rei?

Glokta levantou uma sobrancelha na hora que um rugido de dor abafado ecoou no corredor. *Unha e carne? É mais como se o velho tivesse feito o novo rei a partir do barro.*

– É por isso que precisamos ficar de olho, prático Severard. Para a proteção

dele. Os homens poderosos têm amigos poderosos, mas inimigos poderosos também.

– Acha que aquele navegador sabe mais alguma coisa?

– Nada que sirva.

– Que pena. Eu estava me acostumando a ter aquele moleque por aqui. Ele conta uma história e tanto sobre um peixe enorme.

Glokta correu a língua pelas gengivas vazias.

– Mantenha-o onde está, por ora. Talvez o prático Frost aprecie as histórias dele. – *Ele tem um ótimo senso de humor.*

– Se o navegador não serve, quem vamos apertar?

Quem, afinal? Nove Dedos se foi. O próprio Bayaz está enfiado no palácio e o aprendiz praticamente não sai do lado dele. O ex-Jezal dan Luthar, devemos admitir, está agora fora do nosso alcance…

– E aquela mulher?

Severard levantou os olhos.

– O quê, a vaca marrom?

– Ela ainda está na cidade, não está?

– Pelo que ouvi dizer.

– Siga-a, então, e descubra o que ela está fazendo.

O prático fez uma pausa.

– Preciso mesmo?

– O quê? Está com medo?

Severard levantou a máscara e coçou por baixo.

– Posso imaginar outras pessoas que eu preferiria seguir.

– A vida é uma série de coisas que preferiríamos não fazer. – Glokta olhou para um lado e outro do corredor, certificando-se de que não havia ninguém ali. – Também precisamos fazer algumas perguntas sobre Carmee dan Roth, suposta mãe do nosso rei atual.

– Que tipo de perguntas?

Ele se inclinou para Severard e sussurrou baixinho em seu ouvido:

– Perguntas do tipo: ela teve mesmo um filho antes de morrer? Esse filho era mesmo fruto da pelve exageradamente ativa do rei Guslav? Esse filho era de fato o mesmo homem que temos agora no trono? Você sabe que tipo de perguntas. – *Perguntas que podem nos meter em um bocado de encrencas. Perguntas que algumas pessoas podem chamar de traição. Afinal de contas, o termo tem uma definição tão abrangente.*

A máscara de Severard era a mesma de sempre, mas o que se via do rosto demonstrava preocupação.

– Tem certeza de que nós queremos fuçar aí?

– Por que não pergunta ao arquileitor se ele tem certeza? Ele me pareceu ter certeza. Pegue Frost para ajudar, se você tiver dificuldade.

– Mas… o que estamos procurando? Como vamos…

– Como? – sibilou Glokta. – Se eu quisesse cuidar pessoalmente de cada detalhe, não precisaria de seus serviços. Saia daqui e resolva isso!

Quando Glokta era jovem e belo, rápido e promissor, admirado e invejado, passava um bocado de tempo nas tavernas de Adua. *Mas não me lembro de ter decaído tanto, mesmo nos piores momentos.*

Não se sentia deslocado agora, mancando entre os fregueses. Ali, ser aleijado era a norma, e ele tinha mais dentes do que a média. Quase todo mundo tinha cicatrizes feias ou ferimentos debilitantes, feridas ou verrugas capazes de ruborizar um sapo. Havia homens com rostos ásperos como o fundo de uma tigela suja de mingau seco. Homens que tremiam mais do que folhas num vendaval e fediam a mijo de uma semana. Homens que pareciam capazes de cortar a garganta de uma criança só para manter as facas afiadas. Uma prostituta bêbada se encostava num poste numa atitude que não seria excitante nem para o marinheiro mais desesperado. *O mesmo fedor de cerveja choca e desesperança, suor azedo e morte precoce de que me lembro dos locais de meus piores excessos. Só que mais forte.*

Havia alguns reservados numa das extremidades do salão fedorento, passagens em arco cheias de sombras miseráveis e bêbados mais miseráveis ainda. *E quem poderíamos ter esperança de encontrar num ambiente assim?* Glokta parou, arrastando os pés, ao lado do último.

– Ora, ora, ora. Nunca pensei que o encontraria vivo de novo.

Nicomo Cosca parecia pior ainda do que quando Glokta o havia encontrado da primeira vez, se é que era possível. Estava de costas contra uma parede imunda, esparramado, as mãos caídas, a cabeça pendendo para um lado, os olhos quase fechados. Glokta se acomodou de forma dolorida na cadeira oposta. A pele do outro se mostrava pálida e macilenta à luz trêmula da única vela, com olheiras escuras, e sombras se balançavam no rosto fino e comprido. O eczema no pescoço tinha piorado e se espalhava pela lateral do maxilar como hera sobre ruínas. *Com um pouquinho mais de esforço, ele pode parecer quase tão doente quanto eu.*

– Superior Glokta – chiou ele, numa voz áspera como casca de árvore. – É um prazer enorme saber que o senhor recebeu meu recado. Que honra nos encontrarmos de novo, contra todas as possibilidades! Seus senhores não recompensaram seus esforços no Sul com um corte na garganta, hein?

– Fiquei tão surpreso quanto você, mas não. – *Se bem que ainda houve tempo suficiente.* – Como ficou Dagoska depois da minha saída?

O estiriano inflou as bochechas fundas.

– Dagoska ficou um horror, já que está perguntando. Muitos homens mortos. Muitos homens escravizados. É o que acontece quando os gurkenses vêm jantar, não é? Homens bons terminaram mal e os maus não se saíram muito melhor. Finais ruins para todo mundo. O seu amigo, o general Vissbruck, foi um deles.

– Soube que ele cortou a própria garganta. – *Com aprovação extasiada do público.* – Como você se livrou?

O canto da boca de Cosca se curvou para cima, como se ele tivesse vontade de sorrir mas não tivesse energia.

– Eu me disfarcei como uma jovem serviçal e dei para sair.

– Engenhoso. – *Mas é muito mais provável que você tenha aberto os portões para os gurkenses em troca da liberdade. Imagino se eu teria feito o mesmo nessa posição. Provavelmente.* – E uma sorte para nós dois.

– Dizem que a sorte é uma mulher. Sente-se atraída pelos que menos merecem.

– Talvez. – *Mas parece que eu sou ao mesmo tempo imerecedor e azarado.* – Com certeza é uma sorte você ter aparecido em Adua neste momento. As coisas estão… inquietas.

Glokta ouviu um guinchado e um farfalhar, depois um rato enorme saiu correndo de baixo de sua cadeira e parou um instante, à vista de todos. Cosca enfiou a mão meio sem jeito no paletó sujo e tirou-a rapidamente. Uma faca veio junto e relampejou no ar. Cravou-se nas tábuas a um ou dois passos do alvo. O rato ficou parado mais um momento, como se quisesse deixar claro seu desprezo, depois se afastou depressa entre as pernas das mesas e das cadeiras, entre as botas gastas dos fregueses.

Cosca sugou o ar por entre os dentes manchados e foi buscar a faca.

– Eu costumava ser fantástico lançando facas, sabe?

– Mulheres lindas costumavam se agarrar a cada palavra minha. – Glokta sugou o ar por entre as próprias gengivas vazias. – Os tempos mudam.

– É o que dizem. Mudam mesmo. Novos governantes significam novas preocupações. Preocupações significam negócios para as pessoas do meu ramo.

– Talvez eu tenha utilidade para os seus talentos específicos, daqui a não muito tempo.

– Não posso dizer que eu recusaria. – Cosca inclinou a garrafa e enfiou a língua no gargalo, tentando lamber a última gota. – Minha bolsa está vazia como um poço seco. Tão vazia que nem tenho bolsa.

Nesse ponto, pelo menos, eu posso ajudar. Glokta se certificou de que não estavam sendo observados, depois jogou algo sobre o tampo áspero da mesa. A pedra foi quicando com estalos, até que girou e parou diante de Cosca. O mercenário a pegou entre o indicador e o polegar, levantou-a diante da chama da vela e a avaliou com um olho injetado.

– Parece um diamante.

– Considere-se contratado. Acho que você poderia encontrar alguns homens da mesma opinião para juntar-se a você. Alguns homens de confiança, que não falem demais nem façam perguntas. Alguns homens bons para ajudar.

– Quer dizer alguns homens maus?

Glokta riu, exibindo as falhas entre os dentes.

– Bem, acho que depende de a pessoa ser a contratante ou parte do serviço.

– Acho que sim. – Cosca deixou a garrafa vazia cair nas tábuas malfeitas do piso. – E qual é o serviço, superior?

– Por enquanto é só esperar e não ser notado. – Ele se inclinou para fora do reservado com uma careta de dor e estalou os dedos para uma garçonete carrancuda. – Outra garrafa do que meu amigo está bebendo!

– E mais tarde?

– Tenho certeza de que poderei arranjar alguma coisa para você fazer. – Ele se arrastou dolorosamente na cadeira para sussurrar: – Cá entre nós, ouvi um boato de que os gurkenses estão vindo.

Cosca se encolheu.

– Eles de novo? Precisa mesmo? Aqueles desgraçados não seguem as regras. Deus, justiça e fé. – Estremeceu. – Isso me deixa nervoso.

– Bom, independentemente de quem esteja batendo à porta, tenho certeza de que posso organizar uma resistência final, heroica e em desvantagem, sem esperança de ajuda. – *Afinal de contas, o que não me falta são inimigos.*

Os olhos do mercenário brilharam quando a garota bateu com uma garrafa cheia em cima da mesa empenada.

– Ah, as causas perdidas. São as minhas prediletas.

O hábito do comando

WEST ESTAVA SENTADO na tenda do lorde marechal, olhando sem esperança ao redor. No último ano, mal tivera um momento de descanso. Agora, de repente, não havia nada a fazer a não ser esperar. Ficava esperando ver Burr passar pela porta e ir até os mapas, os punhos cerrados às costas. Ficava esperando sentir sua presença tranquilizadora no acampamento, ouvir sua voz trovejante chamar à ordem os oficiais desgarrados. Mas, claro, isso não aconteceria. Nem agora nem nunca.

À esquerda estava o estado-maior do general Kroy, homens solenes e sinistros em seus uniformes pretos, rigidamente engomados como sempre. À direita sentavam-se languidamente os homens de Poulder, com seus botões de cima abertos numa afronta explícita aos outros, como pavões exibindo as penas da cauda. Os dois grandes generais se entreolhavam com toda a suspeita de exércitos rivais num campo de batalha, esperando o édito que alçasse um dos dois ao Conselho Fechado e esmagasse para sempre as esperanças do outro. O édito que traria o nome do novo rei da União e de seu novo lorde marechal.

Seria Poulder ou Kroy, claro, e ambos previam a gloriosa vitória final sobre o outro. Enquanto isso o exército, e West em particular, ficavam paralisados. Impotentes. Longe, ao norte, Cachorrão e seus companheiros, que haviam salvado a vida de West mais vezes do que ele podia lembrar, sem dúvida estavam lutando pela sobrevivência, desesperados pela ajuda que jamais chegaria.

Para West, era como estar no próprio funeral, e um funeral ao qual compareciam principalmente inimigos cheios de desprezo, risos e poses. Seria Poulder ou Kroy e, qualquer que fosse, ele estava condenado. Poulder o odiava ardentemente, Kroy, com o mais gélido desprezo. A única queda mais rápida e mais completa do que a sua seria a de Poulder ou Kroy, o que no fim perdesse a corrida para o Conselho Fechado.

Houve uma leve agitação do lado de fora e os homens viraram rápido a cabeça para olhar. Sons de passos chegaram até a tenda e vários oficiais se levantaram, ansiosos. A aba foi puxada para o lado e o cavaleiro arauto por fim irrompeu tinindo por ela. Era imensamente alto e as asas de seu elmo quase furaram o teto da tenda quando ele se empertigou em sua armadura ornada com o sol dourado da União. Tinha uma pasta de couro pendurada num ombro. West olhou para aquilo e prendeu o fôlego.

– Apresente sua mensagem – instigou Kroy, estendendo a mão.

– Apresente-a a mim! – ordenou Poulder de forma ríspida.

Os dois homens ficaram se acotovelando de forma indigna enquanto o cavaleiro arauto franzia a testa para eles, impassível.

– O coronel West está presente? – perguntou num tom trovejante.

Todos os olhares, principalmente os de Poulder e Kroy, se voltaram para West e ele se pegou levantando hesitante da cadeira.

– Está… Eu sou West.

O cavaleiro arauto contornou o general Kroy sem a menor cerimônia e avançou até West, com as esporas tilintando. Abriu a pasta de despachos, tirou um rolo de pergaminho e o abriu.

– Por ordem do rei.

Pelo jeito a ironia final da imprevisível carreira de West era que seria ele a anunciar o nome do homem que o dispensaria sem honras instantes depois. Mas, se deveria cair sobre a própria espada, a demora só aumentaria a dor. Pegou o rolo da mão do cavaleiro com luva de ferro e partiu o lacre grosso. Desenrolou-o até a metade e viu um bloco de escrita floreada. Todos prenderam a respiração quando ele começou a ler.

West soltou um risinho incrédulo. Mesmo com a tenda tensa feito um tribunal à espera de uma sentença, ele não conseguiu evitar. Precisou repassar a primeira parte mais duas vezes antes de chegar perto de compreendê-la.

– O que há de tão divertido? – perguntou Kroy.

– O Conselho Aberto elegeu para novo rei da União Jezal dan Luthar, daqui em diante conhecido como Jezal I – falou West e precisou conter mais uma gargalhada, ainda que aquela piada não tivesse a menor graça.

– Luthar? – perguntou alguém. – Quem diabo é Luthar?

– Aquele rapaz que venceu o Campeonato?

De algum modo tudo aquilo era medonhamente apropriado. Jezal sempre se comportara como se fosse melhor do que todo mundo. Agora, pelo jeito, era. Mas isso, por mais que fosse importante, era uma questão secundária ali.

– Quem é o novo lorde marechal? – rosnou Kroy, o que fez com que os dois estados-maiores arrastassem os pés mais para perto, formando um semicírculo de expectativa.

West respirou fundo e firmou-se como uma criança preparando-se para mergulhar num poço gelado. Abriu mais o pergaminho e seu olhar percorreu rapidamente o parágrafo de baixo. Franziu a testa. Nem o nome de Poulder nem o de Kroy apareciam em lugar nenhum. Leu de novo, com mais cuidado. Seus joelhos de repente fraquejaram.

– Quem o documento nomeia? – quase berrou Poulder.

West abriu a boca, mas não conseguiu encontrar palavras. Estendeu a carta,

que Poulder agarrou, enquanto Kroy tentava sem sucesso ler por cima de seu ombro.

– Não – ofegou Poulder ao chegar ao fim do texto.

Kroy arrancou o despacho das mãos dele e o leu.

– Deve ser engano!

Mas o cavaleiro arauto não achava que fosse.

– O Conselho Fechado não costuma cometer erros. Os senhores têm as ordens do rei! – Em seguida se virou para West e fez uma reverência. – Lorde marechal, assim me despeço.

Os melhores e mais brilhantes do exército ficaram olhando boquiabertos para West.

– É… sim – conseguiu gaguejar ele. – Sim, claro.

Uma hora depois, a tenda havia se esvaziado e West se sentava sozinho e nervoso à escrivaninha de Burr, arrumando e rearrumando a pena, o tinteiro, os papéis e, mais do que tudo, a grande carta que tinha acabado de lacrar com um bocado de cera. Franziu a testa para ela e para os mapas nos quadros, e de novo para as mãos paradas sobre o couro surrado, e tentou entender que diabo havia acontecido.

Pelo que podia ver, fora alçado de repente a um dos postos mais importantes da União. Lorde marechal West. Com a possível exceção do próprio Bethod, ele era o homem mais poderoso deste lado do mar do Círculo. Poulder e Kroy seriam obrigados a chamá-lo de “senhor”. Ele tinha uma cadeira no Conselho Fechado. Ele, Collem West! Um plebeu, que fora menosprezado, maltratado e olhado com condescendência a vida toda. Como isso podia ter acontecido? Não por mérito dele, com certeza. Não por nada que ele tivesse feito ou deixado de fazer. Era puro acaso. Uma amizade casual com um homem de quem, em muitos sentidos, ele não gostava muito e de quem certamente não esperava receber favores. Um homem que, por um golpe de sorte que só poderia ser descrito como milagre, agora ascendera ao trono da União.

Seu riso de incredulidade foi breve. Uma imagem muito desagradável estava se formando em sua mente. O príncipe Ladisla caído seminu e com a cabeça aberta, que nunca seria enterrado. West engoliu em seco. Se não fosse por ele, Ladisla seria rei agora e ele estaria lavando latrinas em vez de se preparando para comandar o exército. Sua cabeça começava a doer e ele massageou as têmporas, desconfortável. Talvez tivesse representado um papel crucial em sua própria promoção, afinal de contas.

A aba da tenda farfalhou quando Pike entrou com seu sorriso queimado.

– O general Kroy veio falar com o senhor.

– Deixe-o suar um instante lá fora.

Mas era West quem suava. Enxugou as palmas úmidas uma na outra e alisou o casaco do uniforme, com a insígnia de coronel cortada recentemente dos ombros. Precisava parecer que estava no controle total e sem esforço, como o marechal Burr sempre fizera. Como o marechal Varuz costumava fazer, nas vastidões secas de Gurkhul. Precisava esmagar Poulder e Kroy enquanto tinha a chance. Se não fizesse isso agora, ficaria para sempre à mercê dos dois. Um pedaço de carne rasgado entre dois cães furiosos. Pegou a carta com relutância e a entregou a Pike.

– Não podemos simplesmente enforcar os dois, senhor? – perguntou o ex-prisioneiro ao pegá-la.

– Quem me dera! Mas não podemos nos virar sem eles, por mais encrenqueiros que sejam. Um novo rei, um novo lorde marechal, ambos homens de quem, no geral, ninguém tinha ouvido falar. Os soldados precisam de líderes conhecidos. – Respirou encheu o peito, puxando o ar pelo nariz. Cada homem precisava fazer sua parte, e só isso. Soltou o fôlego num sibilo. – Mande o general Kroy entrar, por favor.

– Sim, senhor. – Pike manteve a aba da tenda aberta e rugiu: – General Kroy!

O uniforme preto de Kroy, fechado no colarinho com bordados de folhas douradas, estava tão engomado que era uma surpresa ele conseguir se mexer. O sujeito se enrijeceu em posição de sentido, os olhos fixos a meia distância. A saudação foi impecável, cada parte do corpo na forma exigida, no entanto conseguia deixar nítidos seu desprezo e sua decepção.

– Primeiro gostaria de dar meus parabéns – disse ele com jeito bruto –, lorde marechal.

– Obrigado, general. É gentileza sua.

– Uma promoção considerável para alguém tão jovem, tão inexperiente…

– Sou um soldado profissional há cerca de 12 anos, lutei em duas guerras e várias batalhas. Parece que Sua Majestade, o rei, me considera experiente o bastante.

Kroy pigarreou.

– Claro, lorde marechal. Mas o senhor é novo no comando supremo. Na minha opinião, seria sensato buscar auxílio de um homem mais experiente.

– Concordo plenamente.

Kroy levantou a sobrancelha só um pouquinho.

– Fico feliz em ouvir isso.

– Esse homem, sem a menor dúvida, seria o general Poulder.

Kroy teve o mérito de não mexer um músculo em sua expressão. Um pequeno guincho brotou de seu nariz. A única indicação daquilo que, West não duvidava, era uma consternação sem limites. Ele fora atingido logo de cara. Agora estava fragilizado. Era a melhor chance de West lhe cravar a faca até o cabo.

– Sempre fui grande admirador da abordagem do general Poulder do trabalho de um soldado. Sua ousadia. Seu vigor. Na minha cabeça, ele é a própria definição de como deveria ser um oficial.

– Sim… – sibilou Kroy por entre os dentes trincados.

– Vou pedir o conselho dele em várias áreas. Só há uma questão importante em que divergimos.

– É mesmo?

– É com relação ao senhor, general Kroy.

O rosto de Kroy havia assumido a cor de um frango depenado, com o traço de desprezo substituído depressa por um tom de horror.

– Poulder foi da opinião de que o senhor deveria ser dispensado imediatamente. Eu fui a favor de lhe dar mais uma chance. Sargento Pike?

– Senhor.

O ex-prisioneiro avançou com elegância e estendeu a carta. West a pegou e mostrou ao general.

– Esta é uma carta ao rei. Começo lembrando a ele os anos felizes que servimos juntos em Adua. Prossigo mostrando em detalhes os motivos para sua imediata dispensa com desonra. Sua persistente teimosia, general Kroy. Sua tendência a se apossar do mérito dos outros. Sua inflexibilidade cruel. Sua relutância insubordinada em trabalhar com os outros oficiais.

Se era possível o rosto de Kroy ficar ainda mais encovado e pálido, isso aconteceu, à medida que ele encarava o papel dobrado.

– Espero, seriamente, que eu nunca precise enviá-la. Mas enviarei, diante da menor provocação a mim ou ao general Poulder, está claro?

Kroy pareceu se atrapalhar procurando palavras.

– Perfeitamente claro – grasnou por fim –, lorde marechal.

– Excelente. Estamos muito atrasados em nossa partida ao encontro de nossos aliados nórdicos e odeio chegar tarde a um compromisso. O senhor transferirá sua cavalaria para o meu comando, por ora. Eu vou levá-la para o norte com o general Poulder, perseguindo Bethod.

– E eu, senhor?

– Alguns nórdicos ainda permanecem nas colinas acima de nós. Sua tarefa será varrê-los e liberar a estrada para Carleon, dando aos inimigos a impressão de que nosso corpo principal não foi para o norte. Se tiver sucesso nisso, estarei

disposto a lhe confiar tarefas maiores. O senhor fará os arranjos antes do amanhecer.

Kroy abriu a boca, como se fosse reclamar.

– Tem algo a acrescentar, general?

O homem pensou melhor.

– Não, senhor. Antes do amanhecer, claro – disse e até conseguiu forçar no rosto uma expressão que lembrava um sorriso.

West não precisou se esforçar muito para sorrir em resposta.

– Fico feliz ao ver que está abraçando esta chance de se redimir, general. Está dispensado.

Kroy ficou em posição de sentido de novo, deu meia-volta, embolou a perna no sabre e saiu tropeçando da tenda, um tanto desalinhado.

West respirou fundo. Sua cabeça latejava. Só queria se deitar por alguns instantes, mas não havia tempo. Alisou de novo o uniforme. Se havia sobrevivido àquela jornada de pesadelo para o norte, em meio à neve, poderia sobreviver a isso.

– Mande entrar o general Poulder.

Poulder entrou na tenda de forma presunçosa, como se fosse o dono do lugar, ficou numa posição de sentido frouxa e fez uma saudação tão espalhafatosa quanto a de Kroy fora rígida.

– Lorde marechal West, gostaria de dar meus efusivos parabéns por sua promoção inesperada.

Ele sorriu, nem um pouco convincente, mas West não o acompanhou. Ficou sentado, franzindo a testa para Poulder como se ele fosse um problema para o qual estivesse cogitando uma solução difícil. Ficou sentado um tempo, sem dizer nada. Os olhos do general começaram a se mover, nervosos. Ele tossiu, com ar de desculpas.

– Posso perguntar, lorde marechal, o que o senhor discutiu com o general Kroy?

– Ah, todo tipo de coisas. – West manteve o rosto duro feito pedra. – Meu respeito pelo general Kroy em todas as questões militares não tem limites. Ele e eu somos muito parecidos. Sua precisão. Sua atenção aos detalhes. No meu modo de pensar, ele é a própria definição de como deveria ser um soldado.

– Ele é um oficial bastante capaz – conseguiu sibilar Poulder.

– É, sim. Fui elevado com muita rapidez ao meu posto e creio precisar de um homem mais velho, um homem com uma riqueza de experiência, para agir como… como mentor, por assim dizer, agora que o marechal Burr se foi. O general Kroy teve a gentileza de concordar em prestar esse serviço.

– Foi mesmo? – falou Poulder, com uma camada de suor na testa.

– Ele fez várias sugestões excelentes que já estou colocando em prática. Só houve uma questão em que não pudemos concordar. – West juntou as pontas dos dedos acima da mesa e olhou sério para Poulder, por cima deles. – A questão foi o senhor, general Poulder. O senhor.

– Eu, lorde marechal?

– Kroy me pressionou pedindo sua dispensa imediata.

O rosto carnudo de Poulder estava ficando rosado.

– Mas decidi lhe dar uma última oportunidade.

West pegou exatamente o mesmo papel que havia mostrado a Kroy.

– Isto é uma carta ao rei. Começo agradecendo por minha promoção, perguntando por sua saúde e lembrando de nossa amizade. Prossigo detalhando os motivos para a dispensa desonrosa do senhor. Sua arrogância desagradável, general Poulder. Sua tendência a se apoderar do mérito de outros. Sua relutância em obedecer às ordens. Sua repetida incapacidade de trabalhar com outros oficiais. Espero, seriamente, que jamais tenha de enviá-la. Mas enviarei, se houver a menor provocação. A menor provocação a mim ou ao general Kroy, estou sendo claro?

Poulder engoliu em seco, o suor brilhando em todo o rosto vermelho.

– Está, lorde marechal.

– Bom. Confiei ao general a tarefa de tomar o controle das colinas entre este lugar e Carleon. Até que o senhor se mostre digno de um comando separado, ficará comigo. Quero sua divisão pronta para ir para o norte antes do amanhecer, com as unidades mais rápidas à frente. Nossos aliados nórdicos contam conosco, e não pretendo frustrá-los. Antes do amanhecer, general, e com a maior velocidade.

– A maior velocidade, claro. Pode contar comigo… senhor.

– Espero que sim, apesar de minhas reservas. Cada homem deve fazer sua parte, general Poulder. Cada homem.

Poulder piscou e remexeu a boca, começou a se virar para ir embora, lembrou-se tardiamente de prestar continência, depois saiu da tenda. West viu a aba se mover suavemente ao vento, depois suspirou, amassou a carta e jogou-a no canto. Afinal de contas, não passava de uma folha em branco.

Pike levantou uma sobrancelha rosada e quase sem pelos.

– Muitíssimo bem feito, senhor, se é que posso dizer. Mesmo nos campos de prisioneiros, nunca vi alguém mentir melhor.

– Obrigado, sargento. Agora que comecei, estou gostando do serviço. Meu pai sempre me alertou contra inverdades, mas, cá entre nós, o sujeito era um merda, um covarde e um fracassado. Se estivesse aqui agora, eu cuspiria na cara dele.

West se levantou, foi até o mapa em maior escala e parou diante dele, as mãos cruzadas às costas. Exatamente como o marechal Burr teria feito, percebeu. Examinou a mancha de dedo sujo nas montanhas onde Crummock-i-Phail havia indicado a posição de sua fortaleza. Traçou a rota até a posição atual do exército da União, muito ao sul, e franziu a testa. Era difícil acreditar que um cartógrafo da União tivesse ao menos chegado perto de avaliar aquele terreno pessoalmente, e as formas exageradas dos morros e rios sugeriam terem sido inventadas.

– Quanto tempo o senhor acha que vamos demorar para chegar lá? – perguntou Pike.

– Impossível dizer.

Mesmo que partissem imediatamente, o que era improvável. Mesmo se Poulder fizesse o que fora mandado, o que era duplamente improvável. Mesmo se o mapa fosse ao menos um pouco exato, o que ele sabia que não era. Balançou a cabeça, sério.

– Impossível dizer.

O primeiro dia

O CÉU COMEÇAVA a pegar fogo a leste. Longas tiras de nuvens rosadas e longas tiras de nuvens pretas se esticavam sobre o azul-claro. Embaixo, as montanhas enevoadas e de sombras cinzentas faziam cortes e talhes como uma faca de açougueiro. A oeste o céu continuava uma massa de ferro escura, fria e sem oferecer conforto.

– Belo dia para a coisa – disse Crummock.

– É – concordou Logen, mas não tinha certeza de que isso existisse.

– Bom, se Bethod não aparecer, e não matarmos nada, pelo menos vocês terão feito maravilhas pela minha muralha, não é?

Era incrível com que rapidez e eficiência um homem podia remendar uma muralha quando ela era a pilha de pedras que poderia salvar sua vida. Em poucos dias, haviam reconstruído e rejuntado com reboco toda a sua extensão, além de haver cortado a maior parte da hera. De dentro do forte, onde o terreno era muito mais alto, ela não parecia tão temível. De fora tinha três vezes a altura de um homem grande até a passarela no topo. Tinham reformado o parapeito, que agora ia até a altura do pescoço e havia uma quantidade de bons postos de onde disparar flechas e jogar pedras. Tinham cavado um fosso razoável na frente e o forraram com estacas afiadas.

Ainda estavam cavando, à esquerda, onde a muralha encontrava o penhasco e era mais fácil escalar. Aquele era o trecho de Barca Negra, e Logen podia ouvi-lo gritando com seus rapazes acima do som das pás.

– Continuem cavando, seus preguiçosos! Não vou ser morto por não terem trabalhado! Força, desgraçados!

E assim ele prosseguia, o dia inteiro. Era um modo de fazer um homem trabalhar, admitiu Logen.

Tinham cavado o fosso mais fundo na frente do velho portão. Uma bela lembrança, a todos, de que não existiam planos para ir embora. Mas aquele ainda era seu ponto mais fraco, e não havia como se iludir. Era onde Logen estaria, se Bethod viesse. Bem no meio, no trecho de muralha sob os cuidados de Tremedeira. Agora ele estava acima do arco da entrada, com o cabelo comprido balançando à brisa, apontando para algumas rachaduras que ainda precisavam de massa.

– A muralha está ficando boa! – gritou Logen para ele.

Tremedeira olhou em volta, remexeu a boca, depois cuspiu por cima do

ombro.

– É – resmungou e se virou de novo.

Crummock se aproximou de Logen.

– Se acontecer uma batalha, você vai ter de vigiar as costas por causa desse aí, Nove Sangrento.

– Imagino que sim.

O meio de uma luta era um bom momento para resolver uma pendência com alguém do seu próprio lado. Ninguém notava depois se os cadáveres tinham sido feridos pelas costas ou pela frente. Todo mundo ficava ocupado demais chorando por causa dos próprios cortes ou cavando ou fugindo. Logen lançou um olhar demorado para o grande montanhês.

– Terei de vigiar por causa de um monte de homens, se houver uma batalha. Nós não somos tão amigos a ponto de você não ser um deles.

– O mesmo digo eu – respondeu Crummock, o tempo todo com um sorriso no rosto grande e barbudo. – Nós dois temos a reputação de não sermos muito seletivos com relação a quem é morto, depois que a matança começa. Mas isso não é ruim. Excesso de confiança deixa o homem descuidado.

– Excesso de confiança? – Fazia tempo que Logen não tinha nada em grande quantidade, a não ser inimigos. Apontou o polegar para a torre. – Vou subir e verificar se eles viram alguma coisa.

– Espero que tenham visto! – disse Crummock, esfregando as palmas das mãos gordas. – Espero que o desgraçado venha hoje!

Logen pulou de cima da muralha e atravessou o forte, se é que aquilo poderia ser chamado assim, passou por Carls e homens das montanhas sentados em grupos, comendo, conversando ou limpando armas. Uns poucos que tinham ficado de guarda durante a noite estavam enrolados em cobertores, dormindo. Seguiu pelo cercado em que as ovelhas se amontoavam em muito menor número do que antes. Passou pela forja improvisada perto do corredor junto à rocha, onde dois homens sujos de fuligem trabalhavam com um fole e outro derramava metal em moldes para fazer pontas de flecha. Precisariam de uma quantidade enorme delas se Bethod viesse fazer uma visita. Chegou aos degraus estreitos entalhados na face da rocha e os subiu de dois em dois, forte acima, até o topo da torre.

Havia uma grande pilha de pedras para ser atiradas de lá, daquela prateleira na lateral da montanha, e seis grandes barris atulhados de flechas. Os melhores arqueiros estavam de pé junto aos parapeito recém-restaurado com massa, os homens com melhores olhos e ouvidos vigiando a chegada de Bethod. Logen viu Cachorrão no meio dos outros, com Sinistro de um lado e Tul do outro.

– Chefe! – chamou Logen.

Dizer isso ainda o fazia sorrir. Durante muito tempo tinham feito as coisas ao contrário, mas, por ele, funcionava muito melhor assim. Pelo menos ninguém ficava apavorado o tempo todo. Pelo menos não com relação ao próprio chefe.

– Viram alguma coisa? – perguntou.

Cachorrão lhe deu um sorriso e ofereceu um cantil.

– Muita coisa, por sinal.

– Uh – fez Sinistro.

Agora o sol ia acima das montanhas, talhando as nuvens com linhas brilhantes, comendo as sombras da terra dura, queimando a névoa do alvorecer. Os grandes penhascos se erguiam ousados e despreocupados nas duas laterais, manchados de capim verde-amarelado e samambaias, com trechos de rocha nua irrompendo nos cumes marrons. Abaixo, o vale nu estava silencioso e imóvel, salpicado de arbustos espinhentos e grupos de árvores mirradas, riscado pelos cursos de riachos secos. Tão vazio quanto estivera no dia anterior, e no anterior, e desde que haviam chegado.

Logen se lembrava de sua juventude nos Lugares Altos, sozinho. Dias seguidos testando-se contra as montanhas. Antes que seu nome tivesse sido ouvido por todo mundo. Antes de se casar e de ter filhos e antes de sua mulher e seus filhos voltarem à lama. Os vales felizes do passado. Puxou o ar frio das alturas e o expirou com força.

– É um lugar e tanto para apreciar a vista, sem dúvida, mas eu estava perguntando sobre nosso velho amigo.

– Quer dizer Bethod, o rei legítimo e real dos nórdicos? Não, não há sinal dele. Nem um fio de cabelo.

– A esta altura eu já esperaria ter alguma notícia, se ele viesse – comentou Tul e balançou a cabeça grande.

Logen bochechou com um pouco d’água e cuspiu pela lateral da torre; viu-a bater nas pedras lá embaixo.

– Talvez ele não caia na armadilha.

Dava para imaginar o lado bom de Bethod não aparecer. A vingança é uma bela ideia vista de longe, mas quando chega perto não fica muito bonita. Ainda mais quando você está em menor número, numa relação de um para dez, sem ter para onde fugir.

– Talvez ele não caia – disse Cachorrão, desejoso. – Como está a muralha?

– Bem, desde que eles não tragam algo como uma escada. Quanto tempo você acha que a gente deveria esperar antes de…

– Uh – grunhiu Sinistro, com o dedo comprido apontando para o vale.

Logen avistou um movimento lá. E outro. Engoliu em seco. Dois homens, talvez, esgueirando-se pelas pedras como besouros no cascalho. Sentiu seus

homens se retesarem ao redor, ouviu-os murmurando.

– Merda – sibilou. Olhou de esguelha para Cachorrão, que também olhou para ele. – Parece que o plano de Crummock funcionou.

– Parece mesmo. Pelo menos no sentido de fazer Bethod vir atrás da gente.

– É. O resto é a parte complicada.

A parte que mais do que provavelmente faria com que todos fossem mortos, mas Logen sabia que todos estavam pensando isso, sem que ele precisasse dizer.

– Agora é esperar para que a União cumpra sua parte do trato – disse Cachorrão.

– É, vamos esperar.

Logen tentou dar um sorriso, mas não saiu muito direito. Ter esperança nunca dera muito certo para ele.

Assim que começaram a chegar, o vale se encheu rapidamente, bem diante dos olhos de Cachorrão. Direto e reto, como Bethod sempre fizera as coisas. Os estandartes foram postos entre as duas faces de rocha, ao triplo da distância de um bom disparo de flecha, e os Carls e servos estavam comprimidos ao redor deles, todos olhando para a muralha. O sol se elevava num céu azul com apenas alguns fiapos de nuvens para dar sombra, e todo aquele peso de aço relampejava e cintilava como o mar sob a Lua.

Todos os símbolos deles estavam lá, todos os melhores de Bethod desde muito tempo: Mecha Branca, Crendel Afiado, Pálido-como-Neve, Ossinho. E havia outros: símbolos de bordas irregulares e agudas vindos de além de Crinna. Homens selvagens que haviam feito tratos sombrios e sangrentos com Bethod. Cachorrão podia ouvi-los uivando e gritando uns para os outros, sons estranhos como de animais na floresta.

Uma reunião e tanto, no total, e Cachorrão sentia o medo e a dúvida encorpados como sopa em cima da muralha. Muitas armas sendo manuseadas, muitos lábios sendo mordidos. Fez o máximo para manter o rosto implacável e despreocupado, como Três Árvores teria feito. Como um chefe deveria agir. Por mais que seus joelhos quisessem tremer.

– Quantos, você acha? – perguntou Logen.

Cachorrão deixou o olhar percorrê-los, pensando.

– Uns oito mil, ou dez, talvez?

Uma pausa.

– Era o que eu estava pensando.

– Muito mais do que nós, de qualquer modo – concluiu Cachorrão, mantendo a voz baixa.

– É. Mas nem todas as lutas são vencidas pelos mais numerosos.

– Claro que não. – Cachorrão moveu os lábios enquanto olhava para todos aqueles homens. – Só a maioria delas.

Havia muita coisa acontecendo lá embaixo, adiante: pás brilhando, um fosso e um barranco de terra tomando forma, atravessando todo o vale.

– Também estão cavando um pouco – grunhiu Barca Negra.

– Bethod sempre foi meticuloso – disse Cachorrão. – Está usando o tempo. Fazendo a coisa bem-feita.

Logen assentiu.

– Garantindo que nenhum de nós vá embora.

Cachorrão ouviu o som da gargalhada de Crummock atrás.

– Mas ir embora nunca foi o propósito, não é?

Agora o estandarte de Bethod subia, perto da retaguarda, mas mesmo assim bem acima dos outros. Um negócio gigantesco, um círculo vermelho em fundo preto. Cachorrão franziu a testa para aquela coisa, que balançava ao vento. Lembrou-se de ter visto o estandarte meses antes, em Angland. Quando Três Árvores ainda estava vivo e Cathil também. Moveu a língua dentro da boca amarga.

– Rei da porra dos nórdicos – murmurou.

Alguns homens saíram da frente, de onde outros cavavam, e começaram a subir em direção à muralha. Cinco, todos com boas armaduras, o primeiro com os braços bem abertos.

– É hora de jogar conversa fora – murmurou Barca Negra, depois escarrou no fosso.

Os cinco chegaram perto, diante do portão remendado, as cotas de malha com um brilho opaco. O primeiro tinha cabelo branco e comprido e um olho branco, e não era muito difícil de ser lembrado. Hansul Olho Branco. Parecia mais velho, mas todos eles também não pareciam? Fora ele que pedira para Três Árvores se render em Uffrith e ouvira a resposta mandando-o ir se catar. Haviam jogado bosta em cima dele em Heonan. Tinha proposto duelos contra Barca Negra, Tul Duru e Harding Sinistro. Duelos contra os campeões de Bethod. Duelos contra o Nove Sangrento. Ele havia falado muito por Bethod e tinha contado um monte de mentiras.

– Aquele lá embaixo é o Hansul Olho de Merda? – gritou Barca Negra para ele, zombando. – Continua chupando o pau do Bethod, é?

O velho guerreiro riu para eles.

– A gente precisa alimentar a família, não é? E, se quer saber, que diferença faz de quem é o pau? Não finja que sua boca não sentiu um bocado de gosto de sal também!

Ele tinha certa razão, Cachorrão teve de admitir. Todos haviam lutado por Bethod, afinal de contas.

– O que você quer, Hansul? – gritou. – Bethod quer se render a nós, é?

– Vocês imaginariam isso, não é?, já ele está em número tão inferior, mas eu sou mais de falar do que de lutar, e falei com ele para dar mais uma chance a todos vocês. Eu tenho dois filhos lá embaixo, com os outros, e podem me chamar de egoísta, mas prefiro que eles não corram risco. Espero que possamos sair desta só conversando.

– Não parece muito provável! – gritou Cachorrão. – Mas podem tentar, se precisarem; não tenho mais nada importante para fazer hoje!

– Então o negócio é o seguinte: Bethod não é muito de desperdiçar tempo, suor e sangue escalando sua muralhazinha de merda. Ele tem negócios com os sulistas e quer resolvê-los logo. Nem vale a pena gastar fôlego mostrando a encrenca em que vocês estão. Estamos em maior número, mais de dez para um, eu calculo, muito mais, e vocês não têm por onde sair. Bethod garante que qualquer homem que quiser pode desistir agora e ir em paz. Só é preciso entregar as armas.

– E a cabeça logo depois, né? – rosnou Barca Negra.

Hansul respirou fundo, como se não esperasse que acreditassem nele.

– Bethod garante que qualquer homem pode ir em paz. É a palavra dele.

– Foda-se a palavra dele! – disse Barca Negra com desprezo, e na muralha abaixo homens zombaram e cuspiram, concordando. – Você acha que todos nós não o vimos faltar com a palavra dez vezes antes? Já caguei bostas que valem mais que o que ele diz!

– Mentiras, claro – riu Crummock –, mas é normal, não é? Mentir um pouquinho, antes de começarmos o trabalho duro. Você se sentiria insultado se ele não fizesse ao menos uma tentativa. Qualquer homem, hein? – gritou para Hansul lá embaixo. – Que tal Crummock-i-Phail ir em paz? Que tal o Nove Sangrento?

O rosto de Hansul mudou ao ouvir aquele nome.

– É verdade, então? Nove Dedos está aí em cima?

Cachorrão sentiu Logen chegar ao lado e se mostrar na muralha. Olho Branco ficou pálido e seus ombros se afrouxaram.

– Bom – Cachorrão ouviu-o dizer baixinho –, tem de ser sangue, então.

Logen se apoiou preguiçosamente no parapeito e olhou para Hansul e seus Carls. Aquele olhar faminto, vazio, como se escolhesse que ovelha do rebanho abater primeiro.

– Pode dizer ao Bethod que vamos sair – garantiu, mas fez uma pausa antes de completar: – assim que tivermos matado todos vocês, porra.

Uma gargalhada brotou nas muralhas, e homens zombaram e brandiram armas no ar. Não eram palavras engraçadas, e sim duras, e era só isso que todos precisavam escutar, admitiu Cachorrão. Era um bom modo de se livrar do medo por um momento. Ele mesmo até conseguiu dar um meio sorriso.

Olho Branco só ficou parado, na frente daquele portão precário, e esperou que os rapazes silenciassem.

– Ouvi dizer que agora você é chefe dessa turba, Cachorrão. De modo que não precisa mais receber ordens desse carniceiro louco por sangue. Essa é a sua resposta, também? É desse modo?

Cachorrão encolheu os ombros.

– De que outro modo você achou que seria? Nós não viemos aqui para conversar, Hansul. Pode ir se catar, agora.

Mais algumas gargalhadas e mais gritos. Um rapaz no lado da muralha guarnecido por Tremedeira baixou a calça e expôs a bunda sobre o parapeito. Era o fim das negociações.

Olho Branco balançou a cabeça.

– Certo, então. Vou dizer a ele. Acho que todos vocês vão voltar à lama, e é bem merecido. Podem dizer aos mortos que eu tentei, quando se encontrarem com eles!

Começou a descer de volta para o vale, com os quatro Carls atrás.

Logen se inclinou para a frente, de repente.

– Vou procurar seus filhos, Hansul! – gritou, com cuspe voando da boca que rosnava e ria. – Quando o trabalho começar! Pode dizer a Bethod que estou esperando! Diga a todos lá que estou esperando!

Uma calma estranha baixou sobre a muralha e os homens nela, sobre o vale e os homens nele. O tipo de calma que às vezes acontece antes de uma batalha, quando os dois lados sabem o que esperar. A mesma calma que Logen havia sentido em Carleon, antes de desembainhar a espada e rugir ordenando o ataque. Antes de perder o dedo. Antes de ser o Nove Sangrento. Muito tempo atrás, quando as coisas eram mais simples.

O fosso de Bethod ficou suficientemente fundo para ele, e os servos guardaram as pás e voltaram para trás da vala. Cachorrão havia subido os degraus de volta à torre, sem dúvida levando seu arco, ao lado de Sinistro e Tul, e esperava. Crummock estava atrás da muralha com seus homens das montanhas, alinhados, ferozes e a postos. Barca Negra juntara seus rapazes à esquerda. Gorro Vermelho se posicionara com seus rapazes à direita. Tremedeira não ficara muito longe de Logen, os dois acima do portão, esperando.

Os estandartes no vale abaixo balançavam e farfalhavam suavemente ao vento. Uma marreta soou uma, duas, três vezes na fortaleza atrás deles. Um pássaro piou, lá no alto. Um homem sussurrou em algum lugar, depois ficou quieto. Logen fechou os olhos, inclinou o rosto para trás e sentiu na pele o sol quente e a brisa fresca dos Lugares Altos. Tudo silencioso como se ele estivesse sozinho e não houvesse dez mil homens ao redor, ansiosos para começarem a matar uns aos outros. Tão silencioso e calmo que ele quase sorriu. Seria assim a vida, se ele nunca tivesse segurado uma arma?

Durante o tempo de três respirações, mais ou menos, Logen Nove Dedos foi um homem de paz.

Então ouviu a movimentação de homens e abriu os olhos. Os Carls de Bethod arrastavam os pés até as laterais do vale, fileira após fileira, fazendo som de botas esmagando o solo e de equipamentos chacoalhando. Deixaram um caminho rochoso, um espaço vazio pelo meio. Por essa abertura vieram figuras negras que passaram num enxame por cima do fosso, como formigas furiosas saindo de um formigueiro mexido, infestando a encosta acima em direção à muralha, numa massa informe de membros tortos, bocas rosnando e garras raspando.

Shankas, e nem mesmo Logen já vira ao menos metade daquele número num lugar só. O vale estava coberto deles – uma infestação que balbuciava, se balançava e guinchava.

– Pela porra dos mortos! – sussurrou alguém.

Logen se perguntou se deveria gritar alguma coisa para os homens na muralha ao redor. Se deveria gritar “Firmes!” ou “Aguentem!”. Algo para ajudar a dar um pouco de coragem aos rapazes, como um líder deveria fazer. Mas de que adiantaria? Cada um deles já havia lutado antes e conhecia o serviço. Cada um deles sabia que era lutar ou morrer, e não havia coisa melhor para instigar a coragem de um homem.

Assim, Logen trincou os dentes e fechou o punho com força em volta do cabo frio da espada do Artífice, tirou o metal opaco de sua bainha gasta e observou os cabeças-achatadas se aproximarem. Os da frente estavam a uns cem passos de distância agora e vindo depressa.

– Preparem os arcos! – rugiu Logen.

– Arcos! – ecoou Tremedeira.

– Flechas! – vieram o grito áspero de Barca Negra da muralha abaixo e o de Gorro Vermelho do outro lado.

A toda a volta de Logen, os arcos rangiam sendo retesados e homens miravam, queixos travados, rostos sérios e sujos. Os cabeças-achatadas vinham, sem se preocupar, dentes reluzindo, línguas pendendo, olhos rancorosos

brilhando de ódio. Faltava pouco agora, faltava muito pouco. Logen girou a espada.

– Falta pouco – sussurrou.



– Começar disparos, porra! – ordenou Cachorrão, disparando sua flecha contra a multidão de shankas.

Cordas zumbiram ao redor e a primeira saraivada voou para baixo. Flechas erraram os alvos, bateram em pedras e pararam longe, flechas encontraram o alvo e derrubaram cabeças-achatadas, que guincharam num emaranhado de membros negros. Os homens pegaram outras, calmos e firmes. Eram os melhores arqueiros de todo o grupo e sabiam disso.

Arcos estalavam, flechas zumbiam e shankas morriam no vale, e os arqueiros miravam, com facilidade, disparando e partindo para o próximo. Cachorrão ouviu a ordem vinda de baixo e viu o brilho das flechas que voavam da muralha. Mais cabeças-achatadas caíram, sacudindo-se e se debatendo na terra.

– É fácil como esmagar formigas numa tigela! – gritou alguém.

– É! – resmungou Cachorrão. – Só que formigas não saem da tigela para cortar a porra da cabeça da gente! Menos conversa e mais flechas!

Viu o primeiro shanka chegar ao fosso que os homens dele e de Crummock cavaram, entrar com dificuldade, tentar empurrar as estacas para baixo, agarrar-se à base da muralha.

Tul ergueu uma pedra grande acima da cabeça, inclinou-se para fora e a jogou para baixo com um rugido. Cachorrão a viu se chocar contra a cabeça de um shanka no fosso e fazer seus miolos espirrarem, vermelhos, nas pedras, e viu-a bater em outros, derrubando mais dois. Outros caíam gritando, com flechas cravadas, mas havia muitos atrás, deslizando para dentro do fosso, passando uns por cima dos outros. Esmagavam-se contra a muralha, espalhando-se por toda a extensão dela, alguns atirando lanças contra os homens acima ou disparando flechas desajeitadas.

Agora começavam a escalar, as garras cravando-se nas pedras furadas, puxando-se mais e mais para cima. Devagar, avançavam em grande parte da muralha, sendo arrancados por pedras e flechas vindas de cima. Iam mais rápido do lado mais distante, à esquerda, mais longe de Cachorrão e seus rapazes, onde Barca Negra comandava. Mais rápidos ainda eram os que estavam em volta do portão, onde ainda havia um pouco de hera grudada à pedra.

– Maldição, esses desgraçados sabem escalar! – sibilou Cachorrão, pegando a próxima flecha.

– Uh – grunhiu Sinistro.

A mão do shanka bateu no topo do parapeito, uma garra torta raspando as pedras. Logen viu o braço vir em seguida, curvado e feio, com tufos de pelos grossos e tendões altos e retorcidos. Então veio o topo achatado da cabeça careca, um tufo de sobrancelhas pesadas, a grande mandíbula escancarada, dentes afiados escorregadios de cuspe. Os olhos fundos encararam os seus. A espada de Logen partiu o crânio da criatura até o nariz chato e arrancou um olho da órbita.

Homens disparavam flechas e se abaixavam enquanto flechas ricocheteavam na pedra. Uma lança passou zunindo sobre a cabeça de Logen. Lá embaixo ele podia ouvir os shankas raspando e tentando rasgar o portão, batendo nele com porretes e marretas, podia ouvi-los guinchando de fúria. Shankas sibilavam e grasnavam na tentativa de passar por cima do parapeito e homens os golpeavam com espadas e machados, derrubavam-nos da muralha furando-os com lanças.

Ouviu Tremedeira rugindo:

– Tirem eles do portão! Para longe do portão!

Homens berravam palavrões. Um Carl que estivera inclinado sobre o parapeito caiu para trás, tossindo. Fora atravessado por uma lança de shanka, logo embaixo do ombro, a ponta fazendo a camisa se projetar para longe das costas. Ele piscou para o cabo torto da arma, abriu a boca para dizer alguma coisa. Gemeu, deu dois passos cambaleantes e um cabeça-achatada grande começou a se arrastar por cima do parapeito, atrás dele, com o braço estendido sobre a pedra.

A espada do Artífice o cortou fundo, logo abaixo do cotovelo, fazendo espirrar um líquido pegajoso no rosto de Logen. A lâmina bateu na pedra e fez sua mão chacoalhar com o impacto, que o deixou cambaleante por tempo suficiente para o shanka se arrastar por cima do parapeito, com o braço cortado preso apenas por um pedaço de pele e tendão, e sangue escuro saindo em jorros.

A criatura foi para cima de Logen com a outra garra, mas Nove Dedos a segurou pelo pulso, chutou seu joelho para o lado e a derrubou. Antes que ela pudesse se levantar, ele havia aberto um talho enorme nas suas costas, deixando lascas de osso branco expostas na ferida enorme. O shanka se sacudiu e se debateu, espirrando sangue para todo lado, e Logen o pegou com força por baixo do pescoço, empurrou-o de volta por cima da muralha e o jogou. O cabeça-achatada bateu em outro que começava a escalar. Os dois caíram esparramados no fosso, um deles tentando se levantar com uma estaca enfiada no pescoço.

Um rapaz ficou parado, boquiaberto, com a besta pendendo frouxa na mão.

– Eu mandei parar de atirar, porra? – rugiu Logen, e ele piscou e ajustou uma seta com a mão trêmula, em seguida voltou correndo para o parapeito.

Havia homens em toda parte, lutando, gritando, disparando flechas e girando espadas. Viu três Carls batendo em um cabeça-achatada com suas lanças. Viu Tremedeira dar um golpe nas costas de outro, fazendo sangue escuro riscar o ar. Viu um homem esmagar a cara de um cabeça-achatada com o escudo no instante em que a criatura chegou ao topo da muralha e derrubá-lo no vazio. Logen golpeou a mão de um shanka, escorregou em sangue e caiu de lado, quase acertando a si mesmo. Arrastou-se dois passos e se levantou com dificuldade. Decepou o braço de um shanka que já se sacudia preso à lança de um Carl, cortou o pescoço de outro até a metade quando ele apareceu sobre o parapeito. Foi rápido atrás dele e olhou por cima.

Restava um shanka na muralha, e Logen acabara de apontar para ele quando uma flecha vinda da torre acertou a criatura nas costas e ela despencou no fosso, cravando-se numa estaca. Todos os que tinham ficado em volta do portão estavam mortos, esmagados por pedras e perfurados por flechas agora partidas. O centro estava garantido, e o lado de Gorro Vermelho já fora limpo. À esquerda ainda havia alguns na muralha, mas os rapazes de Barca Negra estavam em cima deles. Enquanto olhava, Logen viu dois serem jogados, cheios de sangue, no fosso.

Os que estavam no vale começaram a ficar indecisos, desviando-se para longe, guinchando e berrando, com flechas ainda caindo no meio deles, disparadas pelos arqueiros de Cachorrão. Parecia que até os shankas se cansavam. Começaram a se virar, a voltar na direção do fosso de Bethod.

– Nós acabamos com eles! – gritou alguém.

E então todo mundo começou a gritar e comemorar. O garoto com a besta a agitava acima da cabeça, rindo como se tivesse derrotado Bethod sozinho.

Logen não comemorou. Franziu a testa para a grande multidão de Carls do outro lado do fosso, os estandartes do bando de Bethod balançando na brisa. Aquele ataque podia ter sido breve e sangrento, mas da próxima vez provavelmente seria muito menos breve e muito mais sangrento. Obrigou o punho dolorido a soltar a espada do Artífice, encostou-se no parapeito e apertou uma das mãos com a outra, para impedi-las de tremer. Respirou fundo.

– Ainda estou vivo – sussurrou.

Logen estava sentado afiando suas facas, com a luz da fogueira brilhando nas lâminas enquanto ele as virava para um lado e para outro, acariciando-as

com a pedra de amolar, lambendo a ponta do dedo e limpando uma mancha, deixando-as amoladas e limpas. Facas nunca eram de mais, isso era fato. Riu ao se lembrar da resposta que Ferro dera a isso. A não ser que você caia num rio e se afogue com todo o peso do metal. Ele se perguntou, naquele momento ocioso, se iria vê-la de novo algum dia, mas não pareceu provável. É preciso ser realista, afinal de contas, e até mesmo sobreviver ao dia seguinte parecia uma ambição e tanto.

Sinistro se sentara do lado oposto e aparava alguns gravetos retos para serem usados como hastes de flechas. Ainda havia uma leve claridade do crepúsculo quando se sentaram ali. Agora estava uma escuridão de breu, exceto pela poeira de estrelas, e nenhum deles dissera uma palavra o tempo todo. Assim era Harding Sinistro, e para Logen estava ótimo. Um silêncio confortável era melhor que uma conversa preocupante, mas nada dura para sempre.

O som de passos irritados veio do escuro e Barca Negra chegou à fogueira, com Tul e Crummock logo atrás. Ele tinha no rosto uma expressão ameaçadora o suficiente para fazer jus ao seu nome e uma bandagem suja no antebraço, com uma comprida risca de sangue seco nela.

– Levou um corte, é? – perguntou Logen.

– Bobagem! – Barca Negra se deixou cair ao lado da fogueira. – Só um arranhão. Porras de cabeças-achatadas! Vou queimar todos eles!

– E vocês aí?

– As palmas das minhas mãos estão arranhadas de tanto levantar pedras, mas sou um cara resistente. Vou sobreviver – falou Tul.

– E eu ainda me sinto miseravelmente à toa – disse Crummock –, com meus filhos cuidando das minhas armas e arrancando flechas dos mortos. É um bom trabalho para crianças, faz com que se sintam à vontade perto de um cadáver. Mas a Lua está ansiosa para me ver lutar, está sim, e eu também.

Logen sugou o ar por entre os dentes.

– Vai ter sua chance, Crummock, eu não me preocuparia com isso. Imagino que Bethod tenha luta o bastante para todo mundo.

– Nunca vi cabeças-achatadas vindo daquele jeito – comentou Barca Negra, pensativo. – Direto contra uma muralha bem guarnecida, sem escadas, sem ferramentas. Os cabeças-achatadas não são muito espertos, mas também não são idiotas. Eles gostam de emboscadas. Gostam de ficar encobertos, de se esconder e de se esgueirar. Podem ser malucos inconsequentes quando é preciso, mas vir daquele jeito, por opção? Não é natural.

Crummock deu um risinho, um trovão áspero.

– Shankas lutando por um grupo de homens, contra outros, também não é natural. Não vivemos num tempo de coisas naturais. Pode ser que a bruxa do

Bethod tenha feito algum feitiço para agitar aqueles bichos. Inventou um canto e um ritual para encher aquelas coisas de ódio contra nós.

– Dançou nua em volta de um fogo verde e coisa e tal, sem dúvida – disse Tul.

– A Lua vai cuidar da gente, amigos, não se preocupem! – Crummock chacoalhou os ossos pendurados no pescoço. – A Lua ama todos nós, e não podemos morrer enquanto houver…

– Diga isso aos que foram para a lama hoje – falou Logen.

Virou a cabeça na direção das sepulturas recém-cavadas na parte de trás do forte. Não dava para vê-las no escuro, mas elas estavam ali. Uns vinte calombos de terra revirada e comprimida.

Mas o grande montanhês apenas sorriu.

– Mas eu diria que eles é que são os felizes, não é? Pelo menos cada um tem sua cama, não tem? Nós vamos ter sorte se não formos para valas com doze, cada uma, quando o trabalho esquentar. Senão não vai sobrar espaço para os vivos dormirem. Valas para vinte! Não digam que vocês já não viram isso, ou que não cavaram os buracos vocês mesmos.

Logen se levantou.

– Talvez eu tenha cavado, mas não gostei.

– Claro que gostou! – rugiu Crummock atrás dele. – Não me venha com essa, Nove Sangrento!

Logen não olhou para trás. Havia tochas na muralha a cada dez passos, mais ou menos, chamas brilhantes na escuridão, com pontos brancos de insetos flutuando ao redor. Homens estavam parados à luz, apoiando-se nas lanças, bestas apertadas nas mãos, espadas desembainhadas, vigiando a noite para evitar qualquer surpresa. Bethod adorava surpresas, e Logen acreditava que lhes faria algumas antes de terminarem, de um modo ou de outro.

Chegou ao parapeito, pôs as mãos na pedra úmida e franziu a testa para as fogueiras que ardiam no negrume do vale. As fogueiras de Bethod, distantes na escuridão, e as deles, montadas e acesas logo abaixo da muralha para tentar pegar qualquer desgraçado esperto que tentasse chegar perto. Elas lançavam círculos tremeluzentes nas rochas sombreadas, com o corpo retorcido de um cabeça-achatada aqui ou ali, cortado e jogado da muralha ou cravado de flechas.

Logen sentiu alguém se mover atrás dele e suas costas se eriçaram, os olhos deslizando para os cantos. Tremedeira, talvez, que viera acertar suas contas e empurrá-lo da muralha. Tremedeira ou uma centena de outros com algum ressentimento que Logen havia esquecido mas que eles jamais esqueceriam. Certificou-se de que sua mão estivesse perto da espada e mostrou os dentes, preparando-se para girar e golpear.

– Mas a gente se saiu bem hoje, hein? – disse Cachorrão. – Perdemos menos de vinte.

Logen respirou tranquilo de novo e deixou a mão baixar.

– A gente se saiu bem. Mas Bethod só começou. Ele está sondando, para ver onde somos mais fracos, para ver se pode nos esgotar. Ele sabe que o tempo é fundamental. É a coisa mais valiosa na guerra. Um dia ou dois valem mais para ele do que um monte de cabeças-achatadas. Se ele puder nos esmagar depressa, vai aceitar as perdas, acho.

– Então a melhor coisa é resistir, não é?

Na escuridão, longe e ecoando, Logen podia ouvir de leve o retinir e estalar de ferreiros e carpinteiros.

– Estão construindo coisas lá embaixo. O que vão precisar para subir na nossa muralha, encher nosso fosso. Um monte de escadas e tudo o mais. Bethod vai nos pegar depressa, se puder, mas vai nos pegar devagar, se for preciso.

Cachorrão assentiu.

– Bom, como eu disse: a melhor coisa a fazer é resistir. Se tudo acontecer de acordo com o plano, a União vai chegar logo.

– É melhor que chegue. Os planos têm uma tendência a desmoronar quando a gente se apoia neles.

Uma tristeza tão doce

– SUA RESPLANDECÊNCIA, o grão-duque de Ospria, só deseja ter as melhores relações…

Jezal podia fazer pouco mais do que permanecer sentado e sorrir, como vinha fazendo, sentado e sorrindo, todo o interminável dia. Seu rosto e seu traseiro doíam. A arenga do embaixador continuava, inabalável, acompanhada por exagerados gestos das mãos. De tempos em tempos, ele continha o fluxo de palavras um momento, de modo que o tradutor pudesse passar suas trivialidades para a língua comum. Nem precisaria se incomodar.

–… a grande cidade de Ospria sempre teve a honra de estar entre os amigos mais próximos de seu ilustre pai, o rei Guslav, e agora não busca nada mais do que a continuação da amizade do governo e do povo da União…

Jezal havia ficado sentado e sorrindo durante toda a longa manhã, em sua cadeira cravejada de joias, sobre sua alta plataforma de mármore, enquanto os embaixadores do mundo vinham prestar seus respeitos de forma lisonjeira. Ele permanecera sentado à medida que o sol subia no céu e se derramava implacável pelas amplas janelas, reluzindo nos relevos dourados que incrustavam cada centímetro de parede e teto, relampejando nos grandes espelhos e candelabros de prata, nos vasos grandiosos, no impressionante fogo multicolorido das contas de vidro tilintantes dos três lustres monstruosos.

–… o grão-duque deseja de novo expressar seu pesar fraterno pelo pequeno incidente da primavera passada e garante que nada do tipo voltará a acontecer, desde que os soldados de Westport fiquem de seu lado da fronteira…

Permanecera sentado durante a tarde interminável à medida que a sala ficava cada vez mais quente, remexendo-se diante dos representantes dos grandes líderes mundiais, que faziam reverências e expressavam sem parar suas congratulações ocas numa dúzia de línguas diferentes. Continuara sentado quando o sol começara a descer e centenas de velas foram acesas e levantadas, cintilando nos espelhos, nas janelas escurecidas, no piso muito polido. Permaneceu sentado, sorrindo e recebendo elogios de homens de cujos países ele mal ouvira falar antes do início daquele dia interminável.

–… além disso, Sua Resplandecência espera e confia que as hostilidades entre sua grande nação e o império de Gurkhul possam chegar logo ao fim e que o comércio volte a fluir ao redor do mar do Círculo.

Embaixador e tradutor pararam educadamente por um raro instante e Jezal

conseguiu se obrigar a uma fala indolente:

– Temos uma esperança semelhante. Por favor, leve ao grão-duque nossos agradecimentos pelo maravilhoso presente.

Dois lacaios trouxeram o baú enorme para um dos lados e o colocaram junto com o resto do entulho espalhafatoso que Jezal havia acumulado naquele dia.

Mais falas em estiriano fluíram pela sala.

– Sua Resplandecência deseja dar os parabéns mais calorosos pelo futuro casamento de Sua Majestade com a princesa Terez, a joia de Talins, certamente a maior beldade de todo o amplo Círculo do Mundo.

Tudo o que Jezal pôde fazer foi lutar para manter o sorriso. Naquele dia ouvira tanto falarem do casamento como algo já confirmado que perdera a vontade de corrigir o equívoco. Na verdade quase começara a pensar em si mesmo como noivo. Só desejava que as audiências acabassem para ter um momento de paz.

– Além disso, Sua Resplandecência nos instruiu a desejar a Vossa Augusta Majestade um reinado longo e feliz – explicou o tradutor – e muitos herdeiros, para que sua linhagem continue em glória irredutível.

Jezal forçou o sorriso a se alargar pelo espaço de mais um dente e inclinou a cabeça.

– Desejo-lhe uma boa noite! – disse o rei.

O embaixador ospriano fez uma reverência com um floreio teatral e tirou o chapéu enorme de penas multicoloridas, que sacudiram com seu entusiasmo. Então arrastou os pés para trás, ainda curvado, recuando pelo piso brilhante. De algum modo, conseguiu chegar ao corredor sem cair, e a grande porta dupla, coberta de folha de ouro, foi fechada com suavidade.

Jezal tirou a coroa da cabeça e a atirou na almofada ao lado do trono, esfregando com uma das mãos as marcas que ela deixara em volta do couro cabeludo suado enquanto com a outra abria o colarinho bordado. Não ajudou. Continuava tonto, fraco, com um calor opressivo.

Hoff já se insinuava do lado esquerdo de Jezal.

– Esse foi o último embaixador, Majestade. O dia de amanhã será ocupado pela nobreza da Terra do Meio. Eles estão ansiosos para prestar homenagem…

– Muita homenagem e pouca ajuda, aposto!

Hoff conseguiu dar um risinho de falsidade sufocada.

– Rá, rá, rá, Majestade. Eles pediram audiência desde o alvorecer, e não gostaríamos de ofendê-los com…

– Maldição! – sibilou Jezal, pondo-se de pé num salto e sacudindo as pernas num esforço inútil para desgrudar as calças do traseiro suado.

Puxou a faixa carmim por cima da cabeça e a jogou longe, abriu o casaco dourado e tentou arrancá-lo, mas no fim ficou com a mão presa no punho e teve de virar aquela porcaria pelo avesso para conseguir se livrar dela.

– Maldição!

Jogou o casaco na plataforma de mármore pensando em pisoteá-lo até virar farrapos. Então se lembrou. Hoff dera um passo para trás, cauteloso, e franzia a testa como se tivesse descoberto que sua bela mansão nova fora atacada por uma terrível praga. Os muitos serviçais, pagens e cavaleiros, tanto arautos quanto do Grupo, olhavam deliberadamente para a frente, fazendo o máximo para parecerem estátuas. No canto escuro da sala, Bayaz esperava de pé. Seus olhos estavam na sombra, mas o rosto permanecia sério e pétreo.

Jezal ruborizou-se como um estudante malcomportado que levasse uma bronca e apertou uma das mãos sobre os olhos.

– Foi um dia terrivelmente cansativo…

Desceu às pressas os degraus da plataforma e saiu da sala de audiências de cabeça baixa. O som espalhafatoso de uma fanfarra atrasada e ligeiramente desafinada o perseguiu pelo corredor. Assim como, infelizmente, o Primeiro dos Magos.

– Aquilo não foi cortês – alertou Bayaz. – Ataques de fúria raros tornam um homem amedrontador. Frequentes, o fazem parecer ridículo.

– Peço desculpas – resmungou Jezal por entre os dentes trincados. – A coroa é um fardo enorme.

– Um fardo enorme e uma honra enorme. Nós tivemos uma conversa, pelo que me lembro, sobre você se esforçar para ser digno dela.

O mago fez uma pausa para que o outro refletisse.

– Talvez você devesse se esforçar mais – emendou.

Jezal coçou as têmporas doloridas.

– Só preciso de um instante sozinho. Apenas um instante.

– Use todo o tempo que precisar. Mas temos negócios de manhã, Majestade, negócios que não podemos evitar. A nobreza da Terra do Meio anseia por parabenizá-lo. Virei ao alvorecer para encontrá-lo e estará cheio de energia e entusiasmo, tenho certeza.

– Sim, sim! – disse Jezal com rispidez por cima do ombro. – Cheio até a borda!

Irrompeu num pátio pequeno, cercado em três lados por uma colunata sombreada, e parou ao ar fresco da tarde. Estremeceu, fechou os olhos com força, deixou a cabeça pender para trás e respirou fundo, devagar. Um minuto sozinho. Pensou que, afora o tempo de mijar ou dormir, era o primeiro que lhe haviam permitido desde toda aquela loucura na rotunda dos Lordes.

Ele era a vítima, ou talvez o beneficiário, do mais estúpido dos erros estúpidos. De algum modo, todo mundo o havia confundido com um rei, quando ele era claramente um idiota egoísta, sem a menor noção, que poucas vezes na vida pensara mais além do que o dia seguinte. Cada vez que alguém o chamava de “Majestade”, ele se sentia uma fraude maior e, a cada momento que passava, ainda mais culpado e surpreso por não ser descoberto.

Caminhou pelo gramado perfeito e começou a soltar um suspiro de autopiedade. Mas o suspiro ficou preso na garganta. Havia um cavaleiro do Grupo perto de uma porta do outro lado, tão rígido em posição de sentido que Jezal mal o havia notado. Xingou baixinho. Será que não poderia ficar a sós por cinco minutos? Franziu a testa ao se aproximar. O homem parecia familiar, de algum modo. Era um sujeito grande, de cabeça raspada e com uma falta notável de pescoço…

– Bremer dan Gorst!

– Majestade – disse Gorst, fazendo a armadura chacoalhar ao bater o punho carnudo contra o peitoral polido.

– Que prazer vê-lo! – disse Jezal.

Sentira aversão pelo sujeito desde o primeiro momento em que o vira, e ter levado pancadas dele num círculo de esgrima, quer Jezal tivesse vencido no fim ou não, não havia melhorado sua opinião sobre o brutamontes sem pescoço. Mas agora qualquer coisa parecida com um rosto familiar era como um copo d’água no deserto. Jezal se pegou estendendo a mão e apertando a do sujeito, como se fossem velhos amigos, e precisou se obrigar a soltá-la.

– Vossa Majestade me honra demais.

– Por favor, não precisa me chamar assim! Como você veio fazer parte do pessoal de casa? Achei que estivesse com a guarda de lorde Brock.

– Aquele posto não me servia – respondeu Gorst em sua voz estranhamente aguda, trinada. – Tive sorte de arranjar um posto com os Cavaleiros do Grupo há alguns meses, Maj… – Ele interrompeu a palavra no meio.

Uma ideia surgiu na cabeça de Jezal. Olhou por cima do ombro: não havia ninguém perto. O jardim estava calmo feito um cemitério, com as arcadas sombrias silenciosas como criptas.

– Bremer… Posso chamá-lo de Bremer, não é?

– Acho que meu rei pode me chamar como quiser.

– Imagino se… será que posso lhe pedir um favor?

Gorst piscou.

– É só dizer, Majestade.

Jezal deu meia-volta quando ouviu a porta ser aberta. Gorst surgiu perto da colunata com um leve tilintar da armadura. Uma figura com capa e capuz veio atrás dele, em silêncio.

A antiga empolgação ainda estava ali quando ela empurrou o capuz para trás e uma nesga de luz de uma janela se esgueirou pela parte de baixo do seu rosto. Ele pôde ver a curva luminosa da bochecha, um lado da boca, o contorno do nariz, o brilho dos olhos nas sombras e só.

– Obrigado, Gorst – disse Jezal. – Pode nos deixar.

O grandalhão bateu no peito, recuou e fechou a porta. Não era a primeira vez que os dois se encontravam em segredo, mas agora as coisas eram diferentes. Ele imaginou se aquilo terminaria com beijos e palavras suaves ou se simplesmente terminaria. O começo não foi nem um pouco promissor.

– Vossa Augusta Majestade – disse Ardee com a ironia mais pesada. – Quanta honra! Devo me deitar de rosto no chão? Ou fazer uma reverência?

Por mais duras que fossem suas palavras, o som da voz dela ainda fazia a respiração de Jezal ficar presa na garganta.

– Reverência? – conseguiu dizer. – Você ao menos sabe fazer uma?

– Na verdade, não. Não fui educada para isso, e agora essa falta me avassala – falou ela e, dando um passo à frente, franziu a testa olhando para o jardim escuro. – Quando eu era menina, nas minhas fantasias mais absurdas, costumava sonhar que era convidada ao palácio pelo próprio rei. Nós comíamos bolos finos e bebíamos bons vinhos e tínhamos conversas inteligentes sobre coisas importantes até tarde da noite. – Ardee levou as mãos ao peito e piscou. – Obrigada por realizar os sonhos desprezíveis de uma pobre coitada, nem que seja pelo mais breve momento. Os outros mendigos jamais acreditarão quando eu contar!

– Todos nós estamos mais do que um pouco chocados pela reviravolta dos acontecimentos.

– Ah, estamos de fato, Majestade.

Jezal se encolheu.

– Não me chame assim. Você, não.

– Como devo chamar?

– Pelo meu nome. Jezal. Como você costumava fazer. Por favor.

– Se for preciso. Você prometeu, Jezal. Prometeu que não iria me decepcionar.

– Sei que prometi, e pretendo manter a promessa… mas o fato é que… – Rei ou não, ele lutou com as palavras tanto quanto antigamente, depois as soltou num jorro de idiotice: – Não posso me casar com você! Eu me casaria, se não…

– Levantou os braços e os deixou cair, impotente. – Se tudo isso não tivesse acontecido. Mas aconteceu, e não posso fazer nada. Não posso me casar com você.

– Claro que não – concordou Ardee, falando com a boca retorcida, amarga. – Promessas são para crianças. Nunca acreditei muito que fossem se realizar, nem mesmo antes. Nem nos meus momentos mais fora da realidade. Agora a ideia parece ridícula. O rei e a camponesa. Absurdo. Nem o pior livro ousaria sugerir isso.

– Isso não quer dizer que nunca mais nos vejamos. – Ele deu um passo hesitante na direção dela. – As coisas vão ser diferentes, claro, mas ainda podemos encontrar momentos… – Jezal estendeu a mão, devagar, sem jeito. – Momentos em que possamos estar juntos. – Tocou o rosto dela suavemente e sentiu a mesma emoção culpada de sempre. – Podemos ser um para o outro exatamente o que éramos. Você não precisaria se preocupar. Tudo seria providenciado…

Ela o encarou.

– Então… você quer que eu seja sua prostituta?

Ele puxou a mão de volta.

– Não! Claro que não! Quero dizer… eu gostaria que você fosse… – O que ele queria dizer? Procurou desesperadamente uma palavra melhor: –… minha amante?

– Ah. Sei. E, quando você tiver uma esposa, o que eu serei? Que palavra você acha que sua rainha irá usar para me descrever?

Jezal engoliu em seco e fitou os próprios pés.

– Uma prostituta é uma prostituta, não importa a palavra que você use. Facilmente se cansam delas e mais facilmente ainda elas são substituídas. E quando você se cansar de mim e encontrar outras amantes? De que vão me chamar, então? – Ela bufou, amarga. – Sou um lixo e sei disso, mas você deve me considerar ainda menos do que isso.

– Não é minha culpa – falou e sentiu lágrimas nos olhos. Dor ou alívio, era difícil dizer. Um amálgama doloroso dos dois, talvez. – Não é minha culpa.

– Claro que não é. Não culpo você. Culpo a mim mesma. Eu costumava pensar que tinha azar, mas meu irmão estava certo. Eu faço escolhas ruins – admitiu e o encarou com aquela mesma expressão avaliadora nos olhos escuros que tivera quando se conheceram. – Eu poderia ter encontrado um homem bom, mas escolhi você. Deveria ter pensado melhor.

Estendeu a mão e tocou o rosto dele, enxugou uma lágrima da face com o polegar. Como tinha feito quando se separaram antes, no parque, na chuva. Mas naquela ocasião houvera a esperança de um reencontro. Agora não havia

nenhuma. Ela suspirou, deixou o braço cair e olhou carrancuda para o jardim.

Jezal piscou. Será que era mesmo só isso? Ansiava por dizer uma última palavra de ternura, pelo menos, algum adeus agridoce, mas nada lhe vinha à mente. Que palavras poderia haver que fizessem alguma diferença? Era o fim para eles e levar a questão adiante seria apenas jogar sal na ferida. Desperdiçar fôlego. Firmou o queixo e enxugou as últimas riscas úmidas do rosto. Ela estava certa. O rei e a camponesa. O que poderia ser mais ridículo?

– Gorst! – rosnou ele.

A porta se abriu guinchando e o guarda musculoso emergiu das sombras, com a cabeça humildemente baixa.

– Pode acompanhar a dama de volta à casa dela.

Ele assentiu e se afastou do arco escuro. Ardee se virou e foi na direção dele, puxando o capuz. Jezal a observou partir. Imaginou se ela iria parar junto à porta e olhar para trás, se seus olhares se encontrariam num último momento. Se haveria uma última respiração embargada em seu peito. Um último salto do coração.

Mas ela não olhou para trás. Sem a menor pausa, passou pela porta e sumiu, com Gorst atrás, e Jezal ficou no jardim ao luar. Sozinho.

Peguei uma sombra

FERRO ESTAVA SENTADA no telhado do armazém, os olhos estreitados contra o sol luminoso, as pernas cruzadas sob o corpo. Olhava os barcos e as pessoas que saíam deles. Esperava Yulwei. Por isso ia ali todos os dias.

A União e Gurkhul estavam em guerra, uma guerra sem sentido, com muita conversa e nenhuma luta, de modo que nenhum navio ia para Kanta. Mas Yulwei ia aonde quisesse. Ele poderia levá-la de volta para o Sul, para que ela obtivesse sua vingança contra os gurkenses. Até que ele viesse, ela estava presa no meio dos rosados. Trincou os dentes, cerrou os punhos e fechou a cara diante da própria inutilidade. Do tédio. De seu tempo perdido. Teria rezado e pedido a Deus para que Yulwei viesse.

Só que Deus jamais ouvia.

Jezal dan Luthar, idiota que era, por motivos que ela não podia compreender, recebera uma coroa e fora feito rei. Bayaz, que Ferro tinha certeza de que estivera por trás da coisa toda, agora passava todo o tempo com ele. Ainda tentava fazer dele um líder, sem dúvida. Como havia feito por todo o longo caminho através da planície, na ida e na volta, com pouco resultado.

Jezal dan Luthar, rei da União. Nove Dedos gargalharia ao saber disso. Ferro sorriu ao pensar nele gargalhando. Então percebeu que estava sorrindo e se obrigou a parar. Bayaz lhe prometera vingança e não lhe dera nada, depois a deixara ali, presa e impotente. Não havia motivo para sorrir.

Ficou sentada, observando os barcos, à procura de Yulwei.

Não procurava Nove Dedos. Não esperava vê-lo caminhar desengonçado pelo cais. Seria uma esperança idiota, infantil, da criança idiota que ela era quando os gurkenses a fizeram escrava. Ele não mudaria de ideia e voltaria. Ela havia garantido isso. Mas era estranho quantas vezes pensava tê-lo visto no meio da multidão.

Os trabalhadores das docas já a reconheciam. Durante um tempo haviam tentado chamar a atenção dela. “Desça aqui, coisa linda, e me dê um beijo!”, gritara um deles, e seus amigos riram. Então Ferro atirara meio tijolo na cabeça dele e o derrubara no mar. Quando o pescaram de volta, ele não tinha nada a lhe dizer. Nenhum deles disse mais nada, e isso foi bom.

Ficou sentada olhando os barcos.

Ficou sentada até o sol descer e iluminar as nuvens por baixo e fazer as ondas cintilarem. Até a multidão diminuir e as carroças pararem de se mover, e

os gritos e a agitação do cais se reduzirem a um silêncio poeirento. Até a brisa esfriar sua pele.

Yulwei não viria hoje.

Desceu do telhado do armazém e foi pelas ruelas em direção à via do Meio. Foi quando caminhava por essa rua larga, fazendo cara de desprezo para as pessoas que passavam por ela, que percebeu. Estava sendo seguida.

Ele fazia isso bem e com cuidado. Algumas vezes ficava perto, outras mais para trás. Mantinha-se longe das vistas, mas nunca se escondia. Ela deu algumas voltas para ter certeza, e ele continuou a segui-la. Estava todo vestido de preto, com uma máscara que cobria parte do rosto, e tinha cabelo comprido e liso. Todo de preto, como uma sombra. Como os homens que a haviam perseguido e a Nove Dedos, antes de partirem para o Antigo Império. Observou-o com o canto do olho, não encarando, não deixando que ele soubesse que ela sabia.

Ele descobriria logo.

Ferro entrou num beco sujo, parou e esperou, protegida pela esquina. Encostada nas pedras sujas, prendendo o fôlego. Seu arco e a espada podiam estar longe, mas a surpresa era a única arma de que precisava. Isso e as mãos e os pés e os dentes.

Ouviu passos se aproximarem. Passos cautelosos, vindo pelo beco, tão suaves que ela mal escutava. Percebeu que sorria. Era bom ter um inimigo, ter um propósito. Muito bom, depois de tanto tempo sem isso. Essa sensação preenchia o espaço dentro dela, mesmo que apenas por um momento. Trincou os dentes, sentindo a fúria inchar no peito. Quente e empolgante. Segura e familiar. Como o beijo de um antigo amante cuja falta era muito sentida.

Quando ele virou a esquina, o punho dela já estava em movimento. Acertou a máscara e o mandou para trás, girando. Foi para cima, socando-o com as duas mãos, fazendo sua cabeça ir da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Ele tentou pegar uma faca, mas estava lento e tonto, e a lâmina mal saiu da bainha antes que ela segurasse seu punho com força. Ela lhe deu uma cotovelada na cara que jogou a cabeça dele para trás, bruscamente, depois seu cotovelo o atingiu na garganta e o deixou gorgolejando. Ferro arrancou a faca da mão frouxa, girou e lhe deu um chute na barriga que o fez se dobrar. Então lhe deu uma joelhada na máscara e o lançou de costas no chão. Ela o acompanhou e o prendeu com força entre as pernas, passou o braço em volta do peito dele e apertou a faca do homem contra seu pescoço.

– Vejam só – sussurrou na cara dele. – Peguei uma sombra.

– Gluuug – gorgolejou o sujeito por trás da máscara, os olhos ainda revirados.

– É difícil falar usando isso, não é?

Então, com um movimento brusco da faca, Ferro cortou as tiras da máscara e deixou um arranhão comprido na bochecha do homem. Ele não parecia tão perigoso sem aquilo. Muito mais jovem do que ela imaginaria, com um bocado de espinhas no queixo e uma leve penugem no lábio superior. Ele virou a cabeça de repente e os olhos voltaram a focalizar. Rosnou, tentou se libertar retorcendo-se, mas ela o havia prendido muito bem, e um toque da faca contra o pescoço logo o acalmou.

– Por que está me seguindo?

– Não estou seguindo porra…

Ferro nunca fora uma mulher paciente. Montada na sombra, como estava, foi fácil levantar o braço e acertar o cotovelo no rosto dele. Ele fez o máximo para se defender, mas todo o peso dela estava sobre seu quadril e ele ficara impotente. O braço dela passou com violência entre as mãos dele e o acertou na boca, no nariz, na bochecha, fez a cabeça dele bater contra as pedras enlameadas. Quatro golpes assim e ele não conseguiu mais resistir. Sua cabeça pendeu para trás e ela se curvou sobre ele de novo, encostando a faca em seu pescoço. Sangue brotava do nariz e da boca e escorria pela lateral do rosto em riscas escuras.

– Está me seguindo, agora?

– Eu só vigio. – A voz dele estalava na boca cheia de sangue. – Só vigio. Não dou ordens.

Os soldados gurkenses não ordenaram que matassem e escravizassem o povo de Ferro. Isso não os tornava inocentes. Isso não os deixava a salvo dela.

– Quem dá?

Ele tossiu e seu rosto se retorceu, bolhas de sangue estouraram, saindo das narinas inchadas. Nada mais. Ferro franziu a testa.

– Quem? – Ela moveu a faca para baixo e cutucou a coxa dele com a ponta. – Acha que eu nunca cortei um pau antes?

– Glokta – murmurou ele, fechando os olhos. – Eu trabalho… para Glokta.

– Glokta.

O nome não significava nada para ela, mas era algo para seguir.

Levantou a faca de novo, voltando ao pescoço dele. O pomo de adão subia e descia, roçando na lâmina. Ela trincou o maxilar e ajeitou os dedos em volta do cabo, franzindo a testa. Lágrimas haviam começado a brilhar nos cantos dos olhos dele. Era melhor acabar logo com aquilo e ir embora. Mais seguro. Mas estava difícil mover a mão.

– Me dê um motivo para não fazer isso.

As lágrimas aumentaram e escorreram pelos lados do rosto ensanguentado.

– Meus passarinhos – sussurrou ele.

– Passarinhos?

– Não vai ter ninguém para dar comida a eles. Eu mereço isso, sem dúvida, mas os meus passarinhos… não fizeram nada.

Ela estreitou os olhos para ele.

Passarinhos. As pessoas têm motivos estranhos para viver.

O pai dela tivera um pássaro. Ela se lembrava, numa gaiola, pendurada num poste. Era uma coisa inútil que nem podia voar, só se agarrava num graveto. Ele ensinava palavras ao bicho. Ela se lembrava de vê-lo alimentando-o, quando era criança. Muito tempo atrás, antes da chegada dos gurkenses.

– Ssssss – sibilou no rosto dele, apertando a faca contra o pescoço e fazendo-o se encolher. Em seguida afastou a lâmina, levantou-se e parou acima dele. – O momento em que eu vir você de novo será o seu último. Volte para os seus passarinhos, sombra.

Ele assentiu, os olhos úmidos e arregalados, e ela se virou e foi andando pelo beco escuro, penetrando nas sombras do crepúsculo. Ao atravessar uma ponte, jogou a faca longe. Ela desapareceu com um esguicho e causou ondulações que se espalharam em círculos cada vez maiores na água suja. Era um erro, provavelmente, deixar o sujeito vivo. Na sua experiência, a misericórdia era sempre um erro.

Mas parecia que hoje ela estava num clima misericordioso.

Perguntas

O CORONEL GLOKTA era um dançarino magnífico, claro, mas com a perna rígida assim era difícil brilhar de verdade. O zumbido constante de moscas era uma distração a mais, e sua parceira não ajudava. Ardee West parecia bastante bem, mas seus risinhos estavam se tornando irritantes.

– Pare com isso! – vociferou o coronel, girando-a pelo laboratório do adepto médico, enquanto os espécimes nas jarras bamboleavam ao ritmo da música.

– Parcialmente comido – riu Kandelau, um olho ampliado enormemente pela lente. Apontou para baixo com a pinça. – Isto é um pé.

Glokta empurrou os arbustos para o lado, uma das mãos apertando o rosto. O cadáver trucidado estava ali, reluzindo em vermelho, praticamente irreconhecível como humano. Ardee ria e ria ao ver aquilo.

– Parcialmente comido! – trinou ela.

O coronel Glokta não achava aquilo nem um pouco engraçado. O som das moscas ficava cada vez mais alto e ameaçava abafar a música por completo. Pior ainda, estava ficando terrivelmente frio no parque.

– Descuido meu – disse uma voz atrás.

– Como assim?

– Deixar isso aí. Mas às vezes é melhor mover-se depressa do que se mover com cautela, não é, aleijado?

– Eu me lembro disso – murmurou Glokta. Tinha ficado mais frio ainda e ele tremia feito uma folha. – Eu me lembro disso!

– Claro – sussurrou a voz. Uma voz de mulher, mas não era Ardee. Baixa e sibilante, fez seu olho tremelicar.

– O que posso fazer? – perguntou o coronel.

Ele sentiu o conteúdo do estômago subir. Os ferimentos na carne vermelha se arreganhavam. As moscas eram tão barulhentas que ele mal pôde ouvir a resposta.

– Talvez você devesse buscar conselhos na Universidade. – Uma respiração gélida roçou em seu pescoço e fez suas costas tremerem. – Talvez, quando estiver lá… possa perguntar a eles sobre a Semente.

Glokta chegou com dificuldade à base da escada e cambaleou de lado,

tombando contra a parede, respirando sibilante, de boca aberta. A perna direita tremia, o olho esquerdo tremelicava, como se os dois estivessem conectados por um cordão de dor que penetrava na bunda, nas tripas, nas costas, no ombro, no pescoço, na cara e piorava a cada movimento, por menor que fosse.

Obrigou-se a ficar parado. Respirou fundo e devagar. Obrigou a mente a se desviar da dor para outros assuntos. *Como Bayaz e sua busca fracassada a essa tal Semente. Afinal de contas, Sua Eminência está esperando, e não é conhecido pela paciência.* Esticou o pescoço para os dois lados e sentiu os ossos estalarem entre as escápulas torcidas. Apertou a língua contra as gengivas e foi arrastando os pés para longe da escada, para a escuridão fresca das pilhas de livros.

Elas não haviam mudado muito no último ano. *Ou provavelmente em alguns séculos*. Os espaços abobadados tinham cheiro de mofo e velhice, iluminados apenas por alguns lampiões tremeluzentes, sujos, as estantes envergadas estendendo-se até longe nas sombras móveis. *É hora de cavar de novo no lixo empoeirado da história.* O adepto histórico não parecia ter mudado muito também. Estava sentado atrás de sua mesa manchada, examinando uma pilha de papéis de aparência mofada à luz de uma única chama de vela. Ele franziu os olhos quando Glokta se aproximou mancando.

– Quem está aí?

– Glokta – disse, e olhou cheio de suspeitas para o teto sombreado. – O que aconteceu com o seu corvo?

– Morreu – grunhiu com tristeza o velho bibliotecário.

– Virou história, você quer dizer!

O velho não riu.

– Ah, bom. Vai acontecer com todos nós. – *E mais cedo com uns do que com outros.* – Tenho perguntas para o senhor.

O adepto histórico se inclinou por cima da mesa, espiando com os olhos úmidos na direção de Glokta como se nunca tivesse visto outro ser humano antes.

– Eu me lembro de você. – *Milagres acontecem, então?* – Você me perguntou sobre Bayaz. Primeiro aprendiz do grande Juvens, a primeira letra no alfabeto do…

– É, é, nós já falamos disso.

O velho franziu a testa, carrancudo.

– Trouxe aquele pergaminho de volta?

– O que diz que Artífice caiu queimando e coisa e tal? Infelizmente não. O arquileitor ficou com ele.

– Argh. Ultimamente tenho ouvido falar demais nesse homem. Lá em cima vivem falando nele. Sua Eminência isso, Sua Eminência aquilo. Estou enjoado

de ouvir! – *Sei muito bem como se sente.* – Todo mundo anda agitado. Agitado e atarantado.

– Houve muitas mudanças importantes. Temos um novo rei.

– Sei disso! Guslav, não é?

Glokta deu um suspiro longo e se acomodou na cadeira do outro lado da mesa.

– É, é, o próprio. – *Só trinta anos desatualizado, mais ou menos. Estou surpreso por ele não achar que Harod, o Grande, ainda está no trono.*

– O que você quer desta vez?

Ah, procurar no escuro respostas que estão sempre fora do alcance.

– Quero saber sobre a Semente.

O rosto enrugado não se mexeu.

– O quê?

– Ela foi mencionada em seu pergaminho precioso. A coisa que Bayaz e seus amigos mágicos procuraram na Casa do Artífice depois da morte de Kanedias. Depois da morte de Juvens.

– Bá! – O adepto balançou a mão, fazendo a pele flácida abaixo do pulso balançar. – Segredos, poder. É tudo metáfora.

– Bayaz parece não achar isso. – Glokta arrastou a cadeira mais para perto e falou mais baixo. *Apesar de não haver ninguém para ouvir, nem me importar se ouvirem.* – Ouvi dizer que era um pedaço do Outro Lado, que ficou do Tempo Antigo, quando os demônios andavam pela terra. A substância da magia tornada sólida.

O velho chiou com um riso que parecia papel sendo amassado e exibiu a caverna podre da boca com menos dentes ainda do que Glokta.

– Não pensei que o senhor fosse um homem supersticioso, superior. – *E eu não era, quando vim aqui na última vez, com perguntas. Antes da minha visita à Casa do Artífice, antes de me encontrar com Yulwei, antes de ver Shickel sorrir enquanto eu a queimava. Que tempos felizes eram aqueles, antes que eu ouvisse falar de Bayaz, quando as coisas ainda faziam sentido.* O adepto enxugou os olhos úmidos com o arremedo paralítico de mão. – Onde ouviu isso?

Ah, foi um navegador com o pé numa bigorna.

– Não importa onde.

– Bom, o senhor sabe mais sobre isso do que eu. Uma vez li que às vezes caem pedras do céu. Alguns dizem que são fragmentos das estrelas. Outros dizem que são lascas lançadas do caos do inferno. Perigosas de se tocar. Terrivelmente frias.

Frias? Glokta quase podia sentir aquele hálito gelado no pescoço, e retorceu os ombros, obrigando-se a não olhar para trás.

– Fale do inferno. – *Mas acho que já sei mais do que a maioria sobre esse assunto.*

– Hein?

– O inferno, velho. O Outro Lado.

– Dizem que é de onde vem a magia, se você acredita nessas coisas.

– Aprendi a manter a mente aberta a esse respeito.

– Uma mente aberta é como um ferimento aberto, pode…

– Foi o que ouvi dizer, mas estávamos falando do inferno…

O bibliotecário lambeu os lábios frouxos.

– Segundo a lenda, houve um tempo em que nosso mundo e o mundo de baixo eram um só e os demônios percorriam a terra. O grande Euz os expulsou e fez a Primeira Lei, que proibia que todos tocassem o Outro Lado ou falassem com demônios ou mexessem nos portões entre os dois mundos.

– A Primeira Lei, é?

– Seu filho, Glustrod, faminto de poder, ignorou os avisos do pai e tentou descobrir segredos, invocou demônios e os mandou contra seus inimigos. Dizem que sua tolice levou à destruição de Aulcus e à queda do Antigo Império e que, quando ele se destruiu, deixou os portões escancarados… Mas não sou o melhor especialista nisso.

– Quem é?

O velho fez uma careta.

– Havia livros aqui. Muito antigos. Livros lindos, do tempo do Mestre Artífice. Livros que falavam do Outro Lado. Da separação entre os dois. Dos portões e das trancas. Livros sobre contadores de segredos, de como invocá-los e comandá-los. Um monte de invencionices, se quer saber. Mitos e fantasias.

– *Havia* livros?

– Eles saíram das minhas estantes há alguns anos.

– Saíram? Onde estão?

O velho franziu a testa.

– Estranho, logo o senhor perguntar isso…

– Chega!

Glokta se virou o mais rápido que pôde para olhar para trás. Silber, o administrador da Universidade, estava ao pé da escada com uma estranhíssima expressão de horror e surpresa no rosto rígido. *Como se tivesse visto um fantasma. Ou até mesmo um demônio.*

– Já chega, superior! Agradecemos sua visita.

– Já chega? – repetiu Glokta, também pouco amistoso. – Sua Eminência não ficará…

– Eu sei o que Sua Eminência ficará ou não ficará… – *Uma voz*

desagradavelmente familiar.

O superior Goyle desceu os degraus lentamente. Passou ao largo de Silber, atravessando o piso sombreado entre as estantes.

–… e eu digo que já chega. Agradecemos calorosamente sua visita. – Ele se inclinou, os olhos furiosamente saltados. – Que seja a última!

Houvera algumas mudanças espantosas no salão de jantar desde que Glokta havia descido. A tarde escurecera do lado de fora das janelas sujas, as velas tinham sido acesas em seus candelabros azinhavrados. *E, claro, há essas duas dúzias dos mais variados práticos da Inquisição.*

Dois nativos de Suljuk, de olhos estreitos, estavam sentados olhando Glokta por cima de suas máscaras como se fossem gêmeos, as botas pretas em cima da antiga mesa de jantar, quatro espadas curvas embainhadas na madeira diante deles. Três homens de pele escura estavam perto de uma janela sombria: cabeças raspadas, todos com um machado no cinto e um escudo nas costas. Um prático muito alto se postara perto da lareira, comprido e fino como uma bétula e com os cabelos louros caindo sobre o rosto mascarado. Ao lado havia um que era baixo, quase anão, com o cinto pontiagudo de facas.

Glokta reconheceu o enorme nórdico chamado de Racha-pedra, de sua visita anterior à Universidade. *Mas parece que ele andou tentando rachar pedras com a cara desde que nos encontramos da última vez, e com grande persistência.* Suas bochechas estavam desiguais, as sobrancelhas tortas, o osso do nariz apontando para a esquerda. O rosto arruinado era quase tão perturbador quanto a marreta enorme que ele segurava nos punhos gigantescos. *Mas não tanto.*

E continuava assim, a coleção de assassinos mais estranha e preocupante que poderia ser reunida num só lugar, e todos muito bem armados. *E parece que o superior Goyle reabasteceu seu show de horrores.* No meio deles, e parecendo bastante à vontade, estava a prática Vitari, apontando para um lado e para outro, dando ordens. *Vendo-a assim, ninguém imaginaria que faz o tipo maternal, mas acho que todos temos nossos talentos ocultos.*

Glokta levantou o braço direito.

– Quem vamos matar?

Todos os olhos se viraram para ele. Vitari se aproximou pisando firme, com a testa franzida por cima do nariz sardento.

– Que diabo você está fazendo aqui?

– Eu poderia fazer a mesma pergunta.

– Se for esperto, não fará perguntas.

Glokta lhe deu seu sorriso vazio.

– Se eu fosse esperto, nunca teria perdido os dentes, e tudo o que me resta

são perguntas. O que há nesta velha pilha de poeira que interesse a vocês?

– Não é da minha conta, e menos ainda da sua. Se está procurando traidores, talvez devesse procurar primeiro na sua casa, não é?

– E o que isso quer dizer?

Vitari se inclinou para perto dele e sussurrou através da máscara:

– Você salvou minha vida, portanto deixe-me devolver o favor. Saia daqui. Vá embora e fique longe.

Glokta arrastou os pés pelo corredor até chegar à sua porta pesada. *Com relação a Bayaz, não avançamos nada. Não temos nada que possa colocar um raro sorriso no rosto de Sua Eminência. Invocar e comandar. Deuses e demônios. Sempre mais perguntas.* Virou a chave, impaciente, desesperado para sentar-se e descansar a perna trêmula. *O que Goyle estava fazendo na Universidade? Goyle, Vitari e duas dúzias de práticos, todos armados como se fossem para a guerra?* Deu um passo no vestíbulo, encolhendo-se. *Deve haver algum…*

– Argh!

Sentiu a bengala ser arrancada e tombou bruscamente, tentando agarrar-se ao nada. Algo esmagou seu rosto e encheu sua cabeça com uma dor ofuscante. No momento seguinte, bateu de costas no piso e perdeu o fôlego. Piscou e babou, a boca salgada de sangue, a sala escura oscilando loucamente ao redor. *Ah, ah. Um punho no rosto, a não ser que eu esteja muito enganado. Isso nunca deixa de ter impacto.*

Uma mão agarrou a gola de seu casaco e o arrastou para cima, fazendo o tecido dela se enroscar em seu pescoço. Ele guinchou feito uma galinha estrangulada. Outra mão o segurou pelo cinto e ele foi puxado, com os joelhos e os bicos das botas raspando nas tábuas do piso. Lutou debilmente, num reflexo, mas tudo o que conseguiu foi lançar uma pontada de dor nas próprias costas.

A cabeça bateu contra a porta do banheiro, que se abriu, e ele foi arrastado, impotente, pelo cômodo escuro, até a banheira ainda cheia de água suja daquela manhã.

– Espere! – grasnou ao ser jogado por cima da borda. – Quem é… blurg!

A água fria se fechou sobre sua cabeça, as bolhas correndo em volta do rosto. Foi mantido ali, lutando, os olhos arregalados de surpresa e pânico, até parecer que seus pulmões iriam explodir. Então foi puxado pelos cabelos, a água escorrendo pelo rosto e batendo na banheira. *Uma técnica simples, mas inegavelmente eficaz. Estou muito consternado.* Respirou, ofegante.

– O que você… blarg!

De volta para a escuridão, o pouco ar que havia conseguido inalar gorgolejou para fora na água suja. *Mas, quem quer que seja, me deixou respirar. Não estou sendo assassinado. Estou sendo amaciado. Amaciado para perguntas. Eu riria da ironia… se restasse algum fôlego… no meu corpo…* Fez força contra a banheira e se sacudiu na água. Suas pernas chutavam sem objetivo, mas a mão na sua nuca era de aço. Seu estômago se apertou e o peito arfou, desesperado para sugar algum ar. *Não respire… não respire… não respire!* Estava prestes a encher os pulmões de água suja quando foi puxado da banheira para as tábuas do piso, tossindo, ofegando e vomitando ao mesmo tempo.

– Você é Glokta? – perguntou uma voz de mulher, curta e dura, com um áspero sotaque de Kanta.

Ela se agachou diante dele, equilibrada nos calcanhares, os pulsos apoiados nos joelhos, as mãos longas e marrons pendendo. Usava camisa de homem, frouxa em volta dos ombros magros, as mangas molhadas enroladas em volta dos pulsos ossudos. O cabelo preto era cortado curto e se projetava da cabeça em tufos oleosos. Tinha uma cicatriz fina e clara descendo pelo rosto severo, uma expressão de desprezo nos lábios finos, mas os olhos é que eram mais inquietantes, reluzindo em amarelo à meia-luz vinda do corredor. *Não é de espantar que Severard não quisesse segui-la. Eu deveria tê-lo ouvido.*

– Você é Glokta?

Não adiantava negar. Ele enxugou a baba amarga do queixo com a mão trêmula.

– Sou Glokta.

– Por que está me vigiando?

Ele se esforçou dolorosamente para se sentar.

– O que faz você pensar que eu tenho algo a dizer para…

O punho dela o acertou na ponta do queixo e lançou sua cabeça para trás, arrancando um som ofegante. Seu queixo bateu e um dente abriu um buraco na parte de baixo da língua. Ele se largou contra a parede enquanto o cômodo escuro oscilava e seus olhos se enchiam de lágrimas. Quando as coisas voltaram a entrar em foco, a mulher o encarava com os olhos amarelos estreitados.

– Vou continuar batendo até você me dar respostas ou morrer.

– Obrigado.

– Obrigado?

– Acho que você pode ter destravado meu pescoço só um pouquinho. – Glokta sorriu, mostrando os poucos dentes, todos ensanguentados. – Durante dois anos fui prisioneiro dos gurkenses. Dois anos no escuro das prisões do imperador. Dois anos de cortes, talhos e queimaduras. Você acha que pensar em um ou dois tapas me amedronta? – Deu uma gargalhada cheia de sangue. – Dói

mais quando eu mijo! Acha que tenho medo de morrer? – Fez uma careta por causa da pontada na coluna ao se inclinar na direção dela. – Toda manhã… quando acordo vivo… é uma decepção! Se você quiser respostas, vai ter de me dar respostas. Uma coisa pela outra.

Ela o encarou por um longo momento, sem piscar.

– Você foi prisioneiro dos gurkenses?

Glokta passou a mão pelo corpo torcido.

– Eles me deram tudo isto.

– Hum. Então nós dois perdemos alguma coisa para os gurkenses. – Ela sentou sobre as pernas cruzadas. – Perguntas. Uma coisa pela outra. Mas se você tentar mentir para mim…

– Perguntas, então. Eu falharia nos meus deveres de anfitrião se não permitisse que você começasse.

Ela não sorriu. *Mas afinal ela não parece do tipo que gosta de brincar.*

– Por que está me vigiando?

Eu poderia mentir, mas para quê? É melhor morrer dizendo a verdade.

– Estou vigiando Bayaz. Vocês dois parecem amigos, e está difícil vigiar Bayaz ultimamente. Por isso vigio você.

Ela fez uma carranca.

– Ele não é meu amigo. Ele me prometeu vingança, só isso. Ainda não entregou.

– A vida é cheia de decepções.

– A vida é feita de decepções. Faça a sua pergunta, aleijado.

Assim que ela tiver as respostas, será a hora do banho outra vez? O último? Seus olhos amarelos e sem emoção não revelavam nada. Vazios como os de um animal. *Mas quais são minhas opções?* Ele lambeu o sangue dos lábios e se encostou na parede. *Pelo menos posso morrer sabendo mais um pouco.*

– O que é a Semente?

A testa dela se franziu só mais um pouquinho.

– Bayaz diz que é uma arma. Uma arma de grande poder. Suficiente para transformar Shaffa em poeira. Ele achava que ela estava escondida na borda do Mundo, mas se enganou. E não ficou feliz por estar errado. – A mulher franziu a testa para Glokta por um momento. – Por que está vigiando Bayaz?

– Porque ele roubou a coroa e a entregou a um verme covarde.

Ela bufou.

– Pelo menos nisso concordamos.

– Há algumas pessoas no meu governo que se preocupam com a direção em que ele pode nos levar. Que se preocupam profundamente. – Glokta lambeu um dente ensanguentado. – Para onde Bayaz vai nos levar?

– Ele não me contou nada. Eu não confio nele e ele não confia em mim.

– Nesse ponto também concordamos.

– Ele planejava usar a Semente como arma. Não a encontrou, então precisa de outras armas. Acho que ele vai levar vocês à guerra. Uma guerra contra Khalul e seus comedores.

Glokta sentiu uma série de espasmos subir pela face, fazendo as pálpebras tremerem. *Porcaria de geleia traiçoeira!* A cabeça dela se virou bruscamente para o lado.

– Você sabe sobre eles?

– Por alto. – *Bem, qual é o problema?* – Peguei uma comedora em Dagoska. Fiz perguntas.

– O que ela contou?

– Falou sobre retidão e justiça. – *Duas coisas que eu nunca vi.* – Falou sobre guerra e sacrifício. – *Duas coisas que vi demais.* – Disse que seu amigo Bayaz matou o próprio mestre.

A mulher nem sequer piscou.

– Disse que o pai dela, o profeta Khalul, ainda quer vingança.

– Vingança – sibilou ela, os punhos fechando-se. – Eu vou mostrar a eles o que é vingança!

– O que eles fizeram com você?

– Mataram meu povo. – Ela descruzou as pernas. – Me escravizaram. – Ela se levantou suavemente, erguendo-se acima dele. – Roubaram minha vida.

Glokta sentiu o canto de sua boca subindo.

– Mais uma coisa que temos em comum. – *E sinto que meu tempo acabou.*

Ela abaixou os braços e agarrou seu casaco molhado com as mãos. Arrastou-o com uma força temível, fazendo suas costas deslizarem na parede. *Corpo encontrado flutuando na banheira…?* Glokta sentiu as narinas se escancarando, o ar sibilando rápido pelo nariz ensanguentado, o coração martelando. *Sem dúvida meu corpo arruinado vai lutar do melhor modo possível. Uma reação irresistível à falta de ar. O instinto irresistível de respirar. Sem dúvida vou me sacudir e me retorcer, como Tulkis, o embaixador gurkense, se sacudiu e se retorceu quando o enforcaram e arrancaram suas tripas, por nada.*

Ele fez o máximo para ficar de pé sozinho, permanecer o mais próximo possível da posição ereta. *Afinal de contas já fui um homem orgulhoso, mesmo que isso esteja num passado distante. Não é o fim que o coronel Glokta esperaria. Afogado na banheira por uma mulher de camisa suja. Será que vão me encontrar curvado sobre a borda, com a bunda virada para cima? Mas o que importa? O importante não é como se morre, e sim como se vive.*

Ela soltou seu casaco, achatou a parte da frente dele com um tapa. *E o que foi minha vida nesses últimos anos? O que tenho que me fará falta de verdade? Escadas? Sopa? Dor? Ficar deitado no escuro com lembranças das coisas que fiz a me corroer por dentro? Acordar de manhã com o cheiro de minha própria merda? Vou sentir falta do chá com Ardee West? Um pouco, talvez. Mas vou sentir falta do chá com o arquileitor? Quase me faz questionar por que eu mesmo não fiz isso, há anos*. Olhou nos olhos de sua assassina, duros e brilhantes como vidro amarelo, e sorriu. Um sorriso do alívio mais puro.

– Estou pronto.

– Para quê? – perguntou a mulher, colocando algo em sua mão frouxa. O cabo de sua bengala. – Se você tiver mais negócios com Bayaz, me deixe de fora. Não vou ser tão gentil da próxima vez.

Ela se afastou lentamente para a porta, um retângulo de luz contra a parede sombreada. Virou-se e o som de suas botas recuou pelo corredor. Afora o leve tip-tap da água pingando de seu casaco molhado, tudo ficou em silêncio.

E assim parece que eu sobrevivo. De novo. Glokta levantou as sobrancelhas. *Talvez o truque seja não querer.*

O quarto dia

ESSE ORIENTAL ERA um desgraçado feio. Um cara grandão, todo vestido em peles fedorentas, meio curtidas, e com um pedaço de cota de malha, mais como ornamento do que proteção. Cabelo preto oleoso, amarrado aqui e ali com anéis de prata mal forjados, pingando por causa da chuva fraca. Tinha uma grande cicatriz em uma face e outra atravessando a testa, além de inúmeros cortes e ferimentos menores, e marcas de espinhas de quando era jovem. O nariz chato era torto como uma colher amassada. Seus olhos estavam estreitados por causa do esforço e os dentes à mostra eram amarelos, exceto pelos dois que faltavam na frente, onde a língua cinza se comprimia. Era um rosto que tinha visto guerra em todos os seus dias. Um rosto que tinha vivido pela espada, pelo machado e pela lança, e contando cada dia vivo como um bônus.

Para Logen era quase como olhar num espelho.

Os dois se abraçavam com força como um par de amantes ruins, cegos a tudo ao redor. Tombavam para trás e para a frente, sacudindo-se como bêbados birrentos. Puxavam e beliscavam, mordiam e arranhavam, agarravam e rasgavam, tensos numa fúria congelada, soltando bafo azedo na cara um do outro. Uma dança feia, cansativa e fatal, e o tempo todo a chuva caía.

Logen levou uma pancada dolorosa na barriga e precisou se retorcer e se sacudir para aliviar uma segunda. Deu uma cabeçada meio fraca que não fez nada mais do que raspar a testa na cara do Feioso. Quase tropeçou, cambaleou, sentiu o oriental ajeitar o corpo, tentando encontrar um modo de derrubá-lo. Logen conseguiu acertá-lo nos bagos com a coxa, antes, e foi o bastante para levar os braços dele a se enfraquecerem por um momento, o bastante para ele deslizar a mão até o pescoço do Feioso.

Forçou essa mão para cima, centímetro a centímetro doloroso, o indicador esticado esgueirando-se pelo rosto esburacado do oriental enquanto ele olhava para aquilo, vesgo, tentando tirar a cabeça do caminho. Sua mão apertou dolorosamente o pulso de Logen, tentando empurrá-lo para trás, mas Logen estava com o ombro abaixado, o peso no lugar certo. O dedo passou pela boca que fazia careta, por cima do lábio superior, entrando no nariz torto do Feioso, e Logen sentiu sua unha quebrada escavando carne adentro. Mostrou os dentes e dobrou o dedo e o torceu do melhor modo que pôde.

O oriental sibilou e se sacudiu, mas estava preso. Não teve escolha além de agarrar o pulso de Logen com a outra mão e tentar arrancar aquele dedo de

dentro do seu nariz. Mas isso deixou Logen com uma das mãos livres.

Logen pegou uma faca e grunhiu ao golpear, o braço fincando e puxando. Socos rápidos, mas com aço na extremidade. A lâmina fez um som chapinhado na barriga do oriental, e em sua coxa, em seu braço, em seu peito o sangue saiu em jorros longos, sujando os dois e escorrendo para as poças sob suas botas. Quando considerou que os golpes eram suficientes, Logen o pegou pelo casaco, o ergueu com esforço, trincando o maxilar, e rugiu ao lançá-lo por cima das ameias. O homem despencou, frouxo feito uma carcaça, e logo viraria uma, esmagado no chão no meio de seus companheiros.

Logen se curvou sobre o parapeito, ofegando com o ar úmido, as gotas de chuva pingando do corpo. Parecia haver centenas deles amontoando-se no mar de lama na base da muralha. Homens selvagens, de mais além de Crinna, onde mal falavam e não se importavam nada com os mortos. Todos estavam encharcados de chuva e imundos, escondidos sob escudos malfeitos e balançando armas mal forjadas, cheias de farpas e brutais. Seus estandartes balançavam na chuva atrás deles, ossos e peles esfarrapadas, sombras fantasmagóricas no aguaceiro.

Alguns carregavam escadas precárias ou levantavam as que tinham sido derrubadas, tentando apoiá-las na muralha e subir enquanto pedras, lanças e flechas encharcadas voavam e batiam na lama. Outros vinham subindo com os escudos acima da cabeça. Duas escadas estavam de pé no lado de Barca Negra, uma no lado de Gorro Vermelho e uma logo à esquerda de Logen. Um par de selvagens enormes atacava os portões velhos com grandes machados, arrancando lascas molhadas a cada golpe. Logen apontou para eles, gritou inutilmente na chuva. Ninguém ouviu, nem poderia ter ouvido com o barulho da água tamborilando, de lâminas chocando-se, batendo, raspando em escudos, setas em carne, gritos de batalha e berros de dor.

Pegou a espada nas poças da passarela sobre a muralha, o metal opaco reluzindo com gotas d’água. Perto dele um dos Carls de Tremedeira enfrentava um oriental que saíra de cima de uma escada. Os dois trocavam alguns golpes, machado contra escudo e depois espada cortando o ar vazio. O braço do oriental com o machado subiu de novo e Logen o decepou no cotovelo, trombou contra as costas dele e o derrubou de cara no chão, gritando. O Carl acabou com ele com um golpe na nuca e apontou a espada ensanguentada por cima do ombro de Logen.

– Ali!

Outro oriental com narigão adunco chegava ao topo da escada, inclinando-se por cima das ameias, o braço direito recuando com uma lança a postos. Logen deu um berro e partiu para cima dele.

Os olhos do sujeito se arregalaram e a lança bamboleou, tarde demais para atirá-la. Tentou sair do caminho, agarrando-se à madeira molhada com a mão livre, mas só conseguiu arrastar a escada, raspando nas ameias. A espada de Logen o acertou embaixo do braço e ele se balançou para trás com um grunhido, deixando cair a lança. Logen o acertou de novo, escorregou e estocou longe demais, quase caindo nos braços do outro. O Narigão o agarrou, tentando puxá-lo por cima do parapeito. Logen o acertou na cara com o cabo da espada, empurrando sua cabeça para trás, e arrancou alguns dentes com o segundo golpe. O terceiro o derrubou e ele caiu da escada, despencando desacordado e levando um companheiro para a lama.

– Traga aquele pau! – rugiu Logen para o Carl com a espada.

– O quê?

– O pau, porra!

O Carl pegou o pedaço comprido de madeira molhada e o jogou para Logen, que largou a espada, enfiou a ponta da madeira sob o topo da escada e começou a empurrar com toda a força. O Carl veio e colocou seu peso junto, e a escada estalou, oscilou e começou a tombar para trás. O rosto de um oriental veio por cima das ameias, parecendo surpreso. Ele viu o pau. Viu Logen e o Carl fazendo força e grunhindo. Caiu quando a escada tombou bem em cima da cabeça dos desgraçados lá embaixo.

Mais adiante, na muralha, outra escada tinha acabado de ser empurrada para cima e os orientais começavam a subir por ela, os escudos sobre a cabeça enquanto Gorro Vermelho e seus rapazes jogavam pedras contra eles. Alguns tinham chegado ao topo, no lado da muralha onde estava Barca Negra, e Logen podia ouvir os gritos vindos de lá, sons de assassinato. Logen mordeu o lábio ensanguentado, imaginando se deveria ir para lá e ajudar um pouco, mas decidiu não fazer isso. Logo ele seria necessário onde estava.

Por isso pegou a espada do Artífice e assentiu para o Carl que o havia ajudado, em seguida se levantou e recuperou o fôlego. Esperou que os orientais viessem de novo, e a toda a volta homens lutavam, matavam e morriam.

Demônios num inferno frio, molhado, sangrento. Eram quatro dias, agora, e parecia que ele estivera ali desde sempre. Como se nunca tivesse saído. Talvez não tivesse.

Como se a vida de Cachorrão já não estivesse difícil o bastante, tinha que chover.

Chuva era sem dúvida o pior temor de um arqueiro. Exceto ser derrubado por cavaleiros, talvez, mas isso não era muito provável numa torre. Os arcos

ficavam escorregadios; as cordas, frouxas; as penas, encharcadas, e tudo isso tornava os disparos ineficazes. A chuva tirava a vantagem que tinham, e isso era uma preocupação, mas poderia lhes custar ainda mais, antes que o dia terminasse. Havia três desgraçados enormes atacando a madeira úmida do portão, dois com machados pesados, o terceiro tentando enfiar um pé de cabra nas fendas que eles haviam produzido e arrancar as tábuas.

– Se não cuidarmos deles, eles vão entrar pelos portões! – gritou Cachorrão, rouco.

– Uh – disse Sinistro, assentindo e fazendo água voar de seu cabelo arrepiado.

Ele e Tul precisaram gritar e apontar bastante até conseguirem colocar um bando de seus rapazes alinhados em cima do parapeito escorregadio. Três vintenas de arcos molhados, todos abaixados ao mesmo tempo, todos retesados a ponto de estalar, todos direcionados para aquele portão. Três vintenas de homens, franzindo a testa e mirando, todos pingando e ficando mais molhados a cada minuto.

– Certo, então. Disparar!

Os arcos dispararam mais ou menos juntos, fazendo sons abafados. As setas desceram girando, ricocheteando na muralha molhada, cravando-se na madeira áspera do portão, espetando o chão onde o fosso ficava, antes de ter virado apenas mais um bocado de lama. Não foi o que se poderia chamar de disparos precisos, mas havia muitas flechas e, quando não é possível ter qualidade, a quantidade tem que fazer a diferença. O oriental à direita largou o machado, com três flechas espetadas no peito e uma na perna. O da esquerda escorregou, caiu de lado e correu sem jeito, tentando arranjar cobertura, com uma flecha no ombro. O do pé de cabra caiu de joelhos, sacudindo-se e levando a mão atrás, tentando alcançar uma seta na cintura.

– Certo! Bom! – gritou Cachorrão.

Nenhum dos outros invasores parecia ansioso para arrombar o portão por ora, o que era algo a agradecer. Ainda havia muitos esforçando-se nas escadas, mas essa era uma tarefa mais difícil para os arqueiros dali de cima. Com um tempo assim, eles tanto poderiam acertar os próprios colegas nas muralhas quanto os inimigos. Cachorrão trincou os dentes e disparou uma flecha inofensiva, molhada, sobre a turba comprimida. Não podia fazer nada. A muralha era serviço de Tremedeira, de Barca Negra e Gorro Vermelho. A muralha era serviço de Logen.

Houve um estalo alto, como se o céu estivesse caindo. O mundo ficou cheio

de ecos, com um brilho estonteante e lento como um caldo grosso. Logen cambaleou naquele lugar de sonho, deixou a espada cair com estardalhaço de seus dedos entorpecidos. Tombou contra a muralha e a agarrou enquanto ela oscilava. Tentava entender o que havia acontecido, só que não conseguia.

Dois homens lutavam por causa de uma lança, agarrando-se e empurrando-se, e Logen não conseguia lembrar por quê. Um homem de cabelo comprido levou um golpe forte e lento em seu escudo e algumas lascas voaram, depois ele girou um machado, os dentes à mostra e brilhando, acertou as pernas de um sujeito de aparência selvagem e o derrubou. Havia homens em toda parte, molhados e furiosos, sujos e manchados de sangue. Uma batalha, talvez? De que lado ele estava?

Sentiu algo quente pinicando seu olho e encostou a mão. Franziu a testa para os dedos vermelhos, que ficavam rosados à medida que a chuva batia neles. Sangue. Será que alguém o havia acertado na cabeça, então? Ou ele estaria sonhando com isso? Uma lembrança, de muito tempo atrás.

Girou instantes antes que o porrete esmagasse seu crânio como um ovo e agarrou com as mãos os pulsos de algum desgraçado cabeludo. De repente o mundo ficara rápido, ruidoso, sua cabeça latejava de dor. Bateu contra o parapeito, olhando um rosto sujo, barbudo, furioso, comprimido contra o seu.

Logen soltou o porrete com uma das mãos e começou a tatear o cinto à procura de uma faca. Não conseguiu sentir nenhuma. Todo aquele tempo afiando todas aquelas lâminas, e agora que precisava de uma não havia nada à mão. Então lembrou. A lâmina que ele procurava estava cravada naquele desgraçado feioso que ele jogara em algum lugar da base da muralha. Tateou do outro lado do cinto, ainda lutando contra o porrete, mas agora perdendo a batalha, já que podia usar apenas uma das mãos. Foi curvado para trás, lentamente, por cima das ameias. Seus dedos encontraram o cabo de uma faca. O oriental peludo conseguiu soltar o porrete e o ergueu, escancarando a boca e soltando um grito fedorento.

Logen o esfaqueou direto na cara, e a lâmina entrou por uma bochecha e saiu pela outra, levando uns dois dentes. O berro do cabeludo virou um uivo estridente e ele largou o porrete, cambaleando para longe, os olhos arregalados. Logen deslizou para o chão e tirou a espada de sob os pés dos dois que lutavam pela lança, esperou por um momento até que o oriental chegasse perto, depois cortou a parte de trás de uma coxa dele e o derrubou, com um grito, onde o Carl podia lhe dar um fim.

O cabeludo ainda babava sangue, uma das mãos no cabo da faca atravessada no rosto, tentando soltá-la. A espada de Logen fez um talho vermelho através das peles molhadas na lateral de seu corpo e derrubou-o de

joelhos. O golpe seguinte partiu sua cabeça ao meio.

A menos de dez passos dali, Tremedeira estava encrencado, encurralado entre três orientais, com mais um acabando de chegar ao topo de uma escada, enquanto todos os seus rapazes estavam ocupados. Ele se encolheu quando levou um golpe forte de uma marreta no escudo, cambaleou para trás e deixou o machado cair ruidosamente na pedra. Logen chegou a pensar que ficaria muito melhor se a cabeça de Tremedeira fosse esmagada. Mas as chances de ele ser o próximo eram boas.

Então respirou fundo, soltou um grito e partiu para cima dos orientais.

O primeiro se virou bem a tempo de ter o rosto aberto, em vez da nuca. O segundo levantou o escudo, mas Logen atacou por baixo e decepou seu tornozelo, fazendo-o cair de costas com um grito esganiçado, o sangue acumulando nas poças de água da passarela. O terceiro era um desgraçado grande, com o cabelo ruivo desgrenhado e revolto. Ele havia deixado Tremedeira zonzo e de joelhos junto ao parapeito, o escudo abaixado, sangue escorrendo de um talho na testa. Agora erguia sua grande marreta para terminar o serviço. Logen cravou a espada em suas costas antes que ele tivesse chance de dar o golpe, e a lâmina comprida o atravessou até o cabo. Jamais enfrente um homem cara a cara se você puder matá-lo por trás, costumava dizer o pai de Logen, e esse era um bom conselho que ele sempre tentava seguir. O ruivo se sacudiu e guinchou, retorcendo-se loucamente com as últimas tentativas para respirar e arrastando Logen, que segurava o punho da espada, mas não demorou muito até cair.

Logen agarrou Tremedeira por baixo do braço e o levantou. Ele franziu a testa com força quando seus olhos voltaram a focalizar e viu quem o ajudava. Abaixou-se e pegou o machado caído nas pedras. Logen se perguntou por um momento se ele iria enterrá-lo em seu crânio, mas Tremedeira apenas ficou parado, com o sangue escorrendo do corte na testa e descendo pelo rosto molhado.

– Atrás de você – avisou Logen, indicando com o olhar por cima do ombro dele.

Tremedeira se virou, Logen fez o mesmo e os dois ficaram de costas um para o outro. Agora havia três ou quatro escadas de pé ao redor do portão e a batalha na muralha havia se transformado em algumas lutas separadas, menores mas ainda sangrentas. Orientais passavam sobre o parapeito, gritando sua algaravia sem sentido, rostos severos e armas ferozes reluzindo de água, indo para cima de Logen enquanto outros subiam. Nove Dedos ouviu o som de impactos e os grunhidos de Tremedeira lutando, mas não prestou atenção. Só podia cuidar do que estava na frente. É preciso ser realista com essas coisas.

Arrastou os pés para trás, mostrando uma fraqueza que só era meio fingida, e, quando o primeiro deles veio, trincou os dentes e saltou adiante, cortou-o na cara e o mandou para longe aos gritos, com a mão apertando os olhos. Logen cambaleou contra outro e foi golpeado no peito com um escudo, cuja borda o acertou embaixo do queixo e o fez morder a língua.

Quase tropeçou sobre o cadáver esparramado de um Carl morto, ajeitou o passo a tempo, girou a espada mas não acertou nada, perdeu o equilíbrio e sentiu algo cortar sua perna. Ofegou e saltitou, balançando a espada ao redor, vacilante. Deu uma estocada contra uma pele que se movia, sua perna cedeu e ele despencou em cima de alguém. Os dois caíram juntos e a cabeça de Logen bateu na pedra. Rolaram, e Logen lutou para ficar por cima, gritando e babando, embolou os dedos no cabelo oleoso de um oriental e bateu o rosto dele contra a pedra, de novo e de novo até o crânio ficar mole. Arrastou-se para longe, ouviu uma lâmina retinir contra a passarela no lugar onde estivera e ajoelhou-se com a espada frouxa na mão pegajosa.

Ficou ajoelhado, arfando e com água escorrendo pelo rosto. Mais deles vinham em sua direção, e não havia para onde ir. Sua perna doía e ele não tinha força nos braços. A cabeça estava leve, como se fosse flutuar para longe. Quase sem forças para lutar. Mais deles vinham, um na frente com grossas luvas de couro e uma maça enorme vermelha de sangue. Parecia que seus espinhos já haviam quebrado um crânio e o próximo seria o de Logen. Então Bethod teria vencido, finalmente.

Logen sentiu um frio invadir suas entranhas. Uma sensação dura, vazia. Os nós dos dedos estalaram e os músculos da mão ficaram rígidos, apertando a espada com uma força dolorosa.

– Não! – sussurrou. – Não, não, não.

Mas seria o mesmo que dizer não à chuva. A sensação fria se espalhou e atravessou o rosto de Logen, repuxando sua boca num sorriso coberto de sangue. O homem de luvas chegou mais perto, com a maça raspando na pedra molhada. Olhou por cima do ombro.

Sua cabeça se partiu, espirrando sangue. Crummock-i-Phail deu um rugido de urso furioso, os ossos de dedos voando em volta do pescoço, a grande marreta girando e girando em volta da cabeça em círculos enormes. O oriental seguinte ergueu um escudo e tentou recuar. A marreta de Crummock rodou segura pelas duas mãos, arrancou as pernas dele, mandou-o rolando e rolando até cair de cara na pedra. O grande montanhês saltou na passarela, ágil feito um dançarino apesar do corpanzil, e acertou na barriga do outro adversário um golpe que o lançou pelos ares e o deixou embolado contra as ameias.

Logen olhou um grupo de selvagens assassinando outro, ofegando enquanto

os rapazes de Crummock uivavam e gritavam, com a tinta dos rostos manchada pela chuva. Eles vieram num jorro para a muralha, retalhando os orientais com suas espadas rudes e seus machados brilhantes, impelindo-os para trás e empurrando suas escadas, jogando seus corpos por cima do parapeito, na lama lá embaixo.

Logen se ajoelhou ali, numa poça, apoiado no cabo frio da espada de Kanedias, cuja ponta penetrou na passarela de pedra. Dobrou-se e respirou fundo, com as entranhas frias sugando o ar e soprando-o para fora, a boca salgada, o nariz cheio do fedor de sangue. Não ousava olhar para cima. Trincou os dentes, fechou os olhos e escarrou cuspe azedo nas pedras. Forçou a sensação fria do estômago para baixo e ela foi diminuindo, pelo menos por ora, e o deixou apenas com a dor e o cansaço para se preocupar.

– Parece que esses desgraçados já receberam o suficiente – disse a voz de Crummock, gargalhando na chuva. Ele jogou a cabeça para trás, a boca aberta, esticou a língua para a água que caía e lambeu os lábios. – Foi um bom serviço que você fez hoje, Nove Sangrento. Não que eu não tenha tido um prazer especial em ver você fazendo isso, mas fico feliz por ter participado.

O homem da montanha sopesou a grande marreta numa das mãos e a girou como se fosse um graveto, e, ao perceber uma grande mancha de sangue na cabeça de ferro, com um chumaço de cabelos grudado, deu um sorriso largo.

Logen ergueu os olhos para ele, quase sem forças para levantar a cabeça.

– Ah, sim. Bom trabalho. Amanhã nós vamos ficar atrás então, já que você está tão ansioso, certo? Você pode ficar com a porra da muralha.

A chuva estava diminuindo, virando garoa. Um brilho de sol fraco rompeu as nuvens pesadas, deixando ver de novo o acampamento de Bethod, sua vala enlameada e seus estandartes, as tendas espalhadas no vale. Cachorrão franziu os olhos, pensou ter visto alguns homens de pé na frente, olhando os orientais correrem de volta, um reflexo de sol em alguma coisa. Uma luneta, talvez, como a União usava, em geral para olhar para o lado errado. Cachorrão se perguntou se seria Bethod lá embaixo, vendo tudo aquilo acontecer. Bem do feitio de Bethod ter uma luneta.

Sentiu uma mão grande bater em seu ombro.

– Demos uma surra neles, chefe – trovejou Tul. – E das boas!

Havia pouca dúvida disso. Um monte de orientais mortos espalhados na lama na base daquela muralha, inúmeros feridos sendo carregados pelos companheiros ou se arrastando devagar e dolorosamente na direção de suas linhas. Mas também havia um bom número de mortos entre os defensores do

lado de dentro da muralha. Cachorrão podia ver uma pilha de cadáveres enlameados perto da parte de trás da fortaleza, onde eram enterrados. Ouviu alguém gritar. Gritos malignos, do tipo que um homem dá quando precisa que um membro seja cortado, ou se já perdeu um.

– Nós demos uma surra neles, é – murmurou Cachorrão. – Mas eles também nos deram. Não sei quantas vamos aguentar.

Agora os barris onde ficavam as flechas estavam pela metade, as pedras estavam quase acabando.

– É melhor mandar alguns rapazes revistar os mortos! – gritou por cima dos ombros para os homens. – Pegar o que pudermos enquanto pudermos!

– Em tempos assim, flechas nunca são demais – comentou Tul. – Com a quantidade de desgraçados de Crinna que matamos hoje, acho que teremos mais lanças esta noite do que tínhamos de manhã.

Cachorrão conseguiu pôr um sorriso no rosto.

– Foi gentileza deles trazer tanta coisa para a gente usar.

– É. Acho que eles iam se entediar depressa se a gente ficasse sem flechas. – Tul gargalhou e deu um tapa nas costas de Cachorrão com mais força do que nunca, o suficiente para fazer seus dentes chacoalharem. – Nós nos demos bem! Você se deu bem! Ainda estamos vivos, não é?

– Alguns de nós sim.

Cachorrão olhou para o cadáver do único homem que havia morrido em cima da torre. Um sujeito velho, com o cabelo quase todo grisalho, uma flecha malfeita cravada no pescoço. Tinha sido azar levar uma flechada num dia de chuva, mas sem dúvida sempre há um pouco de sorte e azar numa luta. Ele franziu a testa na direção do vale, que ia escurecendo.

– Onde diabo está a União?

Pelo menos a chuva havia parado. É preciso agradecer pelas pequenas coisas boas da vida, como um pouco de fogo com fumaça depois do tempo molhado. É preciso agradecer pelas pequenas coisas quando qualquer minuto pode ser o último.

Logen sentou sozinho ao lado de sua chama precária e esfregou devagar a palma da mão direita. Estava dolorida, rosada, com bolhas nas juntas dos dedos, rígida de segurar o cabo áspero da espada do Artífice durante todo o longo dia. Sua cabeça estava machucada. O corte na perna ardia um pouco, mas ele ainda podia andar bastante bem. Poderia ter acabado muito pior. Agora havia mais de três vintenas de homens enterrados, e estavam sendo postos em valas de uma dúzia cada, como Crummock dissera. Mais de três vintenas de volta à lama, e o

dobro disso ferido, um bocado desses com ferimentos sérios.

Perto da grande fogueira, podia ouvir os rosnados de Barca Negra contando como havia esfaqueado um oriental nos bagos. Podia ouvir a gargalhada trovejante de Tul. Já não se sentia parte daquilo. Talvez nunca tivesse sido. Um grupo de homens com quem lutara e que derrotara. Vidas que havia poupado, sem motivo que fizesse sentido. Homens que o odiaram mais do que a morte, mas foram obrigados a segui-lo. Não eram mais seus amigos do que Tremedeira. Talvez Cachorrão fosse seu único amigo de verdade em todo o amplo Círculo do Mundo, e mesmo nos olhos dele, de vez em quando, Logen achava que podia ver aquele antigo traço de dúvida, aquele antigo traço de medo. Imaginava se podia vê-lo agora quando Cachorrão surgiu das trevas.

– Acha que ele vem esta noite? – perguntou Cachorrão.

– Ele vai fazer uma tentativa no escuro, mais cedo ou mais tarde – disse Logen –, mas acho que vai esperar até estarmos um pouco mais esgotados.

– É possível ficar mais esgotado do que isso?

– Acho que vamos descobrir. – Logen fez uma careta ao esticar as pernas doloridas. – Parece mesmo que essa merda costumava ser mais fácil.

Cachorrão resfolegou. Não foi uma risada de verdade. Foi mais para que Logen soubesse que ele tinha ouvido.

– A memória é capaz de fazer mágica. Você se lembra de Carleon?

– Claro que lembro. – Logen olhou o dedo que faltava e cerrou o punho, e desse modo ele parecia com qualquer outro. – É estranho como tudo parecia tão simples naquele tempo. Por quem a gente lutava e por quê. Não posso dizer que isso me incomodava.

– Incomodava a mim – disse Cachorrão.

– Incomodava? Você deveria ter dito alguma coisa.

– Você teria ouvido?

– Não. Acho que não.

Ficaram sentados um minuto em silêncio.

– Acha que vamos sobreviver a isto? – perguntou Cachorrão.

– Talvez. Se a União aparecer amanhã ou depois de amanhã.

– Acha que eles vão aparecer?

– Talvez. Podemos ter esperança.

– Ter esperança não faz com que a coisa aconteça.

– Em geral é o contrário. Mas todo dia vivos é uma chance. Talvez desta vez dê certo.

Cachorrão franziu a testa para as chamas agitadas.

– É um monte de “talvez”.

– É a guerra.

– Quem imaginaria que a gente iria contar com um punhado de sulistas para resolver nossos problemas, hein?

– A gente resolve do jeito que puder. É preciso ser realista.

– Sendo realista, então, você acha que a gente vai sobreviver?

Logen pensou durante um tempo.

– Talvez.

Botas chapinharam na terra mole e Tremedeira veio em silêncio para a fogueira. Havia uma bandagem cinza enrolada em sua cabeça, onde ele havia levado o corte, e seu cabelo pendia úmido e oleoso embaixo dela.

– Chefe – disse ele.

Cachorrão sorriu ao se levantar e lhe deu um tapa no ombro.

– Certo, Tremedeira. Fez um bom trabalho hoje. Estou feliz por você ter vindo para o nosso lado, rapaz. Todos estamos. – Ele deu um olhar demorado para Logen. – Todos nós. Acho que vou tentar descansar um minuto. Vejo vocês quando eles voltarem amanhã. Provavelmente não vai demorar muito.

E partiu pela noite, deixando Tremedeira e Logen encarando-se.

Provavelmente Logen deveria pôr a mão perto de uma faca, atento para movimentos súbitos e tal. Mas estava cansado demais e dolorido demais. Por isso apenas ficou sentado, olhando. Tremedeira contraiu os lábios, agachou-se junto da fogueira, do lado oposto, lento e relutante como se estivesse prestes a comer algo podre e não pudesse recusar.

– Se eu estivesse no seu lugar – disse depois de um tempo –, teria deixado aqueles desgraçados me matarem hoje.

– Alguns anos atrás, tenho certeza que eu faria isso.

– O que mudou?

Logen enrugou a testa e pensou. Depois encolheu os ombros doloridos.

– Estou tentando ser melhor do que eu era.

– Acha que isso basta?

– O que mais posso fazer?

Tremedeira franziu a testa para o fogo.

– Eu queria dizer… – ele foi revirando as palavras na boca, até que as cuspiu: –… que agradeço, acho. Você salvou minha vida hoje. Eu sei.

Ele não estava feliz dizendo isso, e Logen sabia por quê. É difícil receber um favor de um homem que a gente odeia. É difícil odiá-lo tanto, depois disso. Perder um inimigo pode ser pior do que perder um amigo, se você o tiver por bastante tempo.

Por isso Logen deu de ombros de novo.

– Não foi nada. É só o que um homem deveria fazer por seu pessoal. Eu lhe devo muito mais. Sei disso. Nunca vou poder pagar o que eu lhe devo.

– Não. Mas acho que é um começo.

Tremedeira se levantou e deu um passo para longe. Então parou e se virou de volta, com a luz da fogueira tremulando num dos lados de seu rosto implacável, raivoso.

– Nunca é tão simples assim, não é? Ninguém é só bom ou mau. Nem você. Nem Bethod. Nem ninguém.

– Não. – Logen ficou sentado olhando as chamas se moverem. – Não, nunca é tão simples assim. Todos temos nossos motivos. Homens bons e homens maus. Tudo depende do lado em que você está.

O casal perfeito

UM DOS INÚMEROS lacaios de Jezal se empoleirou na escada portátil e, concentrado, baixou a coroa com precisão em sua cabeça, o único diamante enorme relampejando de forma inestimável e luminosa. Torceu-a ligeiramente para trás e para a frente, fazendo a borda com acabamento de pele se fixar no crânio de Jezal. Desceu, afastou a escada e examinou o resultado. O mesmo fez meia dúzia de seus colegas. Um ajeitou o posicionamento preciso da manga bordada a ouro. Outro fez uma careta e espanou um grão de poeira infinitesimal em seu colarinho de um branco puro.

– Muito bom – disse Bayaz, assentindo pensativo. – Acredito que você esteja pronto para o casamento.

O curioso, agora que Jezal tinha um raro instante para pensar, era que ele não havia concordado em se casar, de nenhum modo do qual tivesse consciência. Não tinha feito nem aceitado um pedido. Nunca dissera "sim" de verdade a nada. No entanto ali estava, preparando-se para se unir em matrimônio dentro de algumas poucas horas com uma mulher que ele mal conhecia. Não lhe escapara que, para terem sido feitos tão depressa, os arranjos deviam estar bem encaminhados antes mesmo que lhe sugerissem a ideia. Talvez antes mesmo que Jezal fosse coroado… Mas supôs que isso não era tão surpreendente. Desde sua ascensão ao trono, ele fora carregado, impotente, de um evento incompreensível a outro, como um náufrago lutando para manter a cabeça acima d'água, sem enxergar terra, arrastado não sabia para onde por correntes invisíveis e irresistíveis. Porém consideravelmente mais bem-vestido.

Aos poucos começava a perceber que quanto mais poderoso um homem se tornava, menos opções tinha de verdade. O capitão Jezal dan Luthar podia comer o que quisesse, dormir quando bem entendesse, ver quem escolhesse. Sua Augusta Majestade, o rei Jezal I, por outro lado, era preso pelas correntes invisíveis de tradição, expectativa e responsabilidade, que prescreviam cada aspecto de sua existência, por menor que fosse.

Bayaz deu um passo adiante, observando.

– Talvez o botão de cima devesse ficar aberto aqui…

Jezal deu um repelão, um tanto irritado. A atenção do mago a cada detalhe minúsculo de sua vida estava se tornando mais do que cansativa. Parecia que ele mal podia usar a latrina sem que o velho desgraçado examinasse o resultado.

– Eu sei abotoar um casaco! – disse com rispidez. – Será que devo esperar

encontrar você aqui esta noite, quando eu levar minha esposa para o quarto, pronto para me instruir sobre qual é o melhor modo de usar meu pau?

Os lacaios tossiram, desviaram o olhar e arrastaram os pés para os cantos da sala. Já Bayaz não sorriu nem franziu a testa.

– Estou sempre pronto a aconselhar Vossa Majestade, mas esperava que esse assunto o senhor pudesse resolver sozinho.



– Espero que você esteja preparado para nossa pequena saída. Estive me preparando durante toda a manh… – Ardee se imobilizou quando levantou os olhos e viu o rosto de Glokta. – O que aconteceu com você?

– O quê, isso? – Ele balançou a mão indicando a massa variada de hematomas. – Uma mulher de Kanta invadiu minha casa à noite, me deu uma sequência de socos e quase me afogou na banheira. – *Uma experiência que eu não recomendaria.*

Ardee não acreditou.

– O que aconteceu de verdade?

– Caí da escada.

– Ah. Escada. Elas podem ser brutais quando você não está com os pés muito firmes.

Ela olhou para a taça pela metade, os olhos ligeiramente nublados.

– Você está bêbada?

– É de tarde, não é? Eu sempre tento estar bêbada neste horário. Quando a gente começa uma tarefa, deve se esforçar ao máximo para concluí-la. Pelo menos era o que meu pai gostava de me dizer.

Glokta estreitou os olhos para ela, e Ardee o encarou por cima da borda da taça. *Sem lábio trêmulo, sem rosto trágico, sem riscas de lágrimas amargas escorrendo pelas faces. Ela não parecia menos feliz do que o usual. Ou não mais infeliz, talvez. Mas o dia do casamento de Jezal dan Luthar não pode ser uma ocasião de júbilo para ela. Ninguém gosta de levar um fora, não importam as circunstâncias. Ninguém gosta de ser abandonado.*

– Não precisamos ir, sabe? – Glokta estremeceu quando tentou, sem sucesso, alongar um pouco e mover a perna devastada, e o próprio tremor provocou uma ondulação de dor pelos lábios cortados e pelo rosto espancado. – Certamente não vou reclamar se não tiver que dar mais nenhum passo hoje. Podemos ficar sentados aqui e conversar sobre bobagens e política.

– E perder o casamento do rei? – ofegou Ardee, uma das mãos no peito num horror fingido. – Mas eu preciso mesmo ver o que a princesa Terez vai usar! Dizem que é a mulher mais linda do mundo, e até um lixo como eu deve

ter alguém para admirar. – Inclinou a cabeça para trás e engoliu o resto do vinho. – Ter trepado com o noivo não é desculpa para perder um casamento, sabe?

A nau capitânia do grão-duque Orso de Talins avançava devagar, deliberada e majestosamente, usando não mais do que um quarto do velame, com um bando de aves marinhas batendo asas e gritando no céu de um azul intenso. Era de longe o maior navio em que Jezal, ou qualquer um no meio da enorme multidão enfileirada no cais e apinhada nos telhados e janelas dos prédios junto ao mar, já havia posto os olhos.

Estava enfeitada com os adornos mais finos: flâmulas coloridas balançavam no cordame e os três mastros enormes tinham bandeiras vistosas, a cruz negra de Talins e o sol dourado da União lado a lado em honra da ocasião feliz. Mas nem por isso parecia menos ameaçadora. Era como Logen Nove Dedos poderia ficar, se usasse um casaco de dândi. Ainda era inconfundivelmente um navio de guerra, e parecia mais selvagem ainda com os enfeites espalhafatosos que o deixavam tão claramente desconfortável. Sendo o meio de transporte de uma única mulher a Adua, e essa mulher sendo a noiva de Jezal, essa embarcação poderosa não era nem um pouco tranquilizadora. Sugeria que o grão-duque Orso podia ser uma presença intimidante no papel de sogro.

Agora Jezal via marinheiros percorrerem as miríades de cordas como formigas num arbusto, içando metros e mais metros de velas com velocidade e precisão. Deixaram o navio portentoso avançar sob seu próprio ímpeto, com a sombra enorme caindo sobre o cais e mergulhando metade do grupo de recepção no escuro. Diminuiu a velocidade, com o ar cheio dos estalos de madeiras e cordas. Quando parou, fez com que os outros barcos atracados parecessem anões humildes, como a presença de um tigre faria em comparação a um bando de gatinhos. A estátua dourada que ornava a proa, uma mulher com o dobro do tamanho normal que erguia uma lança na direção do céu, brilhava ameaçadora muito acima da cabeça de Jezal.

Um desembarcadouro enorme fora construído especialmente para o ocasião, no meio do cais, no seu ponto mais fundo. Por essa rampa suave o grupo real de Talins desceu para Adua, como visitantes de uma estrela remota onde todo mundo era rico, lindo e obviamente feliz.

De cada lado marchava uma fileira de guardas barbudos, todos de uniformes pretos idênticos, os elmos polidos até refletirem a luz como um espelho. Entre eles, em duas fileiras de seis, vinha uma dúzia de damas de companhia vestidas com sedas vermelhas, azuis ou de um púrpura vívido, todas tão esplêndidas quanto rainhas.

Mas ninguém na multidão maravilhada à beira d’água poderia ter dúvida de quem era o centro das atenções. A princesa Terez deslizava à frente: alta, esguia, impossivelmente régia, graciosa como uma dançarina de circo e imponente como uma imperatriz de lenda. Seu vestido de um branco puro era bordado com ouro brilhante, o cabelo reluzente era da cor de bronze polido, uma corrente de diamantes espantosos cintilava e faiscava no peito claro, ao sol forte. Nesse momento, “Joia de Talins” era um nome realmente adequado. Terez parecia tão pura e ofuscante, orgulhosa e brilhante, dura e linda quanto uma pedra preciosa sem jaça.

Quando seus pés tocaram as pedras, a multidão irrompeu em gritos e aplausos, e pétalas de flores começaram a cair em cascatas das janelas dos prédios. E foi assim que ela avançou até Jezal, com dignidade magnífica, a cabeça imperiosamente erguida, as mãos cruzadas com orgulho diante do corpo, sobre um tapete macio e através de uma névoa perfumada, rosa e vermelha.

Chamar isso de entrada de tirar o fôlego seria um eufemismo de nível épico.

– Vossa Augusta Majestade – murmurou ela, de algum modo conseguindo fazer com que ele se sentisse humilde, enquanto fazia uma reverência.

Atrás dela, as damas a acompanharam e os guardas se curvaram, todos com coordenação impecável.

– Meu pai, o grão-duque Orso de Talins, manda suas desculpas profundas – ela se levantou, perfeitamente ereta de novo, como se erguida por fios invisíveis –, mas questões urgentes na Estíria o impedem de comparecer ao nosso casamento.

– Você é tudo de que precisamos – grasnou Jezal, xingando-se em silêncio um instante depois, ao perceber que havia ignorado a forma adequada de se dirigir a ela.

Era difícil pensar com clareza, naquelas circunstâncias. Terez era ainda mais impressionante agora do que quando ele a vira pela última vez, fazia um ano ou mais, discutindo furiosamente com o príncipe Ladisla na festa oferecida em sua homenagem. Lembrar os berros malignos dela não o encorajava muito, mas Jezal também não ficaria empolgado com a perspectiva de se casar com Ladisla. Afinal de contas, o sujeito era um completo imbecil. Jezal era um tipo de pessoa totalmente diferente, e sem dúvida podia receber uma reação diferente. Pelo menos esperava.

– Por favor, Alteza – disse, e estendeu a mão para ela.

Ela pousou sua na dele, parecendo pesar menos do que uma pena.

– Vossa Majestade me honra demais.

Os cascos dos cavalos cinza ressoaram no pavimento, as rodas da carruagem chiaram suaves. Eles partiram pela via do Rei, cercados e protegidos

por um destacamento montado de cavaleiros do Grupo com armas e armaduras reluzentes, a grande avenida ladeada por plebeus apreciando, todas as portas e janelas preenchidas por súditos sorridentes. Todos estavam ali para aplaudir o novo rei e a mulher que logo seria a rainha.

Jezal estava ciente de que devia parecer um idiota ao lado dela. Um pateta desajeitado, malnascido, mal-educado, que não tinha o menor direito de estar na mesma carruagem que a princesa – a não ser, talvez, que ela o estivesse usando como descanso para os pés. Jamais na vida se sentira realmente inferior, antes disso. Mal podia acreditar que se casaria com aquela mulher. Hoje. Suas mãos tremiam. Sem sombra de dúvidas tremiam. Talvez algumas palavras sinceras pudessem ajudar os dois a relaxar.

– Terez…

Ela continuou a acenar imperiosamente para a multidão.

– Sei que… não nos conhecemos nem um pouco, mas… eu gostaria de conhecê-la.

Um tremor levíssimo na boca foi o único sinal de que ela o ouvira.

– Sei que deve ter sido um choque terrível para você, como foi para mim. Espero, se há algo que eu possa fazer… para tornar a situação mais fácil, que…

– Meu pai acha que os interesses de meu país são bem atendidos por esse casamento, e o dever de uma filha é obedecer. Nós, que nascemos em situação elevada, somos preparados desde cedo para fazer sacrifícios.

Sua cabeça perfeita girou suavemente no pescoço perfeito e ela sorriu. Um sorriso um pouco forçado, talvez, mas nem por isso menos radiante. Era difícil acreditar que um rosto tão liso e impecável fosse feito de carne, como o de todo mundo. Parecia porcelana ou pedra polida. Era um deleite constante, mágico, vê-lo se mover. Imaginou se os lábios dela seriam frios ou quentes. Queria muito descobrir. Ela se inclinou para perto e pôs a mão com suavidade em cima da dele. Quente, sem dúvida era quente, e macia, e muito feita de carne.

– Você precisa acenar – murmurou ela, a voz cheia de canto estiriano.

– É, é – grasnou ele, com a boca muito seca. – É claro.

Glokta estava de pé, com Ardee ao lado, e franziu a testa para a rotunda dos Lordes. Para além daquelas portas altíssimas, no grande salão circular, a cerimônia acontecia. *Oh, dia jubiloso!* As sábias exortações do juiz supremo Marovia ecoariam na cúpula dourada, o casal feliz faria seus votos solenes de coração leve. Só uns poucos sortudos tiveram permissão de testemunhar. *O restante de nós deve prestar sua adoração de longe.* E uma baita multidão havia se reunido exatamente para isso. A ampla praça dos Marechais estava apinhada.

Os ouvidos de Glokta se enchiam com a tagarelice empolgada. *Uma multidão de puxa-sacos, todos ansiosos para que Suas Majestades Divinas apareçam.*

Ele se balançava impaciente para a frente e para trás, de um lado para outro, fazendo careta e sibilando, tentando fazer o sangue correr nas pernas doloridas, acalmar as cãibras. *Mas ficar parado por tanto tempo é, para dizer de modo simples, uma tortura.*

– Quanto tempo um casamento pode demorar?

Ardee levantou uma sobrancelha.

– Talvez eles não tenham conseguido manter as mãos longe um do outro e estejam ocupados consumando o matrimônio ali mesmo, no chão da rotunda dos Lordes.

– Quanto tempo uma porcaria de consumação pode demorar?

– Apoie-se em mim, se for preciso – disse ela, estendendo o cotovelo.

– O aleijado usando a bêbada como apoio? – Glokta franziu a testa. – Formamos um casal e tanto.

– Caia, se preferir, e perca o resto dos dentes. Não vou deixar de dormir por causa disso.

Talvez eu deva aceitar a oferta, nem que seja por um momento. Afinal de contas, qual mal há? Mas então os primeiros gritos agudos começaram a surgir, logo seguidos por outros e mais outros, até que um rugido de júbilo ondulou pelo ar. As portas da rotunda dos Lordes foram por fim abertas e, de mãos dadas, o rei supremo e a rainha da União saíram ao sol forte.

Até Glokta foi obrigado a admitir que eles formavam um par deslumbrante. Como monarcas de mito, estavam vestidos de branco ofuscante, com acabamento de bordados cheios de brilho, sóis dourados nas costas do vestido longo de Terez e na capa comprida dele, que cintilavam quando se viravam para a multidão. Ambos altos, esguios e graciosos, cada qual coroado com ouro brilhante e um único diamante luzidio. *Ambos tão jovens, e tão lindos, e com a vida inteira – feliz, rica e poderosa – pela frente. Urra! Urra para eles! Meu coração, esse cagalhão encolhido, explode de júbilo sem fim!*

Glokta apoiou a mão no cotovelo de Ardee, se inclinou na direção dela e deu seu sorriso mais retorcido, banguela e grotesco.

– É mesmo verdade que o nosso rei é mais bonito do que eu?

– Que bobagem ofensiva! – Ela impeliu o peito adiante e sacudiu a cabeça, dando a Glokta uma expressão de desprezo esmagador por cima do nariz. – E eu brilho mais do que a Joia de Talins!

– Ah, brilha, minha cara, sem dúvida. Nós fazemos com que eles pareçam mendigos!

– Pareçam lixo.

– Pareçam aleijados.

Os dois riram juntos enquanto o casal real passava majestosamente pela praça, acompanhado por vinte atentos cavaleiros do Grupo. O Conselho Fechado ia atrás, a uma distância respeitosa, onze velhos imponentes com Bayaz no meio, usando suas roupas de mago, com um sorriso quase tão largo quanto o do próprio casal glorioso.

– Eu nem gostava dele – murmurou Ardee baixinho –, para começo de conversa. De verdade, não.

Nisso, certamente, somos dois.

– Não precisa chorar. Você é inteligente demais para se satisfazer com um pateta feito ele.

Ela inspirou com força.

– Sei que você está certo. Mas eu estava tão entediada, solitária, cansada! – *E bêbada, sem dúvida.* Ela deu de ombros, impotente. – Ele fazia com que eu me sentisse algo mais do que um fardo. Ele fazia com que eu me sentisse… desejada.

E o que faz você supor que eu quero saber disso?

– Desejada, você diz? Que maravilhoso. E agora?

Ela olhou para o chão, sofrendo, e Glokta sentiu apenas um traço levíssimo de culpa. *Mas a culpa só dói quando não há mais nada com que se preocupar.*

– Nem era amor verdadeiro – continuou Ardee, e Glokta viu os finos tendões no pescoço dela se movendo enquanto ela engolia em seco. – Mas de algum modo sempre achei que seria eu a abandoná-lo.

– Hum. – *Como é raro que um de nós receba o que espera!*

O grupo real foi se afastando, com os últimos cortesãos em esplendor e guarda-costas reluzentes pisando firme atrás deles, o som dos aplausos fascinados seguindo na direção do palácio. *Na direção de seu futuro glorioso, e nós, segredos cheios de culpa, não somos convidados.*

– Cá estamos – murmurou Ardee. – Os eliminados.

– As sobras desventuradas.

– As plantas podres.

– Eu não me preocuparia com muita coisa. – Glokta deu um suspiro. – Você ainda é jovem, é inteligente e tem uma beleza passável.

– É um elogio épico, sem dúvida.

– Você tem todos os dentes e as duas pernas. Uma vantagem nítida sobre algumas pessoas. Não duvido que ainda vá agarrar outro idiota bem-nascido, e nenhum mal terá sido feito.

Ardee lhe virou as costas e deu de ombros, e ele supôs que ela estivesse mordendo o lábio. Ele se encolheu e levantou a mão para pôr em seu ombro… *A*

mesma mão que cortou em fatias os dedos de Sepp dan Teufel, que arrancou os mamilos do inquisidor Harker, que fez um emissário gurkense em pedacinhos e queimou outro, que mandou homens inocentes apodrecer em Angland, e assim por diante… Puxou a mão de volta e a deixou pender. *Melhor chorar todas as lágrimas do mundo do que ser tocado por essa mão. O conforto vem de outras fontes e corre para outros destinos.* Franziu a testa para o outro lado da praça e deixou Ardee com seu sofrimento.

A multidão continuava a comemorar.



Foi um acontecimento magnífico, claro. Nenhum esforço ou despesa foi poupado. Jezal não ficaria nem um pouco surpreso se lhe contassem que havia quinhentos convidados ali – e ele não poderia dizer que conhecia mais de uma dúzia deles o suficiente. Os lordes e as damas da União. Os grandes homens dos conselhos Fechado e Aberto. Os mais ricos e poderosos, vestidos com seus melhores trajes e exibindo seu melhor comportamento.

O salão dos Espelhos era um local adequado. A câmara mais espetacular de todo o palácio, grande como um campo de batalha e parecendo maior ainda devido aos grandes espelhos que cobriam cada parede, criando a impressão desconcertante de haver dezenas de outros casamentos magníficos, em dezenas de salões de baile adjacentes. Uma infinidade de velas bruxuleava nas mesas, nos candelabros de parede e nos lustres de cristal lá no alto. Sua luz suave brilhava na prataria, reluzia nas joias dos convidados e era refletida de volta nas paredes escuras, reluzindo até a distância: um milhão de pontos de luz, como as estrelas num céu noturno. Uma dúzia dos melhores músicos da União tocava melodias sutis e inebriantes, que se misturavam com os sons de conversas satisfeitas, com o tilintar e o chacoalhar de dinheiro antigo e talheres novos.

A festa era puro júbilo. A noite mais marcante de toda a vida. Para os convidados.

Para Jezal era outra coisa, e ele não tinha certeza do quê. Estava sentado a uma mesa dourada com sua rainha ao lado, cada qual cercado por dez serviçais solícitos e expostos a todos os presentes como se fossem um par de caros animais de zoológico. Jezal permanecia numa névoa de inadequação, num silêncio onírico, e se assustava como um coelho de tempos em tempos, quando um lacaio empoado servia algo em seu prato. Terez se sentara à sua direita e ocasionalmente fisgava um bocado minúsculo de comida com um garfo meticuloso, levantava-o, mastigava, engolia com precisão e elegância. Jezal nunca havia pensado que era possível comer com beleza. Agora percebia seu erro.

Mal conseguia se lembrar das palavras do juiz supremo que, supostamente, havia unido os dois para sempre. Algo sobre amor e segurança da nação, lembrava-se por alto. Mas podia ver o anel que, em seu torpor, entregara a Terez na rotunda dos Lordes, sua enorme pedra vermelho-sangue brilhando no longo dedo médio. Mastigou uma fatia finíssima de carne e o gosto foi de lama. Os dois eram marido e mulher.

Bayaz estivera certo, como sempre. As pessoas ansiavam por admirar algo que, sem esforço, esteja acima delas. Talvez nem todas tivessem o rei que desejavam, mas ninguém poderia negar que Terez era tudo o que uma rainha deveria ser, e mais ainda. A mera ideia de Ardee West sentada naquela cadeira dourada era absurda. E, no entanto, Jezal sentiu uma pontada de culpa quando isso lhe ocorreu, seguida de perto por uma pontada maior ainda de tristeza. Seria um consolo ter alguém com quem conversar. Soltou um suspiro doloroso. Se ia passar a vida com essa mulher, eles precisariam conversar. Quanto mais cedo começassem, supôs, melhor.

– Ouvi dizer que Talins… é uma cidade linda.

– De fato – disse ela com formalidade cautelosa. – Mas Adua tem belas paisagens também. – Ela fez uma pausa e olhou, sem esperança, para o prato.

Jezal pigarreou.

– É meio… difícil se adaptar – arriscou ele, e tentou esboçar um sorriso.

Ela piscou e olhou para o salão.

– É mesmo.

– Você dança?

Ela virou a cabeça suavemente para olhá-lo sem o menor movimento aparente dos ombros.

– Um pouco.

Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou.

– Então vamos dançar, Majestade?

– Como quiser, Majestade.

Enquanto se encaminhavam para o centro do grande salão, as conversas diminuíram gradualmente. O salão dos Espelhos ficou num silêncio mortal, exceto pelo som das botas engraxadas dele e dos sapatos polidos dela sobre a pedra brilhante. Jezal engoliu em seco quando os dois ocuparam seus lugares, cercados de três lados pelas mesas compridas e pelas legiões de convidados magníficos, todos assistindo. Era mais ou menos a ansiedade ofegante, o medo e a empolgação que sentia quando entrava no círculo de esgrima contra um oponente desconhecido, diante da multidão que rugia.

Os dois ficaram imóveis como estátuas, olhando nos olhos um do outro. Ele estendeu a mão com a palma para cima. Ela estendeu a dela, mas, em vez de

pousá-la na do marido, deixou as costas de sua mão tocarem com firmeza as costas da mão dele e a empurrou até que seus dedos se nivelassem. Levantou uma sobrancelha de forma quase imperceptível. Um desafio silencioso, que mais ninguém no salão poderia notar.

A primeira nota soluçou nas cordas e ecoou no salão. Eles começaram, circulando um ao outro com lentidão exagerada. A bainha dourada do vestido de Terez sussurrava no piso e cobria os pés dela, de modo que ela parecia deslizar, em vez de dançar, e seu queixo permanecia dolorosamente erguido. Eles se moveram primeiro para um lado e depois para o outro, e nos espelhos ao redor mil outros casais se moveram no mesmo ritmo, estendendo-se até o infinito, coroados e vestidos em impecável branco e ouro.

No início do segundo encadeamento de notas, quando outros instrumentos se juntaram à música, Jezal começou a perceber que pertencia a uma classe inferior, pior até do que estivera com relação a Bremer dan Gorst. Terez se movia com postura tão imaculada que ele teve certeza de que ela poderia equilibrar uma taça de vinho na cabeça sem derramar uma gota. A música ficou mais alta, mais rápida, mais ousada, e os movimentos de Terez vinham mais rápidos e mais ousados junto com ela. Parecia que, de algum modo, a rainha controlava os músicos com suas mãos estendidas, de tão perfeita que era a sincronia. Ele tentou guiá-la e ela se moveu sem esforço ao seu redor. Ela jogou o corpo para um lado e girou para o outro, e Jezal quase caiu de bunda. Ela se desviou e rodopiou, enganando-o de forma magistral, e deixou-o acompanhando o nada.

A música ficou ainda mais rápida, os músicos serravam com os arcos e dedilhavam em furiosa concentração. Jezal fez uma tentativa inútil de pegá-la, mas Terez girou para longe, ofuscando-o com uma agitação de saias que ele mal conseguia acompanhar. Ela quase o fez tropeçar com um pé que sumiu antes que ele percebesse, inclinou a cabeça e por pouco não cravou a coroa no olho dele. Os grandes e bons da União olhavam em silêncio, encantados. Até Jezal se via como um espectador pasmo. Precisava se esforçar ao máximo para permanecer mais ou menos nas posições e não ser feito de idiota por completo.

Ele não entendeu se foi alívio ou decepção o que sentiu quando a música voltou a ficar lenta e ela lhe ofereceu a mão como se fosse um tesouro raro. Tocou as costas de sua mão nas da dela e os dois circularam um ao outro, chegando cada vez mais perto. Quando o último refrão saiu chorando dos instrumentos, a rainha pousou as costas no peito dele. Os dois giraram cada vez mais devagar, Jezal com o nariz cheio do perfume do cabelo dela. Na última nota, ela se deixou tombar para trás e ele a baixou suavemente, o pescoço de Terez esticando-se, a cabeça baixando, a coroa delicada quase roçando o chão. E

fez-se silêncio.

O salão irrompeu em aplausos arrebatados, mas Jezal mal ouvia. Estava ocupado demais olhando para a esposa. Agora havia uma leve cor nas faces dela, os lábios ligeiramente afastados expunham dentes impecáveis na frente, e as linhas do maxilar, o pescoço esticado e as clavículas esguias estavam desenhados com sombras e cercados de diamantes reluzentes. O fôlego acelerado fazia o peito subir e descer de forma imperiosa no corpete e uma película levíssima e fascinante de suor se aninhara no decote. Jezal quis muito se aninhar ali também. Piscou, com a própria respiração cortando-lhe a garganta.

– Se for do agrado de Vossa Majestade… – murmurou ela.

– Hein? Ah… claro. – Ele a pôs de volta em pé em meio aos aplausos. – Você dança de um jeito… magnífico.

– Vossa Majestade é muito gentil – respondeu ela, com um minúsculo fragmento de sorriso, mas mesmo assim um sorriso.

Ele reagiu sorrindo feito um imbecil. No espaço de uma única dança, seu medo e sua confusão haviam se transformado com facilidade numa empolgação muito agradável. Ele fora presenteado com um vislumbre do que havia por baixo da casca gélida, e sem dúvida sua nova rainha era uma mulher de paixão rara e feroz. Era uma faceta oculta que agora ele estava ansioso para desvendar. Tão ansioso que, de fato, foi obrigado a afastar os olhos para um canto, franzindo a testa e tentando desesperadamente pensar em outras coisas, para que a rigidez dentro de sua calça não o fizesse passar vergonha diante dos convidados.

Pela primeira vez, ver Bayaz rindo no canto foi exatamente o que ele precisava: o sorriso frio do velho esfriou seu ardor com tanta eficácia quanto um balde de água gelada.

Glokta deixara Ardee em sua sala exageradamente mobiliada, esforçando-se ao máximo para ficar mais bêbada ainda, e desde então ele estava de péssimo humor. *Até mesmo para mim, não há nada como a companhia de alguém mais desgraçado ainda para fazer a gente se sentir melhor. O problema é que, quando o sofrimento do outro sai, o seu toma lugar com o dobro de frieza e pavor.*

Tomou outra colherada de sopa com textura de areia e fez uma careta tentando forçar garganta abaixo a gororoba salgada demais. *Imagino que coisas maravilhosas o rei Jezal estará desfrutando agora. Saudado e admirado por todos, empanturrando-se com a melhor comida e a melhor companhia.* Seu olho esquerdo estremeceu e ele largou a colher na tigela e se encolheu quando uma onda de dor partiu das costas e desceu pela perna. *Oito anos desde que os gurkenses me soltaram, no entanto ainda sou prisioneiro deles, e sempre serei.*

Preso numa cela que não é maior do que meu corpo aleijado.

A porta se abriu com um rangido e Barnam entrou arrastando os pés para pegar a tigela. Glokta olhou da sopa meio morta para o velho meio morto. *A melhor comida e a melhor companhia.* Ele riria, se os lábios rachados permitissem.

– Acabou, senhor? – perguntou o serviçal.

– Parece que sim. – *Não consegui arrancar da bunda uma forma de destruir Bayaz, portanto Sua Eminência não ficará satisfeito. Até que ponto ele pode ficar insatisfeito antes de perder a paciência por completo? É, devo estar acabado. Mas fazer o quê?*

Barnam levou a tigela para fora, fechou a porta e deixou Glokta sozinho com sua dor. *O que fiz para merecer isso? E o que Luthar fez? Ele não é exatamente como eu era? Arrogante, vaidoso e egoísta feito o diabo? Ele é um homem melhor? Então por que a vida me castigou de forma tão dura e o recompensou de forma tão exuberante?*

Mas Glokta já sabia a resposta. *O mesmo motivo pelo qual o inocente Sepp dan Teufel definha em Angland com os dedos encurtados. O mesmo motivo pelo qual o leal general Vissbruck morreu em Dagoska, enquanto a traidora mestra Eider foi deixada viva. O mesmo motivo pelo qual Tulkis, o embaixador gurkense, foi trucidado diante de uma multidão, por um crime que não cometeu.*

Encostou a língua ferida num dos poucos dentes que restavam. *A vida não é justa.*

Jezal saracoteava pelo corredor num sonho, só que já não era o pesadelo em pânico da manhã. Sua cabeça girava de tantos elogios, aplausos e aprovação. Seu corpo irradiava dança, vinho e, cada vez mais, luxúria. Com Terez, pela primeira vez em seu breve reinado, ele se sentia de fato um rei. Pedras e metais preciosos, seda e bordados, pele clara e lisa brilhavam de modo excitante à luz suave das velas. A noite acabara sendo um deleite e o restante dela prometia ser melhor ainda. Terez podia ter parecido dura feito uma joia a distância, mas Jezal a havia segurado nos braços e sabia que não era assim.

A grande porta dupla do quarto real foi aberta por um par de lacaios tensos, depois se fechou em silêncio quando o rei e a rainha da União passaram. A cama portentosa dominava o outro lado do cômodo, com plumas altas nos cantos do dossel lançando sombras compridas no teto dourado. As amplas cortinas de um verde intenso pendiam de forma convidativa e deixavam o espaço no outro extremo cheio de sombras suaves e hipnotizantes.

Terez deu alguns passos lentos para dentro do quarto, à frente dele, de

cabeça baixa, enquanto Jezal virava a chave na fechadura com um chacoalhar longo, suave, do mecanismo. Sua respiração saía rápida quando ele chegou por trás da esposa e pousou a mão em seu ombro nu. Sentiu os músculos se enrijecerem por baixo da pele lisa, sorriu do nervosismo dela, que combinava tanto com o dele. Imaginou se deveria dizer algo para tentar acalmá-la, mas de que adiantaria? Os dois sabiam o que precisava acontecer, e Jezal, pelo menos, estava impaciente para começar.

Chegou mais perto e deslizou a mão livre pela cintura dela, sentindo a palma sibilar sobre a seda. Roçou a nuca de Terez com os lábios, uma, duas, três vezes. Encostou o nariz em seu cabelo, sentiu seu perfume e soltou o ar suavemente na face dela. Sentiu-a tremer com sua respiração na pele, mas isso apenas o encorajou. Deslizou os dedos sobre os ombros dela e por cima do peito, depois os diamantes seguiram o contorno de sua mão quando ele a enfiou dentro do corpete. Chegou mais perto, encostando-se nela, produzindo um rosnado satisfeito na garganta, com o pau cutucando agradavelmente o traseiro dela por sobre as roupas…

No instante seguinte, ela se afastou bruscamente, ofegando, e lhe deu um tapa no rosto que estalou e fez sua cabeça retinir.

– Seu desgraçado imundo! – berrou ela, com cuspe voando da boca retorcida. – Seu filho de uma porra de uma puta! Como ousa me tocar? Ladisla era um cretino, mas pelo menos o corpo dele era limpo!

Jezal ofegou, rígido de choque, uma das mãos apertando o rosto que ardia. Estendeu a outra debilmente.

– Mas eu… uuuuf!

O joelho dela o acertou entre as pernas com uma precisão implacável, arrancando o fôlego de seu peito, fazendo-o cambalear ofegante, depois derrubando-o como uma marreta faria a um castelo de cartas. Enquanto ele gemia no tapete, naquela agonia alucinante que só um golpe nos bagos pode produzir, pouco serviu de consolo o fato de que ele estava certo.

Ficara evidente que sua rainha era uma mulher de paixão rara e feroz.

As lágrimas que escorriam tão fartamente dos olhos dele não eram apenas de dor e de terrível surpresa e de decepção passageira; eram, cada vez mais, de um horror profundo e crescente. Parecia que ele se equivocara por completo em relação aos sentimentos de Terez. Ela sorrira para a multidão, mas agora, sozinha com ele, dava toda a indicação de desprezá-lo e a tudo o que ele significava. O fato de ter nascido bastardo não era algo que Jezal poderia mudar. Ao que tudo indicava, sua noite de núpcias seria passada no chão real. A rainha já havia atravessado o quarto às pressas e as cortinas da cama estavam bem fechadas para ele.

O sétimo dia

OS ORIENTAIS TINHAM vindo outra vez na noite anterior. Esgueiraram-se pela escuridão, encontraram um lugar para escalar e mataram uma sentinela. Em seguida colocaram uma escada e uma multidão deles já havia entrado quando foram descobertos. Os gritos acordaram Cachorrão, que de qualquer maneira praticamente não estava dormindo, e ele se levantara rápido no escuro, todo embolado no cobertor. Inimigos dentro da fortaleza, homens correndo e gritando, sombras na escuridão, tudo fedendo a pânico e caos. Homens lutando à luz das estrelas e de tochas ou sem qualquer luz, espadas girando quase sem noção de para onde iam, botas tropeçando e levantando chuvas de fagulhas das fogueiras destruídas.

No final eles os venceram. Encurralaram-nos na muralha e os mataram em profusão, e somente três sobreviveram por tempo suficiente para desistir e largar as armas – o que foi um baita erro deles, por sinal. Muitos homens morreram nesses sete dias. Toda vez que o sol descia havia mais sepulturas. Ninguém estava de ânimo muito misericordioso, isso contando os que algum dia houvessem estado, e não eram muitos. Assim, quando pegaram aqueles três, Barca Negra os amarrou à muralha, onde Bethod e os demais pudessem ver. Amarrou-os na alvorada dura e azul, com as primeiras tiras de luz apenas esfaqueando o céu negro, os encharcou de óleo e ateou fogo. Fez isso um por um. De modo que os outros vissem o que estava por acontecer e gritassem antes de chegar sua vez.

Cachorrão não gostava muito de ver homens pegando fogo. Não gostava de ouvir seus gritos e a gordura estalando. Não sorriu quando seu nariz ficou cheio do fedor adocicado da carne queimando. Mas também não pensou em impedir. Havia momentos certos para apaziguar, e este não era um deles. Misericórdia e fraqueza são a mesma coisa na guerra, e não há prêmios para bom comportamento. Tinha aprendido isso com Bethod, muito tempo atrás. Talvez agora aqueles orientais pensassem duas vezes antes de vir outra vez à noite para foder com o desjejum de todo mundo.

Além do mais, isso poderia ajudar a pôr um pouco de aço no restante do pessoal de Cachorrão, porque um bom número deles vinha ficando nervoso. Alguns rapazes haviam tentado partir duas noites atrás. Abandonaram seus postos e se esgueiraram por cima da muralha no escuro, depois tentaram descer ao vale. Bethod hasteara as cabeças deles em pontas de lança na frente de seu

fosso. Uma dúzia de bolas meio arrebentadas, o cabelo balançando à brisa. Praticamente não dava para ver o rosto deles, da muralha, mas de algum modo pareciam ter uma expressão raivosa, perturbada. Como se culpassem Cachorrão por levá-los àquilo. Como se ele não tivesse preocupações suficientes com as censuras dos vivos.

Franziu a testa para o acampamento de Bethod. As silhuetas negras das tendas e de seus estandartes começavam a se destacar da névoa e da escuridão. Perguntou-se o que poderia fazer, além de ficar ali parado e aguardar. Todos os seus rapazes o olhavam esperando que ele fizesse algum truque para tirá-los vivos dali. Mas Cachorrão não conhecia nada de magia. Um vale, uma muralha e nenhuma saída. Não ter saída fora o cerne do plano. Imaginou se conseguiriam suportar mais um dia. Mas também tinha pensado nisso na manhã anterior.

– O que será que Bethod está planejando para hoje? – murmurou sozinho. – O que ele planejou?

– Um massacre? – grunhiu Sinistro.

Cachorrão olhou para ele com severidade.

– "Ataque" é a palavra que eu escolheria, mas não ficarei surpreso se for do seu jeito antes que o dia acabe.

Estreitou os olhos e observou o vale cheio de sombras, na esperança de avistar aquilo por que vinha esperando nos últimos sete longos dias. Algum sinal de que a União estivesse chegando. Mas não havia nada. Abaixo do grande acampamento de Bethod e de seus estandartes e de sua massa de homens, não havia nada além da terra nua e vazia e da névoa que se agarrava às depressões sombreadas.

Tul o cutucou nas costelas com o cotovelo enorme e conseguiu dar um riso.

– Não tenho certeza sobre esse plano. Esperar a União e coisa e tal. Parece meio arriscado, se você me perguntar. Alguma chance de eu mudar de opinião agora?

Cachorrão não riu. Não lhe restava nenhum riso.

– Não muita.

– É. – O gigante soltou um suspiro pesado. – Acho que não.

Sete dias desde que os shankas haviam chegado pela primeira vez às muralhas. Sete dias, e pareciam sete meses. Logen não tinha um único músculo que não doesse, devido ao esforço intenso. Estava coberto por uma legião de hematomas, uma multidão de arranhões, um exército de cortes, pancadas e queimaduras. O corte comprido na perna fora coberto por uma bandagem, as costelas tinham sido amarradas e apertadas por causa dos chutes, havia um par

de feridas secas de bom tamanho no couro cabeludo, seu ombro ficara rígido feito madeira onde levara a pancada de um escudo e os nós de seus dedos estavam ralados e inchados depois que ele tentara dar um soco num oriental e, em vez disso, acertara uma pedra. Ele era um enorme borrão de dor.

O restante do grupo estava pouco melhor. Praticamente não havia um homem em toda a fortaleza sem algum tipo de ferimento. Até a filha de Crummock havia se arranhado em algum lugar. Um dos rapazes de Tremedeira perdera um dedo dois dias atrás. O mindinho da mão esquerda. Ele o encarava agora, encolhido e com a mão enrolada num pano sujo e ensanguentado.

– Queima, não é? – disse ele, olhando para Logen e fechando e abrindo os outros dedos.

Logen deveria ter sentido pena. Lembrava-se da dor forte e do desapontamento ainda maior. De não conseguir acreditar que lhe faltaria um dedo pelo resto da vida. Mas não lhe restava pena para ninguém além de si mesmo.

– Queima, sim – grunhiu.

– Parece que ele ainda está aqui.

– É.

– Esta sensação passa?

– Com o tempo.

– Quanto tempo?

– Mais do que nós temos, provavelmente.

O sujeito assentiu, devagar e sério.

– É.

Sete dias, e até a pedra fria e a madeira molhada da fortaleza pareciam estar fartas. Os novos parapeitos desmoronavam e afundavam, eram sustentados do melhor modo possível, depois desmoronavam de novo. O portão fora retalhado a ponto de parecer lenha podre e a luz do dia atravessava suas fendas e batia nas pedras empilhadas atrás. Uma pancada firme poderia derrubá-lo. Uma pancada firme poderia derrubar Logen, por sinal, pelo modo como ele vinha se sentindo.

Tomou um gole de água azeda do cantil. Estavam chegando à água fétida do fundo dos barris. A comida era pouca, também, assim como todo o resto. O suprimento de esperança, em particular, estava baixo e diminuindo ainda mais.

– Ainda estou vivo – sussurrou sozinho, mas não havia muito triunfo nisso. Menos ainda do que o usual.

A civilização podia não ter sido do seu gosto, mas ter uma cama macia, lugar certo para mijar e um pouco de desdém por parte de alguns idiotas magricelos não pareciam uma opção tão ruim nesse momento. Ele estava ocupado perguntando a si mesmo, pela milésima vez, por que tinha voltado

quando ouviu a voz de Crummock-i-Phail atrás de si:

– Ora, ora, Nove Sangrento. Você parece cansado, homem.

Logen franziu a testa. A falação louca do montanhês começava a irritá-lo.

– O trabalho tem sido duro, para o caso de você não ter notado.

– Notei, e tive minha participação, não foi, minhas belezinhas?

Seus filhos se entreolharam.

– É? – disse a menina, numa voz minúscula.

Crummock franziu a testa para os três pequenos.

– Não gostam mais deste jogo, é? E você, Nove Sangrento? A Lua parou de sorrir, foi? Está apavorado, é?

Logen olhou com severidade para o gordo desgraçado.

– Estou é cansado, Crummock. Cansado da sua fortaleza, da sua comida e principalmente da porra da sua falação. Nem todo mundo gosta do som dos seus lábios gordos se mexendo tanto quanto você. Por que não cai fora e vê se consegue enfiar a Lua no cu?

Crummock abriu um sorriso, uma curva de dentes amarelos destacados da barba castanha.

– Esse é o homem que eu amo, esse aí.

Um dos seus filhos, o que carregava a lança, puxou sua camisa.

– Diabos! Que foi, garoto?

– O que acontece se a gente perder, papai?

– Se a gente o quê? – rosnou Crummock, e deu um tabefe na cabeça do filho com a mão enorme, derrubando-o de cara no chão. – De pé! Ninguém vai perder aqui, garoto!

– Não enquanto a Lua nos amar – murmurou a irmã, mas não muito alto.

Logen olhou para o garoto. Tentava ficar de pé, com a mão na boca ensanguentada e a ponto de chorar. Conhecia esse sentimento. Provavelmente deveria ter dito alguma coisa sobre como tratar uma criança. Talvez devesse ter dito no primeiro dia, ou mesmo no segundo. Agora, não. Estava cansado demais, dolorido demais e apavorado demais para se importar.

Barca Negra veio com passo frouxo, com algo que não era muito distante de um sorriso no rosto. Era o único homem em todo o acampamento que poderia ser considerado num humor melhor que o de costume, e você sabe que está na merda quando Barca Negra começa a sorrir.

– Nove Dedos – grunhiu ele.

– Barca Negra. Ficou sem homens para queimar, foi?

– Acho que Bethod vai me mandar mais alguns. – Ele meneou a cabeça na direção da muralha. – O que você acha que ele vai mandar hoje?

– Depois do que demos a eles na noite passada, acho que aqueles

desgraçados de Crinna estão praticamente acabados.

– Selvagens malditos. Acho que estão mesmo.

– E faz dias que não aparece nenhum shanka.

– Quatro dias, desde que ele mandou os cabeças-achatadas.

Logen franziu os olhos para o céu, que clareava devagar.

– Parece que hoje o tempo vai ser bom. Tempo bom para armaduras e espadas e homens andando ombro a ombro. Tempo bom para tentar acabar com a gente. Não ficaria surpreso se ele mandasse os Carls hoje.

– Nem eu.

– Os melhores – disse Logen. – De antigamente. Não ficaria surpreso se visse Mecha Branca e Crendel Afiado e Pálido-Como-Neve e a porra do Ossinho e todo o resto passeando até o portão depois do desjejum.

Barca Negra bufou.

– Os melhores? Um bando de escrotos – disse e virou a cabeça para cuspir na lama.

– Não vou questionar.

– É mesmo? Você não lutou ao lado deles, em todos aqueles anos difíceis e malditos?

– Lutei. Mas não posso dizer que gostava muito deles.

– Bom, se servir de consolo, duvido que eles pensem muito bem de você ultimamente. – Barca Negra o encarou. – Quando foi que Bethod parou de servir para você, hein, Nove Dedos?

Logen o encarou de volta.

– É difícil dizer. Pouco a pouco, acho. Talvez ele tenha ficado pior com o passar do tempo. Ou talvez eu tenha ficado menos ruim.

– Ou talvez não haja espaço suficiente num lado só para dois caras tão ruins como vocês.

– Não sei. – Logen se levantou. – Você e eu trabalhamos muito bem juntos.

Afastou-se de Barca Negra pensando em como tinha sido fácil lidar com Malacus Quai, Ferro Maljinn e até Jezal dan Luthar.

Sete dias ali e cada um estava pulando no pescoço do outro. Todos com raiva, todos cansados. Sete dias. O único consolo era que já não teriam muitos dias mais.



– Eles estão vindo.

O olhar de Cachorrão mudou de direção rapidamente. Como a maioria das poucas coisas que Sinistro dizia, aquilo quase não precisaria ser dito. Todos podiam ver com tanta clareza quanto o sol nascendo. Os Carls de Bethod

estavam a caminho.

Não tinham pressa. Vinham rígidos e firmes, escudos pintados erguidos na frente, olhares fixos no portão. Estandartes balançando acima das cabeças. Símbolos que Cachorrão reconhecia de muito tempo atrás. Imaginou quantos daqueles homens lá embaixo teriam lutado ao lado dele. Quantos conhecia pelo nome. Quantos com quem teria bebido, comido, gargalhado teria agora que se esforçar ao máximo para mandar de volta à lama. Respirou fundo. O campo de batalha não é lugar para sentimentalismo, tinha dito Três Árvores certa vez, e ele concordava.

– Certo! – Cachorrão ergueu a mão e os homens ao redor, na torre, prepararam os arcos. – Esperem mais um minuto!

Os Carls pisavam com força na lama revirada e nas pedras partidas onde o vale se estreitava, passando pelos corpos de orientais e de shankas que ficaram retorcidos onde haviam caído, retalhados, esmagados ou crivados de flechas. Não hesitavam nem perdiam o passo: a muralha de escudos se movia à medida que eles se aproximavam, mas nunca se partia. Não aparecia a menor brecha.

– Eles marcham em formação cerrada – murmurou Tul.

– É. Cerrada demais. Desgraçados.

Agora estavam perto. Próximos o suficiente para Cachorrão ser obrigado a arriscar algumas flechas.

– Certo, rapazes! Mirem alto e deixem elas caírem!

A primeira saraivada partiu sibilando da torre, descreveu um arco alto e começou a cair sobre aquela coluna apertada. Os Carls moveram os escudos para recebê-las e flechas se cravaram na madeira pintada, ricochetearam em elmos e resvalaram em cotas de malha. Umas duas encontraram os alvos e alguém deu um uivo de dor. Buracos apareceram aqui e ali, porém os demais apenas continuaram sua marcha para a muralha.

Cachorrão franziu a testa ao olhar para os barris onde ficavam as flechas. Agora restava apenas um quarto delas, e a maioria fora arrancada dos mortos.

– Cuidado, agora! Escolham os alvos, rapazes!

– Uh – alertou Sinistro, apontando para baixo.

Um bom grupo de homens corria para fora do fosso, vestidos com couro rígido e gorros de aço. Formaram algumas fileiras bem-feitas, ajoelhados com as armas a postos. Bestas, como a União usava.

– Abaixar! – gritou Cachorrão.

Aquelas setas pequenas e malignas foram cuspidas numa rajada. Nesse ponto a maioria dos rapazes na torre estava bem escondida atrás do parapeito, mas um otimista que estava inclinado para fora recebeu uma seta na boca, oscilou e tombou, silencioso, da torre. Outro recebeu uma no peito e ficou

respirando com um chiado que parecia o vento através de um pinheiro partido.

– Certo! Mandem algo de volta para eles!

Todos se levantaram ao mesmo tempo e atiraram uma saraivada, as cordas zumbindo, cobrindo aqueles desgraçados com flechas que mergulhavam. Os arcos podiam não ter a mesma força, mas, devido à altura, as flechas ainda chegavam com ímpeto, e os besteiros de Bethod não tinham onde se esconder. Um bom número caiu para trás ou começou a se arrastar para longe, gritando e guinchando, mas a fileira da retaguarda avançou, devagar e firme, se ajoelhou e apontou suas bestas.

Outra saraivada de setas subiu sibilando. Homens se abaixaram e se jogaram no chão. Uma passou zunindo junto à cabeça de Cachorrão e ricocheteou na face da rocha atrás dele. Por pura sorte não fora espetado. Dois outros tiveram menos sorte. Um rapaz estava caído de costas, com um par de setas cravadas no peito, espiando para elas e sussurrando "merda" consigo mesmo sem parar.

– Desgraçados!

– Vamos devolver!

Flechas e setas começaram a se cruzar nas duas direções, homens gritando e mirando, todos com raiva e dentes trincados.

– Firmes! – gritou Cachorrão. – Firmes!

Mas ninguém o ouvia. Com o auxílio extra da altura e a cobertura da muralha, não demorou muito para os rapazes de Cachorrão terem vantagem. Os besteiros de Bethod começaram a recuar, depois uns dois largaram as armas e saíram correndo, um deles levando uma flechada nas costas. O restante começou a ir para o fosso, deixando os feridos a se arrastarem na lama.

– Uh – alertou Sinistro outra vez.

Enquanto eles estavam ocupados trocando disparos, os Carls haviam chegado ao portão, com escudos acima da cabeça por causa das pedras e flechas que os homens das montanhas jogavam neles. Haviam enchido o fosso um ou dois dias antes, e agora a coluna que os atacava se abria no meio e os homens com malha se moviam como se estivessem passando algo para a frente. Cachorrão captou um vislumbre do que era. Um tronco de árvore comprido e fino, cortado para ser usado como aríete, os galhos deixados curtos para que os soldados tivessem como segurá-lo firme. Cachorrão ouviu o primeiro estrondo do aríete trabalhando contra aquele arremedo lamentável de portão.

– Merda – murmurou.

Servos avançavam, com armas e armaduras leves, carregando escadas, contando com a velocidade para vencer a muralha. Algumas escadas foram empurradas para trás, mas eles eram rápidos e corajosos e se mantinham firmes

na tarefa. Logo havia dois grupos sobre a muralha, enquanto outros faziam pressão nas escadas, atrás, lutando com o pessoal de Crummock e saindo-se melhor simplesmente por estarem mais descansados e em maior número.

Houve um estrondo enorme e o portão cedeu. Cachorrão viu aquele tronco de árvore balançando uma última vez e empurrando para dentro uma banda do portão. Os Carls forçaram a outra e a abriram, com algumas pedras ricocheteando em seus escudos e caindo longe. Os poucos da frente começaram a passar pelo portão.

– Merda – disse Sinistro.

– Eles passaram – ofegou Cachorrão.

Viu os Carls de Bethod penetrarem naquela fenda estreita como uma maré coberta de malha, pisoteando o portão despedaçado com suas botas pesadas, empurrando as pedras para fora do caminho, com os escudos pintados erguidos, as armas polidas e preparadas. Dos dois lados os servos subiam em enxames pelas escadas e chegavam ao topo da muralha, empurrando os homens de Crummock de volta à passarela. Como um rio estourando uma represa, a tropa de Bethod fluiu para dentro da fortaleza invadida, primeiro num fio e logo numa torrente.

– Vou descer! – rosnou Tul e puxou sua espada longa da bainha.

Cachorrão pensou em tentar impedi-lo, mas então apenas assentiu, cansado, e viu o Cabeça de Trovão partir escada abaixo, com alguns outros atrás. Não havia sentido em ficar no caminho deles. Parecia que a hora estava próxima.

A hora em que cada homem escolhia como morrer.

Logen os viu passar pelo portão, subir a rampa e entrar na fortaleza. O tempo pareceu ficar lento. Viu cada desenho em cada escudo ficar nítido ao sol da manhã – árvore preta, ponte vermelha, dois lobos sobre campo verde, três cavalos em campo amarelo. Metal brilhava e relampejava – bordas de escudo, elos de malha, pontas de lança, gumes de espada. Eles vinham soltando seus gritos de batalha, agudos e finos, como tinham feito durante anos. O ar ia lento para dentro e para fora do nariz de Logen. Os servos e os homens das montanhas lutavam na muralha como se estivessem embaixo d’água, os sons abafados e impossíveis de entender. As palmas de suas mãos suavam, pinicavam e coçavam enquanto ele via os Carls invadirem. Não parecia ser verdade que ele precisasse partir para cima daqueles desgraçados e matar o máximo que pudesse. Que porcaria de ideia idiota!

Sentiu aquela necessidade poderosa, como sempre acontecia nesses momentos, uma necessidade de dar meia-volta e fugir. Ao redor sentia o medo

dos outros, o arrastar incerto dos pés, o esgueirar-se para trás. Um instinto bastante sensato, só que não havia para onde correr. Nenhum lugar, a não ser para a frente, para os dentes do inimigo, e com esperança de expulsá-lo antes que firmasse território. Não havia nada em que pensar. Era a única chance.

Assim, Logen levantou bem alto a espada do Artífice, deu um grito sem sentido e começou a correr. Ouviu os gritos ao redor, sentiu os homens movendo-se com ele, os empurrões e o chacoalhar das armas. O terreno, a muralha e os Carls para onde ele corria oscilavam. Suas botas batiam com força na terra, sua respiração rápida sibilava e chiava com o vento.

Viu os Carls se apressarem para ajeitar os escudos, formar uma parede, preparar as lanças e as armas, mas eles estavam numa baita confusão depois de passar pelo portão estreito, agitados com a massa de homens que gritava e os atacava. Os gritos de guerra morreram nas gargantas e os rostos deles passaram do triunfo para o choque. Uns dois, nas bordas, hesitaram e arrastaram os pés para trás, e então Logen e os outros estavam em cima deles.

Ele conseguiu se desviar de uma lança e acertou um bom golpe num escudo, com toda a força, esparramando o sujeito na lama. Golpeou a perna do Carl quando ele tentou se levantar, e a lâmina cortou a malha e deixou um talho comprido na carne, fazendo-o cair berrando de novo. Logen girou a lâmina para outro Carl, sentiu a espada do Artífice guinchar contra a borda de metal de um escudo e escorregar para dentro da carne. O homem gorgolejou e vomitou sangue na frente da cota de malha.

Logen viu um machado bater num elmo e deixar uma mossa do tamanho de um punho. Girou para fora do caminho de uma lança e ela se cravou nas costelas do homem ao seu lado. Uma espada acertou um escudo e fez lascas voarem nos seus olhos. Logen piscou, se desviou, escorregou na lama, fez um talho no braço que agarrou seu casaco e sentiu-o quebrar, balançando solto na manga da malha de ferro. Olhos se reviraram num rosto ensanguentado. Algo trombou em suas costas e quase o empurrou contra uma espada.

Praticamente não havia espaço para girar a arma, depois não havia espaço nenhum. Homens se comprimiam, esmagando-se através do portão, acrescentando uma força insensata à confusão no centro. Logen ficou espremido, ombro com ombro. Homens ofegavam e grunhiam, empurravam e se acotovelavam, golpeavam com facas e arranhavam rostos com os dedos. Pensou ter visto Ossinho na confusão, dentes à mostra num rosnado, o cabelo grisalho e comprido manchado com riscas de vermelho, gritando até enrouquecer. Tentou forçar caminho na direção dele, mas as marés cegas da batalha o arrastaram para longe e afastaram os dois.

Golpeou alguém por baixo de uma borda de escudo, encolheu-se ao sentir

algo furar seu quadril. Uma ardência longa, lenta, cada vez pior. Rosnou à medida que a lâmina cortava, sem girar, sem se cravar, apenas mantida ali enquanto ele era empurrado contra ela. Sacudiu-se com os cotovelos, com a cabeça, conseguiu se torcer para longe da dor, sentiu o molhado do sangue escorrendo pela perna. Viu-se com espaço, livrou a mão da espada, golpeou um escudo, abriu uma cabeça com um movimento para trás e depois se pegou sendo impelido contra ela, o rosto comprimido contra miolos quentes.

Viu, com o canto do olho, um escudo subir. A borda o acertou no pescoço, por baixo do queixo, jogou sua cabeça para trás e encheu seu crânio com uma luz ofuscante. Antes que percebesse, estava rolando, tossindo, retorcendo-se na imundície, entre as botas.

Arrastou-se para lugar nenhum, agarrando o chão, cuspindo sangue, botas chapinhando e fazendo força na lama a toda a volta. Engatinhou por uma escura floresta de pernas, aterrorizante e móvel, com gritos de dor e fúria vindo de cima junto com a luz falha. Pés o chutavam, pisoteavam, espancavam cada parte dele. Tentou se levantar e uma bota na boca o deixou sem forças de novo. Rolou ofegando e viu um Carl barbudo no mesmo estado, tentando se levantar da lama; impossível dizer de que lado ele estaria. Os olhos dos dois se encontraram por um momento, então uma ponta de lança reluzente surgiu do alto e acertou o Carl nas costas, uma, duas, três vezes. Ele ficou frouxo, o sangue jorrando pela barba. Havia corpos por toda parte, caídos de cara e de lado, largados no meio dos equipamentos quebrados, chutados e empurrados como bonecos, alguns ainda retorcendo-se, agarrando, grunhindo.

Logen guinchou quando uma bota desceu com força sobre sua mão, esmagando os dedos na lama. Conseguiu tirar uma faca do cinto e começou a golpear loucamente a perna em cima, os dentes ensanguentados trincados. Algo o acertou no topo da cabeça e o fez se esparramar de cara no chão outra vez.

O mundo virou um borrão barulhento, uma mancha dolorosa, uma massa de pés e raiva. Ele não sabia para onde estava virado, qual lado era em cima e qual era embaixo. A boca sedenta tinha gosto metálico. Havia sangue em seus olhos, lama nos olhos, a cabeça latejava, ele queria vomitar.

Voltar ao Norte e se vingar. No que ele estava pensando, porra?

Alguém gritou, atingido por uma seta de besta, mas Cachorrão não tinha tempo de se preocupar.

Os servos de Mecha Branca estavam sobre a muralha, abaixo da torre, e alguns poucos tinham chegado à escada. Agora iam na direção dela, atacando, ou fazendo o mais próximo de um ataque que poderiam conseguir naqueles

degraus estreitos. Cachorrão baixou seu arco, tirou a espada da bainha e deixou uma faca preparada na outra mão. Alguns outros pegaram lanças e se reuniram no topo da escada enquanto os servos subiam. Cachorrão engoliu em seco. Nunca fora bom em lutas assim, mais perto do inimigo que o comprimento de um machado. Preferiria manter as coisas a uma distância educada, mas não parecia ser isso que aqueles desgraçados tinham em mente.

Uma luta desajeitada começou no topo dos degraus, defensores cutucando com lanças, tentando empurrar os servos, eles cutucando de volta, empurrando com escudos, buscando firmar pé na plataforma do topo, todo mundo tomando cuidado para não sofrer uma longa queda de volta à lama.

Um deles conseguiu passar com uma lança, gritando a plenos pulmões, e Sinistro acertou uma flecha em seu rosto, absolutamente frio, a menos de dois passos de distância. O homem cambaleou um ou dois passos, se curvou com as penas da flecha projetando-se da boca e a ponta na nuca, e então Cachorrão decepou o topo de sua cabeça com a espada e fez o cadáver despencar.

Um servo grande, de cabelos ruivos, saltou para cima, brandindo um machado enorme e rugindo feito louco. Passou ao largo de uma lança e derrubou um arqueiro com um golpe que espalhou sangue na face da rocha, então atravessou a confusão, espalhando pessoas para fora de seu caminho.

Cachorrão vacilou, tentando parecer idiota, e então, quando o machado desceu, se desviou para a esquerda e a lâmina o errou por um fio de cabelo. O servo ruivo tropeçou, cansado depois de passar por cima da muralha e subir todos aqueles degraus, provavelmente. Era um longo caminho para subir, ainda mais sem ter nada além da própria morte no fim. Cachorrão chutou com força a lateral do joelho dele e a perna do sujeito se dobrou. O homem gritou e cambaleou em direção à borda da escada. Cachorrão o golpeou com a espada e abriu um talho nas costas dele com força suficiente para mandá-lo ao chão. Ele largou o machado e gritou enquanto despencava no vazio.

Cachorrão sentiu algo se mexer e se virou bem a tempo de ver outro servo vindo pela lateral. Girou e aparou o primeiro golpe de espada, ofegou ao sentir o segundo bater frio em seu braço, ouviu sua espada cair da mão frouxa. Afastou-se rápido de outro golpe, mas tropeçou e caiu de costas. O servo foi para cima dele, espada erguida para terminar o serviço, só que, antes que desse mais do que um passo, Sinistro surgiu, agarrou o braço que segurava a espada e o prendeu firme. Cachorrão se levantou com dificuldade, segurando a faca com a mão boa, e golpeou o servo bem no peito. Os três ficaram ali, embolados, ainda no meio de toda aquela loucura, por todo o tempo que demorou até o homem morrer. Então Cachorrão puxou a faca e Sinistro o deixou cair.

Tinham vencido na torre, pelo menos por ora. Só restava um servo de pé e,

enquanto Cachorrão olhava, dois de seus rapazes o encurralaram no parapeito e o empurraram, furando-o com suas lanças. Havia cadáveres espalhados por toda parte. Umas duas dúzias de servos, talvez uma dúzia dos rapazes de Cachorrão. Um deles estava encostado na face do rochedo, o peito arfando, o rosto totalmente pálido, as mãos apertando a barriga rasgada.

A mão de Cachorrão não funcionava direito, os dedos pendiam inúteis. Ele levantou a manga e viu um talho comprido do cotovelo até quase o pulso escorrendo sangue. Suas entranhas se reviraram e ele tossiu e cuspiu um bocado de vômito que saiu provocando ardência. A gente pode se acostumar aos ferimentos dos outros, mas cortes na própria carne são sempre horríveis.

Lá embaixo, dentro da muralha, a luta não passava de uma massa fervilhante comprimida. Cachorrão nem conseguiria dizer que homens estavam de que lado. Ficou imóvel, a faca ensanguentada apertada na mão cheia de sangue. Agora não havia respostas nem planos. Era cada um por si. Se chegassem ao fim do dia vivos, seria apenas por sorte, e ele começava a duvidar de que lhe restava muita. Sentiu alguém puxar sua manga. Era Sinistro. Direcionou os olhos até o lugar para onde o dedo dele apontava.

Atrás do acampamento de Bethod, lá embaixo no vale, uma grande nuvem de poeira vinha subindo, uma névoa marrom. Por baixo, reluzindo ao sol da manhã, armaduras de cavaleiros. Sua mão apertou com força o pulso de Sinistro, com a esperança subitamente voltando a ganhar vida.

– A porra da União! – ofegou, mal ousando acreditar.

West forçou a vista na luneta, baixou-a e observou o vale acima, depois olhou através da lente outra vez.

– Tem certeza?

– Sim, senhor. – O rosto grande e honesto de Jalenhorm estava riscado com a sujeira de oito dias de cavalgada intensa. – E parece que eles continuam se sustentando, mas por pouco.

– General Poulder! – chamou West rispidamente.

– Lorde marechal? – murmurou Poulder com o recém-adquirido verniz de puxa-saquismo.

– A cavalaria está pronta para um ataque?

O general piscou.

– Eles não estão adequadamente organizados, marcharam pesado durante os últimos dias e iriam atacar morro acima, sobre terreno irregular e contra um inimigo forte e decidido. Eles farão o que o senhor ordenar, claro, lorde marechal, mas talvez seja prudente esperar que nossa infantaria…

– A prudência é um luxo.

West franziu a testa para aquele espaço inóspito entre os dois penhascos. Atacar logo, enquanto Cachorrão e seus nórdicos ainda se sustentavam? Eles poderiam aproveitar a vantagem da surpresa e esmagar Bethod no meio, mas a cavalaria estaria atacando morro acima, com homens e montarias desorganizados e fatigados pela dura marcha. Ou esperar a chegada da infantaria, que vinha algumas horas atrás, e montar uma ofensiva bem planejada? Mas nesse ponto será que Cachorrão e seus amigos teriam sido trucidados até o último homem, a fortaleza estaria tomada e Bethod bem preparado para enfrentar o inimigo que viria apenas por um lado?

West mordeu o lábio, tentando ignorar o fato de que milhares de vidas dependiam de sua decisão. Atacar agora era correr o maior risco, mas poderia oferecer as maiores recompensas. Uma chance de acabar com essa guerra em uma hora de sangue. Talvez jamais voltassem a pegar o rei dos nórdicos desprevenido. O que Burr dissera na noite antes de morrer? Não é possível ser um grande líder sem ser um pouco… implacável.

– Prepare a ofensiva e disponha nossa infantaria do outro lado da boca do vale assim que ela chegar. Precisamos impedir que Bethod e qualquer de suas forças escapem. Se forem necessários sacrifícios, pretendo que tenham significado.

Poulder não parecia nem um pouco convencido.

– Vai me obrigar a concordar com a avaliação do general Kroy sobre suas qualidades de guerreiro, general Poulder? Ou pretende mostrar que nós dois estamos errados?

O general ficou em posição de sentido, os bigodes vibrando com sua disposição renovada.

– Respeitosamente, senhor, pretendo mostrar que estão errados! Ordenarei a ofensiva imediatamente.

Ele esporeou seu cavalo negro e partiu pelo vale seguido por vários membros de seu estado-maior, em direção ao lugar onde a cavalaria empoeirada se reunira. West se remexeu na sela, mordendo o lábio com preocupação. Sua cabeça começava a doer outra vez. Uma carga morro acima, contra um inimigo feroz.

O coronel Glokta sem dúvida riria da perspectiva de um jogo tão mortal. O príncipe Ladisla aprovaria um descaso tão arrogante em relação à vida dos outros. Lorde Smund teria dado tapinhas em costas e falado sobre energia e vigor, depois pediria vinho.

E veja só o que fora feito desses três heróis.

Logen escutou um rugido forte, mas distante e irreconhecível. A luz penetrou em seus olhos semicerrados, como se a luta estivesse sendo escancarada. Sombras estremeciam. Uma grande bota chapinhou na imundície diante de seu rosto. Vozes berraram lá em cima. Sentiu-se agarrado pela camisa, arrastado pela lama, pés e pernas sacudindo a toda a volta. Viu o céu, dolorosamente brilhante, piscou e babou para ele. Ficou deitado imóvel, frouxo feito um trapo.

– Logen! Você está bem? Foi ferido?

– Eu… – grasnou, depois começou a tossir.

– Consegue me reconhecer?

Algo bateu no rosto de Logen e deu início a alguma atividade, ainda que lenta, em sua cabeça. Uma silhueta emaranhada se destacava acima dele, escura contra o céu luminoso. Logen estreitou os olhos. Era Tul Duru Cabeça de Trovão, a não ser que estivesse muito enganado. Que diabo ele estava fazendo ali? Pensar era doloroso. Quanto mais Logen pensava, mais dor sentia. Seu queixo pegava fogo, parecia ter o dobro do tamanho normal. Cada respiração era um tremor cheio de baba.

Acima dele, a boca do grandalhão se moveu e as palavras trovejaram e retiniram contra os ouvidos de Logen, mas não passaram de ruído. Sua perna comichava. Distantes, as batidas de seu coração saltavam, espremiam e socavam sua cabeça. Ele ouvia sons estrondeando e chacoalhando, vindos de todos os lados, e os próprios sons doíam, faziam seu queixo queimar mais ainda, insuportáveis.

– Saia…

O ar raspava e estalava na garganta, mas nenhum som saía. Não era mais sua voz. Estendeu a mão, com as últimas forças, encostou a palma no peito de Tul e tentou empurrá-lo para longe, mas o grandalhão apenas segurou sua mão e a apertou.

– Está tudo bem – grunhiu ele. – Eu estou com você.

– É – sussurrou Logen, e um sorriso se abriu em sua boca ensanguentada.

Ele agarrou aquela mão enorme com uma força súbita, terrível, e com o outro punho encontrou o cabo de uma faca, apertada e quente contra sua pele. A lâmina saltou, rápida como a cobra e igualmente mortal, e se cravou até o cabo no pescoço do grandalhão. Ele pareceu surpreso quando o sangue quente jorrou da garganta aberta, escorreu da boca escancarada, encharcou a barba densa, pingou do nariz e desceu pelo peito, mas não deveria ter se surpreendido.

Tocar o Nove Sangrento era tocar a morte, e a morte não tem favoritos e

não faz exceções.

O Nove Sangrento se levantou, empurrando o grande cadáver para longe, e seu punho vermelho se fechou na espada do gigante, uma enormidade de metal com brilho de estrela, escura e linda, uma ferramenta digna do trabalho que o esperava. Muito trabalho.

Mas o bom trabalho é a melhor das bênçãos. O Nove Sangrento abriu a boca e berrou seu amor sem fim e seu ódio interminável num uivo longo. O terreno se estendia abaixo dele, e a batalha arfante, retorcida, linda, estendeu as mãos e o pegou em seu abraço suave, e ele estava em casa.

Os rostos dos mortos se mexiam, ficavam turvos ao redor, rugindo seus palavrões e berrando sua raiva. Mas o ódio que sentiam dele só o tornava mais forte. A espada longa jogava homens para fora de seu caminho e os deixava torcidos e dilacerados, talhados e babando, uivando de felicidade. Quem lutava contra quem não era da sua conta. Os vivos estavam de um lado e ele estava do outro, e escavou um caminho vermelho e justo através das fileiras.

Um machado relampejou ao sol, uma curva luminosa feito a lua minguante, e o Nove Sangrento deslizou pelo chão e chutou um homem para longe com sua bota pesada. O sujeito levantou um escudo, mas a grande espada partiu a árvore pintada e a madeira por baixo, e o braço por baixo, e abriu a malha por trás como se não passasse de uma teia de aranha, e rasgou sua barriga como se ela fosse um saco de cobras furiosas.

Um menino se encolheu e foi deslizando de costas para trás. Agarrou um grande escudo e um machado pesado demais para ele levantar. O Nove Sangrento riu do medo dele, os dentes à mostra brilhando no sorriso. Uma voz minúscula pareceu sussurrar pedindo que ele se contivesse, mas o Nove Sangrento praticamente não a escutou. Sua espada girou e partiu o escudo grande e o menino pequeno ao mesmo tempo e fez espirrar sangue na terra, na pedra e nos rostos abalados dos homens que assistiam.

– Bom – disse ele e mostrou seu sorriso ensanguentado.

Ele era o Grande Nivelador. Homem ou mulher, jovem ou velho, todos eram tratados exatamente do mesmo jeito. Essa era a beleza brutal, a simetria medonha, a justiça perfeita daquilo. Não poderia haver fuga nem desculpas. Ele avançou, mais alto do que as montanhas, e os homens arrastaram os pés, murmuraram e se espalharam para longe. Um círculo de escudos, de desenhos pintados, de árvores floridas, água ondulando e rostos rosnando.

As palavras deles faziam cócegas em seus ouvidos:

– É ele.

– Nove Dedos.

– O Nove Sangrento!

Um círculo de medo, com ele no centro, e todos eram sábios por temer.

A morte deles estava escrita nas manchas de sangue doce no chão amargo. A morte deles vinha sussurrada no zumbido das moscas nos cadáveres do outro lado da muralha. A morte deles fora gravada nos rostos, carregada no vento, segura na linha torta entre as montanhas e o céu. Homens mortos, todos.

– Quem é o próximo a ir para a lama? – sussurrou.

Um Carl ousado avançou, segurando um escudo com uma serpente enrolada. Antes que pudesse ao menos levantar a lança, a espada do Nove Sangrento havia feito um círculo grande acima do topo do escudo e abaixo da base do elmo. A ponta da lâmina roubou o maxilar de sua cabeça, se cravou no ombro do homem ao lado, penetrou fundo seu peito e o jogou na terra, com sangue voando da boca silenciosa. Outro homem surgiu e a espada baixou sobre ele como uma estrela cadente, esmagou seu elmo e o crânio sob ele, descendo até a boca. O corpo caiu de costas e dançou alegre no chão.

– Dance! – gargalhou o Nove Sangrento, e sua espada girou ao redor.

Ele encheu o ar com sangue, armas quebradas, pedaços de homens, e essas coisas boas escreviam cartas secretas e descreviam padrões sagrados que só ele podia ver e entender. Lâminas laceravam, arranhavam e furavam sua carne, mas não eram nada. Ele devolvia cada marca em sua pele ardente multiplicada por cem, e o Nove Sangrento gargalhava, e o vento e o fogo e os rostos nos escudos gargalhavam com ele e não podiam parar.

Ele era a tempestade nos Lugares Altos, sua voz era terrível como o trovão, o braço tão rápido, tão mortal e implacável quanto o relâmpago. Cravou a espada nas tripas de um homem, puxou-a de volta e esmagou a boca de outro com o cabo, arrancou a lança dele com a mão livre e cravou-a no pescoço de um terceiro, abriu o flanco de um Carl que passava. Girava, rodava, rolava, tonto feito um bêbado, cuspindo fogo e gargalhadas. Forjou um círculo novo ao redor. Um círculo com a largura da espada do gigante. Um círculo onde o mundo pertencia a ele.

Agora seus inimigos espreitavam para além do limite do círculo, arrastavam os pés para longe, cheios de medo. Eles o conheciam, dava para ver nos rostos. Tinham ouvido sussurros sobre sua obra, e agora ele lhes dera uma lição sangrenta, e eles sabiam da verdade, e ele sorriu ao vê-los ser esclarecidos. O que estava mais à frente levantou a mão aberta, se curvou no chão e pousou o machado.

– Você está perdoado – sussurrou o Nove Sangrento, e deixou a própria espada cair.

Então deu um salto à frente e agarrou o homem pelo pescoço, levantando-o no ar com as duas mãos. Ele se sacudiu, chutou e lutou, mas o aperto rubro do

Nove Sangrento é o gelo que incha e explode os próprios ossos da terra.

– Você está perdoado!

As mãos dele eram feitas de ferro e os polegares penetraram mais e mais fundo no pescoço do sujeito até que o sangue brotou sob eles, e ele levantou o cadáver que chutava, com os braços esticados, e o segurou no alto, até que ele parou. Jogou-o longe, e ele caiu na lama e foi rolando e rolando de um modo que o agradou muito.

– Perdoado…

O Nove Sangrento caminhou até o arco iluminado passando por uma multidão que se encolhia, como ovelhas afastando-se do lobo, deixando um caminho lamacento no meio, cheio de escudos e armas caídos. Do outro lado, ao sol, cavaleiros com armaduras brilhantes se moviam pela poeira do vale, com as espadas cintilando ao subir e descer, encurralando gente que corria para um lado e para outro, cavalgando no meio dos estandartes altos que tremulavam suavemente ao vento. Parou naquela passagem rústica, com o portão quebrado sob suas botas e os cadáveres de seus amigos e inimigos espalhados ao redor, e ouviu os sons de homens comemorando a vitória.

Então Logen fechou os olhos e respirou.

Tantos senhores

APESAR DO DIA quente de verão lá fora, o salão da casa bancária era um lugar fresco, mortiço e de penumbra. Um lugar cheio de sussurros e ecos suaves, construído com mármore bem cortado e escuro, feito uma tumba nova. Os finos raios de sol que atravessavam as janelas estreitas se enchiam de poeira em movimento. Não havia cheiro propriamente dito. *A não ser o fedor da desonestidade, que até eu acho insuportável. O ambiente pode ser mais limpo do que a Casa das Perguntas, mas suspeito que haja mais verdade sendo dita entre os criminosos.*

Não havia pilhas de lingotes de ouro brilhantes à mostra. Não havia sequer uma única moeda à vista. Só penas, tinteiros e pilhas de papéis empoeirados. Os empregados da Valint e Balk não vestiam mantos fabulosos como usara o mestre Kault, da Guilda dos Mercadores de Tecidos. Não usavam joias ofuscantes como a mestra Eider, da Guilda dos Mercadores de Especiarias. Eram homens pequenos, vestidos de cinza, com expressões sérias. O único brilho era de algum par de óculos sóbrios.

Então esta é a imagem da verdadeira riqueza. É a imagem do verdadeiro poder. O templo austero da deusa dourada. Olhou os funcionários que trabalhavam em suas organizadas pilhas de documentos, em mesas arrumadas em fileiras simétricas. *Ali estão os acólitos, iniciados nos mais baixos mistérios da igreja*. Seu olhar foi em direção a quem aguardava atendimento. Mercadores e prestamistas, lojistas e trapaceiros. Comerciantes e trambiqueiros de pé em filas compridas ou esperando nervosos em cadeiras duras junto às paredes duras. Roupas finas, talvez, mas modos ansiosos. *A congregação temerosa, pronta para se encolher caso a divindade do comércio mostre seu lado vingativo.*

Mas eu não sou uma das criaturas dela. Glokta abriu caminho pela fila comprida, com a ponta da bengala guinchando alto nos ladrilhos, rosnando, para o caso de algum dos mercadores ousar olhar em sua direção:

– Eu sou aleijado!

O funcionário piscou para ele quando Glokta chegou à frente da fila.

– Em que posso…

– Mauthis – rosnou Glokta.

– E quem devo dizer que está…

– O aleijado. – *Leve-me ao sumo sacerdote, para que eu possa limpar meus crimes em cédulas bancárias.*

– Não posso simplesmente…

– Esperávamos pelo senhor! – Outro funcionário, algumas fileiras atrás, havia se levantado de sua mesa. – Por favor, venha comigo.

Glokta deu um risinho de desprezo para a fila infeliz e foi mancando entre as mesas até uma porta na parede mais distante forrada de lambris, mas seu sorriso não durou. Atrás dela havia uma escada alta, com a luz descendo de uma janela estreita no topo.

O que é que há com os poderosos, que precisam ficar em um lugar mais alto do que todo mundo? Será que ninguém pode ser poderoso no andar térreo? Xingou e lutou atrás do guia impaciente, depois arrastou a perna inútil por um longo corredor com muitas portas altas dos dois lados. O funcionário bateu humildemente a uma delas, esperou um "Sim?" abafado e a abriu.

Mauthis permaneceu sentado a sua mesa monumental e observou Glokta entrar mancando. Seu rosto poderia ser esculpido em pedra, por todo o calor e as boas-vindas que demonstrava. Na vastidão de couro cor de sangue diante dele, penas, tinteiros e pilhas organizadas de papéis estavam arrumados com toda a precisão implacável de recrutas num desfile.

– O visitante que o senhor aguardava. – O funcionário avançou rapidamente com um maço de documentos. – E também há isto para o senhor.

Mauthis virou os olhos sem emoção para os papéis.

– Sim… sim… sim… sim… tudo isso para Talins…

Glokta não esperou um convite. *Já senti dor por muito tempo para fingir que não sinto.* Deu um passo forçado e se deixou cair na cadeira mais próxima, fazendo o couro rígido estalar desconfortavelmente embaixo da bunda dolorida. *Mas vai servir.*

Os papéis estalavam ao ser folheados por Mauthis, que rabiscava o nome com sua pena na parte de baixo de cada um. Ele parou no último.

– E não. Isto deve ser cobrado imediatamente.

Ele estendeu a mão, pegou um carimbo com o cabo de madeira polido pelo uso e o balançou com cuidado na almofada de tinta vermelha. O carimbo bateu com força no papel, com uma implacabilidade perturbadora. *E a vida de algum mercador é esmagada sob aquele carimbo, é? Isso é ruína e desespero, aplicados com tanto descaso? Isso são esposas e filhos jogados na rua? Aqui não existe sangue, não há gritos, no entanto homens são destruídos tão completamente quanto na Casa das Perguntas, e com uma fração do esforço necessário lá.*

O olhar de Glokta seguiu o funcionário, que saiu às pressas com os documentos. *Ou será meramente um recibo de 10 tostões recusado? Quem sabe?* A porta foi fechada, com suavidade e precisão, com um estalo sutil.

Mauthis parou apenas para alinhar sua pena com a borda da mesa, depois levantou os olhos para Glokta.

– Fico muito grato que o senhor tenha respondido tão prontamente.

Glokta bufou.

– O tom do seu bilhete não parecia permitir demora. – Ele se encolheu ao levantar a perna dolorida com as mãos e colocar a bota suja na cadeira ao lado. – Espero que retribua o favor e vá direto ao ponto. Estou extremamente ocupado. – *Tenho magos a destruir e reis a derrubar e, se não puder fazer uma coisa nem outra, tenho uma reunião para que cortem minha garganta e me joguem no mar.*

O rosto de Mauthis não esboçou sequer um tremor.

– De novo, acho que meus superiores não estão muito satisfeitos com a direção de suas investigações.

É mesmo?

– Seus superiores são pessoas com bolsos fundos e paciência rasa. O que ofende suas sensibilidades delicadas agora?

– Sua investigação sobre a linhagem do nosso novo monarca, Sua Augusta Majestade, o rei Jezal I.

Glokta sentiu o olho estremecer e encostou a mão nele. Lambeu as gengivas azedas.

– Em particular, suas indagações sobre a pessoa de Carmee dan Roth, as circunstâncias de seu falecimento precoce e a amizade dela com nosso rei anterior, Guslav V. Será que fui direto ao ponto o suficiente para seu gosto?

Na verdade, um pouco mais do que eu gostaria.

– Essas investigações praticamente nem começaram. Acho surpreendente que seus superiores estejam tão bem informados. Eles adquirem as informações numa bola de cristal ou num espelho mágico? – *Ou de alguém na Casa das Perguntas que gosta de falar? Ou de alguém ainda mais próximo de mim, talvez?*

Mauthis suspirou, ou pelo menos permitiu que um pouco de ar saísse do nariz.

– Eu avisei ao senhor que presumisse que eles sabem de tudo. O senhor descobrirá que isso não é exagero, sobretudo se optar por tentar enganá-los. Eu o aconselharia enfaticamente a não tomar esse rumo.

– Pode acreditar – murmurou Glokta com os lábios contraídos. – Não tenho o menor interesse em saber quem são os pais do rei, mas Sua Eminência exigiu, e espera ansiosamente, um relatório sobre meu progresso. O que devo dizer a ele?

Mauthis o encarou com uma expressão de simpatia. *O máximo de simpatia que uma pedra pode sentir por outra.*

– Meus empregadores não se importam com o que o senhor dirá a ele, desde que lhes obedeça. Percebo que o senhor se encontra numa situação difícil, mas, falando de modo direto, superior, não vejo saída. Quem sabe o senhor possa ir ao arquileitor e colocar diante dele toda a história de nosso envolvimento. O presente que o senhor aceitou de nossos empregadores, as condições sob as quais ele foi dado, a consideração que o senhor já nos demonstrou. Talvez Sua Eminência seja mais capaz de perdoar as lealdades divididas do que aparenta.

– Humpf – bufou Glokta. *Se eu não o conhecesse, quase poderia confundir isso com uma piada. Sua Eminência só é um pouquinho menos capaz de perdoar do que um escorpião, e nós dois sabemos disso.*

– Ou o senhor pode honrar seu compromisso com meus empregadores e fazer o que eles exigem.

– Eles pediram favores quando eu assinei a porcaria do recibo. Agora fazem exigências? Onde isso vai parar?

– Não cabe a mim dizer, superior. Nem ao senhor perguntar. – Os olhos de Mauthis se voltaram para a porta. Ele se inclinou sobre a mesa e falou baixinho: – Mas se minha experiência vale alguma coisa… isso não vai parar. Meus empregadores pagaram. E eles sempre recebem aquilo pelo que pagam. Sempre.

Glokta engoliu em seco. *Parece que, neste caso, eles pagaram por minha vil obediência. Em geral isso não seria uma dificuldade, claro; sou tão absolutamente vil quanto qualquer pessoa, ou mais ainda. Mas o arquileitor exige a mesma coisa. O fato de eu ter dois senhores bem informados e igualmente implacáveis em oposição direta faz com que, tarde demais, eu comece a pensar que existe um além do necessário. Dois, alguns poderiam dizer. Mas, como Mauthis explica com tanta gentileza, eu não tenho saída.* Deslizou a bota para fora da cadeira, deixando uma longa risca de sujeira no couro, e ajeitou o peso dolorosamente para começar o longo processo de se levantar.

– Há mais alguma coisa ou seus empregadores desejam apenas que eu desafie o homem mais poderoso da União?

– Eles também desejam que o senhor o vigie.

Glokta se imobilizou.

– Desejam o quê?

– Houve uma grande mudança ultimamente, superior. Mudanças significam novas oportunidades, mas um excesso de mudanças é algo ruim para os negócios. Meus empregadores acham que ter um período de estabilidade é o melhor para o interesse de todo mundo. Eles estão satisfeitos com a situação. – Mauthis cruzou as mãos pálidas sobre o couro vermelho. – Eles se preocupam com a hipótese de que algumas figuras no governo não estejam satisfeitas. De que elas desejem mais mudanças ainda. De que suas ações impensadas levem ao

caos. Sua Eminência, em especial, os preocupa. Eles querem saber o que ele faz. O que ele planeja. Desejam, particularmente, saber o que ele faz na Universidade.

Glokta soltou uma gargalhada incrédula, cheia de perdigotos.

– Só isso?

A ironia foi desperdiçada com Mauthis.

– Por ora. Seria melhor se o senhor saísse pela porta dos fundos. Meus empregadores aguardam notícias dentro de uma semana.

Glokta fez uma careta enquanto lutava para descer a escada estreita nos fundos do prédio. Ia de lado feito um caranguejo, com suor brotando na testa, e não somente pelo esforço. *Como eles podem saber? Primeiro que eu estava investigando a morte do príncipe Raynault contra as ordens do arquileitor, e agora que estou investigando a mãe de Nossa Majestade a pedido do arquileitor? Devo presumir que eles sabem de tudo, claro, mas ninguém sabe nada sem que lhe contem.*

Quem… contou?

Quem fez as perguntas sobre o príncipe e sobre o rei? Quem deve lealdade ao dinheiro acima de tudo? Quem já me entregou uma vez para salvar a própria pele? Glokta parou um momento, no meio da escada, e franziu a testa. *Ora, ora. Agora é cada um por si? Será que sempre foi?*

A dor que subiu pela perna devastada foi a única resposta.

Doce vitória

WEST ESTAVA MONTADO em seu cavalo, os braços cruzados, olhando entorpecido o vale poeirento.

– Nós vencemos – disse Pike num tom sem emoção, o mesmo com que poderia ter dito “Perdemos”.

Dois estandartes esfrangalhados continuavam fincados, pendendo sem vida. A grande bandeira de Bethod tinha sido rasgada e pisoteada pelos cascos dos cavalos e agora sua estrutura nua se projetava num ângulo torto como ossos descarnados, acima da névoa de poeira que baixava. Um símbolo adequado para a queda súbita do rei dos nórdicos.

Poulder puxou as rédeas de seu cavalo ao lado de West, dando um sorriso afetado para a carnificina, como um professor diante de uma turma ordeira.

– Como nos saímos, general?

– Parece que as baixas foram pesadas, senhor, sobretudo nas nossas fileiras de vanguarda, mas o inimigo foi em grande parte tomado de surpresa. A maioria das melhores tropas deles já estava comprometida com o ataque à fortaleza. Como nossa cavalaria os pegou em desvantagem, nós os empurramos até a muralha! Limpamos o acampamento deles. – Poulder franziu o nariz, o bigode tremendo com aversão. – Passamos à espada várias centenas daqueles shankas diabólicos e expulsamos um número muito maior para os morros ao norte, de onde não duvido que eles sintam muita relutância em retornar. Fizemos entre os nórdicos uma carnificina capaz de satisfazer o próprio rei Casamir, e o restante depôs as armas. Acreditamos ter cinco mil prisioneiros, senhor. O exército de Bethod foi esmagado. Esmagado! – Deu um risinho de menina. – Ninguém pode negar que hoje o senhor vingou bem e realmente a morte do príncipe herdeiro Ladisla, lorde marechal!

West engoliu em seco.

– Claro. Ele foi bem e realmente vingado.

– Um golpe de mestre, usar nossos nórdicos como isca. Uma manobra ousada e decisiva. Eu me sinto e sempre me sentirei honrado por fazer minha pequena parte! É um dia glorioso para as armas da União! O marechal Burr ficaria orgulhoso!

Nunca na vida West esperaria receber elogios do general Poulder, mas, agora que o grande momento chegara, não sentia prazer. Não praticara nenhum ato de bravura. Não havia posto a própria vida em risco. Não tinha feito nada

além de ordenar o ataque. Estava esfolado pela sela e exausto, o queixo doía por estar constantemente travado de preocupação. Até falar parecia um esforço.

– Bethod está entre os mortos ou os capturados?

– Quanto aos prisioneiros específicos, senhor, eu não saberia dizer. Pode ser que nossos aliados nórdicos estejam com ele. – Poulder deu vazão a um risinho entrecortado. – Nesse caso, duvido que ficará conosco por muito tempo, hein, marechal? Hein, sargento Pike? – Riu enquanto passava o dedo por cima da barriga e estalava a língua. – Para ele vai ser a cruz sangrenta, não duvido! Não é o que esses selvagens fazem? A cruz sangrenta, não é?

West não viu a graça.

– Garanta que nossos prisioneiros recebam comida e água e toda a ajuda que pudermos dar aos feridos. Devemos ser generosos na vitória.

Parecia o tipo de coisa que um líder deveria dizer depois de uma batalha.

– Sim, lorde marechal – disse Poulder com uma saudação elegante, o próprio modelo de um subordinado obediente, depois puxou de lado as rédeas do cavalo, o esporeou e se afastou.

West deslizou de seu cavalo, juntou suas forças por um momento e começou a subir a pé pelo vale. Pike foi atrás, com a espada desembainhada.

– Cuidado nunca é demais, senhor – disse ele.

– É – murmurou West. – Acho que sim.

A longa encosta estava coalhada de homens, vivos e mortos. Os cadáveres dos cavaleiros da União permaneciam onde haviam caído. Com mãos ensanguentadas e rostos sérios, os médicos cuidavam dos feridos. Alguns homens estavam sentados chorando, talvez pelos colegas mortos. Alguns olhavam entorpecidos para os próprios ferimentos. Outros uivavam e gorgolejavam, pedindo ajuda ou água. Outros corriam para levar água a eles. Gentilezas finais para os agonizantes. Uma longa procissão de prisioneiros carrancudos serpenteava descendo o vale junto à face do penhasco, vigiados por soldados da União em suas montarias. Ali perto estavam montes de armas entregues em rendição, pilhas de cotas de malha, de escudos pintados.

West caminhou devagar pelo que havia sido o acampamento de Bethod, que, em meia hora de fúria, fora transformado em uma grande vastidão de entulho espalhado pela rocha nua e a terra dura. Os corpos retorcidos de homens e cavalos estavam misturados com as estruturas pisoteadas de tendas, lonas rasgadas e arrastadas, barris estourados, caixas quebradas, equipamento para cozinhar, costurar e lutar. Tudo pisoteado na lama revirada, com as marcas de cascos e botas.

No meio de todo esse caos, havia estranhas ilhas de calma, onde tudo parecia incólume, como devia ter estado antes que West ordenasse o ataque.

Uma panela continuava sobre uma fogueira em brasas, com cozido borbulhando dentro. Várias lanças permaneciam juntas, com ferramentas e pedra de amolar ao lado, prontas para serem afiadas. Três colchonetes formavam um triângulo perfeito, cobertores bem dobrados na cabeceira de cada um, tudo muito bem arrumado exceto por um homem caído em cima, com o conteúdo do crânio aberto esparramado na lã clara.

Não muito adiante, um oficial da União estava ajoelhado na lama, aninhando outro nos braços. West sentiu uma pontada de dor ao reconhecê-los. O de joelhos era seu velho amigo, o tenente Brint. O que estava caído era seu velho amigo, o tenente Kaspa. Por algum motivo, West sentiu uma ânsia avassaladora de se afastar, subir pela encosta sem parar e fingir que não os tinha visto. Precisou obrigar-se a se aproximar, a boca enchendo-se de saliva azeda.

Brint levantou os olhos, o rosto pálido riscado de lágrimas.

– Uma flecha – sussurrou. – Uma flecha perdida. Ele nem chegou a desembainhar a espada.

– Azar – grunhiu Pike. – Azar.

West olhou para baixo. Azar, mesmo. Dava para ver, na borda da barba de Kaspa, a haste partida de uma flecha, mas havia surpreendentemente pouco sangue. Poucas marcas de qualquer tipo. Um pouco de lama espirrada na manga do uniforme e só. Apesar de os olhos de Kaspa estarem vesgos e focando o nada, West não conseguia afastar a sensação de que eles se fixavam nos seus. Havia uma torção impertinente nos lábios, um franzido acusatório na testa. West quase sentiu vontade de lhe dar uma bronca por isso, exigir que ele explicasse o que queria dizer; depois precisou se lembrar de que o sujeito estava morto.

– Uma carta, então – murmurou West, os dedos inquietos. – Para a família dele.

Brint deu uma fungada sofrida que, por algum motivo, West achou absolutamente enfurecedora.

– É, uma carta.

– É. Sargento Pike, comigo.

West não conseguia suportar nem mais um instante ali. Deu as costas aos amigos, um vivo e um morto, e subiu pelo vale. Esforçava-se ao máximo para não pensar que, caso não tivesse ordenado o ataque, um dos homens mais agradáveis e inofensivos que já conhecera ainda estaria vivo. Talvez não se possa ser líder sem ser um tanto implacável. Mas a implacabilidade nem sempre é fácil.

Ele e Pike atravessaram com dificuldade um barranco de terra esmagada e um fosso pisoteado, o vale ficando cada vez mais estreito, os altos penhascos de pedra comprimindo-o dos dois lados. Havia mais cadáveres ali. Nórdicos,

homens selvagens como os encontrados em Dunbrec, e shankas também, todos espalhados no terreno. Agora West podia ver a muralha da fortaleza, pouco mais do que um calombo cheio de musgo na paisagem, com mais morte espalhada ao pé.

– Eles se sustentaram aqui durante sete dias? – murmurou Pike.

– É o que parece.

A única entrada era um arco rústico no centro da muralha, com o portão arrancado e caído em ruínas. Parecia haver três formas estranhas dentro. Quando chegou mais perto, West percebeu com algum desconforto o que eram. Três homens mortos, pendurados pelo pescoço, em cordas que iam até o topo da muralha, as botas frouxas balançando devagar, mais ou menos à altura do seu peito. Havia muitos nórdicos sérios reunidos em volta do portão, olhando com alguma satisfação os cadáveres pendurados. Um, em particular, virou o rosto estampando um riso cruel para West e Pike quando eles se aproximaram.

– Ora, ora, ora, se não é o meu velho amigo, o Furioso – disse Barca Negra. – Chegou tarde à festa, não foi? Você sempre foi lento, garoto.

– Houve algumas dificuldades. O marechal Burr morreu.

– Voltou para a lama, foi? Bem, pelo menos ele está em boa companhia. Muitos bons rapazes partiram nos últimos dias. Quem é o seu chefe agora?

West respirou fundo.

– Eu.

Barca Negra gargalhou e West se sentiu um pouco nauseado ao vê-lo rir.

– Grande chefe Furioso, imagine só! – Barca Negra se empertigou e fez uma imitação zombeteira da saudação da União enquanto os cadáveres giravam lentamente para cá e para lá atrás dele. – Você precisa conhecer meus amigos. Todos também são grandes homens. Este aqui é Crendel Afiado; lutava por Bethod há muito tempo. – Estendeu a mão e empurrou um corpo, viu-o oscilar para um lado e para outro. – Este aqui é Mecha Branca, e você não poderia achar um homem melhor para matar pessoas e roubar as terras delas. – Deu um empurrão no corpo seguinte, fazendo-o girar para um lado, depois de volta para o outro, os membros frouxos. – E este aqui é Ossinho. O desgraçado mais durão que eu já enforquei.

O último homem estava retalhado quase a ponto de só mostrar carne, a armadura com acabamento dourado amassada e afundada, um grande ferimento atravessando o peito e o cabelo grisalho pendendo grosso de sangue. Uma perna estava decepada abaixo do joelho e uma poça de sangue manchava o chão embaixo.

– O que aconteceu com ele? – perguntou West.

– Com o Ossinho? – respondeu o grande montanhês gordo, Crummock-i-

Phail, que fazia parte do grupo. – Morreu na batalha, lutando até o último homem, mais ali adiante.

– Foi mesmo – confirmou Barca Negra, e abriu para West um sorriso mais largo ainda do que o usual. – Mas acho que isso não é motivo para não enforcá-lo.

Crummock gargalhou.

– Não é motivo! – E sorriu para os três corpos que giravam e giravam, as cordas estalando. – Formam uma bela imagem, não é, pendurados aí? Dizem que a gente pode ver toda a beleza do mundo no modo como um enforcado balança.

– Quem diz? – perguntou West.

Crummock encolheu os ombros enormes.

– Dizem.

– Dizem, é? – West engoliu a náusea, passou entre os corpos pendurados e entrou na fortaleza. – Quem diz com certeza é um pessoal sedento de sangue.

Cachorrão tomou outro gole do cantil. Estava ficando bem bêbado, agora.

– Certo. Vamos, então.

Quando Sinistro enfiou a agulha, ele se encolheu, repuxou os lábios e sibilou por entre os dentes. Alguns furos e incômodos para acrescentar ao latejamento. A agulha atravessou a pele e puxou o fio, e o braço de Cachorrão começou a queimar cada vez mais. Tomou outro gole, balançando-se para trás e para a frente, mas isso não ajudou.

– Merda – disse baixinho. – Merda, merda!

Sinistro o encarou.

– Não olhe, então.

Cachorrão virou a cabeça. O uniforme da União seguia direto para ele. Pano vermelho no meio de toda aquela terra marrom.

– Furioso! – gritou Cachorrão, sentindo um sorriso no rosto, mesmo com toda a dor. – Que bom que conseguiu chegar! Muito bom mesmo!

– Melhor chegar tarde do que não chegar.

– Isso eu não posso questionar. É fato.

West olhou para Sinistro, que costurava o braço do chefe, e franziu a testa.

– Vocês estão bem? – perguntou de novo a Cachorrão.

– É, sabe… Tul morreu.

– Morreu? – West o encarou. – Como?

– Era uma batalha, não era? O objetivo é matar homens. – Balançou o cantil. – Fiquei sentado aqui, pensando no que poderia ter feito diferente. Impedir que ele descesse a escada, descer com ele para dar cobertura, ou fazer o

céu cair, ou todo tipo de ideias absurdas, nenhuma que ajude aos mortos ou aos vivos. Mas parece que não consigo parar de pensar.

West franziu a testa olhando para a terra esburacada.

– Pode ser um jogo sem vencedores.

– Ah, porra! – rosnou Cachorrão quando a agulha se cravou em seu braço de novo, depois jogou longe o cantil vazio. – Mas a porra desse negócio não tem vencedores, não é? À merda tudo isso.

Sinistro pegou sua faca e cortou a linha.

– Mexa os dedos.

O esforço de cerrar o punho fez o braço inteiro de Cachorrão queimar, mas ele obrigou os dedos a se fecharem e rosnou enquanto eles se apertavam.

– Parece bem – disse Sinistro. – Você tem sorte.

Cachorrão olhou consternado para a carnificina ao redor.

– Então a sorte é assim, é? Eu ficava imaginando como era.

Sinistro deu de ombros e rasgou um pedaço de pano para fazer um curativo.

– Vocês pegaram Bethod? – perguntou West.

Cachorrão olhou boquiaberto para ele.

– Vocês não pegaram?

– Temos um monte de prisioneiros, mas ele não está entre eles.

Cachorrão virou a cabeça e cuspiu seu nojo na lama.

– Nem a bruxa dele, nem seu Temível, nem nenhum dos filhos inchados, aposto.

– Imagino que eles estejam cavalgando para Carleon o mais depressa possível.

– É mais do que provável.

– Imagino que ele tentará juntar novas forças, encontrar novos aliados, preparar-se para um cerco.

– Não seria de espantar.

– Deveríamos segui-lo assim que os prisioneiros estiverem em segurança.

Cachorrão sentiu uma súbita onda de desespero, quase o suficiente para derrubá-lo.

– Pelos mortos. Bethod fugiu. – Gargalhou e sentiu lágrimas ardendo nos olhos no momento seguinte. – Será que um dia isso vai ter fim?

Sinistro terminou de enrolar a bandagem e amarrou bem apertada.

– Acabou.

Cachorrão o encarou.

– Acabou? Estou começando a achar que isso nunca vai acabar. – Estendeu a mão. – Me ajude aqui, Furioso. Tenho um amigo para enterrar.

Quando puseram Tul no chão, o sol estava baixo, espiando por cima do topo das montanhas e pintando as bordas das nuvens de ouro. Tempo bom para enterrar um homem bom. Ficaram de pé em volta da sepultura, todos espremidos. Havia muitos outros sendo enterrados, as palavras tristes por eles sendo choradas e sussurradas ao redor, mas Tul fora muito amado, nenhum homem mais que ele, de modo que se juntara uma multidão enorme. Mesmo assim, ao redor de Logen havia espaço. Um espaço vazio com a largura de um homem. O espaço que ele costumava ter ao redor nos velhos tempos, onde ninguém ousava ficar. Logen não os culpava. Ele mesmo fugiria, se pudesse.

– Quem quer falar? – perguntou Cachorrão, olhando-os um por um.

Logen olhou para os pés, incapaz de encará-lo, quanto mais de dizer uma palavra. Não sabia direito o que havia acontecido na batalha, mas podia imaginar. Podia imaginar bastante bem, pelo pouco de que se lembrava. Olhou ao redor, lambendo os lábios partidos, mas, se mais alguém sabia, manteve isso guardado.

– Ninguém vai dizer nenhuma palavra? – perguntou Cachorrão de novo, com a voz embargada.

– Acho que é melhor ser eu então, porra – falou Barca Negra.

Ele deu um passo adiante e olhou demoradamente para os outros ao redor. Pareceu a Logen que o olhar se demorou mais nele, mas provavelmente era apenas sua preocupação lhe pregando peças.

– Tul Duru Cabeça de Trovão – começou Barca Negra. – De volta à lama. Os mortos sabem que nós nem sempre víamos as coisas do mesmo modo, ele e eu. Não costumávamos concordar em nada, mas talvez fosse minha culpa, já que sou um desgraçado do contra na maior parte do tempo. Mas acho que agora me arrependo disso. E agora é tarde demais.

Puxou fundo o ar, a respiração entrecortada.

– Tul Duru. Todos os homens no Norte conheciam o nome dele e todos o dizia com respeito, até os inimigos. Ele era o tipo de homem… que dava esperança à gente, acho. Que dava esperança. Você quer força, é? Quer coragem? Quer que as coisas sejam feitas do modo certo, do modo antigo? – Ele meneou a cabeça para a terra recém-revirada. – Está aí. Tul Duru Cabeça de Trovão. Não procure mais longe, porra. Eu sou menos, agora que ele se foi, e todos vocês também.

E Barca Negra se virou e, de cabeça baixa, se afastou da sepultura em direção ao crepúsculo.

– Todos somos menos – murmurou Cachorrão, olhando para a terra com o

brilho de uma lágrima no olho. – Boas palavras.

Todos pareciam abalados, todos os que estavam ao redor da sepultura. West, Pike, Tremedeira e até Sinistro, todos abalados.

Logen queria se sentir como eles. Queria chorar. Pela morte de um homem bom. Pelo fato de que podia ter sido ele a causá-la. Mas as lágrimas não vinham. Franziu a testa olhando para a terra recém-mexida, enquanto o sol afundava por trás das montanhas e a fortaleza nos Lugares Altos ficava escura, e ele se sentia menos do que nada.

Se você quiser ser um homem diferente, precisa ir para lugares novos e fazer outras coisas, com pessoas que não o conhecem. Se voltar aos mesmos caminhos antigos, o que mais poderá ser, além da mesma pessoa de antes? É preciso ser realista. Ele havia brincado de ser um homem diferente, mas tudo fora mentira. Do tipo mais difícil de identificar. Do tipo que você conta a si mesmo. Ele era o Nove Sangrento. Esse era o fato e, por mais que ele se contorcesse, se espremesse e desejasse ser outra pessoa, não havia como fugir. Logen queria se importar.

Mas o Nove Sangrento não se importa com nada.

Despertar violento

JEZAL ESTAVA SORRINDO quando começou a acordar. Aquela missão maluca tinha acabado e logo ele estaria de volta a Adua. De volta aos braços de Ardee. Quente e em segurança. Aninhou-se nos cobertores enquanto pensava nisso. Depois franziu a testa. Ouviu um som de batidas na porta vindo de algum lugar. Abriu um pouco os olhos. Alguém sibilou para ele do outro lado do quarto e ele virou a cabeça.

Viu o rosto de Terez, pálido no escuro, olhando, irritada, por entre as cortinas da cama, e as últimas semanas lhe voltaram num jorro terrível. Terez tinha as mesmas feições do dia em que se casaram, sem dúvida, mas agora o rosto perfeito de sua rainha parecia feio e odioso.

O quarto real havia se tornado um campo de batalha. A fronteira, observada com determinação férrea, era uma linha invisível entre a porta e a lareira, que Jezal atravessava correndo perigo. O outro lado do quarto era território estiriano, e a cama portentosa era a cidadela mais fortificada de Terez, com as defesas aparentemente inexpugnáveis. Na segunda noite do casamento, talvez esperando que tivesse havido algum mal-entendido na primeira, mesmo sem muito empenho, ele montara um ataque, mas saíra dele de nariz sangrando. Desde então, sem esperança, tinha se assentado para um cerco longo e infrutífero.

Terez era o fingimento em pessoa. Ele dormia no chão, ou em algum móvel, jamais por tempo suficiente, ou onde ele quisesse, desde que não fosse com ela. Então, ao desjejum, ela sorria para ele e falava sobre nada, às vezes até colocava a mão sobre a dele, com carinho, quando sabia que estavam sendo observados. Ocasionalmente até fazia com que *ele* acreditasse que tudo estava bem, mas, assim que ficavam sozinhos, ela lhe dava as costas e o golpeava com silêncio, esfaqueava-o com olhares de tamanho escárnio e nojo épicos que ele sentia vontade de vomitar.

As damas de companhia se comportavam com pouco menos desprezo com relação a ele, sempre que Jezal tinha o infortúnio de se encontrar em sua presença cheia de sussurros. Uma, em particular, a condessa Shalere, que devia ser a a amiga mais íntima da esposa desde que eram bem pequenas, o olhava sempre com ódio assassino. Numa ocasião ele havia entrado abruptamente no salão onde as doze estavam sentadas ao redor de Terez, murmurando em estiriano. Ele se sentira como um menino camponês esbarrando numa assembleia de bruxas extremamente bem-arrumadas, todas entoando alguma

maldição sombria. Contra ele, era provável. Era levado a sentir-se o mais baixo e mais repulsivo animal vivo. E ele era o rei e estava no próprio palácio.

Por algum motivo inexplicável, ele vivia horrorizado de que alguém percebesse a verdade, mas, se algum serviçal notava, não dava sinal disso. Imaginava se deveria contar a alguém, mas a quem? E o quê? Lorde camarista, bom dia. Minha esposa se recusa a trepar comigo. Eminência, que prazer em vê-lo. Minha esposa nem olha para mim. Juiz supremo, como vai? A propósito, a rainha me despreza. Acima de tudo temia contar a Bayaz. Ele havia explicitamente alertado o mago para que se afastasse de seus assuntos pessoais, e agora não podia rastejar pedindo ajuda.

Assim, ele levava a falsa história adiante, arrasado e confuso, e, a cada dia em que fingia a felicidade conjugal, ficava mais e mais impossível enxergar uma saída. Tinha a vida inteira pela frente – sem amor, sem amigos e dormindo no chão.

– E então? – sibilou Terez.

– E então o quê? – rosnou ele em resposta.

– A porta!

Como se aproveitasse a deixa, houve uma batida na porta que a fez sacudir.

– Nada de bom jamais vem de Talins – sussurrou Jezal baixinho enquanto jogava longe as cobertas e lutava para se levantar do tapete.

Foi cambaleando com raiva pelo quarto e virou a chave na fechadura.

Gorst estava no corredor, com armadura completa, espada desembainhada e uma lanterna na mão. A luz batia numa das faces do rosto pesado e preocupado. De algum lugar no corredor veio o som de passos ecoando, de gritos confusos, o tremeluzir de lampiões distantes. Jezal franziu a testa, subitamente desperto. Não estava gostando daquilo.

– Majestade – disse Gorst.

– Que diabo está acontecendo?

– Os gurkenses invadiram a Terra do Meio.

Os olhos de Ferro se abriram bruscamente. Ela saltou do banco, os pés plantados bem separados, numa postura de luta, segurando com força a perna de mesa que arrancara. Xingou baixinho. Tinha caído no sono, e nada de bom acontecia quando ela dormia. Mas não havia ninguém no cômodo.

Estava tudo escuro e silencioso.

Nenhum sinal do aleijado nem de seus serviçais mascarados. Nenhum sinal dos guardas com armaduras que a observavam com os olhos estreitados sempre que ela dava um passo pelos corredores ladrilhados do maldito lugar. Apenas

uma minúscula réstia de luz por baixo da porta que levava ao quarto de Bayaz. Isso e um murmúrio de vozes. Franziu a testa e foi até lá, ajoelhando-se em silêncio diante do buraco da fechadura.

– Onde eles desembarcaram? – perguntou Bayaz, a voz abafada através da madeira.

– Os primeiros barcos chegaram no crepúsculo cinzento, nas praias vazias da ponta sul da Terra do Meio, perto de Keln.

Era Yulwei. Ferro sentiu um arrepio, a respiração saindo rápida e fria pelas narinas.

– Vocês estão preparados?

Bayaz bufou.

– Não poderíamos estar menos preparados. Eu não esperava que Khalul agisse tão cedo, ou tão de repente. Então eles desembarcaram à noite? Sem alarde. Lorde Brock não os viu chegar?

– Acho que ele viu bem demais e até os recebeu, seguindo algum acordo prévio. Sem dúvida o trono da União foi prometido a ele, assim que os gurkenses esmagassem toda a resistência e enforcassem o seu bastardo nos portões do Agriont. Ele será o rei, sujeito ao poder de Uthman-ul-Dosht, claro.

– Traição.

– De um tipo pouco notável. Não deveria chocar gente como nós, hein, irmão? Já vimos coisa pior, acho, e talvez também tenhamos feito coisa pior.

– Algumas coisas precisam ser feitas.

Ela ouviu Yulwei suspirar.

– Nunca neguei isso.

– Quantos gurkenses?

– Eles nunca vêm de um em um nem de dois em dois. Cinco legiões, talvez, até agora, mas são apenas a primeira leva. Muitos outros estão a caminho. Milhares. Todo o Sul se move para a guerra.

– Khalul está com eles?

– Por que estaria? Ele permanece em Sarkant, em seus jardins ensolarados nas montanhas, e espera notícias da sua destruição. Mamun os lidera. O fruto do deserto, três vezes abençoado e três vezes…

– Sei de que nomes ele se chama, aquele verme arrogante!

– Independentemente de como se chame, ele está ficando forte, e os Cem Palavras estão com ele. Estão aqui por sua causa, irmão. Vieram. Se eu fosse você, iria para longe. Para o Norte frio, enquanto ainda há tempo.

– E depois fazer o quê? Eles não vão me seguir? Devo fugir para a borda do Mundo? Eu estive lá, não faz muito tempo, e não é um lugar muito agradável. Ainda tenho algumas cartas na manga.

Uma longa pausa.

– Você encontrou a Semente?

– Não.

Outra pausa.

– Não lamento. Mexer com aquelas forças… distorcer a Primeira Lei, se não violá-la. A última vez em que aquela coisa foi usada causou a ruína de Aulcus e praticamente do mundo inteiro. É melhor que continue enterrada.

– Mesmo que nossas esperanças sejam enterradas junto?

– Há coisas mais importantes em risco do que minhas esperanças ou as suas.

Ferro não ligava a mínima para as esperanças de Bayaz – ou as de Yulwei, por sinal. Os dois a haviam enganado. Ela estava farta de suas mentiras, seus segredos e suas promessas. Não tinha feito nada além de falar, esperar e falar de novo por tempo de mais. Levantou-se, ergueu a perna e soltou um grito de guerra. Seu calcanhar acertou a fechadura e a arrancou do portal, abrindo a porta com violência. Os dois velhos estavam sentados a uma mesa ali perto, com um único lampião lançando luz sobre o rosto escuro e o pálido. Uma terceira pessoa estava sentada nas sombras do canto distante. Quai, silencioso e afundado na escuridão.

– Você não poderia ter batido? – perguntou Bayaz.

O sorriso de Yulwei era uma curva luminosa em sua pele escura.

– Ferro! Que bom ver você ainda…

– Quando os gurkenses vão chegar?

O sorriso dele sumiu e ele deu um longo suspiro.

– Vejo que você não aprendeu a ter paciência.

– Aprendi, depois fiquei sem nenhuma. Quando eles vão chegar?

– Logo. Os batedores já estão se movendo pelo interior da Terra do Meio, tomando os povoados e sitiando as fortalezas, tornando o país seguro para o resto que virá atrás.

– Alguém deveria impedir – murmurou Ferro, com as unhas cravadas nas palmas das mãos.

Bayaz se recostou na cadeira, as sombras juntando-se em seu rosto severo.

– Tirou as palavras da minha boca. Sua sorte mudou, hein, Ferro? Eu lhe prometi vingança, e agora ela cai, madura e sangrenta, no seu colo. O exército de Uthman desembarcou. Milhares de gurkenses, prontos para a guerra. Podem estar às portas da cidade em duas semanas.

– Duas semanas – sussurrou Ferro.

– Mas não tenho dúvida de que alguns soldados da União vão sair para recebê-los antes disso. Posso arranjar um lugar para você junto deles, se não

puder esperar.

Ela havia esperado o suficiente. Milhares de gurkenses, prontos para a guerra. O sorriso repuxou um canto da boca de Ferro, depois cresceu e cresceu, até que suas bochechas começaram a doer.

SEGUNDA PARTE

“O argumento final dos reis”

INSCRIÇÃO QUE LUÍS XIV MANDOU GRAVAR EM SEUS CANHÕES

O número de mortos

A ALDEIA ESTAVA silenciosa. As poucas casas, construídas com pedras antigas e telhados de ardósia cheios de musgo, pareciam abandonadas. A única vida nos campos mais adiante, quase totalmente recém-colhidos e arados, era um punhado de corvos miseráveis. Perto de Ferro o sino da torre rangia baixinho. Alguns postigos soltos nas janelas balançavam e batiam. Umas poucas folhas enroladas caíram num sopro de vento e flutuaram devagar até a praça vazia. No horizonte, três colunas de fumaça escura subiam com igual suavidade no céu pesado.

Os gurkenses estavam chegando, e eles sempre haviam adorado queimar.

– Maljinn! – chamou de baixo o major Vallimir, emoldurado pelo alçapão.

Ferro fez uma careta. Ele a fazia se lembrar de Jezal dan Luthar quando o conhecera. Um rosto gorducho e pálido cheio de uma mistura irritante de pânico e arrogância. Estava bastante claro que ele nunca fizera uma emboscada para uma cabra, quanto mais para batedores gurkenses. Mas mesmo assim fingia saber tudo.

– Está vendo alguma coisa? – sibilou para ela, pela quinta vez em uma hora.

– Eles estão vindo – rosnou Ferro.

– Quantos?

– Ainda uma dúzia.

– A que distância?

– Talvez a quinze minutos de cavalgada, agora, e ficar perguntando não vai fazer com que cheguem mais depressa.

– Quando estiverem na praça, eu vou dar o sinal batendo palmas duas vezes.

– Preste atenção para conseguir acertar as mãos uma na outra, rosado.

– Eu disse para não me chamar disso! – Uma pausa breve. – Precisamos pegar um deles vivo, para interrogar.

Ferro franziu o nariz. Seu gosto não era por capturar gurkenses vivos.

– Vamos ver.

Virou-se para o horizonte e em pouco tempo ouviu o som de Vallimir sussurrando ordens para alguns de seus homens. Os demais estavam espalhados nas outras construções, escondidos. Um grupo estranho de soldados que haviam sobrado. Alguns eram veteranos, mas a maioria era ainda mais jovem e mais nervosa do que o próprio Vallimir. Ferro desejou, e não pela primeira vez, que Nove Dedos estivesse com eles. Gostando ou não dele, ninguém poderia negar

que o sujeito conhecia o serviço. Com ele, Ferro sabia o que esperar. Experiência sólida ou, ocasionalmente, fúria assassina. Qualquer das duas coisas seria útil.

Mas Nove Dedos não estava ali.

Então Ferro ficou de pé na janela ampla da torre do sino, sozinha, franzindo a testa na direção dos campos ondulados da Terra do Meio e olhando os cavaleiros se aproximarem. Uma dúzia de batedores gurkenses, trotando juntos por uma trilha, mas não em formação. Pontos móveis numa risca pálida entre retalhos de terra escura.

Diminuíram a velocidade ao passar pelo primeiro celeiro de madeira, espalhando-se. Uma grande tropa gurkense teria soldados de todo o Império, guerreiros de mais de vinte províncias conquistadas. A julgar pelos rostos compridos e os olhos estreitos, pelas bolsas de sela feitas de tecido estampado e por trazerem arcos e lanças, armas leves, esses doze batedores eram kadiris. Matá-los não seria uma grande vingança, mas seria alguma. Preencheria o espaço, por enquanto. Um espaço que estivera vazio por tempo de mais.

Um deles levou um susto quando um corvo alçou voo de uma árvore mirrada. Ferro prendeu a respiração, certa de que Vallimir ou um dos seus rosados desajeitados escolheria esse momento para tropeçar um no outro. Mas só houve silêncio enquanto os cavaleiros entravam com cuidado na praça da aldeia, o líder com a mão erguida, pedindo cautela. Ele olhou direto para Ferro, mas não viu nada. Idiotas arrogantes. Só viam o que queriam. Uma aldeia de onde todos haviam fugido, esmagados de medo do inigualável exército do imperador. Seus dedos se fecharam com força no arco. Eles iriam aprender.

Ela iria ensinar.

O líder tinha nas mãos um quadrado de papel que analisava como se fosse uma mensagem numa língua que não entendia. Um mapa, talvez. Um dos seus homens puxou as rédeas do cavalo, deslizou da sela, segurou as rédeas e levou o animal até um cocho mofado. Outros dois homens estavam sentados relaxadamente nas montarias, conversando e rindo, movendo as mãos, contando piadas. Um quarto limpava as unhas com uma faca. Outro cavalgava devagar pela borda da praça, inclinando-se na sela e espiando pelas janelas das casas. Procurando algo para roubar. Um dos homens que contavam piadas gargalhou alto.

Então duas palmas agudas ecoaram nas casas.

O batedor junto ao cocho acabava de encher seu cantil quando a flecha de Ferro se cravou em seu peito. O cantil tombou de sua mão, gotas brilhantes derramando-se do gargalo. Setas de bestas estalaram nas janelas. Batedores gritaram e olharam. Um cavalo tropeçou de lado e caiu, fazendo poeira subir com os cascos agitados e esmagando o cavaleiro que gritava embaixo dele.

Soldados da União correram das casas, gritando, lanças em riste. Um dos cavaleiros desembainhara metade da espada quando recebeu uma seta de besta e caiu mole da sela. A segunda flecha de Ferro acertou outro nas costas. O que estivera limpando as unhas foi derrubado do cavalo e se levantou com dificuldade a tempo de ver um soldado da União vindo para cima dele com uma lança. Ele largou a faca e levantou os braços tarde demais: foi atravessado de qualquer modo, a ponta da lança projetando-se ensanguentada das costas enquanto ele caía.

Dois tentaram partir na direção de onde tinham vindo. Ferro mirou em um, mas, quando eles chegaram à trilha estreita, uma corda foi esticada à frente. Os dois foram arrancados das selas, arrastando para fora de uma casa um soldado da União aos gritos que foi quicando de cara no chão por alguns metros com a corda enrolada no braço. Uma das flechas de Ferro atingiu um batedor entre os ombros enquanto ele tentava se levantar do chão. O outro se arrastou por alguns passos, grogue, antes que um soldado da União o acertasse na cabeça com uma espada e fizesse pender a parte de trás do crânio.

Dos doze, apenas o líder saiu da aldeia. Esporeou o cavalo na direção de uma cerca estreita entre duas construções, que ele saltou com os cascos do cavalo raspando na ripa de cima. Galopou pelos restos de plantas de um campo colhido, abaixado na sela, apertando os calcanhares contra o flanco do cavalo.

Ferro mirou longamente, devagar, sentindo o sorriso repuxar os cantos do rosto. Num instante avaliou o modo como ele estava na sela, a velocidade do cavalo, a altura da torre, sentiu o vento no rosto, o peso da flecha, a tensão na madeira, a corda apertada contra os lábios. Olhou a flecha voar, uma risca preta girando contra o céu cinzento, e o cavalo correu à frente para encontrá-la.

Às vezes Deus é generoso.

O líder arqueou as costas e tombou da sela, rolando várias vezes na terra poeirenta, com punhados de lama e hastes de plantas cortadas voando ao redor. Seu grito de agonia chegou ao ouvido de Ferro um instante depois. Os lábios dela se repuxaram mais ainda, mostrando os dentes.

– Rá!

Ela jogou o arco no ombro, deslizou pela escada, saltou pela janela dos fundos e correu pelo campo. Suas botas batiam no solo macio entre os tufos de plantas cortadas, a mão apertando o cabo da espada.

O sujeito gemia e tentava se arrastar até o cavalo. Conseguira enganchar um dedo no estribo, desesperado, quando ouviu os passos rápidos de Ferro, mas caiu para trás com um guincho ao tentar se levantar. Ficou deitado de lado enquanto ela vinha correndo, a lâmina sibilando furiosa dentro da bainha de madeira. Seus olhos se reviraram para ela, loucos de dor e medo.

Um rosto escuro, como o dela.

Um rosto nada excepcional, com uns 40 anos, barba falhada e uma marca de nascença pálida numa bochecha, poeira grudada na outra, gotas de suor brilhantes na testa. Ela parou junto dele e a luz do sol cintilou no gume da espada curva.

– Dê um motivo para eu não fazer isso – ela se pegou dizendo.

Estranho ter falado assim, e logo com um soldado do exército do imperador. No calor e na poeira das Terras Ruins de Kanta, ela não tinha o hábito de oferecer chances. Talvez algo tivesse mudado em Ferro, no ocidente molhado e arruinado do mundo.

Ele olhou para cima por um momento, os lábios tremendo.

– Eu… – grasnou. – Minhas filhas! Tenho duas filhas. Rezo para vê-las casadas…

Ferro franziu a testa. Não devia ter deixado que ele começasse a falar. Um pai, com filhas. Assim como ela já tivera um pai, como fora uma filha. Esse homem não lhe fizera mal. Não era mais gurkense do que ela. Não tinha optado por lutar, provavelmente, nem tinha opção além de fazer o que o poderoso Uthman-ul-Dosht ordenava.

– Eu vou… juro por Deus… vou voltar para minha mulher e minhas filhas.

A flecha o atravessara direto embaixo do ombro e se partira quando ele bateu no chão. Ferro podia ver a haste lascada embaixo do braço. Tinha errado o pulmão, pelo modo como ele estava falando. Não iria matá-lo. Pelo menos de imediato. Ferro podia ajudá-lo a montar no cavalo e ele iria embora, com chance de viver.

O batedor levantou a mão trêmula, com uma mancha de sangue no polegar comprido.

– Por favor… esta guerra não é minha, eu…

A espada escavou um ferimento profundo no rosto dele, atravessou a boca e partiu o maxilar inferior. Ele soltou um gemido chiado. O golpe seguinte quase o decapitou. Ele rolou, o sangue escuro jorrando na terra escura, tentando se agarrar a restos de plantas cortadas. A espada abriu sua nuca e ele ficou imóvel.

Parecia que Ferro não estava com ânimo misericordioso nesse dia.

O cavalo do batedor trucidado olhou para ela em silêncio.

– O que foi? – disse Ferro com rispidez.

Talvez tivesse mudado, lá no ocidente, mas ninguém muda tanto assim. Menos um soldado no exército de Uthman era uma coisa boa, independentemente do lugar de onde tivesse vindo. Ela não precisava pedir desculpas. Ainda mais a um cavalo. Agarrou as rédeas e deu um puxão.

Vallimir podia ser um idiota rosado, mas Ferro precisava admitir que ele

administrara bem a emboscada. Dez batedores estavam mortos na praça da aldeia, as roupas rasgadas balançando ao vento, o sangue manchando o chão empoeirado. A única baixa da União era o idiota que fora puxado pela própria corda e agora estava coberto de poeira e arranhões.

Um bom dia de trabalho, até agora.

Um soldado cutucou um cadáver com a bota.

– Então os gurkenses são assim, é? Não parecem muito temíveis.

– Esses não são gurkenses – disse Ferro. – São batedores kadiris, obrigados a servir. Eles não queriam estar aqui, tanto quanto vocês não os queriam aqui.

O homem a encarou, perplexo e chateado.

– Kanta é cheia de gente. Nem todo mundo de rosto marrom é gurkense, nem reza para o deus deles, nem baixa a cabeça para o imperador deles.

– A maioria faz isso.

– A maioria não tem escolha.

– Mesmo assim, eles são o inimigo – zombou ele.

– Eu não disse que deveríamos poupá-los.

Ela passou dando-lhe uma ombrada e voltou para a construção que tinha a torre do sino. Parecia que Vallimir conseguira um prisioneiro, afinal. Ele e alguns outros estavam amontoados, nervosos, em volta de um batedor ajoelhado com os braços presos às costas. Ele tinha um arranhão ensanguentado na bochecha e olhava com aquela expressão que os prisioneiros costumam ter.

Apavorado.

– Onde… está… o… seu… exército… principal? – rosnava Vallimir.

– Ele não fala a sua língua, rosado – disse Ferro com rispidez. – E gritar não vai ajudar.

Vallimir a encarou com raiva.

– Talvez devêssemos ter trazido alguém que falasse kanticense – disse com ironia.

– Talvez.

Houve uma longa pausa enquanto Vallimir esperava que ela dissesse mais alguma coisa, mas ela não disse. No fim ele soltou um longo suspiro.

– Você fala kanticense?

– Claro.

– Então poderia fazer a gentileza de fazer algumas perguntas por nós?

Ferro sugou o ar por entre os dentes. Era uma perda de seu tempo, mas, se precisava ser feito, era melhor que fosse rápido.

– O que devo perguntar?

– Bom… a que distância está o exército gurkense, quantos homens há nele, que caminho está tomando, você sabe…

– Uh.

Ferro se agachou na frente do prisioneiro e o olhou direto nos olhos. Ele a encarou, impotente e apavorado, sem dúvida perguntando-se o que ela estaria fazendo com aqueles rosados. Ela se perguntava o mesmo.

– Quem é você? – sussurrou ele.

Ela desembainhou a faca e a ergueu.

– Você vai responder às minhas perguntas ou eu vou matá-lo com esta faca. Esta sou eu. Onde está o exército gurkense?

Ele lambeu os lábios.

– A uns… dois dias de marcha, ao sul.

– Quantos?

– Mais do que eu poderia contar. Muitos milhares. Povos dos desertos, das planícies e das…

– Que rota eles vão pegar?

– Não sei. Só disseram para virmos a esta aldeia e ver se estava vazia. – Ele engoliu em seco, fazendo o pomo de adão suado subir e descer. – Talvez meu capitão saiba mais…

– Ssss – sibilou Ferro.

O capitão dele não contaria nada a ninguém, agora que ela havia escavado sua cabeça.

– Um monte – disse ela rispidamente a Vallimir, na língua comum – e muito mais para vir, a dois dias de marcha. Ele não sabe a rota. E agora?

Vallimir coçou a barba crescida no queixo.

– Acho que… devemos levá-lo para o Agriont. Entregá-lo à Inquisição.

– Ele não sabe nada. Só vai fazer a gente ir mais devagar. Deveríamos matá-lo.

– Ele se rendeu! Matá-lo seria assassinato, com ou sem guerra – argumentou Vallimir e chamou um soldado. – Não vou carregar isso na consciência.

– Eu vou.

A faca de Ferro penetrou fácil o coração do batedor e saiu. A boca e os olhos dele se escancararam. Sangue borbulhou pelo tecido cortado no peito e se espalhou rápido, formando um círculo escuro. Ele ficou olhando, boquiaberto, e emitiu um som prolongado como se sufocasse.

– Gug…

Sua cabeça tombou para trás, o corpo se afrouxou. Ela se virou e viu os soldados encarando-a, rostos pálidos de choque. Havia sido um dia movimentado para eles, talvez. Tinham muito a aprender, mas logo se acostumariam.

Isso ou os gurkenses iriam matá-los.

– Eles querem queimar as fazendas de vocês e seus vilarejos e suas cidades. Querem escravizar seus filhos. Querem que todo mundo reze do mesmo modo que eles, com as mesmas palavras que eles usam, e que a terra de vocês seja uma província do império deles. Eu sei disso. – Ferro enxugou a lâmina da faca na manga da túnica do morto. – A única diferença entre guerra e assassinato é o número de mortos.

Vallimir olhou o cadáver de seu prisioneiro durante um momento, os lábios contraídos, pensativo. Ferro se perguntou se ele teria mais coragem do que ela imaginara. Por fim o major se virou para ela.

– O que você sugere?

– Poderíamos esperar por mais aqui. Talvez consigamos até pegar algum gurkense de verdade. Mas isso pode significar um número grande demais para nós, que somos poucos.

– E então?

– Vamos para o leste ou para o norte fazer outra emboscada igual a esta.

– E derrotar o exército do imperador a doze homens de cada vez? Passos pequenos.

Ferro deu de ombros.

– Passos pequenos na direção certa. A não ser que você tenha visto o suficiente e queira voltar para suas muralhas.

Vallimir franziu a testa para ela, demoradamente, depois se virou para um dos seus homens, um veterano corpulento com uma cicatriz na bochecha.

– Há uma aldeia logo a leste daqui, não é, sargento Forest?

– Sim, senhor. Marlhof não fica a mais de 15 quilômetros.

– Serve para você? – perguntou Vallimir, levantando uma sobrancelha para Ferro.

– Gurkenses mortos. É o que serve para mim.

Folhas na água

– CARLEON – disse Logen.

– É – concordou Cachorrão.

A cidade se aninhava ali, na bifurcação do rio, sob as nuvens soturnas. Silhuetas rígidas de muralhas altas e torres no penhasco íngreme acima da água rápida, onde um dia ficara o castelo de Skarling Sem Capuz. Tetos de ardósia e construções de pedra espremidas na longa encosta que descia, amontoadas em volta do pé da montanha e com mais uma muralha do lado de fora, tudo com um brilho frio, nítido, da chuva que havia acabado de cair.

Cachorrão não podia dizer que estava feliz em rever o lugar. Todas as suas visitas tinham acabado mal.

– Mudou um pouco desde a batalha, há tantos anos – comentou Logen e olhou para a mão aberta, balançando o cotoco do dedo que faltava.

– Na época não havia essa muralha em volta.

– Não. Mas também não havia o exército da União em volta.

Cachorrão não podia negar que esse era um fato reconfortante. Os piquetes da União avançavam pelos campos vazios ao redor da cidade, uma linha sinuosa de fortificações, estacas e cercas, com homens movendo-se por trás, com o sol opaco refletindo-se em metal de tempos em tempos. Milhares de homens, bem armados e vingativos, mantendo Bethod entocado.

– Tem certeza de que ele está aí?

– Não sei para onde mais iria. Ele perdeu os melhores rapazes lá nas montanhas. Acho que não restam amigos.

– Todos temos menos do que antigamente – murmurou Cachorrão. – Acho que só vamos ficar aqui sentados. Temos tempo, afinal de contas. Muito tempo. Vamos ficar aqui sentados e ver o capim crescer e esperar Bethod desistir.

– É.

Mas Logen não parecia acreditar nisso.

– É – falou Cachorrão.

Ele sabia que desistir não parecia algo que Bethod fizesse.

Virou a cabeça ao ouvir o som de cascos rápidos na estrada e viu um daqueles mensageiros com o elmo que parecia uma galinha raivosa surgir rápido das árvores, na direção da tenda de West, com o cavalo coberto de suor devido à corrida. Ele puxou as rédeas numa pressa desajeitada, quase caiu da sela na ânsia de descer, passou cambaleando por alguns oficiais que olhavam e entrou.

Cachorrão sentiu aquele peso familiar de preocupação na barriga.

– Isso tem cheiro de notícia ruim.

– E que outro tipo de notícia existe?

Agora havia alguma agitação lá embaixo: soldados gritando, balançando os braços.

– É melhor ir ver o que aconteceu – murmurou Cachorrão, se bem que preferiria andar na direção oposta.

Crummock estava parado junto à tenda, franzindo a testa para aquela agitação.

– Tem alguma coisa acontecendo – disse o montanhês. – Mas não entendo nada que esses sulistas falam. Juro, são todos malucos.

Falas enlouquecidas saíram mesmo da tenda quando Cachorrão empurrou a aba da entrada. Havia oficiais da União a toda a volta, e numa tremenda balbúrdia. West estava no meio daquilo, o rosto pálido como leite fresco, os punhos cerrados segurando nada.

– Furioso! – chamou Cachorrão, agarrando-o pelo braço. – Que diabo está acontecendo?

– Os gurkenses invadiram a Terra do Meio.

West soltou o braço e começou a falar aos berros.

– Quem fez o quê? – resmungou Crummock.

– Os gurkenses – explicou Logen, que franzia a testa profundamente. – Gente marrom, de mais ao sul. Gente dura, segundo todos os relatos.

Pike apareceu, muito sério.

– Eles desembarcaram um exército pelo mar. Já podem ter chegado a Adua.

– Espere aí – falou Cachorrão. Ele não sabia nada sobre gurkenses, Adua e a Terra do Meio, mas sua sensação ruim piorava a cada instante. – O que você está dizendo, exatamente?

– Recebemos ordem de voltar para casa. Agora.

Cachorrão ficou olhando para ele. Deveria ter sabido desde o começo que nada seria tão simples quanto ele pensara. Agarrou West pelo braço outra vez, apontando o dedo sujo na direção de Carleon.

– Sem vocês, nós não temos nem de longe os homens necessários para um cerco desses!

– Eu sei – disse West. – E sinto muito. Mas não posso fazer nada. Encontre o general Poulder! – gritou para um rapaz que tinha um tique nervoso. – Diga para preparar a divisão dele para marchar imediatamente para o litoral!

Cachorrão piscou. Seu estômago revirava.

– Então lutamos sete dias nos Lugares Altos por nada? Tul morreu, e só os mortos sabem quantos mais, em troca de nada?

Ele sempre se surpreendia com a rapidez com que algo podia desmoronar quando a pessoa estava apoiada em cima.

– Então é isso. De volta à floresta e ao frio e a fugir e a matar. Isso não tem fim.

– Pode ser diferente – disse Crummock.

– De que modo?

O chefe dos homens das montanhas estava com um sorriso matreiro.

– Você sabe, não é, Nove Sangrento?

– É. Sei – confirmou Logen, e sua expressão era a de um homem que sabia que seria enforcado e encarasse a árvore onde isso aconteceria. – Quando você precisa partir, Furioso?

West franziu a testa.

– Temos muitos homens e pouca estrada. A divisão de Poulder amanhã, imagino, e a de Kroy depois de amanhã.

O sorriso de Crummock ficou um pouco mais largo.

– Então durante o dia de amanhã haverá um monte de homens sentados aqui, em volta do Bethod, dando a entender que não vão a lugar nenhum, não é?

– Acho que pode ser.

– Me dê o dia de amanhã – disse Logen. – Me dê só isso e talvez eu possa resolver a situação. Então vou para o sul com você, se ainda estiver vivo, e levo quem eu puder. Essa é a minha palavra. Vamos ajudá-los com os gurkenses.

– Que diferença um dia pode fazer? – observou West.

– É – murmurou Cachorrão. – O que é um dia?

O problema era que ele já previa a resposta.

A água corria por baixo da velha ponte, passando pelas árvores e descendo a colina verde. Na direção de Carleon. Logen olhou algumas folhas amarelas carregadas pela corrente, girando e girando, passando pelas pedras cobertas de musgo. Desejou poder simplesmente flutuar para longe, mas isso não parecia provável.

– Nós lutamos aqui – disse Cachorrão. – Três Árvores e Tul, Barca Negra e Sinistro e eu. Forley está enterrado na floresta, em algum lugar por aí.

– Querem ir até lá em cima? – perguntou Logen. – Fazer uma visita a ele, ver se…

– Para quê? Duvido que uma visita me faça bem e tenho certeza de que não vai fazer bem nenhum a ele. Nada vai fazer. Estar morto é assim. Tem certeza do que vai fazer, Logen?

– Você vê outra saída? A União não vai ficar. Pode ser nossa última chance

de acabar com Bethod. Não há muito a perder, há?

– Há a sua vida.

Logen respirou fundo.

– Não consigo pensar em muita gente que dê valor a isso. Você vem?

Cachorrão balançou a cabeça.

– Acho que vou ficar aqui em cima. Já estou farto do Bethod.

– Certo, então. Certo.

Era como se todos os momentos da vida de Logen, coisas ditas e coisas feitas, escolhas de que mal se lembrava, o tivessem trazido a isso. Agora não havia opção. Talvez nunca tivesse havido. Ele era como as folhas na água – carregadas na direção de Carleon – e não podia fazer nada a respeito. Esporeou o cavalo e desceu a encosta sozinho, pela trilha de terra, seguindo a corrente fervilhante.

Tudo parecia mais nítido do que o normal à medida que o dia avançava. Passou por árvores, folhas úmidas preparando-se para cair: amarelo-ouro, laranja ardente, roxo vívido, todas as cores do fogo. Desceu em direção ao fundo do vale sentindo o ar pesado na garganta, com apenas um traço de névoa do outono. Os sons da sela estalando, dos arreios tilintando, dos cascos batendo no chão macio chegavam abafados. Trotou por campos vazios, transformados em lama e cheios de mato embolado, passou pelos piquetes da União, um fosso e uma linha de estacas afiadas, a três vezes a distância de um disparo de flecha vindo da muralha. Lá em cima, soldados usando jaquetas com tachas e elmos de aço o olhavam com o rosto franzido.

Puxou as rédeas e fez o cavalo reduzir o trote. Passou sobre uma ponte de madeira, uma das novas de Bethod, o rio embaixo agitado pelas chuvas de outono. Subiu a encosta suave, com a muralha se erguendo acima. Alta, íngreme, escura e sólida. Ameaçadora, se é que se podia dizer isso a respeito de uma muralha. Não podia ver homens nas fendas das ameias, mas supunha que estariam lá. Engoliu em seco, o cuspe descendo sem jeito pela garganta, depois se obrigou a ficar ereto, fingindo que não estava cortado e todo dolorido depois de sete dias de batalha nas montanhas. Imaginou se ouviria uma besta estalar, se sentiria a pontada de dor e depois cairia na lama, morto. Isso valeria uma canção vergonhosa.

– Ora, ora, ora! – disse uma voz profunda, e Logen a reconheceu imediatamente.

Quem mais seria, senão Bethod? O estranho foi que ele ficou feliz em ouvi-la, ainda que por um instante brevíssimo. Até se lembrar de todo o sangue derramado entre eles. Até lembrar que se odiavam. Você pode ter inimigos que jamais conheceu de verdade; Logen tivera muitos. Você pode matar homens que

não conhece; ele fizera isso com frequência. Mas não pode odiar de verdade um homem sem amá-lo primeiro, e sempre resta um traço desse amor.

– Estou olhando de cima do meu portão e veja só quem surge do passado? – gritou Bethod. – O Nove Sangrento! Dá para acreditar? Eu organizaria uma festa, mas não temos comida sobrando!

Ele ficou de pé, no parapeito acima do portão, os punhos apoiados na pedra. Não exibia um sorriso de zombaria. Não sorria. Não fazia praticamente nada.

– Se não é o rei dos nórdicos! – gritou Logen. – Ainda tem seu chapéu de ouro, então?

Bethod tocou o aro em volta da cabeça, e a grande joia na testa reluziu ao sol poente.

– Por que não teria?

– Deixe-me ver… – Logen olhou à esquerda e à direita, para cima e para baixo da muralha nua –… Só porque não lhe resta merda nenhuma da qual ser rei, pelo que posso ver.

– Hã. Acho que nós dois estamos solitários. Onde estão seus amigos, Nove Sangrento? Aqueles matadores que você gostava de ter ao redor. Cadê Cabeça de Trovão, Sinistro, Cachorrão e aquele desgraçado do Barca Negra?

– Todos se acabaram, Bethod. Morreram nas montanhas. Estão tão mortos quanto Skarling. Eles e Ossinho e Goring e Mecha Branca e muitos outros também.

Diante disso Bethod ficou sério.

– Não há muita coisa para comemorar, se quer saber. Alguns homens úteis foram para a lama, de um modo ou de outro. Alguns amigos meus e alguns seus. Entre nós dois nunca há um resultado feliz, não é? É ruim quando somos amigos e pior quando somos inimigos. Por que você veio aqui, Nove Dedos?

Logen ficou sentado um momento, pensando em todas as outras vezes que tinha feito o que precisava fazer agora. Os desafios que lançara e os resultados deles, e não havia lembranças boas disso. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele estava relutante. Mas não havia outro modo.

– Vim aqui propor um desafio! – gritou, e o som ecoou na muralha úmida e escura e teve uma morte lenta no ar enevoado.

Bethod jogou a cabeça para trás e gargalhou. Um riso sem muita alegria, achou Logen.

– Pelos mortos, Nove Dedos, você nunca muda. Parece um cachorro velho que ninguém consegue impedir de latir. Desafio? O que resta para nós disputarmos numa luta?

– Se eu vencer, você abre os portões e se rende a mim. Meu prisioneiro. Se eu perder, a União faz as malas e parte para casa e você está livre.

O sorriso de Bethod foi sumindo devagar e seus olhos se estreitaram, cheios de desconfiança. Logen conhecia esse olhar, de muito tempo atrás. Avaliando as chances, examinando os motivos.

– Parece uma oferta e tanto, considerando a encrenca em que estou. É difícil acreditar. O que os seus amigos sulistas, ali adiante, ganham com isso?

Logen resfolegou.

– Eles vão esperar, se precisarem, mas não se interessam muito por você, Bethod. Para eles você não é nada, apesar de toda a sua fanfarronice. Eles já chutaram seu traseiro por todo o Norte e acham que você não vai incomodá-los de novo. Se eu vencer, eles ficam com sua cabeça. Se eu perder, eles podem ir para casa mais cedo.

– Não sou nada para eles, é? – Bethod abriu um sorriso. – É a esse ponto que a coisa chegou, depois de todo o meu trabalho, meu suor e minha dor? Está feliz, Nove Dedos? Ao ver tudo por que lutei jogado na poeira?

– Por que não estaria? A culpa é toda sua. Foi você que trouxe a gente até aqui. Aceite meu desafio, Bethod, então talvez um de nós possa ter paz!

O rei dos nórdicos olhou para baixo, boquiaberto e de olhos arregalados.

– A culpa é toda minha? Toda minha? Como as pessoas se esquecem rápido! – Segurou a corrente pendurada nos ombros e a sacudiu. – Acha que eu queria isto? Acha que eu pedi alguma dessas coisas? Eu só queria mais uma faixa de terra para alimentar meu povo, para impedir que os grandes clãs me espremessem. Só queria obter algumas vitórias para me orgulhar, passar aos meus filhos algo melhor do que recebi do meu pai. – Inclinou-se para a frente, as mãos nas ameias. – Quem sempre teve de forçar mais um passo? Quem nunca me deixou parar? Quem é que precisava sentir o gosto de sangue e, quando provava e ficava bêbado com ele, enlouquecia com ele, jamais conseguia se fartar? – Seu dedo apontou para baixo. – Quem mais, senão o Nove Sangrento?

– Não foi assim – rosnou Logen.

A gargalhada aguda de Bethod ecoou no vento.

– Não? Eu quis conversar com Shama Sem Coração, mas você tinha de subir e acertar suas contas e começar mais uma dúzia! Paz, você diz? Eu implorei que você me deixasse selar a paz em Uffrith, mas você precisava lutar com Três Árvores! Implorei de joelhos, mas você precisava ter o maior nome de todo o Norte! E, quando você o derrotou, faltou com a palavra dada a mim e o deixou viver, como se não houvesse nada maior do que seu maldito orgulho!

– Não foi assim – disse Logen.

– Não há um homem no Norte que não saiba a verdade! Paz? Rá! E o Pescoço Duro, hein? Eu teria pedido um resgate pelo filho dele, e todos poderíamos ter ido para casa em paz, mas não! O que você me disse? É mais

fácil parar o Torrente Branca do que parar o Nove Sangrento! Então você precisou pregar a cabeça dele no meu estandarte para que todo mundo visse, de modo que a vingança jamais encontrasse um fim! Toda vez que eu tentei parar, você me arrastou para a frente, cada vez mais para o fundo do atoleiro! Até que não havia mais como parar! Até que era matar ou morrer! Até que precisei subjugar todo o Norte! Você me fez rei, Nove Dedos. Que outras opções você me deixou?

– Não foi assim – sussurrou Logen.

Mas sabia que tinha sido.

– Diga a si mesmo que eu sou a causa de todos os seus sofrimentos, se isso o deixa feliz! Diga a si mesmo que sou eu o implacável, o assassino, o sedento de sangue, mas pergunte a si mesmo com quem aprendi. Eu tive o melhor professor! Brinque de ser o homem bom se quiser, o homem que não tem escolha, mas nós dois sabemos o que você é de verdade. Paz? Você nunca terá paz, Nove Sangrento. Você é feito de morte!

Logen queria negar, mas seria apenas outra mentira. Bethod o conhecia de verdade. Bethod o entendia de verdade. Melhor do que qualquer pessoa. Era seu pior inimigo, e ainda era seu melhor amigo.

– Então por que não me matou quando teve a chance?

O rei dos nórdicos franziu a testa, como se não conseguisse entender alguma coisa. Depois começou a rir de novo. Guinchava, de tanto rir.

– Não sabe por quê? Você ficou ao lado dele e não sabe? Não aprendeu nada comigo, Nove Dedos! Depois de tantos anos, ainda deixa a chuva lavar você onde quiser!

– O que você está dizendo? – rosnou Logen.

– Bayaz!

– Bayaz? O que é que tem?

– Eu estava pronto para colocar a porcaria da cruz em você e afundar sua carcaça num pântano com todo o resto de seus idiotas desgarrados e estava feliz em fazer isso, até que aquele velho mentiroso me fez uma visita!

– E?

– Eu devia a ele, e ele queria que você fosse solto. Foi aquele escroto intrometido que salvou seu traseiro imprestável, nada mais do que isso!

– Por quê? – rosnou Logen, sem saber o que pensar, mas não gostando de descobrir isso tanto tempo depois de todo mundo.

Mas Bethod apenas deu um risinho.

– Talvez eu não tenha me rebaixado o suficiente para o gosto dele. Foi você que ele salvou. Pergunte a ele o motivo, se viver tempo o suficiente para isso. Mas não creio que você vá viver. Aceito o seu desafio! Aqui. Amanhã. Ao

nascer do sol. – E esfregou as mãos. – Homem contra homem, valendo o futuro sangrento do Norte! Como antigamente, hein, Logen? Nos velhos tempos? Nos vales ensolarados do passado? Vamos jogar os dados juntos mais uma vez, vamos?

O rei dos nórdicos recuou lentamente para longe das ameias.

– Mas algumas coisas mudaram – falou. – Agora eu tenho um novo campeão! Se eu fosse você, faria as despedidas esta noite e me prepararia para a lama! Afinal de contas… Como era mesmo que você costumava me dizer…? – Seu riso foi sumindo lentamente no crepúsculo. – É preciso ser realista!

– Bom pedaço de carne – comentou Sinistro.

Uma fogueira quente e um bom pedaço de carne eram duas coisas pelas quais ser grato, e houve muitas ocasiões em que Cachorrão tivera muito menos do que isso, mas ver o sangue pingar daquele naco de cordeiro o estava deixando enjoado. Fazia-o lembrar do sangue que saíra de Shama Sem Coração quando Logen o abriu. Podiam ter se passado anos, mas Cachorrão ainda visualizava aquilo como se tivesse acontecido na véspera. Podia ouvir os rugidos dos homens, os escudos chocando-se. Podia sentir o cheiro de suor azedo e o sangue fresco na neve.

– Pelos mortos – grunhiu Cachorrão, a boca minando água como se ele fosse vomitar. – Como vocês conseguem pensar em comer agora?

Barca Negra deu um sorriso cheio de dentes.

– A gente passar fome não vai ajudar Nove Dedos nem um pouco. Nada vai ajudar. Esse é o sentido de um duelo, não é? Tudo tem a ver com um homem só. – Cutucou a carne com a faca e fez o sangue escorrer no fogo, chiando. Depois se recostou, pensativo. – Vocês acham que ele vai conseguir? De verdade? Vocês se lembram daquela coisa?

Cachorrão sentiu o fantasma do medo e da náusea que tivera no meio da névoa. Estremeceu até as botas. Provavelmente jamais esqueceria a visão daquele gigante vindo pela penumbra, de seu punho pintado subindo, o som daquilo batendo nas costelas de Três Árvores e fazendo a vida o abandonar esmagada.

– Se alguém pode – resmungou entre os dentes trincados – acho que é o Logen.

– Uh – grunhiu Sinistro.

– É, mas vocês acham que ele vai conseguir? Essa é a minha pergunta. Isso, e o que acontece se ele não conseguir?

Era uma pergunta para a qual Cachorrão não suportava pensar numa

resposta. Logen estaria morto, para início de conversa. E então não haveria mais cerco a Carleon. Depois dos combates nas montanhas, restavam pouquíssimos homens com Cachorrão, até mesmo para cercar um penico, quanto mais a cidade mais bem murada do Norte. Bethod poderia fazer o que quisesse: buscar ajuda, encontrar novos amigos e recomeçar a lutar. Não havia ninguém mais implacável quando estava encurralado.

– Logen consegue – sussurrou, fechando os punhos e sentindo uma ardência no corte comprido no braço. – Tem de conseguir.

Quase caiu no fogo quando uma mão grande e gorda bateu em suas costas.

– Pelos mortos, nunca vi uma fogueira tão cheia de caras preocupadas!

Cachorrão se encolheu. Não era do montanhês maluco que ele precisava para animá-lo, rindo na noite com os filhos atrás trazendo armas enormes nos ombros.

Agora Crummock tinha apenas dois, já que um dos meninos havia morrido nas montanhas, mas ele não parecia incomodado. Além do mais, tinha perdido a lança, partida em algum oriental, como gostava de dizer, por isso ainda não precisava carregar nada. Nenhuma das crianças dissera grande coisa desde a batalha, pelo menos que Cachorrão tivesse ouvido. Ver a coisa de perto podia sugar seu entusiasmo pela guerra. Cachorrão sabia muito bem como era.

Mas o próprio Crummock não tinha dificuldade em se manter animado.

– Para onde foi o Nove Dedos?

– Saiu sozinho. Sempre gostou de fazer isso antes de um duelo.

– Hum. – Crummock acariciou os ossos de dedos pendurados no pescoço. – Deve ter ido falar com a Lua, imagino.

– Mais provável que tenha ido cagar, imagino.

– Bom, desde que você termine de cagar antes da luta, acho que ninguém precisa reclamar. – Ele riu com o rosto inteiro. – Ninguém é amado pela Lua como o Nove Sangrento, isso eu digo! Ninguém em todo o Círculo do Mundo. Ele tem alguma chance de vencer uma luta justa contra aquela coisa demoníaca, e isso é o máximo que alguém pode esperar. Só há um problema.

– Só um?

– Não vai haver luta justa enquanto a porcaria daquela bruxa estiver viva.

Cachorrão sentiu os ombros se afrouxarem mais ainda.

– Como assim?

Crummock ficou girando um dos símbolos de madeira no cordão.

– Não consigo ver aquela mulher deixando Bethod perder, e ela junto, vocês conseguem? Uma bruxa inteligente feito aquela? Ela consegue fazer todo tipo de magia. Todo tipo de bênção e maldição. Aquela vaca vai fazer todo tipo de coisa para o resultado pender para o lado deles, como se já não estivesse pendendo o

suficiente.

– E?

– Quero dizer o seguinte: alguém precisa impedir aquela mulher.

Cachorrão não achara que poderia se sentir pior. Agora tinha certeza de que poderia.

– Boa sorte – murmurou.

– Rá, rá, meu garoto, rá, rá. Eu adoraria fazer isso, mas eles têm um monte de muralhas por lá, e eu não sou muito bom em escalar. – Crummock bateu com a mão gorda na barriga gorda. – Tenho carne de mais para isso. Não, o que precisamos para essa tarefa é de um homem pequeno, mas com bagos enormes. Sem dúvida precisamos, e a Lua sabe. Um homem com talento para se esgueirar, de olhos afiados e pés firmes. Precisamos de alguém com mão ágil e pensamento rápido. – Olhou para Cachorrão e riu. – Bom, onde é que a gente iria achar um homem assim?

– Sabe de uma coisa? – Cachorrão apoiou o rosto nas mãos. – Não faço a mínima ideia, porra.

Logen levou o cantil amassado aos lábios e tomou um gole. Sentiu a bebida forte arder na língua, coçar na garganta, aquela antiga necessidade de engolir. Inclinou-se para a frente, franziu os lábios e cuspiu um jorro fino. Um jato de fogo subiu na noite fria. Espreitou a escuridão; não viu nada além das silhuetas negras dos troncos de árvores, as sombras negras e móveis que seu fogo lançava entre elas.

Sacudiu o cantil, ouviu o resto da bebida chacoalhar. Encolheu os ombros, encostou-o na boca e o inclinou até o alto. Sentiu o álcool arder no estômago. Os espíritos podiam compartilhar a bebida com ele essa noite. Eram boas as chances de que, depois do dia seguinte, ele não os chamasse de novo.

– Nove Dedos – chamou uma voz, farfalhando na direção dele como folhas caindo.

Um espírito deslizou para fora das sombras, veio para a luz da fogueira. Logen não viu nada de familiar nele, o que foi um alívio. Também não viu acusação, nem medo ou desconfiança. O espírito não se importava com o que ele era nem com o que tinha feito.

Logen jogou o cantil vazio no chão ao lado.

– Veio sozinho?

– Vim.

– Bom, você nunca está sozinho se tiver trazido risos.

O espírito não disse nada.

– Acho que o riso é uma coisa dos homens, não dos espíritos – comentou Logen.

– É.

– Você não fala muito, fala?

– Eu não invoquei você.

– Verdade. – Logen olho para o fogo. – Preciso lutar contra um homem amanhã. Um homem chamado Fenris, o Temível.

– Ele não é homem.

– Então você o conhece?

– Ele é velho.

– Velho para você?

– Nada é velho para mim, mas ele é do Tempo Antigo e de antes disso. Na época ele tinha outro senhor.

– Que senhor?

– Glustrod.

Ouvir isso foi como levar uma facada no ouvido. Nenhum nome poderia ser menos esperado ou menos bem-vindo. O vento soprava frio entre as árvores, e as lembranças das enormes ruínas de Aulcus se apinharam sobre Logen e o fizeram tremer.

– Não há chance de ser um Glustrod diferente do que chegou perto de destruir meio mundo?

– Não existe outro. Foi ele que escreveu os símbolos na pele do Temível. Símbolos na língua antiga, a língua dos demônios, do lado esquerdo do corpo. Essa carne é do mundo de baixo. Onde a palavra de Glustrod está escrita, o Temível não pode ser ferido.

– Não pode ser ferido? De jeito nenhum? – Logen pensou nisso por um momento. – Por que não escrever dos dois lados?

– Pergunte a Glustrod.

– Não acho que isso seja possível.

– Não – ouviu, e após uma longa pausa: – O que vai fazer, Nove Dedos?

Logen olhou de lado, para as árvores. A ideia de partir correndo e não olhar para trás parecia ótima nesse momento. Às vezes é melhor viver com medo da coisa do que fazê-la, independentemente do que seu pai tivesse dito.

– Já fugi antes – murmurou – e só corri em círculos. Para mim, Bethod está no fim de todos os caminhos.

– Então este é o fim da nossa conversa.

O espírito se levantou de perto da fogueira.

– Talvez eu veja você de novo.

– Não creio. A magia está vazando do mundo e minha espécie dorme. Acho

que não. Mesmo que você vença o Temível, e não creio que vencerá.

– É uma mensagem de esperança, então, hein? – bufou Logen. – Que a sorte o acompanhe.

O espírito foi desbotando na escuridão até que sumiu. Não desejou sorte a Logen. Não se importava.

Autoridade

ERA UMA REUNIÃO triste e depressiva, mesmo para o Conselho Fechado. O tempo do lado de fora das janelas estreitas estava carrancudo e nublado, prometendo tempestades mas jamais entregando, lançando a Câmara Branca numa penumbra fria. De vez em quando sopros fortes de vento sacudiam os vidraças antigas, fazendo Jezal se assustar e tremer dentro de seu manto com acabamento de pele.

As expressões sérias dos doze rostos velhos pouco serviam para esquentar seus ossos. O lorde marechal Varuz era só maxilar trincado e determinação. O lorde camarista Hoff apertava a taça como um náufrago que se agarrasse ao último fragmento de seu barco. O juiz supremo Marovia franzia a testa como se fosse pronunciar a sentença de morte de todos os reunidos, inclusive a dele mesmo. Os lábios finos do arquileitor Sult permaneciam repuxados e seu olhar frio deslizava de Bayaz a Jezal, a Marovia e de volta.

O Primeiro dos Magos olhou irritado para a mesa.

– A situação, por favor, lorde marechal Varuz.

– A situação, honestamente, é séria. Adua está num tumulto. Talvez um terço da população já tenha fugido. O bloqueio gurkense faz com que poucos suprimentos cheguem aos mercados. O toque de recolher foi imposto, mas alguns cidadãos ainda aproveitam a oportunidade para roubar e criar tumultos enquanto as autoridades se ocupam em outros lugares.

Marovia balançou a cabeça, fazendo a barba grisalha oscilar suavemente.

– E só podemos esperar que a situação piore à medida que os gurkenses se aproximam da cidade.

– E eles estão fazendo isso – disse Varuz – num ritmo de vários quilômetros por dia. Estamos envidando todos os esforços para frustrá-los, mas com os recursos tão limitados… eles podem estar em nossos portões em menos de uma semana.

Houve alguns arquejos de espanto, palavrões sussurrados, olhares nervosos ao redor.

– Tão cedo? – falou Jezal, com a voz falhando.

– Infelizmente, sim, Majestade.

– Qual é a força dos gurkenses? – perguntou Marovia.

– As estimativas variam absurdamente. Mas no momento… – Varuz sugou o ar por entre os dentes, preocupado –… parece que eles têm pelo menos 50 mil homens em campo.

Houve mais sons ofegantes, inclusive da garganta de Jezal.

– Tantos assim? – murmurou Halleck.

– E outros milhares desembarcando a cada dia perto de Keln – disse o almirante Reutzer, o que não ajudou a melhorar o clima. – Com a maior parte da nossa marinha indo buscar o exército depois da aventura no Norte, estamos sem condições de impedi-los.

Jezal correu a língua pelos lábios. As paredes do salão pareciam se fechar um pouco mais a cada momento.

– E nossas tropas?

Varuz e Reutzer trocaram um rápido olhar.

– Temos dois regimentos do Próprio do Rei, um de infantaria e um de cavalaria, cerca de 6 mil homens no total. A Guarda Cinza, encarregada da defesa do Agriont, é de 4 mil homens. Os cavaleiros arautos e os do Grupo formam uma elite com cerca de quinhentos. Além disso, há soldados não combatentes: cozinheiros, cavalariços, ferreiros e assim por diante, que poderiam ser armados numa emergência…

– Creio se tratar de uma – observou Bayaz.

–… talvez mais uns poucos milhares. A guarda da cidade pode ser útil, mas eles não são soldados profissionais.

– E os nobres? – perguntou Marovia. – Onde está a ajuda deles?

– Uns poucos mandaram homens – disse Varuz, sério. – Outros só mandaram as desculpas. A maioria… nem isso.

– Estão jogando dos dois lados. – Hoff balançou a cabeça. – Brock deixou claro que haverá ouro gurkense para quem o ajudar e misericórdia gurkense para quem ficar conosco.

– Sempre foi assim – lamentou Torlichorm. – Os nobres só têm interesse no próprio bem-estar!

– Então devemos abrir os arsenais – disse Bayaz – e não devemos ser tímidos com o conteúdo deles. Devemos equipar cada cidadão que possa segurar uma arma. Devemos armar as corporações de trabalhadores braçais, de artesãos e as associações de veteranos. Até os mendigos devem estar prontos para lutar.

Era tudo muito bom, supôs Jezal, mas ele não gostava da ideia de confiar a vida a uma legião de mendigos.

– Quando o lorde marechal West voltará com o exército?

– Se ele recebeu as ordens ontem, vai se passar pelo menos um mês até que tenha desembarcado e possa nos ajudar.

– O que significa que devemos suportar várias semanas de cerco – murmurou Hoff, balançando a cabeça.

Ele se inclinou perto do ouvido de Jezal e falou baixinho, como se fossem

meninas de escola trocando segredos.

– Majestade, talvez seja prudente o senhor e seu Conselho Fechado saírem da cidade. Instalar o governo mais ao norte, fora do caminho do avanço gurkense, de onde a campanha possa ser conduzida com mais segurança. Em Holsthorm, talvez, ou…

– Absolutamente não – interferiu Bayaz, sério.

Jezal não podia negar que a ideia tinha seus atrativos. No momento a ilha de Shabulyan parecia o lugar ideal para seu governo. Mas Bayaz estava certo. Harod, o Grande, não teria a ideia de recuar, e infelizmente Jezal também não poderia.

– Vamos lutar contra os gurkenses aqui – disse.

– Foi apenas uma sugestão – murmurou Hoff. – Mera prudência.

Bayaz o cortou:

– Como estão as defesas da cidade?

– Temos essencialmente três linhas de defesa. O Agriont em si, claro, é nosso último bastião.

– Mas a coisa não vai chegar a esse ponto, vai? – perguntou Hoff com um risinho, muito longe de estar convicto.

Varuz decidiu não responder.

– A muralha de Arnault fica mais além, envolvendo as partes mais antigas e mais importantes da cidade: o Agriont, a via do Meio, o cais principal e os Quatro Cantos, entre outros. A muralha de Casamir é nossa linha de defesa mais externa: mais fraca, mais baixa e muito mais longa do que a de Arnault. Muralhas menores ligam essas duas, como os raios de uma roda, dividindo o círculo externo da cidade em quatro distritos, cada um dos quais podendo ser lacrado, se for tomado pelo inimigo. Há algumas áreas construídas para além da muralha de Casamir, mas estas devem ser abandonadas imediatamente.

Bayaz plantou os cotovelos na beira da mesa, com as mãos carnudas cruzadas.

– Dados o número e a qualidade das nossas tropas, seria melhor evacuarmos as áreas externas da cidade e concentrarmos os esforços ao redor da extensão menor e mais forte da muralha de Arnault. Podemos continuar a lutar em ações de retaguarda nos distritos mais externos, onde nosso conhecimento superior das ruas e dos prédios é favorável…

– Não – interrompeu-o Jezal.

Bayaz lançou-lhe um olhar pensativo.

– Majestade?

Mas Jezal não se deixou intimidar. Fazia algum tempo que vinha ficando claro que, se ele permitisse que o mago o comandasse em todas as questões,

jamais escaparia do peso de suas botas. Jezal podia ter visto Bayaz fazer um homem explodir com um pensamento, mas era pouco provável que ele fizesse isso com o rei da União diante de seu próprio Conselho Fechado. Não com os gurkenses bafejando no pescoço de todos.

– Não pretendo entregar a maior parte da minha capital ao inimigo mais antigo da União sem resistência. Vamos defender a muralha de Casamir e manter cada ponto do nosso território.

Varuz olhou para Hoff, e o camarista levantou sutilmente as sobrancelhas.

– É… claro, Majestade. Cada ponto.

Houve um silêncio desconfortável, com o desprazer do Primeiro dos Magos pairando sobre o grupo de forma tão pesada quanto as nuvens de tempestade sobre Adua.

– Minha Inquisição tem alguma colaboração a dar? – grasnou Jezal, esforçando-se ao máximo para mudar um pouco o foco.

O olhar de Sult saltou frio na direção dele.

– Claro, Majestade. O amor dos gurkenses pela intriga é bem conhecido. Não temos dúvida de que já existem espiões dentro das muralhas de Adua. Talvez no próprio Agriont. Todos os cidadãos de origem kanticense estão sendo aprisionados. Meus inquisidores trabalham dia e noite na Casa das Perguntas. Vários espiões já confessaram.

Marovia bufou.

– Então devemos supor que o amor dos gurkenses pela intriga não chegue ao ponto de contratar agentes de pele branca?

– Estamos em guerra! – sibilou Sult, lançando um olhar mortal para o juiz supremo. – A soberania da nação está em risco! Não há tempo para suas conversas sobre liberdade, Marovia!

– Pelo contrário, a ocasião é exatamente esta!

Os dois velhos ficaram de birra, levando os outros ao extremo de seus nervos. Enquanto isso Bayaz havia se afundado de volta em sua cadeira e cruzado os braços, olhando Jezal como se pensasse com calma – o que, no mínimo, era mais assustador ainda do que sua carranca. Jezal sentiu ainda mais o peso da preocupação. Não importava sob que prisma olhasse, estava muito próximo de ter o reinado mais breve e mais desastroso da história da União.



– Sinto muito por ter de chamar Vossa Majestade – trinou Gorst com sua vozinha de menina.

– Claro, claro – falou Jezal, com suas botas polidas fazendo ecos raivosos a toda a volta.

– Eu só posso agir até certo ponto.

– Claro.

Jezal empurrou a porta dupla com as mãos. Terez estava sentada ereta, no meio do aposento recoberto de ouro, e o olhou com irritação por cima do nariz empinado, daquele modo que ele passara a reconhecer como irritantemente familiar. Como se ele fosse um inseto em sua salada. Várias damas estirianas levantaram os olhos e depois voltaram às suas tarefas. Baús e caixas atulhavam o cômodo, roupas estavam sento guardadas muito bem dobradas dentro deles. Tudo levava a crer que a rainha da União planejava deixar a capital, e sem ao menos informar ao marido.

Jezal trincou os dentes já doloridos. Era atormentado por um Conselho Fechado desleal, um Conselho Aberto desleal e um povo desleal. A deslealdade venenosa de sua esposa era quase demais para suportar.

– Que diabo é isso?

– Eu e minhas damas não podemos ajudá-lo em sua guerra com o imperador. – Terez virou sua cabeça impecável para longe dele. – Vamos voltar a Talins.

– Impossível! – sibilou Jezal. – Um exército gurkense de muitos milhares está vindo para a cidade! Meu povo está fugindo de Adua aos bandos e os que permanecem estão à beira do pânico absoluto! Se você partir agora, vai passar uma mensagem totalmente errada! Não posso permitir!

– Sua Majestade não tem nenhum envolvimento! – disse rispidamente a condessa Shalere, deslizando pelo chão polido na direção dele.

Como se Jezal não tivesse preocupações suficientes com a própria rainha, agora era obrigado a discutir com suas acompanhantes.

– Está esquecendo quem você é – rosnou ele.

– É o senhor que esquece! – Ela se aproximou um passo, com ar de desafio no rosto. – Esquece que é um filho bastardo, um homem cheio de cicatrizes e…

As costas da mão de Jezal estalaram com força na boca cheia de escárnio e mandaram a mulher para trás, girando com um gorgolejo canhestro. Ela tropeçou no vestido, despencou no chão e um de seus sapatos voou até um canto do aposento.

– Eu *sou* o rei e estou no meu palácio. Não admito que uma mera serviçal fale comigo desse jeito – disse ele, de forma controlada, fria e apavorantemente dominadora. Nem parecia a voz dele, mas de quem mais seria? Ele era o único homem no aposento. – Vejo que fui generoso demais com vocês e que confundiram minha generosidade com fraqueza.

As onze damas o encararam e encararam sua colega caída, embolada no chão com uma das mãos na boca.

– Se alguma dessas bruxas desejar partir deste país conturbado, garantirei salvo-conduto, e até mesmo posso de bom grado pegar num remo. Mas você, Majestade, não vai a lugar nenhum.

Terez havia saltado de seu assento e o encarava furiosa, o corpo rígido.

– Seu brutamontes insensível… – começou a sibilar.

– Nós dois podemos desejar de todo o coração que as coisas fossem diferentes – rugiu ele acima da voz da esposa. – Mas estamos casados. A hora de levantar objeções ao meu nascimento ou à minha pessoa ou a qualquer outra faceta da nossa situação era *antes* de você se tornar rainha da União! Pode me desprezar quanto quiser, Terez, mas você… não vai… a lugar nenhum.

E Jezal deu meia-volta e saiu pisando firme do salão arejado.

Maldição, como sua mão doía!

O círculo

O ALVORECER ESTAVA chegando, uma sugestão de cinza, um toque levíssimo de claridade ao redor da silhueta solene das muralhas de Carleon. Todas as estrelas haviam desbotado no céu de pedra, mas a lua continuava a pairar ali, logo acima do topo das árvores, e parecia tão próxima que quase seria possível acertá-la com uma flecha.

West não havia pregado os olhos a noite toda e tinha passado para aquele estranho reino de vigília incômoda, onírica, que está além da exaustão. Durante algum tempo, no escuro, em silêncio, depois de todas as ordens serem dadas, ele havia se sentado à luz de um único lampião para escrever uma carta à irmã. Vomitar desculpas. Exigir perdão. Ficara sentado não sabia por quanto tempo, com a pena sobre o papel, mas as palavras simplesmente não vieram. Quisera dizer tudo o que sentia, mas, pensando bem, não sentia nada. As tavernas quentes de Adua, as cartas de baralho no pátio ensolarado. O sorriso torto de Ardee. Tudo parecia ter acontecido mil anos antes.

Os nórdicos já estavam ocupados cortando o capim à sombra da muralha. Os estalos que produziam limpando um círculo de doze passos de diâmetro até as raízes eram como um eco estranho dos jardineiros do Agriont. Aquele devia ser o terreno onde aconteceria o duelo. O terreno onde, dali a uma ou duas horas, o destino do Norte seria decidido. Muito parecido com um círculo de esgrima, só que logo poderia estar coberto de sangue.

– Um costume bárbaro – murmurou Jalenhorm, com os pensamentos evidentemente voltados para um rumo parecido com o de West.

– Verdade? – resmungou Pike. – Eu estava pensando em como é um costume civilizado.

– Civilizado? Dois homens trucidando-se diante de uma multidão?

– Melhor do que uma multidão trucidando outra. Solucionar um problema com a morte de apenas um homem? É um bom modo de terminar uma guerra, no meu pensamento.

Jalenhorm se encolheu e soprou nas mãos em concha.

– Mesmo assim. É muita coisa para depender de dois homens lutando. E se Nove Dedos perder?

– Então acho que Bethod ficará livre – respondeu West, infeliz.

– Mas ele invadiu a União! Provocou milhares de mortes! Ele merece ser castigado!

– Raramente as pessoas recebem o que merecem – falou West.

Pensou nos ossos do príncipe Ladisla apodrecendo no ermo. Alguns crimes terríveis ficam sem castigo, e uns poucos, sem nenhum motivo além dos movimentos caprichosos do acaso, são ricamente recompensados. Ele parou.

Um homem estava sentado sozinho no longo declive, de costas para a cidade. Um homem encurvado e usando um casaco velho, tão imóvel e silencioso à meia-luz que West quase não o viu.

– Já alcanço vocês – disse ao sair da trilha.

Coberto com uma penugem pálida de geada, o capim estalava delicadamente sob suas botas a cada passo.

– Puxe uma cadeira – convidou-o Nove Dedos, com a respiração saindo suave como fumaça em volta de seu rosto escurecido.

West se agachou na terra fria ao lado dele.

– Você está preparado?

– Fiz isso dez vezes antes. Não posso dizer que já estive preparado. Não sei se existe um modo de se preparar para isso. O melhor que descobri foi simplesmente me sentar e esperar o tempo se arrastar. E tentar não me mijar.

– Imagino que uma calça molhada seria embaraçosa no círculo.

– É. Mas acho que é melhor do que uma cabeça rachada.

Não dava para negar. West tinha ouvido histórias desses duelos nórdicos, claro. Crescendo em Angland, as crianças sussurravam histórias sinistras sobre isso. Mas ele tinha pouca ideia de como aconteciam de fato.

– Como esse negócio funciona?

– Eles delimitam um círculo. Em volta ficam homens com escudos, metade são de um lado e metade, do outro, e garantem que ninguém saia antes que a coisa seja resolvida. Dois homens entram no círculo. O que morrer perde. A não ser que alguém decida ser misericordioso. Mas de algum modo não consigo imaginar isso acontecendo hoje.

Também não dava para imaginar.

– Com o que vocês lutam?

– Cada um de nós traz uma arma. Pode ser qualquer coisa. Então giram um escudo e o ganhador escolhe a que quer.

– Então você pode acabar lutando com o que seu inimigo trouxe?

– Isso pode acontecer. Matei Shama Sem Coração com a espada dele e fui furado pela lança que levei para lutar contra Harding Sinistro – contou Logen e coçou a barriga, como se a lembrança doesse ali. – Mas ser furado pela própria lança não machuca mais do que pela de outra pessoa.

West pôs a mão na própria barriga, pensativo.

– É.

Os dois ficaram sentados em silêncio um pouco mais.

– Quero lhe pedir um favor – falou Nove Dedos.

– É só dizer.

– Você e seus amigos segurariam escudos para mim?

– Nós? – falou West, e piscou na direção dos Carls à sombra da muralha. Seus grandes escudos redondos pareciam bastante difíceis de levantar, quanto mais de usar bem. – Tem certeza? Nunca segurei um na vida.

– Talvez, mas você sabe de que lado está. Não há muita gente em quem eu confie, no meio daqueles. A maioria ainda está tentando decidir quem odeia mais, Bethod ou eu. Alguém me dá um encontrão quando eu precisar de apoio ou me deixa cair quando eu precisar ser seguro. Aí todos estaremos acabados. Principalmente eu.

West estufou as bochechas.

– Faremos o que pudermos.

– Que bom. Que bom.

O silêncio frio se arrastou. Sobre as montanhas negras e as árvores escuras, a lua afundou e sua luz ficou mais fraca.

– Diga, Furioso: você acha que um homem precisa pagar pelas coisas que fez?

West levantou a cabeça de imediato, com o pensamento irracional e doentio de que Nove Dedos estava falando de Ardee ou de Ladisla ou de ambos. Certamente os olhos do nórdico pareciam brilhar de forma acusadora. Então West sentiu essa ânsia diminuir. Nove Dedos estava falando de si, claro, como todo mundo faz quanto tem chance. O que havia nos olhos dele era culpa, não acusação. Todo homem é perseguido pelos próprios erros.

– Talvez – respondeu West, pigarreando por causa da secura na garganta. – Às vezes. Não sei. Acho que todos fizemos coisas das quais nos arrependemos.

– É. Acho que sim.

Voltaram a ficar em silêncio e olharam a luz vazar pelo céu.



– Vamos, chefe! – sibilou Barca Negra. – Vamos, porra!

– Eu digo quando! – cuspiu Cachorrão de volta.

Afastou do caminho os ramos orvalhados e espiou a muralha, a cerca de cem passos de distância, do outro lado de uma campina úmida.

– Agora tem muita luz. Vamos esperar aquela porcaria de lua baixar mais um pouco, depois saímos correndo.

– Não vai ficar mais escuro que isso! Bethod não pode ter muitos homens lá, depois dos que matamos nas montanhas, e é um bocado de muralha. Eles vão

estar espalhados, finos que nem teias de aranha lá em cima.

– Só é preciso um para…

Mas Barca Negra já partira correndo pelo campo, tão visível no capim quanto um cagalhão num campo coberto de neve.

– Merda! – sibilou Cachorrão, impotente.

– Uh – concordou Sinistro.

Não havia nada a fazer além de olhar e esperar que Barca Negra fosse crivado de flechas. Esperar os gritos, as tochas serem acesas e o alarme soar e a coisa toda ir para a vala. Então Barca Negra subiu o último trecho da encosta e mergulhou nas sombras junto à muralha.

– Ele conseguiu – disse Cachorrão.

– Uh – fez Sinistro.

Era para ser uma boa notícia, mas Cachorrão não sentiu muita vontade de sorrir. Agora ele mesmo precisava fazer a corrida, e não tinha a sorte de Barca Negra. Olhou para Sinistro, que deu de ombros. Os dois saíram juntos das árvores, os pés batendo na campina macia. Sinistro tinha pernas mais compridas, começou a se afastar. O terreno era muito mais mole do que Cachorrão havia…

– Ai!

Seu pé afundou até o tornozelo e ele voou, se esparramou na lama e saiu deslizando. Levantou-se todo atrapalhado, ofegando e com frio, e correu o resto do caminho com a camisa molhada grudada na pele. Subiu de qualquer jeito a encosta e, quando chegou à base da muralha, se curvou e apoiou as mãos nos joelhos, soltando o ar com força e cuspindo capim.

– Parece que você levou um tombo lá, chefe – comentou Barca Negra, com um sorriso que era uma curva branca nas sombras.

– Seu maluco desgraçado! – sibilou Cachorrão, com o mau humor explodindo no peito frio. – Poderia ter sido a morte de todos nós!

– Ah, ainda há tempo.

– Shhh. – Sinistro sacudiu uma das mãos para silenciá-los.

Cachorrão se grudou à muralha, com a preocupação apagando sua raiva de imediato. Ouviu homens se moverem lá em cima, viu o brilho de um lampião passar lento pela muralha. Esperou, imóvel, sem qualquer som além da respiração calma de Barca Negra ao lado e do próprio coração martelando, até que os homens no alto se afastaram e tudo ficou silencioso outra vez.

– Isso não fez seu sangue correr rápido, fez, chefe? – sussurrou Barca Negra.

– Temos sorte de ele não estar correndo para fora da gente.

– E agora?

Cachorrão trincou os dentes enquanto tentava raspar a lama da cara.

– Agora a gente espera.



Logen se levantou, bateu o orvalho das calças, respirou fundo o ar gelado. Já não havia como negar que o sol nascera. Podia estar escondido no leste por trás da montanha de Skarling, mas as torres pretas e altas lá em cima ganhavam bordas douradas, as nuvens finas e altas começavam a ficar rosadas por baixo, o céu frio entre elas se tornava azul-claro.

– É melhor fazer a coisa – sussurrou Logen – do que viver com medo dela.

Lembrou-se do pai dizendo isso. No salão enfumaçado, com a luz da fogueira movendo-se em seu rosto cheio de rugas, o dedo comprido balançando. Logen dissera o mesmo ao filho, sorrindo perto do rio, ensinando-lhe a pescar. O pai e o filho, ambos mortos agora, terra e cinzas. Ninguém teria aprendido isso com Logen, quando ele se fosse. Ninguém sentiria muita falta sua, calculou. Mas quem se importava? Não há nada que valha menos do que aquilo que pensam de você depois que você voltou para a lama.

Segurou com firmeza o cabo da espada do Artífice, sentiu as linhas marcadas pinicarem a palma da mão. Deslizou-a para fora da bainha e deixou-a pender, fez círculos com o ombro, movendo-a, balançou a cabeça de um lado para outro. Mais uma vez respirou o ar frio, depois soltou-o, então começou a caminhar subindo por entre a multidão que havia se reunido num amplo arco nas proximidades do portão. Uma confusa mistura dos Carls de Cachorrão e dos montanheses de Crummock, além de uns poucos soldados da União que receberam licença para assistir aos nórdicos malucos se matarem. Alguns gritaram para ele, todos sabendo, no fundo, que havia muito mais vidas na balança do que a de Logen.

– É o Nove Dedos!

– O Nove Sangrento.

– Dê um fim nisso!

– Mate aquele desgraçado!

Estavam com seus escudos, todos os homens que Logen havia escolhido para segurá-los, parados num emaranhado solene perto da muralha. West era um e Pike e Gorro Vermelho e Tremedeira também. Logen se perguntou se teria cometido um erro com o último, mas havia salvado a vida do sujeito na montanha e isso devia significar alguma coisa. “Devia” era uma linha tênue para valer sua vida, mas ali estava. Sua vida sempre estivera por um fio, desde que ele podia recordar.

Crummock-i-Phail acertou o passo ao seu lado, o grande escudo parecendo pequeno no braço enorme, a outra mão pousando de leve na barriga gorda.

– Está ansioso por isso, então, Nove Sangrento? Eu posso dizer que estou!

Logen recebia tapinhas nos ombros, ouvia encorajamentos, mas não dizia nada. Não olhava à esquerda nem à direita enquanto caminhava para o círculo aparado. Sentiu os homens fechando o espaço ao redor, ouviu-os colocando os escudos num semicírculo em volta da borda do capim curto, virados para o portão de Carleon. Mais atrás a turba se comprimia. Sussurrando uns com os outros. Esforçando-se para ver. Agora não havia como recuar, isso era fato. Mas nunca houvera. Ele sempre estivera voltando para ali. Parou no centro do círculo e virou o rosto para as ameias.

– Amanheceu! – rugiu. – Vamos logo com isso!

O silêncio foi se instalando à medida que os ecos morriam e o vento empurrava algumas folhas soltas no capim. Foi um silêncio longo o bastante para Logen começar a acreditar que ninguém responderia. Para começar a ter esperança de que, de algum modo, os outros tivessem escapado durante a noite e não houvesse mais duelo.

Então apareceram rostos na muralha. Um aqui, outro ali, depois toda uma multidão, alinhando-se no parapeito até onde Logen podia enxergar, nas duas direções. Centenas de pessoas: guerreiros, mulheres, até crianças nos ombros. Todo mundo da cidade, ao que parecia. Metal guinchou e madeira rangeu e as altas folhas do portão se separaram muito devagar, deixando a claridade do sol nascente vazar pela fresta no meio, depois se derramar por sua arcada. Duas filas de homens vieram pisando firme. Carls, todos com rostos sérios e cabelos emaranhados, a malha pesada tilintando, escudos pintados nos braços.

Logen conhecia alguns deles. Estavam entre os mais íntimos de Bethod, que o seguiam desde o início. Todos homens implacáveis, que haviam segurado escudos para Logen mais de uma vez, nos velhos tempos. Formaram seu próprio semicírculo, fechando o anel com força. Uma parede de escudos – caras de animais, árvores e torres, água corrente, machados cruzados, todos riscados e arranhados em uma centena de lutas antigas. Todos virados na direção de Logen. Uma jaula de homens e madeira, da qual a única saída era matar. Ou morrer, claro.

Uma silhueta negra surgiu no arco iluminado. Parecia um homem, mas era mais alto, como se preenchesse a passagem até o topo. Logen ouviu passos. Passos fortes, pesados como bigornas caindo. Um tipo estranho de medo o tomou. Um pânico insensato, como se tivesse acordado preso sob a neve outra vez. Obrigou-se a não olhar para Crummock por cima do ombro; obrigou-se a olhar adiante enquanto o campeão de Bethod saía ao alvorecer.

– Pela porra dos mortos – ofegou Logen.

A princípio achou que poderia ser algum truque da luz que o fazia aparentar

aquele tamanho. Tul Duru Cabeça de Trovão tinha sido um desgraçado bem alto, sem dúvida, o suficiente para algumas pessoas o chamarem de gigante. Mas mesmo assim parecia um homem. Fenris, o Temível, era feito em tal escala que parecia outra coisa. De outra raça. Um gigante mesmo, que tivesse saído das histórias antigas e ganhado carne. Muita carne.

Seu rosto se contorcia à medida que ele andava, a grande cabeça careca virando rápido de um lado para outro. A boca sorria com desprezo, os olhos piscavam e se arregalavam alternadamente. Metade dele era azul. Não havia outro modo de dizer. Uma linha nítida descia pelo rosto e separava a pele azul da pele clara. O enorme braço direito era branco. O esquerdo era azul desde o ombro até as pontas dos dedos enormes. Nessa mão ele carregava um saco, que balançava para trás e para a frente a cada passo, volumoso como se estivesse cheio de marretas.

Dois dos homens que seguravam escudos de Bethod se afastaram do caminho dele. Pareciam crianças ao seu lado e torceram o rosto como se a própria morte estivesse bafejando em suas nucas. O Temível entrou no círculo e Logen viu que as marcas azuis eram coisas escritas, como o espírito dissera. Símbolos retorcidos, rabiscados em cada parte de seu lado esquerdo: mão, braço, rosto, até os lábios. As palavras de Glustrod, escritas no Tempo Antigo.

O Temível parou a alguns passos de distância e um horror doentio parecia brotar dele e pairar sobre a multidão silenciosa, como se um grande peso apertasse o peito de Logen, espremendo sua coragem. Mas a tarefa era bastante simples, a seu modo. Se o lado pintado do Temível não podia sofrer mal, Logen só precisaria escavar o restante dele… escavar fundo. Já havia derrotado alguns homens implacáveis, no círculo. Dez dos desgraçados mais sinistros de todo o Norte. Este era apenas mais um. Ou pelo menos era o que ele tentava dizer a si mesmo.

– Onde está Bethod? – Logen planejara bradar isso cheio de desafio, mas saiu como um grasnido seco.

– Posso olhar você morrer muito bem daqui de cima!

O rei dos nórdicos estava nas ameias acima do portão aberto, bem-arrumado e feliz. Pálido-Como-Neve e alguns guardas estavam ao seu redor. Se ele tivera alguma dificuldade para dormir, Logen jamais saberia. A brisa da manhã agitava seu cabelo e a pele densa ao redor dos ombros; o sol da manhã brilhava na corrente de ouro, provocava fagulhas no diamante em sua testa.

– Que bom que você veio! Eu estava preocupado, pensando que você iria fugir! – falou o rei dos nórdicos e soltou um suspiro despreocupado, que virou fumaça no ar frio. – Amanheceu, como você disse. Vamos começar.

Logen olhou os olhos arregalados, agitados, loucos do Temível e engoliu

em seco.

– Estamos aqui para testemunhar um desafio! – rugiu Crummock. – Um desafio para dar um fim a esta guerra e resolver a questão entre Bethod, que passou a se chamar de rei dos nórdicos, e Furioso, que fala pela União. Se Bethod vencer, o cerco é interrompido e a União deixa o Norte. Se Furioso vencer, os portões de Carleon são abertos e Bethod fica à mercê dele. Falei a verdade?

– Falou – disse West, com a voz soando miúda naquele espaço.

– É – concordou Bethod do topo da muralha, balançando a mão com preguiça. – Ande logo, gordo.

– Então digam seus nomes, campeões! – gritou Crummock. – E apresentem seus feitos! Logen deu um passo adiante. Era um passo difícil de dar, como se fosse contra um vento forte, mas ele deu mesmo assim, inclinou a cabeça para trás e olhou para o Temível, direto na cara que se retorcia.

– Sou o Nove Sangrento, e não existe número para os homens que matei.

As palavras saíram devagar e sem vida. Não havia nenhum orgulho na voz vazia, mas também não existia medo. Era um fato frio. Frio como o inverno.

– Dez desafios enfrentei e todos venci – continuou. – Neste círculo derrotei Shama Sem Coração, Rudd Três Árvores, Harding Sinistro, Tul Duru Cabeça de Trovão, Barca Negra e mais ainda. Se eu citasse os Homens Nomeados que mandei de volta à lama, ainda estaríamos aqui amanhã ao nascer do sol. Não há um homem no Norte que não conheça minha obra.

Nada mudou no rosto do gigante. Pelo menos nada mais do que o usual.

– Meu nome é Fenris, o Temível. Meus feitos estão todos no passado – falou ele e, erguendo a mão pintada, contraiu os dedos grandes, e os tendões nos enormes braços azuis incharam como raízes nodosas. – Com estes símbolos o grande Glustrod me tornou seu escolhido. Com esta mão derrubei as estátuas de Aulcus. Agora mato homens pequenos, em guerras pequenas.

Logen notou um minúsculo dar de ombros, de enormes ombros.

– Assim são as coisas – concluiu o Temível.

Crummock olhou para Logen e levantou as sobrancelhas.

– Certo, então. Que armas vocês trouxeram para a luta?

Logen levantou a espada pesada, forjada por Kanedias para sua guerra contra os magos, e a ergueu à luz. Metal opaco, com um brilho fraco no gume ao pálido nascer do sol.

– Esta espada.

Ele a cravou no chão entre os dois e a deixou ali, imóvel.

O Temível jogou no chão seu saco, que se abriu, frouxo. Dentro havia grandes placas pretas, cheias de espetos e calombos, com arranhões e amassados.

– Esta armadura.

Logen olhou para aquele vasto peso de ferro escuro e lambeu os dentes. Se o Temível ganhasse no giro do escudo, poderia ficar com a espada e deixar Logen com uma desconjuntada armadura inútil, grande demais para ele. O que faria, então? Iria se esconder embaixo daquilo? Só precisava esperar que sua sorte durasse alguns minutos a mais.

– Certo, minhas belezinhas – falou Crummock, pousando seu escudo sobre a ponta e segurando a parte de cima. – Pintado ou liso, Nove Dedos?

– Pintado.

Crummock puxou o escudo e o fez girar. Girou e girou – pintado, liso, pintado, liso. Esperança e desespero se revezavam a cada giro. A madeira começou a ficar mais lenta, a bambolear na borda. Caiu de uma vez só, o lado liso para cima, as tiras balançando.

A sorte já era.

Crummock se encolheu. Olhou para o gigante.

– Você escolhe, garotão.

O Temível segurou a espada do Artífice e a puxou para fora do chão. Parecia um brinquedo em sua mão monstruosa. Seus olhos saltados se viraram na direção dos de Logen e sua bocarra se retorceu num sorriso. Ele jogou a espada aos pés de Logen e ela tombou na terra.

– Fique com sua faca, homenzinho.

O som de vozes exaltadas flutuou fraco na brisa.

– Certo – sibilou Barca Negra, alto demais para os nervos de Cachorrão. – Eles estão começando!

– Estou ouvindo! – reagiu Cachorrão rispidamente, enrolando a corda em círculos frouxos, pronto para lançar.

– Sabe o que fazer com essa coisa? Não seria bom se isso caísse em cima de mim.

– É mesmo? – Cachorrão balançou o arpéu um pouquinho para trás e para a frente, sentindo o peso. – Eu estava exatamente pensando que, depois de prender na muralha, prender na sua cabeça gorda seria o segundo melhor resultado possível.

Girou a corda num círculo, depois num círculo maior, deixando um pouco de corda escorregar pela mão, depois girou com mais força e deixou-a voar. O arpéu subiu com facilidade, a corda se desenrolando atrás, e passou por cima das ameias. Cachorrão se encolheu ao ouvi-lo bater com estardalhaço na passarela, mas ninguém apareceu. Puxou a corda. Ela desceu pela extensão de um ou dois

passos, depois se prendeu. Parecia firme feito rocha.

– De primeira – disse Sinistro.

Cachorrão assentiu, quase sem acreditar.

– Incrível, não é? Quem vai primeiro?

Barca Negra riu para ele.

– Quem está segurando a corda, imagino.

Ao começar a subir, Cachorrão se descobriu pensando em todos os modos pelos quais um homem poderia ser morto escalando aquela muralha. O arpéu escorregava e ele caía. A corda puía e arrebentava, e ele caía. Alguém via o arpéu e ficava esperando que ele chegasse ao topo para cortar a corda – ou sua garganta. Ou alguém estaria agora mesmo chamando uma dúzia de homens grandalhões para aprisionar o idiota que tentava invadir sozinho a cidade.

Suas botas raspavam na pedra áspera, o cânhamo raspava suas mãos, os braços queimavam com o esforço, e o tempo todo ele tentava ao máximo manter a respiração silenciosa. As ameias foram ficando mais próximas e mais próximas, e então ele chegou. Firmou os dedos na pedra e olhou por cima. A passarela estava vazia nos dois sentidos. Deslizou sobre o parapeito, sacando uma faca, só para garantir. Facas nunca são demais, e coisa e tal. Verificou se o arpéu estava bem firme, depois se inclinou sobre o parapeito e viu Barca Negra lá embaixo, olhando para o alto, e Sinistro com a corda nas mãos e um pé na muralha, pronto para subir. Cachorrão sinalizou chamando-o, viu-o começar a subir, com Barca Negra segurando a ponta da corda para impedi-la de balançar. Logo ele estava na metade…

– Que porra…

Cachorrão virou a cabeça bruscamente para a esquerda. Havia uma dupla de servos não muito longe: tinham acabado de sair de uma porta da torre mais próxima para a muralha. Eles o encararam e ele os encarou de volta pelo que pareceu um tempo enorme.

– Tem uma corda aqui! – gritou Cachorrão, brandindo sua faca e fingindo cortá-la do arpéu. – Algum desgraçado está tentando subir!

– Pelos mortos! – Um deles veio correndo, olhou boquiaberto para Sinistro balançando-se na corda. – Ele está subindo agora!

O outro sacou sua espada.

– Não se preocupem com isso. – Levantou a arma, rindo, pronto para cortar a corda. Então parou. – Ei, por que você está todo enlameado?

Cachorrão lhe deu uma facada no peito, com o máximo de força possível, e de novo.

– Uh! – gemeu o servo, o rosto retorcido, ao bater de costas na ameia e largar sua espada pela borda.

Seu colega veio atacando, girando uma grande maça. Cachorrão se desviou abaixando-se, mas o servo se chocou contra ele e o derrubou de costas, a cabeça batendo na pedra.

A maça foi jogada longe e os dois lutaram. O servo chutava e dava socos enquanto Cachorrão tentava apertar o pescoço dele, impedi-lo de gritar. Os dois rolaram para um lado, depois de volta para o outro, tentaram se levantar e cambalearam na passarela. O servo enfiou o ombro sob a axila de Cachorrão e o empurrou de costas contra as ameias, tentando jogá-lo por cima.

– Merda – ofegou Cachorrão quando seus pés saíram do chão.

Ele sentia a bunda raspar na pedra, mas continuou agarrado, as mãos apertando o pescoço do servo, impedindo que ele respirasse direito. Subiu mais 2 centímetros, sentiu a cabeça ser forçada para trás, quase com mais peso do lado errado do parapeito do que do certo.

– Você vai descer, desgraçado! – grasnou o servo, tentando afastar o queixo das mãos de Cachorrão e empurrando-o um pouquinho mais. – Você vai… – Seus olhos se arregalaram. Ele cambaleou para trás, com uma flecha se projetando do lado do corpo. – Ah, eu não…

Outra acertou seu pescoço e ele cambaleou mais um passo. Teria caído da muralha se Cachorrão não tivesse agarrado seu braço e o arrastado para baixo, na passarela, mantendo-o ali enquanto ele babava nos últimos suspiros.

Quando viu que ele estava morto, Cachorrão rolou e se levantou, curvado sobre o cadáver, ofegando. Sinistro veio correndo, dando uma boa olhada ao redor para garantir que não havia a probabilidade de mais alguém aparecer.

– Tudo certo?

– Só uma vez. Só uma vez eu gostaria de receber ajuda antes de estar perto de morrer.

– É melhor do que depois.

Cachorrão precisou admitir que havia alguma verdade nisso. Viu Barca Negra se erguer por cima das ameias e rolar na passarela. O servo que Cachorrão havia esfaqueado ainda respirava, fraco, sentado perto do arpéu. Barca Negra arrancou um pedaço do crânio dele com o machado enquanto passava, despreocupado como se cortasse lenha.

Ele balançou a cabeça.

– Deixo vocês dois sozinhos durante dez minutos e olha o que acontece. Dois mortos, é? – Barca Negra se abaixou, enfiou dois dedos num dos buracos feitos pela faca de Cachorrão, puxou-os e passou o sangue sobre um dos lados do rosto. E então riu. – O que vocês acham que a gente faz com dois mortos?

O Temível parecia preencher o círculo, uma metade nua e azul, a outra envolta em ferro preto, um monstro arrancado das lendas. Não havia onde se esconder de seus punhos enormes, não havia onde se esconder do medo dele. Escudos se moviam e se chocavam, homens rugiam e berravam, um mar turvo de rostos retorcidos de fúria e loucura.

Logen se esgueirou pela borda do capim curto, tentando manter os pés leves. Podia ser menor, mas era mais rápido, mais inteligente. Pelo menos esperava ser. Precisava ser, caso contrário viraria lama. Continuar em movimento, rolar, abaixar-se, ficar fora do caminho e escolher o momento certo. Acima de tudo, não ser atingido. Não ser atingido era a primeira coisa.

O gigante veio para cima dele como se saísse de lugar nenhum, seu grande punho tatuado um borrão azul. Logen se jogou para fora do caminho, mas mesmo assim aquilo roçou seu rosto e acertou o ombro, fez com que ele cambaleasse. A estratégia de não ser atingido já era! Um escudo, nada amistoso, empurrou suas costas e ele foi jogado para o lado oposto, com a cabeça chicoteando. Caiu de cara, quase se cortou na própria espada, rolou desesperado e viu a bota enorme do Temível bater no chão e fazer a terra voar onde seu crânio estivera um instante atrás.

Levantou-se atabalhoado a tempo de ver a mão azul vir de novo. Desviou-se por baixo e golpeou a carne tatuada do Temível enquanto ele passava. A espada do Artífice se cravou fundo na coxa do gigante como uma pá em terra fofa. A perna enorme se dobrou e ele tombou para a frente, sobre o joelho coberto com a armadura. Devia ter sido um golpe mortal atravessando as grandes veias, mas praticamente não houve mais sangue do que um arranhão ao fazer a barba.

Mas, quando uma coisa falha, você tenta outra. Logen rugiu e golpeou a cabeça careca do Temível. A lâmina ressoou contra o metal da armadura no braço direito do Temível, que fora levantado bem a tempo. Ela raspou aquele aço preto e deslizou, inofensiva, cravando-se na terra e deixando as mãos de Logen tremer.

– Uuuf!

O joelho do Temível afundou-se na barriga de Logen, fez com que ele se dobrasse e cambaleasse, precisando tossir, mas sem ar para isso. O gigante já havia se reequilibrado e jogou para trás a manopla da armadura, um naco de ferro preto do tamanho da cabeça de um homem. Logen mergulhou de lado, rolando no capim curto, sentiu o vento do grande braço passar a toda a velocidade. Chocou-se contra um escudo no ponto onde antes estivera de pé, partiu-o em lascas e lançou por terra, gemendo, o homem que o estivera

segurando.

Parecia que o espírito estava certo. O lado pintado não podia ser ferido. Logen se agachou na esperança de que a dor lancinante na barriga diminuísse o suficiente para ele respirar, tentando pensar em algum truque e não descobrindo nenhum. O Temível virou na direção de Logen o rosto que se retorcia. Atrás dele, no chão, o homem caído gemia sob os destroços do escudo. Os Carls dos dois lados arrastaram os pés para fechar a abertura com alguma relutância.

O gigante deu um passo lento adiante e Logen deu um passo dolorido para trás.

– Ainda estou vivo – sussurrou consigo mesmo.

Mas era difícil prever por quanto tempo.

West nunca se sentira tão apavorado, tão empolgado, tão vivo. Nem quando vencera o Campeonato sob os aplausos de toda a enorme praça dos Marechais. Nem quando atravessara a muralha de Ulrioch e saíra da poeira e do caos para o calor da luz do sol.

Sua pele formigava de esperança e horror. As mãos se moviam impotentes acompanhando os movimentos de Nove Dedos. Ainda que fosse inútil, seus lábios murmuravam conselhos, encorajamentos mudos. Ao seu lado, Pike e Jalenhorm empurravam, acotovelavam, gritavam até ficar roucos. Atrás deles a multidão rugia, esforçando-se para ver. Na muralha as pessoas se inclinavam para fora, gritando e brandindo os punhos no ar. O círculo de homens se flexionava seguindo os movimentos dos lutadores, jamais imóvel, inclinando-se para trás ou para a frente à medida que os campeões avançavam ou recuavam.

E em quase todas as ocasiões, até ali, quem recuava era Nove Dedos. Mesmo sendo um brutamontes, parecia minúsculo, fraco e frágil ao lado daquela criatura aterrorizante. Para piorar muito as coisas, havia algo muito estranho acontecendo ali. Algo que West só poderia chamar de magia. Grandes ferimentos, ferimentos mortais, fechavam-se na pele azul do Temível diante de seus olhos. Aquela coisa não era humana. Só podia ser um demônio e, sempre que ele se aproximava, enorme, West sentia medo como se estivesse parado à beira do próprio inferno.

O rosto de West se contorceu quando Nove Dedos bateu desamparado nos escudos do lado oposto do círculo. O Temível levantou a manopla da armadura para dar um golpe que certamente esmagaria um crânio, transformando-o em geleia. Mas não acertou nada além do ar. Nove Dedos se afastou no último instante e deixou o ferro errar seu queixo por um fio de cabelo. Sua espada pesada golpeou para baixo e ricocheteou no ombro blindado do Temível com um

clangor sonoro. O gigante cambaleou para trás e Nove Dedos partiu para cima dele, as cicatrizes pálidas esticadas no rosto rígido.

– Isso! – sibilou West, com os homens ao redor berrando em aprovação.

O golpe seguinte acertou a lateral blindada do gigante de cima para baixo, deixando um arranhão longo, brilhante, e escavando um grande torrão de terra. O golpe subsequente se cravou fundo nas costelas pintadas, fez jorrar uma névoa de sangue e deixou Fenris sacudindo os braços, sem equilíbrio. A boca de West foi se escancarando à medida que o gigante caía em sua direção. O Temível bateu em seu escudo como uma árvore caindo e o derrubou de joelhos, trêmulo e sem forças sob o enorme peso, com o estômago embrulhado de nojo e medo.

Então West viu. Uma das fivelas da armadura cheia de pontas e calombos, logo abaixo do joelho do gigante, estava a centímetros de sua mão livre. Tudo em que conseguiu pensar, naquele momento, foi que, depois de toda a morte que espalhara de um lado a outro de Angland, Bethod poderia escapar. Trincou os dentes e puxou a ponta da tira de couro, grossa como um cinto de homem. Puxou-a enquanto o Temível levantava o corpanzil. A fivela se abriu com um tilintar e a proteção do tornozelo poderoso se soltou na hora em que o pé bateu de novo no chão e o braço golpeou Nove Dedos e o mandou longe.

West se levantou do chão com dificuldade, já arrependido de ter sido tão impulsivo. Olhou o círculo ao redor, procurando algum sinal de que alguém tivesse visto, mas todos os olhares estavam fixos nos lutadores. Agora aquilo parecia uma sabotagem minúscula, uma insolência que jamais poderia fazer nenhuma diferença. Nenhuma além de levá-lo à morte, claro. Era um fato que ele conhecia desde a infância. Se você for apanhado trapaceando num duelo nórdico, cortam a cruz sangrenta em você e arrancam suas tripas.

– Arg!

Logen desviou-se do punho blindado, cambaleou para a direita enquanto o azul passava diante de seu rosto, mergulhou para a esquerda quando a manopla de ferro tentou atingi-lo de novo. Escorregou e quase caiu. Qualquer um daqueles golpes fora forte o bastante para arrancar sua cabeça. Viu o braço pintado recuar, trincou os dentes ao desviar-se de outro soco poderoso do Temível, já girando a espada para cima e para o lado.

A lâmina decepou o braço azul logo abaixo do cotovelo. Ele saiu rolando pelo círculo, junto com um jorro de sangue. Logen sugou o ar para dentro dos pulmões ardentes e levantou bem alto a espada do Artífice, preparando-se para um último esforço. Os olhos do Temível se viraram para cima, na direção da lâmina cinza e opaca. Ele jogou a cabeça para o lado mas a espada se cravou em

seu crânio pintado, lançando uma chuva de sangue escuro e rachando a cabeça até as sobrancelhas.

O cotovelo blindado do gigante acertou as costelas de Logen, erguendo-o do chão e jogando-o longe no círculo. Logen bateu num escudo e caiu esparramado de cara. Ficou ali, cuspindo terra, enquanto o mundo todo girava num borrão.

Estremeceu ao tentar se levantar. Piscou para afastar as lágrimas e se imobilizou. O Temível deu um passo adiante com a espada ainda cravada fundo no crânio e segurou o antebraço decepado. Apertou-o contra o cotoco sem sangue, torceu-o para a direita, depois para a esquerda e o soltou. O grande braço estava inteiro de novo; as letras corriam do ombro até o pulso sem interrupção.

Os homens que fechavam o círculo ficaram em silêncio. O gigante mexeu os dedos azuis por um instante, depois levantou a mão e fechou-a em volta do punho da espada do Artífice. Girou-a para um lado, depois para o outro, o crânio estalando à medida que os ossos se moviam. Soltou a lâmina, sacudiu a cabeça como que para se recuperar de uma leve tontura, depois jogou a espada, que caiu na frente de Logen pela segunda vez naquele dia.

Logen olhou para ela, arfando. Ficava mais pesada a cada troca de golpes. Os ferimentos que ele havia sofrido nas montanhas doíam, os golpes que recebera no círculo latejavam. O ar continuava frio, mas sua camisa estava pegajosa de suor.

O Temível não mostrava qualquer sinal de cansaço, mesmo com meia tonelada de ferro presa ao corpo. Não havia sequer uma gota de suor no rosto que se retorcia. Nem ao menos um arranhão no crânio tatuado.

Logen sentiu-se mais uma vez oprimido pelo medo. Agora sabia como um camundongo se sentia entre as patas de um gato. Deveria ter fugido. Deveria ter fugido sem olhar para trás, mas tinha escolhido aquilo. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que o desgraçado nunca aprendia. A boca do gigante se abriu devagr num sorriso retorcido.

– Mais – disse ele.

Cachorrão sentiu vontade de mijar enquanto seguia até o portão da muralha interna de Carleon. Sempre precisava mijar em ocasiões assim.

Estava usando a roupa de um dos servos mortos, grande a ponto de ele ter precisado apertar demais o cinto. A capa escondia o buraco de faca ensanguentado na camisa. Sinistro usava o equipamento do outro, com o arco em um dos ombros e a maça enorme pendendo da mão livre. Barca Negra ia entre os dois, encurvado e arrastando os pés, os pulsos amarrados às costas, a cabeça

ensanguentada pendendo como se tivessem lhe dado uma bela surra.

Para ser honesto, era um ardil digno de pena. Cachorrão havia imaginado cinquenta coisas desde que tinham descido da muralha, coisas que poderiam denunciá-los. Mas não tinham tempo para nada mais inteligente. Fale bem, sorria, e ninguém vai notar as pistas. Pelo menos era o que esperava.

Havia um guarda de cada lado da ampla passagem em arco, um par de Carls com cotas de malha compridas e elmos, ambos segurando lanças.

– O que houve? – perguntou um deles, franzindo a testa quando chegaram perto.

– Encontramos esse desgraçado tentando entrar. – Cachorrão deu um soco no lado da cabeça de Barca Negra, só para ser mais convincente. – Vamos levá-lo para baixo e trancá-lo até depois de eles terminarem.

Ele fez menção de passar. Um dos guardas o parou com a mão no seu peito, e Cachorrão engoliu em seco. O Carl assentiu para o portão da cidade.

– Como vai a coisa lá embaixo?

– Bem, acho. – Cachorrão deu de ombros. – Pelo menos está indo. Bethod vai se dar bem, não é? Ele sempre se dá bem.

– Não sei. – O Carl balançou a cabeça. – Aquele tal Temível me dá calafrios. Ele e aquela porcaria de bruxa. Não posso dizer que vou chorar muito se o Nove Sangrento matar os dois.

O outro deu um risinho e empurrou o elmo para a nuca, levando um pano para enxugar o suor da cabeça.

– Você está com um…

Barca Negra deu um salto à frente, com os pedaços soltos de corda balançando em volta dos pulsos, e cravou uma faca até o cabo na testa do Carl. Derrubou-o como uma cadeira cujas pernas fossem chutadas. Quase no mesmo instante, a maça de que Sinistro se apossara ressoou no topo do elmo do outro, deixando uma grande mossa e fazendo a borda do elmo descer até quase a ponta do nariz do Carl. O homem babou um pouco, cambaleando para trás como se estivesse bêbado. Então o sangue saiu borbulhando de seus ouvidos e ele caiu de costas.

Cachorrão girou, tentando abrir a capa roubada para que ninguém visse Barca Negra e Sinistro arrastar os dois cadáveres para longe, mas a cidade parecia vazia. Ele se perguntou por um momento o que estaria acontecendo lá fora, no círculo. Por tempo suficiente para ter uma sensação ruim nas tripas.

– Venha.

Virou-se e viu Barca Negra rindo, com todo o rosto ensanguentado. Tinha enfiado os dois corpos atrás do portão, um deles olhando vesgo para o buraco de faca na cabeça.

– Foi bom o bastante para você? – perguntou Cachorrão.

– O quê? Você quer dizer algumas palavras pelos mortos, é?

– Você sabe o que eu quis dizer, se alguém…

– Não temos tempo para pensar. – Barca Negra o agarrou pelo braço e o puxou pelo portão. – Vamos matar uma bruxa.

A sola da bota de metal do Temível acertou o peito de Logen, deixou-o sem fôlego e o jogou na terra. A espada caiu apesar de ele querer agarrá-la e o vômito queimou sua garganta. Antes que compreendesse o que tinha acontecido, uma grande sombra caiu sobre ele. Metal se fechou com um estalo em volta de seu pulso, apertando feito um torno. Suas pernas foram chutadas e ele caiu de cara, o braço torcido atrás do corpo e um bocado de terra na boca, para pensar. Algo se comprimiu contra sua bochecha. A princípio frio, depois doloroso. O grande pé do Temível. Seu pulso foi torcido, puxado para cima. Sua cabeça foi ainda mais esmagada no chão úmido, o capim curto pinicando no nariz.

A dor lancinante no ombro era terrível. Logo ficou muito pior. Ele fora pego rápido e estava indefeso, esticado como um coelho prestes a ser esfolado. A multidão havia caído num silêncio sufocante: os únicos sons que ouvia eram o chiar da carne machucada em volta de sua boca e o grasnar do ar que passava pelas narinas espremidas. Ele teria gritado se seu rosto não estivesse tão comprimido a ponto de ele mal conseguir inalar meia respiração. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele estava acabado. De volta à lama, e ninguém poderia dizer que ele não merecia. Um fim adequado para o Nove Sangrento, despedaçado no círculo.

Mas os grandes braços não puxaram mais. De esguelha, o olho trêmulo, Logen vislumbrou Bethod encostado nas ameias. O rei dos nórdicos balançou a mão, girando-a em círculos lentamente. Logen se lembrava do significado.

Vá com calma. Enrole. Dê a ele uma lição que jamais esqueça.

A grande bota do Temível deslizou de seu queixo e Logen se sentiu lançado ao ar, os membros balançando feito uma marionete com os fios cortados. A mão tatuada subiu, preta contra o sol, e deu um tapa no rosto de Logen. Mão aberta, como um pai poderia bater numa criança encrenqueira. Foi como ser acertado por uma panela. Logen viu estrelas, sua boca se encheu de sangue. Sua vista voltou a focalizar bem a tempo de ele perceber a mão pintada girando para a direita. Ela desceu com uma inevitabilidade terrível e lhe acertou um golpe com a parte de trás, como um marido ciumento espancando uma esposa indefesa.

– Urr… – ouviu-se dizendo, e estava voando.

Céu azul, sol ofuscante, capim amarelo, rostos olhando, tudo eram manchas

sem significado. Chocou-se contra os escudos na borda do círculo, despencou meio sem sentidos no chão. Ao longe, homens gritavam, berravam, sibilavam, mas ele não conseguia ouvir as palavras e não se importava. Só conseguia pensar na sensação fria na barriga. Como se suas tripas estivessem cheias de gelo inchando.

Viu a mão pálida, manchada de sangue rosado, tendões brancos aparecendo na pele arranhada. Era a sua mão, claro. Ali estava o cotoco de dedo. Mas, quando tentou fazer com que os dedos se abrissem, eles só apertaram com mais força a terra marrom.

– Sim – sussurrou, e o sangue escorreu da boca entorpecida para o capim.

O gelo se espalhou da barriga até as pontas dos dedos, entorpecendo cada parte dele. Era bom que isso acontecesse. Já não era sem tempo.

– Sim – repetiu.

Apoiou-se num dos joelhos, os lábios ensanguentados repuxando-se para mostrar os dentes, a mão direita ensanguentada serpenteando pela grama, procurando o cabo da espada do Artífice, fechando-se com força em volta dele.

– Sim! – sibilou, e Logen gargalhou, e o Nove Sangrento gargalhou junto.

West não esperava que Nove Dedos se recuperasse, jamais, mas ele se levantou e, quando o fez, gargalhava. A princípio quase pareceu um choro, um risinho choramingado, agudo e estranho, mas foi ficando mais alto, mais agudo, mais frio à medida que ele se levantava. Como se risse de uma piada cruel que ninguém mais pudesse ouvir. Uma piada fatal. Sua cabeça pendeu para o lado feito a de um homem na forca, o rosto lívido todo frouxo em volta de um riso talhado a foice.

O sangue manchava os dedos com um tom rosa, escorria dos cortes no rosto, dos lábios rasgados. A gargalhada ecoou mais alto, e mais alto, rasgando os ouvidos de West, cortante como uma serra. Mais agonizante que qualquer choro, mais furiosa que qualquer grito de guerra. Errada, de um modo medonho, doentio. Rindo de um massacre. Um riso de matadouro.

Nove Dedos cambaleou adiante feito um bêbado, oscilando, louco, a espada pendendo da mão ensanguentada. Os olhos mortos brilhavam, úmidos e fixos, pupilas dilatadas a ponto de parecerem dois poços negros. Seu riso louco cortava, arranhava e retalhava o círculo ao redor. West se sentiu recuar, com a boca seca. Toda a multidão também recuou ligeiramente. Já não sabiam quem era mais apavorante: Fenris, o Temível, ou o Nove Sangrento.

O mundo queimava.

Sua pele pegava fogo. A respiração era vapor escaldante. A espada era um pedaço de metal derretido na mão.

O sol gravava padrões incandescentes em seus olhos que ardiam, silhuetas de um cinza frio: dos homens, dos escudos, da muralha e de um gigante feito de palavras azuis e ferro preto. O medo escorreu para fora dele em ondas doentias, mas o Nove Sangrento apenas sorriu mais. O medo e a dor eram combustíveis para o fogo, e as chamas cresciam cada vez mais.

O mundo queimava e, no centro dele, o Nove Sangrento queimava mais quente do que tudo. Ele estendeu a mão, fechou os quatro dedos e chamou:

– Estou esperando.

Os grandes punhos buscaram o rosto do Nove Sangrento, as mãos enormes se lançaram a golpear seu corpo. Mas tudo que o gigante pegou foi a gargalhada. Era mais fácil acertar chamas em movimento. Era mais fácil pegar fumaça.

O círculo era um forno. As folhas de capim queimado eram línguas de chama amarela por baixo dele. O suor, o cuspe, o sangue pingavam como caldo desprendendo-se da carne que cozinhava.

O Nove Sangrento sibilou, água sobre carvões. O sibilo virou um rosnado, ferro espirrando da forja. O rosnado virou um grande rugido, a floresta seca em chamas, e ele libertou a espada.

O metal cinza fazia círculos cortantes, abria buracos sem sangue na carne azul, ressoava contra ferro preto. O gigante sumiu e a lâmina se cravou no rosto de um dos homens que seguravam escudos. Sua cabeça explodiu e espirrou sangue sobre outra, um buraco aberto na parede em volta do círculo. Os outros recuaram arrastando os pés, escudos oscilando, o círculo inchando de medo. Temiam-no mais ainda do que temiam o gigante, e eram sábios nisso. Todo ser vivente era inimigo dele e, depois que o Nove Sangrento tivesse despedaçado aquela coisa demoníaca, terminaria a tarefa com eles.

O círculo era um caldeirão. No alto da muralha, as pessoas se agitavam como um vapor furioso. O chão se mexia e inchava sob os pés do Nove Sangrento como óleo fervente.

Seu rugido virou um grito escaldante e a espada baixou num relâmpago e se chocou contra a armadura cheia de pontas como uma marreta na bigorna. O gigante apertou a mão azul contra o lado pálido da cabeça, o rosto remexendo feito um ninho de larvas. A lâmina havia errado o crânio, mas arrancara metade de sua orelha. O sangue borbulhou do ferimento, escorreu pela lateral do grande pescoço em duas linhas finas, e não parou.

Os grandes olhos se arregalaram e o gigante saltou para a frente com um

berro de trovão. O Nove Sangrento rolou e deslizou, viu o ferro preto solto naquela perna, com a fivela brilhante pendurada. A espada deu um bote e entrou pela abertura, comendo fundo o grande tornozelo pálido. O gigante rugiu de dor, girou, cambaleou e caiu de joelhos.

O círculo era um cadinho. Os gritos dos homens ao redor dançavam feito fumaça, nadavam como metal derretido, os escudos fundindo-se juntos.

Agora era a hora. O sol da manhã chamejava, reluzia no peitoral pesado, marcando o ponto. Agora era o momento lindo.

O mundo ardia e, como uma chama que se alastrasse, o Nove Sangrento se ergueu, arqueou as costas, levantou a espada bem alto. A obra de Kanedias, o Mestre Artífice: nenhuma outra lâmina forjada já fora mais afiada que ela. Seu gume mordaz abriu um longo talho na armadura preta, atravessou o ferro e se cravou na carne macia atrás dele, provocando fagulhas e espirrando sangue, o berro do metal torturado misturando-se com o uivo de dor arrancado da boca retorcida do Temível. O ferimento que ela deixou foi fundo.

Mas não o suficiente.

Os braços do gigante deslizaram em volta das costas do Nove Sangrento, envolvendo-o num abraço esmagador. As pontas de metal preto furaram sua carne em uma dúzia de lugares. O gigante o puxou mais para perto, e mais para perto, e uma borda serrilhada furou o rosto do Nove Sangrento, atravessou a bochecha e raspou em seus dentes, mordeu o lado da língua e encheu a boca de sangue salgado.

O aperto do Temível era o peso das montanhas. Não importava o tamanho da fúria do Nove Sangrento, não importava quanto ele se retorcesse, se sacudisse e gritasse em fúria, estava preso, tão apertado quanto a terra fria segura os mortos. O sangue que escorria de seu rosto e de suas costas e do grande talho na armadura do Temível encharcava suas roupas e espalhava um calor chamejante na pele.

O mundo ardia. Acima do forno, do caldeirão, do cadinho, Bethod assentiu, e os braços frios do gigante apertaram mais.

Cachorrão seguia seu olfato. Raramente o seu nariz o levava para o lugar errado, e ele esperava muito que não falhasse agora. Era um cheiro enjoativo – como bolos doces deixados por tempo de mais no forno. Guiou os outros por um corredor vazio, descendo uma escada sombria, esgueirando-se pela escuridão úmida nas entranhas enoveladas da montanha de Skarling. Agora, além de sentir cheiro, ouvia algo, e o som era tão ruim quanto o odor. Uma voz de mulher, cantando baixinho e grave. Um canto estranho, em nenhuma língua que

Cachorrão pudesse entender.

– Deve ser ela – murmurou Barca Negra.

– Não gosto nem um pouco desse som – sussurrou Cachorrão. – Parece magia.

– O que você esperava? Ela é a porra de uma bruxa, não é? Vou dar a volta por trás.

– Não, espere…

Mas Barca Negra já se esgueirava para o outro lado, as botas pisando suaves e silenciosas.

– Merda.

Cachorrão foi seguindo o cheiro, esgueirando-se pelo corredor com Sinistro atrás e o canto cada vez mais alto. Um fio de luz brotava de uma passagem em arco e ele foi para lá, grudou a lateral do corpo na parede e espiou pela borda.

O cômodo era tudo o que se poderia imaginar dos aposentos de uma bruxa. Escuro e sem janelas, com três outras portas negras nas paredes. Era iluminado apenas por um braseiro que soltava fumaça na extremidade mais distante, com carvões que chiavam e davam a tudo uma luz vermelha e suja e exalavam um odor enjoativo, doce. Havia jarros e potes espalhados a toda a volta, feixes de gravetos e capim, além de flores secas penduradas nos caibros oleosos que lançavam sombras estranhas nos cantos, como silhuetas de corpos balançando numa forca.

Uma mulher estava de pé junto ao braseiro, de costas para Cachorrão. Seus braços compridos e brancos estavam abertos, brilhando de suor. Ouro reluzia em volta dos pulsos finos, o cabelo preto escorrendo pelas costas. Cachorrão podia não entender as palavras que ela cantava, mas podia adivinhar que era alguma obra sinistra.

Sinistro levantou seu arco, com uma sobrancelha erguida. Cachorrão balançou a cabeça fazendo não e sacou a faca em silêncio. Seria difícil matá-la de uma vez com uma flecha, e quem sabia o que ela poderia fazer assim que fosse atingida? O aço frio no pescoço era garantido.

Esgueiraram-se juntos para dentro do cômodo. O ar era quente ali dentro, denso como água de pântano. Cachorrão foi em frente, tentando não respirar, certo de que o fedor iria sufocá-lo. Ele suava, ou a sala suava; de qualquer modo sua pele ficou orvalhada num instante. Escolheu onde pisava, encontrando um caminho entre todo o entulho espalhado no chão – caixas, feixes, garrafas. Moveu a palma da mão úmida em volta do cabo da faca, fixou os olhos no ponto entre os ombros dela, o ponto em que ele cravaria…

Seu pé bateu numa jarra, derrubando-a com estardalhaço. A cabeça da mulher girou bruscamente, o cântico parou nos lábios. Um rosto magro, branco,

pálido como o de um afogado, com tinta preta em volta dos olhos estreitos – olhos azuis, frios como o oceano.

O círculo estava em silêncio. Os homens ao redor permaneciam imóveis, os rostos pasmos e os escudos, frouxos. A multidão atrás, as pessoas comprimidas no parapeito acima, todos continuavam imóveis, todos quietos como os mortos.

Apesar de toda a fúria louca de Nove Dedos, apesar de todo o seu esforço em se contorcer e lutar, o gigante o prendia com firmeza. Músculos grossos trabalhavam sob a pele azul e os grandes braços do Temível apertavam Logen e lentamente extraíam sua vida. A boca de West estava amarga de decepção e impotência. Tudo que ele fizera, tudo que havia sofrido, todas aquelas vidas perdidas por nada. Bethod ficaria livre.

Então Nove Dedos deu um rugido animal. O Temível continuou a segurá-lo, mas seu braço azul tremia com o esforço. Como se estivesse subitamente enfraquecido e não pudesse apertar mais. Cada tendão do corpo de West ficou rígido enquanto ele olhava. A tira grossa do escudo cortava a palma de sua mão. Seu maxilar estava tão trincado que os dentes doíam. Os dois lutadores estavam presos, um fazendo força contra o outro com cada fibra, no entanto permaneciam completamente imóveis, congelados no centro do círculo.

Cachorrão deu um salto adiante, a faca levantada e pronta.

– Pare.

Ele se imobilizou, rígido, num instante. Nunca tinha escutado uma voz assim. Bastara uma palavra e não sobrara nenhum pensamento em sua cabeça. Olhou a mulher pálida, boquiaberto, a respiração praticamente não saindo, desejando que ela dissesse algo mais.

– Você também – disse ela, olhando para Sinistro, e o rosto dele ficou flácido e ele riu, na metade do movimento para retesar o arco.

Ela olhou Cachorrão de cima a baixo, depois fez beicinho como se estivesse desapontada.

– Isso é modo de visitantes se comportarem?

Cachorrão piscou. Que diabo ele estivera pensando, ao entrar ali com uma faca na mão? Não podia acreditar que fizera uma coisa assim. Ficou ruborizado até as raízes dos cabelos.

– Ah… desculpe… Pelos mortos!…

– Gug! – fez Sinistro, jogando o arco para um canto da sala, como se tivesse percebido subitamente que segurava um cagalhão, depois olhou pasmo

para a flecha.

– Assim está melhor – disse ela sorrindo, e Cachorrão descobriu que sorria feito um idiota.

Talvez um pouco de cuspe tivesse saído de sua boca, só um pouquinho, mas ele não se incomodou muito. Desde que ela continuasse falando, nada parecia ter muita importância. Ela os chamou, os dedos longos e brancos acariciando o ar denso.

– Não precisam ficar tão longe de mim. Venham mais para perto.

Ele e Sinistro cambalearam na direção dela como crianças ansiosas, Cachorrão quase tropeçando nos próprios pés, na pressa de agradar, Sinistro trombando numa mesa no caminho e por pouco não caindo de cara.

– Meu nome é Caurib.

– Ah – disse Cachorrão.

O nome mais lindo do mundo, sem dúvida. Incrível como uma palavra podia ser tão linda.

– Harding Sinistro é o meu nome!

– Me chamam de Cachorrão, por causa do olfato aguçado e… é…

Pelos mortos, era difícil pensar direito. Tinha algo importante a fazer, mas não conseguia pensar de jeito nenhum no que seria.

– Cachorrão… perfeito.

A voz dela era relaxante como um banho quente, um beijo suave, leite e mel…

– Não durma ainda!

A cabeça de Cachorrão girava e o rosto pintado de Caurib se tornava um borrão preto e branco que ondulava à sua frente.

– Desculpe! – gorgolejou ele, ruborizando de novo e tentando esconder a faca às costas. – Desculpe pela faca… Não fazia ideia do que…

– Não se preocupe. Estou feliz porque você a trouxe. Acho que seria melhor se você a usasse para esfaquear seu amigo.

– Ele? – Cachorrão franziu os olhos para Sinistro.

– É, sem dúvida! – falou o amigo, assentindo com um sorriso no rosto.

– Certo, certo, boa ideia. – Cachorrão levantou a faca, que parecia pesar uma tonelada. – É… tem algum lugar específico onde a senhora quer que eu dê a facada?

– No coração vai ser ótimo.

– Está certa. Certo. No coração, então.

Sinistro se virou de frente para facilitar. Cachorrão piscou, enxugou um pouco de suor da testa.

– Vamos lá, então. – Maldição, ele estava tonto. Franziu os olhos para o

peito de Sinistro, querendo ter certeza de que acertaria de primeira, para não passar vergonha de novo. – Vamos lá…

– Agora! – sibilou ela. – É só…

A lâmina do machado estalou ao rachar sua cabeça bem no meio, até o queixo. O sangue espirrou e bateu no rosto de um Cachorrão boquiaberto, e o corpo magro da bruxa tombou nas pedras como se fosse feito apenas de trapos.

Barca Negra franziu a testa enquanto girava o cabo do machado para um lado e para o outro, até a lâmina se soltar do crânio arruinado de Caurib com um leve som de sucção.

– Essa vaca fala demais – grunhiu.

O Nove Sangrento sentiu a mudança. Como o primeiro broto verde da primavera. Como o primeiro calor do vento quando chega o verão. Havia uma mensagem no modo como o Temível o segurava. Os ossos de Logen já não gemiam, não ameaçavam se quebrar. A força do gigante diminuía e a dele aumentava.

O Nove Sangrento puxou o ar e sua fúria queimou mais do que nunca. Devagar, devagar, afastou o rosto do ombro do gigante, sentiu o metal deslizar para fora da boca. Torceu-se, torceu-se até que seu pescoço estivesse livre. Até estar de cara para o rosto retorcido do gigante. O Nove Sangrento sorriu, depois atacou bruscamente, rápido como uma chuva de fagulhas, e cravou os dentes fundo naquele grande lábio inferior.

O gigante grunhiu, moveu os braços, tentou empurrar a cabeça do Nove Sangrento para longe, afastar os dentes que mordiam sua boca. Mas seria mais fácil afastar a peste. Seus braços se afrouxaram e o Nove Sangrento torceu a mão que segurava a espada do Artífice. Torceu-a como a cobra se retorce no ninho, e lentamente começou a soltá-la.

O braço esquerdo do gigante, o azul, se desenrolou do corpo do Nove Sangrento, a mão azul segurou o pulso do Nove Sangrento, mas não havia como impedi-lo. Quando a semente da árvore encontra uma rachadura na montanha, ao longo dos anos suas raízes fundas vão estourar a própria rocha. Assim o Nove Sangrento forçou cada músculo e deixou o tempo passar lento, sibilando seu ódio na boca retorcida do Temível. A lâmina se esgueirou para a frente, devagar, devagar, e sua ponta furou a carne pintada, logo abaixo da costela inferior do gigante.

O Nove Sangrento sentiu o sangue quente escorrendo pelo cabo e por cima do punho cerrado, escorrendo da boca do Temível para a sua, descendo pelo pescoço, vazando dos ferimentos em suas costas, pingando no chão, como devia

ser. Devagar, suavemente, a lâmina penetrou o corpo tatuado do Temível, de lado, para cima, em frente.

As grandes mãos agarravam o braço do Nove Sangrento, suas costas, procurando desesperadamente algum apoio que impedisse o avanço terrível daquela lâmina. Mas a cada momento a força do gigante se esvaía, como gelo diante de uma fornalha. Era mais fácil parar o Torrente Branca do que o Nove Sangrento. O movimento de suas mãos era uma árvore poderosa crescendo, aumentando de espessura, a largura de um fio de cabelo de cada vez, mas nem carne, nem pedra, nem metal podiam impedi-lo.

Não era possível ferir o lado pintado do gigante. O grande Glustrod fizera isso, longos anos atrás, no Tempo Antigo, quando as palavras foram escritas na pele do Temível. Mas Glustrod só escrevera numa metade. Agora, lenta, suave e gentilmente, a ponta da espada do Artífice começava a cruzar o limite da tinta azul e penetrar na metade sem marcas, cavando as entranhas, furando-o feito carne sendo preparada para ir ao fogo.

O gigante soltou um grito alto, agudo, e as últimas forças se dissolveram de suas mãos. O Nove Sangrento abriu a boca e o soltou, mantendo um braço para segurar suas costas com força enquanto o outro cravava a espada. O Nove Sangrento soltou uma gargalhada por entre os dentes trincados e destilou gargalhada pelo buraco aberto no rosto. Cravou a lâmina até onde era possível, e a ponta deslizou para fora entre as placas de armadura, logo abaixo da axila do gigante, e brilhou rubra ao sol.

Fenris, o Temível, cambaleou para trás, ainda soltando seu guincho longo, a boca aberta e um fio de cuspe vermelho pendendo dos lábios, a metade pintada já curada, a metade pálida dilacerada. O círculo de homens estava imóvel, todos olhando boquiabertos por cima dos escudos. O Temível arrastava os pés, tentava com uma das mãos pegar o punho vermelho da espada do Artífice, enterrada até o fim na lateral de seu corpo, o sangue pingando do cabo e deixando manchas vermelhas pelo chão. Seu guincho virou um gemido entrecortado, um pé tropeçou no outro e ele tombou feito uma árvore cortada: de costas, no centro do círculo, com os grandes braços e pernas arreganhados. Os tremores em seu rosto por fim pararam e se fez um longo silêncio.

– Pelos mortos!

A frase foi dita baixinho, de forma conclusiva. Logen estreitou os olhos ao sol da manhã, viu a silhueta de um homem que o observava de cima da muralha alta.

– Pelos mortos, nunca pensei que você conseguiria.

O mundo oscilava quando Logen começou a andar, com a respiração passando sibilante e fria pelo ferimento no rosto, raspando na garganta. Os

homens que tinham feito o círculo agora saíam de seu caminho, suas vozes silenciadas, seus escudos pendendo das mãos.

– Nunca pensei que você conseguiria, mas, quando se trata de matar, não existe homem melhor! Não existe homem pior! Sempre falei isso!

Logen cambaleou pelo portão aberto, encontrou uma passagem em arco e começou a subir os degraus, girando e girando, as botas reverberante na pedra e deixando manchas escuras. O sangue pingava, tap, tap, tap, dos dedos frouxos da mão esquerda. Cada músculo doía. A voz de Bethod o feria:

– Mas quem ri por último sou eu, não é, Nove Sangrento? Você não passa de folhas na água! Vai para onde a chuva o leva!

Logen continuou, cambaleando, as costelas ardendo, o maxilar trincado, o ombro raspando na parede curva. Subia e subia, e girava e girava, sua respiração ecoando em estalos atrás dele.

– Você nunca vai ter nada! Nunca vai ser nada! Nunca vai gerar nada além de cadáveres!

Chegou ao topo, piscou na claridade da manhã, cuspiu um bocado de sangue por cima do ombro. Bethod estava junto às ameias. Os Homens Nomeados saíram rapidamente do caminho de Logen.

– Você é feito de morte, Nove Sangrento! Você é feito de…

O punho de Logen se chocou contra o queixo de Bethod e ele deu um passo cambaleante para trás. A outra mão de Logen esmagou sua face e ele girou contra o parapeito, com um longo fio de baba sangrenta voando da boca rasgada. Logen segurou a nuca de Bethod e mandou o joelho contra seu rosto, sentiu o nariz ser esmagado e se quebrar. Fincou os dedos no couro cabeludo de Bethod, apertou com força, puxou a cabeça dele para cima e a golpeou contra as pedras.

– Morra! – sibilou.

Bethod se sacudiu, gorgolejou, Logen levantou sua cabeça e a golpeou de novo, e mais uma vez. O aro de ouro voou do crânio partido, ricocheteou no telhado com um tilintar alegre.

– Morra!

Ossos se partiram e sangue saltou sobre a pedra em gotas grossas e jorros finos. Pálido-Como-Neve e seus Homens Nomeados olhavam, lívidos, impotentes e temerosos, horrorizados e deliciados.

– Morra, seu desgraçado!

E, com um último esforço, Logen levantou o cadáver arruinado de Bethod e o atirou por cima das ameias. Observou-o cair. Observou-o bater com um estalo no chão e ficar parado, de lado, braços e pernas se projetando do jeito errado, mãos fechadas como se segurassem algo, a cabeça apenas uma mancha escura na terra. Todos os rostos na multidão de homens lá embaixo estavam virados para

aquele cadáver. Depois, devagar, olhos e bocas escancarados, se ergueram para Logen.

Crummock-i-Phail, parado no meio deles, no centro do círculo de capim aparado junto ao grande corpo do Temível, levantou devagar o braço grande, com o indicador gordo apontando para cima.

– Nove Sangrento! – gritou ele. – Rei dos nórdicos!

Logen olhou para ele boquiaberto e ofegante, de pernas bambas, tentando compreender. A fúria havia sumido e não deixara nada além de um cansaço terrível em sua esteira. Cansaço e dor.

– Rei dos nórdicos! – berrou alguém, no fundo da multidão.

– Não – grasnou Logen.

Mas ninguém ouviu. Estavam todos bêbados de sangue e fúria ou ocupados pensando no que seria mais cômodo ou apavorados demais para dizer outra coisa. As vozes irromperam de toda parte, a princípio um fiapo, depois um jorro, depois uma enchente, e Logen só pôde observar, agarrado à pedra ensanguentada e tentando não cair.

– Nove Sangrento! Rei dos nórdicos!

Pálido-Como-Neve se curvou ao lado dele sobre um dos joelhos, com manchas do sangue de Bethod na pele branca de seu casaco. Ele sempre fora de lamber o saco de quem estivesse mais perto, mas agora não era o único. Todos se ajoelharam, na muralha e no capim. Os Carls de Cachorrão e os de Bethod. Os homens que tinham segurado os escudos para Logen e os que haviam segurado os escudos para o Temível. Talvez Bethod tivesse lhes ensinado algo. Talvez eles agora precisassem de outra pessoa para lhes dizer o que fazer, talvez tivessem esquecido como ser donos de si mesmos.

– Não – sussurrou Logen, mas tudo que saiu foi um som engrolado e sem vida.

Não tinha forças para impedir aquilo, assim como não tinha forças para fazer o céu desabar. Então lhe ocorreu que os homens realmente pagam pelas coisas que fazem, sem dúvida. Mas às vezes o tipo de cobrança não é o que eles esperavam.

– Nove Sangrento! – rugiu Crummock de novo. Em seguida se ajoelhou e levantou os braços para o céu. – Rei dos nórdicos!

Por um bem maior

A SALA ERA outra caixa brilhante demais. Tinha as mesmas paredes quase brancas, sujas de manchas marrons. *Mofo ou sangue ou ambos.* As mesmas mesa e cadeiras gastas. *Praticamente instrumentos de tortura, em si.* As mesmas dores ardentes no pé, na perna e nas costas de Glokta. *Certas coisas nunca mudam*. O mesmo prisioneiro, seria possível dizer, com o mesmo saco de lona na cabeça. *Como as dezenas que devem ter passado por esta sala nos últimos dias e como as dezenas de outros apinhados nas celas do outro lado da porta, esperando pela nossa boa vontade.*

– Muito bem – falou Glokta e balançou a mão cansada. – Vamos começar.

Frost tirou o saco da cabeça do prisioneiro. Um rosto kanticense, comprido e fino, com rugas fundas em volta da boca e uma barba preta bem aparada, riscada de grisalho. Um rosto sábio, digno, olhos fundos ajustando-se à claridade.

Glokta explodiu numa gargalhada. Cada movimento esfaqueava a base de sua coluna rígida e sacudia o pescoço duro, mas ele não conseguia se conter. *Mesmo depois de todos esses anos, o destino ainda consegue fazer piada comigo.*

– Qual é a grafa? – grunhiu Frost.

Glokta enxugou o olho que escorria.

– Prático Frost, nós fomos muito honrados. Nosso último prisioneiro é nada menos do que o mestre Farrad, originário de Yashtavit, em Kanta, e mais recentemente morador de um endereço magnífico no alto da via do Rei. Estamos na presença do melhor dentista do Círculo do Mundo. – *E devemos apreciar a ironia.*

Farrad piscou à claridade do lampião.

– Eu conheço você.

– Sim.

– Você é o que foi prisioneiro dos gurkenses.

– Sim.

– O que torturaram. Eu me lembro… Você foi levado a mim.

– Sim.

Farrad engoliu em seco. *Como se a mera lembrança bastasse para fazê-lo vomitar.* Olhou para Frost e o gigante de olhos rosados o encarou sem piscar. Olhou a sala suja, manchada de sangue, os ladrilhos rachados, o tampo riscado

da mesa. Seus olhar se demorou no papel da confissão sobre ela.

– Depois do que eles fizeram com você, como pode fazer isso, agora?

Glokta exibiu seu sorriso banguela.

– Depois do que eles fizeram comigo, como eu poderia fazer outra coisa?

– Por que estou aqui?

– Pelo mesmo motivo de qualquer pessoa que venha aqui. – Glokta olhou Frost plantar as pontas pesadas dos dedos no papel da confissão e deslizá-lo deliberadamente sobre a mesa, na direção do prisioneiro. – Para confessar.

– Confessar o quê?

– Ora, que espiona para os gurkenses.

O rosto de Farrad se franziu com incredulidade.

– Não sou espião! Os gurkenses tiraram tudo de mim! Eu fugi da minha casa quando eles chegaram! Sou inocente, você deve saber disso!

Claro. Assim como todos os espiões que confessaram nesta sala nos últimos dias. Mas todos confessaram, sem exceção.

– Vai assinar o papel?

– Não tenho nada para confessar!

– Por que será que ninguém responde às minhas perguntas?

Glokta esticou as costas doloridas, moveu o pescoço de um lado para o outro, fazendo-o estalar, massageou a ponte do nariz com o indicador e o polegar. Nada ajudou. *Mas nada ajuda, nunca. Por que eles precisam sempre tornar isto tão difícil para mim e para si mesmos?*

– Prático Frost, quer mostrar ao bom mestre nosso trabalho até agora?

O albino tirou um balde de estanho sob a da mesa e jogou o conteúdo, sem cerimônia, na frente do prisioneiro. Dentes caíram com barulho e rolaram sobre a madeira. Centenas. Dentes de todas as formas e tamanhos, desde brancos, passando por todos os tons de amarelo, até marrons. Dentes com raízes ensanguentadas e pedaços de carne presos. Uns dois caíram da beira da mesa, quicaram nos ladrilhos sujos e rolaram tilintando até os cantos da sala estreita.

Farrad olhou horrorizado aquela bagunça de dentes sujos de sangue. *E nem mesmo o próprio príncipe dos dentes já viu algo assim.* Glokta se inclinou para a frente.

– Imagino que você já tenha arrancado um ou dois dentes.

O prisioneiro assentiu, atarantado.

– Então provavelmente pode imaginar como estou cansado depois disso tudo. É por isso que eu gostaria de verdade de concluir este assunto o mais depressa possível. Não o quero aqui, e certamente você não quer estar aqui. Podemos nos ajudar um ao outro.

– O que eu preciso fazer? – murmurou Farrad, a língua movendo-se

nervosamente na boca.

– Não é complicado. Primeiro assine a confissão.

– Desculpe – murmurou Frost, depois se inclinou e espanou alguns dentes de cima do documento, um deles deixando uma mancha comprida e rosada no papel.

– Depois você cita outros dois.

– Outros dois o quê?

– Ora, outros dois espiões dos gurkenses, claro, dentre seu povo.

– Mas… eu não conheço nenhum espião!

– Então alguns outros nomes vão servir. Você já foi citado várias vezes.

O dentista engoliu em seco, depois balançou a cabeça e empurrou o papel. *Um homem corajoso e digno. Mas coragem e dignidade são virtudes ruins para se ter nesta sala.*

– Vou assinar. Mas não vou dar o nome de inocentes. Que Deus tenha misericórdia de mim, não vou dar.

– Deus pode ter misericórdia de você. Mas não é ele que segura o alicate aqui. Prenda-o.

Frost segurou a cabeça de Farrad por trás, com a grande mão branca, os tendões destacando-se na pele pálida enquanto forçava a boca a se abrir. Em seguida enfiou o afastador na boca de Farrad e girou a regulagem habilmente entre o indicador e o polegar até que ele ficasse escancarado.

– Ah! – gorgolejou o dentista. – Airg!

– Eu sei. E estamos só começando.

Glokta empurrou para trás a tampa de seu estojo, olhou a madeira polida, o aço afiado, o vidro brilhante que se espalhava. *Que negó…* Havia um vazio desconcertante no meio dos instrumentos.

– Misericórdia! Você tirou o alicate daqui, Frost?

– Nãão – grunhiu o albino, balançando a cabeça com vigor.

– Maldição! Será que esses desgraçados não conseguem ter os próprios instrumentos? Vá à sala ao lado e veja se podemos pegar um emprestado, ao menos.

O prático saiu pisando forte, deixando a porta escancarada. Glokta estremeceu ao coçar a perna. Farrad o encarava com saliva escorrendo de um canto da boca aberta à força. Seus olhos arregalados giraram para o lado do corredor quando um uivo de dor chegou abafado lá de fora.

– Peço desculpas por isso – disse Glokta. – Geralmente somos muito mais organizados, porém os últimos dias aqui têm sido de um movimento infernal. É muita coisa para fazer, veja bem.

Frost fechou a porta e entregou a Glokta, pelo cabo, um alicate enferrujado.

Havia um pouco de sangue seco e alguns fios de cabelo encaracolado presos nas pontas.

– Isso é o melhor que eles têm? Está sujo!

Frost deu de ombros.

– Faz difeenfa?

Um bom argumento, acho. Glokta soltou um suspiro longo, lutou para se levantar e se inclinou para espiar dentro da boca de Farrad. *E ele tem uma dentadura ótima. Um complemento branco perolado. Acho que é de esperar dentes dignos de prêmio num dentista premiado. Qualquer outra coisa seria má publicidade para seu negócio.*

– Aplaudo sua higiene. É um raro privilégio interrogar um homem que aprecia a importância de lavar a boca. Não creio que já tenha visto dentes melhores. – Glokta bateu neles com o alicate, alegremente. – É uma pena arrancar todos, só para você confessar daqui a dez minutos, em vez de agora, mas cá estamos.

Fechou as pontas do alicate no dente mais próximo, apertou os cabos.

– Gurlg – gorgolejou Farrad. – Glug!

Glokta franziu os lábios, como se pensasse, depois afrouxou o alicate.

– Vamos dar ao bom mestre mais uma chance de falar.

Frost desatarraxou o afastador e o tirou da boca de Farrad junto com um fio de baba.

– Quer dizer alguma coisa?

– Eu assino! – ofegou Farrad, com uma lágrima comprida escorrendo pela bochecha. – Que Deus me ajude, eu assino!

– E vai citar dois cúmplices?

– O que o senhor quiser… por favor… o que o senhor quiser.

– Excelente – disse Glokta, já vendo a pena raspar no papel da confissão. – Quem é o próximo?

Glokta ouviu a fechadura sacudir. Fez uma careta ao virar a cabeça preparando-se para gritar com o suposto visitante.

– Eminência – sussurrou, com uma consternação mal disfarçada, e franziu o rosto no esforço de se pôr de pé.

– Não precisa se levantar, não tenho o dia todo.

Glokta se pegou imobilizado na posição mais dolorosa possível, dobrado num ponto intermediário entre estar sentado e de pé, e precisou mergulhar de novo na cadeira com pouca graciosidade enquanto Sult entrava na sala, com três de seus práticos enormes parados em silêncio junto à porta atrás dele.

– Pode pedir à sua aberração da natureza para nos deixar a sós?

Os olhos de Frost se estreitaram, viraram-se depressa para os outros

práticos, depois de volta para Sult.

– Muito bem, prático Frost – disse Glokta às pressas. – Pode levar nosso prisioneiro.

O albino abriu as algemas de Farrad e arrastou o dentista de sua cadeira com uma das mãos brancas. Carregou-o pelo colarinho, ofegando, até a porta no fundo da sala e puxou o trinco com a mão livre. Lançou com irritação seu olhar rosado por cima do ombro e Sult o encarou irritado de volta. Então saiu e bateu a porta.

Sua Eminência deslizou para a cadeira diante de Glokta. *Sem dúvida ainda quente da bunda suada do corajoso e digno mestre Farrad.* Espanou alguns dentes de cima da mesa com a lateral de uma das mãos enluvadas e os jogou no chão. *E não poderia parecer menos preocupado se fossem migalhas de pão.*

– Há uma conspiração mortal acontecendo no Agriont. Fizemos algum progresso em desmascará-la?

– Entrevistei a maioria dos prisioneiros de Kanta, extraí um número adequado de confissões, não deve haver…

Sult balançou a mão, irritado.

– Não isso, seu pateta. Estou me referindo ao desgraçado do Marovia e a seus peões, o suposto Primeiro dos Magos e nosso suposto rei.

Mesmo agora, com os gurkenses batendo nos portões?

– Eminência, presumi que a guerra teria precedência…

– Você não tem inteligência suficiente para presumir – zombou Sult. – Que provas conseguiu contra Bayaz?

Eu tropecei numa coisa em que não deveria ter tropeçado na Universidade, depois quase me afoguei na minha banheira.

– Até agora… nada.

– E quanto à linhagem do rei Jezal I?

– Essa rota também parece… um beco sem saída. – *Ou um beco com minha morte no final, se meus donos na casa Valint e Balk ficarem sabendo. E eles ficam sabendo de tudo.*

Os lábios do arquileitor se contraíram.

– Então que diabo você andou fazendo ultimamente?

Nos últimos três dias estive ocupado arrancando confissões sem sentido da boca de homens inocentes, de modo que pudéssemos parecer eficazes. Quando eu deveria arranjar tempo para derrubar o Estado, exatamente?

– Estive ocupado procurando espiões gurkenses…

– Por que eu nunca recebo nada além de desculpas de sua parte? Comecei a me perguntar, desde que sua eficiência declinou tão profundamente, como você pôde manter Dagoska fora das mãos gurkenses por tanto tempo. Deve ter

precisado de uma quantidade enorme de dinheiro para reforçar as defesas da cidade.

Foi necessário todo o autocontrole de Glokta para impedir que seu olho tremesse a ponto de saltar da cabeça. *Quieta, agora, sua geleia tremelicante, ou será o nosso fim.*

– A Guilda dos Mercadores de Especiarias foi convencida a colaborar quando os próprios meios de vida foram postos em risco.

– Que generosidade pouco característica da parte deles! Agora que penso nisso, acho que todo o negócio em Dagoska tem um cheiro estranho. Sempre me pareceu esquisito você optar por se livrar da mestra Eider de modo tão particular, em vez de mandá-la de volta para mim.

Indo de muito ruim a abominavelmente pior.

– Foi um erro de cálculo da minha parte, Eminência. Pensei em lhe poupar o incômodo de…

– Livrar-me de traidores não é incômodo para mim. Você sabe disso. – Rugas raivosas se espalharam em volta dos olhos azuis e intensos de Sult. – Será que, depois de tudo por que passamos juntos, você me considera um idiota?

A voz de Glokta raspou desconfortavelmente na garganta seca.

– Absolutamente não, arquileitor. – *Só um megalomaníaco mortífero. Ele sabe. Sabe que não sou um escravo de todo obediente. Mas quanto ele descobriu? E quem contou?*

– Eu lhe dei uma tarefa impossível, por isso lhe permiti o benefício da dúvida. Mas seu benefício só dura enquanto durarem seus sucessos. Estou cansado de esporeá-lo. Se você não resolver meus problemas com nosso novo rei nas próximas duas semanas, mandarei o superior Goyle escavar as respostas às minhas perguntas sobre Dagoska. Mandarei que ele as escave da sua carne retorcida, se preciso. Fui claro?

Como um vidro feito em Visserine. Duas semanas para encontrar as respostas ou… corpo dilacerado encontrado flutuando no cais. Mas se eu ao menos fizer perguntas, Valint e Balk informarão Sua Eminência sobre nosso acordo e… Inchado de água do mar e horrivelmente mutilado, impossível de ser reconhecido. Coitado do pobre superior Glokta. Um homem bonito e amável, mas com tão pouca sorte! Para que lado vai se virar?

– Entendo, arquileitor.

– Então por que ainda está sentado aí?

Foi a própria Ardee West que abriu a porta, com uma taça de vinho pela metade na mão.

– Ah! Superior Glokta, que surpresa deliciosa! Entre!

– Você parece quase satisfeita em me ver. – *Uma reação de fato rara à minha chegada.*

– Por que não estaria? – Ela deu um passo gracioso para o lado, de forma a permitir sua passagem. – Quantas mulheres têm a sorte de ter a companhia de um torturador? Não há nada igual para encorajar os pretendentes.

Ele passou mancando pela porta.

– Onde está sua serviçal?

– Ficou toda abalada com um tal exército gurkense, sei lá, então a deixei ir embora. Foi para a casa da mãe em Martenhorm.

– E você também está pronta para partir, espero.

Ele a acompanhou sala adentro. Estava aquecida, com as janelas e cortinas fechadas e iluminada pelo brilho trêmulo que vinha da lareira.

– Decidi ficar na cidade.

– É mesmo? A princesa trágica presa em seu castelo vazio? Abandonada pelos fiéis serviçais, torcendo as mãos, impotente, enquanto os inimigos cercam o fosso? – Glokta bufou. – Tem certeza de que você serve para esse papel?

– Melhor do que você serve para o papel de príncipe num cavalo branco, que veio resgatar a donzela com sua espada reluzente. – Ela o olhou de cima a baixo com desdém. – Eu esperaria um herói com um pouco mais de dentes.

– Achei que, a esta altura, você já estaria acostumada a receber menos do que espera. – *Porque eu na certa estou*.

– O que posso dizer? Sou romântica. Você só veio aqui para destruir meus sonhos?

– Não. Faço isso sem me esforçar. Tinha em mente uma bebida e uma conversa que não incluísse meu corpo mutilado nas entrelinhas.

– É difícil dizer, neste estágio, que direção nossa conversa vai tomar, mas posso prometer a bebida.

Ela lhe serviu uma taça e ele bebeu em quatro grandes goles. Estendeu-a de novo, passando a língua pelas gengivas adocicadas.

– Falando sério, os gurkenses estão a menos de uma semana de sitiar Adua. Você deveria partir o quanto antes.

Ela encheu a taça dele outra vez, depois a dela.

– Você não notou que metade da cidade teve a mesma ideia? Qualquer pangaré cheio de pulgas que não tenha sido requisitado pelo exército está valendo 500 marcos. Os cidadãos nervosos estão jorrando para cada canto da Terra do Meio. Colunas de refugiados indefesos, andando por lamaçais sem conseguir avançar 2 quilômetros por dia, com o tempo esfriando, esmagados por tudo de valor que possuem, presas fáceis para bandoleiros a 100 quilômetros de

distância.

– Verdade – concordou Glokta e se contorceu de forma dolorosa numa poltrona perto da lareira.

– E para onde eu iria, de qualquer modo? Juro que não tenho um amigo ou parente em nenhum lugar da Terra do Meio. Você iria querer que eu me escondesse na floresta, esfregando gravetos para acender fogueiras e caçando esquilos usando só as mãos? Como é que eu ficaria bêbada numa circunstância assim? Não, obrigada, vou estar mais segura aqui, e bem mais confortável. Tenho carvão para o fogo e a adega está cheia. Posso me manter durante meses – explicou e balançou a mão frouxa na direção da parede para concluir: – Os gurkenses estão vindo do oeste, e nós estamos no lado leste da cidade. Ouso dizer que eu não ficaria mais segura nem mesmo no palácio.

Talvez ela esteja certa. Aqui, pelo menos, posso vigiá-la de algum modo.

– Muito bem, curvo-me ao seu raciocínio. Ou me curvaria, se minhas costas deixassem.

Ela sentou diante dele.

– E como vai a vida nos corredores do poder?

– Gelada. Como costuma acontecer com os corredores – falou Glokta e pousou um dedo nos lábios. – Estou numa situação difícil.

– Tenho alguma experiência com isso.

– Esta é… complicada.

– Bom, então conte em termos que uma caipira burra como eu possa entender.

Qual é o mal? Já estou olhando a cara da morte.

– Em termos que uma caipira burra possa entender, imagine isso… Precisando desesperadamente de certos favores, você prometeu sua mão em casamento a dois homens muito ricos e poderosos.

– Uh. Um já seria uma coisa ótima.

– Nenhum dos dois seria uma coisa ótima, neste caso em particular. Os dois são velhos e de uma feiura abominável.

Ela deu de ombros.

– É fácil perdoar a feiura nos ricos e poderosos.

– Mas esses dois pretendentes tendem a ter ataques violentos de ciúme. Ataques perigosos, se sua falta de fidelidade viesse à tona. Você esperava se liberar de uma promessa ou da outra em algum estágio, mas agora a data dos casamentos está próxima e você descobre que ainda está… consideravelmente presa aos dois. Na verdade, mais ainda. Sua reação?

Ela contraiu os lábios e respirou fundo, pensando, depois jogou uma mecha de cabelo por cima do ombro, num gesto teatral.

– Eu levaria os dois à loucura com minha inteligência sem par e minha beleza estonteante, depois armaria um duelo entre eles. Quem vencesse seria recompensado com a minha mão em casamento e jamais suspeitaria de que eu tinha sido prometida ao rival. Como ele é velho, eu esperaria com ardor sua morte iminente, que me tornaria uma viúva rica e respeitada. – Ela riu para ele, com o nariz empinado. – O que me diz, senhor?

Glokta piscou.

– Acho que a metáfora perdeu a relevância.

– Ou… – Ardee franziu os olhos para o teto, depois estalou os dedos. –… eu poderia usar minha sutil astúcia feminina… – Jogou os ombros para trás e empinou o peito. –… para atrair um terceiro homem, ainda mais rico e poderoso. Jovem e bonito e sem muitos pelos nos braços e pernas, imagino, já que isso é uma metáfora. Nós nos casaríamos e, com a ajuda dele, eu destruiria os outros dois e os abandonaria decepcionados sem um tostão. Rá! O que acha?

Glokta sentiu a pálpebra tremer e a apertou com uma das mãos. *Interessante.*

– Um terceiro pretendente – murmurou. – A ideia nunca me passou pela cabeça.

A cadeira de Skarling

LÁ EMBAIXO A água espumava agitada. Chovera forte durante a noite e agora o rio estava cheio, uma torrente furiosa que mastigava de forma negligente a base do penhasco. Água preta e fria e espuma branca e fria contra a pedra fria e preta. Formas minúsculas – amarelo-ouro, laranja ardente, púrpura vívido, todas as cores do fogo – se moviam e se misturavam à torrente louca, para onde quer que a chuva a levasse.

Folhas na água, exatamente como ele.

E agora parecia que a chuva iria carregá-lo para o sul. Para lutar mais um pouco. Matar homens que nunca tinham ouvido falar dele. Pensar nisso lhe dava vontade de vomitar. Mas ele dera sua palavra, e um homem que não cumpre com a palavra não é muito homem. Era o que o pai de Logen costumava dizer.

Tinha passado longos anos sem cumprir muita coisa. Sua palavra, as palavras de seu pai, as vidas de outros homens, tudo significando menos do que nada. Deixara apodrecer todas as promessas que fizera à mulher e aos filhos. Tinha faltado com a palavra a seu povo, seus amigos e consigo mesmo mais vezes do que poderia contar. O Nove Sangrento. O homem mais temido do Norte. Um homem que havia caminhado todos os dias da vida num círculo de sangue. Um homem que não fizera nada mais do que o mal a vida inteira. E o tempo todo havia olhado para o céu e dado de ombros. Culpava quem estivesse mais perto e dizia a si mesmo que não tivera escolha.

Bethod havia morrido. Logen conseguira sua vingança, por fim, mas o mundo não se tornara subitamente um lugar melhor. O mundo continuava o mesmo, assim como ele. Espalmou a mão esquerda sobre a pedra úmida, os dedos tortos e esquisitos devido a uma dúzia de fraturas antigas, os nós arranhados e com cascas de ferida, as unhas rachadas e cheias de sujeira. Olhou por um momento o cotoco familiar.

– Ainda estou vivo – sussurrou, quase incapaz de acreditar.

Encolheu-se de dor nas costelas espancadas, gemeu quando deu as costas para a janela e se voltou para o grande salão. A ex-sala do trono de Bethod e agora dele. Essa ideia fez nascer uma risada magra, quase um arroto, em suas entranhas, mas até mesmo isso golpeava a massa de pontos que tomara na bochecha e subia pela lateral do rosto. Foi mancando pelo piso amplo, cada passo um sofrimento. O raspar das botas ecoava nos caibros altos, acima dos sussurros do rio lá embaixo. Fachos de luz turva, pesados de poeira, brilhavam e

criavam padrões entrecruzados nas tábuas. Perto de Logen, num tablado alto, estava a cadeira de Skarling.

O castelo, a cidade e o terreno ao redor haviam mudado a ponto de ficarem irreconhecíveis, mas Logen calculou que a cadeira era a mesma de quando Skarling vivia. Skarling Sem Capuz, o maior herói do Norte. O homem que unira os clãs para lutar contra a União, muito tempo atrás. O homem que unira o Norte com palavras e gestos, pelo menos durante alguns breves anos.

Um assento simples para um homem simples – pedaços grandes e retos de madeira antiga, com tinta desbotada nas bordas, alisada pelo uso de filhos e netos de Skarling e dos homens que haviam comandado seu clã desde então. Até que o Nove Sangrento viera bater aos portões de Carleon. Até que Bethod tomara a cadeira e fingira que era tudo o que Skarling havia sido, enquanto forçava o Norte a uma união à base de fogo, medo e aço.

– E então?

Logen girou a cabeça bruscamente e deparou com Barca Negra encostado no portal, braços cruzados no peito.

– Não vai se sentar?

Logen balançou a cabeça, negando, ainda que suas pernas doessem tanto que ele mal conseguia continuar de pé.

– A lama sempre serviu para eu me sentar. Não sou herói, e Skarling não era rei.

– Recusou uma coroa, pelo que ouvi dizer.

– Coroas – corrigiu Logen e cuspiu na palha, o cuspe ainda rosa por causa dos cortes na boca. – Reis. A ideia inteira é uma merda e eu sou a pior escolha que poderia existir.

– Mas você não vai recusar, não é?

Logen franziu a testa para ele.

– Para que outro desgraçado pior ainda do que Bethod possa se sentar nessa cadeira e fazer o Norte sangrar mais um pouco? Talvez eu possa fazer algo de bom com ela.

– Talvez – disse Barca Negra, depois o encarou. – Mas alguns homens não servem para fazer o bem.

– Estão falando de mim outra vez? – Crummock riu, ao entrar pela porta, com Cachorrão e Sinistro ao lado.

– Nem toda conversa é sobre você, Crummock – disse Cachorrão. – Dormiu bem, Logen?

– Dormi – mentiu ele. – Como os mortos.

– E agora?

Logen olhou para a cadeira.

– Vamos para o sul, acho.

– Sul – grunhiu Sinistro, não dando a menor pista se achava a ideia boa ou ruim.

Logen lambeu a carne machucada na lateral da boca, verificando de novo, sem qualquer motivo sensato, quanto ainda doía.

– Calder e Scale ainda estão por aí, em algum lugar. Sem dúvida Bethod mandou os dois buscarem ajuda. De mais além de Crinna, ou nos vales altos, ou não sei onde.

Crummock riu baixinho.

– Ah, as boas obras nunca terminam.

– Eles vão causar problemas cedo ou tarde – assegurou Cachorrão. – Disso não há dúvida.

– Alguém precisa ficar aqui, de olho nas coisas. Caçar aqueles dois desgraçados, se puder.

– Eu faço isso – disse Barca Negra.

– Tem certeza?

Barca Negra deu de ombros.

– Não gosto de barcos e não gosto da União. Não preciso fazer nenhuma viagem para descobrir isso. E tenho contas a acertar com Calder e Scale. Vou pegar alguns Carls que sobraram e fazer uma visita a eles – disse e, com seu sorriso maligno, deu um tapa no braço de Cachorrão. – Boa sorte ao restante de vocês, lá com os sulistas, certo? Tentem não ser mortos – emendou, depois estreitou os olhos na direção de Logen. – Principalmente você, hein, Nove Sangrento. Não queremos perder outro rei dos nórdicos agora, queremos?

Então Barca Negra saiu bamboleando de braços cruzados.

– Quantos homens ainda temos?

– Uns trezentos, contando que Barca Negra vá ficar com alguns.

Logen deu um longo suspiro.

– Então é melhor prepará-los para partir. Não quero que o Furioso vá sem a gente.

– Quem vai querer ir? – perguntou Cachorrão. – Depois do que passaram nesses meses? Quem vai querer mais matança agora?

– Homens que não saibam fazer muita coisa além disso, acho. – Logen deu de ombros. – Bethod tinha ouro lá embaixo, não tinha?

– É, um pouco.

– Então divida. O suficiente para cada homem que for com a gente. Um pouco agora, um pouco quando voltarmos. Acho que um bom número vai aceitar.

– Talvez. Os homens falam muito por causa de ouro. Não sei se vão lutar

muito por ele, quando chegar a hora.

– Veremos.

Cachorrão olhou para ele por um longo momento. Encarou-o bem nos olhos.

– Por quê?

– Porque eu dei minha palavra.

– E? Isso nunca incomodou você antes, não é?

– Não posso dizer que sim, e aí é que está o problema. – Logen engoliu em seco e sentiu o gosto ruim de sua boca. – O que mais a gente pode fazer, a não ser tentar ser melhor?

Cachorrão assentiu devagar, os olhos não se afastando do rosto de Logen.

– Então está certo, chefe. Para o sul.

– Uh – disse Sinistro.

Os dois saíram, deixando apenas Crummock com Logen.

– Então vai para a União, Majestade? Para o sul, matar uns homens marrons ao sol?

– Para o sul. – Logen mexeu um ombro dolorido junto ao pescoço dolorido, depois o outro. – Você vem?

Crummock se afastou da parede e deu alguns passos adiante, com os ossos de dedos estalando em volta do pescoço.

– Não, não, não. Eu, não. Gostei do período que passamos juntos, gostei mesmo, mas tudo tem um fim, não é? Fiquei muito tempo longe das minhas montanhas, e minhas mulheres devem estar sentindo minha falta.

O chefe dos homens das montanhas abriu os braços, deu mais um passo à frente e abraçou Logen com força. Com um pouco de força de mais para seu gosto, se ele fosse honesto.

– Eles podem ter um rei, se quiserem – sussurrou Crummock em seu ouvido –, mas não posso dizer que eu queira. Ainda mais o homem que matou meu filho, não é?

Logen sentiu-se esfriar, das raízes do cabelo às pontas dos dedos.

– O que você achou? Que eu não saberia? – O montanhês se inclinou para trás, para olhar Logen nos olhos. – Você o trucidou diante de todo mundo, não foi? Assassinou o pequeno Rond como uma ovelha para a panela, e ele era tão indefeso quanto uma ovelha.

Estavam sozinhos naquele amplo salão, só os dois e as sombras e a cadeira de Skarling. Logen se encolheu quando os braços de Crummock o apertaram com mais força, em volta dos hematomas e dos ferimentos deixados pelos braços do Temível. Não lhe restavam forças sequer para lutar contra um gato, e os dois sabiam disso. O montanhês podia esmagá-lo e terminar o serviço do Temível.

Mas ele apenas sorriu.

– Não se preocupe, Nove Sangrento. Eu recebi o que queria, não foi? Bethod está morto e seu Temível e sua bruxa e toda a ideia maluca de clãs unidos, tudo voltou para a lama, que é o lugar certo. Com você no comando, ouso dizer que vão se passar cem anos antes que o povo do Norte pare de se matar. Enquanto isso, talvez nós, nas montanhas, possamos ter um pouco de paz, não é?

– Claro que podem – grasnou Logen com os dentes trincados, fazendo uma careta à medida que o aperto de Crummock ficava mais forte.

– Você matou meu filho, é verdade, mas eu tenho muitos outros. É preciso ceifar os fracos, você não sabe? Os fracos e os azarados. A gente não coloca um lobo no meio das ovelhas e depois chora quando percebe que uma foi comida, não é?

Tudo o que Logen conseguiu fazer foi olhar para ele.

– Você é mesmo louco.

– Talvez seja, mas existe coisa pior do que eu por aí – disse e se inclinou para perto de novo, com a respiração suave no ouvido de Logen: – Não fui eu que matei o garoto, fui? – lembrou-o e, soltando Logen, lhe deu um tapa no ombro, como um amigo faria, ainda que não houvesse amizade no gesto. – Nunca mais suba aos Lugares Altos, Nove Dedos, é o meu conselho. Eu posso não lhe oferecer outra recepção amigável – avisou.

Em seguida se virou e foi andando lentamente, balançando um dedo gordo por cima do ombro.

– Não suba aos Lugares Altos de novo, Nove Dedos! Você é amado pela Lua só um pouquinho demais para o meu gosto!

Liderança

JEZAL PERCORRIA AS ruas calçadas de pedras montado num cavalo cinza magnífico, com Bayaz e o marechal Varuz logo atrás, além de vinte cavaleiros do Grupo comandados por Bremer dan Gorst, que os acompanhavam com equipamento de guerra completo. Era estranhamente inquietante ver a cidade, em geral tão apinhada de pessoas, quase deserta. Restavam apenas uns punhados de moleques maltrapilhos, guardas nervosos e plebeus cheios de suspeita para sair da frente da comitiva real. A maioria dos cidadãos que haviam ficado em Adua estava bem protegida em seus quartos, imaginou Jezal. Ele ficaria tentado a fazer o mesmo, caso a rainha Terez não tivesse sido mais rápida.

– Quando eles chegaram? – perguntou Bayaz por cima do estardalhaço dos cascos.

– A vanguarda apareceu antes do amanhecer – gritou Varuz em resposta. – E mais tropas gurkenses vieram pela estrada de Keln ao longo de toda a manhã. Houve algumas escaramuças nos distritos do outro lado da muralha de Casamir, mas nada que diminuísse o ritmo deles de forma significativa. Já estão a meio caminho de cercar toda a cidade.

Jezal girou a cabeça bruscamente.

– Já?

– Os gurkenses sempre gostaram de vir preparados, Majestade. – O velho soldado instigou seu cavalo para perto dele. – Começaram a construir uma paliçada ao redor de Adua e trouxeram três grandes catapultas. As mesmas que se mostraram tão eficazes no cerco de Dagoska. Ao meio-dia estaremos totalmente cercados.

Jezal engoliu em seco. Havia algo na palavra “cercados” que lhe provocava um aperto na garganta.

A coluna diminuiu o ritmo até um desfile altivo à medida que se aproximava do portão mais a oeste na cidade. Numa ironia pouco prazerosa para Jezal, era o mesmo portão por onde ele havia entrado em triunfo antes de ser coroado rei supremo da União. À sombra da muralha de Casamir se reunia uma multidão maior ainda do que aquela que o recebera depois de sua estranha vitória sobre os camponeses. As garotas sorridentes tinham sido substituídas por homens carrancudos; as flores frescas, por armas velhas. Armas com hastes se projetavam acima da confusão, em todos os ângulos, formando uma floresta desorganizada com pontas e gumes brilhantes. Lanças e forcados, foices e

ganchos de barcos, vassouras com as cerdas retiradas e facas pregadas no lugar.

Havia uns poucos homens do Próprio do Rei, reforçados por alguns membros nervosos da guarda da cidade, um grupo de comerciantes pretensiosos com gibões de couro e espadas polidas e trabalhadores em posturas frouxas, com bestas antigas e expressões duras. Eram o melhor que se tinha disponível. Estavam acompanhados por cidadãos de ambos os sexos e todas as idades, equipados com uma variedade espantosa de armas e armaduras. Ou com nada. Era difícil dizer quem era soldado e quem era cidadão, se, de fato, ainda houvesse uma diferença. Cada um deles fitava Jezal enquanto este apeava com elegância, as esporas douradas tilintando. Esperando algo, percebeu, à medida que caminhava no meio deles, seguido pela estridência das armaduras de sua guarda.

– Estes são os defensores deste distrito? – murmurou Jezal para o lorde marechal Varuz, que vinha logo atrás.

– Alguns, Majestade. Acompanhados por alguns cidadãos entusiasmados. Um espetáculo tocante.

Jezal trocaria de boa vontade uma multidão tocante por uma multidão eficaz, mas supôs que um líder precisava sempre parecer imbatível diante dos seguidores. Bayaz lhe dissera isso com frequência. Até que ponto isso seria duplamente, triplamente verdadeiro com relação a um rei diante dos súditos? Sobretudo um rei cujo domínio sobre a coroa recém-recebida poderia ser considerado no mínimo parcial.

Por isso manteve-se ereto, metendo o mais erguido que ousava o queixo marcado pela cicatriz, e abriu a capa com acabamento de ouro com a mão coberta pela luva da armadura. Caminhou pela multidão com a pose confiante que sempre tivera, torcendo a cada passo para que ninguém percebesse o turbilhão de medo e dúvida por trás de seus olhos. A multidão murmurava enquanto ele ia passando, com Varuz e Bayaz apressando-se em seguida. Alguns tentavam fazer reverência, outros não se davam o trabalho.

– O rei!

– Pensei que ele fosse mais alto…

– Jezal, o Bastardo.

Jezal virou a cabeça bruscamente, mas não havia como saber quem falara.

– Aquele é o Luthar!

– Viva Sua Majestade! – bradou alguém, mas foi seguido por um murmúrio sem muito ânimo.

– Por aqui – disse um oficial pálido diante do portão, indicando uma escada de tal forma que pareceu pedir desculpas.

Jezal subiu com passo viril, dois degraus de pedra de cada vez, as esporas

tilintando. Imobilizou-se ao chegar ao topo da guarita, o lábio repuxando-se de nojo. Quem estava parado ali, senão seu velho amigo, o superior Glokta, curvado sobre a bengala, com o sorriso repulsivo e banguela na cara?

– Majestade – disse ele com um jeito zombeteiro, a voz pesada de ironia. – Que honra quase avassaladora. – Levantou a bengala para apontar por cima do parapeito. – Os gurkenses estão lá.

Jezal estava tentando pensar numa resposta ácida o bastante, mas seu olhar seguiu a bengala de Glokta. Piscou e passou pelo aleijado sem dizer uma palavra. Seu queixo com a cicatriz foi caindo aos poucos e permaneceu assim.

– O inimigo – murmurou Varuz.

Jezal tentou imaginar o que Logen Nove Dedos diria diante daquela visão.

– Merda.

Na colcha de retalhos dos campos abertos, sobre as estradas e por cima das cercas vivas, entre as fazendas e vilarejos e os poucos bosques de árvores velhas para além da muralha da cidade, tropas gurkenses enxameavam aos milhares. A ampla estrada pavimentada que ia para Keln, curvando-se para o sul pelas plantações planas, era um rio que se arrastava, brilhando, arfando, feito de homens em marcha. Soldados gurkenses em coluna, inundando e fluindo com facilidade para cercar Adua com um gigantesco anel de homens, madeira e aço. Altos estandartes se erguiam sobre a turba fervilhante, símbolos dourados que reluziam à luz fluida do outono. Os estandartes das legiões do imperador. Jezal contou dez, ao primeiro olhar.

– Uma tropa considerável – disse Bayaz, num eufemismo espantoso.

Glokta riu.

– Os gurkenses odeiam viajar sozinhos.

A paliçada à qual o marechal Varuz havia se referido antes já subia, formando uma linha escura que serpenteava pelos campos enlameados a algumas centenas de passos da muralha, com um fosso raso à frente. Mais do que adequada para impedir que suprimentos ou reforços chegassem à cidade. Mais adiante vários acampamentos tomavam forma: enormes grupos de tendas brancas erguidas em quadrados bem organizados, vários deles com colunas de fumaça preta já se erguendo no branco do céu a partir de fogueiras feitas para cozinhar ou forjar. Havia naqueles arranjos uma sensação muito preocupante de permanência. Adua ainda podia estar nas mãos da União, mas nem mesmo o mentiroso mais patriótico poderia negar que o exterior da cidade já pertencia firmemente ao imperador de Gurkhul.

– É preciso admirar a organização deles – comentou Varuz, sério.

– É… a organização… – repetiu lentamente Jezal, sua voz rangendo feito tábuas velhas num piso. Usar cara de bravura junto com ela parecia mais

insanidade do que coragem.

Uma dúzia de cavaleiros havia se destacado das linhas gurkenses e agora avançava a trote. Duas bandeiras compridas balançavam acima de suas cabeças, seda vermelha e amarela, trabalhada com caracteres kanticenses em fio de ouro. Havia uma bandeira branca também, tão pequena que era quase imperceptível.

– Negociadores – resmungou o Primeiro dos Magos, balançando a cabeça devagar. – O que são eles, a não ser uma desculpa para velhos idiotas que adoram ouvir a própria voz arengarem sobre tratamento justo antes de começarem a chacina?

"Quando se trata de velhos idiotas que adoram ouvir a própria voz, creio que você é o especialista-mor." Isso foi o que Jezal pensou, mas guardou para si e apenas observou num silêncio reflexivo a aproximação do grupo gurkense. Um homem alto vinha à frente deles, com ouro brilhando no elmo pontudo e na armadura polida, cavalgando com aquela arrogância empertigada que, mesmo a distância, alardeia alto comando.

O marechal Varuz franziu a testa.

– É o general Malzagurt.

– Você o conhece?

– Ele comandou as forças do imperador na última guerra. Nós nos atracamos durante meses. Negociamos mais de uma vez. É um oponente muito astucioso.

– Mas você se saiu melhor do que ele, não foi?

– No fim, Majestade – confirmou Varuz, porém não parecia nem um pouco feliz. – Mas na época eu tinha um exército.

O comandante gurkense veio pela estrada, passando pelo amontoado de construções desertas espalhadas do lado de fora da muralha de Casamir. Puxou as rédeas do cavalo diante do portão, olhando orgulhoso para cima, uma das mãos pousada de forma casual no quadril.

– Sou o general Malzagurt – gritou com um forte sotaque kanticense –, representante escolhido de Sua Magnificência, Uthman-ul-Dosht, imperador de Gurkhul.

– Sou o rei Jezal I.

– Claro. O bastardo.

Era inútil negar.

– Isso mesmo. O bastardo. Por que não entra, general? Então poderemos conversar cara a cara, como homens civilizados.

O olhar de Malzagurt saltou para Glokta.

– Desculpe-me, mas a reação de seu governo aos emissários desarmados do imperador nem sempre foi… civilizada. Acho que permanecerei fora das

muralhas. Por ora.

– Como quiser. Acredito que o senhor já conheça o lorde marechal Varuz, não?

– Claro. Parece ter se passado uma eternidade desde que tivemos embates no ermo deserto. Eu poderia dizer que senti sua falta… mas não senti. Como vai, velho amigo, velho inimigo?

– Bastante bem – grunhiu Varuz.

Malzagurt fez um gesto para a vastidão de homens atrás de si.

– Nas atuais circunstâncias, não é? Não conheço seu outro…

– Ele é Bayaz. O Primeiro dos Magos – disse uma voz suave, tranquila.

Ela viera de um dos companheiros de Malzagurt. Um homem todo vestido de branco simples, um tanto ao estilo de um sacerdote. Não parecia ser mais velho do que Jezal, e era muito bonito, com um rosto moreno perfeitamente liso. Não usava armadura, não carregava arma. Não havia adorno em suas roupas nem na sela comum. No entanto os outros do grupo, até o próprio Malzagurt, pareciam olhá-lo com grande respeito. Quase com medo.

– Ah. – O general olhou para cima, cofiando de forma pensativa a barba grisalha curta. – Então esse é Bayaz.

O jovem assentiu.

– É ele. Faz muito tempo.

– Não o suficiente, Mamun, sua cobra maldita! – rosnou Bayaz, agarrando-se ao parapeito e com os dentes à mostra.

O velho mago era tão bom em bancar o tio bonzinho que Jezal havia esquecido como sua fúria súbita podia ser aterrorizante. Deu um passo para longe, chocado, quase levantando a mão para proteger o rosto. Os ajudantes e porta-bandeiras dos gurkenses se encolheram, um deles chegando ao ponto de vomitar ruidosamente. Até Malzagurt perdeu um naco considerável de sua postura heroica.

Porém Mamun apenas olhou para cima com a mesma tranquilidade de antes.

– Alguns dos meus irmãos achavam que você iria fugir, mas eu sabia que não. Khalul sempre disse que seu orgulho seria o seu fim, e aqui está a prova. Parece estranho, agora, que eu já tenha considerado você um grande homem. Você está velho, Bayaz. Você definhou.

– As coisas parecem menores quando estão muito acima de você! – vociferou o Primeiro dos Magos. Cravou a ponta do cajado nas pedras sob os pés, agora com a voz carregando uma ameaça terrível: – Chegue mais perto, comedor, e poderá avaliar minha fraqueza enquanto você queima!

– Houve um tempo em que você poderia me esmagar com uma palavra, não

duvido. Mas agora suas palavras não passam de ar vazio. Seu poder se esvaiu com os lentos anos, ao passo que o meu nunca foi maior. Tenho uma centena de irmãos e irmãs atrás de mim. Que aliados você tem, Bayaz? – Olhou as ameias com um sorriso de zombaria. – Só os que você merece.

– Ainda posso achar aliados para surpreender você.

– Duvido. Há muito tempo Khalul me contou qual seria seu último recurso na hora do desespero. O tempo provou que ele estava certo, como sempre. Então você foi até a borda do Mundo, procurar sombras. Sombras negras de fato, para quem se diz justo. Sei que fracassou. – O sacerdote mostrou duas fileiras de dentes perfeitos e brancos. – A Semente saiu da história há muito tempo. Foi enterrada a léguas sombrias sob a terra. Seguiu muito além do fundo oceano do sem fim. Suas esperanças afundaram com ela. Só lhe resta uma opção. Você virá de boa vontade e será julgado por Khalul devido à sua traição? Ou será que devemos entrar e pegá-lo?

– Ousa falar de traição comigo? Você, que traiu os membros mais importantes da nossa ordem, que violou a lei sagrada de Euz? Quantos você assassinou em troca de seu poder?

Mamun apenas deu de ombros.

– Muitos. Não me orgulho. Você nos deixou uma escolha de caminhos sombrios, Bayaz, e nós fizemos os sacrifícios necessários. Não faz sentido discutirmos o passado. Depois desses longos séculos em lados opostos de um enorme cisma, acredito que nenhum de nós vá convencer o outro. Os vitoriosos podem decidir quem estava certo, como sempre foi, mas o Profeta queria que eu fizesse a pergunta. Você irá a Sarkant, responder por seus grandes crimes? Será julgado por Khalul?

– Julgado? – rosnou Bayaz. – *Ele* vai *me* julgar, aquele velho assassino e vaidoso? – O mago soltou uma gargalhada aguda de cima da muralha. – Venha me pegar se puder, Mamun. Estarei esperando!

– Então iremos – murmurou o primeiro aprendiz de Khalul, com uma carranca por baixo das belas sobrancelhas pretas. – Estamos nos preparando há longos anos para isso.

Os dois homens franziram a testa, sombrios, e Jezal os acompanhou de testa franzida. Ficou ofendido diante da súbita sensação de que, de algum modo, todo o negócio era uma briga entre Bayaz e aquele sacerdote e que ele, apesar de rei, era como uma criança entreouvindo a conversa dos pais e que teria o mesmo tipo de relevância para o desdobramento dela.

– Diga seus termos, general! – gritou ele para baixo.

Malzagurt pigarreou.

– Primeiro, se vocês entregarem a cidade de Adua ao imperador, ele está

preparado para permitir que o senhor mantenha o trono, sujeito às ordens dele, claro, e pagando tributos regulares.

– Quanta generosidade! E o traidor, lorde Brock? Sabemos que vocês lhe prometeram a coroa da União.

– Não estamos de todo comprometidos com lorde Brock. Ele não controla a cidade, afinal de contas. O senhor controla.

– E temos pouco respeito por quem entrega os próprios senhores – acrescentou Mamun, com um olhar sombrio para Bayaz.

– Em segundo lugar, os cidadãos da União poderão continuar a viver de acordo com os próprios costumes e leis. Continuarão a viver em liberdade. Ou o mais próximo de liberdade que já tiveram, pelo menos.

– Sua generosidade é espantosa. – Jezal pretendia falar com desprezo, mas no fim das contas a frase escapou sem muita ironia.

– Em terceiro lugar – gritou o general, com um olhar nervoso de esguelha para Mamun –, o homem conhecido como Bayaz, o Primeiro dos Magos, será entregue a nós, amarrado e acorrentado, para ser levado ao templo de Sarkant, onde será julgado pelo profeta Khalul. Esses são nossos termos. Se forem recusados, o imperador decretou que a Terra do Meio seja tratada como qualquer outra província conquistada. Muitos morrerão e muitos outros, escravizados, governos gurkenses serão instalados, seu Agriont será transformado num templo e seus governantes atuais… serão mandados para as celas embaixo do palácio do imperador.

Jezal começou a abrir a boca para recusar, por instinto. Depois fez uma pausa. Harod, o Grande, sem dúvida teria cuspido seu desafio a qualquer hipótese e provavelmente teria mijado no emissário, para completar. A mera ideia de negociar com os gurkenses ia contra todas as crenças que ele possuía desde sempre.

Mas, pensando bem, os termos eram muito mais generosos do que ele havia esperado. Jezal provavelmente teria mais autoridade estando sujeito a Uthmam-ul-Dosht do que tendo Bayaz a olhar por cima do seu ombro a cada instante todos os dias. Com uma palavra, ele poderia salvar vidas. Vidas reais, de pessoas reais. Levantou a mão e, com a ponta de um dedo, coçou devagar os lábios cicatrizados. Havia experimentado sofrimento suficiente nas planícies intermináveis do Antigo Império para pensar longa e intensamente sobre arriscar submeter tantas pessoas, ele em particular, a tanta dor. A ideia das masmorras do palácio do imperador fez com que ele hesitasse.

Era bizarro que uma decisão tão vital fosse tomada por ele. Um homem que, havia menos de um ano, confessara cheio de orgulho não saber nada de nada e se importar menos ainda. Mas Jezal começava a duvidar de que qualquer

pessoa numa posição de autoridade soubesse de fato o que fazia. O melhor que se poderia esperar era manter algum fiapo de ilusão de que era possível. E de vez em quando, talvez, tentar dar ao fluxo insensato dos acontecimentos um empurrão levíssimo numa direção ou em outra, torcendo desesperadamente que fosse a direção certa.

Mas qual era a certa?

– Dê-me sua resposta! – gritou Malzagurt. – Tenho preparativos a fazer!

Jezal franziu a testa. Estava farto de receber ordens de Bayaz, mas pelo menos o velho desgraçado tivera algum papel em sua ascensão ao trono. Estava farto de ser menosprezado por Terez, mas pelo menos ela era sua esposa. Afora qualquer outra compensação, sua paciência estava por um fio. Ele se recusava a receber ordens à ponta de espada, dadas por um general gurkense posudo e seu sacerdote maldito.

– Rejeito seus termos! – gritou de cima da muralha, com ar superior. – Rejeito absoluta e completamente. Não tenho o hábito de entregar meus conselheiros, nem minhas cidades, nem minha soberania apenas porque solicitam. Sobretudo não a um bando de vira-latas gurkenses com poucos modos e menos inteligência ainda. Você não está em Gurkhul, general, e aqui sua arrogância lhe cai pior ainda do que esse elmo esquisito. Suspeito que você vá aprender uma dura lição antes de abandonar estas costas. Posso acrescentar, antes que partam, que encorajo você e seu sacerdote a se foderem? E quem sabe possam convencer o grande Uthman-ul-Dosht e o profeta Khalul, que tudo sabe, por sinal, a se juntar a vocês?

O general Malzagurt franziu a testa. Conferenciou de forma rápida com um auxiliar, evidentemente não tendo entendido por completo os pontos mais detalhados da última afirmação. Quando por fim a compreendeu, fez um gesto raivoso com a mão morena e rosnou uma ordem em gurkense. Jezal viu homens movendo-se ao redor das construções espalhadas do lado de fora da muralha, com tochas nas mãos. O general gurkense olhou uma última vez para a guarita sobre o portão.

– Rosados malditos! – rosnou. – Animais!

Então puxou as rédeas do cavalo e partiu a galope, seguido pelo estrondo dos cavalos de seus oficiais.

O sacerdote Mamun ficou ali mais um momento, demonstrando tristeza no rosto perfeito.

– Então que seja. Vamos colocar nossa armadura. Que Deus o perdoe, Bayaz.

– Você precisa mais de perdão do que eu, Mamun! Reze por si mesmo!

– Eu rezo. Todos os dias. Mas em toda a minha longa vida não vi sinal de

que Deus seja do tipo que perdoa.

Mamun virou seu cavalo para longe do portão e voltou devagar na direção das linhas gurkenses, passando por construções abandonadas onde as chamas já lambiam famintas as paredes.

Jezal respirou fundo e estremeceu enquanto seu olhar percorria a massa de homens que se movimentava nos campos. Boca desgraçada, vivia colocando-o em todo tipo de encrenca. Mas agora era meio tarde para se arrepender. Sentiu o toque paternal de Bayaz no ombro, aquele toque orientador que havia se tornado tão irritante nas últimas semanas. Precisou trincar os dentes para não se soltar com um repelão.

– Você deveria se dirigir ao seu povo – disse o Mago.

– O quê?

– As palavras certas podem fazer toda a diferença. Harod, o Grande, podia falar sem preparação. Já contei sobre a vez em que ele…

– Muito bem! – disse Jezal com rispidez. – Estou indo.

Foi até o parapeito oposto, com todo o entusiasmo de um condenado seguindo para o cadafalso. A multidão estava espalhada abaixo, em toda a sua variedade perturbadora. Jezal precisou se conter para não ficar mexendo na fivela do cinto. Preocupava-se com a ideia de que, por algum motivo, suas calças cairiam na frente de todas aquelas pessoas. Um pensamento ridículo. Pigarreou. Alguém o viu e apontou.

– O rei!

– Rei Jezal!

– O rei vai falar!

A multidão se remexeu e se estirou, olhos voltados na direção da guarita, um mar de rostos esperançosos, temerosos, carentes. O barulho na praça foi morrendo aos poucos e deu lugar a um silêncio sufocante.

– Amigos… compatriotas… súditos! – Sua voz ressoava com autoridade agradável. Um bom começo, muito… retórico. – Nossos inimigos podem ser muitos… muitos mesmo… – Jezal se xingou. Admitir isso não era algo que encorajaria as massas. – Mas insisto que vocês se animem! Nossas defesas são fortes! – Bateu nas pedras firmes sob a mão. – Nossa coragem é indômita! – Bateu em seu peitoral polido. – Vamos nos sustentar! – Assim estava melhor! Ele havia descoberto um talento natural para falar.

A multidão estava calorosa agora, dava para sentir.

– Não precisaremos nos sustentar para sempre! O lorde marechal West está agora mesmo trazendo seu exército para nos ajudar…

– Quando? – gritou alguém, e houve uma onda de murmúrios raivosos.

– É… – balbuciou Jezal e, confuso e nervoso, olhou para Bayaz. – É…

– Quando eles virão? Quando?

O Primeiro dos Magos sibilou algo para Glokta, e o aleijado fez um gesto nítido para alguém lá embaixo.

– Logo! Podem contar com isso! – garantiu Jezal. Maldito Bayaz e suas ideias horríveis. Jezal não imaginava como encorajar uma turba.

– E nossos filhos? E nossos lares? Sua casa vai queimar? Vai?

Uma onda de gritos de insatisfação se ergueu.

– Não temam! Eu peço que vocês… por favor… – Maldição! Ele não tinha nada que implorar, ele era o rei. – O exército está a caminho!

Jezal notou figuras negras forçando passagem em meio ao povo. Práticos da Inquisição. Eles convergiram, para certo alívio seu, na direção de onde vinham os gritos.

– Agora mesmo eles estão saindo do Norte! A qualquer hora chegarão para nos ajudar e dar a esses cães gurkenses uma…

– Quando? Quando eles… – E a pergunta foi cortada com um berro agudo quando porretes pretos subiram e desceram no meio da multidão.

Jezal fez o máximo para gritar acima disso:

– Enquanto isso, vamos deixar esse lixo gurkense cavalgar livre em nossos campos? Nos campos dos nossos pais?

– Não! – berrou alguém, para grande alívio de Jezal.

– Não! Mostraremos a esses escravos de Kanta como um cidadão livre da União pode lutar!

Houve uma saraivada de concordâncias mornas.

– Vamos lutar com a coragem de leões! Com a ferocidade de tigres! – Agora ele estava esquentando, as palavras se derramavam como se ele realmente falasse a sério. Talvez falasse. – Vamos lutar como fizemos nos dias de Harod! De Arnault! De Casamir!

Gritos empolgados soaram.

– Não vamos descansar até que esses demônios gurkenses sejam expulsos de volta para o outro lado do mar do Círculo! Não haverá negociação!

– Sem negociação! – gritou alguém.

– Danem-se os gurkenses!

– Jamais nos renderemos! – berrou Jezal, batendo no parapeito com o punho. – Lutaremos para defender cada rua! Cada casa! Cada cômodo!

– Cada casa! – gritou alguém com empolgação furiosa, e os cidadãos de Adua berraram em aprovação.

Sentindo o momento, Jezal tirou a espada da bainha com um retinir adequadamente guerreiro e a ergueu acima da cabeça.

– E eu terei o orgulho de desembainhar minha espada ao lado de vocês!

Lutaremos uns pelos outros! Lutaremos pela União! Cada homem… cada mulher… será um herói!

Gritos ensurdecedores. Jezal balançou a espada e uma onda reluzente brotou entre as lanças brandidas no ar, batidas em peitos cobertos de armaduras, marteladas contra a pedra. Jezal deu um sorriso largo. As pessoas o amavam e estavam mais do que dispostas a lutar por ele. Juntos seriam vitoriosos, ele sentia. Havia tomado a decisão certa.

– Muito bem-feito – murmurou Bayaz em seu ouvido. – Muito…

A paciência de Jezal se esgotara. Voltou-se para o mago com os dentes à mostra.

– Eu sei como foi feito! Não preciso da sua constante…

– Majestade – chamou a voz aguda de Gorst.

– Como ousa me interromper? Que diabo está…

A reprimenda de Jezal foi cortada por uma claridade rubra no canto de seu olho, seguida um instante depois por uma detonação ensurdecedora. Ele girou a cabeça bruscamente e viu chamas brotarem acima do amontoado de telhados a alguma distância, à direita. Abaixo dele, na praça, houve um arquejo de espanto coletivo, uma movimentação nervosa da turba.

– O bombardeio gurkense começou – disse Varuz.

Uma risca de fogo cruzou o céu branco acima das linhas gurkenses. Jezal observou boquiaberto aquilo mergulhar na cidade. A coisa se chocou contra os prédios, dessa vez à esquerda de Jezal, fogo brilhante se elevando alto no ar. O estrondo assustador atacou seus ouvidos um instante depois.

Gritos vieram de baixo. Ordens, talvez, ou berros de pânico. A multidão começou a se mover em todas as direções ao mesmo tempo. Pessoas corriam para as muralhas ou para seus lares ou para nenhum lugar específico, um emaranhado caótico de corpos que se empurravam e lanças balançando.

– Água! – gritou alguém.

– Fogo!

– Majestade – chamou Gorst, que já guiava Jezal de volta para a escada. – O senhor deveria retornar imediatamente ao Agriont.

Jezal olhou outra explosão trovejante, essa mais perto ainda. A fumaça já subia em manchas oleosas sobre a cidade.

– É – murmurou, permitindo-se ser levado para a segurança. Percebeu que ainda estava com a espada na mão e a embainhou com certa culpa. – É, claro.

Não sentir medo – como havia observado Logen Nove Dedos uma vez – é bravata de idiota.

Entre a cruz e a espada

GLOKTA SE SACUDIA de tanto rir, com os gorgolejos chiados fazendo baba escorrer de suas gengivas vazias. A cadeira dura chegava a estalar embaixo da bunda ossuda. As tosses e os gemidos ecoavam nas paredes nuas da escuridão da sala de estar. De certa forma isso era muito parecido com um choro. *E talvez seja, só um pouquinho.*

Cada sacudida dos ombros retorcidos cravava pregos em seu pescoço. Cada espasmo das costelas provocava fisgadas de dor até as pontas dos poucos dedos que restavam nos pés. Ele gargalhava, e a gargalhada doía, e a dor o fazia rir mais ainda. *Ah, que ironia! Eu rio de desamparo. Gargalho de desespero.*

Bolhas de saliva exploriram em seus lábios quando ele soltou um último chiado longo. *Como o balido de morte de uma ovelha, porém menos digno.* Então engoliu em seco e enxugou os olhos molhados. *Não rio tanto há anos. Desde antes de os torturadores do imperador começarem seu trabalho, imagino. No entanto não é tão difícil parar. Afinal de contas, não há nada engraçado de verdade aqui, há?* Levantou a carta e leu de novo.

> *Superior Glokta,*
> *Meus empregadores na casa bancária Valint e Balk estão mais do que desapontados com o seu progresso. Já faz algum tempo desde que lhe pedi, pessoalmente, que nos informasse sobre os planos do arquileitor Sult, em especial sobre os motivos de seu interesse contínuo pela Universidade. Desde então não recebemos qualquer comunicação sua.*
> *Pode ser que o senhor acredite que a chegada súbita dos gurkenses às muralhas da cidade tenha alterado as expectativas de meus empregadores.*
> *Não alterou, de modo algum. Nada alterará.*
> *O senhor deve nos apresentar um relatório dentro de uma semana, caso contrário Sua Eminência será informado de suas lealdades divididas.*
> *Não preciso acrescentar que seria sensato para o senhor destruir esta carta.*
> *Mauthis*

Glokta fitou o papel durante um longo tempo, à luz da vela única, com a boca arruinada aberta. *Para isso eu vivi meses de agonia na escuridão das prisões do imperador? Abri meu caminho através da Guilda dos Mercadores de*

Tecidos torturando de modo selvagem? Rasguei minha rota sangrenta pela cidade de Dagoska? Para terminar os dias em desgraça, preso entre um velho burocrata amargo e um banco cheio de trambiqueiros traiçoeiros? Todas as minhas dissimulações, mentiras, barganhas e minha dor. Todos os cadáveres deixados na estrada… para isso?

Uma nova onda de gargalhadas tomou seu corpo, retorceu-o e fez suas costas doloridas se sacudirem. *Sua Eminência e esses banqueiros merecem uns aos outros! Mesmo com a cidade queimando, seus jogos não podem parar nem mesmo um instante. Jogos que podem muito bem se mostrar fatais para o pobre superior Glokta, que só tentou fazer o melhor que podia, dentro das possibilidades de suas deformações.* Precisou enxugar um pouco de ranho de sob o nariz, de tanto que riu desse último pensamento.

É quase uma pena queimar um documento tão horrivelmente hilariante. Quem sabe, em vez disso, eu devesse levá-lo ao arquileitor? Será que ele veria o lado engraçado? Será que nós dois riríamos juntos? Estendeu a mão, encostou o canto da carta na chama trêmula da vela e viu o fogo subir pela lateral e esgueirar-se pela escrita, fazendo o papel branco se enrolar e virar cinzas.

Queimado, assim como minhas esperanças, meus sonhos e meu futuro glorioso foram queimados sob o palácio do imperador! Queimado como Dagoska foi e Adua certamente será, diante da fúria do imperador! Queimado como eu adoraria queimar o rei Jezal, o Bastardo, e o Primeiro dos Magos e o arquileitor Sult, Valint e Balk e toda a porcaria do…

– Ai!

Glokta sacudiu os dedos queimados e depois os enfiou na boca desdentada, interrompendo o riso rapidamente. *Estranho. Por mais que experimentemos dor, nunca nos acostumamos. Sempre tentamos escapar. Nunca nos resignamos a sentir mais.* Os restos da carta ainda ardiam no piso. Ele franziu a testa e os esmagou com um golpe violento da bengala.

O ar estava pesado com o cheiro pungente de fumaça de madeira. *Como 100 mil jantares queimados.* Mesmo ali, no Agriont, havia uma leve névoa de fumaça, uma fusão desordenada das construções no fim de cada rua. Incêndios vinham devastando os distritos mais distantes havia vários dias, e o bombardeio gurkense não diminuíra sequer um fio de cabelo, noite ou dia. Enquanto Glokta andava, com a respiração chiando pelos espaços entre os dentes devido ao esforço de colocar um pé diante do outro, veio o estrondo abafado de um projétil incendiário caindo em algum lugar da cidade, depois um minúsculo murmúrio de vibração através das solas das botas.

As pessoas na rua se imobilizaram, olhando para cima alarmadas. *Os poucos azarados que não conseguiram desculpas para fugir da cidade quando os gurkenses chegaram. Os azarados que eram importantes demais ou de menos. Um punhado otimista que achava que o cerco gurkense seria outra moda passageira – como uma chuva de verão ou calças curtas. Tarde demais descobrem o grave erro.*

Glokta continuou mancando, de cabeça baixa. Não havia perdido um minuto de sono por causa das explosões que sacudiram a cidade no escuro ao longo da última semana. *Estava ocupado perdendo o sono por causa da minha mente inquieta feito um gato num saco, tentando encontrar um modo de sair dessa armadilha. Fiquei acostumado às explosões durante minhas férias na charmosa Dagoska.* Para ele, a dor que lancetava a bunda e subia pela coluna era consideravelmente mais preocupante.

Ah, arrogância! Quem teria ousado imaginar que um dia as botas gurkenses pisoteariam os campos férteis da Terra do Meio? Que as belas fazendas e os vilarejos sonolentos da União dançariam com o fogo gurkense? Quem poderia esperar que a linda e próspera Adua se transformasse de um pedacinho do céu em um pedacinho do inferno? Glokta sentiu-se sorrir. *Bem-vindos, todos! Bem-vindos! Este tem sido o meu mundo. Que bom vocês se juntarem a mim!*

Ouviu botas de armaduras pisando na rua atrás dele. Tarde demais arrastou os pés para fora do caminho de uma apressada coluna de soldados e foi empurrado rudemente para o gramado lateral. Seu pé esquerdo escorregou na lama e provocou uma pontada de agonia que subiu pela perna. A coluna passou barulhenta, sem se importar, e Glokta fez uma careta. *As pessoas não têm mais o nível adequado de medo da Inquisição. Todos estão apavorados demais pelos gurkenses para isso.* Desencostou-se do muro com uma careta e um palavrão, esticou o pescoço e continuou mancando.

O juiz supremo Marovia estava emoldurado pela maior janela de sua sala enorme, as mãos cruzadas às costas. As janelas eram voltadas para oeste. *A direção do principal ataque gurkense.* Acima dos telhados, a distância, colunas de fumaça escura subiam no céu pálido, fundindo-se num lençol sujo que tornava a meia-luz de outono ainda mais funesta. Marovia se virou ao ouvir o pé sem dedos de Glokta fazer rangerem as tábuas escuras, e seu rosto velho e enrugado se animou com um sorriso de boas-vindas.

– Ah, superior Glokta! Não pode imaginar meu prazer ao ouvir o anúncio de sua chegada! Senti sua falta desde a última visita. Gosto demais de seu…

estilo direto. Admiro seu… comprometimento com o trabalho. – Balançou uma das mãos preguiçosamente na direção da janela. – Devo admitir que a lei tende a ser sonolenta em tempos de guerra. Mas, mesmo com os gurkenses nos portões, o nobre serviço da Inquisição de Sua Majestade continua, não é? Presumo que tenha vindo de novo em nome de Sua Eminência, não?

Glokta fez uma pausa. *Mas só por hábito. Devo virar minhas costas retorcidas para a Inquisição. De que Sult me chamaria? Traidor? Sem dúvida, e coisa pior. Mas a primeira lealdade de todo homem deve ser para consigo mesmo. Eu fiz meus sacrifícios.*

– Não, Meritíssimo. Vim em nome de Sand dan Glokta. – Ele mancou até uma cadeira, puxou-a e se deixou cair nela sem convite. *Já passei muito do ponto das amenidades.* – Francamente, preciso da sua ajuda. – *Francamente, o senhor é minha última esperança.*

– Minha ajuda? Na certa o senhor não carece de amigos poderosos, não?

– Minha experiência lamentável é que os homens poderosos não podem se dar ao luxo de ter amigos.

– Infelizmente é verdade. Não é possível chegar à minha posição, ou mesmo à sua, sem saber que todo homem está sozinho, no fim das contas.

Marovia olhou para baixo, benevolente, enquanto se acomodava em sua cadeira alta. *Se bem que não estou nem um pouco à vontade. Seus sorrisos são tão mortais quanto as carrancas de Sult, imagino.*

– Nossos amigos devem ser aqueles que nos são úteis. Com isso em mente, que ajuda posso lhe dar? E, mais importante, o que o senhor pode me oferecer em troca?

– Isso vai exigir algumas explicações. – Glokta se encolheu ao sentir uma cãibra na perna e forçou-a a se esticar sob a mesa. – Posso falar de modo totalmente franco com o senhor, Meritíssimo?

Marovia acariciou a barba, pensativo.

– A verdade é uma mercadoria muito rara e valiosa. Fico surpreso de que um homem com a sua experiência a revele dessa forma. Em especial a alguém que está do outro lado da cerca, por assim dizer.

– Uma vez me disseram que um homem no deserto deve aceitar toda a água que lhe é oferecida, não importa de onde ela venha.

– O senhor está perdido, é? Então seja franco, superior, e veremos se posso abrir mão de algo do meu cantil.

Nem de longe uma promessa de ajuda, mas é o melhor que eu poderia esperar de um homem que até tão recentemente era um inimigo feroz. E assim… aí vai a minha confissão. Glokta revirou na cabeça as lembranças dos últimos dois anos. *E são lembranças imundas, vergonhosas. Por onde começar?*

– Algum tempo atrás, comecei a examinar irregularidades nos negócios da honorável Guilda dos Mercadores de Tecidos.

– Lembro-me bem desse caso infeliz.

– Durante as investigações, descobri que os comerciantes de tecidos eram financiados por um banco. Um banco muito rico e poderoso, Valint e Balk.

Glokta o observou atentamente, procurando uma reação, mas Marovia nem ao menos piscou.

– Tenho conhecimento dessa instituição.

– Suspeitei que eles estivessem envolvidos nos crimes dos mercadores de tecidos. O mestre Kault me contou isso antes de seu falecimento infeliz. Mas Sua Eminência não quis que eu investigasse mais. Era um excesso de complicações num momento já complicado.

O olho esquerdo de Glokta estremeceu e ele sentiu que começava a lacrimejar.

– Peço desculpas – murmurou ao enxugá-lo com um dedo. – Pouco depois, fui despachado para Dagoska, encarregado da defesa da cidade.

– Sua dedicação específica nessa questão foi origem de algum desconforto para mim. – Marovia remexeu a boca, amargo. – Parabéns. O senhor fez um trabalho extraordinário.

– Não posso receber todo o crédito. A tarefa dada pelo arquileitor era impossível. Dagoska estava atulhada de traição e cercada pelos gurkenses.

Marovia bufou.

– Compartilho seu pesar.

– Se ao menos alguém tivesse compartilhado na época, mas todos estavam ocupados aqui, tentando se dar bem uns sobre os outros, como sempre. As defesas de Dagoska estavam em condições totalmente inadequadas para a tarefa. Eu não poderia reforçá-las sem dinheiro…

– Sua Eminência não foi solícito.

– Sua Eminência não quis ceder um único marco. Mas um benfeitor improvável se apresentou na minha hora de necessidade.

– Um tio rico? Que acaso feliz!

– Nem tanto. – Glokta lambeu o espaço salgado onde os dentes da frente haviam estado um dia. *E os segredos começam a se derramar como cagalhões de uma latrina entupida.* – Meu tio rico era nada menos do que a casa bancária Valint e Balk.

Marovia franziu a testa.

– Eles ofereceram dinheiro?

– Foi graças à generosidade deles que pude repelir os gurkenses por tanto tempo.

– Tendo em mente que os poderosos não têm amigos, o que Valint e Balk receberiam em troca?

– Em essência? – Glokta olhou fixamente para o juiz supremo. – O que eles quisessem. Pouco depois de retornar de Dagoska, comecei a investigar a morte do príncipe herdeiro Raynault.

– Um crime terrível.

– Do qual o embaixador gurkense que foi enforcado era inocente.

Marovia registrou uma minúscula sugestão de surpresa.

– É mesmo?

– Sem sombra de dúvida. Mas a morte do herdeiro do trono criou outros problemas, relativos aos votos no Conselho Aberto, e Sua Eminência ficou feliz com a solução fácil. Tentei continuar a investigação, mas fui impedido. Por Valint e Balk.

– Então você suspeita que esses banqueiros estavam envolvidos na morte do príncipe herdeiro?

– Suspeito de todo tipo de coisas da parte deles, mas não há provas. – *Sempre suspeitas de mais e provas de menos.*

– Bancos – resmungou Marovia. – São feitos de ar. Tecem dinheiro a partir de suposições, mentiras e promessas. Os segredos são sua moeda, mais ainda do que o ouro.

– Foi o que descobri. Mas quando se está perdido no deserto…

– Sim, sim! Por favor, continue.

Para sua surpresa, Glokta descobriu que estava gostando muito daquilo. Quase tropeçava na própria língua, tamanha era a ansiedade de contar tudo. *Agora que começo a jogar fora os segredos que guardei por tanto tempo, descubro que não consigo parar. Sinto-me um avarento num dia de gastanças. Horrorizado e ao mesmo tempo libertado. Agonizante e ao mesmo tempo deliciado. É como cortar a própria garganta, imagino: uma libertação gloriosa, mas que só é possível desfrutar uma vez. E, como cortar a própria garganta, provavelmente resultará na minha morte feia. Ah, bom. Ela já está prometida há um bom tempo, não é? E nem eu poderia dizer que não a mereço multiplicada por dez.*

Glokta se inclinou para a frente. *Mesmo aqui, mesmo agora, de algum modo preciso falar isso baixinho.*

– O arquileitor não está satisfeito com nosso novo rei. Mais especificamente, não está feliz com a influência que Bayaz exerce sobre ele. Os poderes de Sult estão muito reduzidos. Na verdade, ele acredita que, de algum modo, o senhor esteja por trás da coisa toda.

Marovia franziu a testa.

– É mesmo?

É, e não tenho tanta certeza de que descarto essa possibilidade.

– Ele pediu que eu descobrisse algum modo de afastar Bayaz – disse, e sua voz baixou até quase um sussurro ao prosseguir: – Ou afastar o rei. Suspeito que, caso eu fracasse, ele tenha outros planos. Planos que, de algum modo, envolvem a Universidade.

– Parece que o senhor está acusando Sua Eminência, o arquileitor, de alta traição contra o Estado.

Os olhos de Marovia tinham um brilho severo como um par de pregos novos. *Desconfiado, e ao mesmo tempo terrivelmente ansioso.*

– O senhor descobriu alguma coisa para usar contra o rei? – perguntou Marovia.

– Antes mesmo que eu pudesse pensar em fazer isso, Valint e Balk me dissuadiram à força.

– Eles souberam tão depressa assim?

– Sou obrigado a admitir que alguém perto de mim pode não ser tão confiável quanto sempre esperei. Os banqueiros não somente mandaram que eu desobedecesse a Sua Eminência como exigiram que eu *o* investigasse. Querem saber quais são os planos dele. Tenho apenas alguns dias para satisfazê-los, e Sult já não confia em mim o bastante para compartilhar o que há em sua latrina, quanto mais o que há em sua mente.

– Ora, ora. – Marovia balançou a cabeça devagar. – Ora, ora.

– Para aumentar minhas dificuldades, acredito que o arquileitor seja menos ignorante do que aconteceu em Dagoska do que parecia a princípio. Se alguém está falando, pode ser que esteja falando para os dois lados. – *Se você pode trair uma pessoa uma vez, afinal de contas, não é muito difícil fazer isso duas vezes.* Glokta deu um longo suspiro. *E cá estamos. Todos os segredos derramados. A fossa foi esvaziada. Minha garganta foi cortada de orelha a orelha.* – Essa é a história, Meritíssimo.

– Bom, superior, o senhor está de fato numa tremenda enrascada. – *E bastante fatal, na verdade*. Marovia se levantou e andou lentamente pela sala. – Vamos supor, por ora, que o senhor veio mesmo para pedir minha ajuda, não para me levar a algum tipo de embaraço. O arquileitor Sult tem os meios para causar sérios problemas. E tem a gigantesca obsessão por si mesmo necessária para tentar isso, num momento assim. – *O senhor não ouvirá nenhum questionamento da minha parte.* – Se o senhor pudesse obter uma prova convincente, eu estaria, claro, disposto a apresentá-la ao rei. Mas não posso agir contra um membro do Conselho Fechado, e contra o arquileitor em particular, sem prova concreta. Uma confissão assinada seria o melhor.

– Uma confissão assinada por Sult? – murmurou Glokta.

– Um documento assim resolveria alguns problemas para nós dois. Sult estaria acabado e os banqueiros perderiam o controle sobre o senhor. Os gurkenses continuariam acampados do lado de fora da nossa muralha, claro, mas não se pode ter tudo.

– Uma confissão assinada pelo arquileitor. – *E, já que estou com a mão na massa, será que devo tirar a lua do céu?*

– Ou uma pedra grande o suficiente para provocar a avalanche. Talvez a confissão de alguém adequadamente próximo dele. Sei que o senhor é especialista em obtê-las. – O juiz supremo olhou para Glokta por baixo das sobrancelhas pesadas. – Fui mal informado?

– Não posso obter provas a partir do nada, Meritíssimo.

– Quem está perdido no deserto deve aproveitar as chances que são oferecidas, não importa quão frágeis sejam. Encontre uma prova e me traga. Então terei como agir, e não um instante antes disso. Sabe que não posso correr riscos pelo senhor. É difícil confiar num homem que escolheu um chefe e agora escolhe outro.

– Escolheu? – Glokta sentiu a pálpebra tremer de novo. – Se o senhor acredita que eu escolhi alguma parte da sombra de vida lamentável que se encontra diante dos seus olhos, está muito equivocado. Eu escolhi a glória e o sucesso. A caixa não continha o que estava escrito na tampa.

– O mundo é cheio de histórias trágicas. – Marovia foi até a janela, dando as costas para Glokta e olhando o céu que escurecia. – Principalmente agora. Não se pode esperar que elas façam diferença para um homem com minha história. Desejo-lhe um bom dia.

É inútil fazer mais algum comentário. Glokta se balançou para a frente, empurrou-se com dor para cima até ficar de pé com a ajuda da bengala e foi mancando na direção da porta. *Mas um minúsculo brilho de esperança se esgueirou para a cela escura do meu desespero… Só preciso obter uma confissão de alta traição por parte do chefe da Inquisição de Sua Majestade…*

– Superior! – chamou Marovia.

Por que ninguém nunca termina de falar antes de eu me levantar? Glokta se virou de volta para a sala, com a coluna queimando.

– Se alguém próximo do senhor está falando demais, é preciso calar essa pessoa. Agora. Só um idiota pensaria em desenraizar traição no Conselho Fechado antes de ter cortado as ervas daninhas do próprio quintal.

– Ah, não precisa se preocupar com meu jardim, Meritíssimo. – Glokta deu seu sorriso mais repulsivo ao juiz supremo. – Agora mesmo estou afiando a tesoura.

Caridade

ADUA QUEIMAVA.

Os dois distritos mais a oeste – Três Fazendas, no canto sudoeste da cidade, e o dos Arcos, mais ao norte – estavam retalhados com feridas negras. Fumaça ainda subia de algumas delas, grandes colunas iluminadas em laranja fraco perto da base. Espalhava-se em manchas oleosas, arrastadas para oeste por um vento forte, formando uma cortina turva para o sol poente.

Jezal olhava aquilo num silêncio solene, os punhos cerrados entorpecidos no parapeito da Torre das Correntes. Não havia nenhum som ali em cima, a não ser o vento em seus ouvidos e, só ocasionalmente, uma levíssima sugestão de batalha distante. Um grito de guerra ou os berros dos feridos. Ou talvez fosse apenas uma ave marinha gritando, alta na brisa. Num momento de loucura, Jezal desejou ser um pássaro e poder voar da torre e passar por cima dos piquetes gurkenses, para longe daquele pesadelo. Mas não seria tão fácil escapar.

– A muralha de Casamir foi rompida pela primeira vez há três dias – explicou o marechal Varuz num zumbido monótono. – Repelimos os dois primeiros ataques e sustentamos Três Fazendas naquela noite, mas no dia seguinte houve outra brecha, e mais outra. Essa desgraça de pó de fogo mudou todas as porcarias das regras. Uma muralha que suportaria uma semana pode ser derrubada em uma hora.

– Khalul sempre adorou mexer com sua poeira e suas garrafas – murmurou Bayaz, em nada ajudando.

– Naquela noite eles entraram em grande número no distrito de Três Fazendas e derrubaram os portões nos Arcos logo depois. Desde então, toda a parte oeste da cidade enfrenta uma batalha contínua.

A taverna onde Jezal comemorara sua vitória sobre Filio no Campeonato ficava naquele distrito. A taverna onde ele havia se sentado com Jalenhorm, Kaspa e Brint antes de eles irem para o Norte e ele para o Antigo Império. Será que a construção estaria queimando agora mesmo? Será que já era uma casca enegrecida?

– Estamos lutando corpo a corpo nas ruas à luz do dia. E organizando incursões no escuro todas as noites. Nem um passo de terreno é cedido sem ser encharcado com sangue gurkense.

Talvez Varuz quisesse soar inspirador, mas só conseguiu deixar Jezal enjoado. As ruas de sua capital encharcadas de sangue, não importava de quem

fosse, nem de longe era seu primeiro objetivo como rei da União.

– A muralha de Arnault permanece firme, apesar de haver incêndios no centro da cidade. As chamas quase chegaram aos Quatro Cantos ontem à noite, mas a chuva as apagou, pelo menos por enquanto. Estamos lutando para defender cada rua, cada casa, cada cômodo. Como o senhor disse que deveríamos fazer, Majestade.

– Bom – conseguiu grasnar Jezal, mas quase engasgou com a palavra.

Ao recusar tão jovialmente os termos do general Malzagurt, não tinha certeza do que esperava. Havia imaginado por alto que alguém viria logo resgatá-los. Que algo heroico aconteceria. Só que agora o embate sangrento estava bem adiantado e não havia sinal de resgate iminente. Era provável que houvesse atos heroicos acontecendo lá, em meio à fumaça. Soldados carregando colegas feridos para um local seguro através da escuridão cheia de fuligem. Enfermeiras costurando ferimentos à luz de velas e ao som dos gritos. Pessoas comuns mergulhando em construções em chamas para tirar crianças que sufocavam. Heroísmo de um tipo cotidiano e sem glamour. De um tipo que não fazia diferença para o resultado final.

– Aqueles são nossos navios na baía? – perguntou baixinho, já com medo da resposta.

– Gostaria que fossem, Majestade. Nunca pensei que diria isso, mas eles são melhores do que nós por mar. Nunca ninguém viu tantos malditos navios. Mesmo se a maioria da nossa marinha não estivesse transportando o exército de volta de Angland, não sei o que ela poderia fazer. Como as coisas vão, os homens terão de ser desembarcados fora da cidade. É uma grande inconveniência, e pode ser muito mais do que isso. As docas são um ponto fraco. Cedo ou tarde eles podem tentar desembarcar homens lá.

Jezal olhou nervoso em direção à água. Regimentos de gurkenses derramando-se dos navios e entrando no coração da cidade. A via do Meio atravessava direto o centro de Adua, desde a baía até o Agriont. Uma rua convidativamente ampla para a marcha de toda uma legião gurkense, direto, num instante. Fechou os olhos e tentou respirar com calma.

Antes da chegada dos gurkenses, ele não tivera um momento de silêncio sem as opiniões dos conselheiros. Agora que precisava mesmo de conselho, subitamente a fonte havia secado. Sult quase não aparecia no Conselho Fechado, e quando ia era só para olhar irritado na direção de Marovia. O próprio juiz supremo tinha pouco a oferecer além de gemer sobre a encrenca em que estavam. Até o estoque de exemplos históricos de Bayaz parecia por fim ter se exaurido. Jezal carregava aquela responsabilidade sozinho e vinha achando esse um peso considerável. Imaginava que a situação era muito mais desagradável

para os que estavam feridos de verdade, ou sem teto, ou mortos, mas isso não servia de consolo.

– Quantos já morreram? – pegou-se perguntando, como uma criança cutucando casca de ferida. – Quantos perdemos?

– A luta ao longo da muralha de Casamir foi feroz. A luta através dos distritos ocupados tem sido mais feroz ainda. As baixas dos dois lados são grandes. Creio que tenham sido pelo menos mil mortos do nosso lado.

Jezal engoliu saliva azeda. Pensou nos defensores inadequados que tinha visto perto do portão oeste, numa praça que agora devia estar dominada pelas legiões gurkenses. Pessoas comuns, que tinham-no olhado com esperança e orgulho. Então tentou visualizar como seriam mil cadáveres. Imaginou uma centena, lado a lado, numa fileira. Depois dez fileiras assim, uma sobre a outra. Mil. Mordeu a unha do polegar, que já estava reduzida a um sabugo doloroso.

– E um número muito maior de feridos, claro – acrescentou Varuz, piorando de repente a situação. – Temos muito pouco espaço para eles, na verdade. Pelo menos dois distritos estão parcialmente ocupados pelos gurkenses e o inimigo está lançando projéteis incendiários quase no coração da cidade.

A língua de Jezal procurou a falha ainda dolorida nos dentes. Lembrou-se de sua dor, na planície interminável sob o céu implacável, as pontadas que sentia no rosto à medida que as rodas da carroça guinchavam e sacolejavam.

– Abra o Agriont para os feridos, para os desabrigados. Com o exército fora, há espaço de sobra. Alojamento para milhares de pessoas e provisões suficientes.

Bayaz estava balançando a cabeça careca.

– É um risco. Não temos como saber quem vamos deixar entrar. Agentes gurkenses. Espiões de Khalul. Nem todos são o que parecem.

Jezal trincou os dentes.

– Estou preparado para assumir o risco. Sou rei aqui ou não?

– É – resmungou Bayaz –, e é aconselhado a agir como tal. Não é hora para sentimentos. O inimigo está chegando perto da muralha de Arnault. Em alguns lugares pode estar a 3 quilômetros daqui.

– Três quilômetros? – murmurou Jezal, o olhar saltando nervoso para oeste, de novo.

A muralha de Arnault era uma fina linha cinza através das construções, como uma barreira terrivelmente frágil, vista dali de cima, e numa proximidade preocupante. Um medo súbito o apertou. Não era a preocupação cheia de culpa que sentia pelas pessoas teóricas lá embaixo na fumaça, e sim um medo real e muito pessoal pela própria vida. Como o que ele havia sentido no meio das pedras, quando os dois guerreiros avançaram sobre ele tentando matá-lo. Talvez

tivesse cometido um erro ao não sair da cidade quando tivera chance. Talvez não fosse tarde demais para…

– Eu ficarei de pé ou cairei ao lado do povo da União! – gritou, com tanta raiva de sua covardia quanto do mago. – Se as pessoas estão dispostas a morrer por mim, eu estou disposto a morrer por elas! – Em seguida virou as costas a Bayaz e olhou rapidamente para longe. – Abra o Agriont, marechal Varuz. Pode encher o palácio com feridos, também, se for preciso.

Varuz olhou de esguelha para Bayaz, nervoso, depois fez uma reverência rígida.

– Serão montados hospitais no Agriont, então, Majestade. Os alojamentos serão abertos para o povo. É melhor que mantenhamos o palácio lacrado, pelo menos até que as coisas piorem.

Jezal não suportava imaginar como seria o pior.

– Bom, bom. Faça isso.

Precisou enxugar uma lágrima embaixo do olho enquanto dava as costas para a cidade que queimava e dirigiu-se à longa escadaria. Era a fumaça, claro. Nada além da fumaça.

A rainha Terez estava sentada sozinha, emoldurada na janela do quarto enorme.

A condessa Shalere continuava entocada em algum lugar do palácio, mas parecia ter aprendido a manter seu desdém longe do caminho de Jezal. Terez havia mandado as outras damas de volta à Estíria antes que os gurkenses bloqueassem o porto. Jezal desejava ter devolvido a rainha junto com elas. Infelizmente não tinha essa opção.

Terez nem ao menos olhou na direção do marido quando ele fechou a porta. Jezal precisou conter um suspiro pesado durante o esforço de cruzar o quarto. Suas botas estavam enlameadas por causa da chuva fraca, a pele, oleosa da fuligem lá de fora.

– Você está trazendo sujeira nos pés – repreendeu-o Terez, sem olhar ao redor, a voz gélida como sempre.

– A guerra é uma coisa suja, meu amor.

O rei viu a lateral do rosto dela se retorcer de nojo ao som das últimas duas palavras. Não teve certeza se isso lhe deu vontade de rir dela ou chorar. Deixou-se cair pesadamente na poltrona do lado oposto à esposa sem tocar as botas, ciente de que isso iria enfurecê-la. Não havia nada que ele fizesse e não provocasse isso.

– Você precisa vir a mim desse modo? – perguntou ela com rispidez.

– Ah, mas eu não podia ficar longe! Você é minha esposa, afinal de contas.

– Não por escolha.

– Também não foi minha escolha, mas estou disposto a fazer o melhor possível! Acredite ou não, eu preferiria me casar com alguém que não me odiasse! – Jezal passou a mão pelo cabelo e conteve a raiva com alguma dificuldade. – Mas não vamos brigar, por favor. Já tenho lutas suficientes lá fora. Mais do que posso suportar! Será que não podemos ao menos… ser civilizados um com o outro?

Ela o encarou por um longo momento, com um franzido pensativo na testa.

– Como você consegue?

– Como consigo o quê?

– Continuar tentando?

Jezal arriscou um fragmento de sorriso.

– Eu esperava que você pudesse vir a admirar minha persistência, no mínimo.

Ela não sorriu, mas ele notou, talvez, um levíssimo abrandamento na rigidez da boca. Jezal não ousava supor que o gelo dela tivesse por fim começado a derreter, mas estava disposto a se apegar ao menor fiapo de esperança. Esperança era um artigo escasso nos últimos tempos. Inclinou-se na direção dela, encarando-a com seriedade.

– Você deixou claro que tem muito pouca consideração por mim, e acho que não a culpo. Eu também não me tenho em grande conta. Mas estou tentando… estou me esforçando muito… para ser um homem melhor.

O canto da boca de Terez se torceu para cima numa espécie triste de sorriso, mas mesmo assim era uma espécie de sorriso. Para grande surpresa de Jezal, ela estendeu a mão e a colocou com ternura em seu rosto. Sua respiração ficou presa na garganta, a pele formigando onde as pontas dos dedos dela repousaram.

– Por que você não consegue entender que eu o desprezo? – perguntou ela.

Jezel se sentiu congelar.

– Eu desprezo sua aparência, seu toque, o som da sua voz – prosseguiu ela. – Desprezo este lugar e o povo. Quanto antes os gurkenses o queimarem até os alicerces, mais feliz vou ficar.

Ela afastou a mão e voltou para a janela, com uma leve claridade baixando sobre seu perfil perfeito.

Jezal se levantou devagar.

– Acho que vou encontrar outro quarto para dormir esta noite. Este é frio demais.

– Até que enfim.

Pode ser uma maldição terrível um homem obter tudo com que sonhou. Se

seus prêmios brilhantes acabam se revelando badulaques sem valor, ele fica sem nem mesmo os sonhos como consolo. Todas as coisas que Jezal um dia acreditara desejar – poder, fama, os lindos adereços da grandeza – não passavam de poeira. Agora só queria que tudo fosse como antes, antes de tê-las. Só que não havia volta. Jamais.

Não tinha mais o que dizer. Virou-se rigidamente e seguiu para a porta.

Melhor que fique enterrada

QUANDO A LUTA acaba, você cava, se ainda estiver vivo. Cava sepulturas para os companheiros mortos. Um último sinal de respeito, por menor que fosse a consideração que você sentisse por eles. Você cava o mais fundo que acha necessário, joga-os dentro, cobre, eles apodrecem e são esquecidos. Sempre foi assim.

Haveria muito que cavar quando essa luta acabasse. Muito que cavar dos dois lados.

Doze dias agora, desde que o fogo tinha começado a cair. Desde que a ira de Deus começara a chover sobre aqueles rosados orgulhosos, transformando sua cidade arrogante numa devastação enegrecida. Doze dias desde o início da matança – junto às muralhas, nas ruas e pelas casas. Durante doze dias ao sol frio, sob a chuva fraca, na fumaça sufocante, e durante doze noites à luz das fogueiras tremeluzentes, Ferro estivera no meio daquilo.

Suas botas batiam nos ladrilhos lustrosos, deixando marcas pretas no corredor imaculado. Cinzas. Os dois distritos onde a luta era feroz agora estavam cobertos de uma fuligem que se misturara à chuva fina, formando uma pasta pegajosa, como cola preta. As construções que restavam de pé, os esqueletos queimados das que caíram, as pessoas que matavam e as pessoas que morriam, tudo estava coberto daquilo. Os guardas com ar superior e os serviçais encolhidos franziam a testa para ela e para as marcas que ela deixava, mas Ferro jamais dera a menor importância para as opiniões deles e não iria começar a dar agora. Em pouco tempo eles teriam mais cinzas do que poderiam limpar. O lugar inteiro viraria cinzas, se os gurkenses conseguissem o que queriam.

E tudo levava a crer que conseguiriam. Cada dia e cada noite, apesar dos esforços dos pobres defensores, apesar de todos os mortos que eles deixavam nas ruínas, as tropas do imperador penetravam mais na cidade.

Em direção ao Agriont.

Yulwei estava sentado encolhido numa cadeira no canto do aposento amplo, as pulseiras pendendo dos braços frouxos, quando ela entrou. A calma que sempre parecera cobri-lo como um velho cobertor fora arrancada. Ele parecia preocupado, exausto, os olhos fundos em órbitas escuras. Um homem que encarava a derrota. Era uma expressão que Ferro vinha se acostumando a ver nos últimos dias.

– Ferro Maljinn, de volta da frente de batalha. Eu sempre disse que você

mataria o mundo inteiro se pudesse, e agora tem sua chance. O que acha da guerra, Ferro?

– Boa o bastante.

Ela jogou o arco numa mesa polida, tirou a espada do cinto, a aljava do ombro. Só restavam algumas flechas. A maioria ela deixara cravada em soldados gurkenses, lá fora nas ruínas enegrecidas nos limites da cidade.

Mas Ferro não conseguia se obrigar a sorrir.

Matar gurkenses era como provar mel. Só um pouquinho deixava a pessoa ansiando por mais. Tomar muito podia causar enjoo. Os cadáveres sempre foram uma recompensa ruim para todo o esforço necessário para fazê-los. Mas agora não havia como parar.

– Está machucada?

Ferro apertou a bandagem imunda em volta do braço e viu o sangue encharcar o tecido cinza. Não doía.

– Não – respondeu.

– Não é tarde demais, Ferro. Você não precisa morrer aqui. Eu a trouxe. Ainda posso levá-la embora. Eu vou aonde quiser e levo quem eu quiser. Se você parar de matar agora, quem sabe? Talvez Deus ainda lhe encontre um lugar no céu.

Ferro estava ficando farta das pregações de Yulwei. Ela e Bayaz podiam não confiar nem um pouco um no outro, mas se entendiam. Yulwei não entendia nada.

– "Céu"? – zombou ela e lhe deu as costas. – Talvez o inferno seja melhor para mim, já pensou nisso?

Ela ergueu os ombros ao ouvir passos ecoarem no corredor do lado de fora. Sentiu a raiva de Bayaz antes mesmo que a porta se abrisse e o rosado careca entrasse intempestivamente.

– Aquele desgraçado de merda! Depois de tudo o que lhe dei, como ele me paga?

Quai e Sulfur passaram pela porta atrás dele como dois cães seguindo o dono.

– Ele me desafia diante do Conselho Fechado! Diz para eu cuidar do que é da minha conta! Eu! Como aquele asno pode saber o que é da minha conta ou não?

– Problemas com o rei Luthar, o Magnífico? – grunhiu Ferro.

O mago estreitou os olhos para ela.

– Há um ano não havia cabeça mais vazia em todo o Círculo do Mundo. Bastou enfiar uma coroa nela e uma multidão de velhos mentirosos lamber o saco daquele bosta durante algumas semanas para ele achar que é o próprio

Stolicus!

Ferro deu de ombros. Rei ou não, Luthar sempre tivera a si mesmo em alta conta.

– Você deveria ter mais cuidado quando for enfiar uma coroa em alguém.

– Esse é o problema das coroas: elas precisam ficar em alguém. Tudo o que a gente pode fazer é largá-las em cima de uma multidão e esperar o melhor. – Bayaz fez uma carranca para Yulwei. – E você, irmão? Esteve andando do lado de fora das muralhas?

– Estive.

– E o que viu?

– Morte. Muitas. Os soldados do imperador inundam os distritos ocidentais de Adua, os navios dele entopem a baía. Todo dia mais soldados vêm do sul, pela estrada, e apertam mais ainda o cerco à cidade.

– Isso eu posso descobrir pelos imbecis do Conselho Fechado. E Mamun e seus Cem Palavras?

– Mamum, três vezes abençoado e três vezes amaldiçoado? O maravilhoso primeiro aprendiz do grande Khalul, a mão direita de Deus? Está esperando. Ele e seus irmãos e irmãs têm uma grande tenda fora dos limites da cidade. Rezam pela vitória, ouvem música suave, banham-se em água perfumada, ficam nus e desfrutam dos prazeres da carne. Esperam que os soldados gurkenses derrubem as muralhas da cidade e comem. – Olhou para Bayaz. – Comem noite e dia, desafiando abertamente a Segunda Lei. Zombando sem medo da palavra solene de Euz. Preparando-se para o momento em que virão pegar você. O momento para o qual Khalul os fez. Acreditam que não vai demorar muito. Eles dão polimento nas armaduras.

– Dão, é? – sibilou Bayaz. – Danem-se, então.

– Eles já se danaram. Mas isso não nos ajuda.

– Então devemos visitar a Casa do Artífice.

A cabeça de Ferro saltou para cima. Havia algo naquela torre enorme, severa, que a fascinava desde que chegara a Adua. Seus olhos viviam sendo atraídos para aquela presença montanhosa que se erguia, intocável, muito acima da fumaça e da fúria.

– Por quê? – perguntou Yulwei. – Você planeja se trancar lá dentro? Como Kanedias fez, tantos anos atrás, quando viemos em busca de vingança? Vai se encolher no escuro, Bayaz? E desta vez você é que será derrubado, para se despedaçar sobre a ponte?

O Primeiro dos Magos bufou.

– Você me conhece. Quando eles vierem me pegar, vou enfrentá-los em terreno aberto. Mas ainda existem armas no escuro. Uma ou duas surpresas da

forja do Artífice, para nossos amigos amaldiçoados do lado de fora das muralhas.

Yulwei pareceu ainda mais preocupado.

– A Divisora?

– Um gume aqui – sussurrou Quai no canto –, um no Outro Lado.

Como sempre, Bayaz o ignorou.

– Ela pode cortar qualquer coisa, até um comedor.

– Vai cortar cem? – perguntou Yulwei.

– Se for apenas Mamun, serve para mim.

Yulwei se ergueu devagar da cadeira, com um suspiro.

– Muito bem, vá na frente. Vou entrar com você na Casa do Artífice uma última vez.

Ferro lambeu os lábios. A ideia de entrar lá era irresistível.

– Eu vou com vocês.

Bayaz a encarou.

– Não vai, não. Pode ficar aqui fazendo cara feia. Esse sempre foi seu talento especial, não foi? Eu odiaria lhe negar a oportunidade de usá-lo. Você vem conosco – disse rispidamente a Quai. – Você tem sua tarefa, não é, Yoru?

– Tenho, mestre Bayaz.

– Que bom.

O Primeiro dos Magos saiu da sala com Yulwei ao lado e o aprendiz atrás. Sulfur não se mexeu. Ferro franziu a testa para ele e ele riu em resposta, a cabeça encostada na parede forrada de lambri, o queixo apontado para o teto cheio de relevos.

– Esses Cem Palavras não são seus inimigos também? – perguntou Ferro.

– São meus inimigos mais profundos e mais ferrenhos.

– Por que não luta, então?

– Ah, existem outros modos de lutar, sem me engalfinhar na sujeira lá fora.

Havia naqueles olhos – um escuro, outro claro – alguma coisa da qual Ferro não gostava. Havia algo faminto e implacável por trás dos sorrisos dele.

– Apesar de que eu adoraria ficar para bater um papo, devo dar outro empurrão nas engrenagens – falou ele e girou um dedo no ar. – As engrenagens precisam ficar em movimento, não é, Maljinn?

– Vá, então – disse ela, ríspida. – Não vou impedir.

– Você não poderia, nem se quisesse. Eu lhe desejaria um bom dia. Mas aposto que você nunca teve um.

E ele saiu como se passeasse e deixou a porta se fechar atrás de si.

Ferro já cruzara a sala e puxava a tranca da janela. Tinha obedecido Bayaz uma vez e isso não lhe dera nada além de um ano desperdiçado. Agora faria as

próprias escolhas. Puxou as cortinas e saiu para a sacada. Folhas enroladas voavam ao vento, saltando pelos gramados lá embaixo junto com a chuva fraca. Um olhar rápido para os dois lados do caminho úmido só mostrou um guarda, e ele olhava na direção oposta, encolhido em sua capa.

Às vezes é melhor aproveitar o momento.

Ferro passou as pernas sobre o parapeito, preparou-se e saltou. Agarrou um galho de árvore escorregadio, balançou-se até o tronco, deslizou para a terra úmida e se esgueirou atrás de uma cerca viva bem aparada.

Ouviu passos, depois vozes. Bayaz e Yulwei, falando baixo ao vento que sibilava. Maldição, aqueles magos velhos idiotas adoravam matraquear!

– Sulfur? – disse a voz de Yulwei. – Ele ainda está com você?

– Por que não estaria?

– Os estudos dele vão em… direções perigosas. Eu lhe disse isso, irmão.

– E? Khalul não é tão exigente com seus serviçais…

Saíram do alcance da audição de Ferro e ela precisou correr abaixada por trás da cerca viva para acompanhá-los.

–… não gosto dessa prática – dizia Yulwei – de assumir formas, de mudar a pele. É uma disciplina maldita. Você sabe o que Juvens achava disso…

– Não tenho tempo para me preocupar com os sentimentos de um homem que está há séculos na sepultura. Não existe Terceira Lei, Yulwei.

– Talvez devesse existir. Roubar o rosto de outra pessoa… os truques de Glustrod e suas criaturas com sangue de demônio. Artes tomadas emprestadas do Outro Lado…

– Precisamos usar as armas que pudermos encontrar. Não gosto de Mamun, mas ele está certo. Eles são chamados de Cem Palavras porque são uma centena. Nós somos dois, e o tempo não tem sido gentil conosco.

– Então por que eles esperam?

– Você conhece Khalul, irmão. Sempre cuidadoso, atento, deliberado. Não vai arriscar os filhos até que seja preciso…

Através dos espaços entre os galhos nus Ferro observou os três homens passarem pelos guardas e saírem pelo portão na alta muralha do palácio. Deu-lhes alguns instantes, depois os seguiu de costas eretas, como se estivesse a caminho de fazer algo importante. Sentiu os olhares severos dos homens com armaduras que flanqueavam o portão, mas a essa altura eles estavam acostumados com suas idas e vindas. Pela primeira vez ficaram em silêncio.

Entre os grandes prédios, ao redor das estátuas, através dos jardins monótonos, ela seguiu os dois magos e seu aprendiz pelo Agriont. Mantinha distância, demorando-se junto a portas, embaixo de árvores, andando atrás das poucas pessoas que seguiam às pressas nas ruas varridas pelo vento. Às vezes,

acima dos prédios numa praça ou no fim de um beco, o topo da grande extensão da Casa do Artífice se erguia. Cinza nevoento através da garoa, no início, mas ficando mais negra, vasta e nítida a cada passo.

Os três homens se encaminharam para uma construção precária com pequenas torres meio desmoronadas que surgiam do teto instável. Ferro se ajoelhou e, de uma esquina, observou Bayaz bater à porta frágil com a ponta do cajado.

– Fico feliz que você não tenha encontrado a Semente, irmão – disse Yulwei enquanto esperavam. – É melhor que fique enterrada.

– Imagino se você ainda pensará isso quando os Cem Palavras inundarem as ruas do Agriont, uivando pelo seu sangue.

– Deus vai me perdoar, imagino. Existem coisas piores do que os comedores de Khalul.

As unhas de Ferro se cravaram nas palmas das mãos. Havia uma pessoa parada junto a uma das janelas sujas, espiando Yulwei e Bayaz. Era magra e comprida, com máscara preta e cabelo curto. A mulher que havia perseguido Nove Dedos e ela, fazia muito tempo. Por instinto, Ferro levou a mão à espada, depois percebeu que a deixara no palácio e xingou a si mesma pela idiotice. Nove Dedos estava certo. Facas nunca são demais.

A porta se abriu, frágil, algumas palavras foram murmuradas, os dois velhos passaram, Quai foi atrás de cabeça baixa. A mulher mascarada esperou um pouco mais, depois se afastou da janela para a escuridão. Ferro pulou uma cerca viva enquanto a porta se fechava, deslizou o pé pela abertura restante e passou de lado, entrando também nas sombras. A porta se fechou com um ranger das dobradiças.

Ferro seguiu por um corredor comprido, com pinturas empoeiradas numa parede, janelas empoeiradas na outra. O tempo todo sua nuca formigava, à espera que máscaras negras surgissem aos montes das sombras. Mas nada veio, a não ser os passos que ecoavam adiante, a arenga insensata das vozes dos velhos.

– Este lugar mudou – dizia Yulwei. – Desde aquele dia em que lutamos contra Kanedias. O dia em que o Tempo Antigo acabou. Chovia.

– Eu me lembro.

– Fiquei deitado na ponte, ferido, sob a chuva. Vi quando eles caíram, o Artífice e a filha. Despencaram lá do alto. É difícil acreditar que eu sorri ao ver aquilo. A vingança é um sentimento fugaz. As dúvidas, nós carregamos até o túmulo.

Ferro riu de desprezo disso. Poderia muito bem viver com as dúvidas se conseguisse sua vingança.

– O tempo trouxe arrependimentos para nós dois – murmurou Bayaz.

– Mais arrependimentos a cada ano que passa. Mas é uma coisa estranha. Eu poderia jurar, ali deitado, que foi Kanedias que caiu primeiro e Tolomei depois.

– A memória pode falhar, ainda mais para quem viveu tanto como nós. O Artífice jogou a filha, depois eu o joguei. E assim terminou o Tempo Antigo.

– Foi mesmo – murmurou Yulwei. – Tanta coisa perdida. E agora chegamos a isso…

A cabeça de Quai girou rapidamente e Ferro se grudou na parede, atrás de um armário. Ele ficou parado por um longo instante, franzindo a testa em sua direção. Depois foi atrás dos outros. Ferro esperou prendendo o fôlego, até que os três viraram uma esquina e sumiram.

Ela os alcançou num pátio meio desmoronado, atulhado de mato morto e ardósias quebradas, caídas dos telhados. Um homem com uma camisa cheia de manchas os levou por uma escada comprida, em direção a um arco escuro no alto da alta muralha do Agriont. Um molho de chaves tilintava em suas mãos nodosas e ele comentou algo sobre ovos. Depois que o grupo entrou no túnel, Ferro atravessou o espaço aberto, seguiu pela escada e parou perto do topo.

– Vamos voltar logo. – Ela ouviu Bayaz avisar. – Deixe a porta aberta.

– Ela é mantida fechada – respondeu uma voz. – É a regra. Foi assim por toda a minha vida e não pretendo…

– Então espere aqui até voltarmos! Mas não vá a lugar nenhum! Tenho muitas coisas melhores a fazer do que ficar esperando do lado errado da sua porta trancada!

Chaves giraram. Dobradiças antigas guincharam. Os dedos de Ferro deslizaram em volta de uma pedra solta e a apertaram com força.

O homem de camisa suja estava fechando a porta quando ela se esgueirou até o topo da escada. Ele murmurava algo com raiva enquanto remexia as chaves, o metal tilintando. Houve um som oco quando a pedra o acertou na careca. Ele ofegou e tombou para a frente. Ferro segurou seu corpo flácido por baixo dos braços e o apoiou com cuidado no piso, depois colocou a pedra no chão e pegou suas chaves com um dedo em gancho.

Ao erguer a mão para empurrar a porta, Ferro foi varrida por uma sensação estranha. Como uma brisa fria num dia quente, surpreendente a princípio, depois deliciosa. Um tremor, não de todo desagradável, subiu por sua coluna e a fez prender o fôlego. Ela apertou a madeira antiga e os veios roçaram sua palma de forma quente e acolhedora. Abriu a porta só o suficiente para espiar.

Uma ponte estreita saltava da muralha do Agriont, com não mais de um passo de largura, sem corrimão nem parapeito. Na outra extremidade ela se encontrava com a Casa do Artífice – um penhasco altíssimo de rocha negra nua

que brilhava na chuva. Bayaz, Yulwei e Quai estavam diante da porta na outra ponta daquela tira de pedra. Uma porta de metal escuro, marcada no centro com círculos claros. Círculos de letras que Ferro não entendia. Observou Bayaz tirar algo da gola da camisa. Viu os círculos começarem a se mover, girar, rodar, e seu coração martelou nos ouvidos. As folhas da porta se separaram sem um ruído. Devagar, quase com relutância, os três homens adentraram aquele quadrado de negrume e sumiram.

A Casa do Artífice ficou aberta.

A água cinza batia na pedra dura lá embaixo quando Ferro atravessou a ponte. A chuva beijava e o vento mordiscava sua pele. A distância, manchas de fumaça subiam da cidade incendiada para o céu lamacento, mas seu olhar permanecia fixo no portal escancarado. Ela se demorou um instante na soleira, os punhos cerrados com força.

Então entrou na escuridão.

Não estava frio nem quente do outro lado da porta. O ar era tão estável, parado e silencioso que parecia pesar muito nos ombros de Ferro, fazer pressão em seus ouvidos. Deu alguns passos abafados e a luz sumiu por completo. Ali, vento, chuva e céu aberto eram sonhos vagos. Ela se sentiu como se caminhasse 100 quilômetros sob uma terra morta. O próprio tempo parecia ter parado.

Ferro se esgueirou até uma larga passagem em arco e espiou. O salão do outro lado lembrava um templo, mas seria capaz de engolir inteiro até mesmo o grande templo de Shaffa, onde, de hora em hora, milhares clamavam por Deus. Faria parecer pequena a alta cúpula sob a qual Jezal dan Luthar recebera sua coroa. Era um espaço que fazia até mesmo a vastidão da arruinada Aulcus parecer insignificante. Um lugar apinhado de sombras solenes, povoado de ecos carrancudos, limitado por pedra furiosa, implacável. A tumba de gigantes mortos havia muito tempo.

Sepultura de deuses esquecidos.

Yulwei e Bayaz estavam no centro. Figuras minúsculas, insetos num oceano de escuridão brilhante. Ferro se encostou na rocha fria, lutando para captar as palavras deles no mar de ecos.

– Vá à armaria e pegue algumas das espadas do Artífice. Eu vou subir e trazer… aquela outra coisa.

Bayaz se virou, mas Yulwei o segurou pelo braço.

– Primeiro responda a uma pergunta, irmão.

– Que pergunta?

– A mesma que eu sempre faço.

– De novo? Até agora? Muito bem, se for preciso. Faça.

Os dois velhos ficaram imóveis por um tempo enorme. Até que os últimos

ecos por fim se esvaíram e só restou um silêncio pesado como chumbo. Ferro prendeu o fôlego.

– Você matou Juvens? – O sussurro de Yulwei sibilou no escuro. – Você matou nosso mestre?

Bayaz não hesitou:

– Eu cometi erros, há muito tempo. Muitos erros, eu sei. Alguns no ocidente arruinado. Alguns aqui, neste lugar. Não se passa um dia sem que eu não me arrependa deles. Lutei com Khalul. Ignorei a sabedoria do meu mestre. Invadi a Casa do Artífice. Apaixonei-me pela filha dele. Fui orgulhoso, vaidoso e rude, tudo isso é verdade. Mas não matei Juvens.

– O que aconteceu naquele dia?

O Primeiro dos Magos disse as palavras como se fossem falas ensaiadas havia muito tempo:

– Kanedias veio me pegar. Por ter seduzido sua filha. Por roubar seus segredos. Juvens não quis me entregar. Eles lutaram, eu fugi. A fúria da batalha deles iluminou os céus. Quando retornei, o Artífice tinha ido embora e nosso mestre estava morto. Eu não matei Juvens.

De novo houve um longo silêncio e Ferro ficou observando, imóvel.

– Muito bem. – Yulwei deixou a mão baixar, soltando o braço de Bayaz. – Então Mamun mentiu. Khalul mentiu. Vamos lutar juntos contra eles.

– Que bom, velho amigo, que bom. Eu sabia que podia confiar em você, assim como você pode confiar em mim.

Ferro repuxou o lábio. Confiança. Era uma palavra que só os mentirosos usavam. Uma palavra da qual os sinceros não precisavam. Os passos do Primeiro dos Magos ressoaram à medida que ele seguia na direção de um dos muitos arcos e desaparecia na escuridão.

Yulwei ficou olhando-o afastar-se. Depois soltou um suspiro forte e foi na outra direção, com as pulseiras chacoalhando nos braços magros. Os ecos de sua passagem sumiram lentamente e Ferro ficou sozinha com as sombras, envolta em silêncio.

Devagar, com cuidado, se esgueirou naquele vazio imenso. O chão brilhava – linhas sinuosas de metal lustroso incrustado na rocha negra. O teto, se existia, estava amortalhado em escuridão. Uma sacada alta acompanhava as paredes a uns bons vinte passos de altura, outra muito acima desta, e depois outra, e outra, vaga à meia-luz. Acima de tudo pairava um instrumento lindo. Círculos de metal escuro, grandes e pequenos, discos brilhantes e aros reluzentes, marcados com escritos estranhos. Tudo em movimento. Tudo se revolvendo, um anel ao redor do outro, e no centro uma bola preta, o único ponto de imobilidade perfeita.

Ferro girou e girou, ou talvez tenha ficado imóvel e a sala girado ao redor.

Sentia-se tonta, bêbada, sufocada. A rocha nua se erguia no negrume, pedras ásperas sem massa para uni-las, não havia nada igual. Ferro tentou imaginar de quantas pedras a torre seria feita.

Milhares. Milhões.

O que Bayaz dissera na ilha na borda do Mundo? Onde o sábio esconde uma pedra? No meio de mil. No meio de um milhão. Os círculos no alto se moviam lentamente. Puxavam-na, e a bola preta no centro a atraía mais do que tudo. Como uma mão chamando. Como uma voz dizendo seu nome.

Enfiou os dedos nos espaços secos entre as pedras e começou a escalar, uma das mãos depois da outra, subindo e subindo. Era fácil. Como se a parede fosse feita para ser escalada. Logo passou as pernas sobre o corrimão metálico da primeira sacada. Continuou, sem parar para respirar, subindo cada vez mais. Chegou à segunda sacada pegajosa de suor no ar morto. Alcançou a terceira, a respiração rascante. Segurou o corrimão da quarta sacada e se içou. Parou e olhou para baixo.

Lá, no fundo de um abismo negro, todo o Círculo do Mundo estava representado no piso redondo do salão. Um mapa, os litorais desenhados em metal brilhante. E, no mesmo nível de Ferro, preenchendo quase todo o espaço dentro da galeria que se curvava suavemente, suspenso em fios que não eram mais grossos do que linhas, o grande mecanismo girava devagar.

Ela franziu a testa para a bola preta no centro, as palmas das mãos formigando. Aquilo parecia pairar ali, sem apoio. Ela deveria ter se perguntado como era possível, mas só conseguia pensar em quanto desejava tocá-la. Precisava. Não tinha escolha. Um dos círculos de metal se aproximou, com um brilho fosco.

Às vezes é melhor aproveitar o momento.

Ficou agachada sobre o corrimão por um instante, preparando-se. Não pensou. Pensar seria loucura. Pulou no espaço vazio batendo braços e pernas. A máquina inteira bamboleou e oscilou quando ela agarrou o círculo mais externo. Ferro se balançou, pendurada, sem respirar. Lenta e delicadamente, com a língua comprimindo o céu da boca, fez força com os braços, enganchou as pernas no metal e se acomodou nele. Logo o círculo a levou para perto de um disco largo, cheio de ranhuras, e ela passou de um para o outro, o corpo tremendo com o esforço. O metal frio se deformou sob seu peso, torcendo-se e flexionando-se, bamboleando com cada movimento seu, ameaçando jogá-la no vazio.

Ferro podia não ter sentido medo na vida. Mas mergulhos de cem passos na rocha mais dura que existia ainda exigiam seu mais profundo respeito.

Foi deslizando de um anel ao outro, quase não ousando respirar. Dizia a si mesma que não havia queda. Só estava subindo em árvores, passando entre os

galhos, como fazia quando era criança, antes da chegada dos gurkenses. Por fim segurou o aro mais interno. Agarrou-se a ele com uma força furiosa, esperando até que o movimento do anel a levasse para perto do centro. Ficou pendurada, as pernas cruzadas em volta do metal frágil, uma das mãos segurando-o, a outra se estendendo para aquela bola preta reluzente.

Podia ver seu rosto rígido refletido na superfície perfeita, a mão em garra, inchada e distorcida. Fez força para a frente com cada nervo, os dentes trincados. Mais perto e mais perto ainda. Tudo o que importava era tocá-la. A ponta do dedo médio roçou nela e, como uma bolha estourando, a bola desapareceu na névoa vazia.

Algo se soltou, caindo lentamente, como se afundasse em água. Ferro viu que aquilo se afastava, um ponto mais escuro na escuridão de breu, descendo e descendo. A coisa bateu no chão com um estrondo que pareceu abalar os próprios alicerces da Casa do Artífice e encheu o salão com ecos retumbantes. O círculo ao qual Ferro se segurava tremeu e, por um instante de atordoamento, ela quase caiu. Quando conseguiu se agarrar de novo, percebeu que ele havia parado de se mexer.

O instrumento inteiro estava imóvel.

Ela pareceu levar uma eternidade para voltar pelos anéis parados até a galeria mais alta e descer pela parede altíssima. Quando por fim chegou ao chão da câmara gigantesca, suas roupas estavam rasgadas, as mãos, os cotovelos e os joelhos ralados e sangrando, mas ela nem notou. Correu pelo piso amplo, os passos ressoando. Dirigia-se para o centro do salão, onde a coisa que caíra permanecia.

Não parecia nada mais do que um pedaço irregular de pedra escura do tamanho de um punho grande. Mas aquilo não era pedra, e Ferro sabia. Sentiu algo emanar da coisa, vazar, derramar-se em ondas empolgantes. Algo que não podia ser visto nem tocado, no entanto enchia todo o espaço até os recantos mais escuros. Invisível e ao mesmo tempo irresistível, fluía ao redor dela num formigamento que a arrastava para a frente.

O coração de Ferro batia forte nas costelas à medida que ela se aproximava. Sua boca se inundou de saliva faminta quando ela se ajoelhou ao lado daquilo. A respiração se prendeu na garganta no instante que estendeu a mão, a palma coçando. Seus dedos se fecharam ao redor da superfície encalombada e furada. A coisa era muito pesada e muito fria, como um pedaço de chumbo congelado. Levantou-a devagar, virando-a na mão, olhando-a cintilar no escuro, fascinada.

– A Semente.

Bayaz estava numa das passagens em arco, o rosto com um tremor que era uma mistura aterradora de horror e deleite.

– Saia, Ferro, agora! Leve-a ao palácio. – Ele se encolheu e levantou um braço como se protegesse os olhos de uma claridade ofuscante. – A caixa está nos meus aposentos. Coloque-a dentro e lacre bem, entendeu? Lacre bem!

Ferro se virou com uma careta de desprezo, sem saber agora que arco levava para fora da Casa do Artífice.

– Espere! – berrou Quai, que vinha na direção dela com os olhos brilhantes fixos em sua mão. – Fique!

Ele não demonstrava qualquer traço de medo ao se aproximar. Só uma espécie de fome medonha, estranha a ponto de Ferro dar um passo para longe dele.

– Ela estava aqui. Aqui, o tempo todo. – Seu rosto estava pálido, cheio de sombras, o queixo caído. – A Semente – disse ele, com a mão branca já se esgueirando pela escuridão na direção dela. – Finalmente. Dê-me…

Ele foi dobrado como papel, erguido do piso e jogado do outro lado do salão enorme no tempo que Ferro demorou para respirar, perplexa. Bateu na parede logo abaixo da sacada inferior, com um estalo que provocou ecos. Ela viu, boquiaberta, o corpo despedaçado cair no chão, os membros quebrados e frouxos.

Bayaz deu um passo adiante, apertando o cajado com força. O ar em volta de seus ombros ainda cintilava ligeiramente. Ferro havia matado muitos homens, claro, e não derramara lágrimas. Mas a velocidade daquilo deixara até mesmo ela pasma.

– O que você fez? – sibilou, com os ecos do impacto fatal de Quai contra a parede distante ainda ricocheteando ao redor.

– O que precisei fazer. Vá ao palácio. Agora.

Bayaz apontou para um dos arcos com um dedo pesado e Ferro viu um levíssimo brilho de luz dentro dele.

– Ponha essa coisa na caixa! Você não pode imaginar como é perigosa!

Poucas pessoas gostavam menos de receber ordens, mas Ferro não queria ficar naquele lugar. Enfiou o pedaço de pedra dentro da blusa. Era bom senti-lo ali, comprimido contra sua barriga. Fresco e reconfortante, apesar de Bayaz considerá-lo perigoso. Deu um passo e, quando sua bota bateu no chão, um risinho áspero veio do lado mais distante da enorme sala.

De onde o corpo arruinado de Quai havia caído.

Bayaz não pareceu surpreso.

– Então! – gritou ele. – Finalmente você se mostra! Há algum tempo eu suspeitava que você não era quem parecia ser! Onde está meu aprendiz e quando você tomou o lugar dele?

– Há meses – respondeu Quai, que ainda ria enquanto se levantava devagar

do chão polido. – Antes de você partir naquela viagem idiota ao Antigo Império.

Não havia sangue em seu rosto sorridente. Nem ao menos um arranhão.

– Eu me sentei ao lado de vocês, junto à fogueira. Observei-o impotente naquela carroça. Estive com vocês o tempo todo, até a borda do Mundo e de volta. Seu aprendiz ficou aqui. Deixei o cadáver meio comido dele nos arbustos, para as moscas, a menos de vinte passos de onde você e o nórdico dormiam a sono solto.

– Hã – fez Bayaz e jogou o cajado de uma das mãos para a outra. – Achei que havia uma melhora nítida nas suas habilidades. Você deveria ter me matado naquela ocasião, quando teve chance.

– Ah, agora há tempo.

Ferro estremeceu ao ver Quai se levantar. O salão parecia ter ficado frio de repente.

– Cem palavras? Talvez. Uma palavra? – O lábio de Bayaz se repuxou. – Acho que não. Qual das criaturas de Khalul é você? O Vento Leste? Um daqueles gêmeos desgraçados?

– Não sou uma das criaturas de Khalul.

Um levíssimo tremor de dúvida passou pelo rosto de Bayaz.

– Quem é, então?

– Nós nos conhecemos muito bem, em um tempo muito distante.

O Primeiro dos Magos franziu a testa.

– Quem é você? Fale!

– Assumir formas – disse uma voz agora de mulher, suave e baixa.

Algo estava acontecendo ao rosto de Quai à medida que ele andava lentamente. Sua pele pálida se afrouxava, se retorcia.

– Este é um truque pavoroso e traiçoeiro.

Seu nariz, seus olhos, seus lábios começaram a derreter, escorrendo do crânio como cera numa vela.

– Não se lembra de mim, Bayaz?

Outro rosto surgiu por baixo, um rosto severo, branco como mármore.

– Você disse que me amaria para sempre.

O ar estava gelado. A respiração de Ferro virava fumaça diante da boca.

– Você prometeu que nunca iríamos nos separar. Quando abri o portão do meu pai para você…

– Não! – gritou Bayaz e recuou um passo, hesitando.

– Você parece surpreso. Não tanto quanto eu fiquei quando, em vez de me pegar nos braços, você me jogou do telhado, não é, meu amor? E por quê? Para que você pudesse guardar seus segredos? Para parecer nobre?

O cabelo comprido de Quai havia ficado branco feito giz. Agora flutuava ao

redor do rosto terrivelmente pálido de uma mulher, com olhos que eram dois pontos brilhantes e pretos. Tolomei. A filha do Artífice. Um fantasma vindo do passado desvanecido. Um fantasma que havia caminhado ao lado deles durante meses, usando uma forma roubada. Ferro quase podia sentir seu hálito gelado, frio como a morte. Seus olhos se viraram daquele rosto pálido para a passagem em arco, longe, do outro lado do piso. Estava dividida entre a vontade de fugir e a de saber mais.

– Eu vi você na sepultura! – sussurrou Bayaz. – Eu mesmo coloquei a terra em cima!

– Foi mesmo, e chorou quando fez isso, como se não fosse você que havia me jogado – falou Tolomei, e seus olhos negros se viraram para Ferro, para onde a Semente comichava em sua barriga. – Mas eu havia tocado o Outro Lado. Tinha-o segurado com estas duas mãos enquanto meu pai trabalhava, e isso me alterou. Fiquei lá, no abraço da terra fria. Entre a vida e a morte. Até que escutei as vozes. As vozes que Glustrod ouviu, há muito tempo. Eles me ofereceram uma troca. Minha liberdade pela deles.

– Você violou a Primeira Lei!

– As leis não significam nada para quem está enterrado! Quando por fim saí da terra depois de cavar com as próprias mãos o caminho de volta, minha parte humana não existia mais. Mas a outra parte, a que pertence ao mundo de baixo… essa não morre. Está diante de você. Agora vou terminar a obra que Glustrod iniciou. Vou escancarar as portas que meu avô lacrou. Este mundo e o Outro Lado serão um só. Como eram antes do Tempo Antigo. Como sempre deveriam ter sido.

Ela estendeu a mão aberta e um frio penetrante fluiu, provocando arrepios que iam das costas de Ferro até as pontas dos dedos.

– Entregue-me a Semente, criança. Eu fiz uma promessa aos contadores de segredos e cumpro as promessas que faço.

– Veremos! – rosnou o Primeiro dos Magos.

Ferro sentiu o repuxar na barriga, viu o ar em volta de Bayaz começar a ficar turvo. Tolomei estava a dez passos dele. No instante seguinte ela o acertou com um som que parecia um trovão. O cajado dele se despedaçou, a madeira lascada voou. Ele soltou um som pasmo enquanto era jogado pela escuridão, rolando na pedra fria até ficar de rosto para baixo, embolado. Ferro ficou apenas observando à medida que uma onda de ar gelado a envolvia. Sentiu um medo terrível e nauseante, pior ainda por ser algo que ela desconhecia. Estava imobilizada.

– Os anos o tornaram fraco.

Agora a filha do Artífice se movia lenta e silenciosamente, em direção ao

corpo sem sentidos de Bayaz. O cabelo branco balançava atrás dela como as ondas num poço congelado.

– Sua Arte não pode me fazer mal – falou Tolomei ao parar junto dele, seus lábios brancos e secos abrindo-se num sorriso gelado. – Apesar de tudo o que você tirou de mim. Do meu pai.

Ela levantou o pé acima da cabeça careca de Bayaz.

– Por mim mesma…

Tolomei foi tomada por chamas intensas. Uma luz lancinante atingiu até os cantos mais longínquos da câmara gigantesca, uma claridade que golpeou até as rachaduras entre as pedras. Ferro cambaleou para trás, com uma das mãos diante dos olhos. Por entre os dedos viu Tolomei girar pelo chão, sacudindo-se e balançando, chamas brancas envolvendo seu corpo, o cabelo uma língua de fogo enovelada.

Ela tombou no chão e a escuridão se fechou de novo, a fumaça brotando numa nuvem fétida. Yulwei saiu de um dos arcos, a pele escura brilhando de suor. Segurava um feixe de espadas embaixo do braço magricelo. Espadas de metal opaco, parecidas com a que Nove Dedos havia carregado, cada qual marcada com uma única letra em prata.

– Você está bem, Ferro?

– Eu…

O fogo não lhe trouxera nenhum calor. Ferro batia o queixo; o salão havia ficado frio demais.

– Eu…

– Vá – falou Yulwei e franziu os olhos para o corpo de Tolomei enquanto as últimas chamas morriam.

Quando por fim Ferro encontrou forças para se mexer, começou a recuar. Sentiu um aperto doloroso nas entranhas ao ver a filha do Artífice se reerguer, as cinzas das roupas de Quai deslizarem de seu corpo. Ficou de pé, alta e mortalmente esguia, nua e tão careca quanto Bayaz, o cabelo queimado até virar poeira cinza. Não havia sequer uma marca em sua pele cadavérica, que cintilava num branco impecável.

– Sempre há algo mais – falou ela, encarando Yulwei com fúria nos olhos pretos sem vida. – Nenhum fogo pode me queimar, feiticeiro. Você não pode me impedir.

– Mas devo tentar.

O mago jogou suas espadas no ar. Elas se viraram, giraram, os gumes brilhando, e separaram-se na escuridão, deslizando para o lado de maneira impossível. Começaram a voar ao redor de Yulwei e Ferro, num círculo que formava redemoinhos, cada vez mais rápidos até comporem um borrão de metal

mortífero. Suficientemente perto para que, se Ferro estendesse a mão, tivesse o pulso decepado.

– Fique parada – falou Yulwei.

Nem era preciso dizer. Ferro sentiu um jorro de raiva, quente e familiar.

– Primeiro eu devo fugir, depois ficar parada? Primeiro a Semente está na borda do Mundo, agora está aqui, no centro? Primeiro a mulher está morta, agora roubou o rosto de outra pessoa? Vocês, seus velhos desgraçados, precisam combinar suas histórias.

– Eles são mentirosos! – rosnou Tolomei, e Ferro sentiu o frio da respiração gelada passar sobre seu rosto e congelá-la até os ossos. – Só querem usá-la! Você não pode confiar neles!

– Mas posso confiar em você? – Ferro bufou com desprezo. – Vá se foder!

Tolomei assentiu devagar.

– Então morra junto com o resto.

Ela deu um passo para o lado, se equilibrou nas pontas dos dedos dos pés e círculos de gelo branco se espalharam a partir de onde seus pés descalços tocavam o chão.

– Não pode ficar fazendo malabarismos com suas facas para sempre, velho.

Por cima do ombro branco de Tolomei, Ferro viu Bayaz se levantar lentamente, segurando um dos braços, o rosto rígido arranhado e sangrando. Algo pendia de seu punho frouxo: uma longa massa de tubos metálicos com um gancho na extremidade, o metal opaco reluzindo na escuridão. Os olhos dele se viraram para o teto distante, as veias dilatando-se no pescoço por causa do esforço, e o ar começou a girar ao redor. Ferro sentiu aquele puxão nas entranhas e seus olhos foram atraídos para cima. Para a grande máquina acima de suas cabeças. Ela começou a tremer.

– Merda – murmurou ela, já recuando.

Se Tolomei notou, não deu sinal. Ela dobrou os joelhos e saltou bem alto, uma risca branca por cima das espadas que giravam. Pairou no alto por um instante, depois mergulhou na direção de Yulwei. Bateu no chão, de joelhos, e o impacto fez o piso estremecer. Uma lasca de pedra raspou na bochecha de Ferro e ela deu um passo para trás ao sentir um jato de vento gelado no rosto.

A filha do Artífice franziu a testa olhando para cima.

– Você não morre fácil, velho – rosnou enquanto os ecos sumiam.

Ferro não sabia como Yulwei a havia evitado, mas agora ele dançava para longe, as mãos movendo-se em círculos vagarosos, as pulseiras tilintando, as espadas ainda girando no ar atrás dele.

– Passei a vida toda trabalhando nisso. Você também não morre fácil.

A filha do Artífice se levantou e o encarou.

– Eu não morro.

Lá no alto o instrumento enorme se sacudiu, os cabos estalaram, arrebentaram, chicotearam no escuro. Com uma lentidão quase onírica, ele começou a cair. O metal brilhante se retorceu, flexionou, guinchou ao despencar. Ferro se virou e correu. Deu cinco passos, arfante, e se jogou no chão, deslizando de cara contra a rocha polida. Sentiu a Semente contra a barriga e o vento das espadas que giravam soprar perto das costas quando ela passou por baixo.

A grande máquina bateu no chão atrás dela com um barulho que parecia a música do inferno. Cada círculo era como um enorme prato de orquestra, um gongo gigantesco. Cada um tocava sua nota louca, um grito, um tinido, um estrondo de metal torturado, alto a ponto de fazer os ossos de Ferro zumbirem. Ela levantou os olhos e viu um aro enorme passar em revolução e bater com a borda, arrancando fagulhas brilhantes do chão. Outro voou pelo ar, girando louco feito uma moeda jogada. Ferro ofegou ao rolar para sair do caminho e se arrastou para trás enquanto o disco batia no chão ao seu lado.

Onde Yulwei e Tolomei se enfrentaram havia uma montanha de metal retorcido, de círculos partidos e discos inclinados, hastes dobradas e cabos emaranhados. Ferro lutou para ficar de pé, tonta, com uma fúria de ecos dissonantes rasgando o salão. Lascas caíam ao redor, quicando no chão polido. Fragmentos estavam espalhados por todo o piso, brilhando nas sombras como estrelas no céu noturno.

Não fazia ideia de quem estava morto e quem estava vivo.

– Saia! – rosnou Bayaz com os dentes trincados, e o rosto dele era uma máscara retorcida de dor. – Saia! Vá!

– Yulwei – murmurou ela. – Ele…

– Eu vou voltar para pegá-lo! – Bayaz sacudiu o braço bom. – Vá!

Há momentos de lutar e momentos de fugir, e Ferro conhecia bem a diferença. Os gurkenses haviam lhe ensinado isso, nas profundezas das Terras Ruins. A passagem em arco se sacudia e oscilava e Ferro corria para lá. Sua respiração rugia nos ouvidos. Saltou por cima de um círculo de metal brilhante; suas botas bateram na pedra lisa. Estava quase no arco. Sentiu um frio cortante na lateral do corpo, um terror que veio num jorro enjoativo. Lançou-se adiante.

A mão branca de Tolomei errou Ferro por um fio, arrancou um grande naco de pedra da parede e encheu o ar de poeira.

– Você não vai a lugar nenhum!

Era hora de fugir, talvez, mas a paciência de Ferro estava esgotada. Enquanto saltava, seu punho já girava, com toda a fúria dos meses desperdiçados, dos anos desperdiçados, da vida desperdiçada. Os nós de seus

dedos acertaram o queixo de Tolomei com um estalo agudo. Foi como socar um bloco de gelo. Não houve dor quando sua mão se quebrou, mas ela sentiu o pulso dobrar, o braço ficar entorpecido. Era tarde demais para se preocupar com isso. O outro punho estava a caminho.

Tolomei agarrou seu braço no ar antes que ele a tocasse e puxou Ferro para perto, torcendo seu braço e pondo-a impotente de joelhos. Era uma força medonha, irresistível.

– A Semente!

As palavras sibilantes congelaram no rosto de Ferro, sugando seu fôlego num gemido nauseado, a pele queimando onde Tolomei a segurava. Ela sentiu os ossos se torcerem, depois se partirem, o antebraço estalando como um graveto. Uma mão branca se esgueirou pelas sombras em direção ao volume na camisa de Ferro.

Houve uma luz súbita, uma curva intensa que iluminou e ofuscou toda a câmara por um momento. Ferrou ouviu um berro agudo e se viu livre, caída de costas. A mão de Tolomei fora decepada logo acima do pulso, deixando um cotoco sem sangue. Um grande ferimento se abrira, fundo, na parede lisa e no chão, com pedra derretida escorrendo dele, borbulhando e chiando. Quando Bayaz surgiu das sombras, subia fumaça da arma estranha em sua mão e o gancho da ponta ainda reluzia num tom laranja. Tolomei deu um grito gélido, gadanhando na direção dele com a mão que restava.

Bayaz rugiu para ela, insano, com os olhos estreitados, a boca ensanguentada aberta. Ferro sentiu o estômago revirar de forma tão violenta que se dobrou, quase posta de joelhos. A filha do Artífice foi puxada para cima e jogada longe, um calcanhar branco rasgando o mapa do chão numa cicatriz longa, abrindo rocha e cortando metal.

Os destroços do grande dispositivo foram espalhados atrás dela, os pedaços arruinados brilhando no escuro como folhas ao vento. Tolomei era uma silhueta que se sacudia numa tempestade de metal. Bateu na parede mais distante com um estrondo capaz de sacudir a terra, jogando longe pedaços de pedra quebrada. Uma chuva de fragmentos retorcidos surgiu, retiniu, ressoou ao bater nas paredes ao redor, transformando toda a grande curva de pedra numa enorme cama de pregos.

Os olhos de Bayaz se arregalaram, o rosto abatido molhado de suor.

– Morra, demônio! – berrou.

A poeira baixou, a pedra começou a se mexer. Um rio gelado ecoou no salão. Ferro se arrastou para trás com os calcanhares batendo na pedra lisa e correu. Sua mão quebrada bateu na parede do túnel, o braço quebrado pendente. Um quadrado de luz vinha em sua direção. A porta da Casa do Artífice.

Chegou cambaleando ao outro lado, a uma luminosidade que ardia nos olhos depois das sombras lá de dentro e sob a chuva fina que parecia quente depois do toque gelado de Tolomei. A Semente ainda pesava em sua camisa, áspera e reconfortante contra a pele.

– Corra! – A voz de Bayaz vinha da escuridão. – Para o palácio!

Ferro cambaleou pela ponte, os pés desajeitados escorregando na pedra molhada, a água fria caindo lá embaixo.

– Ponha na caixa e lacre bem!

Ela ouviu um estrondo ecoando atrás, metal se chocando contra metal, mas não olhou. Empurrou com o ombro a porta aberta na muralha do Agriont, quase tropeçando no porteiro, que agora se sentava encostado na pedra, com uma das mãos na cabeça, onde ela o havia deixado. Ele se encolheu quando Ferro pulou por cima dele. Ela voou escada abaixo, de três em três degraus, atravessou o pátio em ruínas, seguiu pelos corredores empoeirados sem dedicar sequer um pensamento às figuras mascaradas ou a qualquer outra pessoa. Agora elas pareciam uma espécie de ameaça insignificante, cotidiana. Ela ainda podia sentir o hálito gelado no pescoço.

Nada importava, a não ser deixar aquilo bem para trás.

Deslizou até a porta, puxou sem jeito o trinco com a mão quebrada, saiu para a garoa e correu pelas ruas molhadas na direção de onde tinha vindo. As pessoas nas ruas e praças saíam do caminho, chocadas ao vê-la, desesperada e sangrando. Vozes furiosas ecoavam atrás, mas ela as ignorava.

Virou uma esquina para uma rua larga entre prédios cinza e quase saiu escorregando nas pedras molhadas. Uma multidão de pessoas maltrapilhas entupia a rua. Mulheres, crianças, velhos, sujos e trôpegos.

– Saiam da frente! – gritou, e começou a forçar a passagem. – Andem!

A história que Bayaz havia contado na planície sem fim pulava do fundo de sua mente. Sobre os soldados que haviam encontrado a Semente nas ruínas de Aulcus. Sobre como eles haviam murchado e morrido. Ela empurrou, chutou e abriu caminho com os ombros.

– Saiam!

Livrou-se das pessoas e correu pela rua vazia, o braço quebrado colado ao corpo, apertando a coisa dentro da blusa. Correu pelo parque, com as folhas caindo das árvores a cada sopro de vento gélido. A alta muralha do palácio se erguia onde os gramados terminavam e Ferro seguiu para o portão. Os dois guardas ainda o flanqueavam, como sempre, e ela sabia que eles a viam. Tinham deixado que ela saísse, mas não estavam tão ansiosos para deixá-la entrar, principalmente imunda, ensanguentada, coberta de terra e suor e correndo como se tivesse o diabo em sua cola.

– Espere!

Ferro fez menção de passar, mas um deles a agarrou.

– Me deixem, suas porras de rosados idiotas! – sibilou. – Vocês não entendem!

Ela tentou se soltar, e uma alabarda dourada caiu no chão quando um dos guardas a envolveu com os braços.

– Explique, então! – disse o outro, por baixo da viseira. – Por que a pressa? – Seu punho com o guante da armadura foi na direção do volume em sua camisa. – O que está na sua…

– Não! – sibilou Ferro e se retorceu e tombou contra a muralha, fazendo um guarda bater de costas no arco.

A alabarda do outro desceu suavemente, a ponta brilhante apontada para o peito de Ferro.

– Parada! – rosnou ele. – Antes que eu…

– Deixe-a entrar! Agora! – ordenou Sulfur, do outro lado do portão, e pela primeira vez não sorria.

O guarda girou a cabeça para ele, em dúvida.

– Agora! – rugiu Sulfur. – Em nome do lorde Bayaz!

Eles a soltaram e Ferro se libertou, xingando. Correu pelos jardins e entrou no palácio, com as botas ecoando nos corredores e serviçais e guardas saindo de seu caminho, cheios de suspeita. Encontrou a porta dos aposentos de Bayaz e a abriu. Passou cambaleando.

A caixa estava aberta numa mesa perto da janela: um bloco pouco notável, feito de metal escuro. Ela foi até lá, desabotoou a camisa e tirou a coisa de dentro.

Era uma pedra escura, pesada, do tamanho de um punho. A superfície opaca continuava fria, não mais quente do que quando ela a pegara. Sua mão formigou de modo agradável, como se ao toque de um velho amigo. Ferro ficou com raiva, de algum modo, só de pensar em separar-se dela.

Então, enfim, isso era a Semente. A encarnação do Outro Lado. A própria substância da magia. Lembrou-se das ruínas abandonadas de Aulcus. A vastidão de terra ao redor, por mais de uma centena de quilômetros em todas as direções. Um poder suficiente para mandar o imperador, o profeta e seus comedores amaldiçoados e toda a nação de Gurkhul para o inferno, e mais ainda. Um poder tão terrível que deveria ter pertencido só a Deus, e agora ela o segurava em sua mão frágil. Ferro olhou a pedra por um longo tempo. Então, lentamente, começou a sorrir.

Agora obteria vingança.

O som de passos pesados no corredor a trouxe de volta a si. Largou a

Semente em seu lugar de repouso, afastou a mão com um esforço e fechou a tampa da caixa. Como se uma chama de vela tivesse sido apagada de repente num cômodo escuro, o mundo pareceu mais opaco, mais fraco, destituído de entusiasmo. Só então percebeu que sua mão estava perfeita. Franziu a testa, mexendo os dedos. Eles se moviam com a facilidade de sempre, sem o menor inchaço nos nós que ela tinha certeza que estavam despedaçados. O outro braço também, até o antebraço, reto e liso, sem qualquer marca onde os dedos gelados de Tolomei o haviam esmagado. Ferro olhou para a caixa. Ela sempre havia se curado com rapidez. Mas ossos consertados em menos de uma hora?

Não estava certo.

Bayaz se arrastou pela porta, o rosto retorcido. Havia sangue seco em sua barba, uma camada de suor na cabeça careca. Ele ofegava, a pele pálida e trêmula, um braço apertado contra o corpo. Parecia alguém que tivesse passado a tarde lutando contra um demônio e que sobrevivera por pouco.

– Onde está Yulwei?

O Primeiro dos Magos a encarou.

– Você sabe onde.

Ferro se lembrou do estrondo quando fugia da torre. Como o som de uma porta sendo fechada. Uma porta que nenhuma lâmina, nenhum fogo, nenhuma magia poderia abrir. Só Bayaz tinha a chave.

– Você não voltou. Você lacrou a porta com eles dentro.

– Sacrifícios precisam ser feitos, Ferro, você sabe. Hoje eu fiz um grande sacrifício. Meu próprio irmão – argumentou o Primeiro dos Magos e foi mancando até ela. – Tolomei violou a Primeira Lei. Fez um trato com os contadores de segredos. Ela pretendia usar a Semente para abrir os portões do mundo de baixo. Ela poderia ser mais perigosa do que os comedores de Khalul. A Casa do Artífice precisa continuar lacrada. Até o fim dos tempos, se necessário. Um resultado que não deixa de ser irônico. Tolomei começou a vida aprisionada naquela torre. Agora voltou. A história se move em círculos, como Juvens sempre disse.

Ferro franziu a testa.

– Fodam-se os seus círculos, rosado. Você mentiu para mim. Sobre Tolomei. Sobre o Artífice. Sobre tudo.

– E?

Ela franziu a testa mais ainda.

– Yulwei era um homem bom. Ele me ajudou no deserto. Salvou minha vida.

– E a minha, mais de uma vez. Mas os homens bons só vão até certo ponto nos caminhos sombrios. – Os olhos brilhantes de Bayaz se viraram para baixo, o

olhar pousando no cubo de metal escuro sob a mão de Ferro. – Outros precisam percorrer o resto da estrada.

Sulfur passou pela porta e Bayaz tirou de baixo do casaco a arma que havia trazido da Casa do Artífice. O metal brilhou à luz suave das janelas. Uma relíquia do Tempo Antigo. Uma arma que Ferro vira cortar pedra como se fosse manteiga. Sulfur a pegou com respeito e nervosismo e enrolou-a com cuidado num tecido impermeável antigo. Depois abriu sua sacola e tirou o livro preto que Ferro vira uma vez.

– Agora? – murmurou.

– Agora.

Bayaz pegou o livro, pousou a mão sobre a capa envelhecida e cheia de marcas, fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu, olhou direto para Ferro.

– Os caminhos que devemos percorrer agora, você e eu, são mesmo sombrios. Você já viu.

Ela não tinha resposta. Yulwei fora um homem bom, mas o portão da Casa do Artífice fora lacrado, e ele tinha ido para o céu ou para o inferno. Ferro enterrara muitos homens, em muitos sentidos. Mais uma pilha de areia no deserto não era nada. Estava farta de obter sua vingança de grão em grão. Não tinha medo de caminhos sombrios. Percorrera-os a vida toda. Mesmo através do metal da caixa, pensou ter ouvido um sussurro fraquíssimo, chamando-a.

– Só quero vingança.

– E obterá, como eu prometi.

Ela ficou parada, cara a cara com Bayaz, e deu de ombros.

– Então o que importa agora quem matou quem há mil anos?

O Primeiro dos Magos deu um leve sorriso, os olhos brilhando no rosto pálido e ensanguentado.

– Tirou as palavras da minha boca.

O herói de amanhã

Os cascos do cavalo cinza de Jezal bateram obedientemente na lama preta. Era um animal magnífico, do tipo que ele sempre sonhara cavalgar. Valia muitos milhares de marcos, não tinha dúvida. Um garanhão que poderia dar um ar de realeza a qualquer homem que o montasse, por mais indigno que fosse. Sua armadura brilhante era do melhor aço estiriano, com acabamento em ouro. A capa era da seda mais fina de Suljuk, com barra de arminho. O punho da espada era incrustado com diamantes e brilhava sempre que as nuvens deixavam o sol passar. Hoje ele havia trocado a coroa por um aro de ouro simples, mais leve e bem menos incômodo aos pontos doloridos que ele ganhara nas têmporas.

Todos os adereços de um rei. Desde criança Jezal sonhara ser exaltado, adorado, obedecido. Agora isso tudo lhe dava vontade de vomitar. Mas o verdadeiro motivo também poderia ser o fato de ele mal ter dormido na noite anterior e de praticamente não ter comido nada de manhã.

O lorde marechal Varuz cavalgava à direita de Jezal e aparentava finalmente ter cedido à idade. Parecia encolhido em seu uniforme, encurvado e com os ombros frouxos. Seus movimentos haviam perdido a precisão, e os olhos, o foco gélido. De algum modo, agora ele dava a levíssima impressão de que não sabia o que fazer.

– A luta continua nos Arcos, Majestade – explicava –, mas temos apenas um espaço mínimo por lá. Os gurkenses controlam Três Fazendas. Eles avançaram as catapultas até o canal e ontem à noite lançaram projéteis incendiários no distrito central. Chegaram além da via do Meio. Os incêndios arderam até o amanhecer. Ainda estão queimando, em algumas partes. Os danos foram… extensos.

Era um baita eufemismo. Distritos inteiros da cidade tinham sido devastados pelo fogo. Quadras de prédios que Jezal recordava como casas grandiosas, tavernas movimentadas, oficinas barulhentas, tudo reduzido a destroços enegrecidos. Olhar para aquilo era tão horrível quanto uma antiga amante abrir a boca e revelar duas fileiras de dentes estragados. O fedor de fumaça, de incêndio e de morte arranhava a garganta de Jezal e transformava sua voz num grasnido raspado.

Um homem coberto de cinzas e sujeira ergueu os olhos enquanto remexia nos destroços de uma casa ainda fumegante. Olhou para Jezal e seus guardas que passavam.

– Cadê meu filho? – berrou de repente. – Cadê meu filho?

Jezal desviou o olhar com cautela e deu uma esporeada levíssima no cavalo. Não precisava oferecer mais armas para a consciência golpeá-lo. Ela já estava mais do que bem armada.

– Mas a muralha de Arnault continua de pé, Majestade – falou Varuz consideravelmente mais alto do que o necessário, num esforço inútil para abafar os gemidos agoniados que continuavam ressoando nas ruínas atrás deles. – Nenhum soldado gurkense pôs os pés no distrito central da cidade. Nenhum.

Jezal se perguntou quanto tempo mais conseguiriam se gabar disso.

– Recebemos alguma notícia do lorde marechal West? – perguntou a segunda vez naquela hora, a décima no dia.

Varuz deu a Jezal a mesma resposta que sem dúvida ele receberia mais dez vezes antes de cair num sono agitado aquela noite.

– Lamento, Majestade, mas estamos quase totalmente isolados. As notícias chegam, mas raras vezes através do cordão de cerco gurkense. Mas houve tempestades em Angland. Devemos encarar a possibilidade de que o exército se atrase.

– Azar – murmurou Bremer dan Gorst do outro lado, os olhos estreitados, incansáveis, observando as ruínas em busca do menor sinal de ameaça.

Jezal roeu com preocupação o resto salgado da unha do polegar. Nem conseguia se lembrar do último fiapo de notícia boa. Tempestades. Atrasos. Parecia que até o clima estava contra eles.

Varuz não tinha nada para melhorar seu ânimo:

– E agora a doença irrompeu no Agriont. Uma praga rápida e implacável. Um grande número de civis para quem o senhor abriu os portões sucumbiu, todos ao mesmo tempo. Ela se estendeu até o próprio palácio. Dois cavaleiros do Grupo já morreram. Num dia estavam montando guarda no portão, como sempre. Na noite seguinte estavam nos caixões. Os corpos murcharam, os dentes apodreceram, o cabelo caiu. Os cadáveres foram queimados, porém mais casos aparecem. Os médicos jamais viram algo parecido, não têm ideia da cura. Alguns dizem que é uma maldição gurkense.

Jezal engoliu em seco. Levara longos séculos e o trabalho de tantos para erguer aquela cidade magnífica, que, em apenas algumas semanas sob seus cuidados, estava transformada em destroços fumegantes. Grande parte de seu povo orgulhoso fora reduzida a mendigos fétidos, feridos que gritavam, enlutados que gemiam. Os que agora não eram cadáveres. Ele era o arremedo mais patético de rei que a União pudera gerar. Não podia trazer felicidade à própria fraude amarga de casamento, quanto mais a uma nação. Sua reputação era baseada em mentiras que ele não tivera coragem de negar. Ele era um zero à

esquerda, impotente, sem coragem, desamparado.

– Onde estamos agora? – murmurou ao entrarem num grande espaço varrido pelo vento.

– Ora, nos Quatro Cantos, Majestade.

– Isso? Isso não pode…

Ele deixou a frase no ar na hora que, como se levasse um tapa na cara, identificou o lugar. Só duas paredes do prédio que já fora a sede da Guilda dos Mercadores de Tecidos continuavam de pé: janelas e portas arreganhadas como as feições pasmas de cadáveres congeladas no instante da morte. O calçamento onde centenas de barracas alegres costumavam ser montadas estava arranhado e sujo de fuligem pegajosa. Os jardins eram trechos de lama e arbustos queimados. O ar deveria estar ressoando com os gritos dos vendedores, as conversas dos serviçais, os risos das crianças. Em vez disso, tudo estava num silêncio mortal quebrado apenas pelo vento frio nos destroços, que soprava ondas de sujeira preta no coração da cidade.

Jezal puxou as rédeas, e sua escolta de cerca de vinte cavaleiros do Grupo, cinco cavaleiros arautos, uma dúzia dos subordinados de Varuz e um ou dois pagens nervosos parou ao redor. Gorst franziu os olhos para o céu.

– Majestade, deveríamos ir em frente. Aqui não é seguro. Não sabemos quando os gurkenses vão recomeçar o bombardeio.

Jezal o ignorou. Desceu da sela e adentrou os destroços. Era difícil acreditar que fosse o mesmo local onde um dia ele comprara vinho, presentes, encomendara um uniforme novo. A menos de cem passos, do outro lado de uma fileira de ruínas fumegantes, estava a estátua de Harod, o Grande, junto à qual ele se encontrara com Ardee na escuridão no que lhe parecia cem anos antes.

Agora um grupo digno de pena estava amontoado ali perto, nos limites de um jardim pisoteado. Mulheres e crianças na maioria, além de alguns velhos. Sujos e desanimados, vários com muletas ou bandagens ensanguentadas, segurando seus poucos objetos salvos. Tinham ficado sem teto nos incêndios da noite anterior, da luta da noite anterior. A respiração de Jezal ficou presa na garganta. Ardee estava ali, sentada numa pedra, usando um vestido fino, tremendo e olhando para o chão, o cabelo escuro caído sobre metade do rosto. Ele foi na direção dela. Devia ser a primeira vez que sorria em semanas.

– Ardee.

Ela se virou, os olhos arregalados, e Jezal se imobilizou. Era outra mulher, mais nova e consideravelmente menos bonita. Piscou para ele, balançando-se devagar para trás e para a frente. As mãos dele estremeceram sem sentido, ele murmurou algo incoerente. Todos o olhavam. Não poderia simplesmente se afastar.

– Por favor, aceite isto – disse ele, e tirou meio sem jeito a presilha de ouro da capa carmim, que estendeu para a jovem.

Ela não disse nada ao aceitá-la, apenas olhou para Jezal. Era um gesto ridículo, sem valor, quase ofensivo por sua hipocrisia. Porém os outros civis desabrigados não pareceram pensar assim.

– Viva o rei Jezal! – gritou alguém, e um clamor estrondoso soou.

Um garoto com muleta olhou para ele com adoração e desespero. Um soldado tinha uma bandagem ensanguentada sobre um dos olhos, o outro estava marejado de orgulho. Uma mãe apertava um bebê enrolado no que parecia os restos de uma bandeira da União. Era como se toda a cena tivesse sido cuidadosamente montada para causar o maior impacto emocional. Um grupo de modelos arrumados para uma obra vívida e bizarra sobre os horrores da guerra.

– Rei Jezal! – soou o grito outra vez, acompanhado por um fraco “Viva!”.

A adulação era como veneno para ele. Só fazia o peso da responsabilidade aumentar mais ainda. Jezal se virou, incapaz de manter a imitação torta de sorriso por mais um instante.

– O que foi que eu fiz? – sussurrou, uma das mãos repuxando incessantemente a outra. – O que foi que eu fiz?

Montou de novo na sela, com a culpa furando suas entranhas.

– Leve-me mais para perto da muralha de Arnault.

– Majestade, não creio que…

– Você me ouviu! Mais perto da luta. Quero ver.

Varuz franziu a testa.

– Muito bem.

Ele virou o cavalo e guiou Jezal e seus guardas na direção dos Arcos, por rotas tão familiares e ao mesmo tempo tão horrivelmente mudadas. Depois de alguns minutos, o lorde marechal conteve a montaria e apontou para uma rua deserta na direção oeste. Falou baixo, como se estivesse preocupado com a hipótese de o inimigo escutar:

– A muralha de Arnault não está a mais de trezentos passos naquela direção, e os gurkenses estão concentrados do outro lado. Realmente deveríamos dar meia-volta…

Jezal sentiu uma vibração fraca na sela, seu cavalo se agitou, poeira caiu dos telhados das casas de um dos lados da rua.

Ia abrir a boca para perguntar o que acontecera quando o ar foi rasgado por um ruído trovejante. Uma muralha de som esmagadora, terrível, que deixou seus ouvidos zumbindo. Homens ofegaram, boquiabertos. Os cavalos se agitaram e escoicearam, os olhos se reviraram de medo. A montaria de Varuz empinou, derrubando o velho soldado da sela, sem cerimônia.

Jezal não lhe deu atenção. Estava ocupado demais instigando seu cavalo na direção do estrondo, tomado por uma curiosidade medonha. Pequenas pedras tinham começado a chover, ricocheteando nos telhados e batendo na rua como granizo. Uma grande nuvem de poeira marrom subia no céu a oeste.

– Majestade! – gritou Gorst, suplicante. – Precisamos voltar!

Mas Jezal não lhe deu ouvidos.

Entrou numa praça ampla, onde uma grande quantidade de entulho se espalhava no calçamento quebrado, alguns blocos do tamanho de casas. À medida que a poeira sufocante se acomodava num silêncio fantasmagórico, Jezal percebeu que conhecia o lugar. Conhecia bem. No lado norte ficava uma taverna que ele costumava frequentar, mas algo havia mudado – estava mais aberto do que antigamente… Seu queixo caiu. Antes um longo trecho da muralha de Arnault formava o limite oeste da praça. Agora não havia nada ali além de uma cratera gigantesca.

Os gurkenses deviam ter cavado um túnel e o enchido com seu maldito pó explosivo. O sol escolheu esse momento para romper as nuvens, e Jezal pôde enxergar através da fissura escancarada, até o arruinado distrito dos Arcos. Ali, apinhado do lado oposto, descendo pela encosta de entulho, com armaduras brilhando e lanças balançando, estava um grupo considerável de soldados gurkenses.

Os primeiros já vinham saindo da cratera e alcançando os destroços da praça. Alguns defensores semiconscientes se arrastavam pela poeira, sufocando e cuspindo. Outros já não se mexiam. Não havia ninguém para repelir os gurkenses, pelo que Jezal podia ver. Ninguém além dele. Imaginou o que Harod, o Grande, teria feito.

A resposta não era muito difícil.

A coragem pode vir de muitos lugares e ser feita de muitas coisas, e o covarde de ontem pode virar o herói de amanhã num instante, se for a hora certa. A inebriante inundação de coragem que Jezal experimentou naquele momento consistia principalmente de culpa e medo e de vergonha do medo, inchada por uma frustração impertinente por nada ter acontecido como ele esperava e por uma percepção súbita e vaga de que ser morto poderia resolver um grande número de problemas irritantes para os quais ele não via solução. Não eram ingredientes nobres, com certeza. Mas ninguém jamais pergunta o que o padeiro coloca na massa, desde que o gosto seja bom.

Desembainhou a espada e a ergueu à luz do sol.

– Cavaleiros do Grupo! – rugiu. – Comigo!

No desespero, Gorst segurou as rédeas dele.

– Majestade, o senhor não pode se colocar em…

Jezal esporeou a montaria, que saltou adiante com um vigor inesperado, e sua cabeça foi dolorosamente jogada para trás, quase fazendo-o soltar as rédeas. Aprumou-se na sela, os cascos martelando, o pavimento sujo voando por baixo. Tinha uma leve consciência de sua escolta seguindo-o a alguma distância, mas sua atenção estava voltada para o grupo cada vez maior de soldados gurkenses logo adiante.

Seu cavalo o carregou com uma velocidade que abalava as entranhas, direto contra um homem na frente dos invasores, um porta-estandarte com um mastro alto de símbolos dourados reluzentes. Azar dele, supôs Jezal, ter recebido uma tarefa tão proeminente. Os olhos do sujeito se arregalaram quando ele viu um cavalo enorme vindo para cima. Jogou o estandarte longe e tentou rolar para o lado. O gume da espada de Jezal cortou fundo seu ombro com toda a força da carga, abriu-o e atirou-o de costas. Mais homens, Jezal não sabia quantos, caíram gritando sob os cascos de sua montaria, que avançava sobre eles.

E então era tudo caos. Ele estava acima de uma massa de rostos escuros que rosnavam, armaduras que brilhavam, lanças que perfuravam. Madeira estalava, metal retinia, homens gritavam palavras que não dava para entender. Jezal golpeava ao redor, de um lado e depois do outro, gritando palavrões insensatos. Uma ponta de lança guinchou ao raspar em sua perna coberta pela armadura. Ele acertou a mão que tentava agarrar suas rédeas e dois dedos voaram longe. Algo bateu na lateral de seu corpo e quase o derrubou da sela. Sua espada afundou um elmo com uma pancada surda e derrubou o homem que ficara embaixo na confusão de corpos.

O cavalo de Jezal soltou um relincho e empinou, retorcendo-se. Ele sentiu um medo terrível quando se desgarrou da sela com o mundo dando cambalhota. Bateu no chão com poeira nos olhos e na boca, tossindo e lutando. Rolou para se ajoelhar. Cascos batiam no chão partido. Botas escorregavam e pisavam. Procurou o aro de ouro que trazia na cabeça, mas ele devia ter caído em algum lugar. Como alguém saberia que ele era rei? Ele ainda era rei? Seu cabelo estava pegajoso. Teria sido muito útil trazer um elmo, mas agora era um pouco tarde. Remexeu debilmente o entulho, virou uma pedra. Tinha esquecido o que procurava. Levantou-se cambaleante e alguma coisa agarrou seu pé e o puxou, derrubando-o de novo de cara no chão. Esperou que alguém então esmagasse sua nuca, mas tinha sido apenas seu estribo, ainda preso ao cadáver do cavalo magnífico. Liberou a bota, ofegando, e deu dois passos trôpegos sob o peso da armadura, com a espada pendendo da mão frouxa.

Alguém levantou uma lâmina curva e Jezal o acertou no peito. O homem vomitou sangue no rosto de Jezal e caiu arrancando a espada de sua mão. Algo bateu no peitoral de Jezal com um tinido oco e o jogou para o lado, direto contra

um soldado gurkense com uma lança. O homem a deixou cair e os dois se agarraram, cambaleando. Jezal estava ficando terrivelmente cansado. Sua cabeça doía. Respirar era um esforço enorme. Agora sua ideia do ataque heroico parecia muito ruim. Ele queria se deitar.

O soldado gurkense soltou um braço e o levantou bem alto, com uma faca em punho. A mão foi decepada no pulso e voou com um longo jato de sangue. O homem começou a deslizar para o chão, olhando o cotoco e gemendo.

– O rei! – trinou a vozinha de menino de Gorst. – O rei!

Sua espada longa descreveu um arco amplo e mandou para longe a cabeça do soldado que gritava. Outro saltou à frente, com uma espada curva erguida. Antes que desse um passo, a lâmina pesada de Gorst abriu seu crânio. Um machado bateu no ombro blindado de Gorst e ele o afastou como se fosse uma mosca; depois, numa chuva de sangue, cortou o homem que o havia brandido. Um quarto agressor recebeu no pescoço o golpe da espada curta e cambaleou, os olhos arregalados, a mão ensanguentada apertando a garganta.

Jezal cambaleava para trás e para a frente, entorpecido. Quase sentia pena dos gurkenses. Eles podiam impressionar a distância pela quantidade, mas de perto ficava evidente que esses homens eram auxiliares, lançados para dentro da cratera sem grandes esperanças. Eram magros, sujos, estavam terrivelmente desorganizados, mal armados e quase sem armaduras. Muitos pareciam apavorados, percebeu. Gorst abria caminho entre eles sem se abalar, como um touro no meio de um rebanho de ovelhas, rosnando enquanto suas espadas provocavam ferimentos enormes com sons enjoativos de carne sendo cortada. Mais homens com armaduras se apinhavam atrás dele, empurrando com escudos, cortando com suas espadas brilhantes, abrindo um espaço sangrento na turba gurkense.

A mão de Gorst deslizou por baixo da axila de Jezal e o arrastou para trás, com os calcanhares chutando o entulho. Ele tinha uma vaga consciência de que havia largado a espada em algum lugar, mas agora parecia idiotice procurá-la. Algum mendigo sem dúvida receberia um prêmio inestimável quando revirasse os escombros, mais tarde. Jezal viu um cavaleiro arauto ainda montado, uma silhueta com o elmo alado no meio da poeira sufocante, o machado longo cortando ao redor.

Foi meio carregado para trás, saindo da confusão. Alguns defensores regulares da cidade haviam se reagrupado ou vinham de outras partes da muralha. Homens com elmos de aço começaram a se ajoelhar na borda da cratera, disparando setas de besta na direção da massa de gurkenses, todos embolados na lama e no entulho. Outros puxaram uma carroça e a tombaram de lado para formar uma barreira temporária. Um soldado gurkense soluçou ao ser

aberto ao meio, tropeçou por cima da borda da cratera e caiu de volta na lama. Mais bestas da União apareceram nos limites da praça, depois mais lanças. Barris, pedras de alvenaria, ripas quebradas vinham com eles até que se improvisou uma barricada ao redor de toda a grande abertura na muralha de Arnault, cheia de homens e armas.

Sob uma chuva de setas e pedaços de alvenaria, os gurkenses hesitaram, depois recuaram, correndo pelo entulho até o seu lado da cratera, voltando para onde estariam em segurança e deixando o solo coberto de cadáveres.

– Para o Agriont, Majestade – disse Gorst. – Imediatamente.

Jezal não fez esforço para resistir. Tinha lutado mais do que o suficiente para um dia.

Alguma coisa estranha estava acontecendo na praça dos Marechais. Operários trabalhavam nas pedras do pavimento com picaretas e cinzéis, cavando trincheiras rasas, aparentemente ao acaso. Ferreiros suavam junto de forjas temporárias, iluminados pelo brilho de metal derretido, derramando ferro em moldes. A algazarra das marretas batendo e das pedras quebrando era forte a ponto de fazer os dentes de Jezal doerem, mas de algum modo a voz do Primeiro dos Magos conseguia soar mais alta ainda:

– Não! Um círculo, seu asno, daqui até lá!

– Preciso voltar ao Palácio Marcial, Majestade – disse Varuz. – Com a brecha na muralha de Arnault, não vai demorar muito até que os gurkenses tentem atravessá-la de novo. Mas eles já estariam na via do Meio se não fosse pelo seu ataque, hein? Agora vejo como o senhor ganhou sua reputação no ocidente! Foi a coisa mais nobre que já vi!

– Uh.

Jezal olhou os mortos sendo levados. Três cavaleiros do Grupo, um dos ajudantes de Varuz e um pajem que não teria mais de 12 anos, este último com a cabeça pendendo por uma tira de cartilagem. Ele havia levado três homens e uma criança à morte. E isso sem contar os ferimentos que o restante de seu séquito fiel havia recebido em nome dele. Uma coisa nobre, de fato.

– Espere aqui – ordenou subitamente a Gorst. Depois seguiu por entre os trabalhadores suados na direção do Primeiro dos Magos.

Ferro estava ali perto, sentada de pernas cruzadas numa fileira de barris, as mãos pendendo, com o mesmo desprezo absoluto no rosto escuro que sempre havia lhe ofertado. Era quase reconfortante ver que algumas coisas nunca mudavam. Bayaz olhava carrancudo para as páginas de um grande livro preto evidentemente muito velho, com a capa de couro rachada e rasgada. Parecia

magro e pálido, velho e encolhido. Um lado do rosto estava coberto de arranhões com cascas.

– O que aconteceu com você? – perguntou Jezal.

Bayaz franziu a testa, um músculo tremendo abaixo de um olho roxo.

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta.

Jezal notou que o mago nem havia se incomodado em dizer um "majestade". Ele encostou a mão na bandagem ensanguentada em volta do crânio.

– Estive num combate.

– Num o quê?

– Os gurkenses derrubaram um trecho da muralha de Arnault quando eu fazia uma ronda pela cidade. Não havia ninguém para repeli-los, portanto… eu mesmo fiz isso.

Ficou quase surpreso ao se ouvir dizendo essas palavras. Estava longe de sentir orgulho, com certeza. Tinha feito pouco mais do que cavalgar, cair e bater com a cabeça. Seu cavalo morto e Bremer dan Gorst tinham sido responsáveis pela maior parte da luta, e contra um adversário que quase não combatia. Porém supunha que pela primeira vez tinha feito a coisa certa, se é que isso existia.

Bayaz não concordou.

– Os poucos miolos que o destino salvou para você viraram merda?

– Viraram…?

Jezal piscou à medida que o significado das palavras de Bayaz penetravam devagar em sua consciência. "Como você ousa, seu cagalhão velho intrometido? Está falando com um rei!" Era isso que queria dizer, mas sua cabeça latejava e algo no rosto trêmulo e devastado do mago o impediu. Em vez disso, pegou-se murmurando num tom que era quase de desculpas:

– Mas… eu não entendo. Achei que… Não era isso que Harod, o Grande, teria feito?

– Harod? – Bayaz deu uma risada de desprezo na cara de Jezal. – Harod era um covarde e um palerma sem tamanho! Aquele idiota mal conseguia se vestir sem a minha ajuda!

– Mas…

– É fácil achar um homem para comandar um ataque. – O mago pronunciou cada palavra com extremo cuidado, como se falasse com um retardado. – Encontrar homens para comandar nações é consideravelmente mais difícil. Não pretendo que o esforço que fiz com você seja desperdiçado. Da próxima vez que tiver desejo de arriscar a vida, talvez seja melhor se trancar na latrina. As pessoas respeitam um homem com reputação de guerreiro, e isso você teve a sorte de receber. As pessoas não respeitam um cadáver. Aqui, não! – rugiu

Bayaz, passando por Jezal com passo trôpego e brandindo um braço com raiva para um ferreiro.

O coitado levou um susto, como um coelho amedrontado, e brasas saltaram de seu cadinho.

– Eu já disse, idiota! Você precisa seguir o desenho à risca! Fazer exatamente como eu mandei! Um erro pode ser mais do que fatal!

Jezal olhou para o mago com ultraje, culpa e a simples exaustão lutando para controlar seu corpo. A exaustão venceu. Foi até os barris e se deixou cair ao lado de Ferro.

– Sua porra de Majestade – disse ela.

Ele esfregou os olhos com o indicador e o polegar.

– Você me honra com sua gentileza.

– Bayaz não está feliz, hein?

– Parece que não.

– Bom, quando é que esse velho desgraçado fica feliz com alguma coisa?

Jezal soltou um grunhido, concordando. Percebeu que não falava com Ferro desde que fora coroado. Não que tivessem sido amigos antes, claro, mas precisava admitir que a absoluta falta de deferência da parte dela era inesperadamente revigorante. Era quase como ser, por um breve momento, o homem vaidoso, preguiçoso, inútil e feliz de antes. Franziu os olhos na direção de Bayaz, que batia com o dedo em alguma coisa em seu livro velho.

– O que ele está aprontando, afinal?

– Salvando o mundo, pelo que me disse.

– Ah. Isso. Ele deixou para um pouquinho tarde, não acha?

Ela deu de ombros.

– Eu não sou encarregada do tempo.

– Como ele planeja fazer isso? Com picaretas e forjas?

Ferro o encarou. Jezal ainda achava aqueles olhos de um amarelo demoníaco inquietantes como sempre.

– Dentre outras coisas.

Jezal pôs os cotovelos nos joelhos, apoiou o queixo nas palmas das mãos e soltou um longo suspiro. Estava muito, muito cansado.

– Parece que fiz a coisa errada – murmurou.

– Rá – fez Ferro e desviou o olhar. – Você leva jeito para isso.

Anoitecer

O GENERAL POULDER se remexeu em sua cadeira, o bigode tremendo, como se mal conseguisse controlar o corpo, tamanha era sua fúria. A pele avermelhada e a respiração que saía em haustos davam a impressão de que ele poderia saltar da tenda a qualquer momento e atacar as posições gurkenses sozinho. O general Kroy se mantinha sentado rigidamente ereto no lado oposto da mesa, os músculos do maxilar avolumando-se nas laterais do crânio com cabelo curto. Sua carranca assassina deixava claro que a raiva contra o invasor, ainda que não fosse menor do que a de ninguém, era mantida sob férreo controle e que, se algum ataque fosse feito, seria administrado com atenção meticulosa aos detalhes.

Nas primeiras reuniões, West tinha sido apanhado em menor número, numa relação de vinte para um, comparado aos monstruosos estados-maiores dos dois generais. Havia-os reduzido, através de um processo de atrito implacável, a meros dois oficiais cada. As reuniões tinham perdido a atmosfera intensa de briga de taverna e assumido o caráter de um evento familiar pequeno e mal-humorado – talvez a leitura de um disputado testamento. West era o testamenteiro tentando encontrar uma solução aceitável para dois beneficiários briguentos para quem nada era aceitável. Jalenhorm e Brint, sentados junto dele, um de cada lado, eram seus assistentes perplexos. Era difícil avaliar o papel de Cachorrão na metáfora, mas ele aumentava o tom já febril de preocupação na tenda limpando as unhas com uma adaga.

– Esta será uma batalha diferente de todas as outras! – Poulder quase bradava, inutilmente. – Nunca, desde que Harod forjou a União, um invasor pôs os pés no solo da Terra do Meio!

– Os gurkenses querem derrubar nossas leis, esmagar nossa cultura, escravizar nosso povo! – rosnou Kroy, concordando com o outro. – O próprio futuro da nossa nação depende…

A aba da tenda foi puxada e Pike entrou, o rosto derretido inexpressivo. Um homem alto veio atrás arrastando os pés, curvado e cambaleando de fadiga, com um cobertor pesado enrolado sobre os ombros e o rosto sujo de terra.

– Este é Fedor dan Hayden – anunciou Pike. – Um cavaleiro arauto. Ele conseguiu nadar das docas de Adua sob a cobertura da noite e passar ao largo das linhas gurkenses.

– Uma ação de coragem notável – parabenizou-o West, seguido por

murmúrios de concordância relutante de Poulder e Kroy. – Receba a nossa gratidão. Como estão as coisas na cidade?

– Francamente, lorde marechal, estão muito ruins – contou Hayden, rouco de cansaço. – Os distritos do oeste, os Arcos e as Três Fazendas, agora pertencem ao imperador. Os gurkenses romperam a muralha de Arnault há dois dias e nossas defesas estão quase no limite. A qualquer momento eles podem vencê-las e ameaçar o próprio Agriont. Sua Majestade pede que o senhor marche para Adua a toda a velocidade possível. Cada hora pode ser vital.

– Ele tem alguma estratégia específica em mente? – perguntou West.

Jezal dan Luthar não costumava ter nada em mente além de ficar bêbado e dormir com sua irmã, mas ele esperava que o tempo tivesse provocado mudanças.

– Os gurkenses cercaram a cidade, mas estão muito espalhados. Sobretudo na área leste. O lorde marechal Varuz acredita que o senhor poderia entrar atacando por ali.

– Mas os distritos do oeste da cidade ainda estarão apinhados de porcos gurkenses – rosnou Kroy.

– Desgraçados – sussurrou Poulder, com a papada tremelicando. – Desgraçados.

– Não temos opção além de marchar para Adua imediatamente – disse West. – Usaremos todas as estradas e vamos nos mover com toda a velocidade possível para assumir posição a leste da cidade, se necessário marchando à luz de tochas. Devemos atacar o cerco gurkense ao alvorecer e romper o domínio deles sobre a muralha. Enquanto isso o almirante Reutzer vai comandar a frota num ataque contra os navios gurkenses que estão no porto. General Kroy, ordene que parte da cavalaria sonde o terreno e encubra nosso avanço. Não quero surpresas.

Pela primeira vez não houve sinal de relutância.

– Claro, lorde marechal.

– Sua divisão vai se aproximar de Adua pelo nordeste, romper as linhas gurkenses e entrar na cidade com força máxima, seguindo para oeste na direção do Agriont. Se o inimigo tiver chegado ao centro da cidade, o senhor vai lutar com ele. Se não, vai reforçar as defesas da muralha de Arnault e se preparar para expulsá-lo do distrito dos Arcos.

Kroy assentiu, sério, com uma única veia inchando na testa e seus oficiais parecendo estátuas de precisão militar atrás dele.

– A esta hora, amanhã, não restará um soldado do continente de Kanta vivo em Adua – assegurou Kroy.

– Cachorrão, eu gostaria que você e seus nórdicos apoiassem a divisão do

general Kroy durante o ataque. Se o seu… – West relutou naquela palavra. –… rei não tiver objeções.

Cachorrão lambeu os dentes afiados.

– Acho que ele vai para onde o vento soprar. Esse sempre foi o estilo dele.

– Esta noite o vento sopra na direção de Adua.

– Certo – concordou o nórdico, assentindo. – Para Adua, então.

– General Poulder, sua divisão vai se aproximar da cidade a partir do sudeste, participar da batalha para tomar a muralha, entrar na cidade com força total e seguir para o cais. Se o inimigo tiver chegado até lá, o senhor vai expulsá-lo, depois virar para o norte e seguir a via do Meio até o Agriont.

Poulder bateu com o punho na mesa. Seus oficiais rosnavam como se estivessem prestes a entrar numa luta em troca de dinheiro.

– Isso aí, porra! Vamos pintar as ruas com sangue gurkense!

West fez uma carranca para Poulder e depois para Kroy.

– Não preciso enfatizar a importância da vitória amanhã.

Os dois generais se levantaram sem dizer uma palavra e foram ao mesmo tempo para a saída da tenda. Os dois se encararam diante dela. Por um instante West se perguntou se, mesmo então, eles voltariam à birra familiar.

Então Kroy estendeu a mão.

– Desejo-lhe toda a sorte, general Poulder.

Poulder segurou a mão dele entre as suas.

– E eu desejo o mesmo ao senhor, general Kroy. Toda a sorte para todos nós.

Os dois saíram com elegância para o crepúsculo, seguidos por seus oficiais, Jalen-horm e Brint.

Hayden tossiu.

– Lorde marechal, quatro outros cavaleiros arautos foram mandados comigo. Nós nos separamos, na esperança de que pelo menos um atravessasse as linhas gurkenses. Algum outro chegou?

– Não… ainda não. Talvez mais tarde…

West não achava racionalmente possível, nem Hayden, dava para ver nos olhos dele.

– Claro. Talvez mais tarde.

– O sargento Pike vai lhe arranjar um pouco de vinho e um cavalo. Imagino que você queira nos ver atacar os gurkenses de manhã.

– Eu gostaria muito.

– Muito bem.

Hayden saiu com Pike e West franziu a testa. Era uma pena o que acontecera com os colegas do sujeito, mas haveria muitas mortes a mais a ser

lamentadas antes do fim do próximo dia. Se restasse alguém para lamentar. Empurrou a aba da tenda e saiu para o ar gélido.

Os navios da frota estavam ancorados no porto estreito lá embaixo, balançando suavemente nas ondas, mastros altos apontados para as nuvens que iam escurecendo – azul duro, cinza frio e laranja raivoso. West achou ter visto alguns botes se aproximarem da praia de areia preta, ainda transportando o restante do exército para terra.

O sol descia rápido em direção ao horizonte, um último clarão turvo acima dos morros a oeste. Em algum lugar lá embaixo, fora de vista, Adua queimava. West girou os ombros, tentando relaxar os músculos retesados. Não tinha recebido nenhuma notícia desde antes de partirem de Angland. Pelo que sabia, Ardee continuava dentro das muralhas da cidade. Mas ele não podia fazer nada. Nada além de ordenar um ataque imediato e esperar que acontecesse o melhor, ainda que isso contrariasse a falta geral de sorte. Coçou a barriga, infeliz. Vinha sofrendo de indigestão desde o início da viagem por mar. Eram as pressões do comando, sem dúvida. Mais algumas semanas assim e ele provavelmente começaria a vomitar sangue sobre os mapas, como seu antecessor. Inspirou o ar longamente, num hausto entrecortado, e o deixou sair.

– Sei como você se sente.

Era Cachorrão, sentado num banco frágil ao lado da entrada da tenda, os cotovelos nos joelhos, olhando o mar.

West sentou-se ao lado dele e deixou o corpo afrouxar. As reuniões com Poulder e Kroy eram sempre um desgaste terrível. Quando você banca o homem de pedra por tempo longo demais, acaba virando o homem de palha.

– Sinto muito – pegou-se dizendo.

Cachorrão olhou para ele.

– Pelo quê?

– Por tudo. Por Três Árvores, por Tul… por Cathil. – West precisou engolir um nó inesperado na garganta. – Por tudo. Sinto muito.

– Ah, todos nós sentimos. Não culpo você. Não culpo ninguém, nem Bethod. De que adianta culpar? Nós todos fazemos o que temos de fazer. Desisti de procurar motivos há muito tempo.

West pensou nisso por um instante. Depois assentiu:

– Está certo.

Ficaram sentados observando as tochas serem acesas ao redor da baía abaixo deles, como poeira brilhante espalhando-se no terreno escuro.

Era noite, e uma noite ruim. Ruim por causa do frio, do pinga-pinga da

chuva fina e de todos os quilômetros árduos que precisavam ser percorridos na lama antes do amanhecer. Ruim acima de tudo pelo que os esperava no final, quando o sol nascesse. Marchar para uma batalha só ficava mais difícil a cada vez. Quando Logen era jovem, antes de perder um dedo e ganhar uma reputação sombria, pelo menos havia algum traço de empolgação naquilo, alguma sombra de emoção. Agora só havia o medo doentio. Medo da luta e, pior ainda, do resultado.

Ser rei não ajudava. Não ajudava em nada, pelo que podia ver. Era como ser chefe, só que pior. Fazia-o sentir que havia algo que deveria estar fazendo e que não estava. Tornava a separação entre ele e todo mundo um pouco maior. Um pouco mais intransponível.

Botas chapinhavam e se grudavam na lama, armas e arreios chacoalhavam e tilintavam, homens grunhiam e xingavam no escuro. Alguns seguiam com tochas fracas, para iluminar o caminho lamacento, e riscas de chuva caíam na claridade ao redor. A chuva caía em Logen também, um beijo de pluma no couro cabeludo, no rosto, pingando nos ombros do casaco velho.

O exército da União estava espalhado por cinco estradas, todas em direção ao leste, todas apontando para Adua e o que parecia um encontro complicado com os gurkenses. Logen e seu grupo estavam na que ficava mais ao norte. Ao sul, longe, podia ver uma fraca linha de luzes tremeluzindo, flutuando de forma etérea no terreno negro, estendendo-se até sumir de vista. Outra coluna. Outros poucos milhares de homens xingando pela lama enquanto marchavam para um alvorecer sangrento.

Franziu a testa. Viu a face magra de Tremedeira adiante, à luz de uma tocha, uma carranca cheia de sombras desagradáveis, um olho brilhando. Os dois se encararam por um momento, depois Tremedeira virou as costas, ergueu os ombros e continuou andando.

– Aquele ali ainda não gosta muito de mim e nunca vai gostar.

– A matança insensível não é necessariamente o melhor caminho para a popularidade – disse Cachorrão. – Ainda mais num rei.

– Mas aquele ali poderia ter coragem para fazer alguma coisa a respeito.

Tremedeira tinha ressentimento. Um ressentimento que não iria embora com o tempo, com a gentileza ou mesmo com vidas salvas. Não há muitas feridas que se curem por completo, e existem algumas que doem mais a cada dia que passa.

Cachorrão pareceu adivinhar os pensamentos de Logen.

– Não se preocupe com Tremedeira. Ele é bom. Temos mais que nos preocupar com aqueles gurkenses ou sei lá o quê.

– Uh – disse Sinistro.

Logen não tinha tanta certeza disso. Os piores inimigos são os que estão ao lado, seu pai costumava dizer. Nos velhos tempos ele simplesmente teria assassinado o desgraçado ali mesmo e o problema estaria resolvido. Mas agora vinha tentando ser um homem melhor. Estava se esforçando muito.

– Mas, pelos mortos – falou Cachorrão. – Lutar contra homens marrons, agora, ao lado da União? Como diabo isso aconteceu? Nós não deveríamos estar aqui.

Logen respirou fundo e deixou Tremedeira se afastar.

– Furioso ajudou a gente. Se não fosse por ele, a gente nunca acabaria com Bethod. Nós devemos a ele. É só esta última luta.

– Você já notou que cada luta costuma levar a outra? Parece que sempre há mais uma luta.

– Uh – fez Sinistro.

– Desta vez, não. Esta é a última, e acabamos.

– É mesmo? E o que acontece depois?

– Vamos voltar ao Norte, acho. – Logen deu de ombros. – Paz, não é?

– Paz? – grunhiu Cachorrão. – O que é isso, mesmo? O que a gente faz com isso?

– Acho… Bom… Vamos plantar coisas, ou algo assim.

– Plantar coisas? Pela porra dos mortos! O que você ou eu ou qualquer um de nós sabemos sobre plantar coisas? O que mais a gente fez a vida toda, além de matar?

Logen remexeu os ombros, desconfortável.

– É preciso ter alguma esperança. A gente pode aprender, não é?

– Pode? Quanto mais você mata, melhor fica em matar. E quanto melhor você fica em matar, menos utilidade tem para qualquer outra coisa. Parece que a gente viveu tanto assim porque, quando se trata de matar, nós somos os melhores que existem.

– Você está de mau humor, Cachorrão.

– Estou de mau humor há anos. O que me preocupa é que você não esteja. A esperança não combina muito com pessoas como a gente, Logen. Responda: você já tocou alguma coisa que não fosse ferida pelo toque? O que você já teve que não virou pó?

Logen pensou. Sua mulher e os filhos, seu pai e seu povo, tudo de volta à lama. Forley, Três Árvores e Tul. Todos gente boa e todos mortos, alguns pela mão de Logen, alguns por sua negligência, seu orgulho e sua idiotice. Podia ver os rostos deles, agora, no pensamento, e eles não pareciam felizes. Os mortos não costumam parecer felizes. E isso sem olhar a turba sombria e carrancuda que espreitava atrás. Uma multidão de fantasmas. Um exército arrebentado e

sangrento. Todas as pessoas que ele havia escolhido matar. Shama Sem Coração, com as tripas penduradas para fora da barriga. Pé Preto, com as pernas esmagadas e as mãos queimadas. Aquele desgraçado do Finnius, um pé decepado e o peito aberto. Até mesmo Bethod, bem na frente dos outros, com o crânio esmagado e o rosto carrancudo retorcido, e o menino morto de Crummock, olhando para ele por trás do braço. Um mar de assassinatos. Logen fechou os olhos com força e depois os arregalou, mas os rostos permaneciam ao alcance da mente. Não havia nada que pudesse dizer.

– Foi o que pensei – falou Cachorrão, que se virou para o outro lado, com o cabelo pingando em volta do rosto. – É preciso ser realista, não é o que você sempre me disse? É preciso.

Então Cachorrão foi andando pela estrada, sob as estrelas frias. Sinistro se demorou ao lado de Logen por um momento, depois encolheu os ombros úmidos e seguiu o outro, levando sua tocha.

– A gente pode mudar – sussurrou Logen, sem saber se estava falando com Cachorrão ou consigo mesmo, ou com aqueles rostos pálidos de cadáveres que esperavam na escuridão.

Homens andavam de forma barulhenta pela trilha a toda a volta, no entanto ele estava sozinho.

– A gente pode mudar.

Perguntas

O SOL BAIXAVA sobre a aleijada Adua e um pouco da névoa de outono havia avançado do mar inquieto, transformando a noite fria em fantasmagórica. A cem passos, as casas eram indistintas; a duzentos, eram espectrais, as poucas luzes em suas janelas parecendo fantasmas a flutuar, nevoentas na penumbra. *Tempo bom para um serviço ruim, e temos muito disso pela frente.*

Até agora nenhuma explosão distante havia sacudido a escuridão imóvel. As catapultas gurkenses permaneciam em silêncio. *Pelo menos por enquanto, e por que não? Adua praticamente pertence a eles, então por que queimar a própria cidade?* Aqui, na área leste de Adua, longe da luta, tudo parecia numa calma atemporal. *Quase como se os gurkenses nunca tivessem vindo.* Então, quando ruídos vagos se infiltraram na penumbra, como botas de um grupo de homens bem armados, Glokta não pôde evitar uma pontada de nervosismo e se grudou às sombras mais fundas, contra a cerca viva na beira da rua. Luzes fracas, oscilantes, surgiram na escuridão. Em seguida a silhueta de um homem com uma das mãos pousada calmamente no cabo de uma espada, andando com o passo frouxo e tranquilo que revelava uma confiança extrema. Algo parecia se projetar de sua cabeça, oscilando junto com seus movimentos.

Glokta tentou enxergar na penumbra.

– Cosca?

– O próprio! – gargalhou o estiriano.

Ele usava um belo chapéu de couro com uma pluma ridiculamente alta e deu um peteleco nela.

– Comprei um chapéu novo. Ou devo dizer que o senhor comprou, superior?

– Estou vendo – comentou Glokta, depois olhou para a pluma comprida e o espalhafatoso trabalho de filigrana de ouro no punho da espada de Cosca. – Achei que tínhamos dito “discreto”.

– Dis… creto? – O estiriano franziu a testa, depois deu de ombros. – Ah, então essa era a palavra. Na hora eu não entendi – falou e, encolhendo-se, coçou a virilha com uma das mãos. – Acho que peguei alguns passageiros de uma daquelas mulheres da taverna. Os sacaninhas dão uma baita coceira.

Uh. As mulheres são pagas para ir lá. Seria de pensar que os chatos teriam mais bom gosto.

Uma multidão sombria começou a brotar da escuridão atrás de Cosca,

alguns carregando lanternas encobertas. Uma dúzia de silhuetas desgrenhadas, depois mais uma dúzia, e o tom de ameaça emanava de cada um como o fedor brotava de um cagalhão.

– Esses são os seus homens?

O que estava mais próximo trazia no rosto provavelmente os piores furúnculos que Glokta já vira. O homem ao lado dele tinha apenas uma das mãos, e a outra fora substituída por um gancho de aparência ferina. Em seguida vinha um sujeito gordo enorme com o pescoço pálido azulado por uma confusão de tatuagens mal desenhadas. Um homem que era quase anão, com cara de rato e só um olho, o acompanhava. Ele não se dera o trabalho de usar tapa-olho, e a órbita permanecia escancarada sob o cabelo oleoso. Eram duas dúzias, talvez, dos criminosos de aparência mais violenta que Glokta já tivera diante de si. *E já tive um bocado de criminosos diante de mim. Nenhum desses sabe que água também serve para tomar banho, com certeza. Nenhum parece que rejeitaria uma oferta de 1 marco pela própria irmã.*

– Eles parecem um tanto indignos de confiança – murmurou.

– Indignos de confiança? Absurdo, superior! Sem sorte, e só, e nós dois sabemos como é isso, não é? Ora, não há nenhum deles ao qual eu não confiaria minha mãe.

– Tem certeza?

– Ela está morta há vinte anos. Que mal poderiam lhe fazer agora?

Cosca passou o braço em volta dos ombros retorcidos de Glokta e o puxou para perto, provocando uma pontada dolorosa no quadril do outro.

– Infelizmente as opções são escassas – falou com seu hálito quente fedendo a álcool e podridão. – Todos os homens que não são desatinados fugiram da cidade na hora que os gurkenses chegaram. Mas quem se importa, não é? Eu os contratei pela coragem e pela força, não pela aparência. Os desatinados são do tipo que eu gosto! Nós podemos entendê-los, não é, o senhor e eu? Alguns serviços só servem a homens desatinados, hein, superior?

Glokta franziu a testa um momento diante daquela coleção de rostos secos, inchados, marcados por cicatrizes e arruinados. *Como é que o promissor coronel Glokta, vistoso comandante do primeiro regimento do Próprio do Rei, veio parar no comando de uma ralé como essa?* Deu um longo suspiro. *Mas agora é meio tarde para encontrar mercenários bonitos, e acho que esses aí saberão encher um fosso tão bem quanto os melhores.*

– Muito bem. Esperem aqui.

Glokta olhou para a casa escura. Abriu o portão com a mão livre e entrou mancando. Uma risca de luz brotava entre as cortinas pesadas da janela da frente. Ele bateu à porta com o cabo da bengala. Houve uma pausa, depois o som

de passos relutantes pelo corredor.

– Quem é?

– Sou eu. Glokta.

Trincos foram puxados e a luz se derramou no ar frio. O rosto de Ardee apareceu, magro, cinza em volta dos olhos e rosa em torno do nariz. *Como um gato agonizante.*

– Superior! – Ela riu enquanto o segurava pelo cotovelo e o arrastava para dentro. – Que prazer! Um pouco de conversa, finalmente! Estou num tédio gigantesco!

No canto da sala, várias garrafas vazias traziam um brilho feroz devido a velas enfumaçadas e um pedaço de lenha que queimava na lareira. A mesa estava atulhada de pratos e copos sujos. O lugar fedia a suor e vinho, comida velha e desespero novo. *Será que existe algo mais deprimente do que se embebedar sozinho? Vez ou outra, o vinho pode manter feliz uma pessoa feliz. Já uma pessoa triste ele sempre piora.*

– Andei tentando ler esta porcaria de livro de novo. – Ardee bateu num volume pesado que estava aberto, virado para baixo, numa cadeira.

– *A queda do Mestre Artífice* – murmurou Glokta. – Esse lixo? Fala de magia e coragem, não é? Não consegui terminar nem o primeiro volume.

– Entendo você. Estou no terceiro e não melhora. São magos de mais. Eu confundo um com outro. Tudo tem a ver com batalhas e intermináveis jornadas sangrentas, daqui para lá e de lá para cá. Se vir mais um mapa, juro que vou me matar.

– É possível que lhe poupem esse trabalho.

– É?

– Infelizmente você já não está segura aqui. Precisa vir comigo.

– Um resgate! Graças ao destino! – Ela balançou a mão, sem dar importância. – Nós já falamos disso. Os gurkenses estão longe, do outro lado da cidade. Você corre mais perigo no Agriont, imagino…

– A ameaça não são os gurkenses. São os meus pretendentes.

– Os cavalheiros que eram seus amigos são uma ameaça para mim?

– Não subestime o ciúme deles. Temo que logo eles se tornem uma ameaça para todas as pessoas que conheci, amigas ou inimigas, em toda a minha lamentável vida.

Glokta pegou uma capa com capuz num gancho da parede e a estendeu para ela.

– Aonde vamos?

– Para uma casinha charmosa perto do cais. O lugar já teve dias melhores, mas ainda tem bastante personalidade. Como nós dois, pode-se dizer.

Ouviram-se passos pesados no corredor e Cosca enfiou a cabeça na sala.

– Superior, precisamos ir logo, se o senhor quer chegar às docas antes…

Ele parou, olhando Ardee. Houve um silêncio desconfortável.

– Quem é esse aí? – murmurou ela.

Cosca entrou com um gesto espalhafatoso, tirou o chapéu, mostrando o trecho careca e cheio de eczemas, e fez uma reverência muito, muito baixa. *Se ele descer mais, o nariz vai raspar nas tábuas do piso.*

– Desculpe, senhora. Nicomo Cosca, famoso mercenário, ao seu dispor. Na verdade, abjeto, aos seus pés.

Sua faca de arremesso caiu do casaco, fazendo barulho ao bater no chão. Todos olharam para ela por um momento, depois Cosca riu.

– Está vendo aquela mosca na parede?

Glokta franziu os olhos.

– Talvez não seja o melhor momento para…

A faca atravessou a sala girando, errou o alvo por quase dois palmos, bateu na parede com o cabo e caiu com estrondo no piso.

– Merda – xingou Cosca. – Quero dizer… droga.

Ardee franziu os olhos para a faca.

– Eu diria merda.

Cosca ignorou o comentário com um sorriso podre.

– Devo estar ofuscado. Quando o superior me descreveu sua beleza, achei que ele devia ter… como se diz?… exagerado. Agora vejo que ele errou para menos. – Cosca pegou a faca e recolocou, ligeiramente torto, o chapéu. – Por favor, permita que eu me declare apaixonado.

– O que você contou a ele? – perguntou Ardee.

– Nada. – Glokta sugou as gengivas com amargura. – Mestre Cosca tem o hábito de exagerar.

– Principalmente quando estou apaixonado – emendou o mercenário. – Principalmente. Quando me apaixono é com força total, e não costumo fazer isso mais de uma vez por dia.

Ardee o encarou.

– Não sei se me sinto lisonjeada ou apavorada.

– Por que não os dois? – provocou Glokta. – Mas terá de fazer isso no caminho. – *Estamos com pouco tempo e tenho um jardim cheio de ervas daninhas para arrancar.*

O portão se abriu com um guincho agônico de metal enferrujado. Glokta passou pela soleira decadente sentindo golpes violentos na perna, no quadril e

nas costas por causa do longo trecho que mancara até as docas. A mansão em ruínas se destacava na escuridão na outra extremidade do pátio devastado. *Como um portentoso mausoléu. Uma tumba adequada para todas as minhas esperanças mortas.* Severard e Frost esperavam nas sombras dos degraus partidos, ambos vestidos de preto e mascarados, como sempre. *Mas nem um pouco parecidos.* Um homem corpulento e um magro, um de cabelos brancos e um moreno, um de pé, de braços cruzados, o outro sentado com as pernas cruzadas. *Um é leal, o outro… vamos descobrir.*

Severard se levantou com o sorriso de sempre em volta dos olhos.

– Certo, chefe, então qual é…

Cosca passou pelo portão e caminhou preguiçosamente pelo pavimento quebrado, chutando alguns pedaços de alvenaria com o bico da bota velha. Parou ao lado de uma fonte arruinada e raspou um pouco da sujeira dela com um dedo.

– Belo lugar. Belo e… – Balançou o dedo, com a sujeira junto. –… desmoronando.

Seus mercenários já se espalhavam pelo pátio cheio de entulho. Casacos remendados e capas esfarrapadas se abriram revelando armas de todo tipo e tamanho. Gumes, pontas, espetos e bordas brilhavam à luz móvel dos lampiões, o aço liso e limpo em contraste com os rostos ásperos e sujos.

– Quem diabo são esses aí? – peguntou Severard.

– Amigos.

– Não parecem muito amistosos.

Glokta mostrou ao seu prático o buraco enorme no lugar dos dentes da frente.

– Bom, acho que isso depende do lado em que você está.

Os últimos traços do sorriso de Severard sumiram. Seu olhar saltou, nervoso, pelo pátio. *Os olhos do culpado. Como os conhecemos bem! Nós os vemos em nossos prisioneiros. Vemos no espelho, quando ousamos olhar. Poderíamos esperar algo melhor de um homem com sua experiência, mas empunhar uma lâmina não prepara ninguém para ser cortado por ela. Eu sei.* Severard correu para a casa, rápido feito um coelho, mas só deu um passo antes que a mão branca e pesada batesse na lateral de seu pescoço e o jogasse sem sentidos no piso quebrado.

– Leve-o para baixo, Frost. Você conhece o caminho.

– Paua baifo. Unh.

O enorme albino jogou o corpo frouxo de Severard sobre o ombro e seguiu na direção da porta da casa.

– Devo dizer – observou Cosca, dando um peteleco na sujeira do dedo – que gosto de como age com seus homens, superior. Sempre admirei a disciplina.

– É um bom conselho, vindo do homem menos disciplinado do Círculo do Mundo.

– Aprendi todo tipo de coisas com meus muitos erros – comentou Cosca, que esticou o pescoço cheio de eczemas e o coçou. – A única coisa que nunca aprendi foi a parar de cometê-los.

– Hum – grunhiu Glokta enquanto subia os degraus com dificuldade. *Uma maldição que todos temos de suportar. Giramos e giramos em círculos, tentando nos agarrar a sucessos que nunca alcançamos, tropeçando interminavelmente nos mesmos fracassos antigos. Na verdade, a vida é o sofrimento que suportamos entre as decepções.*

Passaram pelo portal vazio e adentraram a escuridão mais profunda do saguão. Cosca levantou seu lampião bem alto, olhando para o teto precário, as botas pisando no cocô de pássaros que cobria o chão.

– Um palácio! – disse, e sua voz ecoou na escadaria despedaçada, nos portais vazios, nos caibros nus lá em cima.

– Por favor, fiquem à vontade – falou Glokta. – Mas fora de vista. É melhor. Poderemos ter visitas a qualquer momento esta noite.

– Excelente. Adoramos companhia, não é, pessoal?

Um dos homens de Cosca deu uma risada com o pulmão estalando de secreção e exibiu duas fileiras de dentes cor de bosta. *Dentes tão incrivelmente podres que quase fico feliz com os meus.*

– Esses visitantes virão a mando de Sua Eminência, o arquileitor. Será que você poderia demonstrar mão firme com eles enquanto estou lá embaixo?

Cosca se demorou um pouco avaliando o saguão meio desmoronado, com ar de aprovação.

– É um belo lugar para uma recepção calorosa. Eu aviso quando nossos convidados se forem. Duvido que ficarão muito tempo.

Ardee havia encontrado lugar num canto e se mantinha de capuz na cabeça e olhos colados no chão. *Tentando se fundir à parede, e quem poderia culpá-la? Não é a companhia mais agradável para uma jovem, nem o cenário mais tranquilizador. Mas é melhor do que ter a garganta cortada, acredito.* Glokta estendeu a mão para ela.

– Seria melhor se viesse comigo.

Ela hesitou. *Como se não tivesse certeza de que, de fato, é melhor vir comigo.* Mas um breve olhar para alguns dos homens mais feios que tinham uma das profissões mais feias do mundo a convenceu. Cosca lhe entregou seu lampião, garantindo que os dedos encostassem nos dela por um momento desconfortavelmente longo.

– Obrigada – disse ela, puxando às pressas a mão.

– O prazer é meu.

Tiras de papel de parede penduradas, ripas quebradas, pedaços de reboco caído lançavam sombras estranhas no caminho à medida que eles deixavam Cosca e seus capangas para trás e penetravam nas entranhas da casa morta. Os portais por onde passavam, quadrados de negrume, bocejavam feito sepulturas.

– Seus amigos formam um grupo encantador – murmurou Ardee.

– Ah, é mesmo, são as estrelas mais brilhantes do firmamento social. Parece que algumas tarefas exigem homens desatinados.

– Você deve ter em mente algum serviço muito desatinado, então.

– Quando não tenho?

O lampião mal iluminava a sala apodrecida, cujos lambris se soltavam da alvenaria barata, e a maior parte do piso era uma única poça fétida. A porta secreta estava escancarada na parede oposta e Glokta arrastou os pés pelo canto da sala até lá. Seu quadril queimava com o esforço.

– O que o seu homem fez?

– Severard? Me decepcionou. – *E logo vamos descobrir até que ponto.*

– Espero nunca decepcionar você, então.

– Estou certo de que você tem mais bom senso. É melhor eu ir na frente. Se cair, pelo menos caio sozinho.

Ele estremeceu descendo os degraus enquanto ela o acompanhava com a luz.

– Ug! Que cheiro é esse?

– O esgoto. Há uma entrada dele aqui embaixo, em algum lugar.

Glokta passou pela porta pesada e entrou na adega convertida, com as grades de aço das celas dos dois lados brilhando à medida que eles passavam. O lugar fedia a umidade e medo.

– Superior! – chamou uma voz na escuridão, e o rosto desesperado do irmão Pé Comprido apareceu encostado nas barras.

– Irmão Pé Comprido, minhas desculpas! Andei ocupado demais. Os gurkenses sitiaram a cidade.

– Gurkenses? – guinchou o homem, com os olhos arregalados. – Por favor, se o senhor me soltar…

– Silêncio! – sibilou Glokta numa voz que não admitia perda de tempo. Depois se voltou para Ardee: – É melhor que você fique aqui.

Ardee olhou nervosa para a cela do navegador.

– Aqui?

– Ele não é perigoso. Acho que você ficaria mais confortável do que… – Ele meneou a cabeça na direção da passagem aberta no fim do corredor abobadado. –… ali.

Ela engoliu em seco.

– Entendi.

– Superior, por favor! – Um braço desesperado se projetou da cela de Pé Comprido. – Por favor, quando vai me libertar? Superior, por favor!

Com um estalo suave, Glokta fechou a porta às súplicas dele. *Temos outros negócios hoje, que não podem esperar.*

Frost já havia algemado um Severard ainda inconsciente à cadeira ao lado da mesa e estava acendendo um lampião por vez com uma vela. A câmara abobadada foi clareando, a cor derramando-se no mural feito nas paredes arredondadas. Kanedias franziu a testa olhando para baixo, os braços estendidos, o fogo ardendo atrás. *Ah, nosso velho amigo, o Mestre Artífice, sempre desaprovando.* Do outro lado seu irmão Juvens ainda derramava o resto de seu sangue pela parede. *E suspeito que não seja o único sangue que será derramado aqui esta noite.*

– Urr – gemeu Severard, o cabelo liso balançando.

Glokta se acomodou devagar em sua cadeira, com o couro estalando embaixo dele. Severard grunhiu outra vez, a cabeça caída para trás, as pálpebras estremecendo. Frost se aproximou, abriu as fivelas da máscara de Severard e depois a atirou no canto da sala. *De um temível prático da Inquisição a… não muita coisa.* Severard se remexeu e franziu o nariz, estremecendo como um menino adormecido.

Jovem. Fraco. Impotente. Quase seria possível sentir pena, se tivéssemos coração. Mas não é hora para apreços e sentimentos brandos, amizade e perdões. O fantasma do feliz e promissor coronel Sand dan Glokta esteve agarrado a mim por tempo de mais. Adeus, velho amigo. Hoje você não pode nos ajudar. É a hora do implacável superior Glokta fazer o que faz melhor. A única coisa que ele faz bem. Agora é a hora de inteligência aguçada, corações endurecidos e gumes afiados.

É hora de arrancar a verdade.

Frost cutucou a barriga de Severard com dois dedos e os olhos dele se abriram bruscamente. Sacudiu-se na cadeira, as algemas chacoalhando. Viu Glokta. Viu Frost. Seus olhos se arregalaram o mais que podiam, observando a sala ao redor. Ficaram ainda mais arregalados quando percebeu onde estava. Sugou o ar, a respiração rápida e cortante de terror, os cabelos oleosos balançando para um lado e para outro do rosto com a força do movimento. *E como vamos começar?*

– Eu sei… – grasnou ele. – Sei que eu disse àquela mulher quem o senhor era… eu sei… mas não tinha escolha.

Ah, a engambelação. Todo homem se comporta mais ou menos do mesmo

jeito quando está acorrentado a uma cadeira.

– O que eu podia fazer? Ela teria me matado, porra! Eu não tive escolha! Por favor…

– Eu sei o que você disse a ela e sei que não teve escolha.

– Então… então por que…

– Não me venha com essa, Severard. Você sabe por que está aqui.

Frost deu um passo à frente, apático como sempre, e levantou a tampa da maravilhosa caixa de Glokta. As bandejas dentro se abriram como uma flor exótica, mostrando os cabos polidos, as agulhas reluzentes, as lâminas brilhantes de seus instrumentos.

Glokta estufou as bochechas.

– Tive um bom dia hoje. Acordei limpo e cheguei ao banheiro sozinho. Não senti muita dor. – Envolveu os dedos no cabo do cutelo. – É algo para comemorar, um bom dia. Tenho muito poucos.

Glokta tirou o cutelo da bainha, a lâmina pesada refulgindo à luz dos lampiões. Os olhos de Severard o acompanharam o tempo todo, arregalando-se de medo e fascínio, gotas de suor brilhando na testa pálida.

– Não – sussurrou.

Sim. Frost soltou a algema do pulso direito de Severard e puxou o braço do outro com as mãos carnudas. Pegou os dedos e os afastou um a um até estarem achatados na madeira, então envolveu os ombros de Severard com o outro braço, num abraço apertado.

– Acho que podemos dispensar o preâmbulo – falou Glokta.

Ele se balançou para a frente, se levantou e mancou devagar ao redor da mesa, a bengala batendo nos ladrilhos, a perna esquerda arrastando-se atrás, a ponta da lâmina do cutelo raspando suavemente na madeira do tampo da mesa.

– Não preciso lhe explicar como isso funciona. A você, que me ajudou com tanta eficácia, em tantas ocasiões. Quem saberia melhor como vamos agir?

– Não – gemeu Severard, tentando dar um meio sorriso desesperado, mas com uma lágrima escorrendo do canto do olho mesmo assim. – Não, o senhor não faria isso! Comigo não! Não faria!

– Com você não? – Glokta deu um sorriso triste. – Ah, prático Severard, por favor… – disse, erguendo o cutelo e deixando o sorriso se esvair devagar. – Você me conhece muito bem.

Pou! A lâmina pesada desceu como um raio e acertou o tampo da mesa, cortando uma lasca minúscula de pele da ponta do dedo médio de Severard.

– Não! – guinchou ele. – Não!

Deixou de admirar minha precisão?

– Ah, sim, sim – falou Glokta e puxou o cabo liso para soltar a lâmina da

madeira. – Como você achou que isso iria terminar? Você andou falando. Andou dizendo coisas que não deveria, para pessoas a quem você não tinha nada que dizer. Vai me contar o quê. Vai me contar a quem.

O cutelo brilhou ao ser levantado de novo.

– E é melhor contar logo – insistiu Glokta.

– Não!

Severard se sacudiu e se retorceu na cadeira, mas Frost o prendia com tanta firmeza quanto uma mosca no mel. *Sim.*

A lâmina atravessou com facilidade a ponta do dedo médio de Severard e o decepou na primeira junta. A ponta do indicador girou pela madeira. A ponta do anular ficou onde estava, presa a um encaixe das tábuas do tampo da mesa. Com a mão de Frost ainda apertando seu pulso como um torno, o sangue só pingou suavemente dos três ferimentos e se espalhou em fios vagarosos pelos veios da madeira.

Houve uma pausa ofegante. *Um, dois, três…* Severard gritou. Uivou, se sacudiu e tremeu, o rosto em espasmos. *Dói, não é? Bem-vindo ao meu mundo.*

Glokta remexeu o pé dolorido dentro da bota.

– Quem poderia imaginar que nossa parceria tão estimada, tão agradável e lucrativa para ambos poderia terminar assim? A escolha não foi minha. Não foi minha. Diga com quem você falou. Diga o que contou. Aí essa aflição vai terminar. Caso contrário…

Pou! A ponta do dedo mindinho, agora, e mais três pedaços do resto. O dedo médio estava reduzido quase à metade. Severard ficou observando, os olhos arregalados de horror, a respiração saindo em haustos curtos, rápidos. *Choque, espanto, terror, atordoamento.* Glokta se inclinou até perto do ouvido dele.

– Espero que você não estivesse planejando ter aulas de violino, Severard. Vai ter sorte se conseguir tocar a porra de um gongo quando tivermos terminado.

Ele se encolheu com um espasmo no pescoço quando levantou o cutelo outra vez.

– Espere! – soluçou Severard. – Espere! Valint e Balk! Os banqueiros! Eu contei a eles… eu contei a eles…

Eu sabia.

– O que você contou?

– Que o senhor ainda estava procurando o assassino de Raynault depois que já tínhamos enforcado o emissário do imperador!

Glokta fitou os olhos de Frost e o albino o fitou de volta, sem emoção. *E outro segredo é arrastado, a chutes, para a luz implacável. Como eu estava certo, infelizmente! Sempre fico pasmo ao ver com que rapidez os problemas*

podem ser solucionados assim que a gente começa a cortar coisas das pessoas.

– E… e… eu contei a eles que o senhor queria saber sobre o nosso rei bastardo e sobre Bayaz e contei a eles que o senhor não estava investigando Sult como eles tinham pedido e contei a eles… contei…

Severard parou de gaguejar e ficou olhando para os restos dos dedos espalhados na mesa, em meio a uma gosma de sangue cada vez maior. *A mistura de dor insuportável, de perda mais insuportável ainda e de incredulidade total. Estou sonhando? Ou perdi mesmo metade dos meus dedos para sempre?*

– Eu contei tudo o que pude. Contei… tudo o que sabia… – disse, as palavras saindo cuspidas e babadas dos lábios repuxados para trás em agonia. – Não tive escolha. Eu tinha dívidas e… eles se ofereceram para pagar. Eu não tive escolha!

Valint e Balk. Dívida, chantagem e traição. Que coisa terrivelmente banal! Esse é o problema das respostas. Nunca são tão empolgantes quanto as perguntas. Os lábios de Glokta se repuxaram num sorriso triste.

– Não tinha escolha. Sei como você se sente.

Ele levantou o cutelo de novo.

– Mas…

Pou! A lâmina pesada raspou no tampo da mesa enquanto Glokta cuidadosamente arrancava mais quatro fatias de carne. Severard gritou, ofegou e gritou mais um pouco. Gritos desesperados, babando, o rosto franzido com força. *Como as ameixas que às vezes como no desjejum*. Ele ainda tinha metade do dedo mindinho, mas os outros três não passavam de cotocos sangrentos. *Mas não podemos parar agora, depois de termos chegado tão longe. Não podemos parar por nada, podemos? Precisamos saber tudo.*

– E o arquileitor? – perguntou Glokta, esticando o pescoço para o lado e movendo o ombro rígido. – Como ele soube o que aconteceu em Dagoska? O que você contou a ele?

– Como ele o quê?… Não contei nada a ele! Nunca fa…

Pou! O polegar de Severard voou, girando pela mesa, deixando para trás uma trilha espiralada de manchas de sangue. Glokta mexeu o quadril para trás e para a frente, tentando afastar as dores das pernas, as dores nas costas. *Mas não há como escapar delas. Cada posição possível é um pouco pior do que a anterior.*

– O que você contou a Sult?

– Eu… eu… – Severard levantou os olhos, a boca aberta, um longo fio de baba pendendo do lábio inferior. – Eu…

Glokta franziu a testa. *Isso não é resposta.*

– Amarre o pulso e prepare a outra mão. Não temos mais nada com que

trabalhar aqui.

– Não! Não! Por favor… eu não… por favor…

Essas súplicas são tão cansativas! As palavras "não" e "por favor" perdem todo o sentido depois de meia hora assim. Começam a soar como o balido de ovelhas. No fim das contas, somos todos cordeiros prestes a ser sacrificados. Olhou os pedaços de dedos espalhados na mesa ensanguentada. *Carne para o açougueiro.* A cabeça de Glokta doía, a sala estava clara demais. Pousou o cutelo e esfregou os olhos. *Um trabalho exaustivo, mutilar os amigos mais íntimos.* Percebeu que tinha sujado as pálpebras de sangue. *Desgraça.*

Frost já havia amarrado um torniquete no pulso de Severard e algemado os restos ensanguentados da mão esquerda à cadeira. Soltou o braço direito e o guiou devagar para a mesa. Glokta o observou em sua tarefa. *Tudo organizado, profissional e de uma eficiência implacável. Será que a consciência dele o incomoda em algum momento? Duvido. Afinal de contas, ele está seguindo as ordens que recebe de mim, que sigo as de Sult, sou aconselhado por Marovia e cumpro as exigências de Valint e Balk. Que opção qualquer um de nós tem, no fim? Ora, as desculpas quase inventam a si mesmas.*

O rosto branco de Frost estava salpicado de sangue quando ele espalmou a mão direita de Severard sobre a mesa, exatamente onde a esquerda estivera. Dessa vez não precisou lutar. *Depois de um tempo você perde a vontade. Eu me lembro.*

– Por favor… – sussurrou ele.

Seria ótimo parar. Provavelmente os gurkenses vão queimar a cidade inteira e matar todos nós, e então quem vai se importar em saber quem contou o que a quem? Se, por algum milagre, eles fracassarem, sem dúvida Sult vai acabar comigo ou Valint e Balk vão cobrar a dívida com o meu sangue. Quando eu estiver flutuando de rosto para baixo junto ao cais, que diferença vai fazer que algumas perguntas não tenham resposta? Então por que eu faço isso? Por quê?

O sangue chegou à borda da madeira e começou a pingar no chão com um plic, plic, plic constante. Nenhuma outra resposta. Glokta sentiu uma sequência de contrações musculares na lateral do rosto. Segurou o cutelo de novo.

– Olhe isso. – Ele indicou os pedaços de carne ensanguentada espalhados na mesa. – Olhe o que você já perdeu. Tudo porque não quer contar o que preciso saber. Você não valoriza os próprios dedos? Não têm utilidade para você agora, não é? Pois não têm utilidade nenhuma para mim, isso eu posso garantir. Eles não têm utilidade para ninguém, a não ser para um ou dois cachorros famintos, talvez.

Glokta mostrou o buraco enorme entre os dentes da frente e cravou a ponta

do cutelo entre os dedos abertos de Severard.

– Mais uma vez. – Pronunciou as palavras com precisão gélida. – O que… você… contou… a Sua… Eminência?

– Eu… não contei… nada! – garantiu Severard, as lágrimas escorrendo pelas faces fundas, o peito estremecendo com os soluços. – Não contei nada! Valint e Balk não me deixaram escolha! Nunca falei com Sult na porra da minha vida! Nenhuma palavra! Nunca!

Glokta encarou os olhos do prático, os olhos de seu prisioneiro, por um longo momento, tentando enxergar a verdade. Tudo estava silencioso, a não ser pela respiração gorgolejante, agonizante, de Severard. Então Glokta franziu o lábio e jogou o cutelo sobre a mesa. *Por que entregar a outra mão se você já confessou?* Soltou um longo suspiro, estendeu a mão e enxugou as lágrimas do rosto pálido de Severard.

– Certo. Acredito em você.

E agora? Ficamos com mais perguntas do que antes e sem ter onde procurar respostas. Arqueou as costas, encolhendo-se por causa das dores que desciam da coluna torta, passavam pela perna aleijada e chegavam ao pé sem dedos. *Sult deve ter obtido as informações em outro lugar. Quem mais sobreviveu a Dagoska, quem mais viu o suficiente? Eider? Ela nunca ousaria se revelar. Vitari? Se quisesse abrir a boca, podia ter feito na época. Cosca? Sua Eminência jamais trabalharia com um homem tão imprevisível. Eu só o uso porque não tenho opção. Então quem?*

O olhar de Glokta encontrou o de Frost. Olhos rosados, sem piscar. Eles o fitaram, brilhantes e duros como joias cor-de-rosa. E as engrenagens se encaixaram.

Entendi.

Nenhum dos dois falou nada. Frost estendeu a mão, sem muita pressa, os olhos jamais se afastando dos de Glokta, e envolveu o pescoço de Severard com os dois braços grossos. O ex-prático só pôde observar, impotente.

– O que você…

Frost franziu de leve a testa. Houve um som agudo, um estalo, quando ele torceu o pescoço de Severard. *Simples e indiferente como se matasse uma galinha.* A cabeça de Severard descaiu para trás quando Frost a soltou. Ficou pendendo, com calombos estranhos na pele pálida do pescoço torcido.

O albino assomou entre Glokta e a porta escancarada. *Sem saída.* Glokta estremeceu enquanto cambaleava para trás, a ponta da bengala raspando no chão.

– Por quê?

Frost se aproximou, de forma lenta e firme, os punhos brancos cerrados, o

rosto branco inexpressivo por trás da máscara. Glokta levantou uma das mãos.

– Só diga por quê, maldição!

O albino deu de ombros. *Acho que algumas perguntas não têm resposta, afinal de contas*. As costas tortas de Glokta bateram na parede curva. *E meu tempo acabou. Ah, bom.* Respirou fundo. *As chances contra mim sempre foram enormes. Não me incomodo muito em morrer.*

Frost levantou o punho branco, então grunhiu. O cutelo se cravou fundo em seu ombro pesado, com um som oco. O sangue começou a escorrer em sua camisa. Frost se virou. Ardee estava atrás dele. Os três se encararam por um momento. Então Frost deu um soco na cara dela. Ela cambaleou e se chocou contra a lateral da mesa, depois foi escorregando sem sentidos para o chão e tombou de lado. A caixa de Glokta caiu com estardalhaço perto dela, os instrumentos rolando, sangue e pedaços de carne espalhando-se. Frost já se voltava para Glokta, o cutelo ainda cravado na carne, o braço esquerdo frouxo.

Os lábios de Glokta se repuxaram revelando as gengivas vazias. *Não me importo em morrer. Mas me recuso a ser espancado.*

Firmou os pés do melhor modo que pôde, ignorando a dor que esfaqueava seu pé sem dedos e subia pela frente da perna. Levantou a bengala e pressionou com o polegar a trava oculta. Ela fora confeccionada, segundo suas instruções precisas, pelo mesmo homem que fizera a caixa de instrumentos. *E é de uma arte ainda mais refinada.*

Houve um estalido suave quando a madeira se abriu e as dobradiças secretas revelaram mais de meio metro de uma lâmina de metal espelhado. Ele soltou um berro lancinante.

Estocar, estocar, Glokta. Estocar, estocar.

O aço era um borrão. O primeiro golpe atravessou com facilidade o lado esquerdo do peito de Frost. O segundo passou em silêncio através do lado direito do pescoço. O terceiro furou sua máscara e raspou no osso do maxilar, a ponta brilhante aparecendo logo abaixo da orelha branca por um instante antes de voltar rápida como um chicote.

Frost ficou parado, imóvel, as sobrancelhas brancas subindo numa leve surpresa. Então o sangue brotou do ferimento minúsculo do pescoço e escorreu para a camisa numa linha preta. Ele ergueu a mão grande e branca. Bamboleou, com o sangue borbulhando por baixo da máscara.

– Caualho – ofegou.

Desmoronou no chão como se suas pernas tivessem subitamente sido puxadas. Estendeu um braço para se levantar, mas não havia força nele. Sua respiração era um gorgolejo ruidoso, depois baixinho, e ele ficou imóvel. *E é só.*

Ardee estava se sentando perto da mesa, com sangue escorrendo do nariz e

descendo pelo lábio superior.

– Ele está morto.

– Antigamente eu esgrimia – murmurou Glokta. – Parece que a gente nunca perde o jeito.

Olhou de um cadáver para o outro. Frost estava numa poça que se alargava lentamente, um olho rosado espiando, ainda sem piscar, mesmo na morte. A cabeça de Severard pendia para trás, por cima da cadeira, a boca escancarada num grito silencioso, a mão mutilada ainda algemada, a outra pendendo. *Meus garotos. Meus olhos. Minhas mãos. Tudo acabado.* Franziu a testa para o metal ensanguentado que segurava. *Bom, devemos prosseguir, do melhor modo possível, sem eles.*

Estremeceu ao se abaixar para pegar com dois dedos o pedaço caído da bengala e encaixá-lo em volta do aço ensanguentado.

– Será que você poderia fechar essa caixa para mim? – pediu.

De olhos arregalados, Ardee fitou os instrumentos, o cadáver bocejante de Severard, a mesa manchada de sangue caída de lado e os fragmentos de carne espalhados no piso. Tossiu e comprimiu os lábios com as costas da mão. *A gente se esquece de que algumas pessoas não estão acostumadas a lidar com essas coisas. Mas precisamos de qualquer ajuda que pudermos obter, e é um pouquinho tarde para trazer alguém para isso com gentileza. Se ela pode talhar um homem com um cutelo, pode segurar uma ou duas lâminas para mim sem desmaiar.*

– A caixa – disse rispidamente. – Ainda vou precisar dos meus instrumentos.

Ardee piscou e, com mãos trêmulas, recolheu as poucas ferramentas espalhadas e as colocou de volta no lugar. Pôs a caixa embaixo do braço e se levantou, um tanto insegura, enxugando o sangue do nariz com a manga da blusa branca. Glokta notou que um pedaço de um dedo de Severard ficara preso ao cabelo dela.

– Você está com uma coisa… – Ele apontou para a própria cabeça. –… bem aqui.

– O quê? Argh! – Ardee arrancou aquela coisa morta e a jogou no chão, estremecendo de nojo. – Você deveria arranjar outro modo de ganhar a vida.

– Venho pensando nisso há algum tempo. Mas ainda há perguntas que preciso que sejam respondidas.

A porta rangeu e Glokta sentiu uma pontada súbita de pânico.

Cosca entrou. Assobiou baixinho ao examinar a carnificina. Empurrou o chapéu para trás e a pluma lançou sombras compridas no mural às suas costas.

– O senhor fez uma tremenda sujeira, superior, uma tremenda sujeira.

Glokta apertou a bengala. Sua perna pegava fogo, o sangue latejava nas têmporas, ele estava úmido de tanto suar frio e as roupas pinicavam.

– Foi inevitável.

– Pensei que o senhor gostaria de saber que recebemos nossas visitas. Seis práticos da Inquisição. Suspeito que podem ter sido mandados para matar o senhor.

Sem dúvida. Por ordem do arquileitor, agindo a partir de informações dadas pelo falecido prático Frost.

– E? – perguntou Glokta.

Depois dos acontecimentos da última hora, era quase de esperar que Cosca partisse para cima dele brandindo a espada. *Mas, se a última hora nos ensinou alguma coisa, é que o capanga em que menos confiamos nem sempre é o menos confiável.*

– E nós fizemos picadinho deles, claro. – O estiriano riu. – Fico insultado se o senhor pensar outra coisa.

– Bom. Bom. – *Pelo menos alguma coisa aconteceu de acordo com os planos.*

Glokta só queria se deitar no chão e ficar ali, gritando. *Mas há trabalho a fazer.* Encolheu-se ao mancar em direção à porta.

– Precisamos ir imediatamente para o Agriont.

Os primeiros traços do alvorecer surgiam no céu frio e claro quando Glokta chegou à via do Meio, com Ardee ao lado. Ainda havia nevoeiro no ar, mas agora se esvaía. *Promessa de um belo dia, pelo que parece. Um belo dia para derramamento de sangue, traição e…*

Silhuetas se moviam na névoa, ao sul, pela ampla estrada de pedras que ia em direção ao mar. Havia ruídos também. Um chacoalhar, um tilintar. Parecia um grupo de homens com armaduras. Longe, alguém gritava. Um sino começou a soar, carrancudo e abafado. *Um sino de alarme.*

Cosca franziu a testa olhando para a névoa que se dissipava.

– O que é aquilo?

As silhuetas ficaram mais nítidas. Homens com armaduras, carregando lanças, e em grande número. Os elmos obviamente não eram da União.

Ardee tocou o braço de Glokta.

– Eles são…

– Gurkenses.

As armaduras brilhavam à luz fraca e cinza à medida que a névoa se afastava. Um grupo enorme de homens, marchando para o norte pela via do Meio. *Devem ter por fim desembarcado nas docas e invadido o centro da cidade. Que hora mais espantosamente inapropriada!*

– Vamos voltar! – ordenou Glokta.

Virou-se para o beco, escorregou e quase caiu, fazendo uma careta. Ardee o segurou pelo cotovelo e o puxou para que ficasse de pé.

– De volta à mansão! – *E vamos torcer para que não tenham nos visto.* – E fiquem com esses lampiões, vamos precisar deles.

Seguiu o mais rápido que pôde pelo beco fedorento, levando esbarrões e empurrões dos mercenários de Cosca.

– Gurkenses desgraçados – sibilou o estiriano. – Não tenho a menor ideia do que fiz para chateá-los tanto.

– Eu o compreendo.

O portão se fechou com um guincho depois que passaram e dois mercenários começaram a arrastar uma fonte quebrada para trás dele. *Não sei quanto tempo isso vai manter uma legião do imperador lá fora.*

– Posso perguntar qual é o plano, superior? Por mais que seu palácio seja charmoso, ficar aqui sentado esperando ajuda não parece uma opção.

– Não. – Glokta lutou para subir os degraus e entrar pela porta aberta. – Precisamos chegar ao Agriont.

– Algo me diz que nossos amigos gurkenses terão a mesma ideia. Não vamos chegar lá pela superfície, isso é certo.

– Então temos de ir por baixo do solo.

Glokta adentrou as entranhas da casa mancando o mais rápido que podia, com Ardee e os mercenários a segui-lo, preocupados.

– Aqui há uma entrada para os esgotos. É possível ir até o Agriont, se a pessoa conhecer a rota.

– Esgotos? – Cosca riu. – Nada me agrada mais do que chapinhar na imundície da vida, como o senhor sabe muito bem, mas os esgotos podem ser um tanto… confusos. O senhor conhece a rota?

– Na verdade, não. – *Mas conheço um homem que diz ser capaz de achar o caminho por qualquer lugar, até por um rio de merda.* – Irmão Pé Comprido! – gritou, seguindo para a escada. – Tenho uma proposta para você!

O dia do juízo

O LORDE MARECHAL West estava parado à sombra de um celeiro abandonado, numa encosta acima das planícies férteis da Terra do Meio, com sua luneta segura com força pela mão enluvada. Ainda havia um pouco da névoa matinal nos campos de outono – colchas de retalhos feitas de marrom, verde, amarelo, salpicadas de árvores, retalhadas por cercas vivas desfolhadas. A distância West podia ver as muralhas externas de Adua, uma séria linha cinza crivada de torres. Atrás, num cinza mais claro, os contornos vagos de construções se projetavam em direção ao céu. Acima delas se erguia o fantasma altíssimo da Casa do Artífice, nítido e implacável. No fim das contas, era uma recepção sinistra.

Não havia sequer um sopro de vento. Era estranho que o ar frio estivesse tão parado. Como se não houvesse guerra, nem exércitos rivais aproximando-se, nem batalhas sangrentas programadas para começar. West vasculhou de um lado a outro com a luneta, porém não conseguiu encontrar qualquer indício dos gurkenses. Podia ser sua imaginação que criara uma cerca minúscula, lá embaixo diante da muralha, uns contornos de lanças afiadas, mas àquela distância, àquela luz, não podia ter certeza de nada.

– Eles devem estar à nossa espera. Devem estar.

– Talvez estejam dormindo até tarde – sugeriu Jalenhorm, sempre otimista.

Pike foi mais direto:

– Que diferença faz se estiverem?

– Não muita – admitiu West.

As ordens do rei Jezal tinham sido específicas. A cidade estava infestada de tropas gurkenses, e as defesas, à beira do colapso total. Não havia tempo para estratagemas inteligentes, abordagens cautelosas, sondar o inimigo em busca de pontos fracos. Ironicamente, o príncipe Ladisla decerto seria um comandante tão bom para essa situação quanto qualquer outro. Pela primeira vez as circunstâncias exigiam um ataque impressionante, seguido de perto pela morte ou a glória. Só o que West controlava era o momento em que isso aconteceria.

Brint parou seu cavalo ali perto, lançando uma chuva de terra no ar frio. Desceu da sela e fez uma saudação elegante.

– A cavalaria do general Kroy está posicionada na ala direita, lorde marechal, e pronta para atacar às suas ordens.

– Obrigado, capitão. E a infantaria dele?

– Talvez na metade do caminho para entrar em formação. Algumas

companhias ainda estão espalhadas nas estradas.

– Ainda?

– Está lamacento, senhor.

– Hã – fez ele. Sabia que os exércitos deixavam lama para trás como as lesmas deixavam uma trilha. – E Poulder?

– Numa posição semelhante, pelo que sei – respondeu Brint. – Nenhuma mensagem?

Jalenhorm balançou a cabeça.

– O general Poulder não está muito sociável esta manhã.

West olhou para a cidade, aquela distante linha cinzenta depois das plantações.

– Vai ser logo. – Mordeu o lábio, já esfolado devido a suas preocupações constantes. – Daqui a pouco. Não devemos deixar a braguilha aberta pela metade. Quando um pouco mais da infantaria chegar…

Brint estava olhando para o sul com a testa franzida.

– Senhor, aquilo é…

West acompanhou o dedo de Brint na direção que ele apontava. Na ala esquerda, onde Poulder estivera reunindo sua divisão, a cavalaria já avançava. Os cavaleiros aceleravam diante de seus olhos.

– Que diab…

Dois regimentos inteiros de cavalaria pesada partiram num galope majestoso. Milhares de homens avançando pelo terreno agrícola aberto, rodeando as árvores e as casas espalhadas, levantando um rastro de poeira. Agora West podia ouvir as batidas dos cascos, como trovão distante; quase podia sentir a vibração através das botas. O sol brilhava sobre espadas e lanças erguidas, sobre escudos e armaduras completas. Estandartes balançavam e estalavam ao vento. Era uma bela demonstração de grandeza marcial. Uma cena vívida de livro de história, com um herói musculoso, no qual palavras sem sentido como honra e justiça eram repetidas com frequência.

– Merda – rosnou West por entre os dentes trincados, sentindo a pulsação familiar atrás dos olhos.

O general Poulder estivera se coçando para montar uma de suas fabulosas cargas de cavalaria durante todo o tempo passado no Norte e no trecho de volta. Lá o terreno ruim ou o tempo ruim ou as circunstâncias ruins o haviam impedido. Agora, com as condições perfeitas, tudo levava a crer que ele não conseguira resistir à oportunidade.

– Maldito! – xingou Jalenhorm, balançando a cabeça devagar.

West soltou um rosnado de frustração e ergueu a luneta, pronto para atirá-la longe. Conseguiu se conter no último instante, obrigou-se a respirar fundo e

fechou-a com raiva. Hoje não podia se dar ao luxo de ceder à raiva.

– Bom, então é isso, não é? Ordene a carga por toda a linha!

– Soar o toque de carga! – rugiu Pike. – Soar o toque de carga!

O toque agudo da corneta soou, alto demais no ar frio da manhã, o que não ajudou nem um pouco a aliviar a dor de cabeça latejante de West. Ele enfiou uma bota enlameada no estribo e se içou de forma relutante para a sela, já dolorido por ter cavalgado a noite toda.

– Acho que devemos seguir o general Poulder para a glória. Talvez a uma distância menos honorável. Alguém ainda precisa coordenar essa trapalhada.

O som de cornetas respondendo mais adiante na linha chegou até eles e, à direita, os cavaleiros de Kroy começaram a trotar.

– Major Jalenhorm, ordene que a infantaria avance em apoio assim que ela chegar. – West remexeu a boca. – Aos poucos, se for preciso.

– Claro, lorde marechal – respondeu o grandalhão, já virando o cavalo para dar as ordens.

– Guerra – murmurou West. – Um negócio nobre.

– Senhor? – perguntou Pike.

– Nada.

Jezal subiu os últimos degraus de dois em dois, com Gorst e uma dúzia de cavaleiros nos seus calcanhares como sombras ruidosas. Passou imperiosamente pelo guarda e saiu à luz forte da manhã no topo da Torre das Correntes, muito acima da cidade invadida. O lorde marechal Varuz já estava junto ao parapeito, cercado por um punhado de seus auxiliares, todos olhando irritados para Adua. O velho soldado se mantinha de pé, rígido, as mãos cruzadas às costas, como fazia nos treinos de esgrima, muito tempo atrás. Mas naquele tempo Jezal nunca vira as mãos dele tremer. Agora tremiam, e muito. O juiz supremo Marovia se encontrava ao lado dele, com o manto preto agitado pela brisa suave.

– Quais as notícias? – perguntou Jezal.

A língua do lorde marechal passou de forma nervosa sobre os lábios.

– Os gurkenses montaram um ataque antes do alvorecer. As defesas da muralha de Arnault foram dominadas. Pouco depois, eles conseguiram desembarcar nas docas. Um grande número de homens. Lutamos bravamente para tentar manter a retaguarda, mas… bem…

Não era necessário dizer mais. À medida que Jezal se aproximava do parapeito e uma Adua ferida ficava visível, dava para enxergar claramente os gurkenses inundarem a via do Meio, os minúsculos estandartes dourados das legiões do imperador balançando acima da massa de homens como destroços na

maré reluzente. Como se notasse uma formiga no tapete e em seguida percebesse centenas delas na sala de estar, Jezal começou a perceber movimentos em outras partes, depois em todos os lugares. O coração da cidade estava coalhado de soldados gurkenses.

– Lutamos bravamente para tentar manter a retaguarda com… sucesso apenas relativo – terminou Varuz sem ânimo.

Lá embaixo uns poucos homens saíram das construções perto do portão oeste do Agriont e correram pela praça calçada de pedras diante do fosso, indo para a ponte.

– Gurkenses? – guinchou alguém.

– Não – murmurou o lorde marechal. – Aqueles são nossos.

Homens num último esforço para escapar da matança que sem dúvida acontecia na cidade arruinada. Jezal havia encarado a morte vezes suficientes para saber como eles se sentiam.

– Faça com que aqueles homens sejam trazidos para a segurança – disse com a voz ligeiramente embargada.

– Infelizmente… os portões foram lacrados, Majestade.

– Então deslacre!

Os olhos úmidos de Varuz se viraram nervosos para Marovia.

– Isso não… seria sensato.

Uma dúzia ou mais de homens havia chegado à ponte. Agora gritavam e balançavam os braços. Suas palavras se perdiam na distância, mas era impossível não perceber o tom de terror e impotência.

– Precisamos fazer alguma coisa – falou Jezal, apertando o parapeito com força. – Precisamos fazer alguma coisa! Deve haver outros lá fora, muitos outros!

Varuz pigarreou.

– Majestade…

– Não! Mande selar meu cavalo. Reúna os cavaleiros do Grupo. Eu me recuso a…

O juiz supremo Marovia havia se movido de forma a bloquear o caminho para a escada e agora olhava calmamente, com tristeza, o rosto de Jezal.

– Se o senhor abrisse o portão agora, colocaria em risco todo mundo que está dentro do Agriont. Muitos milhares de cidadãos, todos os que vieram em busca de sua proteção. Aqui podemos mantê-los a salvo, pelo menos por enquanto. Devemos mantê-los em segurança.

O olhar de Marovia deslizou para as ruas. Olhos de cores diferentes, notou Jezal, um azul e um verde.

– Devemos avaliar o bem maior – completou o juiz supremo.

– O bem maior – repetiu Jezal.

Olhou para o outro lado, para dentro do Agriont. Corajosos defensores estavam dispostos em volta da muralha, ele sabia, prontos para lutar até a morte pelo rei e pelo país, por menos estes que merecessem. Visualizou civis também, correndo pelas ruas estreitas em busca de segurança. Homens, mulheres, crianças, idosos e jovens, todos expulsos de seus lares arruinados. Pessoas a quem ele prometera proteção. Seu olhar passou por cima dos altos prédios brancos ao redor do parque verde, da ampla praça dos Marechais, pela longa via do Rei com suas estátuas grandiosas. Sabia que o Agriont estava cheio de desamparados e necessitados. Os que tinham o azar de não contar com ninguém melhor do que Jezal dan Luthar, aquela fraude covarde.

Aquilo ficou preso em sua garganta, mas ele sabia que o velho burocrata estava certo. Não havia nada que ele pudesse fazer. Tivera uma sorte terrível ao sobreviver a seu último ataque portentoso e era tarde demais para outro. Do lado de fora do Agriont, soldados gurkenses começavam a jorrar na praça diante do portão. Alguns se ajoelharam, com arcos nas mãos, e dispararam uma saraivada de flechas na direção da ponte. Gritos abafados chegaram ao topo da Torre das Correntes.

Uma saraivada em resposta estalou na muralha, salpicando os gurkenses com setas de bestas. Homens caíram, outros hesitaram e recuaram, deixando alguns corpos espalhados nas pedras do calçamento. Tentaram se abrigar nas construções ao redor da praça, homens correndo pelas sombras, de casa em casa. Um soldado da União pulou da ponte e deu algumas braçadas no fosso antes de desaparecer. Não voltou à superfície. Atrás dele um último punhado de defensores ainda se agarrava às armas em desespero. A ideia do bem maior provavelmente pouco serviria de consolo para eles ao darem o último suspiro. Jezal fechou os olhos com força e se virou para o outro lado.

– Ali! A leste!

Varuz e alguns membros de seu estado-maior haviam se apinhado em volta do parapeito mais distante, olhando para além da Casa do Artífice e na direção dos campos distantes do lado de fora da cidade. Jezal foi até eles, protegendo os olhos por causa do sol nascente. Depois da grande muralha do Agriont, passando o rio brilhante e a curva ampla da cidade, acreditou ter visto algum tipo de movimentação. Uma ampla meia-lua que se movia devagar para Adua.

Um dos oficiais baixou a luneta.

– Cavalaria! Cavalaria da União!

– Tem certeza?

– É o exército!

– Chegando atrasado à festa – murmurou Varuz –, mas nem por isso é

menos bem-vindo.

– Viva o marechal West!

– Estamos salvos!

Jezal não estava com disposição para gritar de alegria. A esperança era uma coisa ótima, claro, e andara escassa por longo tempo, mas as comemorações eram decididamente prematuras. Foi até o outro lado da torre e franziu a testa olhando para baixo.

Mais gurkenses jorravam na praça do lado de fora da cidadela, e mais ainda, e vinham bem preparados. Traziam grandes proteções de vime, cada qual suficiente para esconder vinte homens ou mais. A da frente já estava crivada de setas de bestas, mas eles continuavam a se esgueirar para a ponte. Flechas subiam e desciam. Os feridos caíam, lutavam para se arrastar para a retaguarda. Uma das construções na lateral da praça já havia pegado fogo e as chamas lambiam famintas os beirais do telhado.

– O exército! – gritou alguém nas ameias do outro lado. – O marechal West!

– É mesmo – falou Marovia e franziu a testa para a carnificina abaixo, com os sons da batalha crescendo e ficando mais frenéticos. – Tomara que não tenha chegado tarde demais.

O estrépito da luta subia pelo ar frio. Estrondos e estalos, gritos ecoantes. Logen olhou rápido para a esquerda e a direita, para os homens que corriam ao redor pelos campos abertos. A respiração acelerada sibilava, o equipamento chacoalhava, todos com carrancas rudes e armas afiadas.

Não era muito animador fazer parte daquilo outra vez.

O triste era que Logen sentira mais calor e mais confiança com Ferro e Jezal, Bayaz e Quai do que agora, entre outros como ele próprio. Aquele grupo fora bem difícil, cada um a seu modo. Não que ele os tivesse entendido de fato, ou mesmo gostado muito deles. Mas Logen gostara de si mesmo no tempo que passara com eles. Longe, no ocidente deserto do Mundo, ele fora um homem em quem era possível confiar, como seu pai. Um homem sem uma história sangrenta bafejando no ombro, sem um nome mais sombrio do que o inferno, sem necessidade de proteger a retaguarda a todo momento. Um homem com esperanças de algo melhor.

Pensar em ver aquelas pessoas de novo, ter a chance de ser aquele homem de novo, o instigava, fazia Logen querer seguir muito mais rápido para a grande muralha de Adua. Parecia, pelo menos naquele instante, que ele seria capaz de deixar o Nove Sangrento para trás.

Mas o restante dos nórdicos não compartilhava sua ansiedade. Pareciam

mais se arrastar do que se preparar para um ataque. Seguiram até um agrupamento de árvores, alguns pássaros voaram para o céu branco e eles pararam de vez. Ninguém disse nada. Um rapaz chegou a se sentar, encostado numa árvore, e começou a beber água de um cantil.

Logen o encarou.

– Pelos mortos, acho que nunca vi uma carga tão molenga como esta. Deixaram os bagos no Norte?

Houve alguns murmúrios, alguns olhares inquietos. Gorro Vermelho deu um olhar de esguelha, com a língua enfiada no lábio inferior.

– Talvez sim. Não me leve a mal, chefe, ou Vossa Alteza Real, ou sei lá o que é agora. – Baixou a cabeça demonstrando que não queria ser desrespeitoso. – Já lutei antes, e muito, estive com a vida equilibrada num gume de espada e coisa e tal. Só que, bem… por que lutar agora?, é o que estou dizendo. É o que todos nós estamos pensando, acho. Não é da nossa conta, é? Esta luta não é nossa.

– A União vai achar que nós somos um bando de covardes – falou Cachorrão, balançando a cabeça.

– Quem se importa com o que eles acham? – rebateu alguém.

Gorro Vermelho chegou perto.

– Olha, chefe, eu estou cagando e andando se algum idiota que eu nem conheço achar que sou covarde. Já derramei sangue demais por causa disso. Nós todos já derramamos.

– Uh – grunhiu Logen. – Então vocês votam por ficar aqui, é isso?

Gorro Vermelho deu de ombros.

– Bom, eu acho…

Ele guinchou de dor quando a testa de Logen se chocou contra seu rosto, esmagando-lhe o nariz como uma noz numa bigorna. Caiu de bunda, com força, sangue espirrando no queixo.

Logen virou-se para os outros e deixou a cabeça inclinada de lado, como costumava fazer. A expressão do Nove Sangrento – fria e morta, de quem não se importava com nada. Era fácil fazer isso. Parecia tão natural quanto um par de botas predileto. Sua mão encontrou o cabo frio da espada do Artífice, e a toda a volta os homens recuaram, arrastaram os pés, murmuraram e sussurraram.

– Algum outro babaca quer votar?

O garoto largou o cantil no mato e se levantou de um salto. Logen encarou alguns dos outros, um a um, quem parecesse mais durão, e um a um eles desviaram o foco para o chão, para as árvores, para qualquer coisa que não fosse ele. Até que ele se virou para Tremedeira. Aquele desgraçado cabeludo o encarou. Logen estreitou os olhos.

– E você?

Tremedeira balançou a cabeça, com o cabelo oscilando sobre o rosto.

– Ah, não. Agora, não.

– Quando você estiver preparado, então. Quando qualquer um de vocês estiver preparado. Até lá, tenho um trabalho para vocês. Armas! – rosnou.

Espadas e machados, lanças e escudos logo ficaram em posição. Homens se mexeram, encontrando seus lugares, de repente competindo para ser o primeiro a atacar. Gorro Vermelho estava se levantando, encolhendo-se com uma das mãos no rosto ensanguentado. Logen o encarou.

– Se está achando que foi injustiçado, pense no seguinte: se fosse nos velhos tempos, agora você estaria tentando manter as tripas dentro da barriga.

– É – grunhiu ele, enxugando a boca. – Está certo.

Logen o observou voltar aos seus rapazes, cuspindo sangue. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que tinha talento para transformar um amigo em inimigo.

– Precisava fazer isso? – perguntou Cachorrão.

Logen deu de ombros. Não quisera ser líder, mas agora era. Isso sempre terminava em desastre, mas ali estava ele, e um homem que comanda não pode ter homens que o questionem. Simplesmente não pode. Primeiro eles vêm com perguntas, depois com facas.

– Não consegui ver outro modo. É como sempre foi, não é?

– Eu esperava que os tempos tivessem mudado.

– Os tempos nunca mudam. É preciso ser realista, Cachorrão.

– É. Mas é uma pena.

Muitas coisas eram uma pena. Logen havia desistido de tentar consertá-las fazia muito tempo. Desembainhou a espada do Artífice e a ergueu.

– Vamos, então! E desta vez como se a gente se importasse ao menos um pouco!

Ele partiu por entre as árvores, ouvindo o restante dos rapazes acompanhá-lo. Chegaram ao descampado: as muralhas de Adua se erguiam adiante, um penhasco cinza e íngreme no topo de uma encosta coberta de grama, guarnecido de torres redondas. Havia um bom número de cadáveres caídos ao redor. O bastante para desanimar até mesmo um Carl endurecido pelas batalhas. Pela cor da pele, a maioria era de cadáveres gurkenses, esparramados em meio a todo tipo de equipamento quebrado, esmagados na terra lamacenta, pisoteados com marcas de cascos.

– Firmes! – gritou Logen enquanto corria por entre eles. – Firmes!

Viu algo adiante, uma cerca de estacas afiadas, o corpo de um cavalo pendendo numa delas. Atrás das estacas homens se moviam. Homens com arcos.

– Escudos!

Algumas setas caíram zunindo. Uma se cravou no escudo de Tremedeira, outras duas no chão em volta dos pés de Logen. Um Carl a menos de um passo dele levou uma no peito e tombou.

Logen correu. Ia se aproximando da cerca oscilante, um pouco mais devagar do que gostaria. Havia alguém entre duas estacas, um homem de rosto escuro, com um peitoral brilhante e uma pluma vermelha no elmo pontudo. Gritava para uma multidão reunida atrás e brandia uma espada curva. Um oficial gurkense, talvez. Um alvo tão bom para atacar quanto qualquer outro. As botas de Logen chapinhavam no chão revirado. Mais duas flechas passaram por ele, girando, miradas com pressa. Os olhos do oficial se arregalaram. Ele deu um passo nervoso para trás, ergueu a espada.

Logen se desviou rápido para a esquerda e a lâmina curva bateu no chão aos seus pés. Rosnou ao girar a espada do Artífice e o metal pesado retiniu contra o peitoral brilhante do oficial, deixando uma grande mossa. Ele guinchou, depois cambaleou para a frente, todo dobrado e praticamente incapaz de respirar. Sua espada voou longe e Logen o acertou na nuca, esmagou seu elmo e o jogou esparramado na lama.

Olhou para os outros, mas nenhum deles havia se movido. Eram um grupo maltrapilho, uma versão morena dos servos mais fracos que ele já vira. Nem de longe os homens implacáveis que havia esperado, pelo modo como Ferro falava dos gurkenses. Eles se amontoaram, as lanças projetando-se para um lado e para outro. Uns dois até tinham flechas preparadas nos arcos, provavelmente poderiam deixá-lo como um porco-espinho, mas não fizeram isso. Mesmo assim, partir direto para eles poderia acordá-los. Logen já havia sido flechado uma ou duas vezes e não queria repetir a dose.

Por isso, em vez de avançar, inflou o peito, mostrou toda a sua envergadura e soltou um rugido. Um rugido de luta, como o que dera ao descer a colina atacando em Carleon, tantos anos antes, quando ainda tinha todos os dedos e todas as esperanças intactas. Sentiu Cachorrão chegar ao seu lado, levantar a espada e também soltar um grito. E então Tremedeira estava com eles, urrando feito um touro e batendo o machado contra o escudo. Em seguida Gorro Vermelho, com o rosto ensanguentado, e Sinistro, e todos os demais soltavam seus gritos de guerra.

Formavam uma fila comprida, sacudindo as armas, batendo-as, rugindo, gritando e uivando a plenos pulmões, fazendo um barulho como se o próprio inferno tivesse se aberto e uma multidão de demônios cantasse as boas-vindas. Os homens marrons olharam para eles, trêmulos, de bocas escancaradas e olhos arregalados. Logen imaginou que eles nunca teriam visto nada assim.

Um deles largou a lança. Talvez não pretendesse fazer isso; simplesmente estava tão perplexo por causa do barulho e de ver tantos desgraçados malucos e cabeludos que seus dedos se abriram. Mas, tivesse sido de propósito ou não, a lança caiu, e foi o bastante. Todos começaram a largar seus equipamentos. O mais rápido que podiam, as armas batiam no capim. Parecia idiotice continuar berrando, então os gritos de guerra morreram, deixando os dois grupos a se encarar em silêncio naquele terreno lamacento, plantado com estacas inclinadas e corpos retorcidos.

– Tipo estranho de batalha, este – murmurou Tremedeira.

Cachorrão se inclinou na direção de Logen.

– O que a gente faz com eles agora?

– Não podemos ficar sentados aqui cuidando deles.

– Uh – fez Sinistro.

Logen mordeu o lábio, girou a espada várias vezes na mão, tentando pensar em algum modo inteligente de resolver isso. Não conseguia encontrar nenhum.

– Talvez a gente devesse deixar que vão embora – falou Logen.

Ele sacudiu a cabeça em direção ao norte. Nenhum deles se moveu, por isso Logen tentou de novo e apontou com a espada. Eles se encolheram e cochicharam uns com os outros quando ele a ergueu, e um deles caiu na lama.

– É só se mandarem naquela direção – disse Logen – e pronto. Só… deem o fora… Vão naquela direção! – tentou, apontando com a espada outra vez.

Um deles captou a ideia e deu um passo cauteloso para longe do grupo. Como ninguém o matou, começou a correr. Logo os outros foram atrás. Cachorrão observou os últimos partirem. Depois encolheu os ombros.

– Boa sorte para eles, acho.

– É – murmurou Logen. – Boa sorte. – Depois, tão baixo que ninguém pudesse ouvir: – Ainda estou vivo, ainda estou vivo, ainda estou vivo…

Glokta mancava pela escuridão repugnante, seguindo por um trilho fétido que não teria mais de meio passo de largura. Sua língua se remexia nas gengivas vazias. Com seu esforço de permanecer de pé, a dor na perna piorava a ponto de fazê-lo tremer de tempos em tempos e ele se esforçava ao máximo para não respirar pelo nariz. *Quando eu estava de cama, aleijado depois de voltar de Gurkhul, pensei que nunca poderia afundar mais. Quando dirigi a brutalidade de uma prisão fedorenta em Angland, pensei o mesmo. Quando trucidei um homem num abatedouro, imaginei que havia chegado ao fundo. Como estava errado!*

Cosca e seus mercenários formavam uma fila única, com Glokta entre eles.

Palavrões, resmungos e passos ecoavam no túnel, a luz dos lampiões tremeluzindo e lançando sombras oscilantes na pedra lustrosa. Uma água podre e preta pingava de cima, escorria pelas paredes cheias de musgo, gorgolejava em ralos gosmentos, corria e espumava pelo canal fétido ao lado dele. Ardee arrastava os pés atrás dele, carregando seus instrumentos sob o braço. Desistira de erguer a bainha do vestido, e o tecido estava bastante manchado pela gosma negra. Ela olhou para Glokta e, com o cabelo úmido pendendo sobre o rosto, fez um esforço débil para sorrir.

– Você sem dúvida só leva as mulheres aos melhores lugares.

– Ah, é mesmo. Minha capacidade de encontrar cenários românticos explica minha popularidade com o sexo oposto. – Glokta se encolheu com uma pontada de dor. – Apesar de ser uma monstruosidade aleijada. Para onde estamos indo agora?

Pé Comprido ia mancando à frente, amarrado por uma corda que um dos mercenários segurava.

– Para o norte! Vamos para o norte, mais ou menos. Estamos ao lado da via do Meio.

– Hã. – *Acima de nós, a menos de dez passos, estão alguns dos endereços mais elegantes da cidade. Os palácios reluzentes e um rio de merda, muito mais próximos do que a maioria gostaria de acreditar. Tudo o que é lindo tem um lado sombrio, e alguns de nós precisamos viver nele, para que outros possam rir à luz.*

O ronco de sua risada virou um guincho de pânico quando seu pé sem dedos deslizou no caminho escorregadio. Tentou se apoiar na parede com a mão livre, mas apenas deixou a bengala cair com estrondo nas pedras gosmentas.

Ardee o segurou pelo cotovelo antes que ele caísse e o puxou para que ficasse de pé. Glokta não conseguiu evitar que um doloroso gemido de menininha saísse por entre os dentes falhados.

– Não está se divertindo, não é? – falou ela.

– Já tive dias melhores.

Ele apoiou a nuca na pedra enquanto Ardee se inclinava para pegar a bengala.

– Ser traído pelos dois – pegou-se murmurando. – Isso dói. Até em mim. Um eu esperava. Um eu poderia ter aceitado. Mas os dois? Por quê?

– Porque você é um vilão implacável, calculista, amargo, pervertido e cheio de autopiedade?

Glokta a encarou e ela deu de ombros.

– Foi você que perguntou.

E partiram de novo pela escuridão nauseante.

– Era uma pergunta retórica.

– Retórica? Num esgoto?

– Esperem! – avisou Cosca.

Ergueu a mão e a procissão queixosa parou. Um som vinha de cima, a princípio baixo, depois mais alto – o estrondo rítmico de pés batendo, aproximando-se de todos os lados ao mesmo tempo, para consternação geral. Cosca se grudou à parede pegajosa, com tiras da luz do dia caindo em seu rosto de uma grade acima, a pena comprida de seu gorro pingando sujeira. Vozes desciam pela escuridão. *Vozes kanticences*. Cosca riu e apontou um dedo para cima.

– Nossos velhos amigos, os gurkenses. Esses desgraçados não desistem, não é?

– Eles se moveram depressa – grunhiu Glokta enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Imagino que não haja mais muita luta nas ruas. Todo mundo recuou para o Agriont ou se rendeu.

Render-se aos gurkenses. Glokta estremeceu ao esticar a perna. *Raramente é boa ideia, e não é algo que alguém pensaria em fazer uma segunda vez.*

– Então precisamos nos apressar. Ande logo, irmão Pé Comprido!

O navegador seguiu mancando.

– Agora não falta muito! Não guiei o senhor errado, ah, não, eu, não! Não seria do meu feitio. Agora estamos mais perto do fosso, muito perto. Se há um caminho para dentro da muralha, eu vou achar, pode contar com isso. Vou colocar o senhor dentro da muralha num…

– Cale a boca e ande logo – rosnou Glokta.

Um dos trabalhadores jogou o que restava de serragem em seu barril, outro passou um ancinho para alisar o monte de pó claro, e estava pronto. Toda a praça dos Marechais, desde as altíssimas paredes brancas do Palácio Marcial à direita de Ferro até os portões dourados da rotunda dos Lordes à esquerda, fora coberta de serragem. Era como se neve tivesse caído de repente, apenas ali, e tivesse deixado um fino cobertor sobre o calçamento. Por cima da pedra escura e do metal brilhante.

– Bom – disse Bayaz, e meneou a cabeça com satisfação. – Muito bom!

– É só isso, senhor? – gritou o capataz no meio do grupo encolhido.

– A não ser que algum de vocês queira ficar e testemunhar a destruição dos indestrutíveis Cem Palavras.

O capataz olhou de esguelha para um dos seus colegas, confuso.

– Não. Não, acho que só vamos… O senhor sabe…

Ele e os demais trabalhadores começaram a se afastar, levando os barris vazios. Logo estavam longe, em meio aos palácios brancos. Ferro e Bayaz ficaram sozinhos naquela vastidão plana coberta de serragem.

Só os dois e a caixa do Artífice – além do que ela continha.

– Pronto. A armadilha está preparada. Só precisamos esperar nossa presa.

Bayaz tentou dar sua risada sagaz, mas Ferro não se enganou. Viu as mãos nodosas do mago esfregando uma à outra, os músculos se contraindo e descontraindo na lateral da cabeça careca. Ele não tinha certeza se o plano iria funcionar. Por mais sábio que fosse, por mais sutil que fosse, por mais esperto que fosse, não podia ter certeza. A coisa na caixa, a coisa fria e pesada que Ferro ansiava por tocar era algo desconhecido. Só fora usada uma vez, longe, nas vastidões vazias do Antigo Império. A enorme ruína da destruída Aulcus.

Ferro franziu a testa e afrouxou a espada na bainha.

– Se eles vierem, isso não vai salvar você – comentou Bayaz.

– Facas nunca são demais – rosnou ela. – Como você sabe que eles ao menos virão para cá?

– O que mais eles podem fazer? Eles precisam vir para onde eu estiver. Esse é o objetivo. – Bayaz puxou o ar de forma entrecortada pelo nariz, depois o deixou sair pela boca. – E eu estou aqui.

Sacrifícios

CACHORRÃO SE ESPREMEU pelo portão junto com um jorro de homens, alguns deles nórdicos, e muitos, rapazes da União, todos entrando em enxurrada na cidade depois daquela farsa de batalha do lado de fora. Algumas pessoas espalhadas nas muralhas sobre o arco da entrada aplaudiam e ovacionavam, como se estivessem num casamento. Um gordo com avental de couro estava parado do outro lado do túnel, dando tapinhas nas costas dos homens que passavam.

– Obrigado, amigo! Obrigado! – disse e empurrou alguma coisa na mão de Cachorrão, rindo feito um louco o tempo todo.

Era um pão.

– Pão. – Cachorrão o farejou, mas o cheiro estava bom. – Que diabo é isto?

O homem tinha um monte de pães numa carroça e os entregava a qualquer soldado que passasse, nórdico ou da União.

– Quem é ele, afinal?

Sinistro deu de ombros.

– Um padeiro?

Não havia muito tempo para pensar nisso. Todos estavam sendo levados para um grande espaço cheio de homens que empurravam, resmungavam e faziam uma grande confusão. Todo tipo de soldados, além de alguns velhos e mulheres mais atrás, que começavam a se cansar de aplaudir. Um rapaz empertigado, de uniforme preto, estava em cima de uma carroça no meio dessa loucura e berrava feito uma cabra perdida.

– Oitavo regimento, para os Quatro Cantos! O nono para o Agriont! Se vocês são do décimo, entraram pela porcaria do portão errado!

– Achei que a gente deveria ir para as docas, major!

– A divisão de Poulder está cuidando das docas! Nós vamos para a parte norte da cidade! Oitavo regimento, vá para os Quatro Cantos!

– Eu sou do quarto!

– Quarto? Cadê o seu cavalo?

– Morreu!

– E nós? – rugiu Logen. – Os nórdicos!

O garoto os encarou, olhos arregalados, depois levantou as mãos.

– Só entrem aí! Se virem algum gurkense, matem! – Virou-se de novo para o portão, apontando o polegar por cima do ombro, na direção da cidade. – Nono

regimento, vá para o Agriont!

Logen fez uma careta.

– Não faz sentido ficarmos aqui.

Ele apontou para uma rua larga, cheia de soldados em movimento. Uma torre enorme se projetava acima dos prédios. Era uma coisa muito grande, devia ter sido construída num morro.

– Se nos separarmos, é só ir para lá.

Seguiu pela rua e Cachorrão foi atrás, com Sinistro em seguida e Tremedeira com seus rapazes, e por fim Gorro Vermelho e seu grupo na retaguarda. Não se passou muito tempo até que a multidão diminuísse e eles marchassem por ruas vazias, silenciosas a não ser por alguns pássaros piando felizes como sempre, sem se importar nem um pouco com a existência de uma batalha agora mesmo e se importando menos ainda se haveria outra em seguida.

Cachorrão também não pensava muito nisso, apesar de ter o arco na mão. Estava ocupado demais olhando as casas dos dois lados da rua. Casas de um tipo que ele nunca tinha visto. Feitas de pequenas pedras vermelhas quadradas e madeira preta encaixada com acabamento branco. Cada uma tinha tamanho suficiente para deixar feliz um chefe tribal, a maioria com vidros nas janelas.

– Uns palácios e tanto, hein?

Logen resfolegou.

– Está impressionado? Precisa ver o Agriont, para onde estamos indo. Os prédios de lá… você nunca sonhou com nada assim. Carleon é um chiqueiro perto deles.

Cachorrão sempre havia achado Carleon um pouco exagerada. Aquilo ali já era ridículo. Deixou-se ficar um pouco para trás, andando ao lado de Tremedeira. Partiu o pão e estendeu metade para o outro.

– Obrigado. – Tremedeira deu uma mordida na ponta, depois outra. – Nada mau.

– Não existe coisa igual a pão fresco, não é? Tem gosto de… paz, acho.

– Se você diz.

Os dois mastigaram durante um tempo, sem dizer nada. Então Cachorrão olhou de esguelha para o outro.

– Acho que você deveria deixar essa sua rixa para trás.

– Que rixa?

– Quantas você tem? A com o nosso novo rei, ali, Nove Dedos.

– Não posso dizer que não tentei. – Tremedeira franziu a testa olhando para as costas de Logen. – Mas, sempre que eu me viro, ali está ela.

– Tremedeira, você é um homem bom. Gosto de você. Todos nós gostamos. Você tem coragem, rapaz, e miolos também, e os homens seguem você. Você

pode ir longe, se não for morto, e aí é que está o problema. Não quero ver você começar uma coisa a que não possa dar um bom fim.

– Então não precisa se preocupar. Faço questão de terminar tudo o que começo.

Cachorrão balançou a cabeça.

– Não, não, não é isso que eu quero dizer, garoto, nem um pouco. Talvez você saia por cima, talvez não. O que eu quero dizer é que nenhuma das duas opções é uma vitória. O sangue traz sangue e nada mais. Quero dizer que não é tarde para você. Não é tarde para você ser melhor do que isso.

Tremedeira franziu a testa. Depois jogou fora o pedaço de pão, virou-se e foi andando sem dizer mais nada. Cachorrão suspirou. Algumas coisas não podem ser consertadas com palavras. Algumas coisas não podem ser consertadas de jeito nenhum.

Saíram do labirinto de prédios e chegaram a um rio. Devia ser tão largo quanto o Torrente Branca, só que ambas as margens eram feitas de pedra. A maior ponte que Cachorrão já vira o atravessava, com largura suficiente para duas carroças passarem lado a lado e corrimãos feitos de ferro em arco. Havia outra muralha na extremidade oposta, maior ainda do que aquela por onde haviam entrado. Cachorrão deu alguns passos, boquiaberto, olhou para um lado e outro por cima da água reluzente e viu que havia mais pontes. Muitas mais, algumas ainda maiores, destacando-se da grande floresta de casas, torres e prédios de uma altura espantosa.

Outros também fitavam, os olhos arregalados como se tivessem pisado na Lua. Até Sinistro tinha uma expressão que poderia ser de surpresa.

– Que diabos! – disse Tremedeira. – Já viu alguma coisa assim?

O pescoço de Cachorrão estava doendo de tanto olhar aquilo tudo.

– Eles têm muita coisa aqui. Por que querem a porcaria de Angland? Aquilo é um buraco.

Logen deu de ombros.

– Não sei. Alguns homens sempre querem mais, acho.



– Alguns homens sempre querem mais, não é, irmão Pé Comprido? – Glokta balançou a cabeça, desaprovando. – Eu poupei seu outro pé. Poupei sua vida. Agora você quer liberdade também?

– Superior – gemeu ele. – Se posso dizer… o senhor prometeu me soltar… Eu cumpri com minha parte do trato. Aquela porta deve se abrir para uma praça que não fica longe da Casa das Perguntas…

– Veremos.

Um último golpe violento do machado e a porta cedeu, estremecendo nas dobradiças enferrujadas, e a luz do dia se derramou no porão estreito. O mercenário de pescoço tatuado chegou para o lado e Glokta foi mancando até lá e olhou para fora. *Ah, ar puro. Um bem ao qual não costumamos dar valor.* Um curto lance de degraus subia até um pátio calçado de pedras, cercado pelos fundos sujos de construções cinza. Glokta conhecia o lugar. *Na esquina da Casa das Perguntas, como prometido.*

– Superior…? – murmurou Pé Comprido.

Glokta repuxou os lábios. *Que mal faria? É bem possível que nenhum de nós vá sobreviver até amanhã, de qualquer modo, e os mortos podem se dar ao luxo de ser misericordiosos. Na verdade, são os únicos que podem fazer isso.*

– Muito bem. Deixe-o ir.

O mercenário de um olho só pegou uma faca comprida e cortou a corda em volta dos pulsos de Pé Comprido.

– Seria melhor se eu nunca mais o visse – avisou Glokta.

O navegador tinha uma sugestão de sorriso no rosto.

– Não se preocupe, superior. Eu estava pensando exatamente a mesma coisa.

O navegador voltou mancando na direção de onde tinham vindo, desceu a escada suja na direção dos esgotos, virou uma esquina e sumiu.

– Diga que você trouxe as coisas – pediu Glokta.

– Sou indigno de confiança, superior, não incompetente – garantiu Cosca e, balançando a mão para os mercenários, avisou: – É hora, meus amigos. Vamos, vamos nos cobrir de preto.

Como se fosse ensaiado, eles puseram máscaras pretas e as afivelaram, tiraram os casacos maltrapilhos, as roupas rasgadas. Todos usavam roupa preta e limpa por baixo, da cabeça aos pés, com armas cuidadosamente acomodadas. Em questão de instantes, um bando de vilões criminosos se transformara numa organizada unidade de práticos da Inquisição de Sua Majestade. *Não que haja uma diferença muito grande entre as duas coisas.*

O próprio Cosca tirou seu casaco, virou-o rapidamente pelo avesso e o vestiu outra vez. O forro era preto como a noite.

– É sempre sensato ter uma opção de cor – explicou. – Para o caso de precisarmos mudar de lado num piscar de olhos.

A própria definição de vira-casaca. Ele tirou o chapéu e sacudiu a pena imunda.

– Posso ficar com ele? – pediu.

– Não.

– O senhor é um homem implacável, superior – falou Cosca e riu ao jogar o

chapéu para longe, nas sombras. – E eu o amo por isso.

Em seguida pôs a própria máscara e franziu a testa para Ardee, parada, confusa e exausta num canto do depósito.

– E ela?

– Ela? É uma prisioneira, prático Cosca! Uma espiã dos gurkenses. Sua Eminência exprimiu o desejo de interrogá-la pessoalmente.

Ardee piscou olhando para ele.

– É fácil – garantiu Glokta. – Basta parecer apavorada.

Ela engoliu em seco.

– Isso não deve ser problema.

Entrar na Casa das Perguntas com o objetivo de prender o arquileitor? Devo dizer que não. Glokta estalou os dedos.

– Precisamos ir.

– Precisamos ir – disse West. – Liberamos as docas? Onde diabo está Poulder?

– Parece que ninguém sabe, senhor – falou Brint.

West tentou avançar com seu cavalo, mas estavam espremidos por uma multidão que resmungava. Lanças balançavam e suas pontas chegavam perigosamente perto. Soldados xingavam. Sargentos berravam. Oficias cacarejavam como galinhas frustradas. Era difícil imaginar um terreno mais difícil do que as ruas estreitas atrás das docas para se manobrar um exército de milhares de homens. Para piorar, agora havia um fluxo agourento de feridos, que mancavam ou eram carregados, vindos da direção oposta.

– Abram espaço para o lorde marechal! – rugiu Pike. – O lorde marechal!

Ele ergueu a espada como se estivesse disposto a golpear. Os homens saíram logo do caminho, formando um vale entre as lanças que chacoalhavam. Um cavaleiro aproximou-se ruidosamente deles. Era Jalenhorm, com um corte ensanguentado na testa.

– Você está bem?

O grandalhão deu um sorriso sem graça.

– Não é nada, senhor. Bati com a cabeça na porcaria de um caibro.

– Algum progresso?

– Estamos empurrando o inimigo de volta para o lado oeste da cidade. A cavalaria de Kroy chegou aos Quatro Cantos, pelo que sei, mas os gurkenses ainda cercam a muralha do Agriont e agora estão se reagrupando e contra-atacando do oeste. Boa parte da infantaria de Kroy continua retida nas ruas do outro lado do rio. Se não levarmos reforços para lá logo…

– Preciso falar com o general Poulder – disse West com rispidez. – Onde está a porcaria do Poulder? Brint!

– Senhor?

– Pegue uns dois soldados e traga o Poulder aqui imediatamente! – Golpeou o ar com um dedo. – Em pessoa!

– Sim, senhor! – falou Brint e se esforçou para virar o cavalo.

– E no mar? Reutzer fez progressos? – perguntou West a Jalenhorm.

– Pelo que sei, ele está lutando com a frota gurkense, mas não imagino como…

O cheiro de sal podre e madeira queimada se intensificou quando saíram de entre os prédios e alcançaram o porto.

– É um inferno.

West teve que concordar.

A curva graciosa das docas de Adua tinha sido transformada num crescente de carnificina. Perto deles o cais estava enegrecido, devastado, cheio de equipamentos e corpos despedaçados. Mais adiante, multidões de homens lutavam em grupos mal organizados, as lanças projetando-se em todas as direções como espinhos de ouriço, o ar pesado com o barulho. Bandeiras da União e estandartes gurkenses se agitavam como espantalhos à brisa. O conflito épico cobria quase toda a longa extensão do litoral. Vários armazéns pegavam fogo, gerando uma onda de calor que subia e dando um ar fantasmagórico às centenas de homens que lutavam atrás deles. Longas manchas de fumaça sufocante, pretas, cinza, brancas, rolavam dos prédios em chamas e se deslocavam sobre a baía. Ali, no porto agitado, um bando de navios travava seu combate desesperado.

Embarcações iam para cá e para lá com velas enfunadas, dando meia-volta, mudando de direção, disputando posições, lançando borrifos de água longe. Catapultas arremessavam projéteis em chamas, arqueiros disparavam saraivadas incendiárias, marinheiros engatinhavam no alto das teias de aranha dos cordames. Outros navios formavam pares deselegantes presos por cordas e arpéus, como cães briguentos rosnando, e a luz do sol mostrava homens numa confusão selvagem nos conveses. Embarcações lanhadas tentavam em vão prosseguir com as velas rasgadas pendendo e os cordames cortados. Várias pegavam fogo, liberando colunas de fumaça marrom e transformando o sol baixo numa mancha. Destroços flutuavam em toda parte na água espumante – barris, caixas, tábuas quebradas e marinheiros mortos.

West reconhecia as formas das embarcações da União, com sóis amarelos bordados nas velas, e podia adivinhar quais eram os navios gurkenses. Mas também havia outros: predadores compridos, esguios, de casco preto, cada qual

com suas velas brancas marcadas com uma cruz preta. Um, em particular, era muito mais alto do que todos os outros navios no porto e estava sendo amarrado a um dos poucos molhes ainda intactos no porto.

– Nada de bom jamais vem de Talins – murmurou Pike.

– Que diabo os navios estirianos estão fazendo aqui?

O ex-presidiário apontou para um que estava abalroando a lateral de um navio gurkense.

– Lutando contra os gurkenses, pelo que parece.

– Senhor – chamou alguém –, o que devemos fazer?

A eterna pergunta. West abriu a boca, mas nada saiu. Como um homem podia ter qualquer expectativa de controlar um pouco que fosse o caos colossal que se espalhava à frente? Lembrou-se de Varuz, no deserto, andando com seu enorme estado-maior atrás. Lembrou-se de Burr, batendo nos mapas e balançando o dedo grosso. A maior responsabilidade de um comandante não era comandar, e sim parecer que sabia como fazer isso. Passou a perna dolorida por cima da sela e deslizou para as pedras pegajosas do calçamento.

– Vamos montar o quartel-general aqui, por ora. Major Jalenhorm!

– Senhor.

– Encontre o general Kroy e diga para continuar combatendo para norte e oeste, na direção do Agriont.

– Sim, senhor.

– Alguém junte alguns homens e comece a limpar esse entulho das docas. Precisamos fazer nosso pessoal passar mais depressa.

– Sim, senhor.

– E alguém me encontre o general Poulder, maldição! Cada um tem de fazer sua parte!

– O que é aquilo, agora? – resmungou Pike.

Uma procissão estranha descia pelo cais arrebentado e seguia na direção deles, quase oniricamente deslocada no meio daqueles destroços. Uma dúzia de guardas atentos, de armadura negra, flanqueava um homem. Ele tinha cabelo preto riscado de fios grisalhos e barba pontuda imaculadamente aparada. Usava botas pretas, um peitoral esguio, de aço escuro, uma capa negra de veludo caindo majestosamente de um dos ombros. Na verdade se vestia como o coveiro mais caro do mundo, mas andava com a presunção férrea reservada à mais alta realeza. Rumo direto para West, sem olhar à esquerda ou à direita, de forma que o ar de comando obrigou seus oficiais e guardas perplexos a se afastarem como limalha de ferro sendo repelida por magnetismo.

Ele estendeu a manopla da armadura preta.

– Sou o grão-duque Orso, de Talins.

A ideia, talvez, era de que West deveria se ajoelhar e beijar a mão do grão-duque. Em vez disso o militar a segurou e deu um aperto firme.

– Excelência, é uma honra.

West não tinha ideia se essa era ao menos a forma de tratamento certa. Nem de longe esperava encontrar um dos homens mais poderosos do mundo no meio de uma batalha sangrenta nas docas de Adua.

– Sou o lorde marechal West, comandante do exército de Sua Majestade. Não quero parecer ingrato, mas o senhor está longe de casa…

– Minha filha é sua rainha. Por ela o povo de Talins está disposto a fazer qualquer sacrifício. Assim que ouvi falar dos… – Ele arqueou uma sobrancelha preta para o porto em chamas. –… problemas aqui, preparei uma expedição. Os navios da minha frota, além de 10 mil das minhas melhores tropas, estão à sua disposição.

West não soube o que responder.

– Estão?

– Tomei a liberdade de desembarcá-las. Estão engajadas em expulsar os gurkenses da área sudoeste da cidade. Três Fazendas, não é como se chama?

– É… é.

O grão-duque Orso deu um sorriso finíssimo.

– Um nome pitoresco para uma área urbana. O senhor não precisa mais se preocupar com seu flanco oeste. Desejo toda a sorte com seu trabalho, lorde marechal. Se o destino quiser, vamos nos encontrar mais tarde. Vitoriosos.

Então o grão-duque curvou a cabeça magnífica e se afastou.

West ficou observando-o. Sabia que deveria estar grato pelo súbito aparecimento de 10 mil soldados estirianos para ajudá-lo, porém não pôde escapar da sensação incômoda de que ficaria mais feliz se o grão-duque Orso não tivesse vindo. Mas por enquanto tinha preocupações mais prementes.

– Lorde marechal!

Era Brint, vindo às pressas na frente de um grupo de oficiais. Uma de suas faces estava coberta por uma comprida mancha de cinzas.

– Lorde marechal, o general Poulder…

– Finalmente, maldição! – disse West com rispidez. – Agora talvez tenhamos algumas respostas. Onde diabo está o desgraçado?

Empurrou Brint para o lado e se imobilizou. Poulder estava numa maca trazida por quatro membros enlameados e arrasados de seu estado-maior. Tinha a expressão de sono pacífico, a ponto de West esperar que ele roncasse. Mas um ferimento gigantesco no peito estragava esse efeito.

– O general Poulder comandou a carga na vanguarda – disse um dos oficiais, engolindo as lágrimas. – Um sacrifício nobre…

West olhou para baixo. Quantas vezes quisera ver aquele sujeito morto? Levou uma das mãos bruscamente ao rosto, com uma súbita onda de náusea.

– Maldição – sussurrou.



– Maldição! – sibilou Glokta quando torceu o tornozelo frágil no último degrau e quase caiu de cara.

Um inquisidor ossudo que vinha na direção oposta o encarou por um longo instante.

– Algum problema? – rosnou Glokta.

O sujeito baixou a cabeça e passou às pressas, mudo.

Clic, *tap*, dor. O corredor na penumbra passava com lentidão agonizante. Agora cada passo era um sofrimento, mas ele se obrigava a continuar, as pernas ardendo, o pé latejando, o pescoço doendo, o suor escorrendo pelas costas tortas sob as roupas, um vinco de indiferença na boca desdentada. A cada respiração dificultosa e cada grunhido através do prédio ele havia esperado uma interpelação. A cada repuxão e espasmo estivera na expectativa de que práticos jorrassem das portas e o trucidassem junto com seus capangas mal disfarçados como se todos fossem porcos.

Mas as poucas pessoas nervosas por quem eles passavam mal levantavam os olhos. *O medo os deixou frouxos. O mundo está à beira de um precipício. Todos estão apavorados com a ideia de dar um passo, pensando que poderiam colocar o pé no vazio. É o instinto de autopreservação. Pode destruir a eficiência da pessoa.*

Passou mancando pela porta aberta e entrou na antessala do gabinete do arquileitor. O secretário levantou a cabeça de imediato.

– Superior Glokta! O senhor não pode simplesmente… – Tropeçou nas palavras quando os mercenários começaram a entrar na sala estreita. – Quero dizer… o senhor não pode…

– Silêncio! Estou agindo por ordens expressas do próprio rei. – *Bom, todo mundo mente. A diferença entre um herói e um vilão depende de alguém acreditar nele.* – Saiam do caminho! – sibilou para os dois práticos que flanqueavam a porta. – Ou preparem-se para responder por isso.

Eles se entreolharam, levantaram as mãos ao mesmo tempo e se permitiram ser desarmados. *É o instinto de autopreservação. Uma nítida desvantagem.*

Glokta parou diante da porta. *Aqui me encolhi tantas vezes ao bel-prazer de Sua Eminência.* Seus dedos formigaram de encontro à madeira. *Será que pode ser tão fácil? Simplesmente entrar em plena luz do dia e prender o homem mais poderoso da União?* Precisou conter um risinho. *Se ao menos eu tivesse pensado*

nisso antes! Girou a maçaneta e passou.

A sala de Sult continuava a mesma. As grandes janelas com vista para a Universidade, a gigantesca mesa redonda com seu mapa da União feito com joias, as cadeiras ornamentadas e os retratos sérios. Mas não era Sult que estava sentado na cadeira alta. Era ninguém menos do que seu bichinho de estimação, o superior Goyle. *Estamos experimentando o grande assento para ver se cabe, é? Acho que é grande demais para você.*

A primeira reação de Goyle foi de ultraje. *Como ousa invadir este lugar assim?* A segunda foi de confusão. *Quem ousaria invadir este lugar assim?* A terceira foi de choque. *O aleijado? Mas como?* A quarta, quando viu Cosca e quatro de seus homens seguindo Glokta pela porta, foi de horror. *Agora estamos chegando a algum lugar.*

– Você! – sibilou ele. – Mas você foi…

– Trucidado? Mudança de planos, infelizmente. Onde está Sult?

O olhar de Goyle saltou pelo cômodo, passando pelo mercenário que parecia anão, pelo que tinha um gancho no lugar de uma das mãos, pelo que tinha furúnculos horríveis, e pousou em Cosca, que caminhava cheio de si pelo canto da sala com uma das mãos no cabo da espada.

– Eu pago a você! O dobro do que ele estiver pagando!

Cosca estendeu a mão aberta.

– Prefiro em dinheiro vivo.

– Agora? Não tenho… não tenho comigo!

– Que pena, mas eu trabalho com o mesmo princípio de uma prostituta. Não se compra diversão com promessas, amigo. Nenhuma diversão.

– Espere! – pediu Goyle, que se levantou trôpego e deu um passo para trás, as mãos trêmulas estendidas. *Mas não há para onde ir, a não ser pela janela. Esse é o problema da ambição. Quando você está sempre olhando para cima, é fácil esquecer que o único modo de sair das alturas estonteantes é por uma queda longa.*

– Sente-se, Goyle – rosnou Glokta.

Cosca o pegou pelo pulso direito e torceu seu braço violentamente às costas, fazendo-o guinchar de dor e forçando-o a voltar para a cadeira. Segurou-o pelo pescoço e esmagou seu rosto contra o lindo mapa da União. Com um estalo agudo, seu nariz se quebrou, espirrando sangue pela parte ocidental da Terra do Meio.

Nem um pouco sutil, mas, afinal de contas, o tempo das sutilezas ficou para trás. A confissão do arquileitor ou de alguém próximo dele… Sult seria melhor, mas, se não pudermos ter o cérebro, acho que devemos nos virar com o cu.

– Onde está aquela garota com meus instrumentos?

Ardee entrou com cautela, foi devagar até a mesa e pousou a caixa.

Glokta estalou os dedos e apontou. O mercenário gordo veio e segurou o braço livre de Goyle, esticando-o com força sobre a mesa.

– Imagino que você ache que sabe muito sobre tortura, hein, Goyle? Mas, acredite, você não entende de fato uma coisa se não passou algum tempo dos dois lados da mesa.

– Seu desgraçado louco! – O superior se retorceu, manchando a União de sangue com o rosto. – Você passou dos limites!

– Limites? – Glokta soltou uma gargalhada. – Passei a noite cortando os dedos de um dos meus amigos e matando outro e você ousa me falar de *limites*?

Abriu a tampa da caixa e seus instrumentos se exibiram.

– O único limite que importa é o que separa os fortes dos fracos. O homem que faz as perguntas do que responde. Não há outros limites – falou e, inclinando-se, apertou a ponta do dedo contra a lateral do crânio de Goyle. – Tudo está na sua cabeça! Algemas, por favor.

– Hein? – disse Cosca e olhou para o mercenário gordo, que deu de ombros, remexendo as tatuagens borradas do pescoço grosso.

– Pffft – fez o anão.

O cara de furúnculo ficou quieto. O mercenário maneta havia baixado a máscara e estava ocupado tirando meleca com o gancho.

Glokta arqueou as costas e deu um suspiro fundo. *Não há como substituir empregados experientes.*

– Então acho que precisamos improvisar.

Pegou uma dúzia de pregos compridos e os espalhou tilintando pela mesa. Segurou o martelo de cabeça polida.

– Acho que você já entendeu aonde vamos com isso.

– Não. Não! Podemos dar um jeito, podemos…

Glokta encostou a ponta de um prego no pulso de Goyle.

– Ah! Espere! Espere!

– Quer fazer a gentileza de segurar isto? Só tenho uma mão livre.

Cosca segurou o prego cuidadosamente entre o indicador e o polegar.

– Mas trate de mirar direito esse martelo, hein?

– Não se preocupe. Sou bastante preciso. – *Tenho bastante prática.*

– Espere! – guinchou Goyle.

O martelo produziu três estalos metálicos, um som baixo quase frustrante, ao cravar o prego entre os ossos do antebraço de Goyle e fincá-lo no tampo. O homem rugiu de dor, espirrando cuspe sangrento sobre a mesa.

– Ora, superior, comparado com o que você fazia com seus prisioneiros em Angland, isso é muito infantil. Tente se conter. Se gritar assim agora, não vai ter

aonde ir mais tarde.

O mercenário gordo segurou o outro pulso de Goyle com as mãos rechonchudas e a arrastou pelo mapa da União.

– Prego? – sugeriu Cosca, levantando uma sobrancelha.

– Você está pegando o jeito.

– Espere! Ah! Espere!

– Por quê? Isto é o mais perto que cheguei de me divertir em seis anos. Não atrapalhe meu pequeno momento de alegria. Tenho tão poucos!

Glokta levantou o martelo.

– Espere!

Plá. Goyle rugiu de dor outra vez. Plá. E outra vez. Plá. O prego o atravessou, e o antigo flagelo das colônias penais de Angland ficou preso pelos dois braços. *Acho que é até aí que a ambição o leva, quando você não tem talento. É mais fácil ensinar humildade do que seria de pensar. Para furar a arrogância, basta um ou dois pregos no lugar certo.* A respiração de Goyle sibilou entre os dentes ensanguentados, os dedos presos arranhando a madeira. Glokta balançou a cabeça em desaprovação.

– Se eu fosse você, pararia de lutar. Só vai rasgar a carne.

– Você vai pagar por isso, seu aleijado maldito! Não pense que não vai!

– Ah, eu já paguei – assegurou Glokta e virou o pescoço num círculo vagaroso, tentando fazer os músculos relutantes do ombro se soltarem só um pouquinho. – Fui mantido, não sei bem por quanto tempo, mas imagino que vários meses, numa cela que não era maior do que um gaveteiro. Pequena demais para ficar de pé ou mesmo me sentar com as costas eretas. Ajoelhado na gosma fedorenta da minha própria merda, retorcendo-me, espremendo-me e tentando respirar. Implorando a água que meus carcereiros deixavam pingar de uma grade. Às vezes eles mijavam por ela, e eu agradecia. Desde então nunca mais consegui ficar ereto. Realmente não faço ideia de como permaneci são.

Glokta pensou por um momento, depois deu de ombros.

– Talvez não tenha conseguido. De qualquer modo, esse é o tipo de sacrifício que eu fiz. Que sacrifícios você fará, só para manter os segredos de Sult?

Nenhuma resposta, a não ser o sangue escorrendo por baixo dos antebraços de Goyle, empoçando ao redor da pedra brilhante que marcava a Casa das Perguntas da cidade de Keln.

– Hã – murmurou Glokta e segurou a bengala com força para se inclinar e sussurrar no ouvido de Goyle: – Há um trechinho de carne entre seus bagos e seu cu. Você nunca o vê, a não ser que seja um contorcionista ou que goste de espelhos de um modo pouco comum. Você sabe de onde estou falando. Os

homens passam horas pensando na área que fica à frente dele e quase um tempo igual na área atrás, mas aquele trechinho de carne? É ignorado de maneira injusta.

Glokta pegou alguns pregos e os balançou devagar diante do rosto de Goyle.

– Hoje pretendo consertar isso. Vou começar ali e trabalhar para fora, e acredite: assim que eu terminar, você vai pensar nesse trechinho de carne pelo resto da vida. Ou pelo menos vai pensar no local onde ele costumava existir. Prático Cosca, quer fazer a gentileza de ajudar o superior a tirar as calças?

– A Universidade! – berrou Goyle, com uma camada de suor na careca. – Sult! Ele está na Universidade!

Tão cedo? É quase decepcionante. Mas poucos valentões aceitam bem uma surra.

– O que ele está fazendo lá num momento assim?

– Eu… eu não…

– Não está bom. Calças, por favor.

– Silber! Ele está com Silber!

Glokta franziu a testa.

– O administrador da Universidade?

O olhar de Goyle saltou de Glokta para Cosca e de volta. Ele fechou os olhos com força.

– O adepto demoníaco!

Houve uma longa pausa.

– O quê?

– Silber não só chefia a Universidade! Ele faz… experiências.

– Experiências de que natureza? – perguntou Glokta, batendo com força na cabeça ensanguentada de Goyle com o martelo. – Antes que eu pregue sua língua à mesa.

– Experiências ocultas! Sult andou lhe dando dinheiro por longo tempo! Desde que o Primeiro dos Magos apareceu! Antes, talvez.

Experiências ocultas? Financiamento do arquileitor? Não parece do estilo de Sult, mas explica por que a porcaria daqueles adeptos esperavam dinheiro meu quando visitei o lugar pela primeira vez. E por que Vitari e seu circo montaram as tendas por lá.

– Que experiências?

– Silber… pode fazer contato… com o Outro Lado!

– O quê?

– É verdade! Eu vi! Ele consegue descobrir coisas, segredos que não há outro modo de conhecer, e agora…

– Sim?

– Ele disse que encontrou um modo de trazê-los!

– Trazer quem?

– Os contadores de segredos, como ele chama.

Glokta lambeu os lábios.

– Demônios? – *E eu achando que Sua Eminência não tivesse paciência para superstições, quando o tempo todo… Que desplante do sujeito!*

– Ele diz que pode mandá-los contra seus inimigos. Contra os inimigos do arquileitor! Eles estão prontos para fazer isso!

Glokta sentiu o olho esquerdo tremer e apertou as costas da mão contra ele. *Há um ano eu teria morrido de rir e pregado o sujeito no teto. Mas agora as coisas são diferentes. Nós estivemos dentro da Casa do Artífice. Vimos Shickel sorrir enquanto pegava fogo. Se existem comedores e magos, por que não haveria demônios? Como poderia não haver?*

– Que inimigos?

– O juiz supremo! O Primeiro dos Magos! – Goyle fechou os olhos com força outra vez. – O rei – gemeu.

Ahhh. O rei. Essas duas palavras são meu tipo de magia. Glokta se virou para Ardee e lhe exibiu seu sorriso com a falha enorme entre os dentes da frente.

– Poderia fazer a gentileza de preparar um documento de confissão?

– Se eu poderia…

Ela o encarou por um momento, os olhos arregalados no rosto pálido, depois correu até a mesa do arquileitor, pegou um papel e uma pena, mergulhou-a num tinteiro. Fez uma pausa, com a mão trêmula.

– O que devo escrever?

– Ah, algo do tipo: "Eu, o superior Goyle, confesso que sou cúmplice de uma trama traiçoeira de Sua Eminência, o arquileitor Sult, para…" – *Que palavras escolher?* Levantou as sobrancelhas. *De que outro modo chamar além do que é de fato?* – "… usar artes diabólicas contra Sua Majestade, o rei, e membros de seu Conselho Fechado."

A pena raspou desajeitadamente o papel, espalhando pingos de tinta. Ardee o estendeu para Glokta.

– Está bom?

Glokta se lembrou dos lindos documentos que o prático Frost costumava preparar. A letra elegante e floreada, a escolha imaculada das palavras. *Cada documento de confissão era uma obra de arte.* Olhou com tristeza para o serviço malfeito, sujo de tinta.

– Está a um passo de ser ilegível, mas vai servir.

Enfiou o papel embaixo da mão trêmula de Goyle, depois pegou a pena de

Ardee e a enfiou entre os dedos dele.

– Assine.

Goyle soluçou, bufou, rabiscou seu nome no fim da página do melhor modo que podia, com o braço pregado. *Venci, e pela primeira vez o gosto é quase doce.*

– Excelente – disse. – Arranquem esses pregos e arranjem algum tipo de bandagem. Seria uma pena se ele sangrasse até a morte antes de ter a chance de testemunhar. Mas coloquem uma mordaça nele. Por enquanto já ouvi o suficiente. Vamos levá-lo ao juiz supremo.

– Espere! Espere! Aurrrrg!

Os gritos de Goyle foram interrompidos quando o mercenário dos furúnculos enfiou um pedaço de pano sujo em sua boca. O anão pegou o alicate na caixa. *Chegamos até aqui e ainda estamos vivos. Quais são as chances disso?* Glokta foi mancando até a janela e parou para esticar as pernas doloridas. Ouviu um grito abafado quando o primeiro prego foi arrancado do braço de Goyle, mas os pensamentos de Glokta estavam em outro lugar. Olhou para a Universidade, cujos pináculos subiam pela penumbra enfumaçada como dedos em garras. *Experiências ocultas? Invocar e comandar?* Lambeu azedamente as gengivas vazias. *O que está acontecendo por lá?*



– O que está acontecendo por lá?

Jezal andava de um lado para outro no terraço da Torre das Correntes, de um modo que ele esperava que lembrasse um tigre enjaulado, mas provavelmente era mais parecido com um criminoso na manhã de seu enforcamento.

A fumaça havia criado sobre a cidade um véu fuliginoso que tornava impossível saber o que acontecia a mais de 800 metros de distância. De tempos em tempos, membros do estado-maior de Varuz espalhados nos parapeitos ao redor gritavam notícias inúteis e absurdamente contraditórias. Havia luta nos Quatro Cantos, na via do Meio, por toda a parte central da cidade. Havia lutas em terra e no mar. Ora toda a esperança era perdida, ora eles estavam em vias de obter a vitória. Mas de uma coisa não existia dúvida: lá embaixo, para além do fosso do Agriont, os esforços dos gurkenses continuavam sinistramente implacáveis.

Uma chuva de setas de bestas continuava a cair na praça do lado de fora do portão, mas para cada cadáver gurkense, para cada ferido que eles arrastavam para longe, mais cinco eram vomitados dos prédios em chamas como abelhas saindo de uma colmeia partida. Soldados chegavam lá embaixo às centenas para

cercar todo o Agriont num círculo cada vez mais apertado de homens e aço. Agachavam-se atrás de suas proteções de vime, disparavam flechas em direção às ameias. As batidas dos tambores se aproximavam e agora ecoavam ao redor da cidade. Olhando através de sua luneta, com cada músculo retesado para tentar mantê-la firme, Jezal havia começado a notar figuras estranhas espalhadas lá embaixo.

Figuras altas e graciosas, destacadas pelas armaduras brancas peroladas com acabamento em ouro reluzente. Moviam-se entre os soldados gurkenses apontando, ordenando, direcionando. Agora apontavam frequentemente para a ponte que dava no portão oeste do Agriont. Pensamentos sombrios surgiam na mente de Jezal. Seriam os Cem Palavras de Khalul? Trazidos dos cantos sombrios da história para levar o Primeiro dos Magos à justiça?

– Daria para suspeitar que estão preparando um ataque.

– Não há motivo para alarme – grasnou Varuz. – Nossas defesas são inexpugnáveis.

Sua voz oscilou, depois falhou de vez na última palavra, de forma que ele conseguiu fazer muito pouco para tranquilizar alguém. Apenas algumas curtas semanas antes, ninguém ousaria sugerir que o Agriont seria tomado. Mas ninguém imaginaria que legiões de soldados gurkenses o cercariam, tampouco. Obviamente as regras haviam mudado. Um som intenso de trombetas soou.

– Lá embaixo – murmurou um oficial.

Jezal espiou através da luneta emprestada. Algum tipo de carroça enorme havia sido trazida pelas ruas, como uma casa de madeira sobre rodas coberta de placas de metal batido. Agora soldados gurkenses colocavam barris dentro dela, sob a orientação de dois homens de armadura branca.

– Pó explosivo – disse alguém, o que não ajudou muito.

Jezal sentiu a mão de Marovia em seu braço.

– Majestade, seria melhor se o senhor se retirasse.

– E se não estou seguro aqui… onde, exatamente, você acha que eu estaria fora de perigo?

– O marechal West vai nos libertar em breve, tenho certeza. Mas enquanto isso o palácio é o local mais seguro. Vou acompanhá-lo. – Deu um sorriso como se pedisse desculpas. – Na minha idade, infelizmente serei pouco útil na muralha.

Gorst estendeu a mão com a manopla de armadura na direção da escada.

– Por aqui.



– Por aqui – resmungou Glokta, mancando pelo corredor o mais rápido que

seus pés arruinados permitiam, com Cosca logo atrás. *Clic*, *tap*, dor.

Só um secretário permanecia do lado de fora da sala do juiz supremo, olhando com desaprovação por cima dos óculos brilhantes. *Sem dúvida o restante colocou armaduras improvisadas e está nas muralhas. Ou, mais provavelmente, trancou-se em porões. Quem me dera eu estivesse com eles!*

– Infelizmente o Meritíssimo está ocupado.

– Ah, ele vai me receber, não se preocupe.

Glokta passou mancando, pôs a mão na maçaneta de latão da sala de Marovia e quase saltou para trás, de surpresa. O metal estava gelado. *Gelado feito o inferno.* Virou a maçaneta com as pontas dos dedos e abriu uma fresta. Um sopro de vapor branco saiu para o corredor, como a névoa gélida que pairava sobre os vales nevados de Angland no inverno.

Fazia um frio mortal na sala. A pesada mobília de madeira, os velhos lambris de carvalho, os vidros sujos das janelas, tudo brilhava com uma geada branca. Os montes de papéis jurídicos estavam cobertos de gelo. Uma garrafa de vinho numa mesa junto à porta havia se despedaçado, deixando para trás um bloco de gelo cor-de-rosa em forma de garrafa e cacos reluzentes.

– Que diabo…

A respiração de Glokta virou fumaça diante de seus lábios doloridos. Havia objetos misteriosos espalhados na sala invernal. Um pedaço comprido e sinuoso de tubo preto estava congelado junto ao lambri, como uma linguiça deixada na neve. Pedaços de gelo preto se espalhavam nos livros, na mesa, no tapete endurecido. Havia fragmentos rosados congelados no teto, longas lascas congeladas no chão…

Restos humanos?

Um grande naco de carne gelada, parcialmente coberto de flocos de gelo, jazia no meio da mesa. Glokta virou a cabeça de lado para ver melhor. Havia uma boca, ainda com alguns dentes, uma orelha, um olho. Alguns fios de barba comprida. O bastante, no fim das contas, para Glokta reconhecer de quem eram aquelas partes tão espalhadas na sala gélida. *De quem seria, senão de minha última esperança, meu terceiro pretendente, o juiz supremo Marovia?*

Cosca pigarreou.

– Parece que seu amigo Silber tem algo a contar a seu favor, afinal de contas.

Um eufemismo de proporções demoníacas. Glokta sentiu os músculos em volta do olho esquerdo estremecerem com intensidade dolorosa. O secretário do juiz chegou à porta atrás deles, espiou, ofegou e se afastou de imediato. Glokta o escutou vomitar ruidosamente do lado de fora.

– Duvido que o juiz supremo vá ajudar muito.

– Verdade. Mas não está ficando um pouco tarde para os seus papéis e coisa e tal, afinal de contas? – falou Cosca e fez um gesto na direção das janelas, salpicadas e manchadas de sangue sujo. – Os gurkenses estão vindo, lembra? Se o senhor tem contas a acertar, acerte agora, antes que nossos amigos de Kanta rasguem todos os recibos. Quando os planos fracassam, o que resta é a ação rápida, não é, superior?

Levou a mão à nuca, desafivelou a máscara e deixou-a cair.

– É hora de rir na cara do seu inimigo! Arriscar tudo num último golpe! O senhor pode recolher os pedaços depois. Se eles não voltarem a se juntar, bom, qual é a diferença? Amanhã talvez todos nós estejamos vivendo num mundo diferente.

Ou morrendo num mundo diferente. Não é como queríamos, talvez, mas ele está certo. Talvez devêssemos pegar emprestado um último fiapo da ousadia do coronel Glokta antes do jogo terminar, não é?

– Será que ainda possa contar com sua ajuda?

Cosca lhe deu um tapa no ombro que provocou um tremor dolorido em suas costas tortas.

– Um nobre esforço final apesar de todas as adversidades? Claro! Mas devo mencionar que geralmente cobro o dobro quando há artes diabólicas envolvidas.

– O que acha do triplo? – *Afinal de contas, Valint e Balk têm bolsos fundos.*

O riso de Cosca ficou mais largo.

– Parece bom.

– E seus homens? São confiáveis?

– Ainda estão esperando quatro quintos do pagamento. Até receberem, eu confio minha vida a qualquer um deles.

– Bom. Então estamos preparados.

Glokta remexeu o pé dolorido dentro da bota. *Só um pouco mais agora, minha belezura sem dedos. Só mais alguns passos espasmódicos e, de um modo ou de outro, nós dois poderemos descansar.* Abriu os dedos e deixou a confissão de Goyle cair no chão gelado.

– Para a Universidade, então! Sua Eminência nunca gostou de esperar.

Abra a caixa

LOGEN PODIA SENTIR a hesitação nos homens à sua volta, podia ver a preocupação nos rostos, no modo como seguravam as armas, e não os culpava. Um homem pode ser intrépido junto à própria porta, contra inimigos que ele entende, mas leve-o por longos quilômetros sobre o mar salgado até locais estranhos com os quais ele nunca sonhou e ele vai se apavorar diante de cada porta aberta. E agora havia uma quantidade enorme delas.

A cidade das torres brancas, onde Logen entrara apressado atrás do Primeiro dos Magos, pasmo com a escala das construções, a estranheza das pessoas, a quantidade das duas coisas, havia se tornado um labirinto de ruínas enegrecidas. Eles se esgueiravam por ruas vazias ladeadas pelos enormes esqueletos de casas queimadas, caibros calcinados espetando o céu. Enfurnavam-se por praças vazias, cheias de entulho e cobertas com uma camada de cinzas. E sempre com o som da batalha ecoando, fantasmagórico – perto, longe, por toda parte.

Era como se tivessem entrado no inferno.

– Como a gente luta nisto? – sussurrou Cachorrão.

Logen queria ter uma resposta. Lutar em florestas, em montanhas, em vales, eles haviam feito isso uma centena de vezes e conheciam as regras. Mas isto? Seu olhar saltava nervoso pelas janelas e portas escancaradas, as pilhas de pedras caídas. Tantos lugares para um inimigo se esconder.

Tudo o que Logen podia fazer era ir na direção da Casa do Artífice e torcer pelo melhor. O que aconteceria quando chegassem, ele não sabia direito, mas parecia uma boa aposta a de que haveria sangue envolvido. Nada que fizesse o menor bem para qualquer um, provavelmente, mas o fato era que ele dissera para prosseguirem, e uma coisa que um líder não pode fazer é mudar de ideia.

O rugido da luta ficava mais alto, e mais alto ainda. O fedor de fumaça e raiva incomodava o nariz, travava a garganta. O metal riscado da espada do Artífice estava escorregadio na palma de sua mão suada. Ele se esgueirou abaixado, por cima de um monte de entulho e ao longo de uma parede despedaçada, a mão aberta atrás do corpo, avisando para terem cuidado. Chegou à esquina e espiou ao redor.

O Agriont erguia-se logo adiante, grandes muralhas e torres negras contra o céu branco, com um segundo conjunto refletido no fosso embaixo. Havia um monte de homens reunidos perto da água, apinhados no espaço calçado de

pedras até onde Logen podia ver. Não era preciso ter uma mente brilhante para perceber que eram gurkenses. Flechas voavam na direção das ameias, setas voavam de volta, ricocheteando nas pedras do calçamento, cravando-se trêmulas em proteções de vime.

A menos de trinta passos, eles haviam formado uma linha, virados para a cidade. Uma boa linha, organizada, crivada de lanças arrumadas dos dois lados de um estandarte alto, com letras douradas reluzindo. Uma linha rígida, de homens severos, bem armados e com boas armaduras, nem um pouco parecidos com o lixo que eles haviam encarado do lado de fora da muralha. Logen achou que gritar não faria com que aquele pessoal fosse a lugar nenhum. A não ser direto para cima dele, talvez.

– Opa! – murmurou Cachorrão, chegando perto.

Mais alguns nórdicos o seguiram, espalhando-se na entrada da rua, olhando ao redor sem noção.

Logen fez sinal para eles com o braço.

– Seria melhor se a gente ficasse fora da vista dos…

Um oficial no meio da linha gurkense gritou em sua língua áspera e apontou na direção deles com a espada curva. Armaduras chacoalharam enquanto os homens ajustavam as lanças.

– Merda – sibilou Logen.

Eles avançaram, depressa mas organizados. Uma massa de homens cheios de metal brilhante e afiado.

Só existem três opções quando você é atacado. Fugir, aguentar firme onde está ou atacar também. Fugir geralmente não é uma opção ruim, mas, dado o modo como os outros rapazes estavam se sentindo, se fugissem não parariam de correr até caírem no mar. Se ficassem onde estavam, todos confusos e perplexos depois de atravessarem a cidade, eram grandes as chances de que não conseguissem manter suas posições, o que deixaria alguns mortos e não faria nada pelos outros. Com isso, restava apenas uma opção, logo, não era uma operação de fato.

Dois ataques num dia. Sorte de merda, mas não adiantava reclamar. É preciso ser realista.

Logen começou a correr. Não como queria, mas para a frente, saindo de entre os prédios e atravessando o calçamento na direção do fosso. Não pensou muito se alguém o seguia. Estava ocupado demais gritando e girando a espada. O primeiro a entrar na matança, como nos velhos tempos. Um final adequado para o Nove Sangrento. Daria uma boa canção, talvez, se alguém se desse o trabalho de fazer uma melodia para ela. Trincou os dentes à espera do impacto terrível.

Então uma multidão de soldados da União jorrou dos prédios à esquerda, também gritando feito loucos. A carga gurkense hesitou, sua linha começou a se partir, lanças balançando de forma selvagem enquanto os homens se viravam para enfrentar a súbita ameaça. Um bônus inesperado, sem dúvida.

A União se chocou contra o final da linha. Homens guinchavam e berravam, metal retinia contra metal, armas relampejavam, corpos caíam, e Logen avançou no meio daquilo. Passou por uma lança oscilante, tentou acertar um soldado gurkense. Errou e acertou outro, e o fez berrar, com sangue borbulhando pela cota de malha. Trombou em outro com o ombro e o jogou de costas, pisou na lateral de seu rosto e o sentiu partir-se embaixo da bota.

O oficial gurkense que havia comandado a carga estava a apenas um passo de distância, com a espada preparada. Logen ouviu uma corda de arco soar atrás de si e uma flecha acertou o oficial perto da clavícula. Meio girando, ele inspirou, trêmulo, para gritar. Logen abriu um talho fundo na placa que protegia suas costas, fazendo o sangue jorrar. Homens se espremiam contra os restos da linha no entorno. Um cabo de lança se dobrou e partiu-se, fazendo lascas voarem junto ao rosto de Logen. Alguém rugiu ao lado dele e fez seu ouvido zumbir. Ele virou a cabeça bruscamente e viu um Carl levantar a mão, desesperado, e uma espada curva fazer seu polegar sair voando. Logen golpeou na cara o soldado gurkense que havia cortado o dedo do Carl, a lâmina pesada da espada do Artífice pegando-o na bochecha e escancarando o crânio.

Uma lança relampejou em sua direção. Logen tentou se virar de lado e ofegou quando a ponta atravessou sua camisa e desceu pelo lado direito, traçando uma linha fria embaixo das costelas. O homem que a segurava tropeçou na direção dele, movendo-se depressa demais para parar. Logen o atravessou com a espada, logo embaixo do peitoral, e terminou piscando na cara dele. Era um soldado da União, com barba ruiva falhada no rosto.

O homem franziu a testa, perplexo ao ver outro rosto branco.

– O que… – grasnou, agarrando-o.

Logen se afastou, com uma das mãos comprimindo a lateral do corpo. Estava molhado ali. Imaginou se a lança o teria arranhado ou atravessado. Imaginou se ela já o teria matado e se lhe restavam apenas alguns instantes sangrentos.

Então algo o acertou na nuca e ele começou a girar, berrando, sem saber o que acontecia. Seus membros eram feitos de lama. O mundo oscilava, cheio de terra e gumes que voavam. Golpeou alguma coisa, chutou outra. Agarrou alguém, rosnando, soltou a mão e pegou sem jeito uma faca, esfaqueou um pescoço, e o sangue preto fluiu. Os sons de batalha rugiam e zumbiam em seus ouvidos. Um homem passou cambaleando com parte do rosto pendurada. Do

lado Logen pôde ver dentro da boca mutilada, pedaços de dentes caindo para fora.

O corte na lateral de seu corpo queimava e tirava seu fôlego. A pancada na cabeça fazia a pulsação martelar o crânio, fazia o mundo turvo oscilar de um lado para outro. Sua boca estava cheia do gosto salgado e metálico de sangue. Sentiu um toque no ombro e girou bruscamente, os dentes à mostra, os dedos apertando com força o cabo da espada do Artífice.

Cachorrão o soltou e levantou as mãos.

– Sou eu! Sou eu!

Logen viu quem era. Mas agora não era sua mão que segurava a espada, e o Nove Sangrento só via o trabalho que precisava ser feito.

Que rebanho curioso este pastor aleijado adquiriu! Duas dúzias de falsos práticos seguiam Glokta pelas ruas desertas do Agriont, com Nicomo Cosca, infame mercenário, andando presunçoso à frente. *Todas as minhas esperanças entregues aos homens menos confiáveis do mundo.* Um deles puxava o superior Goyle, que ia amarrado e amordaçado, tropeçando na outra ponta da corda. *Como um cão relutante sendo levado para passear.* Ardee West seguia no meio deles, o vestido branco sujo de esgoto e do sangue de vários homens, o rosto manchado de hematomas e o queixo caído de assombro. *Sem dúvida resultado dos vários horrores que testemunhou hoje. Todos cabriolando pelo Agriont atrás do único superior aleijado da Inquisição. Uma alegre dança para o inferno, acompanhados pelos sons da batalha distante.*

Parou bruscamente. Uma passagem em arco ao lado levava através da praça dos Marechais e, por algum motivo fora de sua compreensão, todo o espaço aberto fora coberto de serragem. No centro daquela vastidão branco-amarelada, perfeitamente reconhecível mesmo àquela distância, estava o Primeiro dos Magos, esperando de pé. Ao lado dele estava a mulher de pele escura que quase havia afogado Glokta na banheira. *Minhas duas pessoas prediletas em todo o mundo, sem dúvida.*

– Bayaz – sibilou Glokta.

– Não há tempo para isso – falou Cosca.

O mercenário o segurou pelo cotovelo e puxou-o para longe, e o Primeiro dos Magos e sua companheira carrancuda sumiram de vista. Glokta continuou mancando pela rua estreita, encolheu-se de dor ao virar uma esquina e se pegou olhando direto na cara de seu velho conhecido Jezal dan Luthar. *Ou devo dizer o Rei Supremo da União? Estou dolorosamente honrado.*

– Majestade – disse, baixando a cabeça e provocando um espasmo

particularmente desagradável no pescoço.

Cosca, aparecendo ao seu lado, fez uma reverência extravagante, levantando a mão para tirar o chapéu que havia sumido. Deu de ombros num gesto de desculpas e puxou o topete oleoso.

Luthar franziu a testa para ele, e para cada membro de seu estranho grupo à medida que surgiam. Alguém parecia espreitar no fim do séquito real. Um manto preto e dourado no meio de todo aquele aço polido. *Poderia ser… nosso velho amigo, o juiz supremo? Mas certamente ele está congelado em pedaços…* Então Ardee virou a esquina.

Os olhos de Luthar se arregalaram.

– Ardee…

– Jezal… – Ela parecia tão pasma quanto ele. – Quero dizer…

E o ar foi despedaçado por uma explosão colossal.

A via do Meio não era a mesma de antes.

West e seu estado-maior cavalgavam para o norte num silêncio estupefato. Os cascos dos cavalos batiam na rua rachada. Um pássaro digno de pena cantava nos caibros nus de uma casa incendiada. Alguém numa rua lateral gritou pedindo socorro. A oeste os sons vagos de lutas ainda ecoavam, como o ruído de um evento esportivo distante, mas sem vencedores. O fogo varrera o centro da cidade, transformando quarteirões inteiros em cascas enegrecidas, as árvores com garras cinzentas, os jardins com trechos de gosma murcha. Só o que havia a mais eram cadáveres. Cadáveres de todo tamanho e feitio.

Os Quatro Cantos eram um matadouro, coberto com todo o lixo feio da guerra, cercado pelos restos em ruínas de alguns dos mais belos prédios de Adua. Bem perto, os feridos estavam arrumados em filas compridas no terreno poeirento, tossindo, gemendo, pedindo água, com médicos ensanguentados movendo-se impotentes entre eles.

Alguns soldados de rostos sérios já empilhavam os mortos gurkenses em montes informes, massas de braços, pernas, rostos misturados. Eram vigiados por um homem alto com as mãos cruzadas às costas. O general Kroy, sempre rápido em pôr as coisas em ordem. Seu uniforme preto estava manchado de cinzas, uma manga rasgada balançando em volta do pulso. A luta devia ter sido mesmo violenta para violar seu traje, sempre em tão perfeita ordem, mas sua saudação não foi afetada. Não poderia ter sido mais impecável se eles estivessem numa revista de tropas.

– Como foi o progresso, general Kroy?

– Uma luta árdua pelo distrito central, lorde marechal! Nossa cavalaria

avançou esta manhã e nós os pegamos de surpresa. Então eles contra-atacaram enquanto esperávamos a infantaria. Juro, este trecho de terreno trocou de mãos uma dúzia de vezes. Mas agora temos os Quatro Cantos! Eles estão lutando a cada passo, mas nós os estamos impelindo de volta para a muralha de Arnault. Olhe isso, agora! – disse e apontou para um par de estandartes gurkenses encostados num trecho de alvenaria meio desmoronada, com os símbolos dourados reluzindo no meio daquela destruição infeliz. – Vão ser uma bela decoração para a sala de alguém, não é?

West não conseguia evitar que seu olhar fosse para um grupo de feridos encostados na muralha.

– Desejo que o senhor se regozije com eles. E o Agriont?

– Lá a notícia é menos boa, infelizmente. Continuamos atacando, mas os gurkenses estão em maior número. Ainda mantêm toda a cidadela cercada.

– Pressione mais, general.

Kroy fez outra saudação rígida.

– Sim, senhor. Vamos romper a resistência, não se preocupe. Posso perguntar como o general Poulder está se saindo nas docas?

– As docas voltaram para nossas mãos, mas o general Poulder… morreu.

Houve um momento de silêncio.

– Morreu? – O rosto de Kroy ficou de uma palidez mortal. – Mas como ele…

Ouviu-se um ribombo, como um trovão a distância, e os cavalos se agitaram, patearam o chão. O rosto de West, o de Kroy e os dos oficiais se viraram todos para o norte. Lá, por cima das ruínas enegrecidas na borda da praça, uma grande massa de poeira subia alta, acima do Agriont.

O mundo, brilhante, girava e latejava, cheio da linda canção da batalha, do gosto maravilhoso de sangue, do fedor belo e frutífero da morte. No meio daquilo, a uma distância menor do que um braço, um homem pequeno o encarava.

Chegar tão perto assim do Nove Sangrento? Era pedir a morte, com tanta certeza quanto entrar no fogo. Implorar a morte. Exigi-la.

Algo nos dentes pontudos dele parecia familiar. Uma leve lembrança, de muito tempo atrás. Mas o Nove Sangrento a empurrou para longe, sacudiu-a do corpo, afundou-a no mar sem fundo. Para ele não significava nada quem os homens eram ou o que tinham feito. Ele era o Grande Nivelador e diante dele todos os homens eram iguais. Sua única preocupação era transformar os vivos em mortos, e já passava da hora de o bom serviço começar. Levantou a espada.

A terra tremeu.

O Nove Sangrento tropeçou e um estrondo se espalhou, rasgou o caminho entre os mortos e os vivos, partiu o mundo ao meio. Sentiu algo se soltar dentro do crânio. Rosnou enquanto se endireitava, levantava a espada bem alto…

Só que seu braço não queria se mover.

– Desgraçado… – rosnou o Nove Sangrento, mas todas as chamas estavam esgotadas.

Foi Logen que se virou na direção do estrondo.

Uma enorme nuvem de fumaça cinza subia da muralha do Agriont, a poucas centenas de passos. Detritos voavam muito acima dela, deixando riscos de poeira que faziam arcos no céu, como os tentáculos de um monstro marinho gigantesco. Um pareceu chegar ao ponto mais alto bem acima deles. Logen o observou cair. A princípio tinha parecido uma pedrinha. À medida que descia girando, ele percebeu que era um pedaço de alvenaria do tamanho de uma carroça.

– Merda – disse Sinistro.

Não havia mais nada a dizer. A pedra atravessou a lateral de um prédio bem no meio da luta. A casa inteira se despedaçou, lançando pedaços de corpos em todas as direções. Uma tábua quebrada passou zumbindo por Cachorrão e caiu no fosso, espirrando água. Pedriscos mordiscaram a nuca de Logen enquanto ele se jogava no chão.

Uma poeira sufocante cobriu a rua. Ele tossiu, cobriu o rosto. Tentou se levantar, usando a espada como muleta. Os ouvidos ainda zumbiam; ele não sabia quem era nem onde estava, um mundo empoeirado estremecia em volta dele.

A coragem havia abandonado a batalha perto do fosso. Homens tossiam, olhavam, andavam sem destino na penumbra. Havia muitos corpos, nórdicos, gurkenses, da União, todos misturados. Logen viu que um homem de pele escura o encarava com sangue escorrendo de um corte sobre o olho pelo rosto empoeirado.

Logen levantou a espada, soltou um rugido gutural, tentou atacar e acabou cambaleando de lado e quase caindo. O soldado gurkense largou a lança e correu para dentro da escuridão.

Houve uma segunda detonação ensurdecedora, esta mais perto ainda, a oeste. Um vento súbito agitou o cabelo de Jezal, mordiscou seus olhos. Espadas retiniram nas bainhas. Homens olharam para cima, os queixos caídos de estupefação.

– Precisamos ir – trinou Gorst, segurando firme o cotovelo de Jezal.

Glokta e seus capangas já seguiam por uma rua calçada, o mais rápido que o superior conseguia mancar. Ardee lançou um olhar rápido por cima do ombro, os olhos arregalados.

– Espere… – disse Jezal.

Vê-la assim havia provocado em Jezal um jorro súbito e doloroso de saudade. A ideia de ela estar nas garras daquele aleijado abominável era quase demais para suportar. Mas Gorst não iria admitir.

– O palácio, Majestade.

Ele empurrou Jezal na direção do parque sem olhar para trás, com o resto da guarda real seguindo-os ruidosamente. Fragmentos de pedras começaram a estalar nos telhados ao redor, a quicar na rua, a tilintar nas armaduras dos cavaleiros do Grupo.

– Eles estão vindo – murmurou Marovia, olhando sério na direção da praça dos Marechais.

Ferro se agachou, as mãos sobre a cabeça, os ecos monstruosos ainda ricocheteando nas altas paredes brancas. Uma pedra do tamanho da cabeça de um homem caiu do céu e se despedaçou no chão a poucos passos de distância, espalhando cascalho preto sobre a serragem clara. Um pedregulho dez vezes maior atravessou o telhado de um prédio e fez voar cacos de vidro das janelas despedaçadas. A poeira subia das ruas e invadia na praça em nuvens cinza. Pouco a pouco, o barulho foi sumindo. A tempestade de granizo feita pelo homem parou e houve um silêncio sugestivo.

– E agora? – rosnou ela para Bayaz.

– Agora eles virão.

Ouviu-se um estrondo em algum lugar nas ruas, o som de homens gritando, depois um grito longo subitamente interrompido. Ele se virou para ela, o maxilar se mexendo nervoso.

– Assim que começarmos, não se mexa. Nem por um fio de cabelo. Os círculos foram cuidadosamente…

– Cuide da sua parte, mago.

– Vou cuidar mesmo. Abra a caixa, Ferro.

Ela ficou de pé, franzindo a testa, as pontas dos indicadores roçando nos polegares. Quando a caixa fosse aberta, não haveria volta, era o que sentia.

– Agora! – ordenou Bayaz. – Agora, se você quer sua vingança!

– Ssss.

Mas, daquele ponto, havia muito tempo que já não existia volta. Ela se

agachou, pôs a mão no metal frio da tampa. Um caminho sombrio era a única opção, sempre fora. Encontrou o fecho oculto e o apertou. A caixa se abriu em silêncio e a empolgação estranha brotou, depois fluiu, depois jorrou sobre ela fazendo o ar se prender na garganta.

A Semente estava ali dentro, aninhada em seus rolos de metal, uma pedra opaca, cinza, comum. Fechou os dedos em volta dela. Era pesada como chumbo, e gelada. Levantou-a da caixa.

– Bom – disse Bayaz.

Mas ele se encolheu ao olhar para ela, o rosto retorcido de medo e nojo. Ferro a estendeu e ele chegou para trás. Havia gotas de suor em sua testa.

– Não se aproxime mais!

Ferro fechou a caixa com força. Dois soldados da União, com armadura completa, estavam recuando para a praça, segurando as espadas pesadas. Havia medo no modo como se moviam, como se fugissem de um exército. Mas apenas um homem virou a esquina. Um homem de armadura branca, trabalhada com desenhos de metal brilhante. Seu rosto moreno era jovem, liso e lindo, mas os olhos pareciam velhos. Ferro tinha visto um rosto assim antes, nas terras desérticas perto de Dagoska.

Um comedor.

Os dois soldados partiram juntos para cima dele, um deles soltando um grito agudo de batalha. O comedor passou sem esforço ao largo de suas espadas, avançou num borrão súbito, acertou um dos homens da União com um tapa descuidado de mão aberta. Houve um clangor oco quando ela afundou o escudo e o peitoral do soldado e fez com que saísse do chão. Ele caiu a cerca de vinte passos de onde estivera, rolou e rolou, deixando marcas escuras na serragem clara. Parou não muito longe de Ferro, tossiu um longo jato de sangue e ficou imóvel.

O outro soldado recuou. O comedor olhou para ele com tristeza no rosto perfeito. O ar ao redor tremeluziu brevemente, a espada do homem caiu com estardalhaço, ele soltou um guincho longo e segurou a cabeça. Ela explodiu, fazendo chover fragmentos de crânio e carne nas paredes do prédio branco ao lado. O cadáver sem cabeça tombou no chão. Houve uma pausa.

– Bem-vindo ao Agriont! – gritou Bayaz.

Os olhos de Ferro foram atraídos por um clarão de movimento. Lá no alto, uma figura de armadura branca passou correndo sobre um telhado. Deu um salto impossível pelo vasto espaço até o prédio seguinte e sumiu de vista. Na rua embaixo uma mulher fluiu das sombras para a praça, vestida numa cota de malha reluzente. Balançava o quadril ao andar, com um sorriso feliz no rosto perfeito e uma lança comprida frouxa numa das mãos. Ferro engoliu em seco e ajeitou o

punho em volta da Semente, apertando-a com força.

Parte de uma parede desmoronou atrás dela, blocos de pedra tombando pela praça. Um homem altíssimo passou pela abertura, com um pedaço enorme de madeira cravejado de ferro preto nas mãos e a armadura e a barba comprida cobertas de poeira. Dois outros o seguiram, um homem e uma mulher, todos com a mesma pele lisa, os mesmos rostos jovens e os mesmos olhos velhos e negros. Ferro fez uma carranca para eles e pegou a espada, o metal frio brilhando. Era inútil, talvez, mas segurá-la lhe dava algum conforto.

– Bem-vindos, todos vocês! – gritou Bayaz. – Estive à sua espera, Mamun!

O primeiro dos comedores franziu a testa enquanto passava devagar por cima do cadáver sem cabeça.

– E nós estávamos à sua.

Silhuetas brancas saltaram dos telhados dos prédios, bateram na praça agachadas e se levantaram. Eram quatro, um comedor para cada canto.

– Onde está aquela sombra aleijada, o Yulwei?

– Ele não pôde estar conosco.

– Zacharus?

– Está atolado no ocidente arruinado, tentando curar um cadáver com uma bandagem.

– Cawneil?

– Apaixonada demais pelo que ela já foi para dedicar um pensamento que seja ao que virá.

– Então, no fim você está sozinho, afora isso aí. – Mamun virou o olhar vazio para Ferro. – Ela é estranha.

– É, e excepcionalmente difícil, mas não é uma pessoa sem habilidades.

Ferro fez uma carranca e não disse nada. Se alguma coisa precisasse ser dita, ela poderia falar com a espada.

– E, bem… – Bayaz deu de ombros. –… sempre achei que sou minha melhor companhia.

– Que opção você tem? Destruiu a própria ordem com seu orgulho, sua arrogância e sua sede de poder.

Mais silhuetas saíram de portas na praça ao redor e sem pressa avançaram. Algumas andavam com passo presunçoso de lordes. Algumas estendiam as mãos como amantes.

– Você só se importou com o poder, sempre, e até sem isso ficou. O Primeiro dos Magos e também o último.

– É o que parece. Isso não agrada a você?

– Não sinto prazer, Bayaz. Isto é o que precisa ser feito.

– Ah. Uma batalha justa? Um dever sagrado? Uma cruzada, talvez? Acha

que Deus aprova os seus métodos?

Mamun deu de ombros.

– Deus aprova os resultados.

Mais figuras em armaduras brancas se derramaram na praça e se espalharam em volta. Moviam-se com graça e despreocupadas, com força apesar de não se esforçarem, com arrogância sem fim. Ferro franziu a testa para elas e apertou a Semente junto a um lado do quadril, com a espada encostada no outro.

– Se você tem um plano – sibilou ela –, esta deve ser a hora.

Mas o Primeiro dos Magos só ficou olhando enquanto os dois eram cercados, os músculos estremecendo na lateral do rosto, as mãos se abrindo e fechando dos lados do corpo.

– É uma pena que o próprio Khalul não tenha podido me fazer uma visita, mas vejo que você trouxe alguns amigos.

– Uma centena, como prometi. Alguns poucos têm outras tarefas na cidade. Eles mandaram suas desculpas. Mas a maioria de nós está aqui, por você. Mais do que o suficiente.

Os comedores permaneciam parados, espalhados num grande círculo com o Primeiro dos Magos no centro. Era para lá que olhavam.

Ferro Maljinn não sentia medo, claro. Mas as chances eram mínimas.

– Responda a uma pergunta – gritou Mamun –, já que chegamos ao fim. Por que você matou Juvens?

– Juvens? Rá! Ele queria tornar o mundo um lugar melhor usando sorrisos e boas intenções. Boas intenções não dão em nada, e o mundo não melhora sem luta. Afirmo que não matei ninguém.

Bayaz olhou de esguelha para Ferro. Agora seus olhos estavam febris e a careca brilhava de suor.

– Mas o que importa quem matou quem há mil anos? O que importa é quem morre hoje.

– Verdade. Agora, enfim, você será julgado.

Lentamente, muito lentamente, o círculo de comedores começou a se contrair, avançando aos poucos como se fossem um só, deslizando suavemente para dentro.

O Primeiro dos Magos deu um sorriso sério.

– Ah, haverá um julgamento aqui, Mamun, pode contar com isso. A magia se esvaiu do mundo. Minha Arte é uma sombra do que já foi. Mas você se esqueceu, enquanto se refestelava em carne humana, que o conhecimento é a raiz do poder. A Arte Superior eu aprendi com Juvens. O Fazer eu tomei de Kanedias.

– Você precisará de mais que isso para nos derrotar.

– Claro. Para tanto eu preciso de um remédio mais sinistro.

O ar ao redor dos ombros de Bayaz tremeluziu. Os comedores pararam; alguns levaram os braços diante do rosto. Ferro estreitou os olhos, mas houve apenas um vento levíssimo. Uma brisa sutil, que saiu do Primeiro dos Magos numa onda, levantou a serragem das pedras e a carregou numa nuvem branca até os limites da praça dos Marechais.

Mamun olhou para baixo e franziu a testa. Engastado nas pedras sob seus pés, o metal brilhava opaco à luz fraca do sol. Círculos, linhas, símbolos e círculos dentro de círculos, cobrindo todo o vasto espaço num único desenho amplo.

– Onze guardas, e onze guardas revertidas – disse Bayaz. – Ferro. Encharcado em água salgada. Uma melhoria sugerida pelas pesquisas de Kanedias. Glustrod usou sal puro. Esse foi o erro dele.

Mamun levantou os olhos, a calma gélida sumindo de seu rosto.

– Você não pode estar dizendo… – Seus olhos negros se viraram para Ferro, depois para a mão dela, que apertava a Semente. – Não! A Primeira Lei…

– A Primeira Lei? – O mago mostrou os dentes. – Regras são para crianças. Isto é guerra, e na guerra o único crime é perder. A palavra de Euz? – rosnou Bayaz. – Rá! Que ele venha me impedir!

– Chega!

Um dos comedores deu um salto e passou por cima dos círculos de metal, em direção ao centro. Ferro ofegou quando a pedra em sua mão ficou súbita e terrivelmente fria. O ar em volta de Bayaz se retorceu, como se ele estivesse refletido num lago ondulante.

O comedor saltou de boca aberta com a lâmina da espada brilhando. Então sumiu. Assim como dois outros que estavam atrás. Um longo jato de sangue se espalhou no chão onde um deles estivera. Os olhos de Ferro acompanharam aquilo, arregalando-se cada vez mais. Sua boca se abriu.

O prédio que ficava atrás deles ganhara um buraco gigante, do chão até o telhado altíssimo. Um grande desfiladeiro ladeado de pedras quebradas e reboco pendia, com traves lascadas e vidro pendurado. Poeira caía das bordas despedaçadas para o buraco enorme embaixo. Um punhado de papéis rasgados descia lentamente na brisa. Daquela carnificina veio um grito fraco e agonizante. Um soluço. Um berro de dor. Muitas vozes. As vozes dos que usavam aquele prédio como refúgio.

Azar deles.

Os cantos da boca de Bayaz foram se curvando devagar para cima.

– Funciona – ofegou ele.

Caminhos sombrios

JEZAL PASSOU ÀS pressas pelo arco alto e entrou nos jardins do palácio, com os cavaleiros em volta. Era incrível que o juiz supremo Marovia tivesse conseguido acompanhar seus passos durante a corrida através do Agriont, mas o velho nem parecia cansado.

– Lacrem os portões! – gritou. – Os portões!

A enorme porta dupla foi fechada e duas traves grossas como mastros de navio giraram para se posicionar atrás. Jezal se permitiu respirar um pouco mais tranquilamente. O peso daqueles portões, o tamanho e a largura da muralha do palácio, o grupo considerável de homens bem treinados e com armaduras que a defendiam, tudo isso dava uma sensação tranquilizadora.

Marovia pôs a mão gentilmente no ombro de Jezal e começou a guiá-lo para o caminho calçado de pedras em direção à porta mais próxima do palácio.

– Devemos encontrar o local mais seguro possível, Majes…

Jezal o empurrou.

– Quer me trancar no meu quarto? Ou devo me esconder no porão? Vou ficar aqui e coordenar a defesa do…

Um grito longo, de gelar o sangue, veio do outro lado da muralha e ecoou nos jardins vazios. Foi como se aquele som fizesse um buraco em Jezal, através do qual toda a confiança escorreu num instante. O portão sacudiu de leve contra as traves poderosas e a ideia de se esconder no porão ganhou espantoso apelo.

– Formação! – gritou a voz esganiçada de Gorst. – Protejam o rei!

Uma parede de homens com armaduras pesadas se formou de imediato ao redor de Jezal, espadas desembainhadas, escudos erguidos. Outros se ajoelharam na frente, tirando setas de aljavas, girando as manivelas das bestas pesadas. Todos os olhos estavam voltados para a enorme porta dupla. Ela sacudiu de novo de forma suave e oscilou ligeiramente.

– Ali embaixo! – gritou alguém de cima da muralha. – Emba…

Ouviu-se um berro agudo e um homem com armadura mergulhou das ameias, chocando-se contra a terra. Seu corpo tremeu e depois ficou frouxo.

– Como… – murmurou alguém.

Uma figura branca mergulhou da muralha, deu um gracioso salto mortal no ar e bateu no caminho à frente deles. Levantou-se. Era um homem de pele morena. Usava uma armadura em branco e ouro e tinha o rosto liso como o de um menino. Numa das mãos segurava uma lança de madeira escura com uma

lâmina comprida e curva. Jezal o encarou e ele olhou de volta, inexpressivo. Havia algo naqueles olhos negros, ou melhor, faltava algo neles. Jezal sabia que aquilo não era um homem. Era um comedor. Um violador da Segunda Lei. Um dos Cem Palavras de Khalul. Parecia, de modo injusto, que a rixa deles passara a incluir Jezal. O comedor levantou uma das mãos, como se abençoasse.

– Que Deus nos admita a todos no céu.

– Disparar! – guinchou Gorst.

As bestas tremeram e estalaram. Duas setas resvalaram na armadura do comedor, outras duas se cravaram em sua carne, uma embaixo do peitoral e outra no ombro. Uma seta atravessou direto o rosto, com as penas projetando-se logo abaixo do olho. Qualquer homem teria caído morto diante deles. O comedor deu um salto à frente com velocidade espantosa.

Um dos cavaleiros levantou sua besta numa tentativa débil de se defender. A lança dividiu-a em duas e o cortou ao meio na altura da barriga, cravou-se em outro homem com um clangor ecoante e o lançou rolando pelo ar até bater numa árvore a dez passos de distância. Fragmentos de armadura serrilhada e lascas de madeira voaram. O primeiro cavaleiro soltou um assobio estranho quando sua metade superior caiu no chão, cobrindo seus colegas perplexos com uma chuva de sangue.

Jezal foi empurrado para trás e não pôde ver nada além de lampejos de movimento entre os guarda-costas. Ouviu gritos e gemidos, metal chocando-se, viu espadas brilhando, jatos de sangue espirrando. Um corpo com armadura voou no ar, frouxo como uma boneca de pano, e chocou-se numa parede do outro lado do jardim.

Os corpos se moveram. O comedor foi cercado e girava a lança em círculos ofuscantes. Um giro cortou o ombro de um homem e o derrubou no chão aos berros. O cabo se partiu com a força do golpe e a lâmina girou e bateu com o gume no chão. O cavaleiro atacou por trás e furou as costas do comedor, a ponta brilhante de sua alabarda deslizando sem sangue através do peito da armadura branca. Outro cavaleiro decepou seu braço com um machado. Poeira choveu do cotoco que restou. O comedor guinchou e o acertou no peito com um golpe das costas da mão que esmagou seu peitoral e o lançou sem fôlego por terra.

Uma espada cortou a armadura branca com um guincho alto, fazendo poeira jorrar para cima como de um tapete batido. Jezal olhou atordoado o comedor se virar em sua direção. Gorst o empurrou para fora do caminho, rosnando enquanto girava sua espada longa para cravá-la fundo no pescoço do comedor com uma pancada metálica. A criatura balançou os braços, em silêncio, a cabeça pendendo por uma tira de cartilagem, poeira marrom jorrando dos ferimentos enormes. Ela agarrou Gorst com a mão que restava e ele cambaleou, o rosto

retorcido de dor, e foi tombando de joelhos à medida que ela torcia seu braço.

– Olha aqui o céu, seu desgraçado!

A espada de Jezal atravessou o último pedaço de pescoço e a cabeça do comedor caiu na grama. A criatura soltou Gorst, que apertou o antebraço ferido, com o formato da mão do comedor gravado fundo em sua armadura grossa. O corpo sem cabeça tombou devagar.

– Coisa maldita!

Jezal avançou um passo, chutou a cabeça da criatura pelo jardim e viu-a rolar para um canteiro de flores, deixando uma trilha de poeira pela grama. Três homens pararam junto do corpo, a respiração pesada ecoando dentro dos elmos, as espadas brilhando ao sol enquanto o despedaçavam. Os dedos do comedor continuavam a se mexer.

– Eles são feitos de poeira – sussurrou alguém.

Marovia franziu os olhos para os restos.

– Alguns são. Alguns sangram. Cada um é diferente. É melhor entrarmos no palácio! – gritou, andando apressado pelo jardim. – Haverá mais deles!

– Mais?

Doze cavaleiros do Grupo estavam mortos. Jezal engoliu em seco contando os cadáveres despedaçados e cobertos de sangue, amassados e espancados. Os melhores homens que a União tinha a oferecer, espalhados no jardim do palácio como montes de ferro-velho em meio às folhas marrons.

– Mais? Mas como é que nós…?

O portão estremeceu. A cabeça de Jezal voltou-se de súbito na direção dele, a coragem cega da luta sumindo de imediato e o pânico doentio jorrando em seu lugar.

– Por aqui! – rugiu Marovia, segurando uma porta aberta e chamando-o em desespero.

Pelo jeito, não havia outras opções. Jezal correu para ele, mas, depois de três passos, uma de suas botas douradas tropeçou na outra e ele caiu dolorosamente esparramado de cara. Houve um estalo, um som de algo sendo rasgado, um guincho de madeira e metal atrás. Ele virou de costas e se arrastou quando viu o portão se partir numa nuvem de madeira. Tábuas quebradas giravam pelo ar, pregos tortos caíam tilintando nos caminhos, lascas pousavam no gramado.

Uma mulher surgiu com expressão presunçosa na passagem aberta, com o ar ainda tremeluzindo suavemente ao redor de seu corpo alto e esguio. Era pálida, com cabelo comprido dourado. Outra a acompanhava, exatamente igual, só que seu lado esquerdo estava sujo, da cabeça aos pés, de sangue. Duas mulheres, sorrisos felizes nos rostos lindos, perfeitos, idênticos. Uma delas deu

um tapa na cabeça de um cavaleiro arauto quando ele tentou atacá-la. O golpe arrancou o elmo alado do crânio partido e o fez sair voando.

A outra virou os olhos negros e vazios para Jezal. Ele lutou para se levantar e correu, chiando de medo, deslizou pela porta ao lado de Marovia e entrou no corredor sombrio ladeado por armas e armaduras antigas. Gorst e alguns cavaleiros do Grupo passaram aos tropeços atrás dele.

No jardim, a batalha desigual continuava. Um homem levantou uma besta e explodiu numa chuva de sangue. Um cadáver com armadura se chocou contra um cavaleiro no instante que ele se virava para correr e lançou-o através de uma janela, com a espada voando da mão. Outro homem correu para cima delas girando as armas e tombou a poucos passos de distância, debatendo-se no chão com chamas brotando das juntas da armadura.

– Socorro! – uivou alguém. – Socorro! So…

Gorst fechou a porta pesada com o braço bom e um dos seus colegas baixou a trave grossa nos suportes. Arrancaram antigas alabardas da parede, uma com uma velha bandeira de batalha presa, e as usaram para firmar a porta.

Jezal já se afastava, o suor frio escorrendo na pele embaixo da armadura, apertando com força o cabo da espada mais para se tranquilizar do que para se defender. Seu séquito drasticamente reduzido recuava cambaleante na direção dele: Gorst, Marovia e apenas cinco outros, ofegantes e horrorizados, com a respiração ecoando no corredor escuro, todos olhando para a porta.

– O último portão não os segurou – sussurrou Jezal. – Por que este seguraria?

Ninguém respondeu.

– Fiquem firmes, cavalheiros – disse Glokta. – A porta, por favor.

O mercenário gordo bateu com o machado na porta da frente da Universidade. Lascas voaram. Ela balançou com o primeiro golpe, estremeceu com o segundo e se escancarou com o terceiro. O anão caolho entrou com uma faca em cada mão, seguido de perto por Cosca com a espada desembainhada.

– Caminho limpo – disse ele em seu sotaque estiriano. – Ainda que mofado.

– Excelente. – Glokta olhou para Ardee. – Talvez fosse melhor se você ficasse atrás.

Ela assentiu, exausta.

– Eu estava pensando a mesma coisa.

Ele passou mancando dolorosamente, com os mercenários vestidos de preto jorrando pela porta atrás dele, o último arrastando um Goyle relutante pelos pulsos cobertos com bandagens. *Pelo mesmo caminho que usei na primeira vez*

que visitei este monte de poeira, tantos meses atrás. Antes da eleição. Antes mesmo de Dagoska. Como é adorável retornar…

Seguiram pelo corredor escuro, passando pelos retratos sujos de adeptos esquecidos. As tábuas torturadas do piso gemiam sob as botas dos mercenários. Glokta saiu no amplo salão de jantar.

O show de aberrações que eram os práticos comandados por Vitari se espalhava na câmara na penumbra exatamente como quando ele fizera sua última visita. Os dois homens idênticos, de Suljuk, com suas espadas curvas. O alto e magro, o escuro com os machados, o enorme nórdico com rosto arruinado. *E assim por diante.* Uns bons vinte, no total. *Será que ficaram sentados aqui todo esse tempo, simplesmente parecendo ameaçadores uns para os outros?*

Vitari já havia se levantado de sua cadeira.

– Achei que tinha dito para você ficar longe daqui, aleijado.

– Eu tentei, tentei mesmo, mas não consegui afastar da lembrança esse seu sorriso.

– Ora, ora, Shylo! – disse Cosca vindo do corredor, torcendo as pontas enceradas do bigode com uma das mãos, a espada na outra.

– Cosca! Você não morre nunca? – falou Vitari, deixando suas lâminas em forma de cruz pender na ponta da corrente até bater nas tábuas do chão. – Parece que hoje é o dia dos homens que eu esperava nunca mais ver.

Seus práticos se espalharam ao redor dela, espadas deslizando para fora de bainhas, machados, maças, lanças sendo preparados. Os mercenários entraram no salão com as armas em punho. Glokta pigarreou.

– Acho que seria melhor para todos se nós pudéssemos discutir isso de modo civilizado…

– Está vendo alguém civilizado aqui? – rosnou Vitari.

Bom argumento. Um prático saltou sobre a mesa, fazendo os pratos e talheres pularem. O mercenário maneta brandiu seu gancho. Os dois grupos bem armados foram se aproximando devagar. Parecia que Cosca e seus contratados iriam se esforçar para merecer o pagamento. *Acho que vai ser um alegre banho de sangue, e o resultado de um banho de sangue é notoriamente difícil de prever. No todo, eu preferiria não apostar.*

– Uma pena o que aconteceu com seus filhos! Uma pena não ter havido ninguém civilizado por perto!

As sobrancelhas laranja de Vitari se juntaram furiosamente.

– Eles estão longe!

– Ah, infelizmente não. Duas meninas e um menino? Cabelos lindos, flamejantes e ruivos, como os da mãe? – *Por qual porta da cidade eles passariam? Os gurkenses vieram do oeste, portanto…* – Eles foram detidos no

portão leste e aprisionados – mentiu Glokta, depois esticou o lábio inferior. – Custódia protetora. São tempos perigosos para que as crianças fiquem andando pelas ruas, sabe?

Mesmo com a máscara, Glokta pôde ver o horror dela.

– Quando?

Quando uma mãe amorosa mandaria seus filhos para a segurança?

– Ora, no mesmo dia que os gurkenses chegaram, claro.

O modo como os olhos dela se arregalaram confirmou que ele acertara. *Agora, para torcer a faca*.

– Mas não se preocupe, eles estão em segurança. O prático Severard está bancando a babá. Mas se eu não voltar…

– Você não iria machucá-los.

– O que está acontecendo com todo mundo hoje? Limites que eu não ultrapassaria? Pessoas que eu não feriria? – argumentou Glokta, mostrando a ela seu riso mais repugnante. – Crianças? Esperança, perspectivas e toda aquela vida feliz pela frente? Eu desprezo aqueles fedelhos!

Ele encolheu os ombros tortos.

– Mas talvez você me conheça melhor. Se quer arriscar a vida dos seus filhos, acho que podemos descobrir. Ou podemos chegar a um acordo, como fizemos em Dagoska.

– À merda com isso! – rosnou um dos práticos, sopesando o machado e dando um passo à frente. *E a atmosfera de violência dá outro passo estonteante na direção da beira do…*

Vitari esticou o braço com a mão aberta.

– Não se mexa.

– Você tem filhos, e daí? Para mim isso não quer dizer nada. Não vai significar nada para o Sult urrrr…

Houve um clarão de metal, o tilintar de uma corrente e o prático cambaleou para a frente, com sangue jorrando da garganta aberta.

A lâmina em forma de cruz bateu de volta na palma da mão de Vitari e os olhos dela voltaram a se fixar em Glokta.

– Um acordo?

– Exato. Você fica aqui. Nós passamos. Você não viu nada, como dizem nas partes mais antigas da cidade. Você sabe muito bem que não pode confiar em Sult. Ele deixou você para os cães em Dagoska, não foi? E ele está acabado, de qualquer forma. Os gurkenses estão batendo à porta. É hora de tentarmos algo diferente, não acha?

A máscara de Vitari se mexeu junto com sua boca. *Pensando, pensando*. Os olhos de seus matadores soltavam fagulhas, as lâminas das armas brilhavam.

Não pague para ver, sua vaca, não ouse…

– Certo!

Ela fez um gesto com o braço e os práticos recuaram, descontentes, ainda olhando furiosos para os mercenários do outro lado da sala. Vitari virou a cabeça na direção de uma porta na extremidade do salão. Uma porta com rebites de ferro preto.

– Excelente. – *Algumas palavras podem ser mais eficazes do que muitas lâminas, mesmo em ocasiões assim.*

Glokta começou a mancar naquela direção, com Cosca e seus homens atrás.

Vitari franziu a testa para eles, e os olhos dela eram fendas mortais.

– Se você tocar nos meus…

– Já sei, já sei – desdenhou Glokta, balançando a mão. – E sinto um medo sem fim.

Houve um momento de silêncio enquanto os restos do prédio estripado se acomodavam num dos lados da praça dos Marechais. Os comedores ficaram imóveis, tão chocados quanto Ferro, num círculo de espanto. Bayaz parecia ser o único não aterrorizado com a escala da destruição. Sua risada cortante ecoou.

– Funciona! – gritou.

– Não! – berrou Mamun, e os Cem Palavras avançaram correndo.

Chegaram mais perto, as lâminas polidas de suas lindas armas relampejando, as bocas famintas abertas, os dentes brancos reluzindo. Mais perto ainda, jorrando com velocidade terrível, berrando um coro de ódio que fez até o sangue de Ferro esfriar.

Mas Bayaz apenas gargalhou.

– Que comece o julgamento!

Ferro rosnou por entre os dentes trincados enquanto a Semente queimava de tão fria em sua mão. Um sopro de vento poderosíssimo varreu a praça a partir do centro, abateu comedores, que saíram rolando e sacudindo os membros, despedaçou as janelas, escancarou as portas, desnudou os telhados dos prédios.

O grande portão incrustado da rotunda dos Lordes foi sugado e depois arrancado das dobradiças e arrastado pela praça. Toneladas de madeira girando feito papel num vendaval saíram ceifando comedores impotentes. Despedaçaram corpos com armaduras brancas, fazendo voar pedaços de membros, com sangue e poeira subindo em jatos e borrifos.

A mão de Ferro reluzia, assim como metade de seu braço. Ela arfava e o frio se espalhava pelas veias, por todo o seu corpo, queimando as entranhas. A Semente ficara turva e tremia como se fosse vista através de água corrente. O

vento chicoteava seus olhos enquanto figuras brancas eram jogadas pelo ar como brinquedos, contorcendo-se numa tempestade de vidro estilhaçado, madeira lascada, pedra quebrada. Não mais de uma dúzia deles se mantinha de pé, encolhendo-se, esforçando-se desesperadamente contra o vendaval, agarrando-se ao chão com o cabelo brilhante esticado.

Um deles estendeu a mão para Ferro, rosnando ao vento. Era uma mulher. Sua cota de malha reluzente se sacudia e suas mãos tentavam agarrar o vento que gritava. Chegou mais perto e mais perto. Um rosto liso, orgulhoso, destilando desprezo.

Como o rosto dos comedores que tinham ido atrás dela perto de Dagoska. Como o rosto dos traficantes de escravos que haviam roubado sua vida. Como o rosto de Uthman-ul-Dosht, que sorria de sua raiva e seu desamparo.

O berro de fúria de Ferro se fundiu com os berros do vento. Ela não sabia que era capaz de brandir uma espada com tanta força. O comedor só teve tempo de expressar surpresa em seu rosto perfeito antes que a lâmina curva decepasse seu braço estendido e arrancasse sua cabeça dos ombros. O cadáver foi levado para longe, frouxo, com poeira voando dos ferimentos enormes.

O ar estava cheio de formas relampejantes. Escombros passavam voando por Ferro. Uma trave bateu contra o peito de um comedor que lutava contra o vento e o carregou aos gritos para longe, alto no ar, como um gafanhoto preso num espeto. Outro explodiu subitamente numa nuvem de sangue e carne, os restos sugados em espirais para o céu trêmulo.

O comedor barbudo imenso avançou com esforço, levantando o porrete enorme acima da cabeça, berrando palavras que ninguém podia ouvir. Através do ar que pulsava e girava, Ferro viu Bayaz levantar uma sobrancelha para ele, viu seus lábios formarem uma palavra.

– Queime.

Por um instante efêmero, ele brilhou forte como uma estrela, a imagem gravando-se nos olhos de Ferro. Em seguida seus ossos enegrecidos foram sugados pela tempestade.

Só restava Mamun. Ele se impulsionava com dificuldade para a frente, arrastando os pés pela pedra, pelo ferro, desesperado a cada centímetro na direção de Bayaz. Uma placa da armadura foi arrancada da perna e voou para trás, girando no ar enlouquecido; então uma parte do ombro a seguiu. O tecido rasgado se sacudia. A pele do rosto que rosnava começou a ondular e se esticar.

– Não!

Um braço com a mão em garra se estendeu em desespero na direção do Primeiro dos Magos, as pontas dos dedos se esforçando.

– Sim – disse Bayaz, com o ar ao redor do rosto sorridente oscilando como

a aragem do deserto. As unhas de Mamun foram arrancadas, o braço estendido se dobrou para trás, partiu-se, foi arrancado do ombro. A pele impecável se desgrudou dos ossos, balançando como velame num temporal, poeira marrom voando do corpo rasgado como uma tempestade de areia nas dunas.

Foi jogado subitamente para longe, e atravessou uma parede perto do topo de um prédio alto. Blocos foram sugados das bordas do buraco que ele deixou e caíram para fora, voaram para cima. Juntaram-se aos papéis que chicoteavam, às pedras que zuniam, às tábuas que giravam, aos cadáveres sacudidos pelo ar ao longo da praça, cada vez mais rápido, um círculo de destruição que acompanhava os círculos de ferro no chão. Agora ele chegava à altura dos prédios mais altos, e então mais alto ainda. O redemoinho ia arrancando tudo por onde passava, sugando mais pedras, vidro, madeira, metal, carne, ficando mais escuro, mais rápido, mais ruidoso e mais poderoso a cada momento.

Acima da raiva insensata do vento, Ferro pôde escutar de leve a voz de Bayaz:

– Deus aprova os resultados.

Cachorrão se levantou e balançou a cabeça dolorida, fazendo poeira voar do cabelo. Sangue escorria de seu braço, vermelho sobre branco. Mas o mundo não havia acabado, afinal de contas.

Mas parecia ter chegado perto.

A ponte e a guarita tinham desaparecido. Onde haviam estado não existia nada além de um monte de pedras quebradas e um enorme desfiladeiro aberto na muralha. Isso e uma infinidade de poeira. Algumas pessoas continuavam a lutar, mas um número muito maior andava às tontas, ofegando ou gemendo, cambaleando no meio do entulho, sem qualquer vontade de atacar o inimigo. Cachorrão sabia como eles se sentiam.

Alguém estava escalando a massa de detritos onde antes ficava o fosso, indo para a brecha. Alguém com cabelos emaranhados e uma espada longa na mão.

Quem mais, senão Logen Nove Dedos?

– Ah, merda! – xingou Cachorrão.

Logen tivera alguma ideia idiota de repente, mas isso não era nem de longe o pior. Alguém o seguia pela ponte de escombros. Tremedeira, com o machado na mão, o escudo no braço e, no rosto sujo, a carranca de alguém que tivesse algo macabro em mente.

– Merda!

Sinistro encolheu os ombros empoeirados.

– É melhor ir atrás deles.

– É.

Cachorrão sacudiu o polegar para Gorro Vermelho, que estava se levantando e espanando sujeira do casaco.

– Junte alguns rapazes, certo? – falou, apontando para a brecha com a espada. – Vamos para lá.

Maldição, ele precisava mijar, como sempre.

Jezal recuou pelo corredor na penumbra, praticamente não ousando respirar, sentindo o suor encharcar as palmas das mãos, o pescoço, as costas.

– O que eles estão esperando? – murmurou alguém.

Houve um estalo suave acima. Jezal olhou para os caibros pretos.

– Vocês ouviram…

Uma silhueta atravessou o teto e caiu no corredor, um borrão branco que achatou um dos cavaleiros do Grupo, deixando duas grandes mossas com formato de pés no peitoral dele e fazendo sangue espirrar de sua viseira.

Ela sorriu para Jezal.

– Com os cumprimentos do profeta Khalul.

– Pela União! – rugiu outro cavaleiro, atacando.

Num instante sua espada ia na direção da mulher. No outro ela estava do lado oposto do corredor. A lâmina bateu inofensiva no chão de pedra e o homem cambaleou para a frente. Ela o agarrou pela axila, dobrou um pouco os joelhos e o jogou berrando pelo teto. O reboco quebrado choveu enquanto ela agarrava outro cavaleiro pelo pescoço e batia sua cabeça contra a parede com tanta força que ele ficou engastado nas pedras com as pernas pendendo. Espadas antigas caíram dos suportes e bateram ruidosamente no piso do corredor, em volta do cadáver.

– Por aqui! – gritou o juiz supremo.

Ele arrastou um Jezal entorpecido e impotente na direção de uma porta dupla folheada a ouro. Gorst levantou uma bota pesada e deu um chute violento, abrindo-a. Entraram no salão dos Espelhos. Sem as muitas mesas que haviam estado lá na noite do casamento de Jezal, era uma imensidão vazia de ladrilhos polidos.

O rei correu para a porta mais distante, os passos fazendo barulho e a respiração chiada, horrorizada, ecoando na sala gigantesca. Viu-se correndo, distorcido, nos espelhos à frente, nos espelhos de cada lado. Uma visão ridícula. Um rei bufão fugindo por seu próprio palácio, a coroa torta, o rosto com a cicatriz molhado de suor, a boca aberta de terror e exaustão. Parou escorregando,

quase caindo para trás na pressa de parar, com Gorst quase trombando em suas costas.

Uma das gêmeas estava sentada no chão diante da porta, encostada na parede espelhada, refletida nela, como se estivesse apoiada na irmã. Levantou uma das mãos, lânguida, vermelha de sangue, e acenou.

Jezal girou para as janelas. Antes mesmo que pudesse pensar em correr, uma delas explodiu para dentro da sala. A outra gêmea caiu em meio a uma chuva de vidro brilhante, rolou no chão polido, esticou as pernas e parou deslizando.

Passou a mão comprida pelo cabelo dourado, bocejou e estalou os lábios.

– Você já teve a sensação de que só a outra pessoa estava se divertindo? – perguntou.

Ajustes de contas

GORRO VERMELHO ESTIVERA certo. Não havia motivo para ninguém morrer ali. Ninguém a não ser o Nove Sangrento, pelo menos. Já havia passado da hora de o desgraçado pagar por seus erros.

– Ainda estou vivo – sussurrou Logen. – Ainda estou vivo. – Esgueirou-se pela esquina de um prédio branco e chegou ao parque.

Lembrava-se daquele lugar cheio de gente. Gente rindo, comendo, conversando. Agora não havia risos. Viu corpos espalhados nos gramados. Alguns com armaduras, outros não. Podia ouvir um rugido distante – batalha ao longe, talvez. Nada mais perto, a não ser o sussurro do vento nos galhos nus e o som de seus passos no cascalho. Sua pele comichou enquanto ele se esgueirava para o muro alto do palácio.

A pesada porta dupla havia sumido, só restavam as dobradiças retorcidas penduradas na passagem em arco. O jardim do outro lado estava cheio de cadáveres. Homens com armaduras, todas amassadas e ensanguentadas. Havia um monte deles no caminho diante do portão, esmagados e despedaçados como se tivessem sido atingidos por um martelo gigantesco. Um estava cortado ao meio, as duas partes caídas numa poça de sangue escuro.

Um homem estava de pé no meio de tudo aquilo. Usava armadura branca salpicada de vermelho. Um vento soprava no jardim, e o cabelo preto do homem se agitava ao redor do rosto de pele escura lisa impecável como a de um bebê. Ele franzia a testa para um corpo aos seus pés, mas olhou para Logen quando este passou pelo portão. Sem ódio nem medo, sem felicidade nem tristeza. Praticamente sem nada.

– Você está muito longe de casa – disse ele em nórdico.

– Você também – considerou Logen e olhou para aquele rosto vazio. – Você é um comedor?

– Este crime devo confessar.

– Todos somos culpados de alguma coisa – disse Logen e sopesou a espada com uma das mãos. – Vamos ao que interessa, então?

– Vim aqui para matar Bayaz. Mais ninguém.

Logen olhou os corpos arruinados ao redor, no jardim.

– Como isso está sendo para você?

– Quando a gente se concentra em matar, é difícil escolher o número de mortos.

– Isso é fato. Meu pai costumava dizer que sangue traz apenas sangue.

– Um homem sábio.

– Se ao menos eu tivesse escutado.

– Às vezes é difícil saber o que é… verdade.

O comedor levantou a mão direita ensanguentada e franziu a testa para ela.

– É certo que um homem justo tenha… dúvidas.

– Diga você. Não posso afirmar que eu conheça muitos homens justos.

– Antigamente eu achava que conhecia. Agora não tenho certeza. Precisamos lutar?

Logen respirou fundo.

– É o que parece.

– Então que seja.

Ele veio tão rápido que mal houve tempo para Logen levantar a espada, quanto mais golpear com ela. Nove Dedos se jogou para fora do caminho, mas mesmo assim foi acertado nas costelas por alguma coisa – cotovelo, joelho, ombro. É difícil saber quando você está rolando na grama, com tudo girando ao redor. Tentou se levantar; descobriu que não conseguia. Erguer a cabeça um dedo era quase mais do que suportava. Cada respiração era dolorosa. Tombou para trás, olhando o céu branco. Talvez devesse ter ficado do lado de fora da muralha. Talvez devesse ter deixado os rapazes descansarem no meio das árvores, até depois de tudo se assentar.

A silhueta alta do comedor oscilou em sua visão turva, preta contra as nuvens.

– Lamento isso. Vou rezar por você. Vou rezar por nós dois.

Ele levantou o pé coberto pela bota da armadura.

Um machado acertou seu rosto e o fez cambalear. Logen sacudiu a cabeça para afastar a luz, puxou um pouco de ar. Obrigou-se a se apoiar num cotovelo, segurando a lateral do abdome. Viu um punho com armadura branca baixar num clarão e se chocar contra o escudo de Tremedeira. O golpe arrancou um naco da borda e jogou Tremedeira de joelhos. Uma flecha ricocheteou na placa do ombro do comedor e ele se virou com um lado da cabeça aberto e sangrando. Uma segunda flecha atravessou seu pescoço. Sinistro e Cachorrão estavam parados na passagem, com os arcos em punho.

O comedor correu na direção deles a passos largos, o vento de sua passagem agitando a grama.

– Uh – fez Sinistro.

O comedor o acertou com um cotovelo blindado. Sinistro bateu numa árvore a dez passos de distância e caiu frouxo na grama. O comedor levantou o outro braço para golpear Cachorrão e um Carl cravou uma lança nele e

empurrou-o sacudindo-se para trás. Mais nórdicos passaram pelo portão, apinhando-se, gritando e berrando, cortando com machados e espadas.

Logen rolou, se arrastou pelo gramado e puxou sua espada, arrancando um punhado de grama molhada com ela. Um Carl passou rolando por ele, a cabeça rachada coberta de sangue. Nove Dedos trincou o maxilar e atacou, erguendo a espada com as duas mãos.

Ela acertou o ombro do comedor, cortou a armadura e o abriu de cima a baixo, até o peito, despejando uma chuva de sangue no rosto de Cachorrão. Quase ao mesmo tempo, um dos Carls o acertou na lateral com uma marreta, esmagou seu outro braço e deixou uma mossa funda no peitoral.

O comedor cambaleou e Gorro Vermelho abriu um talho numa das suas pernas. Ele tombou de joelhos com sangue derramando-se das feridas, escorrendo pela armadura branca amassada e empoçando no caminho. Ele estava sorrindo, pelo que Logen podia ver, com o rosto meio pendurado.

– Livre – sussurrou ele.

Logen levantou a espada do Artífice e decepou sua cabeça.

Um vento havia soprado de repente, gerando um redemoinho nas ruas manchadas, sibilando para fora dos prédios queimados, jogando cinza e poeira no rosto de West enquanto ele cavalgava para o Agriont. Precisava gritar acima do som.

– Como estamos indo?

– Eles perderam a vontade de lutar! – gritou Brint, o cabelo puxado de lado por outro sopro. – Estão em retirada! Parece que estavam ansiosos demais para cercar o Agriont e não tinham se preparado para nós! Agora se atropelam uns aos outros, todos querendo seguir em direção ao oeste. Ainda há lutas em volta da muralha de Arnault, mas Orso os expulsou de Três Fazendas!

West viu o formato familiar da Torre das Correntes acima do topo de uma ruína e instigou seu cavalo para lá.

– Bom! Se pudermos afastá-los do Agriont, teremos uma grande vantagem! Depois poderemos…

Parou ao virar a esquina e ver todo o caminho até o portão oeste da cidadela. Ou, mais precisamente, o lugar onde antes ficava o portão oeste.

Demorou um instante para compreender. A Torre das Correntes se erguia ao lado de uma brecha monumental na muralha do Agriont. Toda a guarita fora derrubada de algum modo, junto com grandes trechos da muralha dos dois lados, e os restos entupiam o fosso ou estavam espalhados em larga escala pelas ruas arruinadas à frente.

Os gurkenses tinham entrado no Agriont. O coração da União estava exposto.

Não muito adiante, agora, uma batalha confusa continuava sendo travada diante da cidadela. West instigou seu cavalo para perto, passando pelos desgarrados e feridos e chegando à sombra da muralha. Viu uma linha de besteiros ajoelhados disparando uma saraivada mortal contra um bando de gurkenses, cujos corpos tombavam. Ao seu lado um homem gritou contra o vento enquanto outro tentava prender um torniquete no cotoco ensanguentado de sua perna.

O rosto de Pike estava mais sério ainda do que o usual.

– Deveríamos ficar mais para trás, senhor. Isto aqui não é seguro.

West o ignorou. Cada um precisava fazer sua parte, sem exceção.

– Precisamos formar uma linha aqui! Onde está o general Kroy?

O sargento já não o escutava. Seus olhos haviam se virado para cima, a boca se abrira subitamente. West girou na sela.

Uma coluna negra subia do lado oeste da cidadela. A princípio parecia um redemoinho de fumaça, mas, quando West conseguiu ter uma visão melhor, percebeu que era matéria que girava. Massas e massas. Toneladas. Seus olhos acompanharam aquilo para o céu, mais e mais alto. Até as nuvens se moviam, chicoteadas por uma espiral no centro, girando num círculo vagaroso acima delas. A luta foi parando, à medida que homens da União e de Gurkhul olhavam boquiabertos a coluna que se retorcia sobre o Agriont, fazendo a Torre das Correntes parecer um dedo preto na frente dela e a Casa do Artífice, um alfinete atrás.

Coisas começaram a chover do céu. Coisas pequenas, a princípio – lascas, poeira, folhas, fragmentos de papel. Depois um pedaço de pau do tamanho de uma perna de cadeira mergulhou e quicou girando no pavimento. Um soldado gritou quando uma pedra do tamanho de um punho acertou seu ombro. Os que não estavam lutando recuavam, encolhidos no chão, segurando escudos sobre a cabeça. O vento ficava mais forte. Roupas chicoteavam na tempestade e homens cambaleavam contra ele, inclinando-se, os dentes trincados, os olhos semicerrados. A coluna giratória ia ficando mais larga, mais escura, mais rápida, mais alta, tocava o próprio céu. West podia ver pontos nas bordas, dançando contra as nuvens, como enxames de mosquitos num dia de verão.

Só que aquelas coisas eram blocos de pedra girando, madeira, terra, metal, que, devido a alguma aberração da natureza, haviam sido sugados para o céu e agora voavam. Ele não sabia o que estava acontecendo, nem como. Só podia olhar.

– Senhor! – berrou Pike em seu ouvido. – Senhor, precisamos ir!

Ele segurou as rédeas do cavalo de West. Um grande naco de alvenaria se chocou no pavimento, não muito longe deles. O animal relinchou e empinou em pânico. O mundo se sacudiu, girou, ficou preto, ele não soube por quanto tempo.

Estava caído de cara no chão, a boca cheia de terra. Levantou a cabeça, apoiou-se trôpego nas mãos e nos joelhos, o vento rugindo nos ouvidos, terra voando e batendo com ardência em seu rosto. Tudo ficara escuro como o crepúsculo, o ar cheio de entulho rolando. Aquilo golpeava o chão, os prédios, os homens agora encolhidos e amontoados feito ovelhas, todos os pensamentos de batalha esquecidos havia muito tempo, os vivos esparramados de cara no chão junto com os mortos. A Torre das Correntes estava sendo golpeada por escombros, suas ardósias voando dos caibros, depois os caibros sendo arrancados pela tempestade. Uma trave gigantesca mergulhou, chocou-se contra as pedras do pavimento e saiu em cambalhotas, arrancando cadáveres do caminho até atravessar a parede de uma casa e afundar o teto.

West tremia, impotente, e lágrimas eram arrancadas de seus olhos, que ardiam. Era assim que o fim chegaria? Não coberto de sangue e glória à frente de um ataque impensado como o general Poulder. Não falecendo silenciosamente à noite como o marechal Burr. Nem mesmo encapuzado no cadafalso pelo assassinato do príncipe herdeiro Ladisla.

Esmagado ao acaso por um pedaço gigantesco de escombro caído do céu.

– Perdão – sussurrou para a tempestade.

Viu a silhueta negra da Torre das Correntes se mover. Viu-a inclinar-se para fora. Pedaços de pedra choveram, espirrando água no fosso agitado. Todo o vasto edifício se sacudiu, inchou e tombou, com ridícula lentidão, através da tempestade, despencando.

Partiu-se em seções monstruosas enquanto caía sobre as casas, esmagando homens encolhidos como se fossem formigas e disparando mísseis mortais em todas as direções.

E foi só.

Agora não havia prédios ao redor do espaço que um dia fora a praça dos Marechais. As fontes que jorravam, as estátuas majestosas na via do Rei, os palácios cheios de tons rosados suaves, tudo arrancado.

A cúpula dourada da rotunda dos Lordes fora erguida, rachada, partida, e transformada em refugo. As altas paredes do Palácio Marcial eram uma ruína devastada. As outras construções orgulhosas não passavam de cotocos despedaçados, arrancadas até os alicerces. Tudo havia se derretido diante dos olhos molhados de Ferro. Dissolvido na massa informe de fúria que

redemoinhava desde o chão até o próprio céu.

– Isso! – Era a gargalhada cheia de prazer de Bayaz que chegava, acima do ruído da tempestade. – Sou maior do que Juvens! Sou maior do que o próprio Euz!

Isso era vingança? Então quanto dessa vingança faria com que Ferro se sentisse realizada? Perguntou-se, sem propósito, quantas pessoas estariam escondidas naqueles prédios que haviam desaparecido. O tremeluzir ao redor da Semente foi crescendo, subindo até o ombro, depois o pescoço, e a engolfou.

O mundo ficou silencioso.

Longe, a destruição continuava, mas agora estava turva, os sons chegavam abafados, como se viessem através de água. Sua mão estava mais do que fria. Ela se sentia entorpecida até o ombro. Viu Bayaz sorrindo, os braços levantados. O vento passava em volta deles, uma parede de movimento interminável.

Mas havia formas dentro dela.

Ficaram mais nítidas à medida que o resto do mundo perdia nitidez. Sombras. Fantasmas. Uma multidão faminta.

– Ferro… – sussurravam as vozes.

Uma tempestade havia irrompido subitamente no jardim, mais súbita ainda do que as tempestades nos Lugares Altos. A luz sumira, depois coisas começaram a despencar do céu escuro. Cachorrão não sabia de onde aquilo vinha e não se importava muito. Tinha outras coisas mais urgentes com que se preocupar.

Arrastaram os feridos por uma porta alta, gemendo, xingando ou, ainda pior, não dizendo nada. Dois foram deixados do lado de fora, já de volta à lama. Não havia sentido em gastar o fôlego com quem não podia ser ajudado.

Logen segurava Sinistro pelas axilas, Cachorrão pelas botas. O rosto dele estava branco feito giz, a não ser pelo sangue vermelho nos lábios. Dava para ver claramente, no rosto, que a coisa era ruim, mas ele não reclamava, não Harding Sinistro. Cachorrão não acreditaria se ele reclamasse.

Puseram-no no chão, na penumbra do outro lado da porta. Cachorrão ouvia coisas chocando-se contra as janelas, batendo no chão do lado de fora, fazendo barulho contra o telhado. Mais homens foram carregados para dentro – braços quebrados, pernas quebradas e coisa pior. Tremedeira veio em seguida, o machado ensanguentado numa das mãos e o braço do escudo sem movimento.

Cachorrão nunca tinha visto um corredor assim. O piso era feito de pedra verde e branca, polida até ficar lisa e brilhante feito vidro. As paredes tinham quadros enormes. O teto era incrustado com flores e folhas, tão finas que

pareciam quase reais, só que eram feitas de ouro e reluziam à luz fraca que vazava pelas janelas.

Homens se abaixavam para cuidar dos camaradas feridos, oferecer água e palavras de conforto, colocar talas. Logen e Tremedeira simplesmente estavam parados, olhando-se. Sem ódio, mas sem respeito. Para Cachorrão era difícil dizer o que era, e ele não se importava muito.

– No que você estava pensando? – disse rispidamente. – Sair sozinho daquele jeito! Achei que você era o chefe, agora! Foi um serviço ruim, não foi?

Logen só se virou para ele, os olhos brilhando na penumbra.

– Preciso ajudar Ferro – murmurou, meio que para si mesmo. – Jezal também.

Cachorrão o encarou.

– Precisa ajudar quem? Tem gente de verdade aqui que precisa de ajuda.

– Não sou muito bom com feridos.

– Só em ferir! Vá, então, Nove Sangrento, se for preciso. Ande logo.

Cachorrão viu o rosto de Logen estremecer ao ouvir esse nome. Ele recuou, uma das mãos apertando as costelas, a outra segurando a espada suja de sangue. Então se virou e seguiu mancando pelo corredor brilhante.

– Está doendo – disse Sinistro quando Cachorrão se agachou ao seu lado.

– Onde?

Ele deu um sorriso ensanguentado.

– Em todo lugar.

– Certo, bem…

Cachorrão levantou a camisa dele. Um lado do peito estava fundo e um grande hematoma negro-azulado se espalhava como uma mancha de alcatrão. Mal podia acreditar que alguém ainda respirasse com um ferimento assim.

– Ah… – murmurou, sem ao menos uma pista de por onde começar.

– Acho… que estou acabado.

– O quê, isso? – Cachorrão tentou rir, mas não conseguiu. – É só um arranhão.

– Um arranhão, é?

Sinistro tentou levantar a cabeça, estremeceu e tombou de volta, com a respiração fraca. Arregalou os olhos.

– Que porra de teto lindo!

Cachorrão engoliu em seco.

– É. Acho que sim.

– Eu deveria ter morrido lutando com o Nove Dedos há muito tempo. Tudo o que veio depois foi um presente. Mas sou grato por isso, Cachorrão. Sempre adorei… nossas conversas.

Ele fechou os olhos e parou de respirar. Harding Sinistro nunca dissera muita coisa. Era famoso por isso. Agora ficaria em silêncio para sempre. Uma morte sem sentido, muito longe de casa. Não em nome de alguma coisa em que ele acreditasse, ou que entendesse, ou com a qual fosse ganhar algo. Não passava de um desperdício. Mas, afinal de contas, Cachorrão tinha visto muitos homens voltarem para a lama, e nunca havia nada de bom nisso. Respirou fundo e olhou para o chão.

Um único lampião lançava sombras que se esgueiravam no corredor mofado, sobre pedra áspera e reboco solto. Criava silhuetas sinistras dos mercenários, transformava o rosto de Cosca e o de Ardee em máscaras desconhecidas. A escuridão parecia se juntar dentro das pedras pesadas da passagem em arco e ao redor da porta ao fim dela – parecia antiga, cheia de nós e veios, cravejada de rebites de ferro preto.

– Algo divertido, superior?

– Eu estive aqui – murmurou Glokta. – Neste exato local. Com Silber. – Estendeu a mão e roçou a fechadura de ferro com as pontas dos dedos. – Minha mão estava na maçaneta… e eu fui embora. – *Ah, a ironia. As respostas que procuramos por tanto tempo e tão longe muitas vezes estavam nas pontas dos nossos dedos.*

Glokta sentiu um tremor descer pela coluna torta ao se inclinar perto da madeira. Podia ouvir algo do outro lado, uma arenga abafada numa língua que ele não reconhecia. *O adepto demoníaco invoca os habitantes do abismo?* Lambeu os lábios, com a imagem dos restos congelados do juiz supremo Marovia ainda fresca na mente. *Seria insensato entrar direto, por mais que estejamos ansiosos por respostas a nossas perguntas. Muito insensato…*

– Superior Goyle, já que nos trouxe até aqui, será que se importaria em entrar primeiro?

– Gueeg? – guinchou Goyle através da mordaça, os olhos já saltados arregalando-se mais ainda. Cosca pegou o superior de Adua pelo colarinho, segurou a maçaneta de ferro com a outra mão, abriu a porta e sentou a bota nos fundilhos de Goyle. Ele passou tropeçando, berrando absurdos sem sentido na mordaça. O som metálico de uma besta sendo disparada veio do outro lado da porta, junto com os cânticos, agora muito mais altos e ásperos.

O que o coronel Glokta diria? Avante para a vitória, rapazes! Glokta passou rápido pela porta, quase tropeçando no próprio pé dolorido na soleira, e olhou ao redor, surpreso. Era uma sala grande, circular, com teto abobadado, as paredes sombreadas pintadas com um mural enorme e exoticamente detalhado. *E*

que parece desconfortavelmente familiar. Kanedias, o Mestre Artífice, se erguia sobre a câmara com os braços abertos, cinco vezes maior do que o tamanho normal, com fogo saltando por trás dele em carmim vívido, laranja e branco. Na parede oposta estava seu irmão Juvens, estendido na grama entre árvores floridas, com sangue escorrendo dos muitos ferimentos. Entre os dois, os magos marchavam para se vingar, seis de um lado, cinco do outro, tendo o careca Bayaz à frente. *Sangue, fogo, morte, vingança. Que coisa maravilhosamente adequada, dadas as circunstâncias!*

Um desenho intricado fora feito com atenção obsessiva, cobrindo o piso amplo. Círculos dentro de círculos, formas, símbolos, figuras de complexidade assustadora, tudo riscado em linhas bem-feitas com pó branco. *Sal, a não ser que eu esteja enganado.* Goyle estava caído de bruços no chão, a um ou dois passos da porta, na borda do círculo mais externo, com as mãos ainda amarradas às costas. Sangue escorria por baixo dele e a ponta de uma seta de besta se projetava das costas. *Bem no coração. Eu jamais imaginaria que era o seu ponto fraco.*

Quatro adeptos da Universidade demonstravam vários estágios de espanto. Três deles, Chayle, Denka e Kandelau, seguravam com ambas as mãos velas cujos pavios estalavam e soltavam um fedor sufocante de cadáver. Saurizin, o adepto químico, segurava uma besta vazia. Os rostos dos velhos, iluminados de trás por um amarelo bilioso, eram máscaras numa cena de medo.

No lado mais distante da sala, Silber se postava atrás de um pódio e tinha à frente um grande livro aberto, que ele olhava concentrado à luz de um único lampião. Seu dedo sibilava na página, os lábios finos se movendo sem parar. Mesmo a distância e apesar de a sala estar gélida, Glokta podia ver gordas gotas de suor escorrerem pelo rosto magro. Ao lado dele, dolorosamente empertigado em seu casaco de um branco puro e lançando adagas azuis para o outro lado da câmara com o olhar, estava o arquileitor Sult.

– Glokta, seu aleijado maldito! – rosnou ele. – Que diabo está fazendo aqui?

– Eu poderia fazer a mesma pergunta, Eminência – rebateu o superior e, balançando a bengala para indicar a cena, acrescentou: – Só que as velas, os livros antigos, os cânticos e os círculos de sal revelam o jogo, não é? – *E parece um jogo bastante infantil, de repente. Todo esse tempo, enquanto eu torturava para abrir caminho através da Guilda dos Mercadores de Tecidos, enquanto arriscava a vida em Dagoska, enquanto chantageava tentando obter votos em seu nome, você estava aprontando… isso?*

Mas Sult parecia levar a coisa bastante a sério.

– Saia, idiota! Esta é a nossa última chance!

– Isso? Sério?

Cosca já havia passado pela porta, com os mercenários mascarados atrás. O olhar de Silber continuava fixo no livro, os lábios ainda se moviam, com mais suor no rosto do que nunca. Glokta franziu a testa.

– Alguém faça-o se calar.

– Não! – gritou Chayle, com um olhar de terror absoluto no rosto minúsculo. – Não se pode interromper os sortilégios! É uma operação profundamente perigosa! As consequências poderiam ser… poderiam ser…

– Desastrosas! – berrou Kandelau.

Mesmo assim, um dos mercenários deu um passo para o meio da sala.

– Não pise no sal! – guinchou Denka, com cera pingando da vela bamba. – De modo nenhum!

– Espere! – disse Glokta rispidamente, e o homem parou à beira do círculo, olhando para ele por cima da máscara.

A sala ficava mais fria à medida que eles falavam. Um frio que não era natural. Algo estava acontecendo no centro dos círculos. O ar tremeluzia como se estivesse em cima de uma fogueira, mais e mais, à medida que a voz rouca de Silber arengava. Glokta ficou imóvel, o olhar saltando entre os velhos adeptos. *Como agir? Fazê-lo parar ou não? Fazê-lo parar ou.…*

– Permita-me – falou Cosca.

Ele avançou, enfiando a mão esquerda livre dentro do casaco preto. *Mas você não pode estar.…* Ele retirou o braço com um floreio descuidado e sua faca de arremesso saiu junto. A lâmina relampejou à luz da vela, girou através do ar tremeluzente no centro da sala e se cravou até o punho na testa de Silber, com um estalo suave.

– Rá! – Cosca segurou Glokta pelo ombro. – O que eu disse? Já viu uma faca ser mais bem atirada?

O sangue escorreu num fio vermelho pelo rosto de Silber. Seus olhos se reviraram para cima, piscaram, então ele amoleceu e despencou no chão, arrastando consigo o pódio. O livro caiu em cima dele, páginas antigas virando, o lampião se derramou e espalhou riscas de óleo incendiado no piso.

– Não! – berrou Sult.

Chayle ofegou, seu queixo caiu. Kandelau jogou sua vela de lado e se encolheu de pavor no chão. Denka soltou um grito de terror, com uma das mãos sobre o rosto, espiando com os olhos saltados por entre os dedos. Houve uma longa pausa enquanto todo mundo, menos Cosca, olhava horrorizado para o cadáver do adepto demoníaco. Glokta esperou, os poucos dentes à mostra, os olhos quase fechados. *Como aquele momento horrível, lindo, entre a topada no dedo e a dor. Aí vem. Aí vem.*

Aí vem a dor…

Mas nada veio. Nenhuma risada demoníaca ecoou na câmara. O piso não afundou, expondo um portão para o inferno. O tremor no ar sumiu, a sala começou a ficar mais quente. Glokta levantou as sobrancelhas, quase desapontado.

– Parece que as artes diabólicas são superestimadas.

– Não! – rosnou Sult outra vez.

– Infelizmente sim, Eminência. E pensar que eu o respeitava!

Glokta sorriu para o adepto químico, que ainda segurava sua besta vazia. Balançou a mão na direção do corpo de Goyle.

– Um bom tiro. Parabéns. Menos uma sujeira para eu limpar.

Então se virou para o grupo de mercenários que vinha atrás.

– Agora peguem aquele homem.

– Não! – berrou Saurizin, jogando sua besta no chão. – Nada disso foi ideia minha! Eu não tive escolha! Foi ele! – defendeu-se, apontando um dedo grosso para o corpo sem vida de Silber. – E… e ele! – garantiu, indicando Sult com um braço trêmulo.

– Você entendeu como funciona, mas pode esperar até o interrogatório para falar. Poderia fazer a gentileza de prender Sua Eminência? – pediu a Cosca.

– Com todo o prazer.

O mercenário foi andando pela sala ampla, as botas levantando tufos de pó branco e deixando uma trilha de ruína pelos desenhos intricados.

– Glokta, seu imbecil trapalhão! – berrou Sult, esganiçado. – Você não faz ideia do perigo que Bayaz representa! Esse Primeiro dos Magos e seu rei bastardo! Glokta! Você não tem o direito! Argh!

Ele ganiu quando Cosca puxou seus braços para trás e o obrigou a se ajoelhar, o cabelo branco em desalinho.

– Você não faz ideia…

– Se os gurkenses não matarem todos nós, o senhor terá tempo suficiente para me explicar. Isso eu garanto.

Glokta deu seu sorriso banguela e Cosca apertou a corda em volta dos pulsos de Sult. *Se ao menos você soubesse quanto tempo eu sonhei dizer essas palavras!*

– Arquileitor Sult, está preso por alta traição contra Sua Majestade, o rei.

Jezal só conseguia ficar parado, olhando. Uma das gêmeas, a suja de sangue, estendeu devagar os braços compridos por cima da cabeça e se espreguiçou, satisfeita. A outra ergueu uma sobrancelha.

– Como você gostaria de morrer? – perguntou ela.

– Majestade, atrás de mim – falou Gorst e levantou sua espada longa com a única mão boa.

– Não. Desta vez, não.

Jezal tirou a coroa da cabeça, a coroa que Bayaz projetara com tantos detalhes, e a jogou longe. Estava farto de ser rei. Se era para morrer, que fosse como um homem, como qualquer outro. Recebera vantagens de mais, percebia agora. Muito mais do que qualquer homem poderia sonhar. Tantas chances de fazer o bem, e não tinha feito nada além de reclamar e pensar em si mesmo. Agora era tarde.

– Vivi apoiado nos outros. Escondido atrás deles. Subindo nos ombros deles. Desta vez, não.

Uma das gêmeas levantou as mãos e começou a aplaudir devagar, o tap, tap ecoando nos espelhos. A outra deu um risinho. Gorst ergueu sua espada. Jezal fez o mesmo, num último ato de desafio inútil.

Então o juiz supremo Marovia disparou entre elas. O velho se movia com uma velocidade impossível, o manto escuro estalando ao redor. Tinha algo na mão. Uma haste comprida, de metal escuro, com um gancho na ponta.

– O que… – murmurou Jezal.

O gancho relampejou de súbito, num branco ofuscante, brilhando como o sol num dia de verão. Uma centena de ganchos ardeu como estrelas, refletindo-se nos espelhos ao redor e refletindo-se de novo, e de novo, até muito longe. Jezal ficou boquiaberto e fechou os olhos com força, mantendo uma das mãos sobre o rosto enquanto a longa trilha deixada por aquela ponta brilhante chiava e queimava sua visão.

Piscou, ofegou, baixou o braço. As gêmeas estavam de pé, imóveis como estátuas, com o juiz supremo ao lado delas. Fiapos de vapor branco sibilavam das aberturas na extremidade daquela arma estranha e se enrolavam ao redor do braço de Marovia. Por um instante nada se moveu.

Então uma dúzia dos grandes espelhos na outra extremidade da sala se partiram ao meio e caíram como se fossem folhas de papel cortadas pela faca mais afiada do mundo. Duas metades inferiores e uma superior tombaram lentamente para dentro da sala e se despedaçaram, espalhando cacos brilhantes no piso ladrilhado.

– Urgggg – ofegou a gêmea da esquerda.

Jezal percebeu que sangue brotava de dentro da armadura da mulher. Ela levantou uma das mãos na direção dele e a mão caiu do braço e bateu nos ladrilhos, com sangue jorrando do cotoco decepado e liso. Ela tombou para a esquerda. Ou pelo menos o corpo tombou. As pernas caíram para o outro lado. A

maior parte dela despencou no chão e sua cabeça se soltou e rolou pelos ladrilhos numa poça crescente. O cabelo, muito bem aparado na altura do pescoço, flutuou para a sujeira sangrenta como uma nuvem dourada.

Armadura, carne, ossos, tudo dividido em seções nítidas, tão perfeitas quanto queijo cortado por um fio de aço. A gêmea da direita franziu a testa e deu um passo oscilante na direção de Marovia. Seus joelhos cederam e ela caiu, dividida ao meio na cintura. As pernas se afrouxaram e ficaram imóveis, vertendo poeira num monte marrom. A metade de cima se arrastou para a frente raspando o piso e levantou a cabeça, sibilando.

O ar ao redor do juiz supremo tremeluziu e o corpo partido da comedora irrompeu em chamas. Sacudiu-se por um tempo, soltando um grito agonizante. Então ficou imóvel, uma massa de cinzas fumegantes.

Marovia levantou a arma estranha, assobiando baixinho enquanto sorria para o gancho na ponta, de onde alguns últimos traços de vapor ainda saíam.

– Kanedias. Ele certamente sabia fazer uma arma. Um Mestre Artífice de fato, hein, Majestade?

– O quê? – murmurou Jezal, aparvalhado.

O rosto de Marovia se dissolveu lentamente enquanto ele atravessava o salão. Outro começou a se formar por baixo. Só os olhos permaneceram os mesmos. Olhos de cores diferentes, com rugas felizes nos cantos, rindo para Jezal como um velho amigo.

Yoru Sulfur fez uma reverência.

– Nunca se tem paz, hein, Majestade? Nunca se tem a menor paz.

Houve um estrondo quando uma das portas se abriu. Jezal levantou a espada, com o coração na boca. Sulfur girou, com a arma do Artífice ao lado do corpo. Um homem entrou cambaleando. Um homem grande, contorcendo o rosto coberto de cicatrizes, arfando, com uma espada pesada numa das mãos e usando a outra para apertar as costelas.

Jezal piscou, incapaz de acreditar.

– Logen Nove Dedos. Como chegou aqui?

O nórdico o encarou por um momento. Depois se encostou num espelho junto à porta e deixou a espada cair nos ladrilhos. Deslizou devagar até bater no chão e ficou sentado com a cabeça apoiada no vidro.

– É uma longa história – disse.

– Escute-nos…

Agora o vento estava cheio de formas. Centenas. Apinhavam-se ao redor do círculo mais externo, cujo metal brilhante ficou nevoento, cintilando com

umidade fria.

–… temos coisas a lhe dizer, Ferro…

– Segredos…

– O que podemos dar a você?

– Nós sabemos… tudo.

– Você só precisa nos deixar entrar…

Tantas vozes! Ela ouviu Aruf, seu antigo professor, no meio delas. Ouviu Susman, o traficante de escravos. Ouviu sua mãe e seu pai. Ouviu Yulwei e o príncipe Uthman. Uma centena de vozes. Mil. Vozes que ela conhecia e que havia esquecido. Vozes dos mortos e dos vivos. Gritos, murmúrios, berros. Sussurros em seu ouvido. Mais perto ainda. Mais perto do que seus próprios pensamentos.

– Você quer vingança?

– Podemos lhe dar vingança.

– Diferente de tudo o que você já sonhou.

– Tudo o que você quiser. Tudo que você precisar.

– Basta nos deixar entrar…

– Sabe esse espaço vazio em você?

– Nós somos o que está faltando!

Os círculos de metal tinham ficado brancos de geada. Ferro estava ajoelhada na extremidade de um túnel estonteante, as paredes feitas de matéria em movimento que rugia, furiosa, cheia de sombras, com a extremidade muito além do céu escuro. A risada do Primeiro dos Magos ecoava ao longe em seus ouvidos. O ar zumbia com energia, se retorcia, tremulava, ficava turvo.

– Você não precisa fazer nada.

– Bayaz.

– Ele vai fazer.

– Idiota!

– Mentiroso!

– Deixe-nos entrar…

– Ele não consegue entender.

– Ele usa você!

– Ele ri.

– Mas não por muito tempo.

– O portal está se deformando.

– Deixe-nos entrar…

Se Bayaz escutava as vozes, não dava sinal disso. Rachaduras percorriam o pavimento trêmulo, ramificando-se a partir dos pés dele; lascas flutuavam para cima ao redor dele em espirais rápidas. Os círculos de ferro começaram a se

mexer, a empenar. Com um som agudo de metal torturado, eles se soltaram das pedras arrebentadas, as bordas brilhantes reluzindo.

– Os lacres se partem.

– Onze guardas.

– E onze guardas revertidas.

– As portas se abrem.

– Sim – vinham as vozes, falando juntas.

As sombras se apinhavam mais próximas. A respiração de Ferro saía rápida e curta, os dentes batiam, os membros tremiam, o frio estava em seu coração. Ela se ajoelhava diante de um precipício sem fundo, sem limite, cheio de sombras, cheio de vozes.

– Logo estaremos com você.

– Em pouco tempo.

– A hora é esta.

– Os dois lados da fenda unidos.

– Como deveriam ser.

– Antes que Euz ditasse sua Primeira Lei.

– Deixe-nos entrar…

Ela só precisava segurar a Semente por mais um momento. Então as vozes lhe dariam a vingança. Bayaz era um mentiroso, ela sabia desde o início. Não devia nada a ele. Suas pálpebras tremeram, se fecharam, sua boca se abriu. O som do vento ficou mais fraco ainda, até que ela só conseguiu escutar as vozes.

Sussurrantes, acalentadoras, justas.

– Vamos tomar o mundo e consertá-lo.

– Juntos.

– Deixe-nos entrar…

– Você vai nos ajudar.

– Você vai nos libertar.

– Você pode confiar em nós.

– Confie em nós…

Confiar?

Uma palavra que só os mentirosos usavam. Ferro se lembrou dos destroços de Aulcus. As ruínas vazias, a lama explodida. As criaturas do Outro Lado são feitas de mentiras. Melhor ter um espaço vazio dentro de si do que preenchê-lo com isso. Mordeu a língua com força e sentiu a boca se encher de sangue salgado. Sugou o ar e obrigou os olhos a se abrirem.

– Confie em nós…

– Deixe-nos entrar!

Viu a caixa do Artífice, uma silhueta móvel, oscilante. Abaixou-se sobre

ela, agarrando-a com os dedos entorpecidos enquanto o ar a chicoteava. Não seria escrava de ninguém. Nem de Bayaz nem dos contadores de segredos. Encontraria o próprio caminho. Um caminho sombrio, talvez, mas seu.

A tampa se abriu.

– Não – sussurravam juntas em seu ouvido as vozes.

– Não!

Ferro trincou os dentes ensanguentados, rosnou com fúria enquanto forçava os dedos a se abrirem. O mundo era uma massa de escuridão derretida e informe que gritava. Aos poucos, bem aos poucos, sua mão morta se abriu. Ali estava sua vingança. Contra os mentirosos, os que usavam os outros, os ladrões. A terra se sacudiu, desmoronou, se rasgou, fina e frágil como uma placa de vidro, e com um vácuo embaixo. Ela virou a mão trêmula e a Semente caiu da palma.

Como se fossem uma só, as vozes gritaram sua ordem áspera:

– *Não!*

Ela segurou a tampa às cegas.

– Fodam-se! – sibilou.

E, com o último grão de energia, fechou a caixa à força.

Depois das chuvas

LOGEN ESTAVA ENCOSTADO no parapeito, no alto de uma torre de um dos lados do palácio, e franziu a testa para o vento. Tinha feito a mesma coisa, aparentemente séculos atrás, no topo da Torre das Correntes. Olhara, pasmo, para a cidade interminável, imaginando se um dia poderia ter sonhado que o homem fosse capaz de fazer algo tão imponente, lindo e indestrutível quanto o Agriont.

Pelos mortos, como os tempos mudam!

O espaço verde do parque estava coberto de entulho, árvores quebradas, grama arrancada. Metade do lago escoara e ele fora reduzido a um lamaçal. Na margem oeste, uma fileira de belos prédios brancos continuava de pé, ainda que as janelas se escancarassem vazias. Mais para oeste eles não tinham telhados e os caibros pendiam nus. Mais longe ainda, as paredes estavam rasgadas e queimadas, cascas vazias, sufocadas de entulho.

Mais além não havia nada. O grande salão com cúpula dourada havia sumido. A praça onde Logen tinha assistido à disputa de espadas já não existia. A Torre das Correntes, a muralha poderosa abaixo dela e todos os prédios grandiosos por cima dos quais Logen havia fugido com Ferro, tudo se fora.

Um colossal círculo de destruição fora escavado na parte oeste do Agriont e tudo o que restava eram quilômetros de destroços disformes. A cidade mais além estava rasgada por cicatrizes pretas, com fumaça ainda subindo de uns poucos incêndios, de cascos fumegantes ainda à deriva na baía. A Casa do Artífice se erguia sobre tudo isso, uma massa preta e nítida sob as nuvens carrancudas, indiferente, intocada.

Logen ficou parado, coçando o lado do rosto cheio de cicatrizes. Seus ferimentos doíam. Eram tantos! Cada parte dele estava espancada e com hematomas, cortada e rasgada. Da luta com o comedor, da batalha do outro lado do fosso, do duelo com o Temível, de sete dias de matança nos Lugares Altos. De uma centena de lutas, escaramuças e campanhas antigas. Um número grande demais para lembrar. Estava cansado, dolorido e doente demais.

Franziu a testa e olhou as mãos sobre o parapeito. A pedra nua olhava de volta de onde seu dedo médio costumava ficar. Ele ainda era o Nove Dedos. O Nove Sangrento. Um homem feito de morte, como Bethod dissera. Quase havia matado Cachorrão no dia anterior, sabia disso. Seu amigo mais antigo. Seu único amigo. Tinha levantado a espada e, se não fosse por um truque do destino, teria feito aquilo.

Lembrou-se de quando estivera lá no alto da Grande Biblioteca do Norte, olhando o vale vazio, o lago imóvel feito um grande espelho abaixo. Lembrava-se de ter sentido o vento no queixo recém-barbeado e imaginado se um homem podia mudar.

Agora sabia a resposta.

– Mestre Nove Dedos!

Logen se virou rapidamente e sibilou quando os pontos na lateral do corpo arderam. O Primeiro dos Magos passou pela porta e saiu ao ar livre. Estava mudado, de algum modo. Parecia jovem. Mais até do que quando Logen o conhecera. Havia uma precisão em seus movimentos, um brilho no olhar. Até parecia haver alguns fios escuros na barba grisalha ao redor do sorriso amistoso. O primeiro sorriso que Logen via num bom tempo.

– Está machucado? – perguntou ele.

Logen sugou o ar por entre os dentes com amargura.

– Não é a primeira vez.

– E no entanto não fica mais fácil.

Bayaz pôs os punhos carnudos na pedra ao lado dos de Logen e olhou feliz para a paisagem. Como se fosse um campo florido em vez de uma ruína épica.

– Não esperava vê-lo de novo tão cedo. E vê-lo tendo chegado tão longe. Soube que sua rixa terminou. Você derrotou Bethod. Jogou-o de sua própria muralha, pelo que ouvi dizer. Um belo toque. Sempre pensando na canção que vai motivar, hein? E depois tomou o lugar dele. O Nove Sangrento, rei dos nórdicos! Imagine só.

Logen franziu a testa.

– Não foi assim que aconteceu.

– Detalhes. O resultado é o mesmo, não é? Paz no Norte, finalmente? De qualquer modo, dou-lhe os parabéns.

– Bethod disse umas coisas.

– Disse, foi? – perguntou Bayaz, descuidado. – Sempre achei a conversa dele muito sem graça. Tudo sobre si mesmo, seus planos, seus feitos. É cansativo demais quando os homens não pensam nos outros. Maus modos.

– Ele disse que você foi o motivo para ele não me matar. Que você barganhou pela minha vida.

– É verdade, devo confessar. Ele me devia, e você foi o preço que eu cobrei. Gosto de ficar de olho no futuro. Mesmo naquela época, eu sabia que poderia necessitar de um homem capaz de falar com os espíritos. Foi um bônus inesperado você ser um companheiro de viagem tão bom.

Logen descobriu que estava falando entre dentes trincados.

– Só acho que seria bom saber.

– Você nunca perguntou, mestre Nove Dedos. Você não queria saber quais eram os meus planos, pelo que recordo, e eu não queria fazer com que você se sentisse endividado. “Salvei sua vida uma vez” seria um começo ruim para nossa amizade.

Era bastante razoável, como tudo o que Bayaz dizia. Mesmo assim, ser trocado feito um leitão deixava um gosto amargo.

– Cadê o Quai? Eu gostaria…

– Morreu. – Bayaz pronunciou a palavra rapidamente, afiado como uma facada. – Sentimos muito a perda dele.

– De volta à lama, hein?

Logen se lembrou do esforço que fizera para salvar a vida do sujeito. Os quilômetros que havia andado com dificuldade pela chuva, tentando fazer a coisa certa. Tudo em vão. Talvez devesse sentir mais. Porém era difícil, com tanta morte espalhada à frente. Agora Logen estava entorpecido. Ou isso, ou ele realmente cagava e andava. Era difícil dizer qual das opções.

– De volta à lama – murmurou de novo. – Mas a gente vai em frente, não é?

– Claro.

– Essa é a tarefa que resulta de sobreviver. A gente se lembra deles, diz algumas palavras, vai em frente e espera o melhor.

– É mesmo.

– É preciso ser realista com essas coisas.

– Verdade.

Logen tocou no lado dolorido do corpo com uma das mãos, tentando se obrigar a sentir alguma coisa. Mas um bocado de dor extra não ajudava ninguém.

– Ontem perdi um amigo.

– Foi um dia sangrento. Mas vitorioso.

– Ah, é? Para quem?

Ele podia ver pessoas movendo-se no meio das ruínas, insetos remexendo o entulho, procurando sobreviventes e encontrando mortos. Duvidava que muitos sentissem a empolgação da vitória. Tinha certeza de que ele não sentia.

– Eu deveria estar com o meu pessoal – murmurou, mas sem se mexer. – Ajudando nos enterros. Ajudando com os feridos.

– No entanto está aqui, olhando para baixo.

Os olhos verdes de Bayaz estavam duros feito pedras. A dureza que Logen havia notado desde o início e que de algum modo havia esquecido. Que de algum modo passara a desconsiderar.

– Entendo completamente seus sentimentos. Curar é para os jovens. À medida que ficamos mais velhos, descobrimos que temos cada vez menos

paciência com os feridos. – Ele ergueu as sobrancelhas enquanto se virava de novo para a vista terrível. – Estou muito velho.

Levantou o punho para bater à porta, depois parou e ficou esfregando a palma da mão, de nervosismo.

Lembrava-se do cheiro agridoce dela, da força de suas mãos, da testa franzida à luz da fogueira. Lembrava-se do calor dela, apertada contra ele à noite. Sabia que houvera algo bom entre os dois, ainda que todas as palavras ditas fossem duras. Algumas pessoas não têm palavras suaves, por mais que tentem. Ele não tinha muita esperança, claro. Um homem como ele se virava melhor sem esperança. Mas você não ganha nada se não arriscar nada.

Por isso Logen trincou os dentes e bateu. Não houve resposta. Mordeu o lábio e bateu de novo. Nada. Franziu a testa, nervoso e subitamente sem paciência, virou a maçaneta e abriu a porta.

Ferro girou. Suas roupas estavam amarrotadas e sujas, mais ainda do que o usual. Seus olhos estavam arregalados, até mesmo selvagens, os punhos cerrados. Mas o rosto se suavizou de repente quando viu que era ele, e o coração de Logen amoleceu junto.

– Sou eu, Logen.

– Uh – grunhiu ela.

Em seguida virou a cabeça de lado, franzindo a testa para a janela. Deu dois passos para lá, os olhos estreitados. Depois girou rápido para o outro lado.

– Ali!

– O quê? – murmurou Logen, pasmo.

– Não ouviu?

– Ouvi o quê?

– Eles, idiota!

Ferro se esgueirou até a parede e se comprimiu contra ela.

Logen não estivera certo de como aquilo seria. Nunca era possível ter certeza de alguma coisa com ela, sabia disso. Mas não esperava algo assim. Apenas vá em frente, pensou. O que mais poderia fazer?

– Agora sou rei – contou, meio rindo. – Rei dos Nórdicos, dá para acreditar?

Imaginou que ela fosse gargalhar na sua cara, mas Ferro só ficou parada, ouvindo a parede.

– Eu e Luthar. Dois reis. Dá para pensar em dois desgraçados mais indignos de receber coroas, hein?

Não houve resposta.

Logen lambeu os lábios. Não havia opção a não ser ir direto ao ponto, talvez.

– Ferro, o modo como as coisas aconteceram… o modo como a gente… deixou a situação… – Deu um passo na direção dela, e outro. – Eu gostaria que você não tivesse… Não sei… – Pôs a mão no ombro dela. – Ferro, estou tentando dizer…

Ela se virou rapidamente e comprimiu a mão contra sua boca.

– Shhhh.

Agarrou a camisa dele e o puxou para baixo, de joelhos. Encostou a orelha nos ladrilhos, os olhos movendo-se como se ouvisse alguma coisa.

– Escutou isso? – perguntou, soltando-o e grudando-se num canto da parede. – Ali! Está ouvindo?

Ele estendeu a mão devagar, tocou a nuca de Ferro, passou as pontas ásperas dos dedos sobre a pele. Ela o afastou com um movimento brusco dos ombros e ele sentiu o rosto se torcer. Talvez aquela coisa boa entre eles tivesse acontecido apenas na sua mente, nunca na dela. Talvez ele quisesse aquilo a tal ponto que tivesse se permitido imaginar.

Levantou-se e pigarreou, a garganta seca.

– Tudo bem. Eu volto mais tarde, talvez.

Ela ainda estava ajoelhada, com a cabeça encostada no chão. Nem olhou quando ele saiu.

Logen Nove Dedos não desconhecia a morte. Caminhara no meio dela todos os dias de sua vida. Vira corpos queimados às vintenas depois da batalha de Carleon, muito tempo atrás. Tinha-os visto ser enterrados às centenas no vale sem nome nos Lugares Altos. Subira numa montanha de ossos de homens sob a arruinada Aulcus.

Mas nem mesmo o Nove Sangrento, nem mesmo o homem mais temido do Norte, já vira algo assim.

Corpos estavam empilhados ao lado da ampla avenida, em montes na altura do peito. Montes frouxos de cadáveres, um depois do outro. Centenas e centenas. Um número grande demais para tentar adivinhar. Alguém fizera um esforço para cobri-los, mas não fora um esforço suficiente. Os mortos não agradecem, afinal de contas. Panos rasgados balançavam à brisa, presos com madeira quebrada, mãos e pés frouxos pendendo por baixo.

Nessa extremidade da rua ainda havia algumas estátuas. Reis que tinham sido orgulhosos e seus conselheiros, rostos e corpos de pedra cheios de cicatrizes e buracos, que olhavam tristes para a devastação sangrenta amontoada aos seus

pés. Um número suficiente para Logen reconhecer que aquela era mesmo a via do Rei e que ele não tinha de algum modo despencado na terra dos mortos.

Cem passos adiante havia apenas pedestais vazios, um com as pernas quebradas ainda presas. Um grupo estranho estava ao redor. De aparência desgastada. Em algum ponto entre mortos e vivos. Um homem sentava-se num bloco de pedra, olhando entorpecido enquanto arrancava tufos de cabelos da própria cabeça. Outro tossia num trapo ensanguentado. Uma mulher e um homem estavam deitados lado a lado, olhando boquiabertos para o nada, os rostos murchos a ponto de serem pouco mais do que esqueletos. A respiração dela saía estalando, curta e rápida. A dele não saía.

Mais cem passos e foi como se Logen entrasse nas ruínas de um inferno. Não existia sinal de que estátuas, prédios ou qualquer outra coisa já houvesse estado ali. No lugar havia apenas morros estranhos de entulho misturado. Pedras quebradas, madeira lascada, metal retorcido, papel, vidro, tudo esmagado junto e coberto por toneladas de poeira e lama. Coisas se projetavam dos destroços, estranhamente intactas – uma porta, uma cadeira, um tapete, um prato pintado, o rosto sorridente de uma estátua.

Homens e mulheres se esforçavam por toda parte no meio desse caos, sujos, remexendo o entulho, jogando coisas para a rua, tentando abrir caminho. Operários, ladrões, pessoas buscando ajudar no resgate, quem sabia? Logen passou por uma fogueira que estalava, da altura de um homem, e sentiu o beijo do calor no rosto. Um soldado grande, usando armadura manchada de fuligem preta, estava parado junto dela.

– Se encontrarem alguma coisa de metal branco – rugia para os que procuravam –, qualquer coisa, ela vai para o fogo! Carne em metal branco? Queimem! Ordens do Conselho Fechado!

Alguns passos adiante, alguém estava em cima de um dos montes maiores, fazendo força com um grande pedaço de madeira. O homem girou para segurar melhor. Era ninguém menos que Jezal dan Luthar. Suas roupas estavam rasgadas e sujas, o rosto manchado de lama. Ele não parecia mais um rei do que Logen.

Um homem atarracado olhava para cima, com um dos braços numa tipoia.

– Majestade, isso não é seguro! – trinou ele numa estranha voz de menininha. – Nós realmente deveríamos estar…

– Não! É aqui que eu sou necessário!

Jezal se dobrou de novo sobre a trave, fazendo força, as veias do pescoço inchando. De jeito nenhum iria levantá-la sozinho, mas mesmo assim tentava. Logen ficou olhando.

– Há quanto tempo ele está assim?

– A noite toda e o dia inteiro – respondeu o sujeito atarracado. – E não dá

sinal de parar. Os poucos que encontramos vivos estão quase todos com a tal doença – falou e balançou o braço bom para o grupo digno de pena ao lado das estátuas. – O cabelo cai. As unhas. Os dentes. Eles murcham. Alguns já morreram. Outros estão a caminho.

O homem balançou a cabeça devagar.

– Que crime nós cometemos para merecer este castigo?

– O castigo nem sempre vem para os culpados.

– Nove Dedos! – Jezal estava olhando para baixo, com o sol diluindo-se por trás. – Você tem as costas fortes! Pegue a ponta desta trave aqui!

Era difícil ver de que adiantaria mexer numa trave, no meio de tudo aquilo. Mas grandes jornadas começam com pequenos passos, como o pai de Logen sempre dizia. Por isso ele subiu, com madeira estalando e pedras escorregando embaixo das botas. Chegou ao topo, parou e olhou.

– Pelos mortos.

De onde ele estava, os morros de destroços pareciam não ter fim. Pessoas se arrastavam sobre eles, remexendo freneticamente no entulho, procurando com cuidado ou apenas paradas como ele, atordoadas com a escala daquilo. Um círculo de completa devastação, com um quilômetro e meio de diâmetro ou mais.

– Me ajude, Logen!

– É. Certo.

Ele se abaixou e enfiou as mãos embaixo de uma das pontas da grande peça de madeira chamuscada. Dois reis puxando uma trave. Os reis da lama.

– Puxe, então!

Logen fez força e os pontos do ferimento arderam. Aos poucos sentiu a madeira se mover.

– Isso! – grunhiu Jezal com os dentes trincados.

Juntos eles a levantaram e puxaram para o lado. Jezal se abaixou e tirou um galho seco de árvore, e um pano rasgado. Havia uma mulher embaixo, deitada de lado. Um braço quebrado envolvia uma criança, o cabelo encaracolado escuro de sangue.

– Certo. – Jezal limpou amargamente a boca com as costas sujas de uma das mãos. – Certo. Bem, vamos colocá-los com o restante dos mortos.

Subiu mais adiante no meio dos destroços.

– Você! Traga aquele pé de cabra aqui! Aqui em cima. E uma picareta. Precisamos tirar essa pedra! Coloque-a ali. Vamos precisar dela mais tarde. Para reconstruir!

Logen pôs a mão no ombro dele.

– Jezal, espere. Espere. Você me conhece.

– Claro. Gosto de pensar que sim.

– Certo. Então me diga uma coisa. Eu sou… – Lutou para encontrar as palavras certas. – Eu sou… um homem ruim?

– Você? – Jezal o encarou, confuso. – Você é o melhor homem que eu conheço.

Estavam reunidos embaixo de uma árvore quebrada no parque, uma multidão sombria. Silhuetas escuras de homens, calmos e imóveis, com nuvens vermelhas e douradas espalhadas acima, ao redor do sol poente. Logen podia ouvir suas vozes lentas enquanto se aproximava. Palavras para os mortos, suaves e tristes. Podia ver as sepulturas aos pés deles. Duas dúzias de pilhas de terra revirada, postas num círculo de modo que cada pessoa fosse igual à outra. A Grande Niveladora, como diziam os montanheses. Homens eram postos na lama e outros recitavam palavras. Poderia ser uma cena no velho Norte, muito tempo atrás, na época de Skarling Sem Capuz.

–… Harding Sinistro. Nunca vi um homem melhor com um arco. Nunca. Não posso contar o número de vezes que ele salvou minha vida, e nunca esperou agradecimento por isso. Talvez porque eu faria o mesmo por ele. Acho que desta vez não pude. Acho que nenhum de nós poderia…

A voz de Cachorrão pairou no ar. Algumas cabeças se viraram para olhar para Logen quando seus passos esmagaram o cascalho.

– Ora, se não é o rei dos nórdicos – disse alguém.

– O próprio Nove Sangrento.

– A gente deveria fazer uma reverência, não é?

Agora todos o encaravam. Ele podia ver os olhos brilhando no crepúsculo. Nada além de silhuetas desgrenhadas; era difícil identificar alguém. Uma multidão de sombras. Uma multidão de fantasmas, e tão inamistosos quanto fantasmas.

– Quer dizer alguma coisa, Nove Sangrento? – provocou uma voz ao fundo.

– Acho que não – disse ele. – Vocês estão se saindo bem.

– Não havia motivo para nós estarmos aqui.

Alguns murmúrios de concordância.

– Não era nossa luta.

– Não havia necessidade de eles morrerem.

Mais murmúrios.

– Você é que deveria estar sendo enterrado.

– É, talvez. – Logen teve vontade de chorar. Mas, em vez disso, sentiu-se sorrindo. O sorriso do Nove Sangrento. Aquele riso que as caveiras têm, sem nada dentro a não ser a morte. – Talvez. Mas a gente não escolhe quem morre. A

não ser que tenha a coragem de colocar a própria mão nisso. Vocês têm? Algum de vocês tem?

Silêncio.

– Bom, então. Bom para Harding Sinistro. Bom para o resto dos mortos. A falta de todos eles será sentida. – Logen cuspiu na grama. – O resto de vocês, à merda.

E se virou e voltou na direção de onde tinha vindo.

As trevas.

Respostas

TANTA COISA A FAZER.

A Casa das Perguntas continuava de pé e alguém precisava assumir as rédeas. *Quem mais fará isso? O superior Goyle? Infelizmente, uma seta de besta no coração o impede.* Alguém precisava cuidar da prisão e do interrogatório das muitas centenas de prisioneiros gurkenses, um número maior deles capturado a cada dia à medida que o exército impelia os invasores de volta para Keln. *E quem mais fará isso? A prática Vitari? Partiu da União para sempre, rebocando os filhos.* Alguém precisava examinar a traição de lorde Brock. Desenterrá-lo e desenraizar seus cúmplices. Fazer prisões e obter confissões. *E quem mais há agora? O arquileitor Sult? Ah, nossa, não.*

Glokta foi chiando até sua porta, com os poucos dentes à mostra por causa das dores intermináveis nas pernas. *Foi uma boa decisão, pelo menos, mudar-me para o lado leste do Agriont. Devemos agradecer pelas pequenas coisas da vida, como um lugar para descansar a casca aleijada. Minha antiga moradia sem dúvida está sob mil toneladas de entulho, como o restante do…*

Sua porta não estava totalmente fechada. Ele deu um empurrão levíssimo e ela se abriu rangendo, com a luz suave do lampião derramando-se no corredor, uma tira reluzente sobre as tábuas empoeiradas do piso, sobre a ponta da bengala e o bico enlameado de uma bota de Glokta. *Não deixei nenhuma porta destrancada e certamente nenhum lampião aceso.* Sua língua passou nervosa sobre as gengivas vazias. *Uma visita, então. Uma visita que não foi convidada. Eu entro e dou as boas-vindas aos meus aposentos?* Seu olhar deslizou para as sombras do corredor. *Ou tento fugir?* Ele quase sorria ao passar pela soleira, a bengala na frente, em seguida o pé direito, depois o esquerdo, arrastado com dor.

O visitante de Glokta estava sentado junto à janela, à luz de um único lampião, a claridade esparramada nos planos duros do rosto, a escuridão fria reunida nas reentrâncias fundas. O tabuleiro de quadrados estava arrumado à frente dele, como Glokta havia deixado, as peças lançando sombras compridas na madeira xadrez.

– Ora, superior Glokta. Estive à sua espera.

E eu à sua. Glokta foi mancando até a mesa, a bengala raspando nas tábuas nuas. *Com tanta relutância quanto alguém que manca em direção ao cadafalso. Ah, bem. Ninguém engana o carrasco para sempre. Talvez tenhamos algumas respostas, pelo menos, antes do fim. Sempre sonhei morrer bem informado.*

Lentamente, muito lentamente, sentou-se grunhindo na cadeira vazia.

– Tenho o prazer de me dirigir ao mestre Valint ou ao mestre Balk?

Bayaz sorriu.

– Aos dois, claro.

Glokta passou a língua em volta de um dos poucos dentes que restavam e a afastou com um leve som de sucção.

– E a que devo a honra avassaladora?

– Eu disse, não disse? Naquele dia em que visitamos a Casa do Artífice, que deveríamos ter uma conversa em algum momento. Uma conversa sobre o que eu quero e sobre o que você quer. Esse momento chegou.

– Oh, dia jubiloso!

O Primeiro dos Magos o observou. Tinha nos olhos a mesma expressão que alguém poderia ter ao observar um besouro interessante.

– Devo admitir que você me fascina, superior. Sua vida parece insuportável. No entanto você luta com tanta força para permanecer vivo! Com cada arma e estratagema possível. Você simplesmente se recusa a morrer.

– Estou pronto para morrer. – Glokta devolveu o olhar, no mesmo nível. – Mas me recuso a perder.

– Não importa o custo, não é? Somos parecidos, você e eu, e somos de uma espécie muito rara. Entendemos o que deve ser feito e não nos recusamos a fazer, independentemente dos sentimentos. Você se lembra do lorde chanceler Feekt, claro.

Se eu lançar a mente tão para trás…

– O Chanceler de Ouro? Dizem que comandou o Conselho Fechado durante quarenta anos. Dizem que comandou a União. – *Sult dizia isso. Sult dizia que sua morte deixou um vazio que ele e Marovia estavam ansiosos para preencher. Foi aí que essa dança feia começou, para mim. Com uma visita do arquileitor, com a confissão de meu velho amigo Salem Rews, com a prisão de Sepp dan Teufel, chefe da Casa da Moeda…*

Bayaz deixou a ponta de um dedo gordo passar por cima das peças do tabuleiro de quadrados, como se pensasse na próxima jogada.

– Feekt e eu tínhamos um acordo. Eu o tornei poderoso. Ele me serviu com fidelidade.

Feekt… o alicerce no qual repousava a nação… servia a você? Eu esperava ilusões de grandeza da sua parte, mas isso vai exigir algumas pancadas.

– Quer que eu acredite que você controlou a União por todo aquele tempo?

Bayaz bufou.

– Desde que forjei essa porcaria à força, na época de Harod, o supostamente

Grande. Algumas vezes precisei interferir, como nesta crise mais recente. Mas na maior parte do tempo fiquei a distância, nos bastidores, por assim dizer.

– Imagino que seja um tanto sufocante lá atrás.

– É uma necessidade desconfortável.

A luz do lampião reluzia no sorriso branco do mago.

– As pessoas gostam de olhar as marionetes bonitas, superior. Até mesmo um vislumbre do manipulador pode ser muito incômodo para elas. Bom, elas podem até notar de repente os fios em volta dos próprios pulsos. Sult captou um vislumbre de algo atrás dos panos e veja só a encrenca que ele causou para todo mundo.

Bayaz deu um peteleco numa peça, que caiu e rolou devagar para trás e para a frente.

– Vamos supor que você seja mesmo o grande arquiteto e que tenha nos dado… – Glokta balançou a mão para a janela. *Quilômetros de encantadora devastação.* –… tudo isso. Por que tanta generosidade?

– Não fui de todo altruísta, devo confessar. Khalul conseguiu que os gurkenses lutassem por ele. Eu também precisava de soldados. Até o maior general precisa de homens pequenos para sustentar a linha de batalha. – Cutucou distraidamente uma das peças menores. – Até o maior dos guerreiros precisa de armadura.

Glokta sugou o lábio inferior.

– Mas então Feekt morreu e você ficou nu.

– Nu feito um bebê, na minha idade. – Bayaz deu um longo suspiro. – E num tempo ruim, ainda por cima, com Khalul preparando a guerra. Eu deveria ter arranjado um sucessor adequado antes, porém meus pensamentos estavam em outro lugar, enfiados nos livros. Quanto mais velhos ficamos, mais depressa os anos passam. É fácil esquecer como as pessoas morrem rápido.

E com que facilidade.

– A morte do Chanceler de Ouro deixou um vazio – murmurou Glokta, pensando em voz alta. – Sult e Marovia viram uma chance de tomar o poder e implementar suas ideias de como a nação deveria ser.

– Ideias excepcionalmente tortas, devo dizer. Sult queria retornar a um passado imaginário em que cada um tinha seu lugar e sempre obedecia. E Marovia? Rá! Marovia queria dar poder a todas as pessoas, como mijo. Votos? Eleições? A voz do homem comum?

– Ele verbalizava ideias assim.

– Espero que você tenha verbalizado o nível adequado de desprezo. Poder para o povo? – zombou Bayaz. – O povo não quer isso. Não entende isso. Que diabo ele faria com o poder, se o tivesse? As pessoas são como crianças. *São*

crianças. Precisam de alguém que lhes diga o que fazer.

– Alguém como você, imagino.

– Quem seria mais adequado? Marovia pensou em me usar para suas armações mesquinhas, e o tempo todo eu o usei. Enquanto ele disputava migalhas com Sult, o jogo já estava ganho. Por uma jogada que eu havia preparado algum tempo antes.

Glokta assentiu devagar.

– Jezal dan Luthar. – *Nosso pequenino bastardo.*

– Nosso amigo.

Mas um bastardo não tem utilidade, a não ser…

– O príncipe herdeiro Raynault estava no caminho.

O mago deu um peteleco numa peça que rolou devagar do tabuleiro e bateu na mesa.

– Nós falamos sobre grandes acontecimentos. Certamente há algumas perdas.

– Você fez parecer que ele foi morto por um comedor.

– Ah, e foi. – Bayaz olhou de forma presunçosa das sombras. – Nem todos os que violam a Segunda Lei servem a Khalul. Meu aprendiz, Yoru Sulfur, sempre teve uma queda por uma ou duas mordidinhas. O Primeiro dos Magos juntou as duas fileiras de dentes lisos e regulares.

– Sei.

– É guerra, superior. Numa guerra precisamos usar todas as armas. Conter-se é tolice. Pior: conter-se é covardia. Mas olhe só para quem estou fazendo sermão. Você não precisa de lições sobre implacabilidade.

– Não. – *Eles as gravaram em mim nas prisões do imperador, e eu as pratico desde então.*

Bayaz empurrou uma peça com gentileza.

– Sulfur é um homem útil. Um homem que há muito tempo aceitou que a necessidade exige certas atitudes e dominou a disciplina de assumir formas. – *Ele era o guarda que chorava do lado de fora do quarto do príncipe Raynault. O guarda que desapareceu no ar no dia seguinte…*

– Um pedaço de pano tirado do quarto do emissário – murmurou Glokta. – Sangue manchando o manto dele. – *E assim um inocente foi para o cadafalso e a guerra entre Gurkhul e a União brotou. Dois obstáculos afastados com um movimento rápido da vassoura.*

– A paz com os gurkenses não atendia aos meus objetivos. Sulfur exagerou ao deixar pistas tão descaradas. Mas, afinal de contas, ele não esperava que você se importasse com a verdade quando havia uma explicação conveniente à mão.

Glokta assentiu devagar, à medida que tudo se desdobrava em sua mente.

– Ele soube de minhas investigações através de Severard, e recebi uma visita charmosa de seu cadáver ambulante, Mauthis, dizendo para eu parar, senão morreria.

– Exato. Em outras ocasiões, Yoru assumiu outra face e se autodenominou Curtidor e incitou alguns camponeses a um comportamento bastante desagradável.

Bayaz examinou as próprias unhas.

– Mas tudo isso por uma boa causa, superior.

– Para dar glamour à sua última marionete. Para torná-lo querido pelo povo. Para torná-lo familiar aos nobres, ao Conselho Fechado. Você era a fonte dos boatos.

– Atos heroicos no oeste arruinado? Jezal dan Luthar? – Bayaz bufou. – Ele fez pouco mais do que se lamuriar por causa da chuva.

– É incrível o lixo em que os idiotas acreditam se você gritar por tempo suficiente. E você fraudou o Campeonato, também.

– Você notou? – O sorriso de Bayaz ficou mais largo. – Estou impressionado, superior, estou muito impressionado. Você esteve muito perto da verdade esse tempo todo. – *E ao mesmo tempo estive tão longe.* – Eu não me sentiria mal com isso. Tenho muitas vantagens. No fim Sult tateou na direção das respostas, mas era tarde demais. Eu suspeitei desde o início de quais eram os planos dele.

– E foi por isso que pediu que eu o investigasse?

– O fato de você não me obedecer até o último momento foi fonte de algum incômodo.

– Um pedido gentil poderia ter ajudado. – *Seria revigorante, pelo menos.* – Lamento, porque me vi numa situação difícil. Foi um caso de excesso de senhores.

– Mas isso acabou, não é? Fiquei quase desapontado quando descobri como os estudos de Sult eram limitados. Sal, velas e sortilégios? Que coisa pateticamente adolescente! Suficiente para dar fim àquele suposto democrata do Marovia, talvez, mas nada que representasse a menor ameaça a mim.

Glokta franziu a testa para o tabuleiro de quadrados. *Sult e Marovia. Apesar de toda a inteligência deles, de todo o seu poder, suas desavenças foram irrelevantes. Eles eram peças pequenas nesse jogo. Tão pequenas que nem imaginavam o tamanho do tabuleiro. O que me torna o quê? Um grão de poeira entre os quadrados, na melhor das hipóteses.*

– E a visitante misteriosa que foi ao seus aposentos no dia em que o conheci? – *Que visitou meus aposentos também? Uma mulher, e fria.…*

Rugas raivosas cruzaram a testa de Bayaz.

– Um erro que cometi na juventude. Você não falará mais sobre isso.

– Ah, como o senhor quiser. E o grande profeta Khalul?

– A guerra vai continuar. Em diferentes campos de batalha, com outro tipo de soldados. Mas esta será a última batalha travada com as armas do passado. A magia está se esvaindo do mundo. As lições do Tempo Antigo se desbotam na escuridão da história. Uma nova era surge.

O mago fez um movimento descuidado com uma das mãos e algo saltou no ar, bateu no centro do tabuleiro e girou e girou até parar, com o som inconfundível de dinheiro caindo. Uma moeda de ouro de 50 marcos, reluzindo quente e receptiva à luz do lampião. Glokta quase gargalhou. *Ah, mesmo agora, mesmo aqui, sempre se trata disso. Tudo tem um preço.*

– Foi dinheiro que trouxe a vitória à guerra atrapalhada do rei Guslav – disse Bayaz. – Foi dinheiro que uniu o Conselho Aberto para apoiar o rei bastardo. Foi dinheiro que trouxe o grão-duque Orso correndo para defender sua filha e fazer a balança pender a nosso favor. Tudo dinheiro meu.

– Foi dinheiro que me permitiu sustentar Dagoska por tanto tempo.

– E você sabe de quem era. – *Quem diria? Ele está mais para primeiro dos agiotas do que para Primeiro dos Magos. Conselho Aberto e Fechado, plebeus e reis, mercadores e torturadores, tudo apanhado numa teia de ouro. Uma teia de dívidas, mentiras e segredos, cada fio puxado no lugar certo, tocado como uma harpa por um mestre. E o pobre superior Glokta, o bufão desajeitado? Haverá um lugar para sua nota desafinada nessa doce melodia? Ou o empréstimo da minha vida está para ser cobrado?*

– Acho que eu devo parabenizá-lo por uma partida bem jogada – murmurou Glokta com azedume.

– Ora – descartou Bayaz com um aceno. – Forçar um punhado de primitivos a se unir sob o comando daquele cretino do Harod e fazer com que agissem como civilizados. Manter a integridade da União durante a guerra civil e levar o idiota do Arnault ao trono. Guiar o covarde do Casamir para a conquista de Angland. Essas foram partidas bem jogadas. Isto aqui não foi nada. Eu tinha todas as cartas e sempre terei. Eu tenho…

Estou cansado disso.

– E blá-blá-blá, porra. O fedor da vaidade está ficando sufocante. Se pretende me matar, me transforme em cinzas agora e vamos acabar com isso, mas, por piedade, não me sujeite à sua fanfarronice.

Os dois ficaram imóveis por longo tempo, encarando-se em silêncio por cima da mesa na penumbra. Tempo suficiente para a perna de Glokta começar a tremer, para seu olho começar a piscar, para sua boca banguela começar a ficar seca feito o deserto. *Doce ansiedade. Vai ser agora? Vai ser…*

– Matar você? – perguntou Bayaz de modo afável. – E me privar do seu senso de humor?

Não agora.

– Então… por que revelar seu jogo a mim?

– Porque logo partirei de Adua.

O mago se inclinou para a frente e seu rosto implacável entrou no foco da luz.

– Porque é necessário que você entenda onde está o poder e onde sempre estará. É necessário que você, diferentemente de Sult, diferentemente de Marovia, tenha uma perspectiva adequada. É necessário… se você for me servir.

– Servir a você? – *Prefiro passar dois anos na escuridão fétida. Prefiro ter a perna feita em picadinho. Prefiro que arranquem meus dentes. Mas como já passei por todas essas coisas…*

– Você vai assumir a tarefa que já foi de Feekt. A tarefa que uma vintena de homens importantes teve antes dele. Será meu representante aqui na União. Vai administrar o Conselho Fechado, o Conselho Aberto e nosso amigo em comum, o rei. Vai garantir que ele tenha herdeiros. Vai manter a estabilidade. Resumindo, vai vigiar o tabuleiro enquanto eu estiver longe.

– Mas o restante do Conselho Fechado nunca…

– Os que sobreviveram foram abordados. Todos se curvarão à sua autoridade. Sob a minha, claro.

– Como eu vou…

– Eu manterei contato. Frequente. Através do meu pessoal no banco. Através do meu aprendiz, Sulfur. Através de outros meios. Você saberá.

– Imagino que eu não tenha escolha, não é?

– A não ser que possa pagar os milhões de marcos que eu lhe emprestei. Com juros.

Glokta deu alguns tapinhas na frente da camisa.

– Porcaria. Deixei minha bolsa de moedas no trabalho.

– Então acho que você não tem escolha. Mas por que iria recusar? Eu lhe ofereço a chance de me ajudar a forjar uma nova era. – *De enterrar as mãos até os cotovelos em seu trabalho sujo*. – De ser um grande homem. O maior dos homens. – *Cavalgar o Conselho Fechado como um aleijão colossal.* – Deixar sua imagem esculpida em pedra na via do Rei. – *Onde minha aparência hedionda possa fazer as crianças chorar. Assim que eles tirarem o entulho e os cadáveres, claro.* – Moldar o rumo de uma nação.

– Sob seu comando.

– Naturalmente. Nada é de graça, você sabe.

De novo o mago balançou a mão e algo bateu girando no tabuleiro. Parou

diante de Glokta, ouro reluzindo. O anel do arquileitor. *Tantas vezes me abaixei para beijar esta mesma joia. Quem sonharia que um dia seria eu a usá-la?* Pegou-o e virou-o pensativamente várias vezes. *E por fim me livro de um senhor sinistro e descubro a coleira segura por outro, mais sinistro e muito mais poderoso. Mas que opção eu tenho? Que opção qualquer um de nós tem?* Enfiou o anel no dedo. A grande pedra cintilava à luz do lampião, cheia de brilhos roxos. *Eu me transformo de um homem morto no maior do reino, e tudo numa tarde.*

– Cabe – murmurou Glokta.

– Claro, Eminência. Eu sempre soube disso.

Os feridos

WEST ACORDOU COM um susto e tentou sentar-se. A dor disparou por uma perna, atravessou o peito, o braço direito e ficou ali, latejando. Ele tombou de volta com um gemido e olhou para o teto. Um teto de pedra em abóbada, coberto por sombras densas.

Agora sons se esgueiravam até ele, vindos de toda a volta. Grunhidos e gemidos, tosses e soluços, respirações ofegantes, resmungos lentos. Um berro ocasional de dor. Sons algo humanos, algo animalescos. Uma voz gutural sussurrava em algum lugar à esquerda, arengando sem fim, como um rato raspando as paredes.

– Não consigo enxergar. Vento desgraçado. Não consigo enxergar. Onde estou? Alguém. Não consigo enxergar.

West engoliu em seco, sentindo que a dor piorava. Tinha ouvido sons assim nos hospitais de Gurkhul, quando fora visitar soldados feridos de sua companhia. Lembrava-se do fedor e do barulho daquelas tendas horríveis, do sofrimento dos homens dentro delas e, acima de tudo, do desejo avassalador de ir embora e ficar entre os saudáveis. Mas já estava medonhamente claro que desta vez não seria tão fácil.

Ele era um dos feridos. Uma espécie diferente, desprezível e nojenta. O horror se esgueirou por seu corpo e se misturou à dor. Qual era o grau de seus ferimentos? Ainda tinha todos os membros? Tentou mexer os dedos das mãos, dos pés. Trincou os dentes quando a dor no braço e na perna piorou. Levou a mão esquerda, trêmula, diante do rosto, virou-a na penumbra. Parecia intacta, ao menos, mas era o único membro que ele conseguia mexer, e mesmo isso exigia um esforço esmagador. O pânico subiu pela garganta e a deixou apertada.

– Onde estou? Vento desgraçado. Não consigo enxergar. Socorro. Socorro. Onde estou?

– Cala a boca, porra! – gritou West, mas as palavras morreram na garganta. Tudo o que saiu foi uma tosse oca que pôs fogo nas costelas outra vez.

– Shhhh. – Um toque suave no peito. – Fique parado.

Um rosto surgiu, turvo e oscilante. Um rosto de mulher, pensou ele, de cabelos claros, mas era difícil focalizar. Fechou os olhos e parou de tentar. Isso não parecia importar muito. Sentiu algo encostando nos lábios, o gargalo de uma garrafa. Bebeu rápido demais, tossiu e sentiu a água fria escorrendo pelo pescoço.

– O que aconteceu? – grasnou.

– O senhor foi ferido.

– Eu sei. Quero dizer… na cidade. O vento.

– Não sei. Acho que ninguém sabe.

– Nós vencemos?

– Acho que… os gurkenses foram expulsos, sim. Mas há muitos feridos. Muitos mortos.

Outro gole d’água. Desta vez ele conseguiu beber sem engasgar. Abriu os olhos.

– Quem é você?

– Meu nome é Ariss. Ariss dan Kaspa.

– Ariss… – West procurou o nome na mente. – Eu conheci seu primo. Conheci bem… Era um homem bom. Costumava falar sobre… como você era linda. E rica – murmurou, vagamente consciente de que não deveria estar dizendo isso, mas incapaz de impedir que a boca se mexesse. – Muito rica. Ele morreu. Nas montanhas.

– Eu sei.

– O que você está fazendo aqui?

– Tentando ajudar os feridos. Seria melhor se o senhor dormisse agora, se…

– Estou inteiro?

Uma pausa.

– Está. Agora durma, se puder.

O rosto dela ficou turvo e West deixou os olhos se fecharem. Os sons de agonia foram diminuindo ao redor. Ele estava inteiro. Tudo ficaria bem.

Alguém estava sentado ao lado de sua cama. Ardee. Sua irmã. Ele piscou e remexeu a boca azeda, por um momento sem saber onde estava.

– Estou sonhando?

Ela estendeu a mão e cravou as unhas no braço dele.

– Ah!

– Sonho doloroso, hein?

– Não, isso é real – ele foi obrigado a admitir.

Ela parecia estar bem. Muito melhor do que na última vez em que a vira, isso era certo. Para começar, não tinha sangue no rosto. Nem expressão de ódio. Apenas a testa franzida e pensativa. Ele tentou se sentar, não conseguiu e se deixou cair de volta. Ela não ofereceu ajuda. Ele não havia esperado que ela ajudasse.

– Está muito ruim? – perguntou ele.

– Parece que não é nada sério. Um braço quebrado, algumas costelas quebradas e uma perna muito machucada, pelo que disseram. Alguns cortes no rosto que podem deixar uma ou duas cicatrizes, mas, de qualquer modo, toda a beleza da família ficou para mim.

Ele riu, fungando, e se encolheu com a dor no peito.

– Verdade. A inteligência também.

– Não se sinta mal com isso. Eu usei essas coisas para obter esse sucesso gigantesco que tenho na vida. É o tipo de feito com que você, como lorde marechal da União, só pode sonhar.

– Pare de me fazer rir – sibilou ele, com a mão boa nas costelas. – Dói.

– Não menos do que você merece.

O riso dele parou logo, entrecortado, e os dois ficaram em silêncio um momento, encarando-se. Até isso era difícil.

– Ardee… – A voz dele ficou presa na garganta dolorida. – Você pode… me perdoar?

– Já perdoei. Na primeira vez que ouvi dizer que você estava morto.

Ela tentava sorrir, dava para ver. Mas ainda tinha aquele esgar de raiva na boca. Provavelmente gostaria de cravar as unhas no rosto dele, em vez de no braço. Ele ficou quase feliz, então, por um momento, porque estava ferido. Ela não tinha opção, além de ser branda com ele.

– É bom que você não esteja. Quero dizer, morto… – Franziu a testa por cima do ombro. Havia alguma agitação na outra ponta do porão comprido. Vozes exaltadas, som de passos com armaduras.

– O rei! – Alguém ali perto guinchou, empolgado. – O rei veio de novo!

Nas camas ao redor, homens viraram a cabeça, apoiaram-se nos braços. Uma empolgação nervosa se espalhou de catre em catre.

– O rei? – sussurravam, rostos ansiosos e cheios de expectativa, como se fossem privilegiados por testemunhar uma visita divina.

Várias figuras se moviam pelas sombras na outra extremidade do porão. West se esforçou para olhar, mas conseguiu ver pouco mais do que metal brilhando na escuridão. A silhueta mais à frente do grupo parou ao lado de um homem ferido, a algumas camas de distância.

– Estão cuidando bem de você?

Era uma voz estranhamente familiar, estranhamente diferente.

– Sim, senhor.

– Precisa de alguma coisa?

– Um beijo de uma boa mulher?

– Eu adoraria lhe dar isso, mas acho que sou só o rei. Nós somos muitíssimo mais comuns do que as boas mulheres.

Homens riram, mesmo isso não sendo engraçado. West imaginou que as pessoas rirem de suas piadas ruins era uma vantagem de ser monarca.

– Mais alguma coisa?

– Talvez… talvez outro cobertor, senhor. Faz frio aqui embaixo, à noite.

– Claro.

A figura apontou o polegar para um homem que vinha atrás. Era lorde Hoff, percebeu West, seguindo a uma distância respeitosa.

– Outro cobertor para cada homem aqui.

O lorde camarista, aquele temível flagelo da câmara de audiências, assentiu com humildade como uma criança afável. O rei se levantou e ficou visível.

Era Jezal dan Luthar, claro, no entanto era difícil crer que fosse o mesmo homem, e não só por causa do rico manto de pele e do aro de ouro na cabeça. Ele parecia mais alto. Ainda bonito, mas não mais juvenil. Uma cicatriz funda no queixo barbudo lhe dava um ar de força. O riso arrogante havia se tornado uma séria expressão de comando. O passo despreocupado se transformara em um caminhar objetivo. Ele seguiu lentamente pelo corredor entre as macas, falando com cada homem, apertando mãos, agradecendo, prometendo ajuda. Ninguém foi deixado de lado.

– Viva o rei! – gorgolejou alguém com os dentes trincados.

– Não! Não. Os vivas devem ser para vocês, bravos amigos! Foram vocês que fizeram sacrifícios em meu nome. Eu lhes devo tudo. Só com sua ajuda os gurkenses foram derrotados. Só com sua ajuda a União foi salva. Eu não esqueço uma dívida, isso garanto!

West ficou olhando. Quem quer que fosse aquela estranha aparição tão parecida com Jezal dan Luthar, falava como um monarca. West quase sentiu um desejo absurdo de se arrastar da maca e se ajoelhar. Um ferido tentou fazer exatamente isso quando o rei passou pela sua cama. Jezal o conteve com a mão gentil no peito, sorriu e deu um tapinha no seu ombro como se tivesse oferecido socorro aos feridos a vida toda em vez de se embebedar em buracos horríveis com outros oficiais e reclamar das tarefas que recebia.

Ele chegou perto e viu West deitado ali. Seu rosto se iluminou, apesar de faltar um dente no sorriso.

– Collem West! – disse ele, chegando perto. – Posso dizer, com toda a honestidade, que nunca na vida fiquei tão feliz em ver seu rosto.

– É… – West mexeu a boca um pouco, mas não sabia o que dizer.

Jezal se virou para sua irmã.

– Ardee… espero que você esteja bem.

– Estou.

Ela não disse mais nada. Os dois se entreolharam por um momento longo e

intensamente incômodo, sem falar.

Lorde Hoff franziu a testa para o rei, depois para West, em seguida para Ardee. Ele conseguiu se insinuar um tanto entre os dois.

– Majestade, deveríamos…

Jezal o silenciou sem esforço, levantando a mão.

– Espero que se junte logo a mim no Conselho Fechado, West. Na verdade, preciso de um rosto amigável lá. Para não mencionar os bons conselhos. Você sempre foi uma mina de bons conselhos. Nunca agradeci por isso. Bom, agora posso agradecer.

– Jezal… quero dizer, Majestade…

– Não, não. Para você serei sempre Jezal, espero. Você terá aposentos no palácio, claro. Terá o cirurgião real. Tudo que for possível. Cuide disso, por favor, Hoff.

O lorde camarista fez uma reverência.

– Claro. Tudo será providenciado.

– Bom. Bom. Fico feliz por você estar bem, West. Não posso me dar ao luxo de perdê-lo.

O rei menou a cabeça para ele e para sua irmã. Depois virou e foi em frente, apertando mãos, dizendo palavras suaves. Um poço de esperança parecia cercá-lo à medida que passava. O desespero retornava atrás. Sorrisos sumiam quando ele se afastava. Homens tombavam de volta nas macas, os rostos se nublando de dor.

– A responsabilidade parece tê-lo melhorado – murmurou West. – Quase nem se pode reconhecê-lo.

– Quanto tempo você acha que isso vai durar?

– Quero acreditar que dure para sempre. Mas, afinal de contas, sempre fui otimista.

– Isso é bom. – Ardee olhou o magnífico novo rei da União se afastar, com homens feridos esforçando-se nas macas para conseguir um toque levíssimo em sua capa. – É bom que um de nós possa ser.

– Marechal West!

– Jalenhorm. Que bom vê-lo.

West empurrou os cobertores com a mão boa, passou as pernas pela beira da cama e sentou-se com uma pontada de dor. O grandalhão o cumprimentou com um aperto de mão e um tapa no ombro.

– O senhor está com boa aparência!

West deu um leve sorriso.

– Melhorando a cada dia, major. Como está o meu exército?

– Esforçando-se sem o senhor. Kroy está segurando as pontas. Não é mau sujeito, o general, quando a gente se acostuma com ele.

– Se você diz. Quantos homens nós perdemos?

– Ainda é difícil dizer. As coisas estão meio caóticas. Companhias inteiras sumiram. Unidades improvisadas continuam perseguindo os gurkenses desgarrados por metade do país. Acho que por enquanto não teremos os números. Não sei se algum dia iremos tê-los. Ninguém se saiu bem, mas o nono regimento é que estava lutando no limite oeste do Agriont. Eles receberam o pior do… – Ele procurou a palavra. –… da coisa.

West fez uma careta. Lembrava-se daquela coluna preta de matéria em redemoinho indo da terra torturada até as nuvens. Os escombros batendo na sua pele, o grito do vento ao redor.

– O que foi… a coisa?

– Não faço a mínima ideia. – Jalenhorm balançou a cabeça. – Não creio que alguém saiba. Mas o boato é que o tal de Bayaz estava envolvido, de algum modo. Metade do Agriont está em ruínas, e mal começaram a tirar os destroços. O senhor nunca viu nada igual, garanto. Muita gente morta. Corpos empilhados ao ar livre…

Jalenhorm respirou fundo.

– E há mais gente morrendo a cada dia. Muita gente adoecendo – falou com um tremor. – Uma tal… doença.

– Doença. Sempre faz parte da guerra.

– Assim, não. Agora são centenas de casos. Alguns morrem em um dia, quase diante dos nossos olhos. Outros demoram mais. Eles definham até só restar pele e osso. Mas não se preocupe com isso – concluiu. – Preciso ir.

– Já?

– É só uma visita rápida, senhor. Estou ajudando a organizar o enterro de Poulder, dá para acreditar? Ele vai ser enterrado com honras de Estado, por ordem do rei… Quer dizer, do Jezal. Jezal dan Luthar – Jalenhorm falou estufando as bochechas. – Que negócio estranho.

– Muito estranho.

– Todo aquele tempo, um rei sentado junto com a gente. Eu sabia que havia um motivo para ele ser tão bom com as cartas.

Jalenhorm deu um tapa nas costas de West outra vez.

– É bom vê-lo tão bem, senhor. Sabia que não poderiam mantê-lo de molho por muito tempo!

– Fique longe de encrenca – gritou West enquanto ele se afastava.

– Sempre! – respondeu o grandalhão rindo ao fechar a porta.

West pegou sua bengala ao lado da cama, trincando os dentes ao se levantar. Foi mancando pela vastidão de ladrilhos xadrez até a janela, um passo doloroso de cada vez, e parou, piscando, ao sol da manhã.

Olhando para o jardim do palácio, era difícil acreditar que houvera alguma guerra, que havia quilômetros de ruínas e montes de mortos. Os gramados estavam bem aparados, o cascalho, bem varrido. As últimas folhas marrons tinham caído das árvores, deixando a madeira lisa preta e nua.

Era outono quando ele partira para Angland. Será que teria sido mesmo apenas um ano antes? Sobrevivera a quatro grandes batalhas, um cerco, uma emboscada, uma confusão sangrenta. Testemunhara um duelo até a morte. Estivera no centro de grandes acontecimentos. Sobrevivera a uma caminhada de centenas de quilômetros através do terrível inverno de Angland. Encontrara novos companheiros em locais improváveis e vira amigos serem mortos diante dos olhos. Burr, Kaspa, Cathil, Três Árvores, todos de volta à lama, como diziam os nórdicos. Encarara a morte e também matara. Mexeu o braço dolorido na tipoia com desconforto. Havia assassinado o herdeiro do trono da União. Havia ascendido, por um golpe do acaso que beirava o impossível, a um dos postos mais elevados da nação.

Ano movimentado.

E agora estava no fim. Uma espécie de paz. A cidade se achava em ruínas e cada homem precisava fazer sua parte, mas ele merecia um descanso. Decerto ninguém questionaria isso. Talvez pudesse insistir que Ariss dan Kaspa cuidasse dele. Uma enfermeira rica e linda parecia exatamente a coisa da qual necessitava…

– Você não deveria se levantar.

Ardee estava junto à porta.

Ele riu. Era bom vê-la. Os dois haviam estado próximos nos últimos dias. Quase como antigamente, quando eram crianças.

– Não se preocupe. Estou ficando mais forte a cada dia.

Ela foi até a janela.

– Ah, é, em algumas semanas você vai estar forte feito uma menininha. Volte para a cama.

Ela passou um braço embaixo do dele, tirou a bengala de sua mão e começou a guiá-lo de volta pelo quarto. West não ofereceu resistência. Para ser honesto, começava a sentir-se cansado.

– Não vamos nos arriscar – disse ela. – Você é tudo o que eu tenho, lamento dizer. A não ser que a gente conte com aquele outro inválido, meu bom amigo Sand dan Glokta.

West quase engasgou com uma gargalhada.

– Essa amizade vingou?

– O sujeito é desprezível, claro, de certa forma. Aterrorizante e digno de pena ao mesmo tempo. E no entanto… como não tenho mais ninguém com quem conversar, me descobri estranhamente gostando dele.

– Hum. Antes ele era desprezível de um modo diferente. Nunca tive certeza de por que eu gostava dele na época. Mas gostava. Acho que não existe…

West sentiu uma súbita onda de náusea apertar suas entranhas, tropeçou e quase caiu. Afundou na cama, a perna rígida estendida à frente do corpo. Sua visão ficou turva, a cabeça girava. Levou as mãos ao rosto, os dentes trincados, enquanto a saliva se juntava na boca. Sentiu o toque de Ardee em seu ombro.

– Você está bem?

– Ah, estou, é só… Tenho tido uns ataques de enjoo.

A sensação já estava passando. Ele esfregou as têmporas doloridas, depois a nuca. Levantou a cabeça e sorriu para ela de novo.

– Tenho certeza de que não é nada.

– Collem…

Havia fios de cabelo entre seus dedos. Muitos fios. Dele mesmo, pela cor. West piscou olhando aquilo, perplexo, depois tossiu com um riso incrédulo. Uma tosse úmida, salgada, vinda do fundo das costelas.

– Sei que meu cabelo está ficando ralo há anos – grasnou –, mas isso é demais.

Ardee não riu. Estava fitando as mãos dele com os olhos arregalados de horror.

Deveres patrióticos

GLOKTA ESTREMECEU AO sentar-se, com cuidado, na cadeira. Não houve fanfarra para marcar o momento em que sua bunda dolorida tocou a madeira dura. Nem uma salva de palmas. Só um estalo agudo no joelho que ardia. *No entanto é um momento da maior importância, e não somente para mim.*

Os projetistas da mobília da Câmara Branca haviam se aventurado para além da austeridade, entrando no reino do desconforto profundo. *Seria de pensar que poderiam ter posto algum estofado para os homens mais poderosos do reino. Talvez a intenção fosse lembrar aos ocupantes que nunca devemos ficar confortáveis demais no pináculo do poder.* Olhou de esguelha e notou que Bayaz o observava. *Bom, ficar desconfortável é o melhor que vou conseguir. Não é o que digo sempre?* Encolheu-se enquanto tentava se arrastar um pouco para a frente, fazendo as pernas da cadeira rasparem no piso.

Há muito tempo, quando eu era bonito, jovem e promissor, sonhava um dia me sentar a esta mesa como um nobre lorde marechal ou um respeitado juiz supremo, ou mesmo um honorável lorde camarista. Quem poderia suspeitar, mesmo nos momentos mais sombrios, que o belo Sand dan Glokta iria sentar-se um dia no Conselho Fechado como o temido, o execrado, o todo-poderoso arquileitor da Inquisição? Mal conseguia afastar o sorriso da boca banguela quando relaxou o corpo na madeira dura.

Mas nem todo mundo parecia achar divertida sua súbita ascensão. O rei Jezal, em particular, olhava para Glokta com a mais profunda aversão.

– É notável que você já esteja confirmado em seu cargo – disse ele com rispidez.

Bayaz se interpôs:

– Essas coisas podem acontecer rápido quando existe vontade, Majestade.

– Afinal de contas – observou Hoff, afastando-se por um raro momento de sua taça para varrer a mesa com um olhar melancólico –, nosso número está tristemente reduzido.

Verdade. Várias cadeiras estavam vazias. O marechal Varuz estava desaparecido, supostamente morto. *Certamente morto, dado que comandara a defesa a partir da Torre das Correntes, uma estrutura que agora está espalhada nas ruas da cidade. Adeus, velho mestre de esgrima, adeus.* O juiz supremo Marovia também deixara um assento vazio. *Sem dúvida ainda estão tentando raspar sua carne congelada das paredes do escritório.* Adieu *ao meu terceiro*

pretendente. Lorde Valdis, comandante dos cavaleiros arautos, não se encontrava presente. *Estava de vigia no portão sul, pelo que sei, quando os gurkenses detonaram seu pó explosivo. O corpo jamais foi encontrado, nem será, suspeitamos.* O lorde almirante Reutzer também estava ausente. *Ferido no mar por um alfanje nas tripas. Não se esperava que sobrevivesse, uma infelicidade.*

Verdade, o pináculo do poder está menos apinhado do que antes.

– O marechal West não estará conosco? – perguntou o lorde chanceler Halleck.

– Ele lamenta não poder – explicou o general Kroy parecendo espremer cada palavra entre os dentes. – Pediu que eu tomasse seu lugar e falasse pelo exército.

– E como está o marechal?

– Ferido.

– E afligido pela doença debilitante que varreu o Agriont – acrescentou o rei, franzindo a testa, sério, para o Primeiro dos Magos.

– Lamentável – falou Bayaz, mas seu rosto não dava o menor sinal de lamentar ou de qualquer outra coisa.

– Um negócio terrível – lamuriou-se Hoff. – Os médicos estão perplexos.

– Poucos sobrevivem.

O olhar de Luthar havia se tornado mortal.

– Esperemos ardentemente – exclamou Torlichorm – que o marechal West seja um dos sortudos. – *Esperemos mesmo. Se bem que a esperança não muda nada.*

– Vamos ao que interessa, então? – propôs Hoff, fazendo o vinho gorgolejar da jarra para sua taça pela segunda vez desde que entrara na sala. – Como vai a campanha, general Kroy?

– O exército gurkense está em retirada. Nós os perseguimos na direção de Keln, para onde alguns conseguiram fugir com o restante da frota. Mas os navios do grão-duque Orso logo puseram fim a isso. A invasão gurkense terminou. A vitória é nossa. – *E no entanto ele franze a testa como se admitisse a derrota.*

– Excelente.

– A nação está em dívida para com seus bravos soldados.

– Parabéns, general.

Kroy olhou para o tampo da mesa.

– Os parabéns pertencem ao marechal West, que deu as ordens, e ao general Poulder e aos outros que deram a vida para cumpri-las. Não passei de um observador.

– Mas fez sua parte, e de forma admirável. – Hoff levantou sua taça. – Dada a infeliz ausência do marechal Varuz, confio que Sua Majestade logo lhe dará

uma promoção.

Ele olhou para o rei, e Luthar grunhiu uma concordância sem entusiasmo.

– Sinto-me honrado em servir em qualquer posto que Sua Majestade decidir, claro. Mas os prisioneiros são uma questão mais urgente. Temos muitos milhares deles e estamos sem comida para…

– Não temos comida suficiente para nossos próprios soldados, para nossos próprios cidadãos, nossos próprios feridos – cortou-o Hoff, enxugando os lábios molhados.

– Vamos cobrar um resgate ao imperador para devolvermos seus homens importantes? – sugeriu Torlichorm.

– Havia pouquíssimos homens de qualidade no meio de toda a porcaria do exército deles.

Bayaz franziu a testa mais adiante na mesa.

– Se eles não têm valor para o imperador, certamente não têm valor para nós. Deixe-os morrer de fome.

Alguns homens se remexeram, desconfortáveis.

– Estamos falando de milhares de vidas… – começou Kroy.

O olhar do Primeiro dos Magos caiu sobre ele como uma grande pedra e esmagou suas objeções.

– Sei do que estamos falando, general. Inimigos. Invasores.

– Certamente poderemos encontrar uma saída, não é? – interveio o rei. – Será que não poderíamos mandá-los de navio de volta para o litoral de Kanta? Seria um epílogo vergonhoso para nossa vitória se…

– Cada prisioneiro alimentado equivale a um cidadão que precisa passar fome. Essa é a terrível aritmética do poder. É uma decisão difícil, Majestade, mas são difíceis todas as decisões que temos de tomar nesta sala. Qual seria sua opinião, arquileitor?

Os olhos do rei e dos velhos nas cadeiras altas se viraram todos para Glokta. *Ah, sabemos o que deve ser feito e não nos esquivamos. Que o monstro pronuncie a sentença, para que os outros possam sentir que são decentes.*

– Nunca fui grande admirador dos gurkenses. – Glokta encolheu os ombros doloridos. – Que morram de fome.

O rei Jezal se ajeitou em seu trono, com uma carranca mais séria ainda. *Será que nosso monarca está um pouquinho menos domesticado do que o Primeiro dos Magos gostaria de acreditar?* O lorde chanceler Halleck pigarreou.

– Agora que a vitória é nossa, a primeira preocupação, sem dúvida, é limpar as ruínas e reconstruir os danos causados por… – Seu olhar se moveu nervoso para Bayaz e se desviou. –… pela agressão gurkense.

– Isso, isso.

– Reconstrução. Todos concordamos.

– Os custos – falou Halleck e se encolheu como se a palavra lhe causasse dor. – Limpar os destroços apenas do Agriont pode chegar a muitas dezenas de milhares de marcos. O preço de reconstruir será de muitos milhões. Quando consideramos os enormes danos à cidade de Adua, além disso… os custos… – Halleck fez uma careta de novo e coçou o queixo mal barbeado. – Fica difícil até mesmo supor.

– Só nos resta nos esforçarmos ao máximo – murmurou Hoff e balançou a cabeça com tristeza. – E conseguir um marco de cada vez.

– Eu, para começo de conversa, sugiro que olhemos os nobres – disse Glokta.

Houve vários resmungos de concordância.

– Vossa Eminência tem um bom argumento.

– Um corte grande dos poderes do Conselho Aberto – disse Halleck.

– Cobrar impostos pesados dos que não nos ajudaram nessa guerra.

– Excelente! Vamos cortar as asas dos nobres. Parasitas desgraçados.

– Amplas reformas. Terras devolvidas à Coroa. Impostos sobre heranças.

– Sobre heranças! Uma ideia inspirada!

– Os lordes governadores também devem ser chamados a participar.

– Skald e Meed. Sim. Eles desfrutaram de independência por tempo de mais.

– Meed não pode ser culpado, sua província está arrasada…

– Não é uma questão de culpa – disse Bayaz. *Não, de fato, todos sabemos de quem é.* – É uma questão de controle. A vitória nos deu a oportunidade de reformas.

– Precisamos centralizar!

– Westport também. Eles nos jogaram contra os gurkenses por tempo de mais.

– Agora precisam de nós.

– Talvez devêssemos estender a Inquisição à cidade deles, não é? – sugeriu Glokta.

– Um pé na Estíria!

– Precisamos reconstruir! – O Primeiro dos Magos bateu na mesa com o punho carnudo. – De modo melhor e mais glorioso ainda do que antes. As estátuas na via do Rei podem ter caído, mas deixaram espaço para outras novas.

– Uma nova era de prosperidade – disse Halleck, os olhos brilhando.

– Uma nova era de poder – completou Hoff, levantando sua taça.

– Uma era de ouro? – propôs Bayaz e olhou para Glokta.

– Uma era de unidade e oportunidade para todos! – disse o rei.

Sua sugestão caiu um tanto mal. Olhos giraram desconfortáveis para a extremidade da mesa onde estava o rei. *Como se ele tivesse peidado alto em vez de falar.*

– É… sim, Majestade – disse Hoff. – Oportunidades. – *Para qualquer um que tenha sorte de fazer parte do Conselho Fechado.*

– Talvez impostos mais pesados sobre as guildas de mercadores? – sugeriu Halleck. – Como nosso último arquileitor tinha em mente. Sobre os bancos também. Um movimento assim poderia produzir vastos ganhos…

– Não – disse Bayaz de imediato. – Nem as guildas nem os bancos. A livre operação dessas nobres instituições traz segurança e riqueza a todos. O futuro da nação está no comércio.

Halleck baixou a cabeça humildemente. *Com mais do que uma pontinha de medo, suponho.*

– Claro, lorde Bayaz, tem razão. Admito meu erro.

O mago prosseguiu com calma:

– Mas talvez os bancos estejam dispostos a fazer um empréstimo à Coroa.

– Excelente ideia – elogiou Glokta sem hesitar. – A casa bancária Valint e Balk é uma instituição confiável e antiga. Ela foi de enorme valor durante minha tentativa de defender Dagoska. Tenho certeza de que poderíamos contar com o apoio dela outra vez.

O sorriso de Bayaz era quase imperceptível.

– Enquanto isso, as terras, os bens e os títulos do traidor lorde Brock foram expropriados pela coroa. A venda deles vai gerar uma fortuna considerável.

– E quanto ao próprio Brock, arquileitor?

– Parece que fugiu do país junto com os últimos gurkenses. Presumimos que ainda seja… hóspede deles.

– Marionete deles, quer dizer – corrigiu-o Bayaz, depois sugou o ar por entre os dentes. – Uma infelicidade. Ele pode continuar sendo um foco de descontentamento.

– A filha e o filho dele estão presos na Casa das Perguntas. Talvez seja possível uma troca…

– Brock? Rá! – rosnou Hoff. – Ele não trocaria a própria vida nem pelo mundo inteiro com tudo o que há dentro.

Glokta arqueou as sobrancelhas.

– Então talvez uma demonstração de intenção. Uma mensagem clara de que a traição não é e nunca será tolerada?

– Essa sempre é uma mensagem adequada a se passar – ponderou Bayaz, com murmúrios afirmativos por parte dos velhos.

– Uma declaração pública da culpa de Brock, então, e de sua

responsabilidade pela destruição da cidade de Adua. Acompanhada por dois enforcamentos. – *Uma pena para eles, nascerem de um pai tão ambicioso, mas todo mundo adora uma execução pública.* – Alguém tem preferência por um dia específico ou…

– Não haverá enforcamentos – decidiu o rei, que franzia a testa para Bayaz.

Hoff piscou.

– Mas, Majestade, o senhor não pode permitir…

– Já houve sangue derramado demais. Mais do que o suficiente. Liberte os filhos de lorde Brock.

Vários dos membros do conselho ofegaram.

– Deixe que se juntem ao pai ou permaneçam na União, como quiserem.

Bayaz lançou-lhe um olhar maligno do outro lado da sala, mas o rei não pareceu intimidado.

– A guerra terminou. Nós vencemos. – *A guerra nunca termina, e a vitória é temporária.* – Prefiro tentar curar feridas a aprofundá-las. – *Um inimigo ferido é o melhor tipo que existe, é o mais fácil de ser morto.* – Às vezes a misericórdia rende mais do que a crueldade.

Glokta pigarreou.

– Às vezes. – *Se bem que eu ainda não vi uma circunstância assim.*

– Bom – disse o rei numa voz que não admitia questionamento –, então está decidido. Temos mais algum negócio premente? Preciso percorrer os hospitais e depois ir de novo ajudar a limpar os destroços.

– Claro, Majestade – concordou Hoff e fez uma reverência. – Sua atenção aos súditos lhe dá muito crédito.

Jezal o encarou por um momento, depois bufou e se levantou. Já havia saído da sala antes que a maioria dos velhos tivesse ficado de pé. *E eu demoro mais ainda.* Quando Glokta por fim tirou sua cadeira do caminho e se levantou com uma careta, descobriu Hoff ao lado, com uma carranca no rosto vermelho.

– Temos um probleminha – murmurou ele.

– É mesmo? Algo que não podemos discutir com o resto do Conselho?

– Temo que sim. Algo que, em particular, seria melhor não discutir diante de Sua Majestade.

Hoff olhou rapidamente por cima do ombro e esperou que o último velho saísse e fechasse a porta pesada, deixando-os a sós. *Segredos, então? Que coisa empolgante!*

– A irmã do nosso lorde marechal ausente.

Glokta franziu a testa. *Ah, que coisa!*

– Ardee West? O que é que tem?

– Sei de boa fonte que ela se encontra em… estado interessante.

A sequência familiar de espasmos subiu pelo lado esquerdo do rosto de Glokta.

– É mesmo? – *Que vergonha.* – O senhor está notavelmente bem informado sobre os assuntos pessoais daquela dama.

– É meu dever. – Hoff se inclinou para perto e soprou o hálito fedendo a vinho em cima de Glokta ao sussurrar: – Quando se leva em conta quem pode ser o pai da criança.

– E o pai é? – *Se bem que acho que nós dois saibamos a resposta.*

– Quem, senão o rei? – sibilou Hoff baixinho, com uma nota de pânico na voz. – O senhor deve saber muito bem que os dois tiveram uma… ligação, para dizer de modo delicado, antes da coroação. Isso não é segredo. Mas isso agora? Um filho bastardo! Quando a própria reivindicação do rei ao trono não é a mais pura? Quando ele ainda tem tantos inimigos no Conselho Aberto? Uma criança assim poderia ser usada contra nós, caso ficassem sabendo, e ficarão, claro! – alertou o velho e se inclinou mais para perto ainda. – Uma coisa assim constituiria uma ameaça ao Estado.

– De fato – concordou Glokta com frieza. *Infelizmente é verdade. Que vergonha terrível, terrível.*

Hoff remexeu os dedos, nervoso.

– Sei que o senhor tem alguma ligação com a dama e sua família. Entendo se esta for uma responsabilidade da qual o senhor prefira estar livre. Posso fazer os arranjos sem…

Glokta mostrou seu riso mais louco.

– Está sugerindo que eu não sou implacável o bastante para matar uma grávida, lorde camarista? – provocou Glokta, e sua voz ecoou alto nas paredes brancas, dura feito uma facada.

Hoff se encolheu, o olhar saltando nervosamente para a porta.

– Tenho certeza de que o senhor não se esquivaria de um dever patriótico…

– Bom. Pode ficar tranquilo, então. Nosso amigo em comum não me escolheu para este papel por causa do meu coração mole. – *Qualquer coisa, menos isso.* – Vou cuidar do assunto.

A mesma casa pequena, de tijolos, na mesma rua comum que Glokta havia visitado com tanta frequência. *A mesma casa onde passei tantas tardes agradáveis. O mais próximo que me senti do conforto desde que fui arrastado babando das prisões do imperador.* Enfiou a mão direita no bolso e sentiu o metal frio roçar nas pontas dos dedos. *Por que eu faço isso? Para que o escroto bêbado do Hoff possa respirar aliviado pela calamidade evitada? Para que*

Jezal dan Luthar possa sentar-se um pouquinho mais seguro em seu trono de marionete? Torceu o quadril para um lado e para o outro até sentir as costas estalarem. *Ela merece coisa muito melhor. Mas esta é a terrível aritmética do poder.*

Empurrou o portão, foi mancando até a porta da frente e deu uma batida rápida. Passou-se um momento antes que a empregada tensa atendesse. *Talvez seja quem alertou nosso bêbado da corte, lorde Hoff, sobre a situação infeliz, não?* Com pouco mais do que um murmúrio, ela o acompanhou até a sala exageradamente mobiliada e o deixou ali, olhando um fogo pequeno na lareira pequena. Captou um vislumbre de si mesmo no espelho acima dela e franziu a testa.

Quem é esse homem? Essa casca arruinada? Esse cadáver trôpego? É possível chamar isso de rosto? Tão torto e cheio de rugas, tão riscado de dor. Qual é essa espécie desprezível, lamentável? Ah, se existe um Deus, proteja-me dessa coisa!

Tentou sorrir. Fendas selvagens cortaram sua pele cadavérica, a falha hedionda nos dentes se escancarou. O canto da boca tremeu, o olho esquerdo estremeceu, mais fechado do que o outro, com a borda de um vermelho furioso. *O sorriso parece garantir mais horrores do que a carranca.*

Será que algum homem já pareceu mais vilão? Algum homem já terá sido mais monstruoso? Será que algum vestígio de humanidade poderia permanecer atrás dessa máscara? Como o belo Sand dan Glokta se tornou… isso? Espelhos. São ainda piores do que escadas. Repuxou os lábios de nojo e se virou para o outro lado.

Ardee estava junto à porta, olhando-o em silêncio. Ela pareceu bem, para ele, quando Glokta superou a surpresa incômoda de ser observado. *Muito bem, talvez já com um ligeiro crescimento da barriga? Três meses agora? Quatro, talvez? Logo não haverá como disfarçar.*

– Eminência.

Ela o avaliou enquanto entrava na sala.

– O branco lhe cai bem.

– Verdade? Não acha que faz com que os círculos em volta dos meus olhos febris fiquem ainda mais escuros, como uma caveira?

– Ora, nem um pouco. Combina com sua palidez horripilante.

Glokta deu seu riso banguela.

– Exatamente o efeito que eu esperava.

– Veio me levar para mais um passeio nos esgotos, morte e tortura?

– Para nossa infelicidade, é provável que um evento daqueles nunca mais se repita. Parece que usei todos os meus amigos e a maioria dos inimigos naquele

golpe único.

– E, para piorar, o exército gurkense não pode mais estar conosco.

– Está ocupado em outro lugar, pelo que sei.

Ele a observou ir até a mesa e olhar para a rua pela janela, com a luz do dia reluzindo, através do cabelo escuro, em sua face.

– Você está bem? – perguntou ela.

– Mais ocupado ainda do que os gurkenses. Muita coisa para fazer. Como vai seu irmão? Eu pretendia visitá-lo, mas… – *Mas duvido que até eu mesmo suportasse o fedor da minha hipocrisia se fizesse isso. Eu causo dor. Aliviá-la é uma língua estrangeira para mim.*

Ardee olhou para os pés.

– Agora ele está doente o tempo todo. A cada vez que o visito, está mais magro. Um dos dentes caiu quando eu estava perto. – Ela encolheu os ombros. – Simplesmente saiu enquanto ele tentava comer. Ele quase engasgou. Mas o que posso fazer? O que qualquer um pode fazer?

– Lamento muito em saber. – *Mas isso não muda nada*. – Tenho certeza de que você é de grande ajuda para ele. – *Tenho certeza de que não pode haver ajuda para ele.* – E como você está?

– Melhor do que a maioria, acho. – Ela deu um longo suspiro, estremeceu e tentou sorrir. – Quer um pouco de vinho?

– Não, mas não deixe que eu a impeça. – *Sei que você nunca deixou.*

Mas ela apenas segurou a garrafa um momento, depois a pousou de volta.

– Ando pensando em beber menos.

– Sempre achei que você deveria. – Glokta deu um passo lento na direção dela. – Então, você fica enjoada de manhã?

Ela desviou o olhar, depois engoliu em seco, os músculos finos destacando-se no pescoço.

– Você sabe?

– Eu sou o arquileitor – disse ele chegando mais perto. – Devo saber tudo.

Os ombros dela relaxaram, a cabeça baixou. Ela se inclinou para a frente e apoiou as duas mãos na beira da mesa. De lado, Glokta podia ver suas pálpebras estremecerem. *Piscando para conter as lágrimas. Apesar de toda a raiva e de toda a inteligência, ela precisa tanto de salvação quanto qualquer outra pessoa. Mas não há ninguém para resgatá-la. Só eu.*

– Acho que fiz uma grande besteira, como meu irmão disse que eu faria. Como você disse que eu faria. Você deve estar decepcionado.

Glokta sentiu o rosto se contorcer. *Algo como um sorriso, talvez. Mas sem muita alegria.*

– Passei a maior parte da vida decepcionado. Mas não com você. O mundo

é duro. Ninguém recebe o que merece. – *Por quanto tempo devemos arrastar isso até encontrar coragem? Não vai ficar mais fácil. É melhor fazer agora.* – Ardee…

A voz soou áspera em seus ouvidos. Ele deu mais um passo mancando, a palma da mão suada no cabo da bengala. Ela o espiou, os olhos úmidos, uma das mãos na barriga. Moveu-se como se fosse dar um passo para atrás. *Um traço de medo, talvez? E quem pode culpá-la? Será que ela adivinha o que está por vir?*

– Você sabe que sempre senti grande apreço e respeito por seu irmão.

A boca de Glokta ficou seca, a língua lambeu desajeitadamente as gengivas vazias. *Agora é a hora.*

– Nos últimos meses, desenvolvi um grande apreço e respeito por você.

Uma sequência de espasmos subiu pela lateral de seu rosto e fez uma lágrima escorrer do olho trêmulo. *Agora, agora.*

– Ou… o mais próximo desse tipo de sentimento que um homem como eu é capaz de ter, pelo menos.

Glokta enfiou a mão no bolso com cuidado, para que ela não notasse. Sentiu o metal frio, as bordas duras, implacáveis, roçando na pele. *Deve ser agora.* Seu coração estava martelando, a garganta tão apertada que ele mal conseguia falar.

– Isso é difícil. Eu… lamento muito.

– O quê? – perguntou ela, franzindo a testa.

Agora.

Ele se moveu rapidamente, tirando a mão do bolso. Ela cambaleou contra a mesa, os olhos arregalados… e os dois se imobilizaram.

O anel brilhava entre eles. Um diamante colossal, reluzente, tão grande que fazia a grossa faixa de ouro parecer frágil. *Tão grande que parece piada. Falso. Impossível. Absurdo. A maior pedra que Valint e Balk tinha para oferecer.*

– Devo pedir que você se case comigo – grasnou ele.

A mão que segurava o anel tremia feito folha verde. *Dê-lhe um cutelo e ela ficará firme feito rocha, mas peça-me para segurar um anel e eu quase mijo nas calças. Coragem, Sand, coragem.*

Ela ficou boquiaberta olhando a pedra reluzente. *Surpresa? Horrorizada? Casar-se com… essa coisa? Prefiro morrer!*

– É… – murmurou ela. – Eu…

– Eu sei! Eu sei, estou tão enojado quanto você, mas… deixe-me falar. Por favor.

Ele olhou para o chão.

– Não sou idiota a ponto de fingir que você pode vir a amar… um homem como eu ou a pensar em mim com algo mais caloroso do que pena. Trata-se de

uma questão de necessidade. Você não deve fugir dela por… eu ser o que sou. Eles sabem que você está grávida do filho do rei.

– Eles? – murmurou ela.

– É. Eles. A criança é uma ameaça para eles. Você é uma ameaça para eles. Desse modo eu posso protegê-la. Posso dar legitimidade ao seu filho. Deve ser nosso filho, agora e para sempre.

Ela continuava a fitar o anel em silêncio. *Como um prisioneiro olhando horrorizado os instrumentos e decidindo se vai confessar. Duas escolhas medonhas, mas qual é pior?*

– Há muitas coisas que eu posso lhe dar. Segurança. Estabilidade. Respeito. Você terá o que existir de melhor. Uma posição elevada na sociedade, se é que isso vale alguma coisa. Ninguém vai sonhar em encostar um dedo em você. Ninguém ousará falar com você em tom de superioridade. As pessoas vão sussurrar pelas suas costas, claro. Mas vão sussurrar sobre sua beleza, sua inteligência e sua virtude incomparáveis – falou Glokta e, estreitando os olhos, emendou: – Eu garantirei isso.

Ardee olhou para ele e engoliu em seco. *E agora vem a recusa. Obrigada, mas prefiro morrer.*

– Devo ser honesta com você. Quando eu era mais nova… fiz algumas coisas idiotas – disse, com a boca se retorcendo. – Este nem sequer é o primeiro bastardo que carrego na barriga. Meu pai me jogou escada abaixo e eu o perdi. Quase me matou. Não achei que poderia acontecer de novo.

– Todos fizemos coisas das quais não sentimos orgulho. – *Você deveria ouvir minhas confissões qualquer dia desses. Ou melhor, ninguém deveria.* – Isso não muda nada. Eu prometi que cuidaria do seu bem-estar. Não vejo de que outro modo.

– Então sim.

Ela pegou o anel sem cerimônia e o enfiou no dedo.

– Não há nada a pensar, há? – *Nem de longe é a aceitação empolgada, a aquiescência lacrimosa, a rendição jubilosa que lemos nos livros de histórias. Um relutante acordo de negócio. Uma ocasião para reflexão triste sobre tudo o que poderia ter sido e não foi.*

– Quem imaginaria – murmurou ela, olhando a joia no dedo –, quando eu o observava esgrimir com meu irmão, tantos anos atrás, que um dia eu seria sua esposa? Você sempre foi o homem dos meus sonhos.

E agora sou o homem dos seus pesadelos.

– A vida dá voltas estranhas. As circunstâncias não são o que se poderia prever. – *E assim eu salvo duas vidas. Quanto mal isso pode compensar? Mas pelo menos é algo para pesar do lado certo da balança. Todo mundo precisa ter*

algo do lado certo.

Os olhos escuros dela se viraram para os dele.

– Você não poderia ter arranjado uma pedra maior?

– Só se atacasse o tesouro – grasnou ele. *Um beijo seria tradicional, mas nas nossas circunstâncias…*

Ela se aproximou, levantando um braço. Ele recuou bruscamente e encolheu-se com uma pontada no lábio.

– Desculpe. Estou meio… sem prática.

– Se vou fazer isso, quero fazer direito.

– Quer dizer, fazer o que for possível?

– Fazer o que for, mas alguma coisa.

Ela chegou mais perto ainda. Glokta precisou se obrigar a permanecer onde estava. Ela fitou seus olhos. Estendeu a mão devagar, tocou seu rosto e fez seus olhos tremerem. *Idiotice. Quantas mulheres me tocaram antes? No entanto foi em outra vida. Outra…*

A mão dela deslizou em volta de seu rosto, as pontas dos dedos apertando seu queixo com força. O pescoço dele estalou quando ela o puxou para si. Ele sentiu a respiração quente dela no queixo. Os lábios de Ardee roçaram os seus, gentilmente, de um lado para outro. Ele a ouviu soltar um grunhido leve, e isso o fez perder o ar. *Fingimento, claro. Como alguma mulher poderia querer tocar este corpo arruinado? Beijar este rosto arruinado? Até eu sinto repulsa ao pensar. É fingimento, no entanto devo aplaudi-la pelo esforço.*

Sua perna esquerda tremeu e ele precisou agarrar a bengala com força. A respiração saía acelerada pelo nariz. O rosto dela estava inclinado, as duas bocas grudadas, sugando. A ponta da língua dela lambeu suas gengivas vazias. *É fingimento, claro, o que mais poderia ser? No entanto ela é tão boa nisso, tão boa…*

A primeira lei

FERRO SENTOU-SE E olhou para a mão. A mão que havia segurado a Semente. Parecia a mesma de sempre, mas ao mesmo tempo mudada. Fria, imóvel. Muito fria. Tinha-a enrolado em cobertores. Tinha-a banhado com água quente. Tinha-a estendido perto do fogo, tão perto que se queimara.

Nada ajudava.

– Ferro…

O sussurro era tão baixinho que quase podia ser o vento nas folhas da janela.

Saltou de pé, a faca firme na mão. Olhou para os cantos da sala. Tudo vazio. Abaixou-se para olhar embaixo da cama, embaixo do armário alto. Afastou as cortinas com a mão livre. Ninguém. Sabia que não haveria ninguém.

Mas continuava a escutá-los.

Uma pancada na porta e ela girou de novo, a respiração sibilando entre os dentes. Outro sonho? Outro fantasma? Mais batidas fortes.

– Entre – rosnou.

A porta se abriu. Bayaz. Ele arqueou uma sobrancelha para a faca.

– Você gosta demais de armas, Ferro. Você não tem inimigos aqui.

Ela espiou irritada o mago, com os olhos semicerrados. Não tinha tanta certeza.

– O que aconteceu no vento?

– O que aconteceu? – repetiu Bayaz e deu de ombros. – Nós vencemos.

– O que eram aquelas formas? Aquelas sombras.

– Não vi nada, a não ser Mamun e seus Cem Palavras recebendo o castigo que mereciam.

– Você não escutou vozes?

– Acima do trovão de nossa vitória? Não escutei nada.

– Eu escutei.

Ferro baixou a faca e a enfiou no cinto. Remexeu os dedos da mão: os mesmos, no entanto mudados.

– Ainda escuto.

– E o que elas dizem, Ferro?

– Falam sobre trancas, portões, portais e sobre a abertura deles. Falam sempre em abrir. Perguntam sobre a Semente. Onde ela está?

– Em segurança – disse Bayaz, encarando-a com expressão vazia. – Se você

ouve mesmo as criaturas do Outro Lado, lembre-se de que elas são feitas de mentiras.

– Não estão sozinhas nisso. Elas pedem para eu violar a Primeira Lei. Como você fez.

– Isso está aberto a interpretações.

Bayaz tinha um esgar orgulhoso no canto da boca. Como se tivesse alcançado algo maravilhoso.

– Eu temperei as disciplinas de Glustrod com as técnicas do Mestre Artífice e usei a Semente como motor para a minha Arte. Os resultados foram… – Inspirou longamente, satisfeito. – Bom, você estava lá. Foi, acima de tudo, um triunfo da vontade.

– Você mexeu com os lacres. Você colocou o mundo em risco. Os contadores de segredos…

– A Primeira Lei é um paradoxo. Sempre que você muda alguma coisa, pega algo emprestado do mundo de baixo, e sempre há riscos. Se ultrapassei um limite, foi apenas um limite de escala. O mundo está em segurança, não está? Eu não peço desculpas pela ambição da minha visão.

– Estão enterrando homens, mulheres e crianças em valas para centenas. Como fizeram em Aulcus. Essa doença… é por causa do que nós fizemos. Isso é ambição, então? O tamanho das sepulturas?

Bayaz moveu a cabeça como se não desse importância.

– Foi um efeito colateral inesperado. O preço da vitória é agora o mesmo que foi no Tempo Antigo, e sempre será.

Ele fixou seu olhar nela, e havia ameaça ali. Um desafio.

– Mas, se eu violei a Primeira Lei, e daí? Em que tribunal você vai fazer com que eu seja julgado? Por que júri? Você vai soltar Tolomei da escuridão para testemunhar? Vai procurar Zacharus para ler a acusação? Vai arrastar Cawneil da borda do Mundo para dar o veredicto? Vai trazer o grande Juvens da terra dos mortos para pronunciar a sentença? Acho que não. Eu sou o Primeiro dos Magos. Sou a mais suprema autoridade e digo… que sou justo.

– Você? Não.

– Sim, Ferro. O poder torna todas as coisas certas. Essa é a minha primeira lei e a última. É a única lei que eu reconheço.

– Zacharus me avisou – murmurou ela, pensando na planície interminável, no velho de olhos arregalados com seus pássaros circulando. – Ele me mandou sair correndo e não parar nunca. Eu deveria ter ouvido.

– Aquela bexiga inchada de hipocrisia? – desdenhou Bayaz, quase rindo. – Talvez devesse ter ouvido, mas esse navio já partiu. Você acenou para ele, toda animada, da costa, e em vez disso optou por alimentar sua fúria. Alimentou-a de

boa vontade. Não vamos fingir que eu a enganei. Você sabia que andaria em caminhos sombrios.

– Eu não esperava… – Ela cerrou o punho gelado e trêmulo. –… isso.

– O que esperava, então? Devo confessar que achei que você era feita de material mais duro. Vamos deixar a filosofia para quem tem mais tempo e menos contas a acertar. Culpa, arrependimento, integridade? É como conversar com o rei Jezal. E quem tem paciência para isso? – Ele se virou para a porta. – Você deveria ficar perto de mim. Talvez, com o tempo, Khalul mande outros agentes. Então precisarei de seus talentos de novo.

Ela bufou.

– E até lá? Fico sentada aqui tendo as sombras como companhia?

– Até lá, sorria, Ferro, se conseguir se lembrar como é – falou Bayaz e exibiu seus dentes brancos. – Você conseguiu sua vingança.

O vento golpeava ao redor dela, corria à sua volta, cheio de sombras. Ela se ajoelhou na extremidade de um túnel que gritava, tocando o próprio céu. O mundo era fino e frágil feito uma placa de vidro, prestes a quebrar. Abaixo, um vazio sem fim, cheio de vozes.

– Deixe-nos entrar…

– Não!

Ela se soltou sacudindo-se e lutou para ficar de pé, ofegando no chão ao lado da cama, com cada músculo rígido. Mas não havia ninguém com quem lutar. Era só outro sonho.

Culpa sua, por se deixar dormir.

Uma longa tira de luar se estendia até ela, banhando os ladrilhos. A janela na extremidade estava escancarada, e uma fria brisa noturna entrava e gelava a pele cheia de gotas de suor. Foi até lá, franzindo a testa, fechou-a e puxou o trinco. Girou.

Havia uma figura nas sombras densas ao lado da porta. Uma figura com um braço só, envolta em trapos. As poucas peças da armadura ainda presas a ela estavam arranhadas e amassadas. O rosto era uma ruína poeirenta, a pele arrancada pendendo do osso branco em tiras, mas mesmo assim Ferro o reconheceu.

Mamun.

– Encontramo-nos de novo, sangue de demônio – a voz seca farfalhou como papel velho.

– Estou sonhando – sibilou ela.

– Você quer estar sonhando.

Ele cruzou o quarto num instante de tirar o fôlego. Sua única mão apertou a garganta dela como um cadeado se fechando.

– Sair daquela ruína, tirar um punhado de terra de cada vez, me deu uma baita fome – falou ele, e sua respiração seca fez cócegas no rosto dela. – Vou fazer um braço novo para mim a partir da sua carne e com ele vou golpear Bayaz e me vingar pelo grande Juvens. O Profeta viu isso, e eu vou transformar sua visão em verdade.

Ele a levantou sem esforço e comprimiu-a contra a parede, os calcanhares batendo no lambri.

A mão apertou. Ela arfou, mas nenhum ar entrou na garganta. Ela lutou contra os dedos, tentou rasgá-los com as unhas, mas eram feitos de ferro, feitos de pedra, apertados como a corda de um enforcado. Ela lutou e se retorceu, mas ele não mexeu nem um fio de cabelo. Ela tentou arranhar o rosto arruinado de Mamun, os dedos subiram até a bochecha rasgada, arrancaram a carne poeirenta de dentro, mas os olhos dele nem ao menos piscaram. O quarto havia esfriado.

– Faça suas orações, garota – sussurrou ele, os dentes quebrados raspando uns nos outros. – E espere que Deus seja misericordioso.

Ela estava enfraquecendo. Os pulmões estavam prestes a estourar. Mesmo assim continuava tentando rasgá-lo, mas cada esforço era menor. Ficava mais e mais fraca. Seus braços tombaram, as pernas penderam, as pálpebras estavam pesadas, pesadas. Tudo estava terrivelmente frio.

– Agora – sussurrou ele, a respiração soltando fumaça. Trouxe-a para baixo e abriu a boca, os lábios rasgados deslizando para exibir os cacos de dentes. – Agora.

O dedo dela penetrou no pescoço dele. Avançou através da pele e da carne ressecada, até o fim. Isso afastou a cabeça de Mamun. Sua outra mão deslizou em volta da dele, tentando afastá-la de sua garganta, dobrando os dedos do comedor para trás. Ela sentiu os ossos dele estalarem, racharem, se lascarem enquanto ela descia de volta ao chão. Uma névoa gelada se esgueirou diante dos vidros da janela ao lado e embaixo de seus pés descalços enquanto ela torcia Mamun e o jogava contra a parede, esmagava o corpo dele contra os painéis que se lascavam, contra o reboco que se partia. A força da pancada fez chover poeira.

Ela enfiou o dedo mais ainda na garganta dele, para cima, para dentro. Era fácil. Sua força não tinha fim. Vinha do outro lado da divisão. A Semente a havia mudado, como havia mudado Tolomei, e isso não tinha volta.

Ferro sorriu.

– Pegar minha carne, é? Já fez sua última refeição, Mamun.

A ponta do indicador dela saiu entre os dentes dele, encontrou o polegar e prendeu a mandíbula num gancho como se ele fosse um peixe. Com um

movimento brusco do pulso arrancou a mandíbula da cabeça e a jogou longe, com estrondo. A língua pendeu dentro de uma massa rasgada de pele poeirenta.

– Faça suas orações, comedor – sibilou ela. – E espere que Deus seja misericordioso.

Ferro comprimiu as mãos dos lados da cabeça dele. Um guincho longo saiu do nariz. A mão despedaçada tentou dar tapas, inútil. O crânio dele se dobrou, depois se achatou, depois explodiu, lascas de osso voando. Ela deixou o corpo cair. Poeira deslizou pelo piso, se acumulou em volta de seus pés.

– Sim…

Ela não levou um susto. Não olhou. Sabia de onde vinham as vozes. De todo lugar e de lugar nenhum.

Foi até a janela e a abriu. Pulou, caiu de uma altura equivalente a doze passos e ficou de pé. A noite estava cheia de sons, mas ela permanecia em silêncio. Caminhou ao luar pela grama que estalava, congelada onde seus pés descalços batiam. Esgueirou-se por uma escada comprida até o topo da muralha. As vozes a acompanharam.

– Espere.

– A Semente!

– Ferro.

– Deixe-nos entrar…

Ela as ignorou. Um homem de armadura olhava para a noite, na direção da Casa do Artífice, uma silhueta mais negra contra o céu negro. Uma cunha de escuridão sobre o Agriont, na qual não havia estrelas nem nuvens iluminadas pelo luar, nenhuma luz. Ferro imaginou se Tolomei estaria espreitando nas sombras lá dentro, raspando os portões. Raspando, raspando, para sempre. Ela havia desperdiçado sua chance de vingança.

Ferro não faria a mesma coisa.

Deslizou pelas ameias contornando o guarda, que apertou a capa com força nos ombros quando ela passou. Subiu no parapeito e saltou, com o vento roçando a pele. Foi além do fosso, com o gelo estalando e se espalhando na água embaixo. O chão de pedras do outro lado veio em sua direção. Seus pés bateram nele e ela rolou, rolou para o meio dos prédios. Suas roupas estavam rasgadas devido à queda, mas não havia marcas na pele. Nem ao menos uma gota de sangue.

– Não, Ferro.

– Volte e encontre a Semente!

– Ela está perto dele.

– Está com Bayaz.

Bayaz. Talvez, quando ela tivesse terminado no Sul, retornasse. Quando

tivesse enterrado o grande Uthman-ul-Dosht nas ruínas do próprio palácio. Quando tivesse mandado Khalul, seus comedores e seus sacerdotes para o inferno. Talvez então retornasse e desse ao Primeiro dos Magos a lição que ele merecia. A lição que Tolomei pretendia dar. Mas, mentiroso ou não, ele havia cumprido com a palavra, no fim das contas. Ele lhe dera os meios para a vingança.

Agora ela iria obtê-la.

Correu pelas ruínas silenciosas da cidade, quieta e rápida feito uma brisa noturna. Para o sul, na direção das docas. Encontraria um modo. Para o sul, atravessando o mar até Gurkhul, e então…

As vozes sussurravam para ela. Mil vozes. Falavam dos portões fechados por Euz e dos lacres que ele havia posto neles. Imploravam que ela os abrisse. Diziam para quebrá-los. Diziam como e ordenavam que fizesse.

Mas Ferro apenas sorria. Que elas falassem.

Ela não tinha senhores.

Chá e ameaças

LOGEN FRANZIU A testa.

Franzia a testa para o salão amplo, seus espelhos brilhantes e as muitas pessoas poderosas ali dentro. Olhava mal-humorado os grandes lordes da União virados para ele. Duzentos ou mais, sentados numa multidão ruidosa do lado oposto da câmara. A conversa falsa, os sorrisos falsos e os rostos falsos grudados nele como mel. Mas não se sentia melhor com relação às pessoas que estavam no seu lado do salão, compartilhando a plataforma alta com ele e o grande rei Jezal.

Havia o aleijado com sorriso de desprezo que fizera as perguntas naquele dia na torre e agora estava todo vestido de branco. Havia um homem gordo com o rosto cheio de veias dilatadas que parecia começar cada dia com uma garrafa. Havia um desgraçado alto e magro com peitoral preto coberto de ouro espalhafatoso, com sorriso fácil e olhos duros. O maior bando de mentirosos em que Logen já pusera os olhos, mas havia um que era pior do que todos os outros juntos.

Bayaz estava sentado com um sorriso no rosto, como se tudo tivesse acontecido exatamente de acordo com seus planos. Talvez tivesse. Mago desgraçado. Logen deveria saber que não podia confiar num careca. Os espíritos o haviam alertado de que os magos têm os próprios objetivos, mas ele não lhes dera ouvidos; mergulhara às cegas, esperando o melhor, como sempre. Se uma coisa pode ser dita sobre Logen Nove Dedos, é que ele nunca ouve. Um defeito entre muitos.

Seus olhos se viraram na outra direção, para Jezal. Ele parecia bastante confortável em seu manto de rei, a coroa de ouro brilhando na cabeça, a cadeira de ouro maior ainda do que aquela em que Logen se sentara. A esposa estava ao lado dele. A mulher tinha um orgulho gélido, talvez, mas não era pior por causa disso. Linda como uma manhã de inverno. E tinha uma expressão estranha quando olhava para Jezal. Uma expressão feroz, como se mal conseguisse se conter para não rasgá-lo com os dentes. Aquele desgraçado sortudo sempre parecia se dar bem. Ela poderia dar uma mordida em Logen, se quisesse. Mas que mulher com a cabeça no lugar quereria?

Ele franzia a testa principalmente para si mesmo nos espelhos do outro lado, elevado na plataforma alta ao lado de Jezal e sua rainha. Parecia um monstro carrancudo e pensativo, cheio de cicatrizes e temível ao lado daquele

lindo casal. Um homem feito de assassinato, depois enrolado em tecido de cores ricas e raras peles brancas, ajustadas com rebites polidos e fivelas brilhantes, tudo isso encimado por uma grande corrente de ouro em volta do pescoço. A mesma corrente que Bethod havia usado. Suas mãos se projetavam das extremidades das mangas com acabamento de pele, marcadas e brutais, com um dedo a menos e segurando os braços de sua cadeira dourada. Roupas de rei, talvez, mas mãos de assassino. Parecia o vilão de alguma história infantil. O guerreiro implacável, que abrira a fogo e aço seu caminho até o poder. Que subira a um trono sobre uma montanha de cadáveres. Talvez ele fosse esse homem.

Remexeu-se, a roupa nova pinicando a pele úmida. Tinha percorrido um longo caminho desde que se arrastara para fora de um rio sem ao menos um par de botas que fosse seu. Arrastara-se pelos Lugares Altos sem ter nada além de uma panela como companhia. Percorrera um longo caminho, mas não tinha certeza se não gostava mais de si mesmo antes. Rira ao ouvir que Bethod se chamava de rei. Agora ali estava ele, fazendo o mesmo, e menos adequado ainda ao cargo. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele é um escroto. Simples assim. E essa não é uma coisa que muitos homens gostem de admitir sobre si mesmos.

O bêbado, Hoff, era quem mais falava.

– A rotunda dos Lordes está em ruínas, infelizmente. Assim, por enquanto, até que uma sede com grandeza adequada a essa nobre instituição seja construída, uma nova rotunda dos Lordes, mais rica e grandiosa do que a anterior, foi decidido que o Conselho Aberto permanecerá em recesso.

Houve uma pausa.

– Em recesso? – murmurou alguém.

– Como seremos ouvidos?

– Onde os nobres terão voz?

– Os nobres falarão através do Conselho Fechado – explicou Hoff com aquele tom que um adulto usa para falar com uma criança. – Ou podem se dirigir ao subsecretário e marcar uma audiência com o rei.

– Mas qualquer camponês pode fazer isso!

Hoff levantou as sobrancelhas.

– Verdade.

Uma onda de raiva se espalhou entre os lordes diante deles. Logen podia não entender muito de política, mas era capaz de reconhecer quando um grupo de homens ficava por baixo de outro. Nunca era uma coisa boa fazer parte disso, mas pelo menos ele estava do lado de cima, para variar.

– O rei e a nação são uma coisa só! – surgiu a voz cortante de Bayaz,

interrompendo as conversas. – Vocês apenas pegam suas terras emprestadas dele. Ele lamenta pedir parte delas de volta, mas é uma questão de necessidade.

– Um quarto – contou o aleijado, lambendo as gengivas vazias com um leve estalo. – De cada um de vocês.

– Isso não vai se sustentar! – gritou um velho raivoso na primeira fila.

– Acha que não, lorde Isher? – rebateu Bayaz, apenas sorrindo para ele. – Os que acham o mesmo podem se juntar a lorde Brock no exílio e entregar todas as suas terras à Coroa, em vez de apenas uma parte.

– Isso é um ultraje! – gritou outro homem. – O rei sempre foi o primeiro entre iguais, o maior dos nobres, e não acima deles. Nossos votos o puseram no trono e nos recusamos…

– O senhor está perto de ultrapassar um limite, lorde Heugen – alertou o aleijado, franzindo a testa para o outro lado do salão com o rosto se retorcendo devido aos espasmos. – O senhor talvez prefira ficar deste lado da linha, onde há calor, segurança e lealdade. Creio que o outro lado não vá lhe servir muito bem.

Uma lágrima comprida escorreu de seu olho esquerdo e trêmulo e desceu pela bochecha funda.

– O inspetor real avaliará as propriedades dos senhores nos próximos meses. Seria sensato que lhe dessem toda a assistência.

Uma quantidade de homens estava de pé, de cara feia, brandindo os punhos.

– Isso é ultrajante!

– Sem precedentes!

– Inaceitável.

– Nós nos recusamos a ser intimidados!

Jezal saltou de seu trono, levantando bem alto a espada cheia de joias, e bateu na plataforma repetidamente com a ponta da bainha, enchendo o salão de ecos estrondosos.

– Eu sou o rei! – gritou para a câmara subitamente silenciosa. – Não estou oferecendo uma escolha, estou emitindo um decreto real! Adua será reconstruída, e mais gloriosa do que nunca! Este é o preço! Os senhores se acostumaram com uma Coroa fraca, meus lordes! Acreditem quando eu digo que esses dias ficaram para trás!

Bayaz se inclinou de lado para murmurar no ouvido de Logen:

– Ele é surpreendentemente bom nisso, não é?

Os lordes resmungaram, mas sentaram-se de volta enquanto Jezal continuava falando, a voz inundando o salão de confiança e calma, a mão ainda segurando com firmeza o punho da espada embainhada.

– Os que me apoiaram de bom grado na recente crise estarão isentos. Mas essa lista, para vergonha dos senhores, é bem pequena. Ora, foram amigos

vindos de fora das fronteiras da União que nos socorreram no momento de necessidade!

O homem de preto se levantou de sua cadeira.

– Eu, Orso de Talins, estou sempre ao lado do meu filho e da minha filha, os reis!

Em seguida segurou o rosto de Jezal e beijou as duas faces. Depois fez o mesmo com a rainha.

– Os amigos deles são meus amigos.

Ele disse isso com um sorriso, mas era difícil não entender o significado oculto.

– Quanto aos inimigos? Ah! Todos os senhores são inteligentes. Podem adivinhar o resto.

– Agradeço-lhe por seu papel em nossa vitória – disse Jezal. – O senhor tem nossa gratidão. A guerra entre a União e o Norte acabou. O tirano Bethod está morto e há uma nova ordem. Tenho orgulho de chamar de amigo o homem que o derrubou. Logen Nove Dedos! Rei dos nórdicos!

Sorriu estendendo a mão.

– É adequado que entremos neste futuro novo e admirável como irmãos.

– É – disse Logen, levantando-se dolorosamente da cadeira. – Certo.

Em seguida envolveu Jezal num abraço e deu-lhe um tapa nas costas que ecoou na grande câmara.

– Acho que de agora em diante vamos ficar do nosso lado do Torrente Branca. A não ser que meu irmão tenha problemas aqui embaixo, claro.

Logen varreu os velhos da primeira fila com uma expressão que fazia pensar em morte.

– Não me façam voltar aqui, porra.

Em seguida sentou na grande cadeira e franziu a testa. O Nove Sangrento podia não saber muito de política, mas sabia fazer uma ameaça.

– Nós ganhamos a guerra! – falou Jezal sacudindo o punho dourado de sua espada, depois a enfiou de volta no suporte do cinto. – Agora precisamos ganhar a paz!

– Muito bem dito, Majestade, muito bem dito! – falou o bêbado de cara vermelha, que se levantou sem dar a ninguém a chance de falar. – Portanto resta apenas uma questão, antes que o Conselho Aberto seja posto em recesso.

Voltou-se com um sorriso e uma reverência, esfregando as mãos.

– Vamos agradecer a lorde Bayaz, o Primeiro dos Magos, que, com a sabedoria de seu conselho e o poder de sua Arte, expulsou os invasores e salvou a União!

E começou a bater palmas. O aleijado Glokta se juntou a ele, depois o grão-

duque Orso.

Um lorde corpulento na primeira fila pôs-se de pé.

– Lorde Bayaz! – rugiu ele, batendo as palmas das mãos gordas.

Logo todo o salão ressoava com aplausos relutantes. Até Heugen se juntou. Até Isher, apesar de ter a expressão de quem aplaudisse o próprio enterro. Logen deixou as mãos ficarem onde estavam. Se fosse dizer a verdade, sentia-se meio nauseado só de estar ali. Nauseado e com raiva. Deixou-se afundar mais na cadeira e continuou carrancudo.



Jezal viu os grandes da União saíram infelizes do salão dos Espelhos. Grandes homens. Isher, Barezin, Heugen e os demais. Homens diante de quem ele já ficara boquiaberto. Todos humilhados. Mal conseguia esconder o sorriso enquanto eles resmungavam de descontentamento e impotência. A sensação era quase de ser um rei, até que viu sua rainha.

Terez e seu pai, o grão-duque Orso, estavam tendo o que parecia ser uma discussão acalorada, em estiriano expressivo, pontuada dos dois lados por violentos movimentos de mão. Jezal poderia estar aliviado por não ser o único membro da família que ela parecia desprezar, só que suspeitava ser ele o assunto da discussão. Ouviu um fraco som raspado atrás e ficou levemente enojado ao ver o rosto retorcido de seu novo arquileitor.

– Majestade – Glokta falava baixinho, como se planejasse discutir segredos, franzindo a testa na direção de Terez e seu pai –, será que posso perguntar… Vai tudo bem entre o senhor e a rainha? – Sua voz ficou mais baixa ainda: – Soube que os senhores raramente dormem no mesmo quarto.

Jezal ficou a ponto de dar uma bofetada no aleijado, por sua desfaçatez. Então, com o canto do olho, pegou Terez observando-o. Aquela expressão de desprezo absoluto que era o tratamento usual que ele recebia como marido. Sentiu os ombros se afrouxarem.

– Ela mal suporta ficar no mesmo país que eu, quanto mais na mesma cama. Aquela mulher é uma vaca! – rosnou, depois baixou a cabeça e olhou para o chão. – O que posso fazer?

Glokta virou o pescoço para um lado, depois para o outro, e Jezal reprimiu um tremor ao ouvir um estalo alto.

– Deixe-me falar com a rainha, Majestade. Eu posso ser bastante persuasivo quando quero. Entendo suas dificuldades. Eu me casei apenas recentemente.

Jezal morria de medo só de pensar em que tipo de monstro poderia ter aceitado aquela aberração como marido.

– Verdade? – perguntou, fingindo interesse. – Quem é a dama?

– Acredito que o senhor e ela têm um conhecimento distante. Ardee é o nome dela. Ardee dan Glokta.

E os lábios do aleijado deslizaram para trás revelando o buraco desagradável no lugar dos dentes da frente.

– Mas não é…

– Sim, a irmã do meu velho amigo Collem West.

Jezal apenas o fitou, mudo. Glokta fez uma reverência rígida.

– Aceito seus parabéns.

Virou-se, foi mancando até a beira da plataforma e começou a descer com dificuldade, apoiando-se pesadamente na bengala.

Jezal mal conseguiu assimilar o impacto da notícia, a decepção esmagadora, o terror absoluto. Não conseguia conceber que tipo de chantagem aquela monstruosidade trôpega poderia ter usado para fisgá-la. Talvez ela simplesmente tivesse ficado desesperada quando Jezal a abandonara. Talvez, com o irmão doente, não tivesse a quem recorrer. Apenas alguns dias antes, no hospital, vê-la havia provocado alguma coisa nele, como antigamente. Ele andara pensando que talvez, um dia, com o tempo…

Agora até essas fantasias prazerosas iam por terra. Ardee estava casada, e com um homem que Jezal desprezava. Um homem que fazia parte de seu Conselho Fechado. Para piorar ainda mais as coisas, um homem a quem, num momento de loucura, ele havia confessado o vazio completo de seu casamento. Tinha-se permitido parecer fraco, vulnerável, absurdo. Xingou com amargura, baixinho.

Agora parecia que ele havia amado Ardee com uma paixão insuportável. Que os dois tinham compartilhado algo que ele jamais encontraria de novo. Como podia não ter percebido isso na época? Como podia ter permitido que tudo desmoronasse, em troca… do quê? O mais triste, supunha, era que o amor sozinho não era nem um pouco suficiente.

Logen sentiu um jorro de desapontamento ao abrir a porta e, logo em seguida, uma onda de raiva. O quarto estava vazio, arrumado e limpo, como se ninguém tivesse dormido ali. Ferro tinha ido embora.

Nada havia acontecido como ele esperava. A essa altura, já deveria ter esperado, talvez. Afinal de contas, as coisas nunca haviam acontecido como ele esperava. No entanto continuava mijando contra o vento. Era como um homem cuja porta é baixa demais, mas, em vez de pensar em se abaixar, fica batendo a cabeça todo dia da vida miserável. Queria sentir pena de si mesmo, mas sabia que não merecia coisa melhor. Um homem não pode fazer as coisas que ele

havia feito e esperar um final feliz.

Saiu para o corredor e foi andando, com os dentes trincados. Abriu a porta seguinte com o ombro, sem bater. As janelas altas estavam abertas, com o sol entrando no cômodo arejado, as cortinas balançando à brisa. Bayaz estava sentado diante de uma delas numa cadeira esculpida, com uma xícara de chá na mão. Um serviçal bajulador, com casaco de veludo, servia o chá de um bule de prata, tendo uma bandeja com xícaras equilibrada nas pontas dos dedos estendidos.

– Ah, o rei dos nórdicos! – exclamou Bayaz. – Como está…

– Cadê Ferro?

– Foi embora. Na verdade, deixou uma tremenda sujeira para trás, mas eu resolvi tudo, como frequentemente me pego…

– Para onde?

O mago deu de ombros.

– Para o sul, imagino. Vingança, ou algo assim, fui obrigado a supor. Ela sempre falou muito sobre vingança. É uma mulher de temperamento muito ruim.

– Ela mudou.

– Grandes acontecimentos, amigo. Nenhum de nós é o mesmo. Aceita um chá?

O serviçal estendeu a bandeja de prata na direção dele. Logen o pegou pelo casaco de veludo e o atirou do outro lado do cômodo. O homem arfou ao bater na parede e se esparramar no tapete deixando as xícaras caírem com estardalhaço.

Bayaz arqueou uma sobrancelha.

– Bastaria um simples “não”.

– À merda, seu velho desgraçado.

O Primeiro dos Magos franziu a testa.

– Ora, mestre Nove Dedos, você parece estar num humor de valentão esta manhã. Agora você é rei, e não é bom se deixar dominar por sentimentos inferiores, desse modo. Reis desse tipo nunca duram. Você ainda tem inimigos no Norte. Calder e Scale estão nas montanhas causando encrenca, tenho certeza. Sempre achei que bons modos devem ser retribuídos da mesma forma. Você foi útil para mim, e eu posso ser útil em troca.

– Como foi com Bethod?

– Exatamente.

– Isso fez muito bem a ele.

– Quando tinha minha ajuda ele prosperou. Depois ficou orgulhoso, desregrado e exigiu que as coisas fossem todas do seu modo. Sem minha ajuda… Bom, você sabe o resto.

– Fique fora dos meus negócios, mago.

Logen deixou a mão pousar no punho da espada do Artífice. Se as espadas tinham vozes, como o mago lhe dissera certa vez, ele deixou que ela fizesse uma ameaça séria.

Mas o rosto de Bayaz mostrou apenas um levíssimo traço de irritação.

– Um homem inferior pode ficar perturbado. Eu não comprei sua vida de Bethod? Não lhe dei um propósito quando você não tinha nada? Não o levei até a borda do Mundo, mostrei maravilhas que poucos homens viram? Ora, a própria espada com que você me ameaça foi presente meu. Eu esperava que pudéssemos chegar a um…

– Não.

– Sei. Nem ao menos…

– Para nós, acabou. Parece que nunca vou ser um homem melhor, mas posso tentar não ser pior. Pelo menos isso posso tentar.

Bayaz estreitou os olhos.

– Ora, mestre Nove Dedos, você me surpreende até o último instante. Eu achava que você era um homem corajoso mas contido, calculista mas compassivo. Achava, acima de tudo, que você era um homem realista. Mas os nórdicos sempre tenderam para a petulância. Observo agora em você um lado obstinado e um temperamento destrutivo. Por fim vejo o Nove Sangrento.

– Estou feliz em desapontá-lo. Parece que nós avaliamos um ao outro de forma completamente errada. Considerei que você era um grande homem. Agora percebo meu erro.

Logen balançou a cabeça devagar.

– O que você fez aqui?

– O que eu fiz? – Bayaz bufou com um riso incrédulo. – Combinei três disciplinas puras da magia e forjei uma nova! Parece que você não entende esse feito, mestre Nove Dedos, mas eu o perdoo. Sei que aprender com os livros nunca foi seu ponto forte. Uma coisa assim não era contemplada desde antes do Tempo Antigo, quando Euz dividiu seus dons entre os filhos.

Bayaz suspirou.

– Parece que ninguém vai apreciar meu maior feito. Ninguém a não ser Khalul, talvez, e é improvável que algum dia ele me dê os parabéns. Ora, um poder tão grande não era liberado dentro do Círculo do Mundo desde… desde…

– Desde que Glustrod se destruiu e destruiu Aulcus junto?

O mago arqueou as sobrancelhas.

– Já que você mencionou.

– E parece que os resultados são praticamente os mesmos, só que você conseguiu uma chacina um pouquinho menos descuidada e arruinou um pedaço

menor de uma cidade menor, num tempo menor e de forma mais mesquinha. Afora isso, qual é a diferença entre você e ele?

– Eu achava que isso era óbvio – falou Bayaz e levantou sua xícara, olhando de um jeito afável por cima da borda. – Glustrod perdeu.

Logen ficou parado por longo tempo, pensando nisso. Depois se virou e saiu da sala, com o serviçal se encolhendo para fora do caminho. Foi para o corredor, os passos ecoando no teto dourado, a corrente pesada de Bethod tilintando em volta do pescoço como uma gargalhada em seus ouvidos.

Provavelmente deveria ter mantido o velho desgraçado e implacável do seu lado. Era bem possível que ainda precisasse da ajuda dele, pelo modo como as coisas deveriam estar no Norte quando voltasse. Era praticamente certo que o melhor teria sido engolir aquele mijo fedorento que ele chamava de chá e sorrir como se fosse mel. Quase com certeza, deveria ter gargalhado e chamado Bayaz de velho amigo, para poder chegar se arrastando à Grande Biblioteca do Norte quando as coisas azedassem. Seria a coisa inteligente a fazer. Seria a coisa realista. Mas era como o pai de Logen sempre dizia…

Ele nunca havia sido muito realista.

Atrás do trono

ASSIM QUE OUVIU a porta se abrir, Jezal soube quem era a visita. Nem precisou levantar os olhos. Quem mais cometeria a temeridade de invadir os aposentos de um rei sem ao menos bater? Xingou em silêncio, mas com grande amargura.

Só podia ser Bayaz. Seu carcereiro. Seu principal tormento. Sua sombra sempre presente. O homem que havia destruído metade do Agriont e transformado a linda Adua em ruína e agora sorria e se deleitava com os aplausos como se fosse o salvador da nação. Isso bastava para deixar a pessoa com as entranhas reviradas. Jezal trincou os dentes, olhando pela janela em direção às ruínas, recusando-se a se virar.

Mais exigências. Mais concessões. Mais conversas sobre o que precisava ser feito. Ser o chefe do Estado, pelo menos com o Primeiro dos Magos junto ao ombro, era uma experiência frustrante e desanimadora. Conseguir fazer o que queria, mesmo nas questões mais ínfimas, era uma luta quase impossível. Para onde quer que olhasse via-se encarando a carranca desaprovadora do mago. Sentia-se uma simples estátua que adornasse a proa de um navio. Um pedaço de madeira bonito, dourado, magnífico mas absolutamente inútil. Só que a estátua pelo menos vai na frente da embarcação.

– Majestade – chamou o velho, com o usual verniz fino de respeito mal escondendo seu desdém.

– O que é, agora?

Jezal finalmente se virou para ele. Ficou surpreso ao ver que o mago havia trocado seus mantos do cargo pelo velho casaco de viagem e as botas pesadas que havia usado na malfadada jornada para o oeste arruinado.

– Vai a algum lugar? – perguntou Jezal, mal ousando ter esperança.

– Vou partir de Adua. Hoje.

– Hoje?

Jezal mal conseguiu não pular e gritar de alegria. Sentia-se como um prisioneiro saindo da masmorra fétida para o sol brilhante da liberdade. Agora poderia reconstruir o Agriont como achava adequado. Poderia reorganizar o Conselho Fechado, escolher seus conselheiros. Talvez até se livrar daquela esposa bruxa a quem Bayaz o havia amarrado. Estaria livre para fazer a coisa certa, o que quer que fosse. Estaria livre para tentar descobrir qual seria a coisa certa, ao menos. Ele não era o rei supremo da União, afinal de contas? Quem iria questioná-lo?

– Lamentaremos perdê-lo, claro.

– Imagino. Mas primeiro devemos fazer alguns arranjos.

– Sem dúvida.

Qualquer coisa que significasse que ele ficaria livre do velho desgraçado.

– Falei com seu novo arquileitor, Glokta.

Só o nome já bastava para provocar um tremor de repulsa.

– Foi, é?

– É um homem inteligente. Ele me impressionou muito. Pedi que ele falasse em meu nome enquanto eu estiver ausente do Conselho Fechado.

– Verdade? – perguntou Jezal, imaginando se derrubaria o aleijado do posto logo depois que o mago saísse pelo portão ou se deixaria para o dia seguinte.

– Eu recomendaria – disse Bayaz quase num tom de ordem – que você ouvisse atentamente as opiniões dele.

– Ah, ouvirei, claro. Desejo toda a sorte em sua jornada de volta para…

– Na verdade, eu gostaria que você fizesse o que ele mandar.

Um frio nó de raiva comprimiu a garganta de Jezal.

– Você quer que eu, de fato… obedeça a ele?

Os olhos de Bayaz não se desviaram dos seus.

– De fato… sim.

Jezal ficou momentaneamente sem fala. O mago supunha que podia ir e vir como quisesse, deixando seu lacaio manco no comando? Acima de um rei, em seu próprio reino? Que arrogância!

– Você anda se metendo demais nos meus assuntos! – disse com rispidez. – Não tenho intenção de trocar um conselheiro autoritário por outro.

– Esse homem será muito útil para você. Para nós. Terão de ser tomadas decisões que você vai considerar difíceis. Terão de ser levadas a cabo ações que você preferiria não executar pessoalmente. Pessoas que vivem em palácios reluzentes precisam de outras dispostas a carregar seus excrementos para fora, para que não fiquem empilhados nos corredores polidos e um dia acabem soterrando-as. Tudo isso é simples e óbvio. Você não prestou atenção ao que eu disse.

– Não! Você é que não prestou atenção! Sand dan Glokta? Aquele bastardo manco… – Ele percebeu sua escolha ruim de palavras, mas precisou ir em frente, com mais raiva do que nunca. – Sentado junto de mim no Conselho Fechado? Rindo por cima do meu ombro cada dia da minha vida? E agora você quer que ele me dê ordens? É inaceitável. Insuportável. Impossível! Não estamos mais no tempo de Harod, o Grande! Não tenho ideia do que faz você supor que pode falar comigo desse modo. Eu sou rei aqui e me recuso a ser guiado!

Bayaz fechou os olhos e respirou devagar pelo nariz. Como se estivesse

tentando encontrar paciência para educar um imbecil.

– Você não entende o que é viver tanto tempo quanto eu vivi. Saber tudo o que eu sei. Vocês morrem num piscar de olhos e precisam aprender as mesmas lições várias vezes. As mesmas lições que Juvens deu a Stolicus mil anos atrás. Isso vai ficando extremamente cansativo.

A fúria de Jezal crescia cada vez mais.

– Peço desculpas se estou entediando você!

– Aceito suas desculpas.

– Era uma piada!

– Ah. Sua espirituosidade é tão aguçada que eu nem notei.

– Está zombando de mim!

– Isso é fácil. Todo homem parece uma criança para mim. Quando chegar à minha idade, vai ver que a história se move em círculos. Muitas vezes guiei esta nação de volta quando estava a um passo da destruição, para uma glória cada vez maior. E o que peço em troca? Alguns pequenos sacrifícios. Se você ao menos entendesse os que fiz por vocês, que não passam de gado!

Jezal apontou um dedo, furioso, para a janela.

– E todos aqueles mortos? E todas as pessoas que perderam tudo? Aquele gado, como você disse! Você acha que eles estão felizes com os sacrifícios que fizeram? E todos os que sofreram com essa doença? Que ainda sofrem? Meu amigo está entre eles! Não posso deixar de notar que ela parece semelhante à doença que você descreveu nas ruínas de Aulcus. Não posso deixar de pensar que sua magia pode ter sido a causa!

O mago não fez esforço para negar.

– Eu lido com as coisas importantes. Não posso me preocupar com o destino de cada camponês. Você também não pode. Tentei lhe ensinar isso, mas parece que você não conseguiu aprender.

– Você está enganado! Eu me recuso a aprender!

Agora era sua chance. Agora, enquanto estava com raiva suficiente, era a hora de sair para sempre da sombra do Primeiro dos Magos e ser livre. Bayaz era uma criatura venenosa e precisava ser extirpada.

– Você me ajudou a subir ao trono, e agradeço por isso. Mas não gosto de seu tipo de governo, que cheira a tirania!

Bayaz estreitou os olhos.

– Governo é tirania. Na melhor das hipóteses, é tirania vestida com cores bonitas.

– Sua desconsideração insensível pela vida dos meus súditos! Não vou admiti-la! Eu fui além de você. Você não é mais desejado aqui. Não é mais necessário. Daqui em diante vou seguir meu próprio caminho.

Dispensou Bayaz com o que esperava que fosse um gesto régio de dispensa.

– Pode ir.

– Posso… mesmo?

O Primeiro dos Magos permaneceu em silêncio por longo tempo, sua expressão ficando cada vez mais sombria. O suficiente para a fúria de Jezal começar a murchar, para sua boca ficar seca, para seus joelhos enfraquecerem.

– Percebo que fui mole demais com você – disse Bayaz, cada palavra afiada como uma navalha. – Eu mimei você, como a um neto favorito, e você ficou cheio de vontades. Um erro que não cometerei de novo. Um guardião responsável nunca deve ser tímido com o chicote.

– Eu sou filho de reis! – rosnou Jezal. – Não vou…

Foi dobrado ao meio por uma pontada de dor que atravessou suas entranhas com uma rapidez estonteante. Cambaleou um ou dois passos, com vômito escaldante jorrando da boca. Caiu de cara, praticamente incapaz de respirar, a coroa saltando e rolando até o canto da sala. Nunca sentira uma agonia igual. Nem uma fração daquilo.

– Não tenho ideia… do que faz você supor… que pode falar comigo assim. Comigo, o Primeiro dos Magos!

Jezal ouviu os passos de Bayaz vindo lentamente em sua direção, a voz cutucando seus ouvidos enquanto ele se remexia impotente no próprio vômito:

– Filho de reis? Depois de tudo o que passamos juntos, estou desapontado por você acreditar nas mentiras que espalhei em seu nome. Esse absurdo se destinava aos idiotas nas ruas, mas parece que os idiotas nos palácios engolem a baboseira doce com a mesma facilidade. Eu o comprei de uma prostituta. Você me custou 6 marcos. Ela queria 20, mas eu sou duro na hora de barganhar.

As palavras eram dolorosas, claro. Mas pior, muito pior era a pontada insuportável que cortava a coluna de Jezal, que rasgava seus olhos, queimava sua pele, calcinava até as raízes dos cabelos e o fazia se sacudir como um rã na água fervente.

– Eu tinha outros na fila, claro. Sei que não devo confiar tudo a um único lance de dados. Outros filhos de origem misteriosa, prontos para assumir o papel. Havia uma família chamada Brint, pelo que me lembro, e muitas outras. Mas você se destacou, Jezal, feito um cagalhão na banheira. Quando atravessei aquela ponte para o Agriont e o vi crescido, tive certeza de que seria você. Você simplesmente parecia certo, e isso não é possível ensinar. Aaté passou a falar como rei, um bônus que eu nunca esperaria.

Jezal gemia e babava, incapaz até mesmo de gritar. Sentiu a bota de Bayaz deslizar por baixo dele e virá-lo de barriga para cima. O rosto cheio de desprezo do mago aproximou-se dele turvado pelas lágrimas.

– Mas se você insiste em ser difícil… se insiste em seguir o próprio caminho… bom, há outras opções. Até os reis sofrem mortes inexplicáveis. Derrubados por um cavalo. Engasgados com um caroço de azeitona. Quedas longas nas pedras duras do calçamento. Ou simplesmente encontrados mortos de manhã. A vida é sempre curta para vocês, insetos. Mas pode ser muito curta para os que não são úteis. Eu fiz você a partir do nada. Do ar. Com uma palavra posso desfazê-lo.

Bayaz estalou os dedos e o som foi como uma espada atravessando a barriga de Jezal.

– Você pode ser substituído assim.

O Primeiro dos Magos se aproximou mais ainda.

– Agora, seu palerma, bastardo, filho da puta, pense com cuidado nas respostas a estas perguntas. Você vai seguir os conselhos do arquileitor, não vai?

As cãibras relaxaram uma fração misericordiosa. O bastante para Jezal sussurrar:

– Vou.

– Vai ser orientado por ele em todas as coisas?

– Vou.

– Vai cumprir as ordens dele, em público e em particular?

– Vou – ofegou ele. – Vou.

– Bom – disse o mago, empertigando-se e erguendo-se acima de Jezal como sua estátua já estivera acima das pessoas na via do Rei. – Eu sabia que você diria isso, porque além de saber que você é arrogante, ignorante e ingrato, também sei do seguinte: você é covarde. Lembre-se disso. Espero que esta seja uma lição que você não vá ignorar.

A agonia se esvaiu subitamente. O bastante para Jezal levantar a cabeça que girava.

– Odeio você – conseguiu grasnar.

Bayaz soltou uma gargalhada.

– Odeia? Que arrogância supor que eu possa me importar com isso! Eu, Bayaz, primeiro aprendiz do grande Juvens! Eu, que derrubei o Mestre Artífice, que forjei a União, que destruí os Cem Palavras!

O mago levantou o pé sem pressa e o colocou sobre o queixo de Jezal.

– Não me importo se você gosta de mim, idiota. – Apertou o rosto de Jezal no chão sujo de vômito. – Eu me importo se você obedece. E você vai obedecer. Sim?

– Sim – disse Jezal, babando pela boca esmagada.

– Então, Majestade, já vou indo. Reze para nunca dar motivo para que eu volte.

A pressão esmagadora no rosto diminuiu e Jezal ouviu os passos do mago se afastarem até o outro lado da sala. A porta se abriu rangendo, depois se fechou com um estalo firme.

Ficou deitado de costas, olhando o teto, a respiração acelerada, arfante. Depois de um tempo, juntou coragem para rolar e se obrigar, tonto, a ficar de quatro. Havia um fedor desagradável, e não somente do vômito que manchava seu rosto. Percebeu, com um leve clarão de vergonha, que havia se borrado. Arrastou-se até a janela, ainda frouxo como um trapo torcido, ajoelhou-se ofegando e olhou o jardim gélido.

Demorou apenas um momento para Bayaz surgir, seguindo pelo caminho de cascalho entre os gramados bem cuidados, com a parte de trás da careca brilhando. Yoru Sulfur caminhava atrás dele, o cajado numa das mãos, uma caixa de metal escuro embaixo do outro braço. A mesma caixa que havia seguido Jezal, Logen e Ferro numa carroça por metade do Círculo do Mundo. Que dias felizes aqueles pareciam, agora!

Bayaz parou de súbito, virou-se e levantou a cabeça. Olhou direto para a janela.

Jezal se encostou nas cortinas com um gemido de terror, o corpo inteiro tremendo, a lembrança daquela dor terrível ainda gravada, fria como gelo, nas entranhas. O Primeiro dos Magos ficou parado por mais um momento, com uma levíssima sugestão de sorriso no rosto. Então se virou rapidamente, avançou entre os cavaleiros do Grupo que faziam reverência flanqueando o portão e sumiu.

Jezal ficou ajoelhado, agarrado às cortinas como uma criança à saia da mãe. Pensou em como havia sido feliz e como não percebera isso. Jogando cartas, cercado por amigos, um futuro brilhante pela frente. Forçou a respiração pesada, com o aperto das lágrimas esgueirando-se pela garganta, espalhando-se em volta dos olhos. Nunca na vida se sentira tão sozinho. Filho de reis? Não tinha ninguém nem nada. Bufou e soltou perdigotos. Sua visão ficou turva. Sacudiu-se com soluços desesperançados, o lábio com a cicatriz tremendo, as lágrimas pingando e espirrando nos ladrilhos.

Chorou de dor e medo, de vergonha e raiva, de desapontamento e desamparo. Mas Bayaz estava certo. Ele era covarde. Por isso, acima de tudo, chorou de alívio.

Homens bons, homens ruins

MANHÃ CINZENTA NO jardim frio e úmido, e Cachorrão estava parado, pensando em como as coisas eram melhores antigamente. Estava no meio do círculo de sepulturas marrons, olhando a terra revirada sobre Harding Sinistro. Era estranho como um homem que falava tão pouco podia deixar um vazio tão grande.

Tinha sido uma longa jornada a de Cachorrão nos últimos anos, e muito estranha. De lugar nenhum a lugar nenhum, e perdendo um monte de amigos no caminho. Lembrava-se de todos os homens que tinham voltado para a lama. Harding Sinistro. Tul Duru Cabeça de Trovão. Rudd Três Árvores. Forley, o Fraco. E para quê? Quem ficara melhor por causa disso? Toda aquela devastação. Era bastante para deixar a pessoa doente até as solas das botas. Mesmo um homem famoso pelo temperamento calmo. Todos tinham partido e deixado Cachorrão solitário. O mundo era um lugar menor sem eles.

Ouviu passos no capim molhado. Era Logen, vindo sob a chuva nevoenta, a respiração virando fumaça em volta do rosto cheio de cicatrizes. Cachorrão se lembrou de como se sentira feliz na noite em que ele surgira junto à fogueira, ainda vivo. Na ocasião aquilo parecera um recomeço. Um momento bom, que prometia tempos melhores. Não tinha sido bem assim. Era estranho como Cachorrão não se sentia mais tão feliz ao ver Logen Nove Dedos.

– O rei dos nórdicos – murmurou. – O Nove Sangrento. Como está o seu dia?

– Molhado. Quase no fim do ano.

– É. Outro inverno chegando – murmurou Cachorrão, beliscando a pele dura da palma da mão. – Eles chegam cada vez mais rápido.

– Acho que é hora de eu voltar ao Norte, não é? Calder e Scale ainda estão à solta, fazendo coisas ruins, e os mortos sabem que tipo de encrenca Barca Negra deve ter aprontado.

– É, acho que sim. Já era hora de a gente ir.

– Quero que você fique.

Cachorrão levantou os olhos.

– Hein?

– Alguém precisa falar com os sulistas, fazer um acordo. Você sempre foi o melhor homem que eu conheci para falar. Afora Bethod, talvez, mas… ele não é opção agora, é?

– Que tipo de acordo?

– Pode ser que a gente precise da ajuda deles. Vai haver todo tipo de gente no Norte que não está gostando de como as coisas aconteceram. Pessoas que não querem um rei, ou pelo menos não este rei. Ter a União do nosso lado vai ajudar. Não fará mal se você trouxer algumas armas também, quando voltar.

Cachorrão se encolheu.

– Armas, é?

– É melhor ter do que não ter, do que precisar e não…

– Sei o resto. O que aconteceu com aquilo de só mais uma luta e terminamos? O que aconteceu com cultivar coisas?

– Talvez elas tenham de ser cultivadas sem nós, por enquanto. Escute, Cachorrão, eu nunca procurei uma briga, você sabe, mas é preciso ser…

– Nem se dê o trabalho.

– Estou tentando ser um homem melhor, Cachorrão.

– É mesmo? Não vejo você tentando tanto assim. Você matou Tul?

Os olhos de Logen se estreitaram.

– Barca Negra andou falando, foi?

– Não importa quem disse. Você matou o Cabeça de Trovão ou não? Não é muito difícil dizer. Só um sim ou um não.

Logen soltou uma espécie de fungada, como se fosse começar a rir, ou a chorar, mas não fez uma coisa nem outra.

– Não sei o que eu fiz.

– Não sabe. De que adianta não saber? É isso que você vai dizer depois de me dar uma facada pelas costas, quando eu estiver tentando salvar sua vida sem valor?

Logen franziu os olhos para a grama molhada.

– Talvez seja assim. Não sei.

Seu olhar voltou-se para os olhos de Cachorrão e o penetrou.

– Mas esse é o preço, não é? Você sabe o que eu sou. Poderia ter escolhido outro homem para seguir.

Cachorrão o observou afastar-se, sem saber o que dizer, sem saber sequer o que pensar. Sentiu alguém chegar ao lado. Era Gorro Vermelho, olhando para a chuva, vendo a silhueta de Logen ficar cada vez mais indistinta. Ele balançou a cabeça, a boca franzida com força.

– Nunca acreditei nas histórias que contavam sobre ele. Sobre o Nove Sangrento. Achava que era tudo fanfarronice. Mas agora acredito. Ouvi dizer que ele matou o menino do Crummock naquela luta nas montanhas. Cortou-o sem pensar, como a gente esmaga um besouro, sem motivo. Aquele homem não se importa com nada. Acho que não existe homem pior em todo o Norte. Nem Bethod. É um desgraçado maligno, o pior que já houve.

– É mesmo? – Cachorrão se pegou grudado na cara do Gorro Vermelho e gritando. – Bom, vá se catar, seu molenga! Quem disse que você é a porra do juiz?

– Só estou falando, só isso. – Gorro Vermelho olhou para ele. – Quero dizer… achei que a gente estava pensando a mesma coisa.

– Bom, não estamos! É preciso uma mente maior do que uma ervilha para pensar alguma coisa, e você não tem esse equipamento, idiota! Você não saberia separar um homem bom de um homem ruim nem se ele mijasse em você!

Gorro Vermelho piscou.

– Está certo. Já vi que entendi errado.

Recuou um passo, depois foi andando pela garoa, balançando a cabeça.

Cachorrão só ficou de dentes trincados, vendo-o ir, pensando em como queria bater em alguém, mas não sabia quem. Não havia ninguém ali, a não ser ele. Ele e os mortos. Mas talvez seja isso que acontece, quando a luta acaba, com um homem que não sabe fazer nada além de lutar. Ele luta consigo mesmo.

Respirou fundo o ar frio e úmido e franziu a testa para a sepultura de Sinistro. Imaginou se ainda saberia distinguir um homem bom de um homem ruim. Imaginou qual seria a diferença.

Manhã cinzenta no jardim frio e úmido, e Cachorrão continuou parado, pensando em como as coisas eram melhores antigamente.

Não é o que você queria

GLOKTA ACORDOU COM um raio de luz suave cheio de grãos de poeira dançantes entrando pelas cortinas e alcançando suas cobertas amarrotadas. Tentou se virar e encolheu-se com um estalo no pescoço. *Ah, o primeiro espasmo do dia.* O segundo não demorou a chegar. Relampejou pelo lado esquerdo do quadril enquanto ele se esforçava para se virar de costas e tirou seu fôlego. A dor se esgueirou coluna abaixo, acomodou-se na perna e ficou ali.

– Ah – grunhiu.

Tentou virar o tornozelo com delicadeza, trabalhar o joelho. A dor ficou muito pior.

– Barnam!

Puxou o lençol para o lado e o odor familiar de excremento chegou às narinas. *Nada como o fedor da própria bosta para iniciar uma manhã produtiva.*

– Ah! Barnam!

Gemeu, babou, apertou a coxa mirrada, mas nada ajudou. A dor ficava cada vez pior. As fibras se destacavam na carne devastada como cabos de metal, o pé sem dedos pendia grotescamente na extremidade, fora de seu controle.

– Barnam! – gritou. – Barnam, seu escroto! A porta!

A saliva escorria da boca banguela, lágrimas desciam pelo rosto espasmódico, as mãos gadanhavam, agarrando o lençol manchado de marrom.

Ouviu passos apressados no corredor, a maçaneta abaixou.

– Está trancada, idiota! – guinchou, sacudindo-se de dor e raiva.

A maçaneta se moveu e a porta se abriu, para sua surpresa. *Que diab…*

Ardee veio correndo até a cama.

– Saia! – sibilou ele, colocando um braço inutilmente sobre o rosto e agarrando as cobertas com a outra mão. – Saia!

– Não.

Ela puxou o lençol para longe e Glokta fez uma careta, esperando que o rosto dela empalidecesse, esperando que ela cambaleasse para trás com uma das mãos sobre a boca e os olhos arregalados de choque e nojo. *Estou casada… com essa monstruosidade coberta de merda?* Ela apenas franziu a testa por um momento, depois segurou sua coxa arruinada e a apertou com os polegares.

Ele ofegou, agitou-se e tentou se soltar retorcendo-se, mas ela comprimia implacavelmente dois pontos de agonia bem no meio de seus tendões com cãibra.

– Ah! Sua porra… sua…

O músculo devastado ficou subitamente relaxado e ele relaxou junto, deixando-se cair no colchão. *E agora estar sujo da minha própria merda começa a parecer só um pouquinho embaraçoso.*

Ficou parado um momento, impotente.

– Não queria que você me visse… assim.

– Tarde demais. Você se casou comigo, lembre-se disso. Agora somos um só.

– Acho que fiquei com a melhor parte desse trato.

– Eu ganhei minha vida, não foi?

– Não é o tipo de vida pela qual a maioria das jovens anseia.

Observou a faixa de luz do sol que se movia em seu rosto escurecido enquanto ela se movimentava.

– Sei que não sou o que você queria… num marido.

– Sempre sonhei com um homem com quem eu pudesse dançar – disse ela, levantou a cabeça e sustentou o olhar dele. – Mas acho que talvez você me sirva melhor. Os sonhos são para as crianças. Nós dois somos adultos.

– Mesmo assim. Agora você vê que não dançar é a parte menos importante. Você não deveria ter de fazer… isso.

– Eu quero fazer.

Ela segurou com força o rosto dele e o torceu um tanto dolorosamente, de modo que Glokta a encarasse.

– Quero fazer alguma coisa. Quero ser útil. Quero que alguém precise de mim. Dá para entender?

Glokta engoliu em seco.

– Dá. – *Poucos entenderiam melhor*. – Cadê o Barnam?

– Eu disse que ele podia tirar folga pelas manhãs. Disse que de agora em diante eu faria isso. Também mandei trazer minha cama para cá.

– Mas…

– Está dizendo que eu não posso dormir no mesmo quarto que o meu marido?

As mãos dela deslizaram lentamente sobre sua carne murcha, suaves mas firmes, esfregando a pele cheia de cicatrizes, apertando os músculos arruinados. *Quanto tempo faz desde que uma mulher me olhou com algo que não fosse horror? Desde que uma mulher me tocou com algo que não fosse violência?* Ficou deitado, os olhos fechados e a boca aberta, as lágrimas escorrendo do olho e descendo pela lateral da cabeça, até o travesseiro. *Quase confortável. Quase…*

– Não mereço isso – ofegou.

– Ninguém recebe o que merece.

A rainha Terez olhou para Glokta de nariz empinado enquanto ele entrava mancando em sua sala ensolarada, sem a menor tentativa de esconder o nojo e o desprezo absolutos. *Como se visse uma barata arrastando-se em sua real presença. Mas veremos. Afinal de contas, conheço bem esse caminho. Eu mesmo o segui e arrastei tantos outros por ele depois. O orgulho vem primeiro. Depois a dor. A humildade em seguida. A obediência surge logo depois.*

– Meu nome é Glokta. Sou o novo arquileitor da Inquisição de Sua Majestade.

– Ah, o aleijado – zombou ela. *Com uma objetividade revigorante.* – E por que pertuba minha tarde? Você não vai encontrar criminosos aqui. – *Só bruxas estirianas.*

Os olhos de Glokta se viraram para a outra mulher, empertigada perto de uma janela.

– É um assunto que seria melhor discutirmos a sós.

– A condessa Shalere é minha amiga desde o nascimento. Não há nada que você possa me dizer que ela não possa ouvir.

A condessa olhou para Glokta com um desdém pouco menos penetrante do que o da rainha.

– Muito bem. – *Não há um modo delicado de dizer. Duvido que a delicadeza servisse aqui, de qualquer modo.* – Chegou à minha atenção, Majestade, que a senhora não tem cumprido com seus deveres de esposa.

O pescoço comprido e fino de Terez pareceu se esticar de indignação.

– Como ousa? Isso não é da sua conta!

– Infelizmente é. Herdeiros para o rei, veja bem. O futuro da nação, etc.

– Isso é insuportável!

O rosto da rainha ficou branco de fúria. *A joia de Talins lampeja fogo, de fato.*

– Sou obrigada a comer a comida repulsiva de vocês, a tolerar seu clima pavoroso, a sorrir para as arengas do seu rei idiota! Agora tenho que responder aos seus lacaios grotescos? Sou uma prisioneira aqui!

Glokta olhou a sala imponente ao redor. As cortinas opulentas, os móveis dourados, as belas pinturas. As duas mulheres lindas com suas roupas elegantes. Cravou um dente na parte de baixo da língua.

– Acredite, as prisões não são assim.

– Existem muitos tipos de prisão!

– Eu aprendi a viver em prisões piores, assim como outras pessoas. – *Você deveria ver o que minha esposa precisa aguentar.*

– Compartilhar minha cama com um bastardo nojento, um filho sabe-se lá de quem, cheio de cicatrizes, admitir um homem fedorento e peludo passando a mão em mim à noite! – A rainha teve um tremor de repulsa. – Isso seria intolerável!

Lágrimas brilhavam em seus olhos. Sua dama de companhia avançou rapidamente, o vestido farfalhando, e se ajoelhou ao lado dela, pondo a mão em seu ombro para reconfortá-la. Terez pôs sua mão em cima da dela. A companheira da rainha olhou para Glokta com ódio descarado.

– Saia! Fora, aleijado, e não volte jamais! Você perturbou Sua Majestade!

– Tenho dom para isso – murmurou Glokta. – É um dos motivos pelos quais sou tão amplamente odiado…

Ele deixou o resto no ar, franzindo a testa. Olhou para as mãos das duas no ombro de Terez. Havia algo naquele toque. *Reconfortante, tranquilizador, protetor. O toque da amiga comprometida, da confidente, da companheira fraterna. Mas havia algo além disso. Era íntimo demais. Caloroso demais. Quase como o toque de… Ah.*

– A senhora não vê muita utilidade nos homens, não é?

As duas mulheres o encararam ao mesmo tempo, então Shalere tirou a mão bruscamente do ombro da rainha.

– O que você quer dizer com isso? – rugiu Terez, mas sua voz saiu esganiçada, quase em pânico.

– Acho que a senhora sabe muito bem o que quero dizer. – *E minha tarefa fica muito mais fácil*. – Alguma ajuda aqui!

Dois práticos corpulentos passaram pela porta.

E, com essa rapidez, tudo muda. É incrível o tempero que dois homens grandes podem dar a uma conversa. Alguns tipos de poder não passam de truques da mente. Aprendi isso muito bem nas prisões do imperador, e meu novo senhor só reforçou a lição.

– Você não ousaria! – guinchou Terez, fitando com olhos enormes os homens mascarados. – Você não ousaria me tocar!

– Ah, por sorte duvido que seja necessário, mas veremos – falou. Depois apontou para a condessa e se dirigiu aos práticos: – Peguem essa mulher.

Os dois mascarados cruzaram o tapete grosso. Um deles tirou a cadeira do caminho com cuidado exagerado.

– Não! – A rainha ficou de pé de um salto e segurou a mão de Shalere. – Não!

– Sim – disse Glokta.

As duas mulheres recuaram, agarradas uma à outra, Terez na frente, protegendo a condessa com seu corpo, os dentes à mostra num rosnado de alerta

enquanto as duas grandes sombras se aproximavam.

Quase nos emocionaríamos pelo apreço evidente que uma sente pela outra, se fôssemos capazes de nos emocionarmos.

– Peguem-na. Mas não deixem nenhuma marca na rainha, por favor.

– Não! – gritou Terez. – Vou pedir sua cabeça por causa disso! Meu pai… meu pai está…

– Voltando para Talins, e duvido que comece uma guerra por causa de sua amiga. Além disso, você foi comprada e paga e o grão-duque Orso não me parece do tipo que desfaça um acordo.

Os dois homens e as duas mulheres se agitaram na outra extremidade da sala numa dança deselegante. Um dos práticos segurou a condessa pelo pulso, arrastou-a para longe da mão da rainha e a obrigou a se ajoelhar. Torceu seus braços atrás do corpo e fechou algemas pesadas em seus pulsos. Terez berrou, deu socos, chutou, gadanhou o outro, mas era como soltar sua fúria contra uma árvore. O sujeito enorme mal se mexeu, os olhos tão sem emoção quanto se houvesse uma máscara em seu rosto.

Glokta se pegou quase rindo da feia cena. *Posso ser aleijado e hediondo e sentir dor constante, mas a humilhação de mulheres lindas é um prazer que ainda posso desfrutar. Faço isso agora com ameaças e violência em vez de palavras doces e adulação, mas… é quase tão divertido quanto antigamente.*

Um prático enfiou à força um saco sobre a cabeça de Shalere, transformando os gritos dela em soluços abafados, depois a forçou a atravessar a sala, impotente. O outro ficou onde estava por um momento, mantendo a rainha encurralada no canto. Depois recuou para a porta. No caminho, pegou a cadeira que tinha movido e a devolver exatamente à posição em que a havia encontrado.

– Seu maldito! – guinchou Terez, com os punhos cerrados tremendo enquanto a porta se fechava, deixando os dois a sós. – Seu maldito, seu desgraçado torto! Se fizer mal a ela…

– Não chegarei a esse ponto. Porque a senhora tem os meios de libertá-la.

A rainha engoliu em seco, o peito arfando.

– O que preciso fazer?

– Foder. – De algum modo a palavra pareceu duas vezes mais feia no ambiente lindo. – E ter filhos. Darei à condessa sete dias no escuro, sem ser molestada. Se no fim desse tempo não souber que a senhora fez o pau do rei pegar fogo toda noite, vou apresentá-la aos meus práticos. Coitados. Eles têm feito tão pouco exercício! Dez minutos devem bastar para eles, mas há um número suficiente de funcionários na Casa das Perguntas. Ouso dizer que podemos manter sua amiga de infância bem ocupada, noite e dia.

Um espasmo de horror atravessou o rosto de Terez. *E por que não? Esse é*

um ponto baixo até mesmo para mim.

– E se eu fizer o que você pede?

– Então a condessa será mantida em segurança e incólume. Assim que a senhora estiver comprovadamente grávida, eu a devolvo. As coisas podem voltar a ser como são agora, quando houver uma criança em seu ventre. Dois meninos como herdeiros, duas meninas para casar e estaremos quites. O rei pode encontrar sua diversão em outros lugares.

– Mas isso vai demorar anos!

– A senhora pode conseguir em três ou quatro, se realmente cavalgá-lo com intensidade. E pode descobrir que a vida de todo mundo vai ficar mais fácil se ao menos fingir que está gostando.

– Fingir? – ofegou ela.

– Quanto mais a senhora der a entender que está gastando, mais rápido vai acabar. A puta mais barata do cais consegue gemer para ganhar uns cobres quando os marinheiros metem nela. Está dizendo que não é capaz de gemer para o rei da União? A senhora ofende minhas sensibilidades patrióticas! Uh! Ah! Isso! Aí! Não pare! – ofegou ele, revirando os olhos numa simulação de êxtase. – Está vendo? Até eu consigo! Uma mentirosa com a sua experiência não deve ter dificuldade.

O olhar lacrimoso da rainha saltou pela sala, como se procurasse alguma saída. *Mas não existe nenhuma. O nobre arquileitor Glokta, protetor da União, grande coração do Conselho Fechado, exemplo das virtudes cavalheirescas, demonstra seu talento para a política e a diplomacia*. Ele sentiu uma agitação minúscula por dentro ao observar o desespero dela, um tremor ínfimo nas entranhas. *Culpa, talvez? Não importa o que seja, aprendi minha lição. A piedade jamais funciona para mim.*

Deu mais um passo lento adiante.

– Majestade, espero que entenda qual seria a alternativa.

Ela assentiu e enxugou os olhos. Depois ergueu o queixo com orgulho.

– Farei o que o senhor pede. Por favor, imploro, não a machuque… por favor…

Por favor, por favor, por favor. Parabéns, Eminência.

– A senhora tem a minha palavra. Garantirei que a condessa receba apenas o melhor tratamento – falou Glokta e lambeu gentilmente os espaços nas gengivas. – E a senhora fará o mesmo com seu marido.

Jezal estava sentado no escuro. Olhava o fogo dançar na grande lareira e pensava no que poderia ter sido. Pensava com alguma amargura. Todos os

caminhos que sua vida poderia ter tomado, e havia terminado ali. Sozinho.

Ouviu dobradiças rangerem. A pequena porta que dava para o quarto da rainha se abriu devagar. Ele nunca havia se incomodado em trancá-la do seu lado. Não tinha previsto nenhuma circunstância em que ela desejasse usá-la. Algum erro de etiqueta que ele havia cometido, sem dúvida, pelo qual ela não podia esperar sequer até a manhã para censurá-lo.

Levantou-se depressa, nervoso.

Terez passou pelo portal sombreado. Parecia tão diferente que a princípio ele mal a reconheceu. O cabelo estava solto e ela usava apenas uma camisola. Olhava humilde para o chão, o rosto no escuro. Seus pés descalços passaram sobre as tábuas, pisaram no tapete grosso e prosseguiram em direção à lareira. De repente parecia muito jovem. Jovem e pequena, fraca e solitária. Jezal olhou para ela confuso, um tanto apavorado, mas também, à medida que ela chegava mais perto e a luz da lareira captava as formas de seu corpo, ligeiramente excitado.

– Terez, minha… – Ele procurou a palavra. “Querida” não parecia servir. Nem “amada”. “Pior inimiga” poderia servir, mas não ajudaria nem um pouco. – Posso…

Ela o interrompeu, como sempre, mas não com a agressividade que ele esperava.

– Desculpe o modo como o tratei. As coisas que eu disse… Você deve me achar…

Havia lágrimas nos olhos dela. Lágrimas de verdade. Ele não acreditaria, até aquele momento, que ela era capaz de chorar. Deu um ou dois passos apressados na direção dela, uma das mãos estendida, sem ideia do que fazer. Nunca ousara esperar um pedido de desculpas, e certamente não um pedido de desculpas feito com tanta seriedade e honestidade.

– Eu sei – gaguejou ele. – Eu sei… Não sou o que você queria num marido. Desculpe. Mas sou tão prisioneiro nisto quanto você. Só espero… que talvez possamos fazer o melhor possível. Talvez possamos encontrar um modo… de cuidar um do outro? Nenhum de nós tem mais ninguém. Por favor, diga o que devo fazer…

– Shhhh.

Ela encostou um dedo nos seus lábios, olhando-o nos olhos, metade do rosto reluzindo em laranja por causa do fogo, a outra metade oculta nas sombras. Os dedos se enfiaram nos cabelos de Jezal e o puxaram. Ela o beijou, gentilmente, quase sem jeito, os lábios roçando, depois se comprimindo meio atrapalhados. Ele passou uma das mãos na nuca de Terez, por baixo da orelha, o polegar acariciando o rosto liso. As bocas trabalharam mecanicamente,

acompanhadas pelo chiado fraco da respiração no nariz dele, pelo som úmido e suave da saliva. Nem de longe era o beijo mais apaixonado que ele já trocara, mas era muito mais do que havia esperado receber da esposa. Um arrepio agradável cresceu em sua virilha quando ele enfiou a língua na boca de Terez.

Correu a outra mão pelas costas dela, sentindo os ressaltos da coluna. Grunhiu baixinho ao passar a mão na bunda, descer pela lateral da coxa e depois avançar entre as pernas, com a bainha da camisola se embolando no pulso. Sentiu-a estremecer, sentiu-a se encolher e morder o lábio, parecendo chocada ou mesmo com nojo. Puxou a mão bruscamente e os dois se separaram, olhando para o chão.

– Desculpe – murmurou ele, xingando-se por dentro por causa da ansiedade. – Eu…

– Não. A culpa é minha. Não tenho… experiência… com homens…

Jezal piscou um momento, depois quase sorriu com um jorro de alívio. Claro. Agora tudo se explicava. Terez era tão segura, tão distinta que nunca lhe ocorrera que ela pudesse ser virgem. Era o simples medo que fazia a esposa tremer tanto. Medo de desapontá-lo. Sentiu um jorro de simpatia.

– Não se preocupe – murmurou baixinho, dando um passo à frente e tomando-a nos braços. Sentiu-a enrijecer, sem dúvida com nervosismo, e acariciou gentilmente seu cabelo. – Eu posso esperar… Não precisamos fazer… pelo menos por enquanto.

– Não – disse ela com uma determinação tocante, fitando-o nos olhos sem medo. – Não. Vamos fazer.

Ela puxou a camisola por cima da cabeça e deixou-a cair no chão. Chegou perto dele, segurou seu pulso, guiou-o de volta à coxa, depois para cima.

– Ah – sussurrou, rouca e com urgência, os lábios roçando o rosto dele, a respiração quente no seu ouvido. – É… aí… não pare.

Então o guiou ofegante para a cama.



– É só isso?

Glokta olhou ao redor da mesa, mas os velhos estavam em silêncio. *Todos esperando minha palavra*. O rei estava ausente de novo, por isso ele os fizera esperar um tempo desnecessariamente longo. *Só para deixar claro, a qualquer um que tivesse dúvida, quem mandava. Por que não, afinal de contas? O objetivo do poder não é ser gentil*.

– Então esta reunião do Conselho Fechado está terminada.

Eles se levantaram, depressa, em silêncio e em boa ordem. Torlichorm, Halleck, Kroy e todo o resto saíram lentamente da sala. O próprio Glokta lutou

para se levantar, a perna ainda doendo com a lembrança das cãibras da manhã, e descobriu que o lorde camarista, de novo, havia ficado para trás. *E não parece estar achando nem um pouco divertido.*

Hoff esperou até que a porta estivesse fechada, antes de falar.

– Imagine minha surpresa – disse ele – ao saber do seu casamento recente.

– Foi uma cerimônia rápida e discreta. – Glokta mostrou ao lorde camarista os destroços de seus dentes da frente. – O amor dos jovens não admite demora, você sabe. Peço desculpas se a falta de um convite o ofendeu.

– Convite? – rosnou Hoff, franzindo a testa. – De jeito nenhum! Não foi isso que nós discutimos!

– Discutimos? Acho que temos um equívoco. Nosso amigo em comum – Glokta deixou os olhos se moverem significativamente para a décima terceira cadeira, vazia na outra extremidade da mesa. – me deixou no comando. Eu. Ninguém mais. Ele considera necessário que o Conselho Fechado tenha apenas uma voz. De agora em diante, a voz vai soar notavelmente parecida com a minha.

O rosto vermelho de Hoff empalideceu.

– Claro, mas…

– Você sabe, imagino, que eu vivi dois anos de tortura, não sabe? Dois anos no inferno, de modo que agora posso ficar de pé diante de você. Ou me apoiar na bengala diante de você, torto feito uma raiz de árvore velha. Uma farsa de homem, aleijado, trôpego, desgraçado, hein, lorde Hoff? Sejamos honestos. Às vezes eu perco o controle da minha própria perna. Dos olhos. Do rosto. – Bufou. – Se é que podemos chamar de rosto. Minhas tripas também são rebeldes. Frequentemente acordo sujo com minha própria merda. Vivo em dor constante, e as lembranças de tudo o que perdi me incomodam interminavelmente.

Sentiu o olho esquerdo tremendo. *Pode tremer.* Prosseguiu:

– De modo que, veja bem, apesar dos meus constantes esforços para ser um homem de humor ensolarado, descubro que desprezo o mundo e tudo o que há nele e desprezo a mim mesmo acima de tudo. É uma coisa lamentável, para a qual não existe remédio.

O lorde camarista lambeu os lábios, inseguro.

– O senhor tem minha solidariedade, mas não vejo em que isso seja relevante.

Glokta chegou subitamente muito perto, ignorando um espasmo na perna, imprensando Hoff contra a mesa.

– Sua solidariedade vale menos do que nada, e a relevância é a seguinte: sabendo o que eu sou, o que eu suportei, o que ainda suporto… consegue supor que exista alguma coisa que eu tema no mundo? Alguma atitude que eu relute

em tomar? A dor mais insuportável dos outros é, na pior das hipóteses… uma irritação para mim.

Glokta chegou mais perto ainda, deixando os lábios se afastarem dos dentes arruinados, deixando o rosto tremer e o olho chorar.

– Sabendo de tudo isso… você acha possivelmente sensato… um homem ficar onde você está agora… e fazer ameaças? Ameaças contra minha esposa? Contra *meu* filho?

– Não pretendia fazer nenhuma ameaça, claro, eu jamais faria…

– Isso simplesmente não seria bom, lorde Hoff! Simplesmente não seria bom. À menor sugestão de violência contra eles… Bom, eu nem desejaria que você imaginasse o horror desumano da minha reação.

Mais perto ainda, tão perto que sua saliva criou uma névoa fraca em volta da papada trêmula de Hoff.

– Não vou permitir mais nenhum *questionamento* sobre isso. Jamais. Não vou permitir sequer o boato de que pode haver algum questionamento. Nunca. Simplesmente… não… seria bom, lorde Hoff, que um saco de carne, sem olhos, sem língua, sem rosto, sem dedos e sem pau ocupasse sua cadeira no Conselho Fechado.

Ele se afastou, dando seu sorriso mais repulsivo.

– Ora, lorde camarista… quem beberia todo o vinho?

Era um lindo dia de outono em Adua e o sol brilhava de forma agradável através dos galhos das perfumadas árvores frutíferas, lançando uma sombra salpicada na grama. Uma brisa suave atravessava o pomar, agitando o manto carmim do rei, que caminhava regiamente pelo gramado, e o casaco branco do arquileitor, que mancava teimosamente a uma distância respeitosa, curvado sobre a bengala. Pássaros cantavam nas árvores e as botas muito polidas de Sua Majestade faziam barulho no cascalho, criando ecos fracos, aprazíveis, nos prédios brancos do palácio.

Do outro lado dos muros altos, vinha o som de trabalho distante. Batidas de picaretas e martelos, terra sendo raspada e pedra quebrada. Os gritos fracos dos carpinteiros e pedreiros. Esses eram os sons mais prazerosos de todos, aos ouvidos de Jezal. Os sons da reconstrução.

– Vai demorar um bom tempo, claro – dizia ele.

– Claro.

– Anos, talvez. Mas boa parte dos escombros já foi retirada. O conserto de alguns dos prédios menos danificados já começou. O Agriont será mais glorioso do que antes, sabe? Fiz disso minha prioridade.

Glokta baixou a cabeça mais ainda.

– E portanto é também a minha e do seu Conselho Fechado. Será que posso perguntar… – murmurou –… pela saúde de sua esposa, a rainha?

Jezal remexeu a boca. Não gostava de discutir seus assuntos pessoais com aquele homem, principalmente, mas não podia negar que, o que quer que o que o aleijado tivesse dito, houvera uma melhoria bastante significativa.

– Houve uma mudança expressiva – respondeu Jezal. – Descobri que ela é uma mulher de apetites… quase insaciáveis.

– Fico muito feliz ao ver que minhas súplicas tiveram efeito.

– Ah, tiveram, tiveram sim, só que ainda há certa… – Jezal balançou a mão no ar, procurando a palavra certa. –… tristeza nela. Às vezes… eu a ouço chorar à noite. Ela fica junto à janela aberta e chora durante horas.

– Chora, Majestade? Talvez esteja apenas com saudades de casa. Sempre suspeitei que ela era um espírito muito mais gentil do que aparenta.

– Ela é! Ela é! Um espírito gentil.

Jezal pensou nisso durante um momento.

– Sabe, acho que você pode estar certo. Saudades de casa.

Um plano começou a tomar forma em sua mente.

– Talvez devêssemos redesenhar os jardins do palácio, para dar um ar de Talins, não acha? Poderíamos alterar o riacho, para parecer com canais, e assim por diante!

Glokta deu seu sorriso banguela.

– Ideia sublime. Vou falar com o jardineiro real. Talvez troque outra palavra breve com Sua Majestade, também, para ver se posso estancar as lágrimas dela.

– Eu agradeceria qualquer coisa que você fizesse. E como vai sua esposa? – perguntou por cima do ombro, esperando mudar de assunto, depois percebeu que havia passado para outro mais difícil ainda.

Mas Glokta apenas mostrou o sorriso vazio outra vez.

– Ardee é um grande consolo para mim, Majestade. Não sei como eu pude viver sem ela.

Continuaram andando num silêncio incômodo durante um momento, então Jezal pigarreou.

– Estive pensando, Glokta, naquele meu plano. Você sabe, de cobrar um imposto dos bancos. Talvez para custear um novo hospital perto das docas. Para quem não pode pagar um médico. O povo tem sido bom conosco. Ele nos ajudou a chegar ao poder e sofreu em nosso nome. Um governo deve oferecer algo a todo o seu povo, não é? Quanto mais simples, quanto mais pobre, mais ele precisa da nossa ajuda. Um rei é tão rico quanto seu súdito mais pobre, não acha? Você gostaria que o juiz supremo esboçasse alguma coisa? Pequena, para

começar, depois podemos ir mais longe. Moradia grátis, talvez, para os que não têm casa. Deveríamos considerar…

– Majestade, eu falei sobre isso com nosso amigo em comum.

Jezal parou subitamente, com um sentimento frio subindo pela coluna.

– Falou?

– Sinto que esse é o meu dever – disse o aleijado num tom servil, mas os olhos fundos não se afastaram um instante dos de Jezal. – Nosso amigo não ficou… entusiasmado.

– Quem governa a União: ele ou eu?

Mas os dois sabiam muito bem a resposta para essa pergunta.

– O senhor é o rei, claro.

– Claro.

– Mas nosso amigo em comum… Não desejaríamos desapontá-lo.

Glokta deu um passo manco mais para perto, o olho esquerdo tremelicando de modo repulsivo.

– Nenhum de nós dois, tenho certeza, gostaria de encorajar uma visita… dele a Adua.

Os joelhos de Jezal ficaram fracos. A leve lembrança daquela dor medonha, insuportável, apertou seu estômago.

– Não – grasnou. – Claro que não.

A voz do aleijado mal passava de um sussurro.

– Talvez com o tempo possamos encontrar verbas para algum projeto pequeno. Nosso amigo não pode ver tudo, afinal de contas, e o que ele não vir não fará mal. Tenho certeza de que nós dois, discretamente… poderíamos fazer algum bem. Mas, por enquanto, não.

– É. Você está certo, Glokta. Você tem um ótimo senso para essas coisas. Não fazer nada que provoque a menor ofensa. Por favor, informe ao nosso amigo que as opiniões dele serão sempre valorizadas acima de todas as outras. Por favor, diga ao nosso bom amigo que ele pode contar comigo. Diria isso, por favor?

– Direi, Majestade. Ele vai adorar ouvir isso.

– Bom – murmurou Jezal. – Bom.

Uma brisa gélida havia soprado, e ele se virou de volta para o palácio, puxando a capa em volta do corpo. No fim das contas, não era um dia tão agradável quanto ele esperara.

Pontas soltas

UMA CAIXA BRANCA e suja com duas portas, uma de frente para a outra. O teto era baixo demais para oferecer qualquer conforto, a sala iluminada demais por lampiões fortes. A umidade se esgueirava a partir de um canto e o reboco havia sofrido uma erupção de bolhas que se soltavam em flocos, salpicadas de mofo. Alguém tentara lavar uma comprida mancha de sangue na parede, mas não com muito empenho.

Dois enormes práticos estavam encostados na parede de braços cruzados. Uma das cadeiras junto à mesa aparafusada estava vazia. Carlot dan Eider se sentava na outra. *A história se move em círculos, como dizem. Como as coisas mudaram! E no entanto como permaneceram as mesmas!* O rosto dela estava pálido de preocupação, com olheiras causadas pela privação de sono. Ainda assim ela era linda. *Mais do que nunca, de certa forma. A beleza da chama da vela que quase se apagou. De novo.*

Glokta ouviu sua respiração apavorada ao se acomodar na cadeira livre, apoiar a bengala na mesa arranhada e franzir a testa para a mulher.

– Ainda estou imaginando se, nos próximos dias, vou receber aquela carta da qual você falou. Você sabe qual. A que você pretendia que Sult lesse. A que conta a história de minha pequena misericórdia autoindulgente para com você. A que você garantiu que seria mandada ao arquileitor… no caso de sua morte. Será que ela encontrará o caminho até minha mesa? É uma ironia final.

Houve uma pausa.

– Percebo que cometi um erro sério quando voltei. – *E um erro pior ainda quando não partiu rápido o bastante*. – Espero que aceite meu pedido de desculpas. Eu só queria alertá-lo sobre os gurkenses. Se o senhor descobrir, no coração, que pode ser misericordioso…

– Você esperava que eu fosse misericordioso mais uma vez?

– Não – sussurrou ela.

– Então quais acha que são as chances de eu cometer o mesmo erro duas vezes? Jamais volte, eu disse. Jamais.

Ele balançou a mão e um dos monstruosos práticos levantou a tampa da sua caixa.

– Não… não – disse ela, e seu olhar saltou sobre os instrumentos e de volta para ele. – O senhor venceu. O senhor venceu, claro. Eu deveria ter agradecido da primeira vez. Por favor – pediu a mulher. E, inclinando-se para a frente, fitou-

o nos olhos e baixou a voz até um tom rouco: – Por favor. Certamente deve haver… algo que eu possa fazer… para compensar minha idiotice…

Uma mistura peculiar de desejo fingido e nojo genuíno. Anseio falso e desprezo genuíno. E tudo tornado mais desagradável devido ao gume de terror crescente. Faz pensar por que fui misericordioso na primeira vez.

Glokta bufou.

– Será que isso precisa ser embaraçoso, além de doloroso?

O esforço de sedução sumiu rapidamente. *Mas noto que o medo não está indo a lugar nenhum*. Agora era acompanhado por uma nota crescente de desespero.

– Sei que cometi um erro… Estava tentando ajudar… Por favor, eu não queria lhe fazer mal de verdade… Não provoquei nenhum mal, o senhor sabe!

Ele estendeu a mão lentamente para a caixa e viu os olhos aterrorizados dela acompanharem sua mão de luva branca, a voz subindo até um guincho de pânico:

– É só dizer o que eu preciso fazer! Por favor! Eu posso ajudá-lo! Posso ser útil! Diga-me o que fazer!

A mão de Glokta parou em sua jornada sem remorso por cima da mesa. Ele bateu com um dedo na madeira. O dedo onde o anel do arquileitor reluzia à luz dos lampiões.

– Talvez haja um modo.

– Qualquer coisa – gorgolejou ela, os olhos lacrimosos brilhando. – Qualquer coisa, é só dizer!

– Você tem contatos em Talins?

Ela engoliu em seco.

– Em Talins? C… claro.

– Bom. Eu e alguns colegas do Conselho Fechado estamos preocupados com o papel que o grão-duque Orso pretende representar na política da União. Sentimos… sentimos de forma muito intensa que ele deveria se ater a intimidar os estirianos e manter o nariz fora dos nossos negócios.

Fez uma pausa sugestiva.

– Como eu posso…

– Você irá a Talins. Você será meus olhos na cidade. Uma traidora, fugindo para salvar a vida, sem amigos e sozinha, buscando apenas um lugar para recomeçar a vida. Uma traidora linda mas arruinada, precisando desesperadamente de um braço forte para protegê-la. Você captou a ideia.

– Acho… acho que eu poderia fazer isso.

Glokta bufou.

– É melhor fazer.

– Vou precisar de dinheiro…

– Seus bens foram expropriados pela Inquisição.

– Tudo?

– Você deve ter notado que há muita reconstrução a fazer. O rei precisa de cada marco em que possa colocar as mãos, e os traidores confessos não podem manter seus bens em tempos assim. Arranjei uma passagem para você. Quando chegar, faça contato com a casa bancária Valint e Balk. Eles vão arranjar um empréstimo para você começar.

– Valint e Balk? – repetiu Eider, e pareceu mais apavorada do que antes, se fosse possível. – Prefiro dever a qualquer um, menos a eles.

– Conheço esse sentimento. Mas é isso ou nada.

– Como é que eu vou…

– Uma mulher com seus recursos? Tenho certeza de que vai encontrar um modo.

Ele se levantou da cadeira.

– Quero que chovam cartas suas para mim. Tudo o que acontecer na cidade. O que Orso está tramando. Com quem ele faz guerra, com quem ele faz paz. Quem são seus aliados e seus inimigos. Você parte na próxima maré – disse ele e, junto à porta, virou-se um instante para ela de novo. – Vou estar de olho.

Ela maneou a cabeça em concordância, enxugando as lágrimas de alívio com as costas da mão trêmula. *Primeiro alguém faz isso conosco, depois fazemos com os outros, depois ordenamos que seja feito. É como as coisas são*.

– Você está sempre bêbado a esta hora da manhã?

– Eminência, o senhor me ofende – brincou Nicomo Cosca. – Geralmente a esta hora já estou bêbado há muito tempo.

Uh. Cada um de nós arranja um modo de passar o dia.

– Devo agradecer por toda a sua ajuda.

O estiriano balançou a mão num gesto floreado. Uma mão que relampejava de tantos anéis pesados, notou Glokta.

– Para o inferno seus agradecimentos. Recebi seu dinheiro.

– E acho que cada centavo foi bem gasto. Espero que permaneça na cidade e desfrute a hospitalidade da União por mais um tempo.

– Sabe de uma coisa? Acho que vou fazer isso. – O mercenário coçou o eczema do pescoço, deixando marcas vermelhas de unhas na pele escamosa enquanto pensava a respeito. – Pelo menos até o ouro acabar.

– Em quanto tempo você conseguiria gastar o que lhe paguei?

– Ah, o senhor ficaria pasmo. Já gastei dez fortunas na minha vida, e mais

ainda. Estou ansioso para gastar outra.

Cosca bateu nas coxas, levantou-se, caminhou um tanto bambo até a porta e se virou com um floreio.

– Pode me chamar quando organizar a próxima resistência final desesperada.

– Meu primeiro convite vai ter o seu nome.

– Então lhe dou… adeus!

Cosca tirou o enorme chapéu e fez uma reverência. Depois, com um sorriso astucioso, passou pela porta e se foi.

Glokta havia transferido a sala do arquileitor para um grande salão no térreo da Casa das Perguntas. *Mais perto dos negócios verdadeiros da Inquisição: os prisioneiros. Mais perto das perguntas e das respostas. Mais perto da verdade. E, claro, a maior vantagem… sem escadas.*

Havia jardins bem cuidados do lado de fora e o som da água da fonte chegava pelas grandes janelas. Mas na sala não havia nada da parafernália feia do poder. As paredes eram rebocadas e pintadas de branco simples. A mobília era dura e funcional. *O incentivo do desconforto me deixou atento esse tempo todo. Não há motivo para perder isso simplesmente porque fiquei sem inimigos. Novos inimigos irão se apresentar em pouco tempo.*

Havia algumas estantes pesadas, de madeira escura. Várias mesas forradas de couro, já com altas pilhas de documentos exigindo sua atenção. Afora a grande mesa redonda com o mapa da União e o par de marcas de pregos ensanguentadas, só havia um item da mobília de Sult que Glokta havia trazido. O quadro escuro que retratava o velho e careca Zoller o observava sobre a lareira simples. *Uma semelhança espantosa com certo mago que conheci. É justo, afinal, que mantenhamos a perspectiva adequada. Todo mundo presta contas a alguém.*

Houve uma batida à porta e a cabeça do secretário de Glokta surgiu na abertura.

– Os lordes marechais chegaram, arquileitor.

– Mande-os entrar.

Às vezes, quando velhos amigos se encontram, as coisas voltam instantaneamente a ser como eram tantos anos antes. A amizade retorna, intocada, como se não tivesse havido interrupção. *Às vezes, mas não agora.* Collem West estava praticamente irreconhecível. O cabelo se resumia a tufos medonhos. O rosto estava encovado e tinha um tom amarelo. O uniforme estava largo nos ombros ossudos, manchado no colarinho. Ele arrastou os pés para dentro da sala, curvado, com passo de velho, apoiando-se pesadamente numa bengala. Parecia um cadáver ambulante.

Glokta havia esperado algo do tipo, claro, pelo que Ardee dissera. Mas mesmo assim foi pego de surpresa pela náusea que o impacto da decepção e do horror lhe causou. *É como voltar ao local feliz onde passamos a juventude e encontrá-lo em ruínas. Mortes. Elas acontecem todo dia. Quantas vidas destrocei com as próprias mãos? O que torna esta tão difícil de aceitar?* No entanto era. Ele se pegou saltando da cadeira, andando dolorosamente como se fosse oferecer alguma ajuda.

– Eminência. – A voz de West estava frágil e falhada feito vidro quebrado. Ele fez um esforço débil para sorrir. – Ou, suponho que… devo chamá-lo de irmão.

– West… Collem… que bom ver você. – *Bom e medonho ao mesmo tempo.*

Um grupo de oficiais acompanhou West para dentro da sala. *Do tão competente tenente Jalenhorm eu me lembro, claro, mas agora ele é major. E Brint também, promovido a capitão pelo avanço rápido do amigo. O marechal Kroy, conhecemos e amamos do Conselho Fechado. Parabéns, todos, pelas promoções.* Outro homem vinha no final do grupo. Um homem magro com o rosto horrivelmente queimado. *Mas nós, mais do que qualquer pessoa, não deveríamos encarar uma desfiguração repulsiva como algo negativo.* Cada um deles franziu a testa com nervosismo para West, como se estivessem prontos para saltar em seu apoio caso ele despencasse no chão. Em vez disso, ele arrastou os pés até a mesa redonda e deixou o corpo trêmulo cair na cadeira mais próxima.

– Eu deveria ter ido vê-lo – disse Glokta. *Deveria ter ido muito antes.*

West fez outro esforço para sorrir, mais nauseante ainda do que o último. Faltavam vários dentes.

– Bobagem. Sei como você anda ocupado. E hoje estou me sentindo muito melhor.

– Bom, bom. Isso é… bom. Posso pedir alguma coisa para você? – *O que poderia ajudar?* – Qualquer coisa.

West balançou a cabeça.

– Acho que não. Você conhece esses cavalheiros, claro. Afora o sargento Pike.

O homem queimado maneou a cabeça para ele.

– É um prazer. – *Sempre, conhecer alguém mais mutilado ainda do que eu.*

– Ouvi… notícias felizes da parte da minha irmã.

Glokta se encolheu, quase incapaz de encarar o velho amigo.

– Eu deveria ter pedido sua permissão, claro. Certamente pediria, se houvesse tempo.

– Eu entendo. – Os olhos brilhantes de West se fixaram nos dele. – Ela

explicou tudo. Traz certo conforto saber que ela será bem cuidada.

– Pode contar com isso. Garantirei isso. Ela jamais será magoada de novo.

O rosto magro de West se retorceu.

– Bom. Bom.

Ele coçou suavemente o lado do rosto. As unhas estavam pretas, com uma borda de sangue seco, como se estivessem se descolando da carne.

– Sempre há um preço a ser pago, não é, Sand? Pelas coisas que fazemos?

Glokta sentiu o olho estremecer.

– Parece que sim.

– Eu perdi alguns dentes.

– Estou vendo, e posso me identificar com isso. Sopa, imagino… – *Acho totalmente abominável.*

– Eu… mal consigo andar.

– Também posso me identificar com isso. Sua bengala vai ser sua melhor amiga. – *Assim como a minha vai ser logo, acho.*

– Sou um resto lamentável do que já fui.

– Sinto de fato sua dor. – *Verdade. Quase mais intensamente do que a minha.*

West balançou a cabeça branca.

– Como você aguenta isso?

– Um passo de cada vez, amigo. Fique longe de escadas quando possível. E dos espelhos, sempre.

– Sábio conselho.

West tossiu. Uma tosse ecoante, vinda do meio das costelas. Ele engoliu ruidosamente.

– Acho que meu tempo está se acabando.

– Certamente não!

A mão de Glokta se estendeu por um momento, como se fosse pousar no ombro encolhido de West, como se fosse oferecer conforto. Ele a puxou de volta, sem jeito. *Ela não é adequada à tarefa.*

West lambeu as gengivas vazias.

– É assim que a maioria de nós vai, não é? Não em um ataque final. Não em um momento de glória. Só… desmoronamos.

Glokta queria poder dizer algo otimista. *Mas esse lixo sai de outras bocas, não da minha. Bocas mais jovens, mais bonitas, com todos os dentes, talvez.*

– Os que morrem no campo de batalha são, de certa forma, os poucos sortudos. Jovens para sempre. Gloriosos para sempre.

West assentiu devagar.

– Aos poucos sortudos, então…

Seus olhos se reviraram para trás, ele oscilou e tombou de lado. Jalenhorm foi o primeiro a avançar, pegando-o antes que batesse no chão. West se afrouxou nos braços do sujeito enorme, com um fio longo e fino de vômito batendo no piso.

– De volta ao palácio! – ordenou Kroy. – Agora mesmo!

Brint correu na frente para abrir a porta enquanto Jalenhorm e Kroy carregavam West pendurado entre eles com os braços sobre seus ombros. Os sapatos raspavam o piso, a cabeça meio careca balançava. Glokta ficou parado e impotente, vendo-os ir, a boca banguela meio aberta, como se fosse falar. Como se quisesse desejar sorte ao amigo, ou saúde, ou uma tarde alegre. *Mas nada disso parece adequado nessas circunstâncias.*

A porta se fechou de forma ruidosa e Glokta permaneceu parado, olhando para ela. Suas pálpebras tremeram, ele sentiu a face molhada. *Não com lágrimas de compaixão, claro. Nem lágrimas de sofrimento. Não sinto nada, não temo nada, não me importo com nada. Nas prisões do imperador, cortaram as partes de mim que podiam chorar. Isso só pode ser água salgada, nada mais. Meramente um reflexo num rosto arruinado. Adeus, irmão. Adeus, meu único amigo. E adeus ao fantasma do lindo Sand dan Glokta, também. Nada dele permanece. E é melhor assim, claro. Um homem na minha posição não pode se dar ao luxo de ser indulgente.*

Respirou fundo e enxugou o rosto com as costas da mão. Foi mancando até a mesa, sentou-se, recompôs-se por um momento, ajudado por uma pontada súbita no pé sem dedos. Voltou a atenção para os documentos. *Papéis de confissão, tarefas importantes, todo o negócio tedioso do governo…*

Levantou os olhos. Uma figura havia se destacado das sombras junto a uma das estantes altas e agora andava pela sala, de braços cruzados. O homem de rosto queimado que viera com os oficiais. Parecia que ele ficara para trás, na agitação da saída.

– Sargento Pike, não é? – murmurou Glokta, franzindo a testa.

– É o nome que eu assumi.

– Assumiu?

O rosto coberto de cicatrizes se torceu numa farsa de sorriso. *Um sorriso ainda mais hediondo do que o meu, se é possível.*

– Não é surpreendente que o senhor não me reconheça. Na minha primeira semana, houve um acidente na forja. Acidentes acontecem frequentemente em Angland. – *Angland? Aquela voz… algo naquela voz…* – Nada, ainda? E se eu chegar um pouco mais perto?

Ele saltou pela sala, do nada. Glokta ainda lutava para se levantar e o homem já mergulhava por cima da mesa. Os dois caíram no chão juntos numa

nuvem de papéis voando, Glokta por baixo, a nuca batendo com força contra a pedra, todo o ar expelido num chiado longo, agonizante.

Glokta sentiu o roçar de aço contra o pescoço. O rosto de Pike estava a poucos centímetros do seu, a massa de queimaduras captada em detalhes particularmente repugnantes.

– E agora? – sibilou ele. – Alguma coisa parece familiar?

Glokta sentiu o olho esquerdo tremer à medida que era varrido por uma onda gelada de reconhecimento. *Diferente, claro. Completamente mudado. No entanto eu o conheço.*

– Rews – ofegou.

– Nenhum outro.

Rews soltou as palavras com satisfação sinistra.

– Você sobreviveu. – Glokta sussurrou as palavras, primeiro com espanto, depois com diversão crescente. – Você sobreviveu! Você é um homem muito mais durão do que eu acreditava! Muito, muito mais durão.

Começou a rir, as lágrimas escorrendo de novo pela face.

– Alguma coisa engraçada?

– Tudo! Você tem de apreciar a ironia. Eu suplantei tantos inimigos poderosos e é Salem Rews que está com a faca no meu pescoço! É sempre a lâmina que a gente não vê chegando que corta mais fundo, não é?

– Você não vai receber cortes mais fundos do que este.

– Então corte, homem, estou pronto – falou Glokta. Inclinando a cabeça para trás, esticou o pescoço, comprimindo-o contra o metal frio. – Estou pronto há muito tempo.

O punho de Rews ajeitou o cabo da faca. Seu rosto queimado tremeu, os olhos se estreitaram a ponto de virarem fendas brilhantes nas órbitas rosadas. *Agora.*

Seus lábios queimados deslizaram para longe dos dentes. Os tendões do pescoço se destacaram enquanto ele se preparava para usar a lâmina. *Faça.*

A respiração de Glokta entrava e saía sibilando, a garganta coçava de ansiedade. *Agora, enfim… agora…*

Mas Rews não se moveu.

– E no entanto você hesita – sussurrou Glokta por entre as gengivas vazias. – Não por misericórdia, claro, e não por fraqueza. Eles congelaram essa parte sua, hein? Em Angland. Você hesita porque percebe que, em todo aquele tempo que sonhou me matar, nunca pensou no que aconteceria em seguida. O que você terá ganhado de fato, depois de suportar tanta coisa? Com toda a sua inteligência e seus esforços? Vai ser caçado? Vai ser mandado de volta? Eu posso lhe oferecer muito mais.

A carranca derretida de Rews ficou mais severa ainda.

– O que você poderia me dar, depois disso?

– Ah, isso não é nada. Eu sofro o dobro da dor e uma humilhação dez vezes maior só de acordar de manhã. Um homem como você poderia ser muito útil para mim. Um homem… implacável como você provou ser. Um homem que perdeu tudo, inclusive os escrúpulos, toda a misericórdia, todo o medo. Nós dois perdemos tudo. Nós dois sobrevivemos. Eu entendo você, Rews, como ninguém mais pode entender.

– Agora meu nome é Pike.

– Claro que é. Deixe-me levantar, Pike.

Lentamente a faca se afastou do pescoço dele. O homem que havia sido Salem Rews se levantou de perto dele, franzindo a testa para baixo, olhando para o arquileitor. *Quem poderia prever as reviravoltas do destino?*

– De pé, então.

– É mais fácil falar do que fazer.

Glokta inspirou fundo algumas vezes, depois, rosnando com um esforço enorme e doloroso, rolou e ficou de quatro. *Um feito heroico, na verdade.* Testou lentamente os membros, encolhendo-se quando as juntas tortas estalaram. *Nada quebrado. Pelo menos não mais do que o normal*. Estendeu a mão e pegou com dois dedos o cabo da bengala caída, puxou-a através dos papéis espalhados. Sentiu a ponta da faca pressionando suas costas.

– Não pense que sou idiota, Glokta. Se tentar alguma coisa…

Glokta segurou a beira da mesa e se içou.

– Você vai cortar meu fígado e coisa e tal. Não se preocupe. Sou aleijado demais para tentar alguma coisa pior do que me cagar. Mas tenho uma coisa para mostrar a você. Uma coisa que tenho certeza que vai apreciar. Se eu estiver errado… bem, você pode cortar minha garganta mais tarde.

Glokta saiu mancando pela porta pesada de sua sala, com Pike perto de seu ombro como uma sombra, a faca mantida cuidadosamente fora de vista.

– Fiquem – disse rispidamente aos dois práticos na antessala.

Passou pelo secretário, que estreitou os olhos, sentado à mesa enorme. Saiu para o corredor largo que atravessava o coração da Casa das Perguntas e mancou mais depressa, a bengala estalando nos ladrilhos. Doía fazer isso, mas ele ergueu a cabeça e deixou nos lábios um esgar de frieza. Em sua visão periférica, notava os funcionários, os práticos e os inquisidores fazerem reverências e abrirem caminho. *Como eles me temem! Mais do que qualquer pessoa em Adua, e com bons motivos. Como as coisas mudaram! E, no entanto, como permaneceram iguais.* Sua perna, seu pescoço, suas gengivas. Essas coisas continuavam como sempre. *E sempre continuarão. A não ser que eu seja torturado de novo, claro.*

– Você parece bem – disse Glokta por cima do ombro. – Afora as terríveis queimaduras no rosto, claro. Perdeu peso.

– A fome causa isso.

– É mesmo, é mesmo. Eu perdi muito peso em Gurkhul. E não só por causa dos pedaços que cortaram de mim. Por aqui.

Atravessaram uma porta grossa flanqueada por dois práticos carrancudos, passaram por um portão de ferro aberto, entraram num corredor comprido e sem janelas que descia cada vez mais, iluminado por pouquíssimos lampiões e caiado de branco, ainda que não muito recentemente. Havia um ar deprimente no local, e um cheiro de umidade. *Como sempre.* Os estalos da bengala de Glokta, o som de sua respiração, o farfalhar do casaco branco, tudo parecia morto no ar gelado e úmido.

– Me matar vai lhe dar pouca satisfação, sabe?

– Veremos.

– Eu garanto. Não fui o responsável por sua pequena viagem ao Norte. Executei o serviço, talvez, mas outros deram as ordens.

– Eles não eram meus amigos.

Glokta bufou.

– Por favor. Os amigos são pessoas de quem a gente finge gostar para tornar a vida mais suportável. Homens como nós não precisam desse tipo de indulgência. Nós somos medidos por nossos inimigos. – *E aqui estão os meus.* Dezesseis degraus o confrontavam. *Essa escada antiga e familiar.* Cortados na pedra lisa, um pouco gastos no centro. – Degraus. Coisas desgraçadas. Se eu pudesse torturar um homem, sabe quem seria?

O rosto de Pike era uma única cicatriz inexpressiva.

– Bom, não importa.

Glokta desceu sem incidentes e mancou por mais alguns passos dolorosos, até uma porta de madeira grossa, reforçada com ferro.

– Chegamos.

Glokta tirou um molho de chaves do bolso do casaco branco, revirou-as até encontrar a certa, destrancou a porta e entrou.

O arquileitor Sult não era o mesmo homem de antes. *Mas, afinal de contas, nenhum de nós é.* Seus magníficos cabelos brancos estavam emplastrados no crânio magro, com sangue seco grudado numa massa marrom amarelada de um dos lados. Seus olhos azuis penetrantes haviam perdido o brilho autoritário, afundados nas órbitas e com as bordas de um rosa furioso. Suas roupas tinham sido tiradas e o corpo nodoso de velho, um tanto peludo em volta dos ombros, estava manchado com a sujeira das celas. Na verdade ele não parecia nada mais do que um mendigo idoso. *Será que esse aí pode ter sido mesmo um dos homens*

mais poderosos de todo o grande Círculo do Mundo? Não daria para adivinhar. É uma lição para todos nós. Quanto mais alto você sobe, maior é a queda.

– Glokta! – rosnou ele, sacudindo-se impotente, acorrentado à cadeira. – Seu infeliz traiçoeiro e deformado.

Glokta levantou a mão enluvada, com a pedra roxa do anel do cargo brilhando à luz lancinante.

– Acredito que *Eminência* é o tratamento certo.

– Você? – Sult gargalhou. – Arquileitor? Uma casca de homem murcha e lamentável? Você me enoja!

– Não me venha com isso – falou Glokta e sentou na outra cadeira, encolhendo-se de dor. – Nojo é para os inocentes.

Sult olhou para Pike, que permanecia ameaçadoramente de pé junto à mesa, com a sombra caindo sobre a caixa polida que continha os instrumentos de Glokta.

– O que é essa coisa aí?

– Um velho amigo nosso, mestre Sult, que voltou recentemente das guerras no Norte e busca novas oportunidades.

– Parabéns! Nunca acreditei que pudesse encontrar um assistente ainda mais hediondo do que você mesmo!

– Você não é gentil, mas felizmente não nos ofendemos com facilidade. Digamos que ele é tão hediondo quanto eu. – *E igualmente implacável, espero.*

– Quando será meu julgamento?

– Julgamento? Por que eu quereria isso? Você foi dado como morto e eu não fiz nenhum esforço para negar.

– Exijo o direito de me dirigir ao Conselho Aberto! – berrou Sult, lutando inutilmente com suas correntes. – Exijo… seu maldito! Exijo uma audiência!

Glokta bufou.

– Pode exigir, mas olhe em volta. Ninguém está interessado em ouvir, nem eu. Todos estamos ocupados demais. O Conselho Aberto está em recesso por tempo indefinido. O Conselho Fechado mudou totalmente e ninguém se lembra de você. Agora eu comando as coisas. Mais do que você sonharia.

– Com aquele demônio do Bayaz segurando a coleira!

– Correto. Talvez com o tempo eu consiga afrouxar um pouco o aperto, como fiz com você. O bastante para fazer as coisas do meu modo, quem sabe?

– Nunca! Você nunca vai se livrar dele!

– Veremos. – Glokta deu de ombros. – Mas existem destinos piores do que ser o primeiro dos escravos. Muito piores. Eu os vi. – *Eu os vivi.*

– Seu idiota! Nós poderíamos ser livres!

– Não. Não poderíamos. E a liberdade é superestimada, de qualquer modo.

Todos temos nossas responsabilidades. Todos devemos alguma coisa a alguém. Só quem não tem valor é inteiramente livre. Quem não tem valor e quem já morreu.

– O que isso importa, agora? – falou Sult e encarou a mesa. – O que importa? Faça suas perguntas.

– Ah, não estamos aqui para isso. Desta vez, não. Não viemos atrás de perguntas, nem de verdade, nem de confissões. Eu já tenho minhas respostas. – *Então por que eu faço isso?*

Glokta se inclinou devagar por cima da mesa.

– Estamos aqui para nos divertir.

Sult o encarou por um momento, depois soltou uma gargalhada louca.

– Divertir? Você nunca terá seus dentes de volta! Nunca terá sua perna de volta! Nunca terá sua vida de volta!

– Claro que não, mas posso tomar a sua.

O superior se virou rígida, lenta e dolorosamente e deu um sorriso banguela.

– Prático Pike, poderia fazer o favor de mostrar os instrumentos ao nosso prisioneiro?

Pike franziu a testa para Glokta. Franziu a testa para Sult. Ficou parado por longo tempo, imóvel.

Então ergueu a tampa da caixa.

“O demônio sabe que é um demônio?”

ELIZABETH MADOX ROBERTS

Começo

AS LATERAIS DO vale estavam cobertas de neve branca. A estrada escura passava por ele como uma cicatriz antiga, descia até a ponte, corria por cima do rio e subia até as portas de Carleon. Arbustos pretos de caniço, tufos de capim preto, pedras negras se projetavam pelo cobertor branco e limpo. Os galhos enegrecidos das árvores se destacavam com sua própria linha de branco. A cidade era um amontoado de telhados brancos e paredes pretas, apinhados em volta do morro, comprimidos na forquilha do rio escuro sob um céu cinza e pétreo.

Logen se perguntou se era assim que Ferro Maljinn via o mundo. Preto e branco, e nada mais. Sem cores. Imaginou onde ela estaria agora, o que estaria fazendo. Se pensava nele.

Provavelmente não.

– De volta, outra vez.

– É – disse Tremedeira. – De volta.

Ele não tivera muita coisa a dizer durante toda a longa cavalgada desde Uffrith. Cada um podia ter salvado a vida do outro, mas conversar era outra coisa. Logen admitia que ainda não era o homem preferido de Tremedeira. Duvidava que algum dia pudesse ser.

Cavalgaram em silêncio, uma longa fila de homens endurecidos ao lado do riacho preto, que não passava de um fio d'água gelado. Cavalos e homens bufavam fumaça, os arreios tilintavam no ar frio. Passaram sobre a ponte, os cascos batendo na madeira com um som oco, até o portão onde Logen havia falado com Bethod. O portão de onde ele o havia atirado. O capim tinha crescido de volta, sem dúvida, no círculo onde ele matara o Temível, depois a neve cobrira tudo. Era assim com todos os atos dos homens, no final. Eram cobertos e esquecidos.

Não havia ninguém para comemorar sua chegada, mas isso não era surpresa. A chegada do Nove Sangrento nunca fora motivo para comemoração, ainda mais em Carleon. A coisa não havia sido muito boa para ninguém na primeira vez que ele chegara. Nem nas vezes posteriores. As pessoas sem dúvida estavam trancadas em casa, com medo de serem as primeiras queimadas vivas.

Ele desceu do cavalo e deixou Gorro Vermelho e os outros rapazes cuidando de si mesmos. Subiu pela rua calçada de pedras, pela encosta íngreme em direção ao portão da muralha interna, com Tremedeira ao lado. Dois Carls o

observavam. Um deles deu um sorriso com metade dos dentes faltando.

– O rei! – gritou, brandindo a espada no ar.

– O Nove Sangrento! – gritou o outro, batendo no escudo. – Rei dos nórdicos!

Logen passou pelo pátio silencioso com neve amontoada nos cantos, seguindo até a alta porta dupla do grande salão de Bethod. Empurrou-a, fazendo as dobradiças rangerem. Ali dentro não estava muito mais quente do que na neve. As altas janelas estavam abertas na outra extremidade, com o ruído do rio frio, muito frio, rugindo lá embaixo. A cadeira de Skarling estava em sua plataforma elevada, no topo dos degraus, lançando uma sombra comprida nas tábuas ásperas do piso, na direção dele.

Alguém se sentava nela, percebeu Logen quando seus olhos se acostumaram com a escuridão. Barca Negra. Com o machado e a espada encostados na lateral da cadeira, o brilho do metal afiado no escuro. Era bem do feitio dele. Sempre mantinha as armas à mão.

Logen riu.

– Está confortável, Barca Negra?

– É meio duro na bunda, para ser honesto, mas é melhor do que o chão para sentar.

– Encontrou Calder e Scale?

– É. Encontrei.

– Então estão mortos?

– Ainda não. Pensei em tentar uma coisa diferente. Nós andamos conversando.

– Conversando, é? Com aqueles dois desgraçados?

– Posso pensar em coisas piores. Cadê Cachorrão?

– Ainda está lá, trocando palavras com a União, arranjando um tratado.

– E o Sinistro?

Logen balançou a cabeça.

– De volta à lama.

– Hã. Bem, aí está. Assim fica mais fácil, pelo menos.

O olhar de Barca Negra voltou-se para um canto.

– O que fica mais fácil?

Logen olhou ao redor. Tremedeira estava parado junto dele e tinha no rosto a expressão de quem pensava em assassinato. Não era preciso perguntar quem seria a vítima. Aço brilhava ao lado dele nas sombras. Uma lâmina, à mostra e pronta. Ele tivera tempo de sobra para esfaquear Logen pelas costas. Mas não fizera isso. E continuou não fazendo. Pareceu que todos ficaram imóveis por um bom tempo, congelados como o vale frio do lado de fora das janelas.

– À merda, isso – falou Tremedeira, jogando a faca longe. – Sou melhor do que você, Nove Sangrento. Sou melhor do que vocês dois. Pode fazer seu serviço, Barca Negra. Para mim, chega.

Ele se virou e saiu, passando pelos dois Carls do portão, que agora vinham na direção oposta. Um deles sopesou o escudo enquanto franzia a testa para Logen. O outro fechou a porta dupla e baixou a trave com um estalo final.

Logen deslizou a espada do Artífice de dentro da bainha, virou a cabeça e cuspiu nas tábuas.

– É assim, é?

– Claro que é – disse Barca Negra, ainda sentado na cadeira de Skarling. – Se você tivesse olhado um passo além da ponta do nariz, saberia.

– E quanto aos costumes antigos? E a sua palavra?

– Os costumes antigos se foram. Você matou todos. Você e Bethod. Hoje em dia a palavra de um homem não vale grande coisa. E então? – gritou Barca Negra por cima do ombro. – Agora é a sua chance, não é?

Logen percebeu o momento. Era uma escolha de sorte, talvez, mas ele sempre tivera muita sorte, tanto boa quanto má. Mergulhou para o lado e ouviu o estalo da besta no mesmo instante. Rolou pelo chão e se agachou no momento em que a seta bateu na parede atrás dele. Então viu uma figura no escuro, ajoelhada na outra ponta do salão. Calder. Logen o ouviu soltar um palavrão enquanto procurava outra seta.

– Nove Sangrento, seu cão desgraçado! – berrou Scale, que saiu golpeando das sombras, as botas batendo nas tábuas do piso, um machado nas mãos enormes, com uma lâmina do tamanho de uma roda de carroça. – Aqui vai a sua morte!

Logen ficou onde estava, agachado e pronto, e sentiu-se sorrir. As probabilidades estavam contra ele, talvez, mas isso não era novidade. Era quase um alívio não ter de pensar. Palavras bonitas e política, nada disso tinha significado para ele. Mas isto? Isto ele entendia.

A lâmina se chocou contra as tábuas, fez lascas voarem. Logen já havia rolado e saído de seu caminho. Recuou, olhando, movendo-se, deixando Scale cortar o ar em volta. O ar se curava depressa, afinal de contas. O próximo golpe relampejou ao lado de Logen e ele se desviou para trás, deixando o machado arrancar um grande naco de reboco da parede. Chegou mais perto enquanto Scale rosnava de novo, com os olhinhos furiosos arregalados, pronto para girar o machado num golpe capaz de rachar o mundo.

O punho da espada do Artífice acertou sua boca primeiro, jogou sua cabeça bruscamente para cima, com pingos de sangue escuro e um pedaço de dente claro voando. Ele cambaleou para trás e Logen foi junto. Os olhos de Scale se

viraram para baixo, o machado subindo. Ele abriu a boca ensanguentada para dar outro berro. A bota de Logen acertou sua perna com força. Seu joelho se dobrou para trás, na direção errada, com um estalo agudo, e ele caiu, o machado voando das mãos, seu rugido se transformando num grito de dor.

– Meu joelho! Ah! Porra! Meu joelho!

Ele se sacudia no chão, o sangue escorrendo pelo queixo, e tentava se afastar usando a perna boa.

Logen riu dele.

– Seu porco inchado. Eu avisei, não avisei?

– Pela porra dos *mortos*! – rosnou Barca Negra, então saltou da cadeira de Skarling com o machado e a espada nas mãos. – Se você quer que uma coisa seja bem-feita, é melhor pôr as mãos na massa e fazer!

Logen queria atravessar a cabeça gorda de Scale com a espada, mas havia muitos outros homens que precisavam ser vigiados. Os dois Carls continuavam parados junto à porta. Calder estava carregando a próxima seta na arma. Logen saltou para o lado, tentando ficar de olho em todos eles ao mesmo tempo, principalmente em Barca Negra.

– É, seu desgraçado traidor! – gritou Logen. – É a sua vez!

– Traidor, eu? – falou Barca Negra, bufando enquanto descia lentamente os degraus, um de cada vez. – Sou um desgraçado, sim, sei o que sou. Mas não sou nada perto de você. Sei distinguir os amigos dos inimigos. Nunca matei gente minha. Bethod estava certo com relação a uma coisa, Nove Sangrento. Você é feito de morte. Se eu puder lhe dar um fim, sabe de uma coisa? Vai ser a melhor ação da minha vida.

– É esse o motivo?

Barca Negra mostrou os dentes.

– É esse, e também estou cansado de fazer o que você manda.

Ele veio rápido feito uma cobra, o machado girando no alto, a espada relampejando diante da cintura. Logen se desviou do machado, aparou a espada com a dele, metal ressoando contra metal. Barca Negra acertou suas costelas doloridas com o joelho e o mandou ofegando contra a parede, depois foi para cima de novo, as lâminas deixando traços brilhantes no escuro. Logen saltou e saiu de seu caminho, rolou e se levantou, andando no meio do salão de novo, a espada frouxa na mão.

– É só isso? – perguntou, sorrindo mas com dor nas costelas.

– Só estou fazendo o sangue correr nas veias.

Barca Negra deu um salto para a frente, fez que ia para a direita e foi para a esquerda, a espada e o machado descendo juntos. Logen os viu chegando, desviou-se do machado, empurrou a espada com a sua e entrou, rosnando. Barca

Negra saltou para trás quando a espada do Artífice sibilou no ar diante de seu rosto, e se desequilibrou por um ou dois passos. Seu olho estremeceu, um pouco de sangue escorreu pela bochecha, de um corte logo embaixo dele. Logen riu, girou o cabo da espada na mão.

– O sangue está correndo agora, está?

– Está. – Barca Negra também riu. – Como nos velhos tempos.

– Eu deveria ter matado você antes.

– Deveria mesmo – rebateu Barca Negra e moveu-se em volta dele, sempre atento, as armas brilhando à luz fria das janelas altas. – Mas você adora bancar o homem bom, não é? Sabe o que é pior do que um vilão? Um vilão que acha que é herói. Não há nada que um homem assim não faça, e sempre arranja uma desculpa. Nós tivemos um desgraçado implacável que se declarou rei do Norte, e que eu me dane antes de ver um pior ainda.

Ele fintou para a frente e Logen saltou para trás.

Ouviu o estalo da besta de Calder de novo e viu a seta relampejar entre os dois. Barca Negra fez uma carranca para Calder.

– Está tentando me matar? Se disparar outra seta, você está acabado, ouviu?

– Então pare de besteira e mate o desgraçado! – disse Calder rispidamente, girando a manivela de sua besta.

– Mate! – berrou Scale, de algum lugar nas sombras.

– É o que vou fazer, seu porco – rugiu Barca Negra, então virou a cabeça bruscamente para os dois Carls junto à porta. – Vocês dois vão participar ou não?

Eles se entreolharam, nenhum dos dois muito disposto. Depois avançaram pelo salão, os escudos redondos levantados, os olhos fixos em Logen, encurralando-o num canto.

Logen mostrou os dentes enquanto recuava.

– É assim que vocês vão fazer, é?

– Eu preferiria matar você numa luta justa. Mas matar você numa luta suja é igualmente bom. Não sou de dar chances. Vão logo! Avancem!

Os dois se aproximaram, cautelosos, com Barca Negra movendo-se para o lado. Logen foi chegando para trás, tentando parecer amedrontado e esperando alguma chance. Ela não demorou muito a surgir. Um dos Carls ficou um pouco perto demais e com o escudo baixo. Escolheu um momento ruim para levantar o machado e um modo ruim de usá-lo. Houve um estalo quando a espada do Artífice decepou seu antebraço e deixou-o pendendo do cotovelo por um pedaço da cota de malha. O sujeito cambaleou para a frente, sugando uma grande quantidade de ar, trêmulo, preparando-se para gritar, com sangue jorrando do cotoco e caindo nas tábuas. Logen abriu um enorme talho em seu elmo e ele tombou de joelhos.

– Guaargh… – murmurou, com sangue escorrendo pelo lado do rosto.

Seus olhos se reviraram para o teto e ele despencou. O outro Carl pulou por cima do seu corpo, rugindo a plenos pulmões. Logen aparou sua espada, as lâminas raspando, depois trombou no escudo do sujeito com o ombro e o derrubou de bunda. O homem caiu de pernas esticadas e soltou um gemido. Logen girou a espada do Artífice para baixo e partiu seu pé ao meio, até o tornozelo.

Passos rápidos soaram sob o berro do Carl. Logen girou, viu Barca Negra atacando-o, o rosto contraído num riso assassino.

– Morra! – sibilou ele.

Logen saltou e a lâmina o errou por pouco de um lado, o machado do outro. Tentou girar a espada do Artífice, mas Barca Negra foi rápido e esperto demais; empurrou Logen para trás com a bota e o fez cambalear.

– Morra, Nove Sangrento!

Logen se desviou, aparou o golpe, tropeçou enquanto Barca Negra atacava sem pausa nem misericórdia. Aço brilhou no escuro, lâminas voando; golpes mortais, todos.

– Morra, seu escroto maligno!

A espada de Barca Negra desceu e Logen apenas girou a sua a tempo de bloqueá-la. O machado veio de lugar nenhum, de baixo para cima, bateu na cruzeta e arrancou a espada de Logen de sua mão entorpecida. Ele cambaleou dois passos e se levantou, arfante, com suor escorrendo pelo pescoço.

Estava numa grande enrascada. Estivera em algumas muito feias e sobrevivera para cantar as canções, mas era difícil ver como esta poderia piorar. Apontou na direção da espada do Artífice, caída nas tábuas ao lado da bota de Barca Negra.

– Não imagino que você pense em dar uma chance justa a um homem e me deixar pegar a espada, hein?

Barca Negra deu um sorriso mais largo do que nunca.

– Qual é o meu nome? Barca Branca?

Logen tinha uma faca à mão, claro. Sempre tinha, e mais de uma. Seu olhar saltou entre a lâmina cheia de mossas da espada de Barca Negra e o gume brilhante de seu machado. Nenhuma quantidade de facas seria páreo para aquilo, não nas mãos de Barca Negra. E havia a besta de Calder ainda chacoalhando enquanto ele tentava recarregar aquela porcaria. Ele não erraria para sempre. O Carl com o pé cortado se arrastava, choroso, para a porta, prestes a deixar que mais alguns homens entrassem para terminar o serviço. Se Logen ficasse e lutasse, seria um homem morto, com ou sem o Nove Sangrento. Assim, a coisa se tornou uma escolha entre morrer e uma chance de viver, e isso não é escolha.

Assim que você sabe o que precisa ser feito, é melhor fazer do que viver com medo disso. Era o que o pai de Logen teria dito. Por isso ele se virou para as janelas altas. As janelas altas e abertas por onde entravam a luz do sol, branca e clara, e o vento frio. Correu para elas.

Ouviu homens gritando atrás, mas não prestou atenção. Continuou correndo, a respiração sibilando, longas tiras de luz ficando mais próximas. Subiu os degraus em dois pulos, passou feito um raio pela cadeira de Skarling, mais e mais rápido. O pé direito bateu com força nas tábuas. O esquerdo pisou no peitoril de pedra. Saltou no espaço vazio com toda a força que lhe restava, e por um momento foi livre.

Então começou a cair. Depressa. As paredes ásperas e depois a face íngreme do penhasco passavam feito um relâmpago – rocha cinza, musgo verde, retalhos de neve branca, tudo girando ao redor.

Foi girando lentamente no ar, os membros se sacudindo, apavorado demais para gritar. O vento chicoteava seus olhos, puxava suas roupas, arrancava o fôlego pela boca. Ele havia escolhido isso? Não parecia uma escolha tão inteligente enquanto ele despencava em direção ao rio. Mas, afinal de contas, se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que…

A água veio ao seu encontro. Acertou a lateral de seu corpo como um touro numa corrida, arrancou o ar de seus pulmões, tirou-lhe os sentidos, sugou-o para dentro, para baixo, para o frio e a escuridão…

Agradecimentos

Quatro pessoas sem as quais…

Bren Abercrombie, cujos olhos estão doloridos de tanto ler isto
Nick Abercrombie, cujos ouvidos estão doloridos de tanto ouvir sobre isto
Rob Abercrombie, cujos dedos estão doloridos de tanto virar páginas
Lou Abercrombie, cujos braços estão doloridos de tanto me segurar

E, na Casa das Perguntas,
todos os que ajudaram neste interrogatório difícil,
mas especialmente:

O superior Spanton, o prático Weir
e, claro, o inquisidor Redfearn.

Podem guardar os instrumentos.

Eu confesso…

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

As mentiras de Locke Lamora
Série Nobres Vigaristas – livro 1
Scott Lynch

> “Uma história original, vigorosa e arrebatadora de uma nova e brilhante voz da ficção fantástica.”
>
> – George R. R. Martin

> “Eu fiquei totalmente atordoado pela qualidade da obra: a linguagem e a construção de mundo e da trama, a perspicácia e a destreza de Scott Lynch. Provavelmente é um dos cinco melhores livros que li na vida.”
>
> – Patrick Rothfuss

O ESPINHO É uma figura lendária: um espadachim imbatível, um especialista em roubos vultosos, um fantasma que atravessa paredes. Metade da excêntrica cidade de Camorr acredita que ele seja um defensor dos pobres, enquanto o restante o considera apenas uma invencionice ridícula.

Franzino, azarado no amor e sem nenhuma habilidade com a espada, Locke Lamora é o homem por trás do fabuloso Espinho, cujas façanhas alcançaram uma fama indesejada. Ele de fato rouba dos ricos (de quem mais valeria a pena roubar?), mas os pobres não veem nem a cor do dinheiro conquistado com os golpes, que vai todo para os bolsos de Locke e de seus comparsas: os Nobres Vigaristas.

O único lar do astuto grupo é o submundo da antiquíssima Camorr, que começa a ser assolado por um misterioso assassino com poder de superar até mesmo o Espinho. Matando líderes de gangues, ele instaura uma guerra clandestina e ameaça mergulhar a cidade em um banho de sangue. Preso em uma armadilha sinistra, Locke e seus amigos terão sua lealdade e inteligência testadas ao máximo e precisarão lutar para sobreviver.

Mares de sangue
Série Nobres Vigaristas – livro 2
Scott Lynch

> “Lynch está na vanguarda dos escritores de fantasia que combinam detalhes minuciosos e grandiosidade épica com astúcia, imprevisibilidade e moral ambígua. Ele tem uma destreza para diálogos e uma escrita exuberante.”
>
> – Joe Abercrombie

APÓS UMA BATALHA brutal no submundo do crime, o golpista Locke Lamora e seu fiel companheiro, Jean Tannen, fogem de sua cidade natal e desembarcam na exótica Tal Verrar para se recuperar das perdas e feridas. Porém, mesmo no extremo ocidental da civilização, não conseguem descansar por muito tempo e logo estão de volta ao que fazem de melhor: roubar dos ricos e embolsar o dinheiro.

Desta vez, eles têm como alvo o maior dos prêmios, a Agulha do Pecado, a mais exclusiva casa de jogos do mundo, onde a regra de ouro é punir com a morte qualquer um que tente trapacear. É o tipo de desafio a que Locke não consegue resistir… Só que o crime perfeito terá que esperar.

Antigos rivais dos Nobres Vigaristas revelam o plano a Stragos, o ambicioso líder militar verrari, que resolve manipulá-los em benefício próprio. Em pouco tempo, a dupla se vê envolvida com o mundo da pirataria, um trabalho inusitado para ladrões que mal sabem diferenciar a proa da popa de um navio.

Em *Mares de sangue*, Locke e Jean terão que se mostrar malabaristas de mentiras, enganando todos ao seu redor sem a mínima falha, para que consigam sair vivos. Mas até mesmo isso pode não ser o bastante…

O nome do vento
A Crônica do Matador do Rei: Primeiro Dia
Patrick Rothfuss

> “Este é o típico primeiro romance que muitos autores sonham em escrever. O mundo da fantasia ganhou uma nova estrela.”
>
> *– Publishers Weekly*

NINGUÉM SABE AO certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nessa provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.

O temor do sábio
A Crônica do Matador do Rei: Segundo Dia
Patrick Rothfuss

> “Lembre-se de que há três coisas que todo sábio teme: o mar na tormenta, uma noite sem luar e a ira de um homem gentil.”

O TEMOR DO SÁBIO dá continuidade à impressionante história de Kvothe, o Arcano, o Sem-Sangue, o Matador do Rei.

Aconselhado a abandonar seus estudos na Universidade por um período por causa de sua rivalidade com um membro da nobreza local, Kvothe se vê obrigado a tentar a vida em outras paragens.

Em busca de um patrocinador para sua música, viaja mais de mil quilômetros até Vintas. Lá, é rapidamente envolvido na política da corte. Enquanto tenta cair nas graças de um nobre poderoso, Kvothe usa sua habilidade de arcanista para impedir que ele seja envenenado e lidera um grupo de mercenários pela floresta, a fim de combater um bando de ladrões perigosos.

Ao longo do caminho, tem um encontro fantástico com Feluriana, uma criatura encantada à qual nenhum homem jamais pôde resistir ou sobreviver – até agora. Kvothe também conhece um guerreiro ademriano que o leva a sua terra, um lugar de costumes muito diferentes, onde vai aprender a lutar como poucos.

Enquanto persiste em sua busca de respostas sobre o Chandriano, o grupo de criaturas demoníacas responsável pela morte de seus pais, Kvothe percebe como a vida pode ser difícil quando um homem se torna uma lenda de seu próprio tempo.

A música do silêncio
Patrick Rothfuss

> “Talvez você não queira comprar esse livro. Eu sei, não se espera que um autor diga esse tipo de coisa. Mas prefiro ser honesto com você logo de saída. Acho justo avisar que essa é uma história um pouquinho estranha. Não gosto muito de dar *spoilers*, mas basta dizer que esta aqui é… diferente. Não tem um monte de coisas que se espera de uma história clássica.
> Por outro lado, se você gosta de palavras e mistérios e segredos, esse livro tem muito a lhe oferecer. Se sente curiosidade sobre os Subterrâneos e a alquimia. Se deseja conhecer melhor os meandros ocultos do meu mundo… Bem, nesse caso, talvez esse livro seja para você.”
>
> – Patrick Rothfuss

DEBAIXO DA UNIVERSIDADE, bem lá no fundo, há um lugar escuro. Poucas pessoas sabem de sua existência, uma rede descontínua de antigas passagens e cômodos abandonados. Ali, bem no meio desse local esquecido, situado no coração dos Subterrâneos, vive uma jovem.

Seu nome é Auri, e ela é cheia de mistérios.

A música do silêncio é um recorte breve e agridoce de sua vida, uma pequena aventura só dela. Ao mesmo tempo alegre e inquietante, essa história nos oferece a oportunidade de enxergar o mundo pelos olhos de Auri. E nos dá a chance de conhecer algumas coisas que só ela sabe…

Nesse livro, Patrick Rothfuss nos leva ao mundo de uma das personagens mais enigmáticas da série *A Crônica do Matador do Rei*. Repleto de segredos e mistérios, *A música do silêncio* é uma narrativa sobre uma jovem ferida em um mundo devastado.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

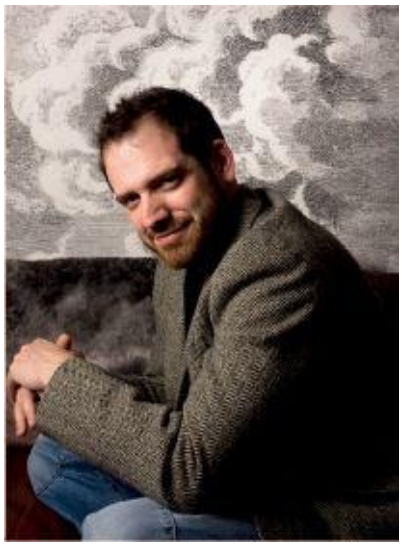
O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*, *Praticamente inofensiva* e *O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack



© Lou Abercrombie

JOE ABERCROMBIE nasceu em Lancaster, na Inglaterra, no último dia de 1974, e atualmente mora em Bath com a esposa e os filhos Teddy, Grace e Eve. Ainda edita alguns shows e festivais de música para a tevê, mas se dedica principalmente a seus livros.

A trilogia *A Primeira Lei* se tornou sucesso entre os leitores de George R. R. Martin. *O poder da espada*, primeiro romance de Abercrombie, teve os direitos vendidos para 24 países. *Antes da forca* foi eleito livro favorito de 2007 pelo site Science Fiction and Fantasy World e o melhor entre os leitores do SF Site. Em 2008, Joe foi finalista do prêmio John W. Campbell na categoria Autor Revelação.

WWW.JOEABERCROMBIE.COM

Sumário

Créditos

PRIMEIRA PARTE

O comércio de veneno

Ser chefe

Este negócio nobre

O novo homem

Hora da ração

Muita coisa em comum

Honestidade

Fantasmas

Dívidas impagáveis

Uma turba maltrapilha

Amado pela Lua

Flores e aplausos

Facas demais

O melhor inimigo

Acasos felizes da guerra

O fazedor de reis

A armadilha

Velhos horríveis

Preparado para o pior

O hábito do comando

O primeiro dia

Uma tristeza tão doce

Peguei uma sombra

Perguntas

O quarto dia

O casal perfeito

O sétimo dia

Tantos senhores

Doce vitória

Despertar violento

SEGUNDA PARTE

O número de mortos

Folhas na água

Autoridade

O círculo

Por um bem maior

A cadeira de Skarling

Liderança

Entre a cruz e a espada

Caridade

Melhor que fique enterrada

O herói de amanhã

Anoitecer

Perguntas

O dia do juízo

Sacrifícios

Abra a caixa

Caminhos sombrios

Ajustes de contas

Depois das chuvas

Respostas

Os feridos

Deveres patrióticos

A primeira lei

Chá e ameaças

Atrás do trono

Homens bons, homens ruins

Não é o que você queria

Pontas soltas

Começo

Agradecimentos

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

SOBRE O AUTOR